

2015

REFLEXÕES

Livro XII

Introdução

Mais um trabalho terminado. Neste, procurei dar destaque a duas personagens, se é que podemos chamá-las assim: Mario Vargas Llosa e à revista **The Economist**.

Vargas Llosa é um velho conhecido desta coleção, já que dediquei um livro integralmente a ele. A **The Economist** tem me proporcionado artigos, sob os mais diversos temas, que fogem do lugar-comum. No mais, segui a mesma toada de todos os trabalhos anteriores.



Luiz Alberto Banci

luiz.banci@hotmail.com.br

Dezembro de 2015

Índice alfabético

- A conta do pacto- 212
- A era da frustração- 154
- A finalidade de uma empresa- 397
- A fraqueza do Estado Islâmico- 141
- A leveza do ser- 387
- A nova era das armas nucleares- 323
- A propriedade intelectual é a chave do sucesso- 289
- A república como déficit- 235
- A sociedade está caminhando para o individualismo, e isso pode ser bom- 118
- Ajudar, ajuda?- 254
- Al borde del abismo- 522
- Aprendizado da porta para dentro- 283
- As cruzes do gabarito- 79
- Califado on-line- 133
- Coisas fiscais- 243
- Complacência e calamidade- 196
- Conectividade, a próxima revolução industrial- 313
- Crianças em penitenciárias para gente grande- 402
- Cuba y los espejismos de la libertad- 177
- Cusco en el tiempo- 498
- Da incoerência de nossas ações- 6
- El haraquiri- 510
- El hombre-florero- 533
- El Living Theatre, el art de la osadía- 551

REFLEXÕES XII

- El poder de la blasfemia- 539
- El regreso de las ideas- 504
- Era uma vez o Brasil- 248
- Excelência versus equidade- 269
- Fazendo pouco das normas- 435
- Fé na verdade- 47
- Férias flexíveis para empregados são boas só na teoria- 260
- Filósofo do amor- 112
- Genealogia do fanatismo- 83
- Holocausto esquecido pela história- 162
- Hora da partida- 305
- Índice autores- 560
- Índice sequencial- 556
- Introdução- 1
- La era de los impostores- 492
- La felicidad, ja, ja- 516
- La piedad de los murciélagos- 527
- Liberalismo e democracia: as bases filosóficas da democracia- 94
- Mão de Deus- 108
- Meninos são superados por meninas na escola, aponta OCDE- 335
- Minha política é a música- 455
- Não adianta partir para a guerra- 440
- Necropolítica da droga- 217

REFLEXÕES XII

- **Nem Leste nem Oeste- 200**
- **Nostalgia de Paris- 481**
- **O alvorecer da inteligência artificial- 318**
- **O apagão do planeta-187**
- **O continente pioneiro- 425**
- **O crepúsculo dos gurus- 420**
- **O dinheiro pode comprar a felicidade? Só até certo ponto- 88**
- **O garimpeiro das quadras- 467**
- **O jardim de lá- 126**
- **O negro gato do Estácio- 444**
- **O ódio nosso de cada dia-**
- **O papel limitado da tecnologia contra o Ebola- 379**
- **O processo de invenção, ontem e hoje- 431**
- **O resgate pela democracia- 355**
- **O trabalhador monitorado- 264**
- **Os hispânicos dos Estados Unidos- 344**
- **País imprevisível- 545**
- **Paradoxo do solo- 407**
- **Pequenas e invencíveis- 295**
- **Poderoso dólar- 373**
- **Sobre a brevidade da vida- 15**
- **Tecnologia vestível: como e por que usar- 365**
- **Todo mundo vai para a universidade- 278**
- **Ucrania: la pasión europea- 486**
- **Um filósofo do presente- 73**

REFLEXÕES XII

- **Um longo jogo em Havana- 183**
- **Um lugar no céu- 169**
- **Visionário incansável- 225**

Da incoerência de nossas ações

Michel de Montaigne

Os que se dedicam à crítica das ações humanas jamais se sentem tão embaraçados como quando procuram agrupar e harmonizar sob uma mesma luz todos os atos dos homens, pois estes se contradizem comumente e a tal ponto que não parecem provir de um mesmo indivíduo. Mário, o Jovem, ora parece filho de Marte ora filho de Vênus. Dizem que o papa Bonifácio VII assumiu o papado como uma raposa, conduziu-se como um leão e morreu como um cão. E quem diria que Nero, essa verdadeira imagem da crueldade, como lhe apresentassem para ser assinada, de acordo com a lei, a sentença contra um criminoso, observou: — Prouvera a Deus que eu não soubesse escrever! — tanto lhe apertava o coração condenar um homem à morte. Há tantos exemplos semelhantes, e tão facilmente os encontrará sozinho quem quiser, que estranho ver por vezes gente de bom senso procurando juntar tais contradições, mesmo porque a irresolução me parece ser o vício mais comum e evidente de nossa natureza, como o atesta este verso de Públio, o satírico: “Má opinião, a de que não se pode mais mudar”.

É aparentemente possível julgar um homem pelos fatos mais comuns de sua vida; mas, dada a instabilidade natural de nossos costumes e opiniões, pareceu-me muitas vezes que os melhores autores erravam em se obstinar a dar de alguém uma ideia bem assentada e lógica. Adotam um princípio geral e de acordo com este ordenam e interpretam as ações, tomando o partido de dissimulá-las quando não as deformam para que entrem no molde preconcebido. O imperador Augusto escapou-lhes; deparamos nesse homem com tal

REFLEXÕES XII

flagrante diversidade de ações, tão inesperada e contínua no decurso de sua existência, que os mais ousados juízes, renunciando a julgá-lo em seu conjunto, tiveram de deixá-lo assim indefinido. Acredito que a constância seja a qualidade mais difícil de se encontrar no homem, e a mais fácil a inconstância. Quem os julgasse pormenorizadamente de acordo com seus atos, um por um, estaria mais apto a dizer a verdade a seu respeito.

Fora difícil encontrar em toda a Antiguidade uma dúzia de homens que tenham orientado sua vida em obediência a determinado princípio, o que é o fim principal da sabedoria — a qual, segundo um autor antigo [Sêneca], se resume em uma frase que enfeixa, em uma só, todas as regras da vida: “Querer e não querer são sempre a mesma e a única coisa”. E poderia acrescentar: à condição de que o que queremos ou não queremos seja justo, pois, se não o é, impossível se faz que permaneça constantemente a mesma coisa. Efetivamente, sei de há muito que o vício nada mais é senão desregramento e falta de medida; e, por conseguinte, não o podemos imaginar constante. Atribui-se a Demóstenes a seguinte máxima: a virtude, qualquer que seja, consiste de início em recolhimento e deliberação; a constância, a seguir, comprova-lhe a perfeição. Em refletindo seguimos sempre o melhor caminho, mas ninguém pensa antes de agir. “Desdenha o que pediu, volta ao que largou e, sempre hesitante, contradiz-se sem cessar” (Horácio).

Nossa maneira habitual de fazer está em seguir os nossos impulsos instintivos para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, segundo as circunstâncias. Só pensamos no que queremos no próprio instante em que o queremos, e

REFLEXÕES XII

mudamos de vontade como muda de cor o camaleão. O que nos propomos em dado momento, mudamos em seguida e voltamos atrás, e tudo não passa de oscilação e inconstância. “Somos conduzidos como títeres que o fio manobra” (Horácio).

Não vamos, somos levados como objetos que flutuam, ora devagar, ora com violência, segundo o vento: “Acaso não vemos todo mundo indeciso; uns procurando sem descontinuar, outros mudando de lugar, como para largar uma carga pesada demais?” (Lucrecio). Cada dia nova fantasia, e movem-se as nossas paixões de acordo com o tempo: “O pensamento dos homens assemelha-se na terra aos cambiantes raios de luz com que Júpiter a fecunda” (Cícero).

Hesitamos em tomar partido; nada decidimos livremente, de maneira absoluta, coerente. Se alguém traçasse e estabelecesse determinadas leis de conduta e regime político de vida, veríamos brilhar em seus atos e atitudes uma harmonia cabal e em seus costumes uma ordem e uma correlação evidentes. Empédocles observa a seguinte contradição entre os agrigentinos: alguns se entregam aos prazeres como se devessem morrer no dia seguinte e outros edificam como se a vida não tivesse de acabar jamais. O plano de vida fora, entretanto, fácil de se estabelecer, como se vê em Catão, o Jovem: quem nele toca uma tecla, toca todas, pois há nele uma harmonia de sons bem afinados que nunca se entrechocam. Não seguimos, nós outros, tão sábio exemplo e cada uma de nossas ações decorre de um juízo específico. E, em minha opinião, seria melhor procurar-lhes as causas nas circunstâncias do momento sem mais aprofundada pesquisa e sem tirar delas quaisquer consequências.

REFLEXÕES XII

Durante as desordens que agitaram nosso pobre país, disseram-me que uma jovem, bem perto do local onde eu me encontrava, se jogara pela janela a fim de escapar à brutalidade de um soldado que hospedava. Não teve morte instantânea e para se acabar tentou cortar o pescoço com uma faca, o que não a deixaram fazer. Nesse triste estado, confessou que o soldado nada mais fizera do que lhe declarar seu amor, solicitá-la e presenteá-la, mas ela temera que chegasse a violentá-la. Daí seus gritos, sua atitude, o sangue derramado, como se se tratasse de uma nova Lucrecia. Entretanto, eu soube que antes e depois dessa ocorrência sempre se mostrou muito menos arisca. Como dizem por aí, “por mais belo e decente que sejas, se não és aceito pela tua amada, não conclusas, sem mais amplas informações, ser ela de uma castidade a toda prova; isso não impede que o arrieiro¹ tenha a sua possibilidade”.

Antígono, que se afeiçoara a um de seus soldados por causa de sua valentia e coragem, mandou que o médico tratasse de uma doença que o atormentava havia muito. Observando, após a cura, que o homem se expunha muito menos nos combates, perguntou qual a razão dessa mudança que o tornara poltrão²: “Vós mesmo, Sire, porquanto me libertastes dos males que faziam com que eu não apreciasse a vida”.

Um soldado de Luculo fora roubado pelo inimigo. Para se vingar executou contra ele um golpe de mão notável, amplamente compensador de seus prejuízos. Luculo, que ficara com excelente opinião dele, quis empregá-lo em uma

¹ **Arrieiro**: tropeiro.

² **Poltrão**: que ou aquele que não tem coragem, que é medroso, covarde.

REFLEXÕES XII

arriscada expedição e, a fim de decidi-lo, usava todos os meios de persuasão, “com palavras capazes de entusiasmar os mais tímidos” (Horácio). Mas o soldado atalhou: “Mandai algum soldado miserável que tenha sido roubado”. E recusou peremptoriamente. Como diz Horácio: “Irá quem tiver perdido a bolsa”.

Maomé II admoestara violentamente Chasan, chefe de seus janízaros³ cuja tropa fora desfeita pelos húngaros, sendo que se conduzira ele próprio covardemente durante o combate. Como única resposta, Chasan, sozinho, sem precisar de ninguém, precipitou-se furioso, espada na mão, contra o primeiro pelotão inimigo que percebeu e desapareceu em poucos instantes como se fora por ele tragado. Nesse ato, parece que foi movido menos pelo desejo de se reabilitar do que em virtude de uma reviravolta em seus sentimentos: Não agia sob o impulso da coragem moral e sim por despeito.

Quem ontem vistes tão temerário, não vos espanteis em vê-lo poltrão no dia seguinte. A cólera, a necessidade, a companhia ou o vinho, ou o som de uma trombeta, terão feito de suas tripas coração. Não foi o raciocínio que lhe deu coragem: foram as circunstâncias. Não nos espantemos, pois, de ver que mudou ao mudarem elas. Essa variação e essa contradição, tão comuns em nós, levaram muitas pessoas a pensar que possuímos duas almas, ou duas forças que atuam cada qual num sentido, uma no sentido do bem e outra no do mal. Uma só alma e uma só força não poderiam conciliar-se com tão repentinas variações de sentimentos.

³ **Janízaro**: soldado de um corpo de elite das tropas turcas criado no s. XIV e abolido em 1826.

REFLEXÕES XII

Não somente o vento dos acontecimentos me agita conforme o rumo de onde vem, como eu mesmo me agito e perturbo em consequência da instabilidade da posição em que esteja. Quem se examina de perto raramente se vê duas vezes no mesmo estado. Dou à minha alma ora um aspecto, ora outro, segundo o lado para o qual me volto. Se falo de mim de diversas maneiras é porque me olho de diferentes modos. Todas as contradições em mim se deparam, no fundo como na forma. Envergonhado, insolente, casto, libidinoso, tagarela, taciturno, trabalhador, requintado, engenhoso, tolo, aborrecido, complacente, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, liberal e avarento, e pródigo, assim me vejo de acordo com cada mudança que se opera em mim. E quem quer que se estude atentamente reconhecerá igualmente em si, e até em seu julgamento, essa mesma volubilidade, essa mesma discordância. Não posso aplicar a mim um juízo completo, sólido, sem confusão nem mistura, nem o exprimir com uma só palavra. “Distingo” é o termo mais encontrado em meu raciocínio.

Embora acredite sempre que é preciso falar bem do que é justo e interpretar com simpatia o que a tal juízo se presta, nossa condição é tão singular que não raro o próprio vício nos impele a bem fazer (se o bem não se julgasse unicamente pela intenção que o determina). Daí não se dever tirar de um ato corajoso a conclusão de que um valente o praticou. Valente será efetivamente quem o for sempre, em todas as ocasiões. Se fosse um hábito e não um gesto imprevisto, a virtude faria que um homem mostrasse sempre igual resolução; seria o mesmo, só ou acompanhado, na justa como no campo de batalha. Suportaria esse homem, com igual atitude, uma enfermidade em seu leito e um ferimento na guerra; e não temeria mais a

REFLEXÕES XII

morte em seu lar do que em um assalto. Não o veríamos lançar-se através de uma brecha com insopitável⁴ bravura e em seguida chorar como uma mulher a perda de um processo ou de um filho; ser covarde diante da infâmia e resoluto na miséria, ter medo da navalha do barbeiro e desafiar a espada do adversário. Em tais casos, a ação é louvável, não o homem. Há gregos, diz Cícero, que tremem à vista do inimigo e se mostram tenazes quando enfermos, e tem-se o inverso nos cimbros e nos celtiberos: “Nada pode ser estável se não parte de um princípio sólido” (Cícero).

Não há maior valentia, no gênero, do que a de Alexandre, o Grande; e, no entanto, não se verifica em tudo. Por incomparável que seja, tem suas falhas, o que o faz perturbar-se a mais insignificante suspeita de conjuras e o leva a incrível e absurda crueldade na repressão e a temores em nada compatíveis com sua apreciação habitual das coisas. A superstição que lhe era peculiar participa também da pusilanimidade⁵, e a exagerada penitência que se impõe a si mesmo após o assassinio de Clito prova igualmente a desigualdade de sua coragem. Somos um amontoado de peças juntadas inarmonicamente e queremos que nos honrem quando não o merecemos. A virtude vale por si mesma; se para outro fim tomamos a sua máscara, logo ela no-la arranca da cara. Quando nossa alma se impregna dela, forma ela uma espécie de verniz fortemente adesivo que só se tira com a própria pele. Eis por que para julgar um homem é preciso seguir suas pegadas, penetrar sua vida; e, se não deparamos com a constância alicerçando seus atos, “com um plano de

⁴ **Insopitável**: que não pode ser sopitado; irreprimível, incontrollável.

⁵ **Pusilânime**: fraqueza de ânimo, falta de energia, de firmeza, de decisão.

REFLEXÕES XII

vida bem ponderado e previsto" (Cícero), se sua marcha, ou antes, seu caminho (pois é lícito acelerar ou diminuir o passo) se modifica segundo as circunstâncias, abandonemo-lo. Como a ventoinha gira de acordo com o vento, assim reza a divisa de nosso Talbot.

Não é de espantar, diz um autor antigo, que o acaso tenha tanta força sobre nós, pois por causa dele é que existimos. Quem não orientou sua vida, de um modo geral, em determinado sentido, não pode tampouco dirigir suas ações. Não tendo tido nunca uma linha de conduta, não lhe será possível coordenar e ligar uns aos outros os atos de sua existência. De que serve fazer provisão de tintas se não se sabe que pintar? Ninguém determina do princípio ao fim o caminho que pretende seguir na vida; só nos decidimos por trechos, na medida em que vamos avançando. O arqueiro precisa antes escolher o alvo; só então prepara o arco e a flecha e executa os movimentos necessários; nossas resoluções se perdem porque não temos um objetivo determinado. O vento nunca é favorável a quem não tem um porto de chegada previsto. Não estou de acordo com o juízo que se fez, ao assistir a uma tragédia de Sófocles, declarando-o, contra a opinião de seu filho, capaz de administrar seus bens. Não acho tampouco muito mais lógico o que fizeram os párias enviados com missão de reformar o governo dos milésios. Depois de visitar a ilha, observando o cultivo cuidadoso da terra, a boa ordem das propriedades, e registrando os nomes dos proprietários, considerando que a atenção e a eficiência demonstradas na administração de seus negócios particulares eram uma garantia de que de igual modo iam gerir os negócios do Estado.

REFLEXÕES XII

Somos todos constituídos de peças e pedaços juntados de maneira casual e diversa, e cada peça funciona independentemente das demais. Daí ser tão grande a diferença entre nós mesmos quanto entre nós e outrem: “Crede-me, não é coisa fácil conduzir-se como um só homem” (Sêneca).

Se a ambição pode impelir o homem a ser valente, sóbrio, liberal e mesmo justo; se a avareza pode dar coragem a um caixeiro criado no ócio e na indolência e infundir-lhe bastante confiança para que se lance à aventura em frágil navio, à mercê de Netuno, e lhe ensina a discrição e a prudência; se a própria Vênus arma de resolução e audácia o jovem ainda sob a autoridade paterna, e faz com que se mostre impudica a virgem de coração terno ainda sob a égide de sua mãe — “Passando furtivamente entre os guardas, que dormem, protegida por Vênus, vai a jovem sozinha, dentro da noite, juntar-se a seu amante” (Tibulo) —; se assim é, não deve um espírito refletido julgar-nos pelos nossos atos exteriores; cumpre-lhe sondar as nossas consciências e ver os móveis a que obedecemos. É uma tarefa elevada e difícil e desejaria por isso mesmo que menor número de pessoas se dedicasse a ela. ●



Michel de Montaigne (1533-1592) foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado o inventor do ensaio pessoal. Escreveu os seguintes livros: **Ensaio, Dos Canibais, Sobre a Amizade, Sobre a Vaidade.**

Sobre a brevidade da vida

Sêneca

(Observação: os números seguidos de traço e dois pontos correspondem a um capítulo, e os números entre parênteses, a versículos)

1 — 1: A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malevolência⁶ da Natureza, porque estamos destinados a um momento da eternidade, e, segundo eles, o espaço de tempo que nos foi dado corre tão veloz e rápido, de forma que, à exceção de muito poucos, a vida abandonaria a todos em meio aos preparativos mesmos para a vida. E não é somente a multidão e a turba insensata que se lamenta deste mal considerado universal: a mesma impressão provocou queixas também de homens ilustres. Daí o protesto do maior dos médicos: (2) “A vida é breve, longa, a arte.” Daí o litígio (de nenhuma forma apropriado a um homem sábio) que Aristóteles teve com a Natureza: “aos animais, ela concedeu tanto tempo de vida, que eles sobrevivem por cinco ou dez gerações; ao homem, nascido para tantos e tão grandes feitos, está estabelecido um limite muito (3) mais próximo.”

Não é curto o tempo que temos, mas dele muito perdemos. A vida é suficientemente longa e com generosidade nos foi dada, para a realização das maiores coisas, se a empregamos bem. Mas, quando ela se esvai no luxo e na indiferença, quando não a empregamos em nada de bom, então, finalmente constrangidos pela fatalidade, sentimos que ela já passou (4) por nós sem que tivéssemos percebido. O fato é o seguinte:

⁶ **Malevolência**: qualidade daquele que é malevolente; malignidade, maleficência.

REFLEXÕES XII

não recebemos uma vida breve, mas a fazemos, nem somos dela carentes, mas esbanjadores. Tal como abundantes e régios recursos, quando caem nas mãos de um mau senhor, dissipam-se num momento, enquanto que, por pequenos que sejam, se são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso, assim também nossa vida se estende por muito tempo, para aquele que sabe dela bem dispor.

2 — 1: Por que nos queixamos da Natureza? Ela mostrou-se benevolente: a vida, se souberes utilizá-la, é longa. Mas uma avareza insaciável apossa-se de, um de outro, uma laboriosa dedicação a atividades inúteis, um embriaga-se de vinho, outro entorpece-se na inatividade; a este, uma ambição sempre dependente das opiniões alheias o esgota, um incontido desejo de comerciar leva aquele a percorrer todas as terras e todos os mares, na esperança de lucro; a paixão pelos assuntos militares atormenta alguns, sempre preocupados com perigos alheios ou inquietos com seus próprios; há os que, por uma servidão voluntária, se desgastam numa ingrata solicitude a seus superiores; (2) a busca da beleza de um outro ou o cuidado com sua própria ocupa a muitos; a maioria, que não persegue nenhum objetivo fixo, é atirada a novos desígnios por uma vaga e inconstante leviandade, desgostando-se com isso; alguns não definiram para onde dirigir sua vida, e o destino surpreende-os esgotados e bocejantes, de tal forma que não duvido ser verdadeiro o que disse, à maneira de oráculo, o maior dos poetas: “Pequena é a parte da vida que (3) vivemos.” Pois todo o restante não é vida, mas tempo. Os vícios atacam-nos, e rodeiam-nos de todos os lados e não permitem que nos reergamos, nem que os olhos se voltem para discernir a verdade, mantendo-os submersos, pregados às paixões. Nunca é permitido às suas vítimas voltar

REFLEXÕES XII

a si: se por acaso acontecer de encontrarem alguma trégua, ainda assim, tal como no fundo do mar, no qual, mesmo após a tempestade, ainda há agitação, eles ainda assim são o joguete das paixões, e nenhum repouso (4) lhes é concedido. Pensas que falo daqueles cujos vícios são declarados? Vê aqueles cuja fortuna faz acorrer a multidão: são sufocados pelos seus bens. A quantos as riquezas não são um peso! Quantos não verteram seu sangue por causa de sua eloquência e da presteza diária com que exibiam seus talentos! Quantos não estão pálidos por causa de seus contínuos prazeres! A quantos a vasta multidão de clientes não dá nenhuma liberdade! Passa os olhos por todos, desde os mais pequenos até os mais poderosos: este advoga, aquele assiste, um é acusado, outro defende, e um outro ainda julga — ninguém reivindica nada para si, todos consomem mutuamente suas vidas.

Pergunta por aqueles cujos nomes se aprendem de cor e verás que eles são identificados pelas características seguintes: este é servidor daquele, que o é de um outro — ninguém pertence a si próprio. (5) E, portanto, é o cúmulo da insensatez, a indignação de alguns: queixam-se do desdém de seus superiores, porque estes não tiveram tempo de ir ter com eles quando o desejavam. Quem ousará queixar-se da soberba de um outro, quando ele mesmo não tem um momento livre para si próprio? E aquele, contudo, apesar de seu aspecto insolente, olhou-te uma vez com consideração, sem saber quem eras, prestou atenção às tuas palavras e mesmo recebeu-te junto de si; tu não te dignaste a considerar nem a ti mesmo. Portanto não há razão para pedires contas de teus favores a quem quer que seja, uma vez que, quando os fizeste, não desejavas estar com um outro, mas não podias estar contigo.

REFLEXÕES XII

3 — 1: Todos os espíritos que alguma vez brilharam consentirão neste único ponto: jamais se cansarão de se espantar com a cegueira das mentes humanas. Não se suporta que as propriedades sejam invadidas por ninguém, e, se houver uma pequena discórdia quanto à medida de seus limites, os homens recorrem a pedras e armas; no entanto, permitem que outros se intrometam em suas vidas, a ponto de eles próprios induzirem seus futuros possesores; não se encontra ninguém que queira dividir seu dinheiro, mas a vida, entre quantos cada um a distribui! São avaros em preservar seu patrimônio, enquanto, quando se trata de desperdiçar o tempo, são muito pródigos com relação à única (2) coisa em que a avareza é justificada. Por isso, agrada-me interrogar um qualquer, dentre a multidão dos mais velhos: “Vemos que chegaste ao fim da vida, contas já cem ou mais anos. Vamos! Faz o cômputo de tua existência. Calcula quanto deste tempo credor, amante, superior ou cliente, te subtraiu e quanto ainda as querelas conjugais, as reprimendas aos escravos, as atarefadas perambulações pela cidade; acrescenta as doenças que nós próprios nos causamos e também todo o tempo perdido: verás que tens menos anos de vida (3) do que contas. Faz um esforço de memória: quando tiveste uma resolução seguida? Quão poucas vezes um dia qualquer decorreu como planejaras! Quando empregaste teu tempo contigo mesmo? Quando mantiveste a aparência imperturbável, o ânimo intrépido? Quantas obras fizeste para ti próprio?

Quantos não terão esbanjado tua vida, sem que percebesse o que estavas perdendo; o quanto de tua vida não subtraíram sofrimentos desnecessários, tolos contentamentos, ávidas paixões, inúteis conversações, e quão pouco não te restou do que era teu! Compreendes que morres (4) prematuramente.”

REFLEXÕES XII

Qual é pois o motivo? Vivestes como se fosses viver para sempre, nunca vos ocorreu que sois frágeis, não notais quanto tempo já passou; vós o perdeis, como se ele fosse farto e abundante, ao passo que aquele mesmo dia que é dado ao serviço de outro homem ou outra coisa seja o último. Como mortais, vos aterrorizais de tudo, mas desejais tudo como se fosses (5) imortais. Ouvirás muitos dizerem: “Aos cinquenta anos me refugiarei no ócio, aos sessenta estarei livre de meus encargos.” E que fiador tens de uma vida tão longa? E quem garantirá que tudo irá conforme planejas? Não te envergonhas de reservar para ti apenas as sobras da vida e destinar à meditação somente a idade que já não serve mais para nada? Quão tarde comesças a viver, quando já é hora de deixar de fazê-lo. Que negligência tão louca a dos mortais, de adiar para o quinquagésimo ou sexagésimo ano os prudentes juízos, e a partir deste ponto, ao qual poucos chegaram, querer começar a viver!

4 — 1: Verás os homens mais poderosos, e elevados aos mais altos postos, deixar escapar palavras nas quais desejam e louvam o ócio e o preferem a todos os seus bens. Por um momento desejam abdicar daquela sua proeminência⁷, se for possível fazê-lo em segurança, pois ainda que nada venha do exterior assaltá-la ou abalá-la, (2) por si só a fortuna se desfaz.

O divino Augusto, a quem os deuses, mais do que a qualquer outro mortal, favoreceram, nunca deixou de almejar repouso para si próprio e desejar folga dos assuntos públicos; todas as suas falas voltavam sempre ao mesmo ponto: a esperança de ócio. Isto distraía suas penas com o seguinte consolo, fingido,

⁷ **Proeminente**: que se eleva acima do que o rodeia.

REFLEXÕES XII

contudo doce: um dia haveria (3) de viver para si mesmo. Em certa carta endereçada ao Senado, como promettesse que seu repouso não haveria de ser desprovido de dignidade e seria condizente com sua glória passada, encontrei essas palavras: “É porém mais ilusório que essas coisas se realizem do que podem ser prometidas. Contudo o desejo daquele tempo, que tanto ambiciono, me anima de tal forma, que antecipo algo do desejado pela doçura das palavras (4) pronunciadas, ainda que tarde seu deleite.”

O ócio era uma coisa tão almejada, que, por não poder dele usufruir, antecipava-o em pensamento. Ele, que via todas as coisas dependerem unicamente de si, que decidia a sorte dos homens e das nações, com muita satisfação pensava no dia em que se despojaria de sua grandeza. (5) Estava ciente de quanto suor exigiam aqueles bens que brilhavam por todas as terras, de quantas inquietações reprimidas eles ocultavam: forçado primeiramente a combater os cidadãos, depois os amigos, e finalmente os mais próximos de si, em mar e em terra fez correr sangue.

Tendo levado a guerra à Macedônia, Sicília, Egito, Ásia e a quase todas as costas, dirigiu os exércitos já cansados de oprimir romanos às guerras externas. Enquanto pacifica os Alpes e subjuga inimigos infiltrados em meio à paz do Império e estende as fronteiras para além do Reno, do Eufrates e do Danúbio, na própria Roma contra ele se voltavam os punhais de Murena, Cepião, Lépido, Egnácio e de tantos outros. (6) Ainda não havia escapado das armadilhas destes, e sua filha e muitos jovens nobres entregavam-se ao adultério, como se isso fosse um sacramento, atormentando dessa forma sua velhice; e ainda havia uma segunda e temível união de certa

REFLEXÕES XII

mulher a um Antônio. Ele arrancava esses males com suas próprias mãos, e outros, latentes, irrompiam; tal como num corpo ferido e sangrando, outra parte qualquer sempre se rompia. Por isso desejava o ócio; todos os seus labores residiam nessa esperança e pensamento: tal era o desejo daquele que podia satisfazer todos os desejos.

5 — 1: Marco Cícero, atirado entre homens como Catilina, Clódio, Pompeu e Crasso, uns, manifestos inimigos, outros, dúbios amigos, enquanto oscilava com a República e procurava sustentá-la no seu naufrágio, até finalmente afundar com ela, sempre inquieto na prosperidade e impaciente na adversidade, quantas vezes não amaldiçoou seu próprio consulado, que era louvado (2) não sem motivo, mas sem moderação. Que coisas lamentáveis ele diz numa carta a Ático, na época em que Pompeu, o Pai, já havia sido vencido, e seu filho restaurava na Espanha as armas despedaçadas! “Perguntas-me o que faço aqui?” — diz ele. “Semilivre, quedo-me em minha vila de Túsculo.” Ainda acrescenta muitas outras palavras, nas quais lamenta a vida passada, queixa-se do presente e desespera-se do futuro. Cícero se diz semilivre, mas, por Júpiter!, nunca o sábio recorrerá a um termo tão baixo, nunca será semilivre, mas será um homem de íntegra e sólida liberdade, desapegado, senhor de si e bem acima dos demais. Pois quem pode estar acima daquele que está acima da Fortuna?

6 — 1: Diz-se que Lívio Druso, homem violento e arrebatador, após ter dado curso a novas leis e às más medidas dos Gracos, com o apoio de uma vasta multidão de toda a Itália, não vendo uma saída para sua política, que já não mais podia levar adiante, nem, uma vez precipitada, abandonar, amaldiçoou

REFLEXÕES XII

sua vida agitada desde o princípio e declarou nunca ter tido férias, nem mesmo quando menino. Com efeito, adolescente ainda, trajando a toga pretexta, ousou fazer recomendações sobre os réus aos Juízes e fazer prevalecer tão eficazmente sua opinião no fórum, que é tido como certo que algumas causas foram por ele arrebatadas. (2) Em que não haveria de dar uma ambição tão precoce haveria de resultar em fonte de grande prejuízo público e particular. E, portanto, era tarde para se queixar de nunca ter tido férias, ele que, desde criança, já era um perturbador e um elemento nocivo ao fórum. Discute-se se ele teria se suicidado, pois sucumbiu de um ferimento recebido na virilha; há quem duvide se sua morte foi voluntária, mas ninguém, de (3) que foi oportuna. Seria supérfluo mencionar os que, embora pareçam aos outros os mais felizes dos homens, declaram eles próprios que na verdade odeiam todas as ações de suas vidas, mas com essas declarações não mudaram nem a si próprios nem aos outros, pois mal pronunciavam essas palavras e as paixões faziam-nos (4) recair em seus hábitos.

Mas, por Júpiter!, uma vida como a vossa, mesmo que dure mais de mil anos, será sempre determinada pelos mais estreitos limites: estes vícios podem devorar séculos e séculos. O espaço de tempo que temos, a razão pode na verdade dilatá-lo; e, embora a Natureza faça-o correr, necessariamente ele vos escapará, pois que não vos possui dele, nem o retendes ou fazeis demorar a mais fugidia de todas as coisas, mas deixais que se perca como se fosse, uma coisa supérflua e substituível.

REFLEXÕES XII

7 — 1: Conto entre os piores os que nunca estão disponíveis para nada, senão para o vinho e os prazeres sensuais, pois não há ocupação mais vergonhosa. Outros, embora se prendam à imagem vazia da glória, contudo erram honradamente; podem enumerar os avaros, os turbulentos, ou os que se entregam a ódios e guerras injustas: todos estes pecam de uma maneira mais viril. Mas os que se entregam à gula e aos prazeres sensuais ostentam uma degradação (2) desonrosa.

Examina todo o tempo deles: verifica quanto gastam em cálculos avaros, quanto em preparar emboscadas, quanto temendo-as, quanto bajulando, quanto sendo bajulados; e quanto tempo ocupam em compromissos judiciais, seus ou alheios, ou com banquetes — que já se tornaram mesmo uma obrigação: verás que nem seus bens, nem seus males, os deixam respirar. (3) Finalmente, todos concordam que um homem ocupado não pode fazer nada bem: não pode se dedicar à eloquência, nem aos estudos liberais, uma vez que seu espírito, ocupado em coisas diversas, não se aprofunda em nada, mas, pelo contrário, tudo rejeita, pensando que tudo lhe é imposto. Nada é menos próprio do homem ocupado do que viver, pois não há outra coisa que seja mais difícil de aprender.

Professores das outras artes, há vários e por toda parte, dentre algumas dessas, vemos crianças terem atingido tanta maestria, que chegam até a ensiná-las. Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida (4) toda é um aprender a morrer. Muitos dos maiores homens, tendo afastado todos os obstáculos e renunciado às riquezas, a seus negócios e aos prazeres, empregaram até o último de seus dias para aprender a viver, contudo muitos

REFLEXÕES XII

deles deixaram a vida tendo confessado ainda não sabê-lo — e muito menos ainda (5) o sabem os que mencionei acima.

Creia-me, é próprio de um grande homem e de quem se eleva acima dos erros humanos, não consentir que lhe tomem um instante sequer da vida, e assim toda sua vida é muito longa, uma vez que se dedicou todo a si próprio, não importa quanto ela tenha durado. Nem um instante dela permaneceu descuidado ou ocioso, ou esteve subordinado a outro e, portanto, ele, seu guarda parcimonioso, não encontrará ninguém que julgue ter vivido dignamente a ponto de querer trocar sua vida com a dele. Portanto, a este seu tempo foi suficiente, mas àqueles que tiveram muito de sua vida subtraído (6) pelo povo, ela necessariamente faltou. E nem por isso há motivo para pensares que eles às vezes não compreendem seu erro. Certamente ouvirás muitos dos que são esmagados por sua grande prosperidade, vez por outra, exclamar de entre a multidão de clientes, ou de seus processos jurídicos, ou de outras honoríficas misérias: “Não me deixam viver!” E haveriam de (7) deixar? Todos os que te reclamam para si te afastam de tuas ocupações. Quantos dias te tomou aquele réu? E aquele candidato? E a velha, já cansada de enterrar herdeiros? E aquele que finge ser doente para excitar a cobiça dos caçadores de testamentos? E aquele amigo poderoso, que te mantém, não em sua amizade, mas em seu cortejo? Faz o cômputo dos dias de tua vida: verás que restaram muito poucos dias para ti mesmo. (8) Tendo aquele obtido os cargos com que tanto sonhava, deseja abandoná-los e repete incessantemente: “Quando este ano passará?” Outro proporciona espetáculos públicos, que tanto desejou que lhe fossem cabidos por sorte, e agora diz: “quando me livrarei deles?” Disputa-se tanto para ouvir aquele advogado, que ele

REFLEXÕES XII

enche de uma grande multidão todo o fórum, até para além de onde pode ser ouvido. “Quando” — diz ele — “me livrarei disto?” Cada um faz precipitar sua vida e (9) padece da ânsia do futuro e de tédio do presente.

Mas o que emprega todo o tempo consigo próprio, que ordena cada dia como se fosse uma vida, nem deseja o amanhã, nem o teme. Pois que novo prazer há, que qualquer hora lhe possa imediatamente trazer? Tudo lhe é conhecido, tudo foi desfrutado até a saciedade. Do resto, que a Fortuna disponha como queira: a vida já lhe foi assegurada. Nada se lhe pode adicionar ou arrebatá-lo, e, mesmo que algo se acrescente a ela, seria como se alimentassem alguém já farto de alimentos quaisquer: estará recebendo algo que nem mais (10) deseja.

Portanto, não há por que pensar que alguém tenha vivido muito, por causa de suas rugas ou cabelos brancos: ele não viveu por muito tempo, simplesmente foi por muito tempo. Pensarias ter navegado muito, aquele que, tendo se afastado do porto, foi apanhado por violenta tempestade, errou para cá e para lá e ficou a dar voltas, conforme a mudança dos ventos e o capricho dos furacões, sem, contudo, sair do lugar? Ele não navegou muito, mas foi muito acossado.

8 — 1: Costumo estranhar quando vejo alguns pedindo tempo, e aqueles a quem se pede mostrarem-se muito complacentes; ambos consideram aquilo pelo que se pede tempo, nenhum, o tempo mesmo: parece que nada se pede e que nada é dado. Brinca-se com a coisa mais preciosa de todas; contudo ela lhes escapa sem que percebam, pois é um incorpóreo e algo que não salta aos olhos, por isso é considerado muito desprezível, e em razão disto não lhes atribuem valor algum. (2)

REFLEXÕES XII

Os homens recebem pensões e aluguéis com muito prazer e concentram neles suas preocupações, esforços e cuidados, mas ninguém dá valor ao tempo; usa-se dele a rédeas soltas, como se nada custasse. Porém, quando doentes, se estão próximos do perigo de morte, prostram-se aos joelhos dos médicos; ou, se temem a pena capital, estão prontos a gastar todos os seus bens para viver. Tamanha é a discórdia de seus (3) sentimentos! Se fosse possível apresentar a cada um a conta dos anos futuros, da mesma forma que podemos fazer com os passados, como tremariam aqueles que vissem restar-lhes poucos anos e como os poupariam! Pois, se é fácil administrar o que, embora curto, é certo, deve-se conservar com muito cuidado o que não se pode saber (4) quando há de acabar.

Contudo não há por que pensar que eles ignoram que coisa preciosa é o tempo: costumam dizer aos que amam muitíssimo que estão dispostos a lhes dar parte de seus dias. E realmente dão, sem se aperceberem disto, mas dão de forma a subtraírem vários anos a si, sem aumentar os daqueles. Mas ignoram o fato mesmo de estarem perdendo seus anos, por isso lhes é tolerável a perda de um bem que não é (5) notado.

Ninguém devolverá teus anos, ninguém te fará voltar a ti mesmo. Uma vez principiada, a vida segue seu curso e não reverterá nem o interromperá, não se elevará, não te avisará de sua velocidade. Transcorrerá silenciosamente, não se prolongará por ordem de um rei, nem pelo apoio do povo. Correrá tal como foi impulsionada no primeiro dia, nunca desviará seu curso, nem o retardará. Que sucederá? Tu estás ocupado, e a vida se apressa; por sua vez virá a morte, à qual deverás te entregar, queiras ou não.

REFLEXÕES XII

9 — 1: Pode haver algo mais estúpido que o modo de ver de alguns — falo daqueles que deixam de lado a prudência. Ocupam-se para poder viver melhor: armazenam a vida, gastando-a! Fazem seus planos para longo prazo; no entanto, protelar é do maior prejuízo para a vida: arrebatam-nos cada dia que se oferece a nós, rouba-nos o presente ao prometer o futuro. O maior impedimento para viver é a expectativa, a qual tende para o amanhã e faz perder o momento presente. Do que está nas mãos da Fortuna, dispões; o que está nas tuas, despedes. Para onde ficas a olhar? Para que tendes? Tudo que está por vir se assenta na incerteza: desde (2) já, vive!

Proclama o maior dos poetas e, como inspirado por divinos lábios, canta este canto de salvação: “Os melhores dias da vida dos tristes mortais São os primeiros a fugir.” “Por que hesitar?” — diz ele — “por que ficar sem nada fazer? Se não ocupares o dia, ele fugirá” E, contudo, se o tiveres ocupado, ainda fugirá; portanto deve-se lutar contra a celeridade do tempo usando de velocidade, tal como se deve beber depressa de uma (3) corrente rápida e que não fluirá para sempre. O poeta emprega magnificamente as palavras para censurar a infinita contemporização, pois diz “o melhor dia”, e não “a melhor idade”. Como é que tu, seguro e demorado em meio a uma tão grande fuga de tempo, dispões para ti os meses e os anos, numa longa série, de acordo com tua avidez?

O poeta fala do dia, e deste (4) mesmo dia que está fugindo. Acaso se duvida que os melhores dias fujam primeiro aos míseros mortais, isto é, aos ocupados? A velhice oprime tanto seus espíritos pueris que chegam a ela surpresos e desarmados, pois nada em sua vida foi previsto: bruscamente e desprevenidos nela caíram; não a sentiam chegar (5)

REFLEXÕES XII

diariamente. Tal como uma conversa ou uma leitura ou alguma reflexão mais séria distrai os viajantes, que se veem chegados ao destino sem notar que dele se aproximavam, assim esta contínua e tão rápida caminhada da vida, que dormindo ou acordados fazemos no mesmo passo, aos ocupados não aparece senão no fim.

10 — 1: Quisesse eu dividir minha tese em tópicos e argumentos, ocorrer-me-iam muitos exemplos, pelos quais provaria que é muito breve a vida dos ocupados. Costumava dizer Fabiano, que não era um desses filósofos acadêmicos, mas um dos verdadeiros e antigos: “contra as paixões deve-se lutar com arrojo, não com sutilezas; e deve-se romper a linha de batalha com um grande assalto, não com tímidas tentativas.” Não aprovava sofismas: “pois devemos vencer as paixões, não espicaçá-las”. Contudo, para demonstrar às suas vítimas seu desvario, devemos instruí-las, não lamentá-las. (2)

A vida divide-se em três períodos: o que foi, o que é, e o que há de ser. Destes, o que vivemos é breve; o que havemos de viver, duvidoso; o que já vivemos, certo. Pois, sobre este último, a Fortuna perdeu os direitos: (3) é o que não se submete ao arbítrio de ninguém. Eis o que escapa aos ocupados, pois eles não têm tempo para reconsiderar o passado e, mesmo se tivessem, ser-lhes-ia desagradável a recordação de uma coisa da qual se arrependem. Portanto, é a contragosto que voltam seus pensamentos ao tempo mal empregado e não ousam reviver aquelas horas, cujos vícios, embora estivessem dissimulados pelo atrativo de um prazer momentâneo, (4) desvendam-se com a recordação. Ninguém se voltará de bom grado ao passado, exceto aquele cujas ações estão todas submetidas à censura de sua consciência, que nunca se

REFLEXÕES XII

engana. Aquele que ambiciosamente muitas coisas cobiçou, orgulhosamente desprezou, insolentemente venceu, traiçoeiramente enganou, desonestamente roubou e prodigamente dissipou seus bens, necessariamente terá que temer suas próprias recordações. Ora, de nossa vida, esta é a parte inviolável e já consagrada, que está acima de todas as vicissitudes humanas, que foi subtraída ao império da Fortuna e que não pode ser afetada pela pobreza, nem pelo medo, nem pelo assédio das doenças. Não se pode perturbá-la ou roubá-la de seu possessor, pois sua posse é perpétua e livre de receios.

Os dias apresentam-se a nós um a um e momento por momento, entretanto todos os dias do passado se apresentarão a nós quando ordenarmos, e consentirão em ser apropriados e examinados à vontade — coisa que os ocupados não têm (5) tempo de fazer. É próprio de uma mente segura de si e sossegada poder percorrer todas as épocas de sua vida; mas o espírito dos ocupados, tal como se estivesse subjogado, não pode se voltar sobre si mesmo e se examinar. Portanto, sua vida se precipita num abismo; e, tal como não é de nenhum proveito procurar encher uma ânfora, por mais que nela se coloque líquido, se não há fundo que o receba ou sustenha, assim também não importa quanto tempo tens à disposição: se não tens como retê-lo, ele vazará como de almas rachadas (6) e furadas.

O tempo presente é brevíssimo, tanto que a alguns parece não existir, pois está sempre em movimento; flui e precipita-se; deixa de ser antes de vir a ser; é tão incapaz de deter-se, quanto o mundo ou as estrelas, cujo infatigável movimento não lhes permite permanecer no mesmo lugar. Pertence, pois, aos ocupados, apenas o tempo presente, que é tão breve que

REFLEXÕES XII

não pode ser abarcado; e este mesmo escapa-lhes, ocupados que estão em muitas coisas.

11 — 1: Enfim, queres saber quão pouco vivem os ocupados? Vê como desejam viver longamente. Velhos decrépitos mendigam em suas orações um acréscimo de uns poucos anos; procuram parecer menos idosos e lisonjeiam-se com mentiras e encontram tanto prazer em enganar a si próprios, que é como se enganassem junto o destino. Mas, quando uma enfermidade qualquer adverte-os de que são mortais, morrem tomados de pavor, não como se deixassem a vida, mas como se ela lhes fosse arrancada. Ficam gritando que foram tolos em não viver e que, se por acaso escaparem da doença, haverão de viver no ócio; então, tomam consciência de quão inútil foi adquirir o que não desfrutaram, e de como todos os seus esforços resultaram em (2) vão. Mas para aquele cuja vida esteve livre de preocupações, por que não haveria ela de ser longa? Dela nada foi transferido a outro, nada foi atirado a um e outro lado, nada foi dado à Fortuna, nada desperdiçado por negligência, nada foi esbanjado com prodigalidade, nada ficou sem ser empregado: toda ela, por assim dizer, teve proveito. E, deste modo, por mais curta que seja, ela é mais que suficiente; e portanto, quando lhe vier o último dia, o sábio não hesitará em caminhar para a morte com passo firme.

12 — 1: Talvez tu me perguntes a quem eu chamo de “ocupados”. Não há por que pensar que entendo serem ocupados apenas aqueles contra os quais se mandam os cães para expulsá-los da basílica, ou os que vemos sobressair, seja orgulhosamente em meio à multidão de seus clientes, seja desprezivelmente da de outro, ou aqueles cujos compromissos obrigam a abandonar seus lares para ir bater à porta do outro

REFLEXÕES XII

ou aqueles a quem a lança do pretor põe ocupados devido a um (2) lucro infame e que um dia haverá de apodrecer. O ócio de alguns é ocupado: quer em sua vila ou em seu leito, quer em meio à solidão, mesmo quando estão afastados de todos, eles próprios prejudicam a si mesmos; não devemos chamar sua vida de ociosa, mas de ocupação indolente.

Por acaso chamas de ocioso o que coleciona, com escrupuloso cuidado, os bronzes coríntios, preciosos devido à mania de uns poucos, e consome a maior parte de seus dias em meio a ferrugentos pedaços de metal? E o que se senta num ginásio (que vergonha! os vícios dos quais somos vítimas nem mesmo são romanos), para apreciar as pelejas dos rapazes que se estapeiam? E o que classifica seus rebanhos de cavalos segundo a cor e a idade, ou os que (3) patrocinam os mais novos campeões de atletismo? Quê? Tu chamas ociosos os que passam muitas horas no cabeleireiro, aparando o que cresceu na noite anterior, discutindo a respeito de cada fio de cabelo, colocando em ordem as madeixas desarranjadas, ou ajeitando sobre a testa as que estão falhas aqui e ali? Como ficam irados, se o barbeiro foi um pouco negligente, crendo que estava a aparar os cabelos de um verdadeiro homem! Como se encolerizam, se algo de sua cabeleira foi cortado, se algo está fora de ordem, se tudo não cai em seus devidos cachos! Qual destes não preferiria ver a desordem na República, a ver a de seus cabelos? Quem não se preocupa mais com a elegância de sua cabeça do que com sua saúde? Qual não prefere ser bem penteado a ser honesto?

Tu chamas ociosos os que se (4) preocupam com pentes e espelhos? E quanto àqueles que se ocupam em compor, ouvir e aprender canções, e atormentam a voz, cuja reta entoação a

REFLEXÕES XII

Natureza fez muito simples e a melhor, com inflexões de desajeitadas modulações? Eles estão sempre a estalar os dedos, marcando alguma canção que têm na cabeça e, mesmo quando são chamados para questões sérias e frequentemente tristes, ouvimos seu imperceptível cantarolar. (5) Eles não têm ócio, mas ocupações indolentes.

Nem, por Hércules, considero seus festins como tempo livre, uma vez que vejo com quanta solicitude dispõem a prataria, quão diligentemente ajeitam as túnicas de seus jovens prediletos, quão ansiosos ficam por saber como o javali sai das mãos do cozinheiro, ou com que velocidade os escravos jovens, a um dado sinal, correm às suas obrigações, com quanta perícia as aves são cortadas em bocados não muito grandes, ou quão cuidadosamente os infelizes escravos limpam o vômito dos bêbados.

É por estes meios que adquirem a fama de serem elegantes e faustosos, e seus males perseguem-nos até mesmo nos menores detalhes da vida, de modo que eles não (6) podem comer nem beber sem afetação. Eu não contaria entre os ociosos aqueles que se fazem transportar para cá e para lá em carruagens ou liteiras, e observam pontualmente a hora de seus passeios, como se não lhes fosse lícito perdê-los; nem os que se fazem lembrar por outro quando devem banhar-se, nadar ou comer: seus espíritos extraordinariamente débeis estão tão enfraquecidos pela lassidão, que eles nem mesmo podem decidir por si sós se têm fome! Já ouvi um desses delicados (se é que se pode chamar de delícias o fato de desaprender os hábitos da vida humana), ao ser retirado do banho e colocado numa cadeira, perguntar: "Ainda estou

REFLEXÕES XII

sentado?" Tu crês que este, que ignora até se está sentado, sabe se vive, se vê, se é ocioso?

Não poderia dizer de pronto o que lamento mais: ele (7) realmente não saber ou fingir não sabê-lo. Esses esquecem-se realmente de muitas coisas, mas também fingem esquecer de muitas outras. Certos vícios deleitam-nos como se fossem provas de felicidade: parece-lhes próprio de um homem muito baixo e desprezível saber o que faz. E agora não vás crer que os mimos exageram quando ridicularizam a luxúria. Estes, por Hércules, ultrapassam em muito as invenções dos mimos, e neste nosso século, engenhoso apenas para tais coisas, os vícios progrediram tanto que já podemos acusar os mimos de negligência. É o cúmulo: haver alguém que está tão atolado na luxúria, que se fia na palavra de (8) outro para saber se está ou não sentado! Portanto esse aí não é ocioso; dá-lhe outro nome: ele está doente, ou, melhor ainda, está morto. É ocioso o que é também consciente de seu lazer. Mas este semivivo, que precisa de alguém que lhe indique a postura do próprio corpo, como poderia ser senhor de um momento sequer de sua vida?

13 — 1: Seria alongar demais percorrer todos os exemplos daqueles que desperdiçaram suas vidas em jogos de xadrez, bola, ou queimando-se ao sol. Não gozam de ócio aqueles cujos prazeres trazem muitas ocupações. Pois ninguém duvidará que muito se fatigam sem nada obrar, os que se prendem a inúteis questões de (2) literatura — e eles já são multidão entre os romanos! Foi um vício dos gregos investigar quantos remadores teve Ulisses, se foi a Ilíada ou a Odisseia escrita primeiro e, além disso, se eram de um mesmo autor, e outros conhecimentos dessa espécie, que, se os reservas para ti

REFLEXÕES XII

mesmo, em nada deleitam o intelecto, se os publicas, não serás tido por mais douto, mas por mais (3) enfadonho.

E eis que esta frívola paixão de aprender inutilidades apossou-se também dos romanos. Há alguns dias ouvi certa pessoa relatando qual foi o primeiro dos generais a fazer tais e tais coisas; que Duílio foi o primeiro a vencer numa batalha naval, que Cúrio Dentato foi o primeiro a conduzir elefantes no seu cortejo triunfal. Mas esses assuntos, ainda que não conduzam à verdadeira glória, versam sobre exemplos de feitos cívicos; tal ciência não acarreta benefício algum, embora nos prenda a atenção pela futilidade dos feitos. (4) Perdoemos também aos que pesquisam assuntos como este: quem foi o primeiro a persuadir os romanos a embarcar num navio. Foi Cláudio, e por este mesmo motivo cognominado "Caudex", porque entre os antigos a reunião de várias tábuas chamava-se "caudex"; daí o nome de "codices" às tábuas da lei, e, ainda hoje, as naves que carregam provisões pelo Tibre são (5) chamadas, segundo a maneira antiga, de "codicariae". Sem dúvida, isto pode ser de algum valor: que Valério Corvino foi o primeiro a subjugar Messina e, tendo tomado para si o nome da cidade conquistada, foi o primeiro da família dos Valérios a denominar-se Messana; e que, tendo sido trocadas as letras por uma gradual corruptela da linguagem popular, chamou-se (6) Messala.

Porventura permitirás a alguém ocupar-se também disto: que Lúcio Sulla foi o primeiro a apresentar os leões soltos no Circo, enquanto que anteriormente eram apresentados acorrentados, e que foram enviados arqueiros pelo rei Boco para exterminá-los? Que seja! Façamos também essa concessão. Mas acaso há um mínimo de valor em saber que

REFLEXÕES XII

Pompeu foi o primeiro a proporcionar um combate no Circo com dezoito elefantes, tendo-se enviado criminosos para enfrentá-los, como se fosse uma batalha? O primeiro dos cidadãos e, segundo o que a fama nos legou, homem que sobressaiu entre os antigos líderes por sua bondade, julgou ser um novo tipo de espetáculo digno de memória matar homens de um modo novo. Combatem até a morte? — É pouco. Despedam-se? — É pouco. (7) Que sejam esmagados por uma enorme massa de animais! Seria suficiente que esses assuntos passassem ao esquecimento, para que posteriormente um prepotente qualquer não aprendesse e invejasse uma ação tão desumana.

Quantas trevas uma grande fortuna causa às nossas mentes! Acreditou estar acima das leis da Natureza quando lançou aquele bando de miseráveis a feras nascidas sob outros céus, quando proporcionou um combate entre animais tão desiguais, quando fez verter tanto sangue diante dos olhos do povo romano — ele, que em breve seria forçado a verter mais ainda. Mas, logo em seguida, o mesmo Pompeu, traído pela deslealdade alexandrina, entregou-se ao último dos escravos para ser abatido; só então compreendeu a vã (8) ostentação de seu Cognome. Mas, para que retorne ao ponto de onde me desviei e para que mostre a inutilíssima diligência de alguns nestes mesmos assuntos: aquele mesmo erudito contava que Metelo, tendo vencido os cartagineses na Sicília, foi o único de todos os romanos a conduzir em seu triunfo cento e vinte elefantes diante do carro, e que Sulla foi o último dos romanos a aumentar o "*pomerium*"⁸, coisa que, segundo os costumes

⁸ **Pomerium:** Na Roma Antiga, o pomerium ou pomoerium era uma designação romana para a fronteira simbólica da cidade de Roma, onde se encontravam as

REFLEXÕES XII

antigos, só se fazia após a conquista de territórios italianos, e nunca provinciais.

Há alguma utilidade maior em saber que o monte Aventino, como assegurava aquele, situa-se para além do “pomerium” por uma dessas duas razões: ou porque a plebe tenha-se afastado daí, ou porque, quando Remo tomava os auspícios, o voo das aves não foi favorável — e ainda outros inumeráveis conhecimentos, que, ou estão abarrotados de mentiras, ou são desta natureza? (9) Pois mesmo que se admita que eles contam essas coisas todas de boa-fé e que se responsabilizam pelo que foi escrito, contudo esses conhecimentos servirão para minorar os erros de alguém? Refrearão as paixões de alguém? Farão alguém mais generoso, mais corajoso, mais justo? Às vezes meu caro Fabiano dizia duvidar se era melhor não empreender estudo algum do que se envolver com os deste gênero.

14 — 1: Dentre todos os homens, somente são ociosos os que estão disponíveis para a sabedoria; eles são os únicos a viver, pois, não apenas administram bem sua vida, mas acrescentam-lhe toda a eternidade. Todos os anos que se passaram antes deles são somados aos seus. A menos que sejamos os maiores dos ingratos, aqueles fundadores das sublimes filosofias nasceram para nós, e eles nos preparam o caminho para a vida. Graças aos seus esforços, conduzem-nos das trevas à luz, aos mais belos conhecimentos. Não nos é vedado o acesso a nenhum século, somos admitidos a todos; e

essoas vivas e desarmadas. Os mortos eram enterrados fora dos limites do pomerium, geralmente em tumbas que ladeavam as estradas que davam acesso à urbs. ...

REFLEXÕES XII

se desejamos, pela grandeza da alma, ultrapassar os estreitos limites da fraqueza humana, há um vasto espaço de tempo a percorrer. (2) Poderemos discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estoicos, ultrapassá-la com os cínicos. Já que a Natureza nos permite entrar em comunhão com toda a eternidade, por que não nos desviarmos dessa estreita e curta passagem do tempo e nos entregarmos com todo nosso espírito àquilo que é ilimitado, eterno e partilhado com os (3) melhores?

Os que se desdobram em muitos compromissos sociais, que agitam a si mesmos e a outros, bem conscientes de suas tolices, após terem percorrido diariamente as soleiras de todos e não ter deixado de entrar em nenhuma porta aberta, após terem levado sua interesseira saudação à volta das mais remotas casas, quão pouco não terão eles visto numa cidade tão grande e dilacerada por várias paixões! (4) Quantos haverá cujo sono, dissolução ou grosseria não os afastará? Quantos, após os terem torturado com uma longa espera, não passarão por eles fingindo estarem apressados? Quantos não evitarão aparecer no átrio repleto de clientes, escapando por portas secretas, como se fosse menor descortesia enganar do que despedir! Quantos, ainda meio adormecidos e pesados devido à embriaguez da noite anterior, responderão, àqueles pobres coitados que interromperam seu sono para esperar o despertar de outro, com o bocejo mais arrogante, mal levantando os (5) lábios!

Podemos afirmar que se dedicam a verdadeiros deveres, somente aqueles que desejam estar cotidianamente na intimidade de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles,

REFLEXÕES XII

Teofrasto e os demais mestres de virtude. Nenhum deles deixará de estar à nossa disposição, nenhum despedirá o que o procurar, sem que o faça mais feliz e mais devotado a ele, nenhum permitirá a quem quer que seja partir de mãos vazias; e eles podem ser encontrados por qualquer homem, tanto durante o dia como à noite.

15 — 1: Nenhum destes forçará tua morte, todos te ensinarão a morrer, nenhum dissipará teus anos, mas te oferecerá os seus. Nunca a conversação com eles será perigosa, fatal a amizade ou onerosa a deferência. Conseguirás deles tudo o que quiseres: não será deles a culpa (2) se não tiveres exaurido tudo o que desejas. Que felicidade, que bela velhice não aguarda o que se dispôs a ser seu cliente! Ele terá com quem discutir sobre as menores, bem como sobre as maiores, questões, a quem consultar diariamente sobre si mesmo, de quem ouvir a verdade sem ofensa e ser louvado sem adulação, a cuja (3) semelhança se possa moldar. Costumamos dizer que não está em nosso poder escolher os pais que a sorte nos destinou, mas que nos foram dados ao acaso; contudo é nos permitido ter um nascimento segundo a nossa escolha.

Existem famílias dos mais nobres espíritos: escolhe a qual delas queres pertencer, e receberás não apenas seu nome, mas também seus próprios bens, que não terás de vigiar miserável e mesquinamente, pois, quanto mais forem partilhados pelos homens, maiores (4) se tornarão. Estes te darão o acesso à eternidade, te elevarão àquelas alturas de onde ninguém se precipita. Esta é a única maneira de prolongar a existência mortal e, até mais, de convertê-la em imortalidade. As dignidades, os monumentos, tudo o que a ambição impôs por decretos, ou construiu com o suor, depressa há de cair em

REFLEXÕES XII

ruínas: não há nada que a longa passagem dos anos não destrua ou desordene. Mas ela não pode tocar nos conhecimentos que a sabedoria consagrou, nenhuma idade os destruirá ou diminuirá, a seguinte e as sucessivas sempre hão de aumentá-los ainda mais: pois a inveja tem olhos apenas para o que está próximo de si, e admiramos com menos malícia o que está (5) distante. Portanto, a vida do filósofo estende-se por muito tempo, e ele não está confinado nos mesmos limites que os outros. É o único a não depender das leis do gênero humano: todos os séculos servem-no como a um deus. Algo distancia-se no passado? Ele recupera-o com a memória. Está no presente? Ele o desfruta. Há de vir no futuro? Ele o antecipa. A reunião de todos os momentos num só torna-lhe longa a vida.

16 — 1: É extremamente breve e agitada a vida dos que esquecem o passado, negligenciam o presente e receiam o futuro; quando chegam ao termo de suas existências, os pobres coitados compreendem tardiamente que (2) estiveram por longo tempo ocupados em nada fazer. E, pelo fato de fazerem frequentes apelos à morte, não há por que pensar que fica provado que eles tenham usufruído duma longa existência. Sua cegueira os atormenta com emoções incertas e que os faz incidir nas próprias coisas que temem: desejam então muitas vezes a morte, (3) porque os aterroriza. Não há ainda razão para se pensar que isto também seja uma prova de uma vida longa: — o fato de muitas vezes os dias lhes parecerem longos, ou porque se queixam de as horas custarem a passar até que chegue o momento do jantar; pois, se porventura as ocupações os abandonam, sentem-se desertados e inquietam-se mesmo no lazer, nem sabem como dispor dele

REFLEXÕES XII

ou matá-lo. Portanto anseiam por uma ocupação qualquer, e todo intervalo de tempo entre duas ocupações lhes é um fardo.

E — por Hércules — tal é o que acontece quando se fixa a data dos combates de gladiadores, ou quando se aguarda o dia de outro gênero qualquer de espetáculo ou divertimento: (4) desejam saltar os dias intermediários! A espera de qualquer coisa por que anseiam lhes é penosa, mas aquele instante que lhes é grato corre breve e rápido e torna-se muito mais breve por sua própria culpa, pois passam de um prazer a outro e não podem permanecer fixos num só desejo. Seus dias não são longos, mas detestáveis, e, por outro lado, quão curtas não lhes parecem as noites que passam nos braços das prostitutas ou (5) entregues ao vinho! Daí também resulta o delírio dos poetas, que nutrem os descaminhos dos homens com ficções nas quais se mostra Júpiter, inebriado do desejo de coito, duplicando a duração da noite. Que outra coisa é, senão inflamar nossos vícios, quando os imputamos aos deuses e se concede a deferência da divindade a um exemplo de fraqueza? Podem estes não achar muito curtas as noites pelas quais pagam tão caro? Perdem o dia na espera da noite, a noite, de medo da aurora.

17 — 1: Seus próprios prazeres são desassossegados e agitados por vários terrores e, mesmo em meio à maior euforia, assalta-lhes o inquieto pensamento: “até quando, tudo isto?” Por causa desse sentimento, os reis lamentaram seu poderio, e a grandeza de sua fortuna não lhes era grata, mas aterrorizaram-se com o fim que um dia lhes adviria. O mais insolente dos reis da Pérsia, ao ver seus exércitos espalhados por vastos espaços de terra, de modo que nem podia abarcar seu número, mas apenas a extensão, desfez-se em lágrimas

REFLEXÕES XII

porque, dizia, em cem anos nenhum dentre tão grande (2) número de jovens haveria de estar vivo. Mas ele próprio, que chorava, estava prestes a apressá-los para aquele destino, fazendo perecer uns no mar, outros em terra, uns no combate, outros na retirada, e dentro de pouco tempo haveria de exterminar aqueles por quem temia (3) o centésimo ano.

Qual o motivo de também suas alegrias serem temerosas? É que não brotam de causas sólidas; pelo contrário, o próprio vazio de onde nascem perturba-as. E como pensas serem aqueles momentos (miseráveis, segundo sua própria confissão), já que os próprios motivos pelos quais são exaltados e se (4) colocam acima dos homens são muito impuros? Todos os maiores bens estão cheios de ansiedade, e as maiores fortunas são as menos dignas de crédito; para alimentar a felicidade, faz-se necessária outra felicidade, e em paga a uma promessa realizada, outras promessas devem ser feitas. Pois tudo o que nos sucede por obra do acaso é instável, e quanto mais alto nos elevamos, tanto mais estamos sujeitos a cair. É claro que o que está condenado a cair não agrada a ninguém. Portanto, é necessariamente a mais miserável e não apenas a mais breve, a vida dos que obtêm com grande esforço algo que conservam com um esforço ainda (5) maior. Em meio a grandes labutas, conseguem o que desejam e ansiosos conservam o que conseguiram; entretanto não têm consciência de que o tempo nunca mais há de voltar. Novas ocupações seguem-se às antigas; a esperança suscita esperança; a ambição, ambição. Não procuram um fim às misérias, mas mudam seu assunto. Nossos cargos nos atormentam? Os dos outros nos tomarão mais tempo. Cessamos de fatigar-nos como candidatos? Começamos novamente como partidários. Renunciamos ao estorvo de

REFLEXÕES XII

acusar? Apresenta-se-nos o de julgar. Deixa de ser juiz? É feito pretor. Envelheceu como administrador de (6) propriedades alheias? Ocupa-se agora com sua riqueza. As vestes guerreiras deram folga a Mário? O consulado não lhe dá sossego. Cincinato apressa-se a escapar do cargo ditatorial? Será novamente chamado do arado. Cipião ainda muito jovem para uma tarefa de tal envergadura, combaterá os cartagineses; vencedor de Aníbal, vencedor de Antíoco, orgulho de seu consulado e garantia do de seu irmão, seria colocado ao lado de Júpiter, não fosse sua intervenção pessoal. As guerras civis perseguirão este salvador da pátria e, tendo sido na juventude honrado como um deus, já velho deleitar-se-á apenas com o desejo de um altivo exílio. Nunca faltarão motivos de inquietação, quer na prosperidade, quer na miséria: a vida será dilacerada entre as ocupações; o ócio sempre desejado, nunca obtido.

18 — 1: Portanto, meu caro Paulino, aparta-te da multidão e, já bastante acossado pela duração de tua existência, não te afastes de um porto mais tranquilo. Pensa quantas vagas já te acometeram, quantas tempestades, de uma parte, já suportaste na vida particular, quantas, de outra, suscitaste contra ti na vida pública. Teu valor já foi suficientemente testado, em fatigantes e atormentadas provas, o teu valor: tenta ver o que pode realizar no ócio. A maior parte de tua vida, e certamente a melhor, foi dada à República, toma (2) também para ti um pouco de teu tempo. Não te convoco a um retiro indolente e inativo, nem a afogar todo o teu vigoroso caráter no sono ou nos prazeres caros à multidão: isso não é estar em sossego. Encontrarás tarefas maiores que todas as que cumpriste devotadamente até aqui, as quais executarás no retiro e livre de (3) preocupações. Com efeito, tu administras

REFLEXÕES XII

as contas do mundo tão desinteressadamente como as alheias, tão diligentemente como as tuas, tão escrupulosamente como as do Estado. Conquistas a estima num cargo onde é difícil evitar o rancor, contudo, acredite-me, é mais proveitoso fazer a conta de teus anos do que as (4) do trigo do Estado. Este teu vigor de ânimo, capaz das maiores coisas, desvia-o de um cargo, sem dúvida, honroso, mas pouco adequado para tornar uma vida feliz; e lembra-te de que não foste educado desde os mais tenros anos nos estudos liberais para que alqueires de trigo te fossem confiados: esperaste algo maior e mais alto. Não faltarão homens de sobriedade comprovada e atividade laboriosa.

Jumentos laboriosos são mais aptos a carregar fardos do que cavalos de raça, e quem jamais oprimiu a excelente ligeireza deles com (5) pesadas cargas? Além disso, refletete quantas preocupações não tens ao assumir tanta responsabilidade. Tu lidas com os ventres dos homens! O povo esfaimado não dá ouvidos à razão, não se aplaca pela moderação, nem se dobra a nenhum argumento. Muito recentemente, naqueles poucos dias após a morte de César, diz-se que ele se indignou muitíssimo (se há ainda algum sentimento nos infernos), porque sabia que o povo romano lhe sobrevivia e ainda lhes restavam provisões para sete ou oito dias! E, enquanto ele construía pontes de navios e divertia-se com as forças do Império, estava às nossas portas o pior dos males, até mesmo para os sitiados: a falta de alimentos. Seu infeliz desejo de imitar um rei arrogante, estrangeiro e louco, quase custou à cidade a miséria e a fome, e o (6) que se segue à fome, a ruína de tudo. E então qual não era o estado de espírito daqueles a quem eram confiados os cuidados com o trigo público, e que tinham de enfrentar pedra, ferro, fogo e o próprio Calígula?

REFLEXÕES XII

Com a maior dissimulação, encobriam um tão grande mal incrustado nas vísceras do Estado — e digo que o faziam com razão! Pois algumas doenças devem ser curadas sem que os pacientes as conheçam: a muitos, o conhecimento de sua doença foi a causa da morte.

19 — 1: Recolhe-te a estas coisas mais tranquilas, mais seguras, melhores! Acaso tu pensas serem o mesmo estas duas coisas: cuidar que o trigo seja transportado ao celeiro, intacto e a salvo da fraude ou negligência dos carregadores, que não se estrague pela fermentação, que esteja bem seco, que seu peso e medida confirmem, e elevar-se às coisas sagradas e sublimes para conhecer qual é a substância de deus, seu prazer, sua condição, sua forma, que destino aguarda tua alma, que lugar a Natureza nos destina após nos separarmos do corpo, qual a razão por que ela mantém os corpos mais pesados no centro do universo, suspende os altos às regiões altas, eleva o fogo à mais alta, impele as estrelas às suas trajetórias e ainda outras coisas cheias de notáveis (2) maravilhas? Abandona o solo e volta-te a esses estudos! Agora, enquanto o sangue ferve, deve-se ir, com determinação, para o melhor.

Grande número de bons conhecimentos te esperam neste gênero de vida: o amor e a prática das virtudes, o esquecimento das paixões, o saber viver e morrer, enfim, uma grande tranquilidade. (3) A condição de todos os ocupados é miserável, contudo a mais miserável é a daqueles que nem se molestam com suas próprias ocupações, que regulam seu sono pelo alheio, que caminham segundo as passadas de outro e que estão sob ordens, mesmo nas mais livres das coisas: amar

REFLEXÕES XII

e odiar. Estes, se quiserem saber quão breve é a vida, que considerem quão insignificante é a parte que lhes cabe.

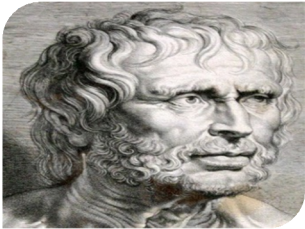
20 — 1: Portanto, quando vires frequentemente uma toga pretexta ou um nome célebre no fórum, não o invejes: essas coisas são adquiridas ao custo da vida. Para ligar seu nome a um único ano, consumirão todos os seus anos. A uns, a vida abandonou logo nas primeiras etapas, antes que tivessem atingido as alturas ambicionadas; a outros, após terem galgado o cume das honras por intermédio de mil desonestidades, sobrevém o triste pensamento: “ter trabalhado tanto por uma inscrição num túmulo!” Enquanto estavam dispostos para novas esperanças como na mocidade, a extrema velhice de alguns, já incapaz, frustrou-lhes os grandes e insaciáveis (2) esforços.

Vergonha daquele que, já de idade avançada e querendo obter aplausos de um público ignorante, num processo de litigantes desconhecidos, perde seu fôlego; desgraçado o que, esgotado mais por causa de sua vida do que por causa de seu trabalho, sucumbe em meio aos seus próprios deveres; desgraçado o que morre recebendo suas contas sob o riso do herdeiro longamente (3) deserddado.

Não posso omitir um último exemplo que me ocorre: São Turanio foi um velho de comprovada diligência, que, depois de completar noventa anos, como fosse dispensado de seu cargo por César sem que tenha solicitado, ordenou que o colocassem em seu leito e que a família, que se reuniu em torno dele como se estivesse morto, o pranteasse. A casa lamentava o ócio de seu velho senhor, e a tristeza não terminou antes que o cargo (4) lhe fosse restituído.

REFLEXÕES XII

É tão bom assim, morrer ocupado? O mesmo estado de espírito manifesta-se em muitos, o desejo de trabalhar perdura mais que a capacidade, lutam contra a fraqueza do corpo e julgam penosa a velhice, por nenhuma outra razão senão porque ela os põe de lado. A lei não mobiliza um soldado nos seus cinquenta anos, nem convoca um senador nos sessenta; os homens obtêm com mais dificuldade folga de si (5) mesmos do que da lei. Entrementes, enquanto roubam e são roubados, enquanto um arrebatava o repouso de outro, enquanto tornam-se mutuamente miseráveis, sua vida é sem proveito, sem prazeres, sem nenhum aperfeiçoamento intelectual. Ninguém tem a morte à vista, todos estendem suas esperanças ao longe, alguns chegam até mesmo a tomar disposições com relação a coisas que estão além de suas vidas: enormes túmulos, dedicatórias de serviços públicos, dádivas junto de suas piras funerárias e pomposas exéquias. Mas, por Hércules, seus funerais deveriam ser conduzidos à luz de tochas e círios, como se tivesse vivido pouquíssimo! ●



Lúcio Aneu Sêneca ou Sêneca (4 a.C.-65 d.C) foi um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano.

Fé na Verdade

Daniel Dennett

A matemática é a única religião que pode demonstrar que é uma religião. Paul Barrow

1. É a ciência uma religião?

É a matemática realmente uma religião? E a ciência? Hoje em dia ouve-se muitas vezes dizer que a ciência é “apenas” mais uma religião. Há algumas semelhanças interessantes. A ciência oficial, tal como a religião oficial, tem as suas burocracias e hierarquias entre funcionários, as suas instalações grandiosas e esotéricas sem qualquer utilidade aparente para os leigos, as suas cerimônias de iniciação. Tal como uma religião decidida a alargar a sua congregação, a ciência tem uma enorme falange⁹ de missionários — que não se chamam a si mesmos missionários, mas professores.

Eis uma fantasia engraçada: um observador mal informado presencia o trabalho de equipe, intrincado e formal, necessário para preparar uma pessoa para a parafernália esotérica de uma tomografia axial computadorizada — um exame T.A.C. — e supõe tratar-se de uma cerimônia religiosa, um sacrifício ritual, porventura, ou a investidura de um novo arcebispo.

Mas estas semelhanças são superficiais. E quanto às semelhanças mais profundas que têm sido defendidas? A ciência, tal como a religião, tem as suas ortodoxias e as suas heresias, não tem? Não é afinal a crença no poder do método científico um credo, tal como os credos religiosos, no sentido em que em última análise é de uma questão de fé, tão incapaz

⁹ **Falange**: agrupamento de pessoas; legião, multidão.

REFLEXÕES XII

de confirmação independente ou fundamento racional como qualquer outro credo religioso? Repare-se que a pergunta ameaça autodestruir-se: ao contrastar a fé com a confirmação independente e com o fundamento racional, negando que a ciência como um todo possa usar os seus próprios métodos para assegurar o seu próprio triunfo, a pergunta presta homenagem a esses mesmos métodos. Parece existir uma assimetria curiosa: os cientistas não apelam à autoridade de quaisquer líderes religiosos quando os seus resultados são contestados, mas muitas religiões atuais adorariam poder garantir o aval da ciência. Algumas dessas religiões têm nomes que manifestam esse desejo: os cientistas cristãos e os cientologistas, por exemplo. Temos também uma palavra para a veneração da ciência: “cientificismo”. Acusam-se de cientificismo aqueles cuja atitude entusiástica perante as proclamações da ciência é muito semelhante às atitudes do devoto: em vez de ser cauteloso e objetivo, tem uma postura de adoração, é acrítico ou até fanático.

Se o *summum bonum* ou máximo bem dos cientistas é a verdade, se os cientistas fazem da verdade o seu Deus, como já foi defendido, não será esta uma atitude tão situada quanto o culto de Jeová, de Maomé, ou do Anjo Moroni? Não, a nossa fé na verdade é, verdadeiramente, a nossa fé na verdade — uma fé partilhada por todos os membros da nossa espécie, mesmo que exista grande divergência nos métodos admitidos para obtê-la. A assimetria acima referida é real: a fé na verdade tem uma primazia que a distingue de todas as outras fés.

2. O primado da verdade

Neste preciso momento, há bilhões de organismos neste planeta a jogar às escondidas. Mas para eles não se trata

REFLEXÕES XII

apenas de um jogo. É uma questão de vida ou de morte. Não se enganarem, não cometerem erros, tem sido de uma importância primordial para todos os seres vivos deste planeta desde há mais de 3 bilhões de anos; por isso, estes organismos desenvolveram milhares de formas diferentes de descobrir como é o mundo em que vivem, distinguindo os amigos dos inimigos, os alimentos dos companheiros e ignorando, em grande medida, o resto. É para eles importante não estarem mal informados acerca destas matérias — mas, regra geral, não se dão conta disto. Eles são os beneficiários de um equipamento delicadamente concebido para captar bem o que interessa, mas quando o seu equipamento funciona mal e capta as coisas mal, não têm, regra geral, recursos para se darem conta disto, quanto mais para o lamentarem. Eles limitam-se a prosseguir, inconscientemente. A diferença entre a aparência e a realidade das coisas é um hiato tão fatal para eles quanto o pode ser para nós, mas eles não se apercebem, em grande medida, disso.

O reconhecimento da diferença entre a aparência e a realidade é uma descoberta humana. Algumas das outras espécies (alguns primatas, alguns cetáceos, talvez até algumas aves) reconhecem, aparentemente, o fenômeno da “crença falsa” — o engano. Mostram alguma sensibilidade aos erros dos outros e talvez até alguma sensibilidade aos seus próprios erros enquanto erros, mas não têm a capacidade de reflexão necessária para refletir nesta possibilidade, razão pela qual não podem usar esta sensibilidade para conceber deliberadamente correções ou aperfeiçoamentos nos seus próprios instrumentos de busca e dissimulação. Esse tipo de superação do hiato entre a aparência e a realidade é um ardil que só nós, os seres humanos, dominamos.

REFLEXÕES XII

Somos a espécie que descobriu a dúvida. A comida armazenada será suficiente para o inverno? Terei feito os cálculos mal? Estará a minha companheira a enganar-me? Deveríamos ter ido para Sul? Será seguro entrar nesta caverna? As outras criaturas são muitas vezes visivelmente inquietadas pelas suas próprias incertezas acerca destas mesmas questões, mas, porque não podem, na verdade, colocar a si mesmas estas perguntas, não podem articular, perante si próprias, os seus dilemas, nem tomar medidas para aperfeiçoar o seu controle da verdade. Estão encurraladas num mundo de aparências, fazendo com elas o melhor que podem, raramente se preocupando (se é que alguma vez o fazem) com a questão de saber se as aparências correspondem à realidade.

Só nós podemos ser arruinados pela dúvida e só nós fomos impelidos por essa inquietação epistêmica¹⁰ a procurar uma cura: melhores métodos de procurar a verdade. Ao desejar um conhecimento mais adequado das nossas reservas de comida, dos nossos territórios, famílias e inimigos, descobrimos os benefícios de falar sobre isso com os outros, de fazer perguntas e de transmitir conhecimentos: inventamos a cultura. Depois, inventamos a medição e a aritmética, os mapas e a escrita. Estas inovações nas áreas da comunicação e do registro arrastam já consigo um ideal: a verdade. O sentido de fazer perguntas é encontrar respostas verdadeiras; o sentido da medição é medir de forma precisa; o sentido de produzir mapas é encontrar o caminho para o nosso destino.

¹⁰ **Episteme**: na filosofia grega, esp. no *platonismo*, o conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada ou irrefletida.

REFLEXÕES XII

Pode existir uma Ilha dos Daltônicos (para usar a enorme dose habitual de liberdade poética de Oliver Sacks), mas não uma Ilha das Pessoas Que Não Reconhecem os Seus Próprios Filhos. A Terra dos Mentirosos só poderá existir nos enigmas dos filósofos; não há tradições de Sistemas de Calendários Falsos para registrar erradamente a passagem do tempo. Em suma, é evidente que o objetivo da verdade existe em todas as culturas humanas.

Na verdade, o dizer não faria realmente sentido sem o ideal da verdade. Mas assim que o dizer a verdade foi inventado, descobriram-se igualmente formas de explorar este pressuposto: sobretudo, a mentira. Como Talleyrand cinicamente afirmou em tempos, a linguagem foi inventada para poder esconder os nossos pensamentos uns dos outros. Dizer a verdade é, e tem de ser, o pano de fundo de toda a comunicação genuína, incluindo a mentira. Afinal, o dolo só funciona quando aquele que pretende enganar tem a reputação de dizer a verdade. A adulação não conduziria a nada sem o pressuposto inicial de dizer a verdade: arrulhar como uma pomba ou grunhir como um porco teriam as mesmas probabilidades de captar as boas graças de alguém.

O mundo dos animais não humanos descobriu muitas vezes a possibilidade da publicidade falsa. Onde existem espécies venenosas, avisando os possíveis predadores com as suas cores brilhantes, existem muitas vezes espécies não venenosas que imitam estas cores brilhantes, obtendo assim proteção barata graças à prática do engano. Mas aqueles que fazem às vezes de mentirosos entre os animais descobriram também uma forma de fazer valer a verdade: o princípio de Zahavi.

REFLEXÕES XII

Como defendeu o biólogo Amotz Zahavi, só a publicidade cara mostra claramente a sua credibilidade porque não pode ser imitada. Por exemplo, na competição do acasalamento os pretendentes com chifres incômodos, caudas de pavão ou outras desvantagens óbvias estão na realidade a dizer: “sou tão bom que posso suportar estes custos enormes e, mesmo assim, sobreviver”. Quem quiser competir é obrigado a sustentar estes custos extravagantes, senão fica sem acasalar. Assim, as espécies não humanas são muitas vezes conduzidas pelo caminho que conduz diretamente ao verídico; entre os animais, somos os únicos a apreciar a verdade por si mesma. E, graças à ciência que criamos ao procurar a verdade, somos também os únicos que podemos ver por que razão a verdade, apesar de não ser admirada ou até mesmo concebida, é um ideal que constrange as atividades perceptivas e comunicativas de todos os animais.

Nós, seres humanos, usamos as nossas capacidades comunicacionais não apenas para dizer a verdade, mas também para fazer promessas e ameaças, para regatear e contar histórias, para divertir, mistificar e originar transe hipnóticos ou, simplesmente, para brincar — mas a rainha de todas estas atividades é a de dizer a verdade, e foi para esta atividade que inventamos utensílios cada vez melhores. Juntamente com os nossos utensílios para a agricultura, a construção, a guerra e o transporte, criamos uma tecnologia da verdade: a ciência.

3. A ciência como a tecnologia da verdade

Tente desenhar uma linha reta, ou um círculo, “à mão”. A não ser que tenha um talento artístico considerável, o resultado não será grande coisa. Mas com uma régua e um compasso,

REFLEXÕES XII

por outro lado, poderá eliminar praticamente as fontes da instabilidade humana e obter um resultado satisfatório, limpo e objetivo, sempre igual.

É a linha realmente reta? Quão reta? Em resposta a estas questões desenvolvemos testes cada vez mais precisos, seguidos de testes da precisão desses testes, e assim por diante, consolidando o nosso progresso em direção a uma cada vez maior precisão e objetividade. Os cientistas são tão vulneráveis ao raciocínio caprichoso, tão passíveis de serem tentados por motivos baixos, tão subornáveis, crédulos e desleixados como o resto da humanidade. Os cientistas não se consideram santos; nem sequer fingem ser sacerdotes (de quem, de acordo com a tradição, se espera melhores resultados do que os obtidos por todos nós na luta contra a tentação e a fraqueza moral). Os cientistas acham-se tão fracos e falíveis quanto qualquer outra pessoa, mas ao reconhecer essas mesmas fontes de erro em si mesmos e nos grupos a que pertencem, conceberam complicados sistemas para atar as suas próprias mãos, impedindo energicamente que as fragilidades morais e os preconceitos contaminem os seus resultados.

Não são apenas os instrumentos, os utensílios físicos próprios da atividade, que foram concebidos para resistir ao erro humano. A organização dos métodos está também sob pressão da seleção rigorosa a favor de cada vez mais fidedignidade e objetividade. O exemplo clássico é a experiência na qual nem as pessoas sujeitas ao teste nem os próprios cientistas que fazem o teste sabem quem está a tomar o fármaco que se pretende testar e quem está a tomar uma substância inativa, de maneira a que nenhuns desejos e pressentimentos

REFLEXÕES XII

subliminares possam influenciar a percepção dos resultados. A concepção estatística quer das experiências individuais quer de conjuntos de experiências faz assim parte da prática geral de tentativas de rotina nas quais investigadores independentes procuram reproduzir essas experiências, o que por sua vez faz parte de uma tradição — imperfeita, mas reconhecida — de publicação dos resultados positivos e negativos.

O que inspira a fé na aritmética é o fato de centenas de escrevinhadores, trabalhando independentemente no mesmo problema, chegarem todos à mesma resposta (excetuando aqueles poucos cujos erros podem ser encontrados e identificados de forma pacífica para todos). Esta objetividade incomparável encontra-se também na geometria e nos outros ramos da matemática, que desde a antiguidade tem sido o próprio modelo do conhecimento positivo, em oposição ao mundo do fluxo e da controvérsia. No diálogo Ménon, de Platão, Sócrates e o escravo descobrem em conjunto um caso especial do teorema de Pitágoras. O exemplo de Platão exprime o reconhecimento claro de um cânone¹¹ de verdade ao qual todos os que procuram a verdade devem aspirar; um cânone que não só nunca foi seriamente desafiado, mas que foi tacitamente aceito — e no qual, na verdade, se confia fortemente, mesmo em casos de vida ou de morte — pelos mais vigorosos oponentes da ciência. (Ou conhece o leitor alguma igreja que controle o seu rebanho, e os seus donativos, sem o benefício da aritmética?)

Sim, mas a ciência quase nunca parece assim tão incontroversa, tão consolidada, como a aritmética. Na

¹¹ **Cânone:** maneira de agir; modelo, padrão.

REFLEXÕES XII

verdade, as facções científicas rivais envolvem-se muitas vezes em batalhas de “evangelização” tão ferozes quanto as que encontramos na política, ou até mesmo nos conflitos religiosos. A exaltação com que alguns defensores da ortodoxia científica defendem muitas vezes as suas doutrinas contra os heréticos não tem, provavelmente, paralelo noutras áreas do combate retórico entre os seres humanos. Esta competição pela popularidade — e, claro, pelos financiamentos — são concebidas para captar a atenção e, se forem bem executadas, conseguem-no. O efeito secundário disto é desviar a atenção do imenso pano de fundo incontestado de qualquer ciência para a guerra travada nas suas orlas — e é esse imenso pano de fundo que dá às suas orlas tanta força. O que é assumido por todos, nestas acaloradas desavenças, é uma coleção enciclopédica e organizada de fatos científicos banais, com os quais todos concordam.

Robert Proctor chama acertadamente a nossa atenção para uma distinção entre a neutralidade e a objetividade. Os geólogos sabem muito mais sobre xistos petrolíferos do que acerca de outras rochas — por razões económicas e políticas óbvias — mas o que eles sabem sobre os xistos petrolíferos é objetivo. E muito do que eles aprendem sobre os xistos petrolíferos pode ser generalizado a outras rochas menos favorecidas. Queremos que a ciência seja objetiva; mas não devemos desejar que a ciência seja neutra. Os biólogos sabem muito mais sobre a mosca da fruta, *Drosophila*, do que sabem acerca de outros insetos — não porque se possa enriquecer à custa das moscas da fruta, mas porque é mais fácil saber coisas acerca das moscas da fruta do que acerca da maioria das outras espécies. Os biólogos sabem também muito mais

REFLEXÕES XII

sobre mosquitos do que sobre outros insetos — neste caso porque os mosquitos são mais prejudiciais para as pessoas do que outras espécies que seriam muito mais fáceis de estudar.

As razões para concentrar a atenção na ciência são variadas, e todas elas concorrem para fazer com que os rumos da investigação estejam longe de ser neutras; mas essas razões não fazem, geralmente, com que a ciência seja menos objetiva. Às vezes, é verdade, um ou outro preconceito conduz à violação dos cânones do método científico. Estudar o padrão de certa doença nos homens, por exemplo, ao mesmo tempo em que se negligencia a recolha de dados sobre a mesma doença nas mulheres, não é algo que se limita a não ser neutra; é má ciência, tão indefensável em termos científicos como em termos políticos.

Os métodos da ciência não são completamente seguros, mas podem ser constantemente aperfeiçoados. E o que é igualmente importante: existe uma tradição de crítica que obriga ao aperfeiçoamento sempre que se descobrem defeitos, e seja onde for que se descubram defeitos. Os próprios métodos da ciência, tal como tudo o que existe, são objeto do escrutínio científico, transformando-se os métodos em metodologia, a análise dos métodos. A metodologia, por seu turno, fica debaixo do olhar da epistemologia, a investigação da própria investigação — não há nada que escape ao questionamento científico. A ironia é que estes frutos da reflexão científica, que nos mostram as manchas indeléveis da imperfeição, são por vezes usadas por quem desconfia da ciência como pontos de partida para negarem a esta um estatuto privilegiado na área da procura da verdade — como se as instituições e práticas que eles tomam

REFLEXÕES XII

como concorrentes da ciência não estivessem ainda em pior posição no que respeita a estas matérias. Mas onde estão os exemplos do abandono da ortodoxia religiosa face a provas irresistíveis? Na ciência, as heresias de ontem tornaram-se vezes e vezes sem conta as novas ortodoxias de hoje. Nenhuma religião exhibe este padrão evolutivo ao longo da sua história.

Que diferença existente nestas instituições pode explicar este fato? Trata-se, claramente, do impulso fornecido pela fé que os cientistas depositam na verdade. Considerem-se os diagramas de Richard Feynman da eletrodinâmica quântica, por exemplo. Quando os vi pela primeira vez, pareceram-me uma espécie de numerologia, uns guias da verdade grotescamente improváveis, mais parecidos com deitar cartas de *tarot* ou deitar sortes do que com ciência. Parecia estranho que um processo tão bizarro pudesse gerar a verdade; mas, na realidade, funciona: e pode compreender-se por que motivo funciona (com esforço!). E porque funciona, e porque pode demonstrar-se que funciona, gerando resultados de uma precisão e constância eptosas, foi aceito como parte do método científico ortodoxo. E se se conseguisse provar que deitar sortes, ou a astrologia, geram resultados de uma precisão análoga, também estas práticas poderiam ser acomodadas na ciência ortodoxa, juntamente com uma teoria que explicasse por que razão funcionam.

Mas é claro que esses métodos nunca foram legitimados. Os cientistas têm fé na verdade, mas não uma fé cega. Não é como a fé que os pais têm na honestidade dos seus filhos, ou a fé que os adeptos desportivos têm na capacidade dos seus heróis para ganhar. É antes como a fé que qualquer pessoa pode ter num

resultado a que vários grupos de pessoas chegaram de forma independente.

4. Epistemologia: tentar dizer a verdade acerca da verdade

A investigação reflexiva última acerca da investigação ocorre no ramo da filosofia conhecido como epistemologia, a teoria do conhecimento. Também aqui as controvérsias existentes nas margens criaram um efeito nocivo, uma distorção que muitas vezes conduziu a interpretações erradas. Ao concordar que a verdade é um conceito muito importante, os epistemólogos tentaram dizer exatamente o que é a verdade — sem se despistarem. Perceber o que é verdade acerca da verdade, contudo, acabou por se revelar uma tarefa difícil, tecnicamente difícil, uma tarefa na qual as definições e as teorias que parecem à primeira vista inocentes conduzem a complicações que rapidamente fazem o teórico enredar-se em doutrinas duvidosas. A nossa estimada e conhecida amiga, a verdade, tende a transformar-se na Verdade — com V maiúsculo —, um conceito inflacionado de verdade que de fato não pode ser defendido.

Eis um dos caminhos que conduzem à dificuldade: suponhamos que o conhecimento não é nada senão acreditar justificadamente em proposições verdadeiras. Suponhamos, além disso, que as proposições verdadeiras, ao contrário das falsas, exprimem fatos. O que são os fatos? Quantos fatos existem? (Tom, Dick e Harry estão sentados numa sala. Eis um fato. Mas para além de Tom, Dick e Harry, da sala onde estão sentados e do que lhes serve de assento, parece que temos um sem-fim de outros fatos: Dick não está de pé, não existe qualquer cavalo que esteja a ser montado por Tom, e

REFLEXÕES XII

assim por diante, *ad infinitum*. Precisaremos realmente admitir uma infinidade de outros fatos juntamente com o pouquíssimo equipamento deste pequeno mundo?)

Já existiam fatos antes de existirem aqueles que os procuram, ou são antes os fatos como as frases verdadeiras (inglesas, francesas, latinas etc.), cuja existência teve de aguardar que se criassem as línguas humanas? São os fatos independentes das mentes daqueles que acreditam nas proposições que os exprimem? Correspondem as verdades aos fatos? A que correspondem então as verdades da matemática, se é que correspondem a algo? As categorias começam a multiplicar-se, não emergindo nenhuma teoria unificada, óbvia e consensual sobre a verdade. Os cétricos, vendo as armadilhas que parecem rodear qualquer versão da verdade, absoluta ou transcendental, argumentam a favor de versões mais moderadas, mas os seus adversários contra-argumentam, mostrando as imperfeições das tentativas rivais de chegar a uma teoria aceitável. Reina a controvérsia sem fim.

Esta investigação modesta, mas por vezes brilhante, do próprio significado da palavra "verdade" tem tido algumas consequências perniciosas. Algumas pessoas pensaram que os argumentos filosóficos que mostram a situação desesperada das doutrinas inflacionadas da verdade mostraram que, na realidade, a própria verdade não era algo digno de apreço ou sequer passível de ser alcançado. "Desistam!", parecem essas pessoas dizer. A verdade é um ideal inalcançável e insensato. Aqueles que buscam uma doutrina da verdade aceitável e defensável parecem estar a agarrar-se a um credo ultrapassado, dando crédito a uma religião que não conseguem fundamentar pelos métodos da própria ciência. A

REFLEXÕES XII

epistemologia começa a parecer-se com um jogo de idiotas — mas apenas porque os seus observadores esquecem tudo aquilo que ambos os lados aceitam acerca da verdade. Os efeitos desta visão distorcida podem ser perturbadores.

Quando era um jovem assistente de filosofia, recebi uma vez uma visita de um colega do Departamento de Literatura Comparada, um elegante e eminente teórico literário que precisava de ajuda. Senti-me lisonjeado por ele me ter procurado e fiz o melhor que pude para corresponder ao pedido, mas fiquei, estranhamente, perplexo com o sentido geral das suas perguntas acerca de vários tópicos filosóficos.

Durante muito tempo não chegamos a lado nenhum, até que ele conseguiu tornar claro o que desejava. Ele queria “uma epistemologia”, afirmou. Uma epistemologia. Todos os teóricos literários dignos desse nome tinham, ao que parece, de exhibir uma epistemologia naquela temporada, sem a qual ele se sentia nu, de maneira que tinha vindo ter comigo em busca de uma epistemologia que pudesse usar — ele tinha a certeza que isso estava na moda e queria por isso o *dernier cri* em epistemologia. Não lhe interessava que fosse sólida, defensável, nem (como se poderia muito bem dizer) verdadeira; só tinha de ser nova e diferente e com estilo. Usa os acessórios certos, meu caro amigo, senão ninguém vai reparar em ti na festa.

Nesse momento percebi que existia entre nós um abismo que até àquele momento não tinha claramente compreendido. Primeiro, pensei tratar-se unicamente do abismo entre a seriedade e a frivolidade. Mas a minha vaga inicial de orgulho na minha própria integridade era, de fato, uma reação ingênua. O meu sentimento de ultraje, o meu sentimento de

REFLEXÕES XII

que tinha desperdiçado o meu tempo com o bizarro projeto deste homem era, à sua própria maneira, tão pouco sofisticado como a reação de alguém que, ao assistir pela primeira vez a uma peça de teatro, irrompe pelo palco para proteger a heroína do vilão. “Não estás a ver?”, perguntamos, incrédulos. “É um faz-de-conta. É arte. Não é suposto ser tomado literalmente!” Neste contexto, a demanda deste homem não era afinal tão vergonhosa quanto isso. Eu não teria ficado ofendido se um colega do Departamento de Teatro me tivesse pedido alguns metros de livros para colocar nas prateleiras do cenário para a sua produção da peça *Jumpers*, de Tom Stoppard, pois não? Que mal haveria em abastecer este amigo com uma série de vistosas doutrinas epistemológicas escandalosas, com as quais ele poderia excitar ou confundir os seus colegas?

O que seria errado, uma vez que ele não se dava conta do abismo, não reconhecendo sequer a sua existência, seria o fato de a minha concordância com a sua pândega consumista contribuir para o aviltamento de um bem precioso e para a erosão de uma distinção valiosa. Muitas pessoas, incluindo, quer os espectadores quer os participantes, não se dão conta deste abismo, ou negam ativamente a sua existência; e é aí que está o problema. O que é triste nisto tudo é que em alguns círculos intelectuais, habitados por alguns dos nossos pensadores mais avançados nas artes e nas humanidades, esta atitude passa por ser uma sofisticada apreciação da futilidade da demonstração e da relatividade de todas as afirmações de conhecimento. Na verdade, esta opinião, longe de ser sofisticada, é o cúmulo da ingenuidade inconsciente, só possível graças à ignorância grosseira dos métodos já demonstrados de procura científica da verdade, assim como

REFLEXÕES XII

do seu poder. Como muitos outros ingênuos, estes pensadores, ao refletirem na manifesta insuficiência dos seus métodos de procura da verdade para atingir resultados estáveis e valiosos, generalizam inocentemente a partir dos seus próprios casos, concluindo que mais ninguém sabe como descobrir a verdade.

Entre os que contribuem para este problema está, lamento dizê-lo, um anterior orador nas Conferências da Amnistia de Oxford, o meu bom amigo Dick Rorty. Rorty e eu temos vindo a discordar construtivamente desde há mais de um quarto de século. Penso que cada um de nós ensinou muito ao outro, por meio do processo recíproco de polir as nossas discordâncias mútuas. Não há outro filósofo contemporâneo com quem tenha aprendido mais. Rorty abriu os horizontes da filosofia contemporânea, mostrando de forma perspicaz a nós, filósofos, muito acerca do modo como os nossos próprios projetos têm resultado dos projetos filosóficos do passado distante e recente, ao mesmo tempo em que corajosamente descreve e prescreve rumos futuros. Mas não concordamos de maneira nenhuma — por enquanto — no que respeita à sua tentativa, ao longo dos anos, de mostrar que os debates dos filósofos acerca da Verdade e da Realidade eliminam de fato o abismo, permitem de fato a derrapagem para uma forma de relativismo. No fim de contas, diz-nos Rorty, tudo são apenas “conversas”, restando apenas bases políticas ou históricas ou estéticas para assumir um ou outro papel numa conversa que continua.

Rorty tem tentado muitas vezes fazer-me alinhar na sua campanha, declarando poder encontrar na minha própria obra um ou outro *insight* explosivo que o ajudaria no seu projeto de destruir o ilusório edifício da objetividade. A passagem com

REFLEXÕES XII

que termino o meu livro **Consciousness Explained** (1991) é uma das suas favoritas:

Trata-se apenas de uma guerra de metáforas, poderá dizer-se — mas as metáforas não são “apenas” metáforas; as metáforas são instrumentos do pensamento. Ninguém pode pensar acerca da consciência sem instrumentos, por isso é importante equiparmo-nos com os melhores instrumentos possíveis. Repare-se no que construímos com os nossos instrumentos. Poderíamos nós imaginar tudo isto sem eles? [pág. 455]

“Gostaria”, afirma Rorty, “que ele tivesse dado mais um passo e que tivesse acrescentado que esses instrumentos são tudo o que a investigação pode alguma vez fornecer, porque a investigação nunca é ‘pura’ no sentido do ‘projeto de investigação pura’ de [Bernard] Williams. A investigação é sempre uma questão de alcançar algo que queremos.” (“**Holism, Intrinsicity, Transcendence**”, in Dahlbom, org., Dennett and his Critics. 1993) Mas eu nunca daria tal passo, pois apesar de as metáforas serem de fato instrumentos de pensamento insubstituíveis, não são os únicos instrumentos insubstituíveis. Os microscópios e a matemática e os *scanners* de IMR (imagem por ressonância magnética) são alguns dos outros. Sim, toda a investigação é uma questão de alcançar o que queremos: a verdade acerca de algo que nos interessa, se as coisas forem como devem ser.

Quando os filósofos discutem acerca da verdade estão a discutir acerca de como não inflacionar a verdade acerca da verdade, transformando-a na Verdade acerca da Verdade — uma doutrina absolutista que faça exigências indefensáveis aos nossos sistemas conceituais. A este respeito, a discussão é análoga aos debates sobre a realidade do tempo, por exemplo,

REFLEXÕES XII

ou sobre a realidade do passado. Existem investigações filosóficas sofisticadas e meritórias sobre a questão de saber se, se formos precisos, o passado será real. As opiniões dividem-se, mas estará enganado quem pensar que se rejeitam afirmações como as seguintes:

- A vida surgiu neste planeta há mais de três mil milhões de anos.
- O Holocausto aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial.
- Jack Ruby disparou a matar sobre Lee Harvey Oswald às 11h21min da manhã, hora de Dallas, no dia 24 de novembro de 1963.

Estas são verdades sobre acontecimentos que ocorreram de fato. As suas negações são falsidades. Nenhum filósofo em seu perfeito juízo alguma vez pensou o contrário, apesar de no calor da batalha terem por vezes afirmado coisas que poderiam interpretar-se dessa maneira.

Richard Rorty merece os muitos leitores seduzidos que tem nas artes e humanidades, assim como nas ciências sociais “humanísticas”, mas quando os seus leitores o interpretam entusiasticamente como alguém que encoraja o ceticismo pós-modernista acerca da verdade, estão a precipitar-se por caminhos que ele próprio se absteve de tomar. Quando o pressiono sobre estes tópicos, ele concede a existência de um conceito útil de verdade que sobrevive a todas as corrosivas objeções filosóficas. Rorty reconhece que este prestável e modesto conceito de verdade tem os seus usos: quando queremos comparar, em termos de precisão, dois mapas da província, por exemplo, ou quando se trata de saber se o réu cometeu ou não o crime de que é acusado.

Assim, até mesmo Richard Rorty reconhece o hiato, e a importância do hiato, entre a realidade e a aparência, entre os exercícios dramáticos que podem entreter-nos sem pretenderem dizer a verdade, e aqueles que procuram, e muitas vezes conseguem, a verdade. Rorty chama a isto uma concepção “vegetariana” da verdade. Muito bem, sejamos então todos vegetarianos acerca da verdade. Em qualquer caso, os cientistas nunca quiseram ser uns carnívoros radicais.

5. A verdade pode magoar

Toda a gente deseja a verdade. Quando o leitor se interroga sobre se o seu vizinho o enganou, ou se há peixes nesta área do lago, ou para que lado deve caminhar para chegar a casa, está interessado na verdade. Mas então, se a verdade é tão maravilhosa, por que motivo existe tanto antagonismo em relação à ciência? Toda a gente aprecia a verdade; mas nem toda a gente aprecia os instrumentos científicos de procura da verdade.

Ao que parece, algumas pessoas prefeririam outros métodos mais tradicionais de alcançar a verdade: a astrologia, a adivinhação, os profetas e gurus e xamãs, o transe e a consulta de vários textos sagrados. Nestes casos, o veredicto da ciência é tão familiar que quase nem preciso repeti-lo: enquanto diversões ou exercícios de elasticidade mental, todas estas atividades têm os seus méritos, mas, enquanto métodos para procurar a verdade, nenhum deles pode competir com a ciência — um fato em geral reconhecido tacitamente pelos que defendem a sua prática alternativa favorita por meio do que afirmam ser a base científica (que outra coisa havia de ser?) dos seus poderes. Nunca encontramos um crente na comunicação com o além a procurar o apoio de uma

REFLEXÕES XII

associação de astrólogos ou de um Colégio dos Cardeais; pelo contrário: exibem-se avidamente todos os farrapos de possíveis indícios estatísticos e qualquer físico ou matemático extraviado que possa oferecer um testemunho favorável.

Mas então por que motivo há tanto pavor, se mesmo os que procuram passar palavra acerca de alternativas apelam regularmente para a ciência? A resposta é amplamente conhecida: a verdade pode magoar. Sem dúvida que pode. Isto não é uma ilusão, mas é por vezes negado ou ignorado por cientistas e outras pessoas que fingem acreditar que a verdade acima de tudo é o bem supremo. Posso facilmente descrever circunstâncias nas quais eu próprio mentiria ou omitiria a verdade para evitar o sofrimento humano.

A uma senhora idosa, no fim dos seus dias, nada resta senão as histórias dos feitos heroicos do seu filho — vai o leitor dizer-lhe a verdade quando o seu filho for preso, condenado por um crime terrível e humilhado? Não será para ela melhor deixar este mundo em ignorante serenidade? Claro que é, afirmo eu. Mas note-se que mesmo aqui temos de compreender estes casos como exceções à regra. Não poderíamos oferecer a esta mulher o conforto das nossas mentiras se mentir fosse a regra geral; ela tem de acreditar em nós quando falamos com ela.

É um fato que as pessoas não querem muitas vezes saber a verdade. E é um fato mais inquietante que as pessoas não queiram muitas vezes que os outros saibam a verdade. Mas, tentar transformar estes fatos de forma a que apoiem a ideia estúpida de que a própria fé na verdade é uma atitude humana relativa a certas culturas, situada ou em qualquer caso opcional, é confundir tudo. O pai do acusado que ouve em tribunal os testemunhos contra o seu filho, a mulher que se

REFLEXÕES XII

pergunta se o marido a anda a enganar — eles podem muito bem não querer saber a verdade, e podem ter razão em não querer saber a verdade, mas o fato é que acreditam na verdade; isso é claro. Eles sabem que a verdade está aí, para ser evitada ou abraçada, e sabem que a verdade é importante. É por isso que eles podem muito bem não querer saber a verdade. Porque a verdade pode magoar. Podem conseguir enganar-se a si mesmos, pensando que a atitude que têm nestas ocasiões perante a verdade reflete um defeito da própria verdade, assim como da própria procura e descoberta da verdade — mas se isto acontecer é puro autoengano. O máximo a que podem aspirar agarrar-se é à ideia de que podem existir boas razões, as melhores razões — no tribunal da verdade, note-se — para, por vezes, suprimir ou ignorar a verdade.

Não devíamos, então, considerar a possibilidade de suprimir, em grande escala, a verdade, protegendo assim dos seus efeitos corrosivos vários grupos em situação de risco? Pense no que acontece inevitavelmente quando a nossa cultura científica, e a sua tecnologia, é apresentada a populações que têm até agora sido poupadas às suas inovações. Que efeitos terão os telefones celulares e a MTV e o armamento de alta tecnologia (e a medicina de alta tecnologia para combater os efeitos do armamento de alta tecnologia) nos povos subdesenvolvidos do Terceiro Mundo? Sem dúvida, muitos efeitos destrutivos e penosos. Mas não temos de olhar para os artifícios eletrônicos para ver o mal que pode ser cometido. Tijs Goldschmidt, no seu fascinante livro, **Darwin's Dreampond** (1996), conta-nos os efeitos devastadores de introduzir a perca do Nilo no Lago Vitória (Uganda): a eptosa espécie de peixes ciclóstomos quase se extinguiu em apenas

REFLEXÕES XII

alguns anos, uma perda catastrófica... isto é, para os biólogos, mas não necessariamente para as pessoas que viviam nas suas margens e que podem agora completar as suas dietas de subsistência com uma nova e abundante pesca. Goldschmidt também descreve, todavia, um efeito cultural análogo: a extinção dos tradicionais cestos sukuma.

Estes cestos à prova de água eram tecidos pelas mulheres e usados nas festas religiosas como vasilhas para consumir vastas quantidades de pombe, uma cerveja de milho. [...] Os cestos eram entretecidos, em padrões geométricos de significado simbólico, com folhas de erva tingidas com manganês. Nem sempre era possível descobrir o significado dos padrões porque a introdução domazabethi — os pratos de alumínio, cujo nome deriva da rainha Isabel, introduzidos em grande escala durante o domínio britânico — foi o fim da cultura masonzo. Falei com uma mulher idosa de uma pequena aldeia que, ao fim de mais de 30 anos, estava ainda revoltada com os mazabethi [...] “*Sisi wanawake*, nós, as mulheres, costumávamos tecer cestos, sentadas em grupo, ao mesmo tempo em que falávamos umas com as outras. Não vejo nada de mal nisso. Cada mulher dava o seu melhor para tentar fazer o cesto mais bonito que fosse possível. Os mazabethi acabaram com tudo isso.” [pág. 39]

Acho que ainda mais triste é o efeito da introdução de machados de aço junto dos índios panare da Venezuela.

Dantes, quando se usavam os machados de pedra, juntavam-se vários indivíduos, trabalhando em conjunto para cortar árvores para fazer um jardim. Contudo, com a introdução do machado de aço, um só homem pode fazer um jardim sem qualquer ajuda [...] A colaboração já não é obrigatória nem é

REFLEXÕES XII

particularmente frequente. [Sublinhado meu] (Katharine Milton, "**Civilization and Its Discontents**", *Natural History*, março, 1992, pp. 37-42)

Estas pessoas perderam a sua "estrutura de interdependência cooperativa" tradicional, perdendo também grande parte do conhecimento, acumulado ao longo dos séculos, da fauna e da flora do seu próprio mundo. Muitas vezes as suas línguas extinguem-se numa ou duas gerações. Estas são sem dúvida grandes perdas. Mas que políticas devemos adotar em relação a eles?

Em primeiro lugar, não devemos esquecer o óbvio: quando os povos de culturas tradicionais contatam com a cultura ocidental adotam entusiasticamente quase todas as novas práticas, os novos instrumentos, os novos costumes. Por quê? Porque sabem o que sempre desejaram, valorizaram e ambicionaram, e sentem que essas novidades são melhores meios para os seus próprios fins do que os seus velhos costumes. Os machados de aço substituem os de pedra, os motores fora de borda substituem as velas, a medicina moderna substitui os curandeiros, os radiotransistores e os telefones celulares são avidamente desejados. Estas pessoas não são afinal melhores do que nós a prever os efeitos em longo prazo das suas escolhas, mas, com base na informação de que dispõem, as suas escolhas são racionais.

É sem dúvida verdade que por vezes a "publicidade" espalhafatosa, astuciosamente dirigida às suas noções insulares do que a vida tem para nos oferecer, tira partido da sua inocência. Mas repare-se que esta tática deplorável não é domínio exclusivo dos que os exploram. Aqueles que os querem proteger da tecnologia moderna estão aparentemente

REFLEXÕES XII

preparados para morder a língua e mentir-lhes descaradamente: “Escondam as vossas maravilhas de alta tecnologia! Se lhes derem alguma coisa, impinjam-lhes pérolas de fantasia coloridas ou quaisquer outros nada que eles possam rapidamente incorporar na sua cultura tradicional.”

É assim que se tratam membros adultos da nossa própria espécie? Não temos todos nós, entre outros direitos humanos, o direito de saber a verdade? É escandalosamente paternalista dizer que devemos isolar estas pessoas dos frutos da civilização. Serão eles como elefantes, para serem postos numa reserva? Acho que devemos tratá-los como tratamos os nossos próprios cidadãos: oferecemos-lhes todos os instrumentos de procura da verdade que temos, de maneira a que possam escolher com base numa opinião informada — se assim o escolherem. É claro que esta política é uma estrada de sentido único. Depois de os termos informado já violamos a sua prístina¹² pureza. Não é possível voltar atrás.

Não é possível ter as duas coisas. Se se trata de humanos adultos, então têm o direito de saber, não têm? Está o leitor realmente disposto a tomar medidas no sentido de lhes impedir o acesso à educação? Mas a educação irá transformá-los completamente. Perderão muitos dos seus velhos costumes. Em alguns casos será um alívio, noutros será, sem dúvida, trágico. Mas que cânone usaria o leitor para definir o que devem e o que não devem perder? Devem preservar os costumes dos últimos 100 anos? Ou dos últimos 10 anos? Ou

¹² **Prístino**: relativo a um estado, a uma condição ou a uma época anterior; antigo, prisco.

REFLEXÕES XII

dos últimos 10 milênios? E, o mais importante de tudo, o que nos daria afinal o direito de os discriminar em relação aos nossos próprios cidadãos?

E já agora, estas restrições autoimpostas são exigidas por quem? Quem é que implora que fechemos as nossas bocas “imperialistas” e que guardemos as chamadas verdades científicas para nós próprios? Não é, em geral, o povo, mas antes os seus autoproclamados líderes espirituais. São eles, e não o seu rebanho, que exigem que o seu rebanho seja protegido das influências corrosivas e irreversíveis da nossa cultura científica da verdade. As pessoas que trabalham nos *cultural studies* e outras que agitam a bandeira do multiculturalismo deviam deter-se cuidadosamente sobre a seguinte sugestão: a sua política bem intencionada de tolerância das políticas tradicionais que recusam o livre acesso aos instrumentos científicos de procura da verdade é muitas vezes uma política ao serviço dos tiranos — e parece-me que são mais as vezes em que isto é assim do que aquelas em que não o é.

Na nossa cultura, o conceito de consentimento informado é uma das pedras-de-toque da liberdade. Mas o próprio conceito de informar as pessoas para que possam consentir ou não é encarada, noutras culturas, com hostilidade. Na verdade, penso que os líderes políticos terão cada vez mais dificuldades em manter os seus povos num estado de falta de informação. Tudo o que precisamos fazer é continuar a passar a palavra claramente e sempre com o cuidado escrupuloso de dizer a verdade. De fato, não há nada de novo nesta sugestão.

REFLEXÕES XII

Algumas instituições, como a BBC Internacional, têm vindo a fazer precisamente isto, com enorme sucesso, desde há décadas. E ano após ano, a elite de todas as nações do mundo envia os seus filhos para as nossas universidades para aí receberem a sua formação. Eles sabem, talvez melhor do que nós próprios pensamos, que a ciência e a tecnologia da procura da verdade constitui o nosso mais valioso bem de exportação. ●



Daniel Dennett é um proeminente filósofo estadunidense. As pesquisas de Dennett se prendem principalmente à filosofia da mente e da biologia. Dennett é ainda um dos mais proeminentes ateus da actualidade. Dept of Philosophy **Tufts University**, USA.

Um filósofo do presente

Jacques Rancière

Rancière: redes sociais não resolvem tudo, mas permitem emergência de renovação democrática às margens do poder tradicional

Jacques Rancière é um filósofo do presente. E isso não quer dizer apenas que, aos 74 anos, continua escrevendo como nunca. Significa também que seu pensamento é profundamente ligado a questões e problemas atuais, seja o fortalecimento dos partidos de extrema-direita na Europa ou os novos movimentos políticos ligados às redes sociais.

"**O Ódio à Democracia**", livro agora lançado no Brasil, parte da análise da sociedade contemporânea para refletir sobre a crise nas democracias representativas. "**O Fio Perdido**", seu último ensaio sobre a ficção moderna publicado neste ano, tematiza os efeitos políticos positivos das transformações na literatura. O pensador recebeu a reportagem em seu apartamento parisiense para esta entrevista. Discípulo dissidente de Louis Althusser (1918-1990), o ex-professor da Universidade de Paris 8 associa arte e política ao elaborar o conceito de democracia estética que relaciona a manifestações políticas alternativas. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista concedida ao Valor:

- **Como o senhor vê o fortalecimento dos partidos de extrema-direita na Europa e a vitória do Front National nas eleições para o Parlamento Europeu?**

É preciso evitar fazer do aumento de poder da extrema-direita a causa da crise da democracia. Ao contrário, é justamente porque as sociedades ditas democráticas o são cada vez menos

REFLEXÕES XII

que assistimos a esse fortalecimento da extrema-direita, particularmente na França. Aquilo que chamamos de democracia representativa corresponde de fato a uma oligarquia com legitimação democrática. Trata-se de um regime fundado em lógicas contraditórias. Ele repousa em princípio sobre o poder do povo, mas na verdade é cada vez mais confiscado por oligarquias burocráticas ligadas às grandes fortunas. Consequentemente, a realidade de um poder do povo é cada vez mais limitada e sua ideia se torna problemática. Em razão da mundialização e da crise econômica, encontramos-nos supostamente numa situação em que tudo deve ser objeto do cálculo de um *expert*. Assim, há um agravamento da contradição estrutural de nosso regime e, portanto, um distanciamento de toda ideia e de toda prática de um poder do povo. A reação mais espetacular a isso foi o fortalecimento de forças conservadoras capazes de reivindicá-lo para si.

- **Como assim?**

Não explicamos a vitória do Front National simplesmente com a pressuposição de que o aumento da imigração traz o racismo e a xenofobia. Essa força subiu porque pôde dizer "direita ou esquerda é a mesma coisa" já que nos confrontamos com um sistema de confiscação do poder por uma pequena oligarquia burocrática. É com a ideia de dar novamente poder ao povo que a extrema-direita francesa ganhou as eleições, recrutando eleitores até mesmo na classe operária, que votava tradicionalmente no Partido Comunista. Acredito que há na Europa um déficit de democracia cada vez mais importante, e infelizmente a instância capaz de encarnar uma força popular foi a extrema-direita.

- **Nesse contexto de crise das democracias representativas, as redes sociais na internet podem ajudar a criar um novo tipo de espaço público e de configuração democrática?**

As redes sociais não resolvem tudo por elas mesmas. Nós sabemos que todas as forças políticas, mesmo as mais reacionárias, utilizam esse meio para difundir suas ideias. Dito isso, o importante nas redes sociais é a possibilidade de criar formas de discussão e de reunião independentes em relação aos partidos políticos e aos sindicatos tradicionais. Movimentos como o do 15 de maio na Espanha, o dos indignados ou a Primavera Árabe se constituíram por meio dessas formas novas de relação, de abertura de fórum e de convocação popular ligadas às redes sociais. Elas permitiram a emergência de uma renovação democrática às margens das instâncias de poder tradicionais, dos partidos parlamentares e também das organizações revolucionárias autoproclamadas. Há nisso um fator de democracia, em todo caso de certa manifestação da democracia nos dias de hoje.

- **De que maneira esse fator de democratização se configura? Não há um risco de dispersão ou um desvio das reivindicações iniciais nos movimentos promovidos por meio das redes sociais?**

Podemos dizer que as redes sociais produziram formas de discussão que também estão deslocadas em relação à lógica tradicional da reivindicação e da ação reivindicativa. Penso, por exemplo, no que se passou na Turquia, onde a questão de permitir ou não que se abatessem árvores num parque se transformou numa discussão sobre o espaço público. A questão do espaço público tem sido recolocada por meio da

REFLEXÕES XII

junção entre o espaço concreto material - a praça, a rua que é ocupada - e essas redes sociais, que desempenham o papel de local de discussão. Então não há uma simples dispersão, mas uma nova lógica de discussão.

Nos movimentos políticos ligados às redes sociais, os debates não estão mais concentrados em objetivos precisos de ação e na escolha de uma estratégia determinada para obtê-los. Há uma espécie de transbordamento da exigência de discussão e, por consequência, formas de dispersão em relação às reivindicações diretas. Mas isso é ao mesmo tempo um sinal de que, por meio destas - quer seja impedir a transformação de um jardim em supermercado e em caserna ou o aumento das tarifas de transporte, como foi o caso no Brasil - , uma

exigência democrática bem mais ampla se manifesta. Nessas situações, a necessidade de refletir sobre o que se passa e de inventar novas formas de comunicação ocupa o primeiro plano em detrimento de objetivos precisos.



• Em "*O Ódio à Democracia*", o senhor afirma que o medo das classes mais favorecidas diante da enxurrada democrática que transformou a sociedade francesa no século XIX, com a democratização do acesso ao consumo e à cultura, se traduz também na rejeição de novas formas de construção frasal na literatura. As consequências políticas das

transformações na ficção literária constituem o objeto de "*O Fio Perdido*", seu último livro (ainda sem tradução no Brasil). De que maneira inovações significativas no plano literário se traduzem em efeitos políticos?

Houve um momento, essencialmente no século XIX, no qual a literatura teve um efeito democrático à sua maneira - e não necessariamente nas ideias dos escritores, mas na instauração de formas de olhar e de escrever que abriam espaço para certa igualdade: todo mundo passava a ser interessante. Qualquer personagem popular - uma mulher do povo ou um empregado considerado subalterno - passou a ser mostrado nas obras literárias como alguém capaz de sensação e de emoção igual a todos os indivíduos das classes ditas cultivadas e refinadas. Para representar isso, a literatura da época inventou formas de frase e de percepção que não eram mais pautadas pelas grandes ações, mas se interessavam pelo cotidiano, pelos microeventos com os quais são tecidas todas as vidas. Isso foi o fato da literatura no século XIX. Hoje estamos numa situação bem diferente. Nesse meio tempo, outras mídias desempenharam esse papel. Eu penso, por exemplo, no cinema, que também propiciou a entrada de qualquer um no reino da arte, o que significa abrir a todos a esfera de uma riqueza de pensamento, de emoção e de percepção partilhada. Esse momento cinematográfico sucedeu ao momento literário.

- **Como o senhor vê essa correlação entre inovações artísticas e políticas nas sociedades contemporâneas?**

Hoje em dia é bastante difícil definir inovações literárias ou artísticas... Não poderíamos dizer que elas servem, especificamente, à democracia, mas vemos, entretanto, que

REFLEXÕES XII

uma série de ligações não cessam de se estabelecer entre formas de performance artística e formas de performance política. É o que se passou na recente Primavera Árabe ou no movimento do 15 de maio, assim como na Turquia e na Grécia. Há uma espécie de convergência entre formas artísticas performáticas e formas propriamente políticas. Penso, no entanto, que se trata de algo diferente daquilo que chamei de democracia literária ou estética. Atualmente, há uma partilha bastante vasta das capacidades de experiência perceptiva, sensível, que passa por toda uma série de artes e cria uma espécie de tecido democrático capaz de ligar as pessoas que vão se reunir numa praça em Atenas ou Istambul. Efetivamente, isso passou pelo cinema, passou pela música, passou pela performance... Acredito que há uma espécie de apagamento das fronteiras entre arte nobre e arte não nobre, criando algo como uma democracia estética larga, que pode ser verificada nos movimentos populares recentes. Hoje em dia, toda manifestação assume o jeito de uma performance artística tanto pela atitude física dos manifestantes quanto pelas palavras e imagens que eles vão mostrar na rua. Há uma espécie de aparição de uma democracia estética que se transforma, nas ruas, em democracia política. ●

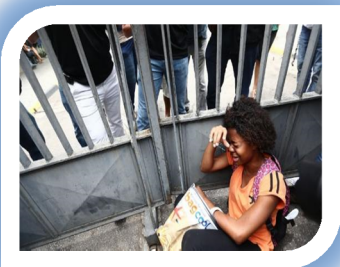


Jacques Rancière é um filósofo francês, professor da European Graduate School de Saas-Fee e professor emérito da Universidade de Paris.

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 7 de novembro de 2014.

As cruces do gabarito

José de Souza Martins



Somos um povo cansado de responder. A educação só liberta quem aprende a perguntar

Passados os momentos de ansiedade do Exame Nacional do Ensino Médio - Enem 2014 - já é hora de uma primeira reflexão sobre esse momento decisivo na vida de milhões de jovens brasileiros. De modo geral, no noticiário os aspectos folclóricos e irrelevantes do acontecimento prevaleceram sobre as questões substantivas com ele relacionadas. Muito destaque se deu para os que se atrasaram e perderam o exame, o destino adiado e talvez interrompido. Nenhum destaque, porém, para a imensa maioria que zelosamente incluiu no roteiro de sua preparação o cuidado com a serenidade do espírito e a prudência com a questão dos horários. Não temos nenhum apreço pelos cumpridores do dever, pelos que se esforçam para executar pontualmente e completamente as obrigações que a todos cabem na trajetória da vida. Não temos nenhuma admiração pelos que se devotam a seus compromissos como missão, como dever de cada um para com o destino de todos e não só com o interesse próprio. É disso que se trata quando nos submetemos às provas que nos habilitam a dar o passo seguinte em direção ao mundo responsável dos adultos.

REFLEXÕES XII

Rimos dos que se perdem no caminho ou dos que se deixam ficar, o que só por acaso não ocorreu com os vitoriosos. Heróis do acaso, gostamos de ter pena e até precisamos de vítimas das adversidades para nos justificarmos quanto ao menos que fizemos em relação ao muito que poderíamos ter feito.

Fazemos do fracasso alheio o prazer do nosso triunfo relativo. Daí a descabida importância das cenas de jovens correndo para atravessar o portão que se fecha ou se dependurar na cerca intransponível que se ergue em seu caminho. Estão entre os sem sorte na multidão dos supostos sortudos, os que chegaram a tempo para fazer a prova, para completar a travessia da escola média, até mesmo para ingressar numa escola de terceiro grau ou numa escola superior ou, quem sabe, na universidade.

No entanto, entre os que atravessaram a tempo essa barreira física e simbólica, há histórias épicas que desconhecemos e pelas quais não nos interessamos. Podemos adivinhá-las nos flagrantes cheios de significados das muitas imagens que ilustraram a saga daqueles cujas faces e cujos gestos ficaram nos instantâneos dos periódicos e da TV. São os examinandos de mais idade, cujas fotografias vimos e nos falam de biografias de esforço, de gente que não sucumbiu às tantas armadilhas da vida, às muitas adversidades, à demagogia dos discursos baratos contra o diploma, gente que não aceitou ficar para trás, gente que estudou trabalhando, que se privou dos pequenos e ilusórios prazeres de que dispôs quem desistiu, ou quem não insistiu, ou nem mesmo tentou. São os vários que em cadeiras de rodas atravessaram os portões dos lugares do exame empurrando-se corajosamente sobre as barreiras demarcatórias das grandes passagens da vida, os que

REFLEXÕES XII

não temeram pontes estreitas sobre largos abismos e as cruzaram.

A predileção pelos episódios de fracasso não nos permitiu ver a beleza azul da esperança de milhões de jovens que não se renderam às tentações deste cenário de pessimismo, de desalento, de falta de perspectiva em que estamos mergulhados nestes tempos cinzentos de intenso calor e pouca perspectiva. A vida e o destino medidos e demarcados pelas quadrículas de um gabarito que diz quem passa e que diz quem fica, quem tem amanhã e quem tem apenas o ontem ou, quando muito, o hoje.

Os 2,5 milhões que se inscreveram e não vieram, os que partiram e não chegaram, o que quiseram dizer-nos ou, mais que tudo, dizer a si mesmos? Os que não atravessaram os muitos portões que em diferentes pontos do País se fecharam às 13h do horário de Brasília, conforme foi anunciado, horário que mais nos fala de poder do que de saber? O que nos dizem seu silêncio e sua ausência? Que estranho caminho é esse em que tantos se perdem, tantos ficam, tantos não passam? E os gabaritos de cruzinhas disfarçadas no preenchimento a lápis das quadrículas de respostas, que crucificam mais do que redimem do peso provisório da adolescência, que encolhem sonhos, que encerram esperanças? Que saber revelam as cruces dos gabaritos; que saber escondem? Que calvário é esse atravessado no meio do caminho do começo da vida? O que sabem os que fazem as cruces nas quadrículas certas? O que sabem os que as fazem nas erradas? Em quais se esconde o destino das novas gerações? E o Brasil, em que quadrícula está sua cruz? Em que dissertação está sua voz? Que Brasil é esse que passa na prova? Que Brasil é esse que a prova reprova?

REFLEXÕES XII

Quem educará o educador? Somos um povo cansado de responder a uma escola que insiste em não nos ensinar a construir a poesia da pergunta. A educação só liberta quem aprende a perguntar. ●



José de Souza Martins é sociólogo e professor emérito da Faculdade de Filosofia da USP. Autor, entre outros livros, de **Uma Sociologia da Vida Cotidiana** (Contexto).

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 15 de novembro de 2014.

Genealogia do fanatismo

Emil M. Cioran

Em si mesma toda ideia é neutra ou deveria sê-lo, mas o homem a anima, projeta nela suas paixões e suas demências; impura, transformada em crença, se insere no tempo, adota a forma de acontecimento: o passo da lógica para a epilepsia está consumado... Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas.

Idólatras por instinto tornam incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não é mais do que um desfile de falsos Absolutos, uma sucessão de templos em honra de pretextos, um aviltamento do espírito ante o Improvável. Mesmo quando se afasta da religião, o homem permanece sujeito a ela; consumindo-se em forjar simulacros de deuses, os adota depois febrilmente: sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos os seus crimes: ele que ama indevidamente a um deus obriga os outros a amá-lo, planejando exterminá-los se recusam.

Não há intolerância, intransigência ideológica ou proselitismo que não revelem o fundo bestial do entusiasmo. Que perca o homem sua faculdade de indiferença: converte-se num potencial assassino; que transforme sua ideia em deus: as consequências são incalculáveis. Nunca se mata tanto quanto se mata em nome de um deus ou de seus sucedâneos: os excessos suscitados pela deusa Razão, pela ideia de nação, de classe ou de raça são semelhantes aos da Inquisição ou da Reforma. As épocas de fervor se sobressaem nas façanhas sanguinárias: Santa Tereza não podia deixar de ser

REFLEXÕES XII

contemporânea dos autos de fé e Lutero da matança dos camponeses. Nas crises místicas, os gemidos das vítimas são paralelos dos gemidos de êxtase...

Patíbulos, calabouços e masmorras nunca prosperam tanto quanto à sombra de uma fé, dessa necessidade de crer que tem infestado os espíritos para sempre. O diabo empalidece ao lado de quem dispõe de uma verdade, de sua verdade. Somos injustos com os Neros ou os Tibérios: eles não inventaram o conceito de herético: não foram senão sonhadores degenerados que se divertiam com as matanças. Os verdadeiros criminosos são os que estabelecem uma ortodoxia sobre o plano religioso ou político, os que distinguem entre o fiel e o cismático.

Enquanto nos recusarmos a admitir o caráter intercambiável das ideias, o sangue corre...

Debaixo das resoluções firmes se ergue um punhal; os olhos inflamados pressagiam o crime. Jamais o espírito da dúvida, afligido pelo hamletismo, foi pernicioso: o princípio do mal reside na tensão da vontade, na inépcia para o sossego, na megalomania prometeica de uma espécie que reinventa o ideal, que arrebenta debaixo de suas convicções e a qual, por haver-se comprazido em depreciar a dúvida e a preguiça — vícios mais nobres do que todas as virtudes —, se embrenhou num caminho de perdição, na História, nessa mescla indecente de banalidade e apocalipse... Ela está plena de certezas: suprime-as e suprimireis, sobretudo as suas consequências: reconstituireis o paraíso.

O que é a Queda senão a busca de uma verdade e a certeza de havê-la encontrado, a paixão por um dogma, o

REFLEXÕES XII

estabelecimento de um dogma? Disso resulta o fanatismo — tara capital que dá ao homem o gosto pela eficácia, pela profecia e pelo terror —, lepra lírica que contamina as almas, as submete, as tritura e as exalta...

Só escapam os céticos (ou os preguiçosos e os estetas¹³), porque não propõem nada, porque — verdadeiros benfeitores da humanidade — destroem os preconceitos e analisam o delírio. Sinto-me mais seguro junto a um Pirro do que junto a um São Paulo, porque um saber de anedotas é mais doce do que uma santidade desenfreada. Em um espírito ardente encontramos a ave de rapina disfarçada; não poderíamos nos defender com êxito das garras de um profeta... Quando eleva a voz, seja em nome do céu, da cidade ou de outros pretextos, afastai-vos dele: Sátiro de vossa solidão, não os perdoa o viver sem as suas verdades e seus arrebatamentos; quer fazê-los compartilhar de sua histeria, do seu bem, impô-lo a nós e desfigurar-nos. Um ser possuído por uma crença e que não buscasse comunicá-la a outros é um fenômeno estranho ao mundo, donde a obsessão pela salvação torna a vida irrespirável.

Olhem em torno de vós: por toda parte vermes que predicam; cada instituição traz uma missão; os povoamentos têm seu absoluto como templos; a administração com os seus regulamentos: metafísica para uso de macacos... Todos se esforçam por remediar a vida de todos: aspiram a isto até os mendigos, inclusive os incuráveis; as calçadas do mundo e os hospitais estão cheios de reformadores. A ânsia de chegar a ser fonte de acontecimentos atua sobre cada um como uma

¹³ **Esteta:** pessoa que professa o culto do belo.

REFLEXÕES XII

desordem mental ou uma maldição livremente escolhida. A sociedade é um inferno de salvadores. O que buscava Diógenes com sua lanterna era um indiferente...

Basta que eu escute alguém falar sinceramente de ideal, futuro, de filosofia, escutá-lo dizer “nós” com uma inflexão de segurança, convocar os “outros” e sentir-se seu intérprete, para que o considere meu inimigo. Vejo nele um tirano falido, quase um verdugo¹⁴, tão odioso como os tiranos e verdugos de grande classe. É que toda fé exerce uma forma de terror, tanto mais temível quando os “puros” são os seus agentes.

Suspeita-se dos ladinos, dos velhacos, dos trapaceiros, entretanto, não saberíamos imputar-lhes nenhuma das grandes convulsões da história; não acreditando em nada, não espionam vossos corações, nem vossos pensamentos mais íntimos; os abandonam a vossa acomodação, o vosso desespero ou a vossa inutilidade; a humanidade lhes deve os poucos momentos de prosperidade que tem conhecido; são eles os que salvam os povos que os fanáticos torturam e os “idealistas” arruínam. Sem doutrinas, não têm mais do que caprichos e interesses, vícios acomodaticios, mil vezes mais suportáveis do que o despotismo dos princípios; porque todos os males da vida vêm de uma “concepção de vida”. Um homem político educado deveria aprofundar-se nos sofistas antigos e tomar lições de canto; e de corrupção.

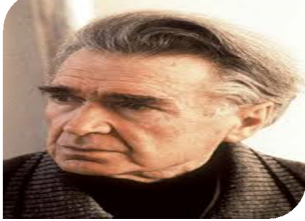
O fanático é incorruptível: assim como mata por uma ideia, pode igualmente morrer por ela; nos dois casos, tirano ou mártir, é um monstro. Não há seres mais perigosos que os que

¹⁴ **Verdugo**: indivíduo responsável pela execução da pena de morte ou de outros castigos corporais; carrasco, algoz.

REFLEXÕES XII

sofreram por uma crença: os grandes perseguidores se recrutam entre os mártires aos quais não se cortou a cabeça.

Longe de diminuir o apetite pelo poder, o sofrimento o exaspera: por isso o espírito se sente mais a gosto na companhia de um fanfarrão do que de um mártir; e nada lhe repugna tanto como esse espetáculo no qual se morre por uma ideia. Farto do sublime e de carnificinas sonha com um tédio provinciano a escala universal, com uma História cujo estancamento seria tal que a dúvida se apresentaria como um acontecimento e a esperança como uma calamidade. ●



Emil M. Cioran (1911-1995) foi um escritor e filósofo romeno radicado na França. Em 1949, ao publicar "**précis de decomposition**", passa a assinar E.M. Cioran, influenciado por E.M. Forster - esse "M" não tem nenhuma relação com outros nomes do filósofo.

O dinheiro pode comprar a felicidade? Só até certo ponto

The Wall Street Journal

A pergunta é antiga: o dinheiro pode comprar a felicidade?

Ao longo dos últimos anos, novas pesquisas têm nos dado uma compreensão mais profunda da relação entre o que ganhamos e como nos sentimos. Os economistas têm examinado as relações entre renda e felicidade nos países, e os psicólogos têm sondado as pessoas para descobrir o que realmente nos move quando se trata de dinheiro.

Os resultados, à primeira vista, podem parecer um pouco óbvios: Sim, as pessoas com renda mais alta são, em geral, mais felizes do que aquelas que lutam para sobreviver.

Mas analisando um pouco mais profundamente os resultados, eles se tornam bem mais surpreendentes - e muito mais úteis. Em suma, esta última pesquisa sugere que a riqueza por si só não fornece qualquer garantia de uma boa vida. O que importa muito mais que ter uma alta renda é a forma como as pessoas gastam. Doar dinheiro, por exemplo, deixa as pessoas muito mais felizes do que quando gastam com si próprias. E quando elas gastam com elas mesmas, ficam bem mais felizes quando usam o dinheiro para experiências como viagens do que quando compram bens materiais.

Aqui está o que a mais recente pesquisa revela sobre como as pessoas podem fazer uso inteligente de seu dinheiro e maximizar a sua felicidade.

Experiências valem mais do que você pensa.

REFLEXÕES XII

Numerosos estudos feitos ao longo dos últimos dez anos têm demonstrado que as experiências de vida nos dão um prazer mais duradouro do que as coisas materiais. No entanto, as pessoas muitas vezes negam a si mesmas essas experiências e priorizam a compra de bens materiais.

Ryan Howell, professor associado de psicologia na **Universidade Estadual de San Francisco**, decidiu analisar isso. Segundo estudo publicado no início do ano, ele descobriu que as pessoas pensam que as compras materiais oferecem melhor benefício em relação ao custo porque as experiências são passageiras e os bens materiais duram mais. Assim, embora possam fazer uma extravagância ocasional, como uma grande viagem de férias, quando estão num momento de maior racionalidade com relação ao dinheiro, dão preferência aos bens materiais.

Mas, na verdade, Howell descobriu que quando as pessoas voltavam a pensar sobre as compras que fizeram, percebiam que as experiências foram mais valiosas para elas. "O que descobrimos é que há uma expectativa enormemente equivocada", diz.

Thomas Gilovich, professor de psicologia da **Universidade Cornell**, chegou a conclusões semelhantes. "As pessoas muitas vezes fazem um cálculo racional: Tenho uma quantidade limitada de dinheiro e posso viajar para tal lugar ou então comprar tal coisa", diz. "Viajar seria ótimo, mas vai acabar num instante. Se eu comprar essa coisa, pelo menos vou tê-la para sempre. Isso é verdade factualmente, mas não psicologicamente. Nós nos adaptamos aos nossos bens materiais."

REFLEXÕES XII

É esse processo de "adaptação hedonista" que torna tão difícil comprar a felicidade por meio de aquisições materiais. As experiências em geral atendem mais às nossas necessidades psicológicas subjacentes, diz Gilovich. Muitas vezes elas são compartilhadas com outras pessoas, dando um sentido maior de conexão, e formam uma parte maior do nosso senso de identidade. E, o que é fundamental: em geral não comparamos nossas experiências com as de outras pessoas tanto quanto fazemos com as coisas materiais, diz ele.

Não se adapte ao que compra. Um grande motivo pelo qual ter mais coisas nem sempre nos torna felizes é que nós nos adaptamos a elas. "O ser humano tem grande capacidade de se acostumar com mudanças na vida, especialmente mudanças positivas", diz Sonja Lyubomirsky, professora de psicologia na **Universidade da Califórnia** em Riverside. "Se você tiver um aumento na renda, isso dará um estímulo, mas logo as suas aspirações vão crescer também [...]. Tentar evitar ou desacelerar isso é realmente um desafio." Uma abordagem que pode funcionar, diz ela, é tentar conscientemente ter apreço e gratidão pelo que você tem.

Aumentar a variedade, as novidades ou as surpresas também pode ajudar você a desfrutar mais do que tem. "Quando as coisas se tornam imutáveis, é aí que você se adapta a elas", diz Lyubomirsky. Tente compartilhar seus bens com outras pessoas e se abrir para novas experiências, diz ela.

Tente doar

O paradoxo do dinheiro é que, embora ganhar mais geralmente melhore nosso bem-estar, ficamos mais felizes quando doamos dinheiro do que quando o gastamos conosco.

REFLEXÕES XII

Essa é a conclusão de uma série de estudos feitos por Elizabeth Dunn, professora associada de psicologia da **Universidade da Colúmbia Britânica** e uma das autoras do livro "**Dinheiro Feliz - A Arte de Gastar com Inteligência**", publicado no Brasil pela JSN Editora. Ela começou distribuindo dinheiro para os estudantes no campus; para alguns disse para gastá-lo com coisas para si mesmos e a outros para gastá-lo com alguma outra pessoa. Os que gastaram com os outros ficaram mais felizes.

Desde então, Dunn já repetiu a experiência em outros países e a ampliou para examinar se as pessoas continuavam felizes quando davam seu próprio dinheiro, não dinheiro que lhes foi entregue por uma professora. Ela descobriu que em países tão diversos como Canadá, África do Sul e Uganda, dar dinheiro consistentemente tornava as pessoas mais felizes, mesmo quando elas mesmas eram relativamente pobres.

O que faz aumentar a felicidade não é tanto o quanto de dinheiro que você dá, segundo Dunn, mas o impacto que você percebe que a sua doação exerceu.

Não deixe de comprar o tempo

Também é importante considerar como aquilo que você está comprando vai afetar a forma como você gasta seu tempo. "Use o dinheiro para comprar um tempo de melhor qualidade para você mesmo", diz Dunn. "Não compre um carro um pouco mais sofisticado [...] compre uma casa perto do trabalho, para que assim você possa usar o restinho da luz do dia para jogar bola no parque com seus filhos."

O dinheiro só traz felicidade até certo ponto

REFLEXÕES XII

Os que estudam o tema dividem a felicidade em dois componentes, e é preciso que as duas partes estejam funcionando bem para que a pessoa seja verdadeiramente feliz. A primeira medida da felicidade é "avaliativa". Lyubomirsky a define como "a sensação de que sua vida é boa - você está satisfeito com a sua vida, você está progredindo em direção aos seus objetivos de vida". O outro componente é o "afetivo" e se refere à frequência com que você experimenta emoções positivas, como alegria, carinho e tranquilidade, em contraste com as negativas, explica Lyubomirsky.

Daniel Kahneman e Angus Deaton, da **Universidade de Princeton**, descobriram quando examinavam as medidas afetivas que a felicidade não aumentava depois que a renda familiar anual chegava a cerca de US\$ 75 mil. (Eles constataram, porém, um aumento consistente na satisfação geral com a vida).

Em resumo, quando você não tem muito dinheiro, um pouquinho mais pode fazer muita diferença, porque você tem necessidades mais essenciais para satisfazer. Mas à medida que você acumula mais riqueza, vai ficando mais difícil continuar "comprando" mais felicidade.

Não se afunde em dívidas

Por fim, os pesquisadores concordam que gastar mais do que se ganha é um caminho para a infelicidade. Cuidar das suas necessidades básicas e alcançar certo nível de segurança financeira é importante.

Gilovich diz que, embora sua pesquisa mostre que as experiências de vida proporcionam mais felicidade do que os

REFLEXÕES XII

bens materiais, as pessoas devem, é claro, comprar os bens essenciais em primeiro lugar.

Alguns estudos já mostraram que as dívidas têm um efeito negativo sobre a felicidade, enquanto a poupança e a segurança financeira a elevam. Uma pesquisa em lares britânicos descobriu que os mais endividados relataram menor felicidade, e uma pesquisa separada sobre casais mostrou que os mais endividados também tinham mais conflitos conjugais.

"A poupança é boa para a felicidade; a dívida é ruim para a felicidade. Mas a dívida tem mais potencial negativo do que a poupança tem potencial positivo", diz Dunn.



Assim, antes de sair e gastar todo o seu dinheiro naquela sonhada viagem de férias, certifique-se de que você já garantiu suas necessidades básicas, pagou suas dívidas e tem dinheiro suficiente para se proteger dos piores problemas da vida. ●

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 17 de novembro de 2014

Liberalismo e democracia: as bases filosóficas da democracia

Antonio Carlos Olivieri

Desde suas primeiras formulações, no século 18, o liberalismo é uma filosofia ou um conjunto de filosofias que defendeu a existência de um Estado laico e não intervencionista. Laico, porque não está vinculado a qualquer crença religiosa, nem admite interferência de qualquer Igreja nos assuntos políticos. Em contrapartida, esse Estado também não deve interferir nas crenças pessoais, fazendo prevalecer o ideal de tolerância religiosa.

Já a concepção de um Estado não intervencionista refere-se à economia e surgiu por oposição ao controle que as monarquias absolutistas exerciam sobre o comércio durante os séculos XVI e XVII, cuja expressão era o monopólio estatal típico do mercantilismo ou capitalismo comercial. Era o que acontecia com o açúcar e o ouro, por exemplo, enquanto o Brasil era colônia de Portugal.

A livre iniciativa e o lucro

O Estado não deve interferir na economia ou intervir somente o mínimo inevitável, pois o liberalismo defende a propriedade privada e constata que o funcionamento da economia se dá a partir do princípio do lucro e da livre iniciativa, o que desenvolveria o espírito empreendedor e competitivo.

As propostas liberais provocaram - juntamente com as revoluções políticas que delas se originaram - uma separação entre negócios públicos e privados, ou seja, entre os assuntos do Estado (que deve se ocupar com a política, isto é, com as

REFLEXÕES XII

questões da esfera pública) e os da sociedade civil (que deve se ocupar das atividades particulares, principalmente as econômicas).

Simultaneamente, o liberalismo advoga a criação de instituições para dar voz ativa aos cidadãos nas decisões políticas. É a partir disso que ocorre o fortalecimento do Parlamento, órgão de representação por excelência das forças atuantes da sociedade e capaz de coibir os excessos do poder central. A expressão "parlamento" se origina do francês "parler", que significa falar. Designa, portanto, o local onde ocorrem conversações, discussões e deliberações.

Executivo, Legislativo e Judiciário

A concepção de uma origem parlamentar do poder significa a superação de teorias que remontam à Antiguidade, segundo as quais o poder vem de Deus ou da tradição familiar (nobreza). Ao contrário, o voto dado a um parlamentar representa o livre consentimento do cidadão à sua atuação política, isto é, o mandato popular. É o que ocorre hoje nas democracias representativas, como a brasileira, em que deputados e senadores são (ou pelo menos deveriam ser) representantes do povo.

Completa o quadro de princípios básicos do liberalismo, no âmbito político, a tripartição do poder em três instâncias autônomas e equilibradas: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, conforme postulado pela primeira vez pelo escritor e filósofo francês Montesquieu. Cada uma delas tem suas atribuições específicas e - acima delas - estão as leis, das quais a maior é a Constituição de um país.

REFLEXÕES XII

A consciência liberal é, portanto, marcada pela valorização do princípio da legalidade: ninguém - nem o governante - pode se colocar acima da lei. Com as revoluções liberais na Inglaterra e na França, produziram-se, respectivamente, a **Declaração de Direitos** ("Bill of Rights", 1689) e a **Declaração dos Direitos do Homem e dos Cidadãos** (1793), que consignavam as conquistas dessas mesmas revoluções e proclamaram a igualdade de todos os homens perante a lei.

Além disso, essas declarações estabelecem a garantia das liberdades individuais de pensamento, crença, expressão, reunião e ação, desde que não sejam prejudicados os direitos de outros cidadãos. Deriva daí a concepção tradicional de liberdade, segundo a qual "a liberdade de cada um vai até onde o permite a liberdade do outro".

Adam Smith

Trata-se de um fundamento de cunho individualista, o que é típico do pensamento liberal. No plano econômico, isso significa que a lógica do mercado é a seguinte: se cada um desenvolver bem o seu trabalho haverá natural seleção dos melhores, que formarão as elites de cuja capacidade empreendedora resultarão benefícios para o todo social. Era o que apregoava o economista escocês Adam Smith, em sua obra principal, "**Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**".

Pode-se questionar ou criticar esse fundamento, mas, na prática, sua capacidade de produzir riqueza tem sido patente. O problema reside mais na questão da distribuição dessa riqueza. Além disso, à medida que esses conceitos liberais foram sendo absorvidos pelas instituições dos diversos países, na Europa e nos Estados Unidos, deu-se um passo

REFLEXÕES XII

significativo em direção à democracia, tal qual é praticada, em maior ou menor grau, no mundo contemporâneo.

Vale lembrar que dos ideais do liberalismo também se originou o conceito de cidadania que, em seus primórdios, no século XVIII, referia-se apenas a direitos civis: à liberdade e à segurança individual, direito de ir e vir, liberdade de crença e opinião, seu lugar institucional eram os tribunais e sua vigência dependia da aplicação progressivamente imparcial da lei.

Durante o século XIX, o conjunto se avoluma com a inclusão dos direitos políticos: votar e ser votado, filiar-se a partidos políticos, organizar-se em sindicatos. Já no século XX, passam a integrar a cidadania também uma extensa variedade de direitos sociais, como a garantia de um piso salarial, condições de trabalho, seguro, assistência médica, previdência, etc.

Do iluminismo ao socialismo

Há uma via de mão dupla entre as ideias políticas e a realidade prática, de tal maneira que as ideias interferem no mundo real, transformando-o, assim como o mundo real, transformado, torna necessário que as ideias sejam permanentemente reelaboradas. Nesse sentido, as ideias liberais sofreram transformações com o passar do tempo, adaptando-se às novas realidades sociais.

O liberalismo surgiu com o desenvolvimento do mercantilismo e se aprofundou após o advento da **Revolução Industrial**, no século XVIII. Com a implantação do sistema fabril e o aumento da produção, as relações humanas se tornaram cada vez mais complexas. As cidades cresceram, desenvolveram-se as ferrovias e o navio a vapor. As máquinas intensificaram o

REFLEXÕES XII

otimismo baseado na crença do progresso e na onipotência da tecnologia.

Os avanços tecnológicos, porém, não corresponderam a uma evolução nas relações sociais, tornando-as mais justas, ou diminuindo a distância entre o topo da pirâmide social e sua base. Na Europa do século XIX, o contraste entre riqueza e pobreza era cruel, como ocorre hoje em dia nos países em desenvolvimento. Em contrapartida, a classe operária começou a se unir para reivindicar os seus direitos num processo que culminaria no desenvolvimento do socialismo.

O socialismo considera que o individualismo liberal resulta na defesa de uma classe social em particular: a burguesia. De qualquer modo, para enfrentar os problemas trazidos pelos novos tempos, a teoria liberal se adaptou às novas exigências da realidade. O liberalismo tornava-se cada vez mais democrático, acentuando a necessidade de igualdade jurídica e política, bem como uma solução para as precárias condições de vida das massas oprimidas. Um dos representantes dessa tendência, o inglês John Stuart Mill, sugere coparticipação dos trabalhadores na gestão e nos resultados da indústria.

O Estado do bem-estar social

Gradualmente, o liberalismo começou a admitir a tendência intervencionista do Estado, para solucionar os problemas sociais do trabalhador, como férias, saúde, aposentadoria, desemprego, etc. Diante das crises - econômica, política, social - que atingiram o mundo da primeira metade do século XX, os Estados Unidos e a Inglaterra, - cujo sistema político-econômico se insere no modelo mais característico do liberalismo - promoveram ajustes rigorosos na economia,

REFLEXÕES XII

desenvolvendo o que se chamou de *welfare state* ou estado do bem-estar social.

Nos Estados Unidos, por exemplo, para enfrentar a depressão econômica subsequente à quebra da bolsa de valores de Nova York (1929), o presidente Franklin D. Roosevelt implantou um programa conhecido como **New Deal**, que fez o Estado se tornar o principal agente do reativamento econômico do país. A construção de grandes obras públicas ajudou a aumentar a taxa de emprego e foram concedidos créditos para as empresas, além de serem adotadas inúmeras medidas assistenciais de atendimento aos trabalhadores.

Entretanto, a intervenção estatal não se perpetuou, nem o Estado pretendeu se sobrepôr às empresas privadas, tornando-se o único agente econômico. De qualquer modo, no fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os Estados Unidos tinham se tornado a nação mais rica do mundo, bem como a mais avançada em termos tecnológicos.

Globalização e neoliberalismo

A partir da década de 1960, o estado do bem-estar social começou a dar sinais de desgaste, em especial porque as despesas governamentais acabaram por superar a arrecadação ou receita, provocando um aumento insustentável do déficit público, da inflação e da instabilidade social.

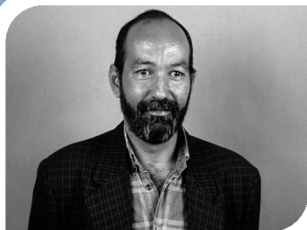
Na década de 1980, os governos de Ronald Reagan, nos EUA, e de Margaret Thatcher, na Inglaterra, se caracterizaram por diminuir a intervenção do Estado na área social. A essa retomada das ideias liberais clássicas, de um estado mínimo e não intervencionista, chamou-se **Neoliberalismo**. Seu receituário não se restringiu aos países do hemisfério norte,

REFLEXÕES XII

numa época como a nossa, em que a economia é cada vez mais global.

No Brasil - onde o Estado se tornara um poderoso agente econômico entre a Era Vargas e a ditadura militar - as ideias liberais entraram na ordem do dia dos governos Collor e Fernando Henrique Cardoso, com a diminuição do Estado, a partir da privatização das estatais, da venda das empresas públicas que, apesar de pertencerem ao governo, nada têm a ver com as funções do governo, como bancos e companhias telefônicas.

Não vem ao caso avaliar aqui os resultados dessa orientação "neoliberal" à política brasileira contemporânea, nem à economia - que se mantém fiel a ela, apesar do governo de Luís Inácio Lula da Silva, cujo partido sempre se proclamou simpático ao socialismo. O importante é ressaltar como a influência das ideias liberais se estende, historicamente, desde o século XVIII até os dias de hoje. A história da humanidade é ao mesmo tempo feita de transformações e permanências. ●



Antônio Carlos Olivieri é escritor, jornalista e diretor da Página 3 **Pedagogia & Comunicação**.
Artigo escrito em julho de 2005.

O ódio nosso de cada dia

Leandro Karnal



Finda a eleição, numa ressaca nacional o Brasil descobriu-se raivoso: dormimos num vale suíço e acordamos em Serra Leoa

A terra é chã...

O Brasil não tem terremotos ou furacões. Carecemos de tsunamis. O fundamentalismo religioso, aqui, é mais lembrado pela estética da saia e cabelos compridos que por genocídios.

Mesmo não sendo um paraíso, todo brasileiro sabe que não vivemos no inferno. A Terra de Santa Cruz é um cálido purgatório, no máximo.

Esse quadro tem sido pintado, com cores mais fortes ou mais fracas, desde nossa cena fundacional, em 1500. Sérgio Buarque de Holanda usou a celebrada expressão “homem cordial” para descrever nossas raízes, em 1936. Ainda que tenha defendido que o cordial deriva de impulsivo pelo coração, não o dócil, o texto do pai do Chico foi lido sob o prisma do pacifismo. Na mesma década, Gilberto Freyre tinha pintado um latifúndio no qual a escravidão emergia com uma toada malemolente. Os dois clássicos foram absorvidos por um público pátrio que amou encontrar, mesmo onde não havia, uma base narrativa para nossa representação pacifista.

REFLEXÕES XII

Contraponto necessário a nossa ilusão: nossos vizinhos são agressivos. Guerras civis devastaram Argentina e Colômbia. A escravidão custou mais de 600 mil mortos para ser abolida nos EUA. Aqui? Uma penada de ouro de uma princesa gentil num belo domingo de maio de 1888.

A expressão guerra civil não aparecia nunca nos livros didáticos do Brasil. Cabanagem, Balaiada, Farroupilha? Eram revoltas regenciais, termo didático, não sangrento e asséptico. A violência? Uma exceção. Euclides da Cunha destacou que a repressão a Canudos era algo único: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo". Lá nos sertões ainda sobrevivia uma possibilidade de violência sem concordata, mas era excepcional. Caso ímpar num país de "acordões" e de gabinetes de conciliação, atavismo do século XVII que insistia em não morrer.

Nosso racismo? Completamente aguado em comparação ao *apartheid* sul-africano ou estadunidense, dizia-se. Aqui jamais houve negros separados de brancos em ônibus. Antagonismos homicidas entre islâmicos e judeus no Oriente Médio? Abaixo do Equador os dois filhos de Abraão dividiam calçadas de lojas e se cumprimentavam varrendo a frente de seus estabelecimentos. O campo de prisioneiros de guerra alemães no Brasil, em Pouso Alegre (MG), em 1943/1944, era quase uma colônia de férias se comparado aos similares europeus. Que país bucólico e pacífico! Que terra bafejada pela harmonia!

Esse quadro sem desastres naturais de monta nem ódios ancestrais e genocidas foi passado a várias gerações, a minha inclusive. Em plena ditadura, na escola, cantávamos "as praias do Brasil ensolaradas" onde Deus plantara mais amor e onde

REFLEXÕES XII

“mulatas brotam cheias de calor”. Nesse Éden tropical e erótico, nada se falava sobre repressão a dissidentes. E, combinação maravilhosa: o céu nos sorria e a terra jamais tremia.

Os momentos de polarização política, como 1935 (Intentona Comunista) ou 1964 (golpe militar), foram retratados na versão oficial e conservadora como infiltração de doutrinas estrangeiras de ódio. Era o marxismo pantanoso em meio a um povo cristão e pacífico. Foram os primeiros momentos nos quais a elite pátria pensou em “nós”, ou seja, os pacifistas que queriam construir um país de progresso e prosperidade, contra “eles”, os grevistas, sindicalistas, agitadores e outros que insistiam em inocular no corpo nacional o vírus do dissenso. “Nós” correspondia aos patriotas, aos que só desejavam a paz. “Eles” correspondia à cizânia e aos cronicamente insatisfeitos. Sempre fomos bons em pensamentos maniqueístas, em dualismos morais perfeitos. Ninguém é católico por séculos e emerge ileso desse destino...

A grande política foi criada nessa duplicidade: os getulistas e lacerdistas, Arena e MDB, PT e PSDB. Briga de torcidas sim, porque cada lado sempre retirou sua agenda da outra facção. Mais do que briga, dança coreografada. “Nós” somos éticos, “eles” são corruptos. “Nós” trabalhamos por um Brasil grande e disciplinado, empreendedor. “Eles” querem só as benesses do governo numa vida ociosa e vampiresca. “Nós” sustentamos o Brasil. “Eles” apenas se aproveitam. Qual o grande problema nacional? “Eles” não entendem que “nós” estejamos corretos.

A microfísica do poder e da sociabilidade repetia esse padrão. No trânsito, o que atrapalha? Se eu for motociclista, óbvio,

REFLEXÕES XII

carros, ônibus e pedestres não funcionam. Sou taxista: esses carros particulares estão a passeio e são descuidados. Ciclista estou? Falta cidadania aos outros. Infelizmente, todos erram e, desgraçadamente, apenas eu sei dirigir.

O primeiro problema da nossa intensa violência no trânsito (estamos entre os quatro países que mais matam pessoas) é que não participo, como sujeito histórico, da barbárie. A violência é do outro, nunca minha. Aliás, rodo como um Gandhi orientado pela Madre Teresa de Calcutá. Os outros? Gêngis Khan no banco de passageiros com Átila ao volante.

O trânsito é uma metáfora trágica. Somos um país violento. Violentos ao dirigir, violentos nas ruas, violentos nos comentários e fofocas, violentos ao torcer por nosso time, violentos ao votar.

Passei duas semanas fora do País às vésperas do segundo turno presidencial. Desembarquei no sábado, faltando poucas horas para a abertura do horário de votação. Distante do meu país, fui invadido, via internet, por textos duros, propagandas furibundas¹⁵, imagens de escárnio e análises corrosivas. Todas tinham um ponto em comum: o outro era a fonte do deslize ético e do método ilícito de campanha. A campanha do outro partido era D-E-P-L-O-R-Á-V-E-L. “Nós” apenas nos defendíamos no interior do castelo puro da civilização, jogando contra-ataques em direção à horda nauseante.

Findo o pleito, uma ressaca nacional: o Brasil descobriu-se raivoso. Os brasileiros ficaram surpresos com a carga de ódio que fluíu pela rede. Estávamos ainda nas praias do Brasil

¹⁵ **Furibundo**: cheio de raiva; furioso.

REFLEXÕES XII

ensolaradas? Na terra do leite e do mel sem terremotos? Este ainda seria o país do futuro? Dormimos num vale suíço e acordamos numa guerra em Serra Leoa.

Esse ódio sempre esteve lá. Ódio não é dado a ter infância. Nasce adulto em lugares úmidos onde o ressentimento germina. O ódio é parte central da identidade de indivíduos e grupos. Os regionalismos raivosos (calabreses contra lombardos, bascos contra castelhanos, etc.) sempre foram, antes de raivosos, regionalismos. Em outras palavras: eu preciso constituir uma região antes de odiar outra. Mas ódios são circulares com a identidade: eu preciso odiar também ANTES para constituir uma região. Uma contradição interessante.

Aqui começa a delícia do ódio. Ao vociferar contra outros, o ódio também me insere numa zona calma. Se berro que uma pessoa x é vagabunda porque nasceu na terra y, por oposição estou me elogiando, pois não nasci naquela terra nem sou vagabundo. Se ironizo com piadas ácidas uma opção sexual, destaco no discurso oculto que a minha é superior. Todo ódio é um autoelogio. Todo ódio me traz para uma zona muito tranquila de conforto. Não tenho certeza se sou muito bom, mas sei que o outro partido é muito ruim, logo, ao menos, sou melhor do que eles. É um jogo moral denunciado por dois grandes judeus: Jesus e Freud.

Mas o ódio apresenta outra função interessante. Ela aplaina as diferenças do meu grupo. O ódio, como vários ditadores bem notaram, serve como ponto de união e de controle. O ódio é gêmeo xifópago do medo, e pessoas com medo cedem fácil sua liberdade de pensamento e ação.

REFLEXÕES XII

Há que se lembrar: a brisa do amor fraterno é mais etérea do que o furor da tempestade de ódio. Insultar no trânsito é mais intenso do que dizer eu te amo na cama, ao menos considerando-se a abundância da primeira frase e a escassez da segunda.

O ódio é uma interrupção do pensamento e uma irracionalidade paralisadora. Como pensar é árduo, odiar é fácil. Se a religião é o ópio do povo para Marx, o ódio é o ópio da mente. Ele intoxica e impede todo e qualquer outro incômodo.

Por fim, o ódio tem um traço do nosso narciso infantil. O mundo deve concordar conosco. Quando não concorda, está errado. Somos catequistas porque somos infantis. A democracia é boa sempre que consagra meu candidato e minha visão do mundo. A democracia é ruim, deformada ou manipulada quando diz o contrário. Todo instituto de pesquisa é comprado quando revela algo diferente do meu desejo. Não se trata de pensar a realidade, mas adaptá-la ao meu eu. As crianças contemporâneas (especialmente as que têm mais de 50 anos como eu) batem o pé, fazem beicinho, mandam mensagem no WhatsApp e argumentam. Mas, como toda criança, não ouvimos ninguém. Ou melhor, ouvimos, desde que o outro concorde comigo; então ele é sábio e equilibrado. Seleccionamos os fatos que desejamos não pelo nosso espírito crítico, mas por uma decisão prévia e apriorística que tomamos internamente. Grosso modo, isso foi explicado em **Uma Teoria da Dissonância Cognitiva**, de Leon Festinger.

Seria bom perceber que o ódio fala muito de mim e pouco do objeto que odeio. Mas o principal tema do ódio é meu medo da

REFLEXÕES XII

semelhança. Talvez por isso os ódios intestinos sejam mais virulentos do que os externos. Odeio não porque sinto a total diferença do objeto do meu desprezo, mas porque temo ser idêntico. Posso perdoar muita coisa, menos o espelho.

Mas o ódio é feio, um quasímodo moral. A ira continua sendo um pecado capital. Assim, ele deve vir disfarçado da defesa da ética, do amor ao Brasil, da análise econômica moderna. Esses são os apolos que banham de luz a fealdade. E, como queria o rebelde (que odiava o Estado), sempre teremos 999 professores de virtude para cada pessoa virtuosa. Em oposição, encerro acrescentando: sempre teremos 999 pessoas odiando para cada pessoa que pensa. Isso às vezes me dá um ódio... ●



Leandro Karnal é historiador e professor de História Cultural da Unicamp.

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 1 de novembro de 2014.

Mão de Deus

Paolo Flores D'Arcais



Fé e ciência. É insensato pretender que uma possa ser serva da outra.

O big-bang não exigiu nenhuma intervenção divina, afirma filósofo, contrariando o papa

Sem se dar conta, o papa Francisco demonstrou mais uma vez que ciência e religião são incompatíveis. Falando aos membros da Pontifícia Academia de Ciências reunidos em sessão plenária, Francisco declarou que “o big-bang, hoje entendido como a origem do mundo, não contradiz a intervenção do divino

criador, mas a exige”.

A afirmação é falsa, talvez até duplamente falsa. A teoria do big-bang não exige absolutamente a intervenção divina. Nenhuma teoria e lei científica, aliás, jamais exigiu que se recorresse a Deus como hipótese. O grande Laplace, respondendo a Napoleão Bonaparte (na época, Primeiro Cônsul), que o recriminava por “não ter deixado espaço para a ação do criador” em suas análises matemáticas e astronômicas, respondeu: “Cidadão Primeiro Cônsul, não precisei de tal hipótese”.

A ciência é autossuficiente. Até o presente momento, ela reconstituiu o que aconteceu a partir da infinitesimal fração de segundo após o big-bang (1 elevado a menos 37, uma dimensão temporal tão ínfima que é difícil até imaginá-la). Ela

REFLEXÕES XII

não sabe ainda o que aconteceu “antes”, ou se aconteceu algo, mesmo porque “antes” já implica a existência da dimensão temporal. Mesmo outro universo. Mas o fato de que, do 1-37 de segundo após o big-bang até agora a ciência seja obrigada a calar-se, não implica minimamente que Deus se torne necessário. Se for admissível nos perguntarmos quem é o criador do big-bang, torna-se ineludível¹⁶ nos perguntarmos também quem é o criador do criador. Se, entretanto, pode-se pensar que uma realidade não tenha sido criada (por exemplo, que Deus, por sua vez, não tenha sido criado), pode-se pensar a mesma coisa em relação ao universo, ao big-bang, à sucessão de universos - em suma, à “Natureza” em sua totalidade. Para a ciência, Deus permanece supérfluo.

Francisco deveria, aliás, ter se lembrado da “navalha de Ockham”, o princípio metodológico segundo o qual quando já se conhece a explicação é proibido fazer hipóteses sobre uma causa adicional. Guilherme de Ockham formulou esse princípio há cerca de sete séculos. Ele não era jesuíta (jesuítas nem sequer existiam naquela época), mas era profundamente cristão e monge franciscano.

O papa Bergoglio, portanto, afirmou algo falso. A teoria do big-bang não exige absolutamente Deus. E acaso o contesta? Se levamos a sério a navalha de Ockham, sim, porque Deus seria uma explicação complementar e, portanto, proibida do ponto de vista metodológico. Mas, principalmente, Deus e a alma imortal são contestados pela ciência atual em seu conjunto, particularmente pelo darwinismo. A teoria da

¹⁶ **Ineludível**: de que não se pode esquivar ou furtar (diz-se de poder ou influência).

REFLEXÕES XII

evolução (que não é mais “teoria”, mas descoberta científica comprovada e certificada por todas as evidências empíricas biológicas e paleontológicas acumuladas neste século e meio que passou desde a **Origem das Espécies**, 1859, e **Origem do Homem**, 1871), na realidade diz que somos todos “macacos modificados”. Todas as funções que reunimos sob o termo “consciência” dependem do “neocórtex”, a parte do cérebro filogeneticamente mais recente, que, entretanto, nasceu pela evolução do cérebro de nossos antepassados não humanos. Ocorre que o neocórtex é constituído por células que morrem exatamente como as do cérebro dos macacos. E, com a morte do cérebro, morrem todas as funções da matéria cinzenta. Portanto, nossa individualidade, nossa “consciência”, nossa “alma”. “Alma” (ou seja, funções neuronais) que, como a ciência garante, NÃO pode ser imortal.

Em suma, a ciência (darwinismo ou big-bang) não só não exige Deus como o exclui (juntamente com a alma imortal e, portanto com a vida após a morte).

Evidentemente, cada um de nós tem toda a liberdade de continuar tendo sua fé religiosa, de continuar acreditando em um Deus (a propósito, se ele é onipotente, porque permitiu o terremoto de Lisboa ou as pestes? Se é onipotente, não pode ser infinitamente bom, e vice-versa), ou na própria imortalidade após a morte (no paraíso ou no inferno). Mas sempre na consciência de que essa fé é incompatível com a ciência, com a razão (a não ser que inventemos uma razão que vai contra a ciência e, portanto, coincide apenas com nossas opiniões totalmente subjetivas). Aliás, é essa a fé de São Paulo, que reivindica a “insensatez” da cruz. A palavra “insensatez”

REFLEXÕES XII

(São Paulo usou o termo grego *moria*), opondo-se à razão, aparece nada menos que cinco vezes em poucas linhas na **Primeira Epístola aos Coríntios**, 1, 17-25.

A fé católica, da qual Bergoglio é o supremo administrador, só poderá, pois, ser compatível com a ciência se, de acordo com São Paulo, ela declarar explicitamente o próprio caráter de insensatez, de irracionalidade, o salto no absurdo teorizado por outro pensador profundamente cristão, Kierkegaard. O papa Francisco, ao contrário, exatamente como seus predecessores (não apenas Ratzinger e Wojtyła, mas remontando até Pio XII), pretende que o “cientista” seja “movido pela convicção de que, em seus mecanismos evolutivos, a natureza esconde potencialidades que cabe à inteligência e à liberdade descobrir e realizar para chegar ao desenvolvimento que está no plano do criador”. Ele pretende que a ciência possa ser uma serva da fé, exatamente como seus

predecessores medievais pretendiam que a filosofia fosse a serva da teologia. Uma verdadeira insensatez. ●

Paolo Flores D'Arcais, filósofo e jornalista italiano, é editor da revista **Micromega** e autor, entre outros livros, de **Ética Senza Fede** (EINAUDI).

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 1 de novembro de 2014.



Filósofo do amor

Pascal Bruckner

Até pouco tempo atrás, parecia impossível refletir sobre o amor e o prazer com seriedade. O assunto era considerado secundário e ultrapassado, algo com que os filósofos estoicos e epicuristas gastavam tempo durante a Antiguidade. Com os avanços da sociedade de consumo, porém, a busca pelo amor e pelo prazer, a amizade nas redes sociais e a compulsão pelo consumo de bens imateriais passaram a ter relevância. Esse novo "espírito do tempo" do início do século XXI ganhou o seu filósofo: o francês Pascal Bruckner. Ele esteve pela primeira vez no Brasil neste mês para proferir duas palestras na série **Fronteiras do Pensamento**. O tema da conferência foi a busca pelo prazer e a decadência do casamento por amor.

"Aristóteles dizia que somos felizes por intermitência", diz Bruckner em entrevista ao **Valor** em São Paulo. "Mas hoje, numa distorção do iluminismo, somos forçados a ser feliz o tempo todo, 24 horas por dia, sete dias por semana. Ora, isso é impossível e só causa decepção. O sentido da vida não é a felicidade. É viver."

Bruckner é cheio desse tipo de tirada. Não aparenta os seus 65 anos. Exibe cabelos longos e se veste como um "hipster" tardio. Fala pausadamente e gosta que o chamem de Pascal. Ficou famoso por participar do grupo dos "*nouveaux philosophes*" que se tornou moda na Paris de Maio de 1968 porque enfrentou temas até então desprezados pelo alto pensamento francês: a sexualidade e seus efeitos sobre as relações políticas e as trocas econômicas, por exemplo. Foi orientando do teórico literário Roland Barthes - que, no fim da

REFLEXÕES XII

carreira, se interessou por descrever a estrutura do discurso amoroso. Depois de se formar em filosofia e letras, Bruckner começou carreira como professor e romancista. Seu primeiro romance, "**Allez Jouer Ailleurs**", saiu em 1976. Em 1981, publicou a segunda obra ficcional, "**Lua de Fel**", adaptada para o cinema em 1992 pelo diretor Roman Polanski.

"O Facebook simula relacionamentos íntimos, como amor e amizade. As pessoas não podem confundir isso com a experiência real", afirma

Apesar de continuar a fazer ficção (tem dez títulos no gênero) e a se aventurar por outras searas (lança sua autobiografia, "**Un Bon Fils**", no fim do ano - que ele jura que não terá nenhum resquício de autoficção), ele ficou famoso como ensaísta. Publicou 14 títulos, entre eles "**A Tirania da Penitência - Ensaio Sobre o Masoquismo Ocidental**" (2006), "**O Paradoxo Amoroso - Ensaio Sobre as Metamorfoses da Experiência Amorosa**" (2009) e "**Fracassou o Casamento por Amor?**" (2010), todos publicados no Brasil pelo selo Difel, da editora Bertrand Brasil. Ao tratar o amor e seus desdobramentos como coisa séria, Bruckner influenciou outros pensadores e romancistas, como o amigo e colega Luc Ferry e o romancista Michel Houellebecq. "Felizmente sou influente e faço sucesso", afirma. "Mas há uma vida depois do renome, assim como há uma vida depois do orgasmo. É preciso organizar as coisas."

O seu cotidiano explica muito sua forma de pensar. Casado, pai de três filhos, vive longe das conturbações amorosas que ele próprio denuncia, como o fim do casamento tradicional:

REFLEXÕES XII

"Sou um hedonista¹⁷. Eu driblo a infelicidade a qualquer preço. Mas a felicidade não é o valor primordial. Tenho paixões que procuro satisfazer. Prefiro multiplicar as paixões em vez de ficar com a paixão da felicidade, e minha primeira paixão é meu trabalho, é escrever."

Se existe um lado repetitivo, ele é compensado pela descoberta de uma ideia e de uma fórmula. Ele se diz "um funcionário da escrita": "Sou disciplinado na minha paixão. Trabalho o tempo todo e sacrifico tudo à minha paixão. Quanto mais velho, me torno mais disciplinado. Meu método é escolar. Fui um bom aluno na escola e mantenho meus velhos hábitos. Leio, tomo notas, faço o plano de uma obra. Meus amigos fazem a mesma coisa. Luc Ferry trabalha até no avião." Mesmo assim, tenta harmonizar a vida pessoal. Bruckner orienta a filha de 17 anos, que começou a fazer faculdade de medicina. "Além disso, cultivo os amigos, vou a festas e encontros. Hoje somos herdeiros de épocas diferentes simultaneamente: dos libertinos, dos românticos, dos hedonistas. Somos resultados de épocas históricas diversas. Sou sentimental, libertino e hedonista, em dosagens diferentes."

De acordo com ele, o ideal do amor e da felicidade completa cegaram as pessoas ao longo dos últimos dois séculos. "O problema é que ninguém é capaz de definir o que é a felicidade. Trata-se de uma abstração. Os gregos diziam que o maior problema dos homens é o de eles desejarem ultrapassar os deuses. Mesmo os deuses têm paixão, cometem crimes e não são felizes o tempo todo. Seria uma pretensão ser feliz o

¹⁷ **Hedonismo**: teoria segundo a qual o comportamento animal ou humano é motivado pelo desejo de prazer e pelo de evitar o desprazer.

REFLEXÕES XII

tempo todo." As origens da nova ordem estão na Revolução Francesa: "O direito à felicidade que era uma ideia nova de Saint-Juste na Revolução Francesa", comenta. "Hoje, por um efeito da mentalidade coletiva, todo mundo é obrigado a ser feliz. A culpa não é do mercado, nem do estado, nem das pessoas. É o espírito do tempo. É a mentalidade de nossa época. Por isso é tão poderoso e tão forte. Mesmo eu, que analiso o problema, tenho vontade de agir assim e de parecer feliz e relaxado diante dos outros. No que diz respeito à felicidade, somos ao mesmo tempo vítimas e carrascos."

Bruckner diz que a mudança do padrão de felicidade ocorreu nos anos 1960, por dois motivos: a passagem do capitalismo da produção para o capitalismo do consumo e a revolução individualista. "A partir de certo momento, a economia de mercado não pôde mais defender o ascetismo¹⁸ e passou a defender o hedonismo, porque a superprodução de bens criava a necessidade de que as pessoas consumissem", afirma.

"Com a invenção do crédito, o capital foi colocado a serviço de nossa felicidade. E, assim, nossa felicidade alimenta o sistema. A revolução de Maio de 1968 fez que, pouco a pouco, a pessoa se descolasse da classe social e dos grandes sistemas políticos e se tornasse o centro de um grande sistema de valores. A partir de então, todos se tornaram responsáveis por sua felicidade individual. Se não há mais obstáculos - econômicos, políticos, filosóficos e morais -, sou o único culpado de não ser feliz. Torno-me artesão da minha felicidade ou da minha infelicidade. Construir a casa da felicidade é uma tarefa

¹⁸ **Ascetismo**: doutrina de pensamento ou de fé que considera a *ascese*, isto é, a disciplina e o autocontrole estritos do corpo e do espírito, um caminho imprescindível em direção a Deus, à verdade ou à virtude.

REFLEXÕES XII

impossível. Vira uma torre de babel. Daí o imenso mercado de felicidade que se desenvolve hoje", observa.

Segundo ele, a obrigação atinge as relações amorosas e é preciso estabelecer um novo contrato sexual, já que o conceito de amor de salvação popularizado pelo romantismo mostrou não ter vínculo algum com o real. "Não adianta imaginar que basta amar e casar para ser feliz", nota. "É melhor adquirir uma visão mais serena da relação amorosa." São incontornáveis, por exemplo, as ligações entre a paixão amorosa e o dinheiro. Não adianta varrer a realidade financeira para baixo do tapete. "As relações amorosas se dão na realidade e não na ilusão."

Bruckner também percebe uma distorção nos outros tipos de relação, como amizade. "As redes sociais converteram a amizade em um instrumento de satisfação imediata", ressalta. "Assim, o Facebook é uma farsa - eu mantenho distância dele e do Twitter. O Facebook simula digitalmente relacionamentos íntimos, como amor e amizade. As pessoas não podem confundir isso com a experiência real."

Com base no realismo, ele defende a legalização da prostituição e a igualdade de consumo sexual para homens e mulheres. "A França tornou ilegal a prostituição, e isso vai de encontro ao que acontece em outros lugares, como a Bélgica, a Alemanha e a Holanda", afirma. "É preciso legalizar a prostituição para regulamentar o mercado e evitar o trabalho escravo. O mercado da prostituição é uma realidade. Hoje mulheres canadenses e europeias viajam à África e ao Brasil em busca de garotos de programa. Como impedi-las? Estabelecer um mercado do sexo é a solução." Da mesma forma, é a favor da legalização das drogas. "Hoje todo mundo

REFLEXÕES XII

fuma maconha e usa drogas nas cidades mais civilizadas do mundo", afirma. "Por que impedir isso? A solução menos pior é tornar o mercado de drogas legal. E tanto no caso da prostituição como no das drogas o Estado deve controlar e vigiar o mercado."

Se a felicidade é impossível, no caso de Bruckner até que ela tem algum sentido. Ele se despede com o sorriso de quem conquistou o sucesso e a felicidade. E não parece estar fingindo. ●



Pascal Bruckner

Artigo publicado no jornal **O Valor Econômico** no dia 31 de outubro de 2014.

A sociedade está caminhando para o individualismo, e isso pode ser bom

Flávio Gikovate

*O psicoterapeuta, que acaba de lançar o livro **Mudar**, fala sobre o possível fim do egoísmo e de como o mundo moderno está criando pessoas mais autossuficientes*

Ele jura que não foram as manifestações de junho do ano passado que o levaram a escrever seu mais recente livro (**Mudar – Caminhos para a Transformação Verdadeira**), mas o certo é que Flávio Gikovate vem percebendo que muita coisa tem mudado nos últimos tempos em seu consultório e nas muitas palestras que faz pelo País.

“Graças à tecnologia, as pessoas estão ficando mais individualistas, e isso pode ser o fim do egoísmo”, explica. Nestes 46 anos de carreira, já são mais de 9 mil pacientes atendidos (“vi quase tudo na vida”); 33 livros, que venderam, juntos, mais de 1 milhão de exemplares (“mas o que eu quero é ser clássico”); e 3 milhões de seguidores no YouTube.

Também médico-psiquiatra, ele se dedica, atualmente, a seu programa No Divã do Gikovate, na rádio **CBN**, e à clínica. Casos mais frequentes? “Depressão”, responde. “É indignação. As pessoas querem mudar, mas muitas não sabem o quê!”

A seguir, os melhores momentos da entrevista à coluna (na qual preferiu não falar sobre política), concedida em seu consultório, nos Jardins.

- **A transformação verdadeira é mesmo possível?**
É possível, mas muito trabalhosa. Eu já devia ter escrito esse livro há mais tempo, afinal, o que mais faço é tentar ajudar as

REFLEXÕES XII

pessoas a se modificarem. E pude assistir a muitas mudanças, até dramáticas, no comportamento das pessoas nos últimos 46 anos. Claro que muita gente faz show de mudança, né? Mudança somente estratégica, com a finalidade de acalmar os ânimos das pessoas que se queixam ao redor.

- **Acontece muito?**

Acontece, mas também há aqueles genuinamente interessados em mudar, que aproveitam um momento de crise para dar início a uma mudança. É gente que se dedica, de fato, a passar por um corredor polonês de sofrimento. Um exemplo disso são os pacientes que conseguem vencer a obesidade. A gente assiste a mais derrotas do que vitórias, mas alguns conseguem emagrecer e se manter magros, sem remédios. É uma compulsão muito séria. Um hábito repetitivo cuja finalidade é atenuar um sofrimento. O mesmo se aplica às pessoas que não conseguem parar de roer as unhas, arrancar cabelo ou abandonar vícios, como a bebida ou as drogas.

- **Cada caso é um caso?**

É o meu jeito de pensar. Costumo dizer que meu trabalho é mais alta-costura do que prêt-à-porter. Erra quem tenta enquadrar casos em modelos pré-moldados. Meus paradigmas aprendi com os clientes.

- **Hoje é mais difícil mudar, por causa dos apelos cada vez mais fortes da sociedade?**

O mundo começou a mudar justamente quando eu comecei a trabalhar, na metade dos anos 1960. Muita coisa melhorou, com certeza: as pessoas se desfazem de casamentos infelizes muito mais facilmente, assim como assumem a homossexualidade. A questão é que, hoje, há uma imposição de um padrão de comportamento do qual é muito difícil sair.

REFLEXÕES XII

Basta ver quanta gente sonha em mudar de vida, por exemplo, e quem realmente consegue fazer isso. As oportunidades para a mudança existem, estão aí. É melhor vender sanduíche natural na praia do que pegar três horas de trânsito em um ônibus lotado, todo dia, para um trabalho medíocre. Mas pouquíssima gente faz a mudança. Ou seja, as pessoas seguem como vacas a caminho do matadouro.

- **São mudanças sociais que precisam de mais tempo?**

Quando eu estava na faculdade de Medicina, 90% dos meus colegas eram homens e 10%, mulheres. E não muito bonitas... (risos). Hoje, a proporção é 60% a 40% para as mulheres. O que, aliás, não tem pé nem cabeça, porque deveria ter parado nos 50%-50%. As mulheres não são mais burras que os homens, mas também não são mais inteligentes.

- **As mulheres já não precisam tanto dos homens?**

Existe uma psicanalista francesa (Marie-Laure Susini, autora do livro "**A Mutante**") que diz que, daqui a pouco, as mulheres vão dispensar os homens. Nós vamos nos transformar em touros de fazenda, sabe? Reprodutores. A mulher vai simplesmente comprar o esperma (risos). Esperma premiado, claro. E, se quiser, colocará o óvulo em uma barriga de aluguel. (O smartphone toca, ele pede desculpas, mas precisa resolver um problema relativo a um paciente. Em seguida, muda de assunto.) Sabe que, outro dia, fui fazer uma palestra em uma empresa de telecomunicações. Eles estão preocupadíssimos com o vício nesse aparelhinho aqui. E têm razão, porque, ao mesmo tempo em que trabalham para

REFLEXÕES XII

aumentar o uso da tecnologia, tudo que se torna vício acaba por criar uma pressão contrária da sociedade.

- **Existe um superestímulo por parte da tecnologia?**

Ah, sim. As crianças, por exemplo, estão expostas a um excesso de informações, muitas das quais não compatíveis com a idade. Hoje há muitos casos de crianças que não conseguem dormir direito, hiperativas. E essa hiperatividade eu não tenho certeza se é doença ou derivada desse excesso de informação. Hoje a gente está vivendo muitas mudanças que não são individuais, mas da sociedade. Ou seja, a pessoa mudar é mais difícil; já a sociedade vive um ritmo de mudanças que a gente nem percebe direito.

- **De onde vem essa capacidade atual de mudança da sociedade?**

Eu diria que as mudanças sociais acontecem por força de uma dialética¹⁹ que os homens não conseguem controlar, que é o avanço tecnológico, gerando novos produtos, que, por sua vez, mudam o estilo de vida das pessoas. E essa mudança de estilo de vida, muitas vezes, é subestimada até por quem cria esses produtos. Eu vi nascer a TV, por exemplo. No começo, todo mundo achava que ela seria um equipamento gregário, que reuniria a família na sala e todos assistiriam à programação juntos. No começo, até aconteceu, mas, hoje, cada família tem uma TV per capita em casa, cada um assiste a uma programação.

- **As pessoas foram se isolando?**

¹⁹ **Dialética**: em sentido bastante genérico, oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos.

REFLEXÕES XII

E esse fenômeno se estende a smartphones, tablets, iPods. Cada vez mais as pessoas estão consigo mesmas. Não sei se o objetivo era esse.

- **Ou seja, os avanços tecnológicos acabam levando a mudanças não planejadas originalmente?**

Quer outro exemplo? Quando a pílula anticoncepcional começou a ser comercializada, os homens, pais de família, eram a favor, porque achavam que ela iria melhorar a vida sexual deles com suas esposas. Só que, dez anos depois, esses caras tomaram o maior susto, ao saber que suas filhas adolescentes estavam transando com os namorados. Isso não estava combinado (risos). Não era o plano da pílula, ela não havia sido criada para acabar com o tabu da virgindade, como foi o que aconteceu.

- **O senhor fala muito em egoísmo no livro. A sociedade está mais egoísta hoje? Isso é necessariamente ruim?**

Sim, o egoísmo é necessariamente ruim. E a matriz do egoísmo é a generosidade, porque o egoísta é aquele que recebe mais do que dá. E para ele receber mais do que dá, alguém tem de dar mais do que recebe.

- **Generosidade demais também é ruim?**

Veja: uma mãe excessivamente generosa tende a criar filhos egoístas. O cara fica folgado, naturalmente. E o que é próprio do egoísta? Não se colocar no lugar do outro. Ou seja, é um explorador que não tem sentimento de culpa. No caso do egoísta que não dá nada, só recebe, pode-se dizer que ele se aproxima da sociopatia.

REFLEXÕES XII

- **Muita gente sofre desse distúrbio hoje em dia?**

Eu diria que metade da humanidade não sente culpa. E a outra metade não entende a razão de a primeira metade não sentir culpa. Até porque, muita gente fala que se sente culpada, mas não se sente coisa nenhuma. Falar é fácil.

- **Como o egoísta pode mudar se não sente culpa? Não é preciso certo grau de infelicidade para que a pessoa queira mudar algo em si mesma?**

Mas o egoísta sabe que é um fraco. Ele sofre, pois sabe que não é autossuficiente, e isso leva a certa frustração. O cara mama na teta, e a teta pode se demitir a qualquer momento (risos). Aliás, nos casamentos em que um é mais generoso e outro é mais egoísta, o egoísta é aquele que vive ameaçando ir embora, pedir o divórcio. Ameaça e não cumpre. Nesses casos, o divórcio, quando acontece, é porque o generoso se cansou. O generoso, ao levar o egoísta nos braços, está ficando cada vez mais forte. Em contrapartida, o egoísta está ficando atrofiado. E sabe disso.

- **O egoísta inveja o generoso?**

Mas o generoso também inveja certas coisas no egoísta.

- **O quê, por exemplo?**

A folga, o jeito extrovertido, a cara de pau. E essa recíproca mostra que nenhum dos dois está satisfeito com o seu jeito de ser. Mas sabe que esse mundo moderno, mais individualista, é o maior inimigo do egoísmo. Uma sociedade mais individualista vai caminhar na direção da justiça e acabar com a generosidade e com o egoísmo, criando indivíduos mais autossuficientes. Um sintoma disso é que muita gente hoje

REFLEXÕES XII

mora sozinha. Cerca de 15% da população em São Paulo. E é pouco: em Nova York e Paris, esse índice já bate nos 50%.

- **Todas as pesquisas sobre felicidade trazem o Brasil no top 10 do ranking mundial. Somos um país de gente autossuficiente ou mentirosa?**

Mentirosa. Aquela história de que o brasileiro é feliz, é sensual... tudo mentira. Claro que povos tropicais têm mais claridade, mais sol, mais gente na praia, cria-se uma atmosfera mais descontraída. Na ponte aérea, quando você chega ao Rio, sente uma descompressão, não é? Claro, até entrar no táxi (risos), quando você sente outro tipo de descompressão. O brasileiro, em muitos lugares, está mais para cigarra do que para formiga.

- **As pessoas têm medo da felicidade?**

Tenho casos assim no consultório de pessoas que chegam com algum pavor, alguma hipocondria, e querem saber o problema que está causando aquilo. E eu percebo que o que está causando o quadro é exatamente a falta de problemas. Muitas vezes, a situação é tão boa que o sujeito fica desconfiado.

- **O brasileiro ainda se analisa pouco?**

O preconceito diminuiu muito. Quando eu comecei, o consultório tinha duas portas – uma de entrada, outra de saída – para que os pacientes não cruzassem uns com os outros. Hoje é completamente diferente, muita gente tem orgulho de falar que faz terapia. No meu programa na **CBN**, por exemplo, que é gravado ao vivo, com plateia, as pessoas contam tudo ao microfone. Acho que tem, inclusive, uma influência das redes sociais nisso, que afrouxaram os limites entre público e privado. Além disso, esse mundo conectado fez aumentar a busca por informação, por saber mais sobre si

REFLEXÕES XII

mesmo. Só não vemos o índice de “analisados” aumentar muito por questões econômicas.

- **Quais os principais casos que o senhor analisa hoje em dia no seu consultório?**

A depressão aumentou muito, pelas mais diversas causas: casamentos desagradáveis, pais com filhos problemáticos, filhos com pais problemáticos, rupturas amorosas, decepção com amigos, medo do futuro, da solidão, gente que não consegue se localizar na sociedade...



- **E problemas sexuais?**

São menos frequentes hoje. Acho que o sexo está saindo de moda.●

Flávio Gikovate- médico psiquiatra, psicoterapeuta e escritor brasileiro. Formado pela USP em 1966, desde 1967 trabalha como psicoterapeuta, dedicando-se principalmente às técnicas breves de psicoterapia. Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 6 de outubro de 2014.

O jardim de lá

James Fergusson

Para o correspondente britânico, terroristas de grupos como o Al-Shabab – 'a juventude', em árabe –, que atacou shopping em Nairóbi, não serão derrotados só com o uso da força

Na quinta-feira, quando as forças de segurança do Quênia enfim derrotaram o grupo que se apossara de um shopping center na capital, Nairóbi, o saldo final foi de 72 mortos e quase 200 feridos. As razões do atentado, no entanto, estavam a 1.200 km dali, na Somália, país vizinho conflagrado por guerras civis desde a década de 1990, com raros intervalos de relativa estabilidade. Extremistas islâmicos do grupo Al-Shabab não aceitam a presença de tropas etíopes e quenianas, apoiadas por nações ocidentais, na região sul do país. “Não me parece apenas coincidência que o shopping escolhido pelo Al-Shabab tenha esse nome: Westgate”, diz o escritor e correspondente de guerra britânico James Fergusson – chamando a atenção para a expressão, que pode ser traduzida como “porta para o Ocidente”.

Fergusson é daqueles raros jornalistas atentos ao significado das palavras. Radicado em Edimburgo, na Escócia, e autor de **The World's most Dangerous Place: Inside the Outlaw State of Somalia** (Transworld, 2013), impressionante retrato da região que há mais de duas décadas não sabe o que quer dizer paz, ele alerta para o sentido etimológico do terror que abalou Nairóbi. “A chave está no próprio nome ‘Al-Shabab’, que, em árabe, significa ‘a juventude’”, diz, a certo ponto da entrevista que você lê a seguir.

REFLEXÕES XII

Nela, o jornalista sustenta que a política americana para a Somália tem sido desastrosa desde a administração Bill Clinton e se agravou com a “guerra ao terror” de George W. Bush. Considera que seria um erro retirar as tropas quenianas do país a esta altura dos acontecimentos. Explica por que a região se transformou num polo produtor (e importador) de terroristas, inclusive estrangeiros, como a britânica Samantha Lewthwaite, de 29 anos, a “Viúva Branca”, suspeita de envolvimento no ataque. E sustenta que quando governos locais e a comunidade internacional falham na missão de garantir condições mínimas de existência aos jovens dessas regiões, acabam por empurrá-los diretamente para os braços dos radicais islâmicos.

- **Logo após o ataque ao shopping, analistas especularam se o objetivo do Al-Shabab é empurrar as forças militares quenianas para fora da Somália ou, ao contrário, provocar uma presença ainda mais ostensiva, a fim de obter apoio popular ao grupo terrorista. Qual sua opinião?**

Penso que foi, antes de tudo, um ato de desespero. O Al-Shabab perdeu sua última grande cidade, Kismayo, para os quenianos em 2012, e tem perdido terreno para a Amisom (Missão da União Africana para a Somália, força de paz autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU) no país inteiro desde então. O grupo terrorista sofre de divisões internas e seu líder, (Ahmed Abdi) Godane, tem assassinado seus rivais – alguns, nomes conhecidos na organização. É improvável que o ataque em Nairóbi visasse a forçar a retirada do Quênia do sul da Somália. E, bem ao contrário, ele deverá

REFLEXÕES XII

fortalecer a decisão queniana de estabelecer uma zona de segurança ali, uma vez provado que a permanência do Al-Shabab na região representa uma ameaça direta aos interesses do Quênia. Meu palpite, inclusive, é que a participação das Forças Armadas quenianas na Amisom ficará mais popular, e não menos, em ambos os lados da fronteira.

- **O que os terroristas queriam então?**

Suspeito que o ponto tenha sido reestabelecer a visão de Godane para o Al-Shabab: como uma força terrorista internacional, ao estilo da Al-Qaeda, fortalecendo suas credenciais de grande líder. Foi uma ação claramente pensada para atrair o máximo possível de impacto na mídia – no que certamente foi bem-sucedida. A estratégia do grupo durante muito tempo vinha sendo criar um fosso entre a maioria cristã queniana e a minoria muçulmana, de aproximadamente 12% da população. Fomentar tensões etnorreligiosas que desestabilizem o país, especialmente ao longo da chamada Costa Suaíli, predominantemente muçulmana, e em seguida o continente africano. Mas é uma aposta que pode não dar resultado: nos últimos dias o Quênia deu claros sinais de unidade em torno do presidente Uhuru Kenyatta e de repúdio à ação dos terroristas.

- **A natureza do atentado – quase suicida considerando-se que todos os extremistas terminariam cercados no shopping para serem mortos ou capturados e torturados pelas forças de segurança quenianas – não foi uma demonstração de força?**

A maior parte dos terroristas era de estrangeiros, não locais quenianos ou cidadãos somalis – aquela categoria de

REFLEXÕES XII

jihadistas que estamos acostumados a ver buscar martírio islâmico. Foi uma surpresa para mim que tantos deles tenham se deixado capturar em vez de lutar até a morte – como você diz, o ataque tinha de fato todos os componentes de uma operação de martírio. Isso não prova, entretanto, que o Al-Shabab esteja se fortalecendo. Pode-se inclusive dizer que ele teve de escolher um alvo fácil como um shopping center no Quênia justamente porque não tinha condições de realizar uma ação espetacular como essa na própria Somália.

- **Autoridades suspeitam da participação de uma cidadã britânica, Samantha Lewthwaite, conhecida como ‘Viúva Branca’, na organização do ataque. O Al-Shabab é conhecido pela facilidade com que recruta ocidentais para seus quadros. Por quê?**

Porque é a franquia mais bem-sucedida da Al-Qaeda no continente africano, facilmente acessível pelo Quênia, pela península saudita e, nos últimos tempos, até pela Turquia. Mas também pelo tamanho imenso da diáspora somali mundo afora. Existem talvez 10 milhões de somalis espalhados por diversos países, 2 milhões vivendo em grandes comunidades nos EUA, Canadá, Austrália, Reino Unido, Suécia, etc. Há um trânsito intenso entre a diáspora e o país natal, tanto em termos de pessoas como de remessa de dinheiro, que se soma à facilidade com que somalis ocidentalizados podem retornar ao país. Sem falar na fronteira porosa que existe entre o Quênia e a Somália. Tudo isso contribui. E, se por causa da história de colonização o país não mantém relações diplomáticas com o Reino Unido, dezenas de milhares de cidadãos britânicos ainda vivem lá – fazendo da Somália um

bom lugar para foras da lei se esconderem. Como foi o caso, por pelo menos dois anos, de Samantha Lewthwaite.

- **O que a política americana para a Somália tem a ver com a situação que vemos agora?**

A intervenção direta dos EUA na Somália ainda no início dos anos 1990, em apoio às Nações Unidas, levou ao desastre do Black Hawk Down (quando, em outubro de 1993, durante a guerra civil no país, uma força de elite dos EUA foi enviada ao local, teve dois helicópteros UH-60 Black Hawk derrubados e o que era para ser uma missão rápida virou uma batalha de 15 horas, com 19 soldados americanos mortos e outros 73 feridos) e à decisão, iniciada pelo presidente Clinton, de retirada completa do país, abandonando-o à própria sorte. E a guerra civil de clãs somalis, iniciada com a deposição do ditador Siad Barre em 1991, prosseguiu sem controle. Desde então, a política americana para a região não serviu bem ao país. O único período de relativa prosperidade para toda uma geração lá foi, paradoxalmente, o governo da União das Cortes Islâmicas (UCI), entre 2004 e 2006. No entanto, depois do 11 de Setembro os EUA sob Bush não puderam mais engolir o regime islâmico e procuraram derrubá-lo, apoiando de maneira velada uma invasão pela Etiópia. A UCI desmoronou, mas uma resistência nacionalista se aliou à ala jovem do antigo governo – que virou o Al-Shabab e mostrou-se violentamente antiamericana, como a UCI nunca foi. Nesse sentido, o Al-Shabab é um inimigo que os próprios americanos criaram.

- **E a sociedade queniana, como está hoje?**

Tampouco está em boa forma, embora o principal foco de tensões sociais não seja entre muçulmanos e cristãos, que se

REFLEXÕES XII

entendem relativamente bem ali. O problema é entre tribos. Diversos políticos quenianos estão sendo julgados em Haia por incitar a violência intertribal após as eleições presidenciais de 2007. Há anos que a região norte do país é particularmente instável, problema exacerbado pela presença do campo de refugiados de Dadaab, o maior do mundo, com uma população de 450 mil somalis. Cerca de 40% dos quenianos vivem na pobreza absoluta e 75% trabalham na agricultura. Apesar disso, o PIB cresce a uma taxa superior a 4% ao ano, com o florescimento de uma ativa classe média urbana. O preço dos imóveis em Nairóbi disparou espetacularmente em anos recentes. E o país mantém posição de destaque na África oriental, com uma economia impulsionada pelo turismo e o mercado financeiro. Embora o *gap* entre ricos e pobres esteja aumentando, há uma esperança entre os locais de que toda essa atividade econômica permita a ascensão de ao menos uma parte da sociedade que vive no atoleiro.

- **É por isso que um shopping frequentado pela classe média queniana foi o alvo escolhido pelos terroristas?**

O shopping Westgate foi construído em 2007 e é um símbolo do “novo Quênia”, muito valorizado por essa crescente classe média de Nairóbi, particularmente pela grande comunidade asiática. Shoppings centers oferecem ar condicionado e grifes famosas, representam um aperitivo para a vida boa que o Ocidente promete. E não me parece apenas uma coincidência que o shopping escolhido pelo al-Shabab tenha esse nome: Westgate (algo como “porta para o Ocidente”). Para quem conhece Nairóbi, entrar naquele ambiente luxuoso causa espanto – você tem que fazer um esforço para acreditar que ainda está no Quênia.

REFLEXÕES XII

- **Em sua opinião, as Forças Armadas do Quênia deveriam se retirar imediatamente da Somália ou isso poderia ser interpretado como uma vitória para os terroristas?**

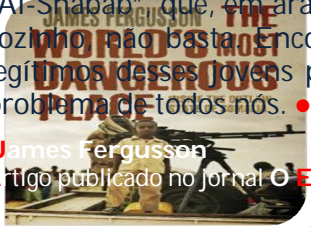
Certamente seria interpretado como uma vitória do terrorismo. E é muito improvável que aconteça. A Operação Linda Nchi (cooperação entre as Forças Armadas do Quênia, da Etiópia e da Somália) é a primeira missão militar queniana no exterior e Nairóbi embarcou nela por boas razões. Há muito em jogo do ponto de vista do orgulho militar nacional. Seria absurdo retirar-se agora da Somália, depois de tanto esforço investido e dos resultados efetivos que a operação conquistou.

- **O que as grandes nações ocidentais podem fazer para minimizar as tensões e prevenir novos ataques?**

O Al-Shabab tem facilidade de atrair uma parcela da juventude somali por causa da falta de um governo legítimo na região. É só quando governos fracassam em sua missão de prover as condições básicas de existência – água, segurança, empregos, educação –, privilegiam clãs em detrimento de outros, praticam a corrupção, a inépcia e a indiferença, que o islamismo radical se transforma numa alternativa atraente. Organizações como o Al-Shabab jamais serão totalmente derrotadas enquanto essa realidade não mudar. Conseqüentemente, as nações ocidentais deveriam colaborar intensamente para que o governo de Mogadiscio tenha êxito nessa tarefa. Como na Primavera Árabe em geral, o grande desafio do Ocidente é um desafio demográfico. A chave está no próprio nome “Al-Shabab” que, em árabe, significa “a juventude”. O uso da força, sozinho, não basta. Encontrar maneiras de responder aos anseios legítimos desses jovens privados de seus direitos no mundo é um problema de todos nós. ●

James Fergusson

Artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo no dia 29 de setembro de 2013.



Califado on-line

Loretta Napoleoni



Para onde? Curdo
espera na fronteira
turco-síria, onde
combatentes da etnia
lutam com o EI

Estado Islâmico usa YouTube e técnicas de marketing em projeto radical de construir nação

A cena de dezenas de milhares de refugiados yazidis congelando e famintos numa montanha do Iraque, encurralados pelos militantes do Estado Islâmico (EI), está entre as imagens que marcaram 2014.

O avanço do grupo na Síria e no Iraque este ano surpreendeu o mundo pelo grau de crueldade exemplificado por vídeos de degolas de reféns ocidentais. Organizações internacionais de assistência e direitos humanos desistiram de especular sobre o número de vítimas do Estado Islâmico. Há, por exemplo, execuções em massa de soldados iraquianos ou de populações de localidades que não aceitam a ordem de se converter ao salafismo praticado pelos militantes. Há constantes capturas de grupos de mulheres que são vendidas como escravas.

O grupo é conhecido por siglas que abreviam Estado Islâmico da Síria e do Iraque ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante e agora o governo americano pede que usem Daesh, o termo preferido "por nossos aliados na região", uma sigla do árabe

REFLEXÕES XII

que se refere a “esmagar o inimigo sob o pé”. Trata-se de um esforço para apagar a legitimidade da palavra “Estado” e de um sinal claro do sucesso do grupo, que entende bem de *branding* em publicidade.

Mais uma vez, o mundo fica paralisado diante do espetáculo de violência que desafia nosso senso de humanidade. Mas, se a reação de horror é legítima, a surpresa não se justifica, argumenta uma veterana observadora da militância radical organizada.

Loretta Napoleoni é economista e jornalista italiana com ampla experiência no estudo do financiamento de grupos radicais. Ela pesquisou os esquemas financeiros que permitiram operações de grupos como o Exército Republicano Irlandês e as Brigadas Vermelhas na Itália. É autora, entre outros, de **Economia Bandida**, sobre a relação do colapso do comunismo com os excessos que desaguararam no *crash* de 2008, e do recente **Maonomics**, sobre o sucesso da apropriação do capitalismo pelos comunistas chineses.

Em **A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio**, Napoleoni argumenta que é um erro enfrentar o grupo responsável por arrastar militares americanos de volta ao Iraque como se fosse a Al-Qaeda ou outra organização terrorista. Não importa a sigla escolhida, o Estado Islâmico quer construir uma nação, o primeiro califado em mais de um século.

Enquanto o Taleban se preocupa com educação e escrituras, o Estado Islâmico se utiliza de ferramentas da modernidade como o marketing e o YouTube para alistar uma nova geração de adeptos e quer dissolver fronteiras entre Estados

contemporâneos. A **Fênix Islamista** sai no Brasil em abril. A autora, de passagem por Nova York, deu esta entrevista exclusiva ao **O Estado**.

- **A formação do Estado Islâmico começou antes do avanço sobre a Síria e o Iraque?**

Podemos voltar aos anos 1990, quando os militantes apareceram na Jordânia sob o nome Tawhid al-Jihad, um movimento radical salafista formado em reação ao reconhecimento de Israel por parte da Jordânia. Mas se organizaram como jihadistas durante a invasão do Iraque em 2003 e se agruparam sob Abu Musab al-Sarqawi, o líder da Al-Qaeda no Iraque morto em 2006. Foi quando começou a luta entre xiitas e sunitas lá. Essa questão é central para o Estado Islâmico: os sunitas se dizem os únicos seguidores legítimos do Islã e os xiitas devem ser removidos da região que os sunitas consideram seu califado. Não uso “exterminados” porque oferecem aos xiitas a escolha da conversão. Por isso dei ao livro o título **A Fênix Islamista**. Pensávamos que o problema tinha acabado, não?

- **Este ano, para destacar o radicalismo do Estado Islâmico, ele foi descrito como cruel demais até para a Al-Qaeda. A realidade é mais complicada?**

Isso é simplificação de jornalista. Há mesmo um racha entre o grupo e a Al-Qaeda. Em 2012-2013, Abu Bakr al-Bagdadi debateu on-line com Ayman al-Zawahiri, líder da Al-Qaeda, sobre a estrutura teológica do califado. Al-Bagdadi quer ser o califa. Não se trata aqui de graus de violência. A Al-Qaeda era e é extremamente violenta e não se impôs um padrão aceitável de brutalidade.

- **Qual a importância da personalidade? Ayman al-Zawahiri pode ter sucedido a Osama bin Laden mas não tem seu carisma. E Al-Baghdadi?**

Ele também não tem mesmo o carisma de Bin Laden, não é um ícone. Mas o movimento não gira em torno de um indivíduo, quer ser um Estado, e assim constrói sua identidade, independentemente do líder. Se Al-Baghdadi morrer, o movimento não desaparece, haverá outro califa. Isso é, para mim, um sinal de modernidade.

- **Quando o mundo despertou para a ofensiva do Estado Islâmico em junho, começaram as acusações: Obama e os aliados europeus cochilaram, os líderes árabes foram omissos.**

O que temos de nos perguntar é: onde estava a comunidade de inteligência em todos esses anos? Havia tanto debate on-line sobre o califado, eles tinham uma presença no norte da Síria, estavam atacando seus rivais jihadistas para tomar seus territórios e ninguém fez nada. Foi falta de trabalho de inteligência? E o que dizer dos *think tanks* que costumam acompanhar radicais on-line? Ou foi algo pior, deixamos o Estado Islâmico fazer o trabalho de enfraquecer Bashar Assad para nós? Se for isso, a inteligência é pior ainda. Sabemos que o Estado Islâmico não atacava o Exército de Assad. Precisamos de respostas porque houve um claro fracasso. Já os governos árabes falharam há muito tempo na medida em que não conseguem se tornar democracias. São oligarquias que foram instaladas em parte pelo Ocidente. Acho que o verdadeiro fracasso foi construído ao longo de décadas, não aconteceu recentemente.

- **Quanto a fadiga de duas guerras na região, somada à recessão global de 2009, limitam a reação ao avanço do Estado Islâmico?**

Seria muito difícil para os Estados Unidos ou um país europeu intervir na região com tropas. E vejo com estranheza a omissão da mídia. Lembro que eles começaram a sequestrar e matar jornalistas que trabalhavam na região. Por que não nos foi mostrado o que se passava lá? Não interessava ao público? Acho que sim, a opinião pública não se interessava e a mídia não cobria.

- **O que é o salafismo radical?**

O salafismo original veio do século XIX. O movimento criticava o fracasso da comunidade árabe em criar Nações-Estado como as europeias. Então, eles apontavam para a Europa como um exemplo a ser seguido - nesse aspecto, eram pró-Occidente. Mas a reação dos europeus ao movimento foi colonizar. Em vez de ajudar os próprios árabes a formar suas Nações-Estado, chegaram como colonizadores. Isso estimulou a radicalização do salafismo, que passou a ver o europeu como o inimigo. Eventualmente o salafismo se fortaleceu bastante na década de 1990 com o reconhecimento do Estado de Israel e prosseguiu com o ódio aos xiitas, que vejo ligado ao nascimento da teocracia iraniana. Embora a revolução iraniana tenha ocorrido na década de 1970, o salafismo da região, em países como Egito e Jordânia, não prestava tanta atenção no Irã até que começou a campanha para projetar a Arábia Saudita como o grande inimigo, o que agravou a luta pela pureza do Islã entre sunitas e xiitas.

- **Qual o papel do fim da Guerra Fria e da globalização nesse cenário que descreve?**

REFLEXÕES XII

A globalização pesou, mas acho que o fim da Guerra Fria foi mais importante por ter criado esse sistema multipolar sem o confronto de dois superpoderes. Estamos num cenário mais próximo ao século XIX. Temos a disputa por recursos naturais, que envolve vários poderes. Não acredito que o Ocidente perceba isso, e ainda tem a mentalidade de que a vitória na Guerra Fria não foi contestada. Mesmo a Rússia parece desejar uma volta ao mundo bipolar.

- **Fala-se mais este ano em guerra assimétrica, conflitos que desafiam o enfrentamento tradicional de exércitos.**

E isso beneficia o Estado Islâmico. Eles entenderam que operam num novo ambiente. Por exemplo, começaram pela Síria, onde sabiam que não haveria intervenção americana. Observaram o fiasco da Líbia e concluíram que não havia disposição para intervir. Será que o presidente Obama compreendeu isso? Acho que não. Sua postura era de confronto com Assad, “não cruze a linha vermelha com armas químicas”. Assad usou e ninguém atacou. A mediação da Rússia foi também uma ótima desculpa para manter distância do conflito na Síria.

- **Quando o Estado Islâmico captura uma localidade começa a vacinar a população, toma iniciativas de governo. O Ocidente os define como terroristas. Há uma diferença entre o que fazem e usar um colete suicida?**

Não há definição verdadeira ou satisfatória de terrorismo. Menosprezá-los como meros terroristas não leva a uma solução. Eles têm seu pequeno exército, sua burocracia, seus vastos fundos. Devemos examinar estratégias para lidar com

REFLEXÕES XII

eles, inclusive a diplomacia. Mas isso não passa pela cabeça de ninguém no momento. Estados Unidos e Grã-Bretanha, com sua política de não negociar com terroristas, de fato negociam o tempo todo, como aconteceu na Irlanda do Norte.

- **Depois do 11 de Setembro, os Estados Unidos passaram a combater, em maior escala, o financiamento a grupos radicais. O que pode ser feito em relação ao Estado Islâmico?**

A questão não é apenas a quantidade de dinheiro que acumularam - a Organização para a Libertação da Palestina era muito mais rica. O importante é como gerenciam os recursos, e eles são efetivos, mantêm a população engajada. A OLP era simplesmente corrupta. O Estado Islâmico, até agora, parece muito eficiente. Como quem administra um Estado, eles exploram recursos naturais: petróleo, água, produtos agrícolas. Na vasta área que ocupam, dão oportunidade à população de participar da economia em *joint ventures* em que recolhem porcentagens da renda obtida. Cobram impostos. Vejo alguma similaridade com o Irã pós-revolução islâmica, na forma como assumiram o controle da máquina burocrática. Eles garantem a ordem e a segurança e a população que os apoia vê a riqueza como seu PIB. A guerra de conquista de território é uma despesa militar.

- **O Ocidente luta para compreender que seus jovens queiram se juntar ao Estado Islâmico. Qual sua explicação?**

A mensagem é muito sedutora. Os jovens veem uma oportunidade de construir uma nação, de implantar uma utopia política. Os muçulmanos tentaram durante muito tempo construir sua nação. A mensagem se torna mais

REFLEXÕES XII

positiva no cenário da grande recessão, que aumentou o senso de marginalização desses jovens no Ocidente. Eles se sentem bem-vindos, incluídos num novo projeto. E devemos levar em consideração um aumento do racismo no Ocidente, uma consequência comum de tempos de adversidade econômica.

- **O papa Francisco disse, este ano, que a 3ª Guerra Mundial já havia começado, em inúmeros conflitos iniciados por rebeldes e milícias. A sra. concorda?**

Concordo com ele. Há um desmonte social em curso, em parte, no contexto da globalização. O outro elemento importante é o aumento da desigualdade. O mundo não produz e distribui riqueza suficiente, o que torna o terreno muito mais fértil para conflitos armados. ●



Loretta Napoleoni é economista e jornalista. Autora de **Maonimis** e **Economia Bandida** (Bertrand). Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 20 de dezembro de 2014.

A fraqueza do Estado Islâmico

The Economist



Miliciano do Hashid al-Shaabi, grupo patrocinado pelo Irã

Sustentar um califado e atender às necessidades da população revelou-se muito mais difícil do que parecia, mas o grupo jihadista persiste no objetivo

No caixão está o corpo da vítima mais recente, um jovem combatente que perdeu a vida na linha de frente da guerra com o Estado Islâmico (EI). Mas poucos fiéis da mesquita do imã Ali, em Najaf, prestam atenção a

ele. Num lado, as mulheres choram e se lamentam no santuário de Ali, o genro do profeta Maomé, o quarto califa do Islã, e cujo assassinato pode ser considerado o início do cisma entre sunitas e xiitas. No outro, um grupo de peregrinos do Irã está sentado em silenciosa oração. O sermão que ressoa dos alto-falantes fala do casamento, e não da guerra. O espaço ao redor do edifício está repleto de famílias e de restos dos piqueniques.

No verão passado, os moradores de Najaf, reduto xiita do Iraque, temiam mortalmente o Estado Islâmico. Os combatentes da organização saíram de seus redutos na Síria e no noroeste do Iraque, espalharam-se e assumiram o controle de grande parte do território sunita. Faltava pouco mais de 10 quilômetros para que tomassem Bagdá e Erbil, a capital da região autônoma curda no norte do Iraque, igualmente ameaçada.

REFLEXÕES XII

Em junho, o EI declarou o restabelecimento do califado - o Estado único que, afirmam, deverá governar todos os muçulmanos. Mas ao contrário do califado de Ali, este definiria de maneira extremamente peculiar o que é um muçulmano: os xiitas não se incluíam, e muitos sunitas tampouco passariam no teste.

A declaração do califado no território que abrange partes do Iraque e da Síria é fundamental à ameaça específica representada pelo EI. Embora a Al-Qaeda também tenha a visão de um califado, ela o vê como o resultado final da conquista dos muçulmanos à sua causa; o EI o considera algo que, imposto pela força, atrairá os bons muçulmanos. A diferença de opinião explica, em parte, a cisão entre os dois movimentos, dois anos atrás.

Trazer o califado para o campo da ação, não das palavras, tornando-o um verdadeiro Estado é um dos fatores do sucesso do EI no recrutamento de combatentes estrangeiros. Sua localização é propícia; Bilad al-Sham, como o Levante é conhecido, ocupa um lugar especial na imaginação dos que estão comprometidos ideologicamente. As profecias a respeito dos últimos dias envolvem Dabiq, uma área no norte da Síria controlada pelo Estado Islâmico.

Reivindicações. Os insurgentes muitas vezes prestam serviços nos territórios que controlam, mas poucos reivindicam sua soberania, e certamente não na escala do EI. A população atualmente sob o seu controle chega a 8 milhões.

O califado imprime grandeza e certa autoridade, mesmo que a grande maioria dos muçulmanos o repudie. O território proporciona recursos.

REFLEXÕES XII

Mas as necessidades de um Estado que deve ser expansionista dificultam seu sucesso constante. O EI deve continuar crescendo tanto para levantar dinheiro quanto porque o califado deve se tornar universal. Ao mesmo tempo, precisa governar o que detém a fim de provar que não é apenas mais um grupo terrorista.

Aparentemente, suas expectativas são excessivas. Sua expansão estagnou desde agosto e foi repellido em grande parte do Iraque.

É por isso que, em Najaf e até certo ponto em Bagdá, a luta contra o EI não é mais entendida como uma luta pela sobrevivência, mas como mais uma guerra. As receitas das quais o Estado Islâmico depende encolheram. E há algumas evidências de que a insatisfação no território em seu poder está aumentando, e também entre seus membros.

A coalizão contra o EI, montada pelos Estados Unidos depois que o primeiro-ministro iraquiano Nuri al-Maliki deixou o cargo, em agosto, agora engloba cerca de 60 países, e realiza cerca de 10 ataques aéreos por dia. Os EUA enviaram armas ao Exército iraquiano e aos peshmergas curdos; treinam soldados iraquianos, e se preparam para fazer o mesmo para ajudar uma pequena força de combatentes rebeldes da Síria contra o EI.

Mas, na maior parte do Iraque, o grosso dos combates está a cargo das milícias xiitas apoiadas pelo Irã. No auge dos violentos ataques do Estado Islâmico, o grão-aiatolá Ali al-Sistani, um dos clérigos mais importantes do Islã, emitiu uma fatwa (decreto religioso) pedindo aos xiitas que se alistassem na Hashid al-Shabi, uma organização que reúne

REFLEXÕES XII

principalmente milicianos xiitas voluntários. Pelo menos 100 mil atenderam ao apelo.

O Irã forneceu dinheiro e armamento à Hashid al-Shabi; embora o grupo de milicianos responda nominalmente ao governo iraquiano, na maior parte é de responsabilidade do Irã. Teerã exerce também muita influência sobre o Exército, bastante reduzido, treinado pelos americanos, que se tornou sectário sob Maliki, e enviou-lhe seus assessores, como Qassem Suleimani, o chefe de sua Guarda Revolucionária. Graças ao esforço do general Suleimani, Bagdá agora está bem fortificada e os aviões podem pousar e decolar com segurança.

O toque de recolher que vigorou por 12 anos acabou, permitindo que os iraquianos sentem às margens do Rio Tigre fumando narguilé até de madrugada. Centros comerciais e cafés fervilham de atividade. A atmosfera é mais relaxada do que em qualquer outro período anterior à invasão liderada pelos americanos, em 2003.

O Exército iraquiano e as várias milícias xiitas combatem em cinco frentes na Província de Salaheddin, a noroeste de capital, e em breve poderão conquistar Tikrit, a capital, embora o avanço na cidade tenha sido interrompido desde o dia 13. Desde então, o Exército estaria pedindo mais ataques aéreos americanos.

Os curdos recuperaram o que consideram partes do Curdistão. Seu *front* tem o apoio da Força Aérea e é bem defendido. "É como a 1.^a Guerra ao longo desta fronteira de mil quilômetros", diz um diplomata.

As incursões do Estado Islâmico às vezes irrompem através da linha fronteira - em janeiro houve um ataque feroz a Kirkuk -

REFLEXÕES XII

, mas raramente penetram mais de 5 quilômetros em território curdo.

No total, o EI perdeu cerca de 13 mil km² de território, ou seja, um quarto do que detinha no auge da invasão. Funcionários americanos admitem que cerca de mil combatentes morreram somente na batalha por Kobani, cidade curda na fronteira entre a Síria e a Turquia, que o EI tentou tomar durante meses, sem conseguir.

Dezessete dos seus 43 comandantes de alta patente foram mortos, segundo Hisham al-Hashimi, analista iraquiano do EI em Bagdá. Mas, apesar de todas as perdas, os combatentes na linha de frente afirmam que não há nenhum sinal de que o número de combatentes do EI tenha diminuído. Ao que tudo indica, o recrutamento continua.

Se a pressão militar ainda não está reduzindo significativamente o número de combatentes do EI, produz outras consequências. Segundo Hussam Naji Sheneen Thaher al-Lami, ex-integrante do EI, atualmente preso em Bagdá, o grupo jihadista teme os ataques aéreos. Eles têm impedido o transporte de suprimentos em comboios. Por outro lado, o EI mudou suas táticas.

“Antes, seus integrantes ganhavam ou morriam”, afirma Saad Maan, do Ministério do Interior do Iraque. Agora, às vezes recuam. “Eles não nos enfrentam em terra”, diz Naim al-Obeid, integrante da Asaib Ahl al-Haq, uma das milícias xiitas mais notórias do Iraque. “Em vez disso, usam bombas improvisadas e combatentes suicidas.” Maan afirma que as forças iraquianas “quebraram a vontade do EI”; outros veem nisso uma resposta tática à nova situação.

REFLEXÕES XII



Militantes leais ao Estado Islâmico na Líbia levam 21 cristãos coptas egípcios para decapitação

Os demônios. O papel de liderança exercido pelas milícias xiitas é um problema no que se refere à recuperação do terreno nas mãos do Estado Islâmico. As pessoas que vivem em seus principais territórios são em grande parte sunitas que se revoltaram contra seus governos nacionais pela ação da repressão de Bashar Assad na Síria e da discriminação em favor dos xiitas

de Maliki no Iraque. Eles não gostam dos xiitas armados. Até o momento, o problema não tem sido intransponível, mas as operações ocorreram em grande parte em locais com populações mistas xiitas e sunitas.

Embora a Hashid al-Shabi seja cuidadosa ao se definir como nacionalista - os caixões em Najaf são cobertos com a bandeira vermelha, branca e negra do Iraque, em lugar da bandeira negra que cobre em geral os esquifes na mesquita -, a organização é quase totalmente xiita. Segundo muitos milicianos, a luta é claramente sectária.

Os americanos relutam em tomar parte de operações com as milícias xiitas, algumas das quais combateram contra eles - como no caso de Asab Ahl al-Haq - durante a ocupação após 2003. As milícias e os iranianos, por sua vez, estão menos ansiosos do que o Exército iraquiano pela ajuda do poderio aéreo americano. O que explica a ausência de ataques aéreos em Tikrit.

REFLEXÕES XII

Isso é agravado pela reputação de brutalidade e pelas execuções sumárias das milícias. Este comportamento em Tikrit teria implicações para um eventual avanço sobre Mossul, cidade muito maior, que inicialmente foi um lugar familiar para o grupo outrora jihadista que apoiava a Al-Qaeda, hoje no controle do EI. Na opinião de alguns, a verdadeira capital do califado é Mossul, não Raqqa, a cidade no leste da Síria para a qual o EI fugiu. Muitos de seus cidadãos, que ficaram felizes ao ver o Exército de Maliki pelas costas com a chegada do EI, consideram o avanço da milícia xiita uma forma de vingança, de acordo com uma mulher que vive no local.

Como os sunitas não confiam na Hashid al-Shabi, a nova força de combatentes e da polícia local está sendo treinada para combater em Mossul, diz Osama al-Nujaifi, um dos vice-presidentes iraquianos, sunita originário daquela cidade.

Alguns duvidam de que essa força fique pronta em algum momento, ou que possa se coordenar com outras forças. O que aumenta a incerteza quanto à amplitude de persistentes ataques contra o EI e sua rapidez. Embora funcionários americanos sugiram que um assalto a Mossul possa começar dentro em breve, a afirmação é claramente prematura, pois ainda não se sabe ao certo quais serão os grupos que participarão do confronto.

Na Síria, onde tem poucos inimigos no terreno, o Estado Islâmico continua mantendo a maior parte do território tomado. Embora tenha sido repellido em direção ao sul pelas forças curdas sírias no nordeste, ele se desloca lentamente em direção a oeste, no deserto que limita com Hama e Homs,

REFLEXÕES XII

onde se encontram os campos petrolíferos atualmente nas mãos do regime de Bashar Assad.

Mas é difícil saber se tomar mais poços petrolíferos ajudará o EI. Os aviões da coalizão realizam ataques de precisão a instalações petrolíferas; no dia 8 de março, destruíram uma refinaria do EI perto de Tel Abyad, no norte da Síria. Hashimi admite que o EI perdeu quase três quartos de suas receitas petrolíferas desde o início dos ataques e, com isso, sua situação se complica. Por outro lado, não tem perspectiva do ingresso de mais dinheiro do resgate dos reféns ocidentais. Os cofres dos bancos de Mossul já foram saqueados. A organização poderá fazer dinheiro vendendo artefatos culturais que não destruiu por considerá-los idólatras (destruição que poderá aumentar o valor dos que permanecem intactos), mas, além disso, resta-lhe o dinheiro trazido pelos novos combatentes, pela extorsão e pelos impostos cobrados em nome do zakat, a esmola islâmica.

A escassez de recursos é uma das razões pelas quais o EI está encontrando dificuldades enquanto Estado. Inicialmente, ele oferecia serviços completos, até mesmo escolas (embora com os currículos modificados: sem inglês, e com o aumento dos estudos do Alcorão), hospitais e eletricidade. Recentemente, a situação se tornou mais complicada; e poderá se tornar ainda mais, se os governos iraquiano e sírio pararem de pagar os salários dos funcionários públicos aos trabalhadores das áreas controladas pelo EI. Os sírios que fugiram de Raqqa reclamam do lixo nas ruas e da falta de energia elétrica. Os combatentes ainda recebem seu salário, que varia de US\$ 90 a US\$ 500 mensais, com um extra para as mulheres e os filhos, mas

REFLEXÕES XII

Hashimi diz que agora eles recebem menores subsídios para o aluguel e o transporte.

A mulher que mora em Mossul conta que os serviços continuam funcionando. Mas isso pode mudar. O cloro, usado para purificar a água, acabou. Essas coisas minam a aspiração do EI à criação de um governo, e afastam os sunitas iraquianos que inicialmente o acolheram. Estes não são os únicos motivos de insatisfação. “Quando o EI chegou, os habitantes de Mossul ficaram contentes”, ela disse. “Mas agora muitos veem que sua situação não melhorou (em relação à época do Exército de Maliki). Eles prendem nossos homens sem nenhuma razão, pedem dinheiro às pessoas e obrigam os proprietários a fecharem suas lojas e a pagar se quiserem reabri-las.”

A vida ainda é tolerável para os que aceitam a versão da lei islâmica do EI ou o consideram um bastião contra as perseguições do regime brutal de Assad ou o governo liderado pelos xiitas no Iraque. Mas na medida em que a situação se torna mais difícil, o EI aumenta a repressão.

Está espionando os civis e os próprios combatentes e punindo brutalmente as transgressões: recentemente, um combatente teria sido decapitado por ter se mostrado ansioso por decapitar outros. Todo mundo deve obedecer às suas regras sociais draconianas - não fumar e usar o nicabe²⁰ é obrigatório.

²⁰ **Nicabe**: é um véu que cobre o rosto e só revela os olhos, usado por algumas mulheres muçulmanas.

REFLEXÕES XII

Não surpreende que aumente a irritação das pessoas com as normas do EI, principalmente em território sírio. A origem iraquiana da maioria dos altos escalões implica que o EI é considerado por muitos um ocupante. Alguns homens do EI na Síria foram assassinados, e a organização andou mudando rotativamente seus emires - príncipes, como são conhecidos os governantes locais - temendo um golpe em razão das disputas entre combatentes locais e estrangeiros (os combatentes estrangeiros recebem mais). Novas medidas teriam sido adotadas para dificultar a fuga, o que sugere que muitos combatentes a tentaram.

Diante de tal situação, as táticas de propaganda do EI cada vez mais chocantes, como queimar vivo um piloto jordaniano capturado e a destruição da antiga cidade iraquiana de Nimrud com máquinas de terraplenagem, podem ser entendidas como uma espécie de ataque para mascarar sua fraqueza.

Mas isso não parece reduzir a limitada base de recrutas potenciais, animados pela promessa do EI de um novo Estado. Os combatentes continuam chegando do exterior, em geral do mundo árabe, com um número maior de tunisianos e sauditas, mas também muitos ocidentais.

Além de fornecerem combatentes, outras partes do mundo também oferecem suporte ideológico. Abu Bakr al-Baghdadi, o líder do Estado Islâmico, aceitou as promessas de lealdade de grupos da Líbia e da península do Sinai, assim como do Boko Haram na Nigéria. O que aumenta o prestígio do califado, mas a liderança do EI parece exercer pouco comando operacional sobre os grupos que prestaram juramento.

REFLEXÕES XII

Inimigos. Se não conseguir avançar, o califado poderá entrar em colapso, o que impossibilitaria a concretização das pretensões do EI a alguma importância histórica, ou mesmo filosófica. Em lugares dos quais foi expulso, o EI já se parece muito mais com a organização terrorista que era antes de iniciar a tomada dos territórios. Desde que Yusufieh, uma cidade ao sul de Bagdá, foi libertada do controle do EI, tem sido atingida por inúmeros bombardeios. “Os safávidas” e “os cruzados”, como o EI chama o Irã e o Ocidente, são preocupações secundárias; matar inimigos locais é mais importante.

Por isso, a sedução internacional exercida pelo EI poderá perdurar em parte além do seu califado, e seus veteranos certamente se dispersarão pelo mundo. Ataques em nome do EI vêm ocorrendo de Sydney a Paris.

“Nunca vimos uma ameaça terrorista como esta”, afirma Brett McGurk, um funcionário americano. “Os combatentes são extremamente jovens, de modo que a ameaça permanecerá aqui pelo restante de nossas vidas.”

Ao mesmo tempo, os fatores políticos que permitiram ao EI aspirar a um Estado soberano certamente poderão sobreviver a ele. Na Síria não há sinais de que a guerra esteja chegando ao fim. Mas as ironias se multiplicam. O Irã, que teme o EI, continua sustentando Assad. Este, por sua vez, acha o Estado Islâmico um apoio útil; enquanto persistir como força, ele pode se imaginar combatendo uma insurgência islamista que os EUA também consideram hedionda, mas não têm como combater no terreno.

REFLEXÕES XII

Em Bagdá, os xiitas do Iraque continuam dominando a política. Isso não significa que não estejam ocorrendo mudanças. Os iraquianos das principais tendências concordam que a política era melhor sob Haider al-Abadi, que se tornou primeiro-ministro no ano passado, do que na época de Maliki. Abadi formou um gabinete mais abrangente, dividindo os ministérios entre sunitas, xiitas e curdos, e aprovou um orçamento, embora com muitos problemas. Em parte graças à ameaça do EI, há um novo espírito de cooperação.

Mas há mais conversas do que ação, afirma Ayad Allawi, vice-presidente. As exigências dos sunitas que querem a libertação de prisioneiros da época de Maliki não foram atendidas na maior parte.

Muito depende do destino da Guarda Nacional, uma nova força proposta para contrabalançar o predomínio xiita na região. Muitos iraquianos temem que se trate simplesmente de um novo rótulo da Hashid al-Shabi, com alguns sunitas, concedendo um novo status às forças essencialmente iranianas, e, desse modo, uma ampliação da influência do Irã sobre a situação da segurança. Num país profundamente desconfiado, muitos acreditam que o EI seja na realidade uma frente destinada a justificar a tomada do aparato de segurança pelo Irã; mas muitos outros acham que se trata de um complô americano.

Os sunitas contrários ao EI acham que deveriam voltar a se armar, como quando os americanos combatiam a Al-Qaeda no Iraque. Mas ninguém está disposto a lhes fornecer armas. “Nós queríamos um exército nacional”, afirma Ghazi Faisal al-Kuaid, membro de uma tribo que está lutando ao lado do

REFLEXÕES XII

governo em Ramadi. “Em vez disso, eles montaram o equivalente xiita do Estado Islâmico.”

E a desconfiança xiita cresce a um ritmo que acompanha o das perdas de suas milícias.

Observando o aumento dos túmulos em Najaf, os coveiros comentam que têm tido um enorme trabalho enterrando milicianos. “Nunca trabalhei tanto”, afirma um deles. “Nem mesmo depois de 2003 ou 2006 (no ápice da guerra civil do Iraque).” Os sunitas “nunca aceitaram perder o poder que lhes pertencia desde o tempo do imã Ali, nem poderiam aceitar agora”, diz Haider, xiita, dono de uma mercearia.

“Sempre que encontrar sunitas e der armas a eles, encontrará o EI”, afirma Bashar, um miliciano. Muitos xiitas acham que a luta contra o EI justifica a exclusão dos sunitas do governo e do aparato de segurança.

Hoje, é muito mais improvável do que nunca que o Estado que o EI pretendia construir se torne uma realidade duradoura, e isso é ótimo. Mas o território arruinado no qual esperava construí-lo poderá acabar ainda mais danificado do que estava no início. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in a white serif font on a red rectangular background with rounded corners and a white border.

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 21 de março de 2015.

A era da frustração

Ward Wilson



Revival. Ex-soldados com uniformes da 1ª Guerra participam da parada do Dia dos Veteranos em Nova York

O período pré-1ª Guerra Mundial foi marcado pela desigualdade, terrorismo e descontentamento com a democracia. Soa familiar?

Este ano marca o 100º aniversário da 1ª Guerra Mundial. Livros, artigos e eventos lamentaram os custos, homenagearam os soldados e exaltaram os valores dos vitoriosos. Mas por trás do sentimentalismo há também

realidades duras e lições convincentes para a democracia que se aplicam não a algum mundo esquecido e distante,

mas ao nosso. Muitas coisas nos anos 1890 parecem inquietantemente familiares. Nosso tempo as reproduz.

O período anterior à 1ª Guerra foi uma era de frustração. Era chamado de **Belle Époque** pelos que tinham a sorte de ser os ricos da Europa - um tempo de cartolas, tédio e passeios majestosos. Mas a historiadora Barbara Tuchman lembra-nos que havia também um certo frenesi e um sentimento obsessivo, que um observador descreveu como “cheiro de queimado no ar”.

Foi um tempo de crises de política externa, intensas e febris. Emergências surgiam e desapareciam em vertiginosa velocidade. A crise venezuelana de 1895, a crise marroquina

REFLEXÕES XII

de 1905, mesmo a Guerra Hispano-Americana, foram eventos curtos e intensos que ganharam manchetes por um dia para logo se dissiparem na insignificância.

As crises súbitas e seus entusiasmos repentinos eram alimentados por insatisfações econômicas profundas. Havia uma distância grande e, ao que parecia, permanente entre ricos e pobres - considerada, na época, uma decorrência inevitável da industrialização. Alemanha, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos foram abalados por crises nacionais - como o Caso Dreyfus, na França - que emperravam o funcionamento dos governos. Em retrospecto, porém, essas crises parecem ter sido sobre quase nada. Por que paralisar a França por oito anos pela injustiça com um capitão? Ou levar o governo alemão à beira do colapso por uma pretensa má conduta sexual? A política parecia um motor rateando: as nações não avançavam, mas havia calor, fumaça e o guincho de motores girando fora de controle.

Numa obra profundamente pessimista intitulada **The Condition of England (A situação da Inglaterra)**, publicada em 1909, Charles F. G. Masterman advertia sobre um mundo dividido verticalmente "entre nação e nação armada até os dentes" e horizontalmente "entre ricos e pobres". A sociedade global, escreveu ele, era presa das "gigantescas e inovadoras forças do avanço mecânico, da sublevação de povos, das insatisfações sociais", enquanto o poder "se concentrava cada vez mais nas mãos de corporações imensas". Ele expressou um pessimismo profundo sobre o futuro num cenário em que "vastos mecanismos de destruição são colocados nas mãos de uma civilização sem muito

REFLEXÕES XII

autocontrole” na qual “o desenvolvimento material transcendeu o progresso moral”.

A vida social, tanto nas camadas superiores como nas inferiores, parecia estranhamente fútil. A ascensão de uma moral vitoriana claustrofóbica entre os ricos se combinava com campanhas periódicas - como os movimentos por temperança nos EUA nos anos 1880 - que procuravam pôr fim à decadência nas classes inferiores. Para ricos e pobres, o tempo era de coerção social.

Ainda mais revelador, houve uma forte guinada para o radicalismo, o anarquismo e a violência. O assassinato virou lugar-comum. Nos 20 anos antes de 1914, seis chefes de Estado foram mortos por anarquistas: o presidente Carnot, da França, o primeiro-ministro Canovas, da Espanha, a imperatriz Elisabeth, da Áustria, o rei Humberto, da Itália, o presidente McKinley, dos EUA, e o primeiro-ministro Canalajas, da Espanha. E, é claro, foi morto, no verão de 1914, o arquiduque Ferdinando, da Áustria.

Era como se nuvens carregadas tivessem se estabelecido sobre a era, trazendo tensão, claustrofobia e falta de ar. É difícil escapar da ideia de que essa sensação de sufocamento fora causada, de certo modo, pela longa paz que a Europa experimentara por quase cem anos. O Concerto da Europa - um acordo tácito para evitar a guerra por meio de conferências e equilíbrio de poder - foi estabelecido em 1815, após a queda de Napoleão. Manteve a paz por quase um século, trazendo crescimento econômico e uma riqueza enorme. Mas era também um sistema conservador que visava, antes de tudo, a preservar a ordem estabelecida.

REFLEXÕES XII

Não por acaso, rebeliões explodiram por toda a Europa em 1848. Havia um desejo profundo de mudança. O esmagamento dessas rebeliões alimentou uma desesperança que levou ao anarquismo e assassinatos. Os anarquistas argumentavam, e muitos acreditavam, que a única maneira de trazer uma verdadeira mudança era com ações radicais e violentas.

Enquanto as classes superiores sentiam tédio durante “a bela época”, outros tinham uma perigosa sensação de desespero. Uma guerra - qualquer guerra - seria melhor, diziam, que a paz sufocante que pairava sobre a Europa. Um grande número de pessoas ficou aliviado com a eclosão do conflito em 1914. Na Inglaterra, multidões enormes aplaudiram e os sinos das igrejas badalaram sem parar após o anúncio da guerra. O escritor alemão Thomas Mann se perguntou se a guerra não poderia ser vista como “uma purificação, uma libertação, uma esperança enorme...”.

Esse senso de frustração não soará familiar? Cada condição dessa lista - relações internacionais, política, economia, hábitos sociais, violência - encontra eco em nossa própria era. Tem havido uma série de crises febris de política externa: disputas sino-japonesas sobre ilhotas, ameaças de guerra quanto ao programa nuclear do Irã, combates em Gaza, conturbações na Ucrânia, guerra civil na Síria, a súbita ascensão do Exército Islâmico (EI). Algumas dessas são questões genuínas. Outras, em retrospecto, parecem ter a ver mais com ódio e emoção que com choques reais de interesses.

Economicamente - nos EUA ao menos - há novamente barões ladrões e um largo e preocupante abismo entre ricos e pobres. Nós, no Ocidente, vivemos num tempo em que as respostas à

REFLEXÕES XII

ruptura de regras sociais são no mínimo tão ferozes como na era vitoriana. Personalidades esportivas perdem emprego por alegações de atos ofensivos aos costumes. Campanhas por diversidade resultam em notáveis manifestações de intolerância. Mas é em países menos liberais que a imposição coercitiva de hábitos sociais é mais completa. A feroz repressão de *gays* na Rússia e as vertentes fanáticas do Islã refletem uma crescente tirania de costumes sociais em muitos cantos do globo.

Em política doméstica, vários países apresentam impasses, mas os mais óbvios são nos EUA. A crise do teto da dívida americana, um impasse que parecia não ter nenhuma razão de ser, adquiriu contornos parecidos com os imbróglis políticos dos anos 1890. Governos hoje estão paralisados por causas tão insignificantes que parecem incompreensíveis em retrospecto.

E, como na **Belle Époque**, tem havido um aumento repentino de atos desesperados de violência. O extremismo moderno é mais centrado em matar civis que em assassinar líderes, mas a similaridade está lá: frustração, ódio e vontade de derramar sangue. Uma explicação para as peculiaridades de nossa era poderia ser que, como o Concerto da Europa, tem havido uma ordem estabelecida que existe solidamente há quase 70 anos. Ancorada pela Otan e outras alianças (por obra, sobretudo, dos EUA), a ordem mundial permaneceu estável por gerações, trazendo paz e prosperidade para boa parte do Ocidente. Mas, como o Concerto da Europa, ela também às vezes sufocou mudanças e rebeliões. Por muitos anos, fez isso a pretexto de impedir a disseminação do comunismo. Mas também o fez por razões econômicas (como

REFLEXÕES XII

no Oriente Médio) e por simples estabilidade. EUA e aliados apoiaram monarquias e regimes repressivos que resistiram a mudanças.

Reportagens falam de milhares de voluntários afluindo para os acampamentos do EI na Síria e no Iraque. Líderes ocidentais coçam a cabeça e se perguntam o que motivaria pessoas a ir lutar no deserto. Mas, numa era de frustração, o EI deve parecer para alguns uma luz de mudança e pureza. A cultura "corrupta" de ganância e sensualidade ocidental pode bem ser vista como justificativa para uma reforma violenta.

O antídoto para frustração é ao mesmo tempo simples e difícil: canais para uma mudança verdadeira. Revolução e rebelião oferecem um caminho nessa direção. Foi talvez por isso que Thomas Jefferson tenha dito: "Uma pequena rebelião de vez em quando é tão necessária no mundo político como tempestades no físico". Mas revoluções também podem libertar a ânsia de violência de nossa natureza animal. Uma revolução amiúde termina como a Revolução Francesa - com terror, anarquia e ditadura. Revolução é remédio forte, mas perigoso.

Outra possibilidade seria deixar o vapor escapar com guerras. Mas isso é mais perigoso até que uma revolução. A 1ª e 2ª Guerras - válvulas de escape para toda a pressão que se acumulara no século XIX - resultaram em algo como 90 milhões de mortos.

O mais seguro antídoto para uma era de frustração é prover mecanismos firmes e regulares de mudança, construir formas de governança que permitam mudar quando for necessário -

REFLEXÕES XII

democracia, em outras palavras, o antídoto mais eficaz contra o ódio.

Hoje, porém, a democracia em algumas sociedades ocidentais parece calcificada e ineficaz, a ponto de não atrair o interesse da maioria. O comparecimento eleitoral na maioria das eleições recentes nos EUA foi o mais baixo desde a eleição de Thomas Jefferson em 1804. O senso generalizado de que o governo não consegue refletir as preocupações dos governados origina movimentos de protesto como as campanhas Occupy e o Tea Party. A Europa tem as próprias preocupações sobre o aprofundamento do “déficit democrático”, refletido na ascensão do Partido da Independência do Reino Unido (Ukip) e de outros movimentos anti-imigrantes. Muitos eleitores compartilham a crença de que governos só respondem a interesses mesquinhos e não estão dispostos a aprovar novas ideias ou abordagens.

Que mudanças fortaleceriam a democracia no Ocidente? É preciso assegurar uma forte competição nas eleições. Quanto mais distritos forem designados como “garantidos” para um ou outro partido, menos democracia haverá. É preciso cuidar de que os votos, e não o dinheiro, determinem as eleições. O mais importante, porém, é que os valores que constituem a base de cada nação precisam receber mais atenção, cuidado e respeito. Um regime bem-sucedido baseia-se fundamentalmente em valores compartilhados. Quando esse senso de valores compartilhados se evapora, nem um sistema perfeitamente equilibrado poderá manter uma verdadeira democracia.

A frustração cede quando um trabalho construtivo absorve nossa atenção. Novos desafios, instituições inovadoras e maneiras melhores de organizar nossas vidas podem nos

REFLEXÕES XII

afastar do desejo insaciável de dilacerar, destruir, matar nossos semelhantes.

Reformas democráticas podem não ser suficientes para sustentar a maré crescente atual de raiva e frustração. Pode ocorrer que as emoções humanas escoem em vastas ondas e tenhamos chegado a um momento de frenesi que mesmo reformas governamentais não conseguirão conter. Mas das três - democracia, revolução ou guerra -, democracia é a escolha mais segura, mais sensata para se tentar. Ela talvez seja nossa "última melhor esperança". ●



Ward Wilson é diretor do **Rethinking Nuclear Weapons Project** e autor de **Five Myths About Nuclear Weapons** (Houghton Mifflin Harcour). Escreveu este artigo para **Foreign Policy**. Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 24 de novembro de 2014.

Holocausto esquecido pela história

Nelson Garrone



Anciãos da etnia nama rezam ao lado de túmulo de líder assassinado durante o genocídio: os descendentes dos que sobreviveram ao extermínio são a principal fonte de informação

O ano de 2015 vai marcar os 70 anos do fim da Segunda Guerra. Ainda é difícil entender que a Alemanha - uma nação tão desenvolvida - pôde promover tamanha atrocidade. A visão mais comum é de que a origem do Holocausto estaria na humilhação sofrida após a Primeira Guerra e nas perdas territoriais e financeiras impostas pelo Tratado de

Versalhes - é o que se aprende na escola e se cobra nas provas de vestibular. Mas não é difícil constatar que a ideia de superioridade racial, a desumanização de outras etnias e,

principalmente, a logística dos campos de concentração não foram criadas naquele breve intervalo entre essas duas guerras. Não existe uma explicação única e, com certeza, as respostas não estão só na Europa.

Com muitas perguntas na bagagem, a equipe da **GloboNews** (eu, repórter e cinegrafista) desembarcou na Namíbia, uma nação que soube do que a intolerância alemã era capaz décadas antes dos judeus, ciganos, homossexuais e outras minorias. Nossa missão era produzir um documentário sobre o primeiro genocídio do século XX, praticado pela Alemanha

REFLEXÕES XII

antes do nazismo, antes de Adolf Hitler - um episódio sangrento da história, mas ainda pouco conhecido.

A Namíbia, no fim do século XIX, se apresentava como a esperança para muitos que buscavam fugir das cidades alemães, que cresciam exponencialmente. No imaginário dos súditos do império alemão, a Namíbia era a chance de voltar àquela vida simples e rural que a revolução industrial havia destruído. Paradoxalmente, o arquétipo do alemão genuíno poderia ser conquistado não mais na Europa, mas na África. Um obstáculo para esse sonho eram os nativos, principalmente de duas etnias: hereró e nama.

Os alemães construíram cinco campos de concentração na colônia. Não há, porém, sequer uma placa que os identifique. O maior ficava no centro da capital, Windhoek. Hoje, existe uma igreja no local e, a poucos metros, está o Parlamento. Na cidade de Swakopmund, costa norte, havia outro campo. Mais uma vez, nenhuma lembrança da matança, pelo contrário, Swakopmund é uma cidade de arquitetura tipicamente alemã.

Não fosse a areia que parece querer invadir a cidade, não diríamos que estamos na África. O mais temido campo de concentração era o da cidade de Lüderitz, no litoral sul, mais conhecido como Shark Island. Seu índice de mortalidade chegava aos 90%. Não à toa, alguns historiadores o classificam como o primeiro campo de extermínio da história. Hoje, o local que foi palco de assassinatos em massa é um aprazível camping (frequentado majoritariamente por brancos, diga-se de passagem).

REFLEXÕES XII



Ossos de cova na região de Lüderitz: para alguns, o primeiro campo de concentração da história.

A tradição oral manteve a história viva.

Os descendentes dos que sobreviveram ao extermínio são a principal fonte de informação. Os relatos dão conta de que a maioria dos detentos dos campos era de mulheres e crianças - os homens haviam morrido na guerra colonial com os alemães.

Os prisioneiros eram forçados a trabalhar até a exaustão na construção da infraestrutura do país: ferrovias, portos, prédios públicos. Os mais "afortunados" ficavam com o trabalho doméstico, trabalho escravo.

As condições dentro dos campos eram subumanas. Os relatos dos descendentes corroboram os registros deixados por alguns poucos missionários cristãos que - na época - tentavam demover o governo da colônia. O desprezo alemão à vida humana chegava a ponto de os presos serem proibidos de usar roupas de segunda mão. A eles eram reservados trapos ou sacos usados para transporte de cereais. A dieta era à base de arroz (sem cozimento, vale destacar), alimento jamais visto pelos habitantes do sudoeste africano. Era o ambiente ideal para doenças: tifo, escorbuto, varíola, pneumonia...

Acostumados ao deserto do interior do país, os detentos se chocavam com o clima extremo do litoral. De manhã, uma névoa úmida alimentada pelas águas geladas do Atlântico Sul invade a costa, a temperatura despencava. O dia vai passando e o deserto se impõe, a temperatura sobe e a umidade vai embora.

REFLEXÕES XII

É um ritual climático diário, até hoje é assim. Prisioneiros subnutridos e estafados tinham de suportar essas condições. A maioria não conseguia.

Há ainda relatos de que os detentos tinham que ferver as cabeças dos mortos e remover a pele, inclusive de parentes ou amigos. Os crânios eram enviados para a Alemanha, onde pseudocientistas usavam o material para provar a suposta superioridade dos brancos. Passagens como essa nos foram relatadas por líderes namas e hererós que ainda hoje parecem sentir a dor daqueles que morreram nos campos de concentração.

Mais de um século se passou desde a instalação desses campos. Alguém mais cético pode tentar argumentar que os relatos dos descendentes seriam exagerados. A tradição oral, afinal, poderia produzir imprecisões e até inverdades, mas há provas materiais. O Arquivo Nacional da Namíbia guarda parte do registro das mortes. Havia, por exemplo, uma espécie de formulário em que o burocrata alemão tinha apenas que preencher a data e o número de homens, mulheres e crianças mortos a cada dia. A causa mortis já vinha escrita: "Alimentação insuficiente".

Até dentro da Namíbia o assunto não é bem conhecido. Entre aqueles da minoria branca, por exemplo, os que têm ideia do que aconteceu tendem a acreditar numa versão diferente. Uns negam completamente a existência de campos de concentração. Há aqueles que reconhecem a morte dos nativos, mas relativizam, argumentando que eram prisioneiros de guerra. Há quem prefira destacar a contribuição da Alemanha para a infraestrutura do país, uma das melhores da África. Todos se esquecem ou parecem se esquecer de que dois

REFLEXÕES XII

terços dos presos eram crianças e mulheres e as benfeitorias alemãs foram construídas com mão de obra escrava.



Crianças da periferia da capital: sem reconhecimento do genocídio, difícil pensar em indenização

Além dos relatos e documentos, há ainda as covas coletivas onde eram jogados os cadáveres dos detentos. Nossas câmeras registraram ossos que brotam do chão, sem ser preciso nem cavar. O vento forte bate no terreno arenoso e ossos de todos os tamanhos vêm à tona: fêmures, mandíbulas, dentes. Numa sala que mais parece um cofre no Museu Nacional da Namíbia, há mais ossos.

São aqueles que haviam sido enviados para estudos na Alemanha e - depois de muita negociação - retornaram para a Namíbia. São ossadas muito bem preservadas em centros acadêmicos como a Universidade de Medicina de Berlim e a Universidade de Freiburg.

A mais impressionante delas é o crânio de um feto pouco maior que uma bola de tênis, guardado com tanto cuidado pelos "cientistas" alemães que mais parece mumificado. São imagens que derrubam qualquer argumento daqueles que ainda negam o genocídio. Não há, no entanto, dados precisos sobre o exato número de mortos. Os cálculos mais confiáveis dão conta de que até 80% da etnia hereró tenham sido dizimados. Entre os namas, a mortalidade é estimada em 50%.

REFLEXÕES XII

Hoje há associações de hererós e de namas que buscam algum tipo de reparação. O parlamento alemão chegou a votar uma moção apresentada pela esquerda que pedia que o assassinato em massa na Namíbia fosse reconhecido como genocídio. A maioria governista votou contra. Sem reconhecimento do genocídio, difícil pensar em indenizações.

Muito por causa do quase extermínio, hererós e namas hoje são minorias. Atualmente, a maioria é da etnia ovambo, vinda do norte da Namíbia e do sul de Angola. É quem está no poder. O partido que domina o governo há 20 anos é em sua maioria ovambo. Por que a maioria se esforçaria para fazer justiça em nome da minoria?

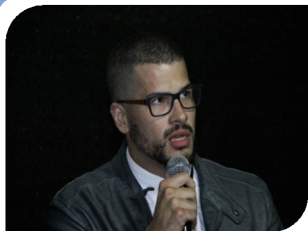
Fato é que as prioridades do país são outras. A epidemia do HIV é dramática, como em outros países da África. Há estimativa de que 20% da população estejam contaminados. E com o desemprego beirando os 30%, que governo vai empenhar tempo tentando resolver feridas do passado?

O Holocausto da Segunda Guerra chocou o mundo, enquanto o genocídio praticado pelos mesmos alemães três décadas antes passou quase incógnito. Não há como afirmar que exista vínculo de causalidade entre o primeiro e o segundo extermínio, mas há sem dúvida muitas ligações. A grande novidade introduzida por Hitler foi levar a lógica colonial para a Europa e elevar as práticas genocidas a um nível industrial.

O mundo ignorou a lição que a África tinha a dar. Em "Expedição Namíbia - o Primeiro Genocídio do Século XX", três jornalistas brasileiros tentam contar essa história. ●

Nelson Garrone é diretor do documentário "**Expedição Namíbia - O Primeiro Genocídio do Século XX**", que será exibido no Festival do Rio no dia 29.

REFLEXÕES XII



Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 26 de setembro de 2014.

Um lugar no céu

Anthony DePalma

Nos anos 60, minha mulher via seus amigos deixando Cuba de avião e achava que o destino deles, NY, flutuava nas nuvens

Durante muitos meses antes de minha mulher, Miriam, então apenas uma garota, sair de Cuba, em 1960, ela viu vários de seus colegas da escola elementar desaparecerem subitamente. Quando ficou sabendo que tinham partido para Nova York e viu aviões cruzando o límpido céu azul caribenho, ela imaginou que Nova York fosse algum lugar lá no alto, flutuando nas nuvens.

Ao chegar o momento de empreender a própria fuga para Nova York, Miriam foi socada num velho avião a hélice no aeroporto José Martí, em Havana. Sua avó, que estava voando com ela, havia prometido que iriam por apenas seis meses, tempo suficiente para os problemas em Cuba amainarem, e para o homem que causara os problemas, Fidel Castro, receber o que o esperava. Apesar de ter de dizer a Miriam que Nova York não ficava exatamente no céu, ela disse para a menina não se preocupar, pois estariam de volta a Cuba antes de ela completar 10 anos.

As coisas não saíram assim. Alguns meses depois de elas desembarcarem em Nova York, o velho presidente americano Eisenhower, irritado com a insolência de Fidel Castro e suas palavras ameaçadoras sobre comunismo, cortou relações diplomáticas com Cuba. Depois, o novo presidente americano, John Kennedy, lançou a desastrosa invasão da Baía dos Porcos. Fidel, temendo outra invasão, pediu ajuda à União

REFLEXÕES XII

Soviética e Kruchev enviou mísseis nucleares que colocaram o mundo à beira de uma guerra nuclear. Miriam nunca usou a palavra exílio para si, mas um enorme abismo geopolítico se abriu entre Nova York e Havana. Os seis meses viraram um ano, dois, três anos.

Aqui estamos agora, quase 54 anos e dez presidentes americanos depois, com um Castro ainda governando Cuba. As relações entre Havana e Washington estiveram numa dobra do tempo por mais de meio século, uma relíquia emperrada da Guerra Fria que pôs os Estados Unidos em conflito com todas as nações do hemisfério até Barack Obama decidir que poderia fazer história de novo.

Impedido de negociar com os republicanos sobre muitos assuntos, Obama pegou o telefone e concluiu um acordo com, de todas as pessoas, Raúl Castro, apoiando-se no declarado pragmatismo de Raúl para normalizar enfim as relações com Cuba.

Pareceu repentino, mas certamente não foi. Os anúncios pela televisão de Raúl, em Havana, e de Obama, em Washington, sobre o fim do impasse da Guerra Fria foram resultado de 18 meses de negociações secretas realizadas no Canadá e costuradas pelo papa Francisco. O acordo final envolveu espantosa gama de espões e prisioneiros políticos, gestos humanitários, oportunidades comerciais e acordos que uniram esses inimigos formidáveis em objetivos comuns: relações diplomáticas normais, incremento de viagens, exclusão de Cuba da lista de Estados patrocinadores do terrorismo e troca imediata de três espões cubanos por Rolando Sarraff Trujillo e Alan Gross.

REFLEXÕES XII

Raúl foi rápido em assinalar que algumas questões fundamentais não mudaram: o odiado embargo financeiro e comercial não foi levantado (Obama não pode fazê-lo sem o apoio do Congresso) e Cuba não recuou um centímetro de seus ideais socialistas. Mas estendeu um ramo de oliveira ao dizer em seu pronunciamento na televisão: “Devemos aprender a arte de conviver de maneira civilizada, a despeito de nossas diferenças”.

Por sua parte, Obama reconheceu que a política externa hostil a Cuba, em vigor pelo tempo que ele tem de vida, não foi bem-sucedida. Chegou a citar José Martí, dizendo que “liberdade é o direito de qualquer homem de ser honesto”, e prosseguiu para reconhecer que os Estados Unidos e Cuba não poderão apagar a história conturbada entre ambos. Mas podem forjar um novo caminho.

Os inflexíveis guerreiros da Guerra Fria no Congresso não perderam tempo para atacar o presidente. O senador Marco Rubio, da Flórida, potencial candidato republicano à presidência em 2016, disse que se sentiu traído pelas negociações secretas de Obama, empreendidas sem a participação do Congresso. Isso faz lembrar aqueles cubanos que, depois da vitória de Fidel em 1959, se sentiram traídos quando ele arrastou Cuba para o campo socialista. Os cubano-americanos em Washington advertiram Obama de que suas ações ousadas podem ter violado a lei Helms-Burton, e prometeram que a nova maioria republicana fará tudo o que puder para sustar a normalização, começando pela retenção dos fundos necessários para estabelecer uma embaixada e a confirmação de um novo embaixador.

REFLEXÕES XII

A mídia, ante as pistas do governo de que um grande anúncio sobre Cuba estava chegando, voou a Havana para captar as reações imediatas. Caminhões de externas também foram enviados para o lado do Versailles Café em Little Havana, Miami, para captar os sentimentos dos grisalhos linha-dura cubanos - que, como era previsível, condenaram a iniciativa de Obama.

Mas a verdade é que a maioria dos americanos - incluindo cubano-americanos mais jovens que nasceram nos EUA - não quer continuar a luta com Cuba. Ela sente que políticas orientadas para prejudicar os Castros na verdade prejudicaram os cubanos comuns que batalharam para sobreviver sob o regime repressivo e ineficiente.

Estive em Cuba muitas vezes desde 1978, quando Jimmy Carter se tornou o primeiro presidente a tentar trazer Cuba de volta à fraternidade das nações. Quando Miriam e eu entramos em Cuba pela primeira vez, as autoridades da imigração no Aeroporto José Martí confiscaram várias revistas que eu levava, com um gravador cassete. Na época a ilha estava realmente isolada do restante do mundo. Miriam viu o pai pela primeira vez desde que saíra quando garota. Ela voltava como uma mulher casada que desceu do céu como se Nova York ainda estivesse por lá, em algum lugar. Observei com a admiração de um estrangeiro quando ela se sentou numa grande cadeira de braços na casa do pai, rodeada por várias meias-irmãs que acariciavam seu cabelo suavemente perfumado como se ela fosse um anjo.

Foi a última vez que viu o pai.

REFLEXÕES XII

Depois que Raúl anunciou que os cubanos poderiam abrir empresas privadas, Miriam enviou dinheiro para um de seus meios-irmãos que queria iniciar um serviço de conserto de geladeiras, que agora está indo muito bem, para padrões cubanos. Mais que o dinheiro, foi a liberdade de poder operar abertamente, ter empregados e trabalhar sem se preocupar em ser fechado pelo governo que o ajudou a ser bem-sucedido.

Isso é uma enorme diferença do que encontramos em nossa primeira visita. Outro de seus meios-irmãos tinha acabado de morrer no mar numa jangada improvisada tentando cruzar para a Flórida, e outro estava operando secretamente um açougue clandestino, comprando sobras de carne de outros açougueiros, moendo e embalando em grandes mortadelas chamadas "Biggies", que curava num alpendre convertido em casa de defumação. Se fosse descoberto, seus equipamentos e suprimentos seriam confiscados e ele poderia ser mandado para a prisão.

Com a normalização de Obama, empresários cubanos iniciantes como ele poderão receber remessas de dinheiro mais livremente, não só da família, mas potencialmente de investidores. A sobrinha de Miriam, que nos pediu dinheiro para comprar um smartphone, poderá ter mais facilidade em se conectar e usar o telefone para acessar a internet agora que Obama pretende permitir que companhias americanas trabalhem mais livremente em Cuba, um dos países menos conectados do mundo.

E, claro, será mais fácil para americanos visitarem o país.

Além das dimensões humanas do fim do estranhamento político entre os dois países, as consequências econômicas e

REFLEXÕES XII

diplomáticas também são significativas. Poucas horas depois do anúncio de Obama, um grupo representando a indústria americana do arroz emitiu uma declaração elogiando as ações do presidente e apregoando que produtores e exportadores do produto pretendem ganhar com o aumento do comércio com a ilha. O embargo americano não impede Cuba de importar arroz de outros países, mas transportá-lo de lugares tão longínquos como o Vietnã aumenta substancialmente o custo. Chatas repletas de arroz cruzando o Golfo do México barateariam muito o produto.

Um dos primeiros grandes testes da força dessas novas relações bilaterais virão em abril na sétima Cúpula das Américas, no Panamá. Os chefes de Estado de outras nações do hemisfério ameaçaram boicotar a reunião se Cuba fosse barrada, como foi em cúpulas anteriores, porque seu líder não é democraticamente eleito. Nessa semana, Obama deixou claro que Cuba será convidada e os EUA comparecerão. Mas disse esperar de Raúl Castro que permita também a presença da sociedade civil cubana para exprimir seus pontos de vista.

Essa é a questão que toca minha particular preocupação sobre a normalização. Os direitos humanos básicos - o direito de falar livremente, se organizar, seguir o próprio caminho político sem medo de retaliação ou punição - foram em grande parte negligenciados nas negociações. Para não falar de uma abertura política, além da promessa de mais acesso à internet. Não houve uma libertação geral dos presos políticos, embora Raúl tenha prometido soltar 53, até agora não nomeados. Ele tomou medidas parecidas no passado, obrigando os prisioneiros soltos a saírem do país e depois rapidamente preenchendo as celas vazias com novos prisioneiros.

REFLEXÕES XII

Nos níveis mais pessoais, mais próximos do coração, Miriam ficou encantada de ouvir que Havana e Washington voltariam a conversar depois de tantos anos de obstinado silêncio. Estamos esperando ouvir seu meio-irmão e sobrinha sobre sua reação às mudanças.

Quando a mim, sinto uma verdadeira afinidade com os cubanos, como se tivesse estado naquele avião com Miriam há tanto tempo. Mas sou americano, e como tal posso ser visto como um representante dos imperialistas ianques que durante tanto tempo arrelharam Cuba. Conheço a história; estou ciente das injustiças. Também conheço os modos brutais com que o regime dos Castros tratou o povo cubano.

Estou muito aliviado com canais oficiais sendo abertos para negociar diferenças, porque o diálogo é fundamental. Eu me alinho com Michelle Bachelet e outros líderes latino-americanos que querem ver Cuba fazer um pouso suave após a saída de Raúl, como ele prometeu, dentro de poucos anos.

Mas continuo cauteloso, tendo observado esses dois lados se aproximarem em muitos tangos diplomáticos passados para depois pisarem os pés um do outro no último minuto e romperem. Continuo preocupado com o que ocorrerá nas ruas sujas de Havana e nos apartamentos dilapidados que não veem tinta há décadas quando os cubanos começarem a provar as doçuras da liberdade e naturalmente desejarem mais. Quanto Raúl estará disposto a lhes dar antes de decidir que preservar os ideais da revolução é mais importante? Que ocorrerá quando não houver nenhum Castro no poder e o fervor da revolução tiver morrido completamente, substituído por expectativas mais egoístas?

REFLEXÕES XII

Como disse o presidente Obama, o momento pede honestidade. Nova York não está flutuando nas nuvens, e Havana não é um paraíso socialista. Talvez agora o holofote possa mudar do que Washington está fazendo para Cuba para o que os Castros estão fazendo em Cuba. Faz tanto sentido esperar que tudo melhore em seis meses quanto ter feito aquela promessa há 53 anos. A história algum dia verá o que ocorreu nessa última semana como o primeiro passo real para encerrar um dos períodos mais perigosos que o Hemisfério Ocidental já conheceu. Mas é apenas um passo. ●

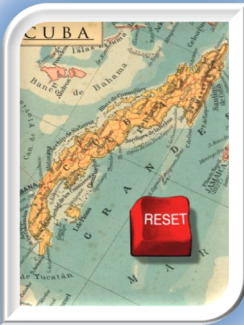


Anthony DePalma é ex-correspondente do jornal **The New York Times** e autor de vários livros, entre eles, **O Homem que Inventou Fidel** (Companhia das Letras).

Artigo publicado no caderno *Aliás* do jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 20 de dezembro de 2014.

Cuba y los espejismos de la libertad

Mario Vargas Llosa



¿Será La Habana la excepción a la regla que supondría renunciar al comunismo y elegir la democracia y la mejora del nivel de vida de sus ciudadanos? Ojalá, pero no está escrito en las estrellas

El restablecimiento de relaciones diplomáticas entre Cuba y Estados Unidos después de más de medio siglo y la posibilidad del levantamiento del embargo norteamericano ha sido recibido con beneplácito en Europa y América Latina. Y, en el propio Estados Unidos, las encuestas dicen que una mayoría de ciudadanos también lo aprueba, aunque los republicanos lo objetan. El exilio cubano está dividido; en tanto que entre las viejas generaciones prevalece el rechazo, las nuevas ven en esta medida un apaciguamiento del que podría derivarse una mayor apertura del régimen y hasta su democratización. En todo caso, hay un consenso de que, en palabras del presidente Obama, "el embargo fue un fracaso".

La lectura optimista de este acuerdo presupone que se levante el embargo, conjetura todavía incierta, pues esta decisión depende del Congreso que dominan los republicanos. Pero, si se levantara, sostiene esta tesis, el aumento de los intercambios turísticos y comerciales, la inversión de capitales estadounidenses en la isla y el desarrollo económico consiguiente irían flexibilizando cada vez más al régimen castrista y llevándolo a hacer mayores concesiones a la

REFLEXÕES XII

libertad económica, de lo que, tarde o temprano, resultaría una apertura política y la democracia. Indicio de este futuro promisor sería el hecho de que, al mismo tiempo que Raúl Castro anunciaba la buena nueva, 53 presos políticos cubanos salían en libertad.

Como hemos vivido en las últimas décadas toda clase de fenómenos sociales y políticos extraordinarios, nada parece ya imposible en nuestro tiempo y, acaso, todo aquello podría ocurrir. Sería el único caso en la historia de un régimen comunista que renuncia al comunismo y elige la democracia gracias al desarrollo económico y la mejora del nivel de vida de sus ciudadanos debido a la aplicación de políticas de mercado. El fabuloso crecimiento de China no ha traído la delincuencia del totalitarismo político sino más bien, como acaban de experimentar los estudiantes de Hong Kong, su reforzamiento. Lo mismo se podría decir de Vietnam, donde la adopción de ese anómalo modelo —el capitalismo comunista— a la vez que ha impulsado una prosperidad indiscutible no ha mermado la dureza del régimen de partido único y la persecución de toda forma de disidencia. El desplome de la Unión Soviética y sus satélites centroeuropeos no fue obra del progreso económico sino de lo contrario: el fracaso del estatismo y el colectivismo que llevó esa sociedad a la ruina y al caos. ¿Podría ser Cuba la excepción a la regla, como espera la mayoría de los cubanos y entre ellos muchos críticos y resistentes del régimen castrista? Hay que desearlo, desde luego, pero no creer ingenuamente que ello está ya escrito en las estrellas y será inevitable y automático.

Las dictaduras no caen nunca gracias a la bonanza económica sino a su ineptitud para satisfacer las más elementales

REFLEXÕES XII

necesidades de la población y a que ésta, en un momento dado, se moviliza en contra de la asfixia política y la pobreza, descrea en las instituciones y pierde las ilusiones que han sostenido al régimen.

Aunque el medio siglo y pico de dictadura que padece Cuba ha visto aparecer en su seno opositores heroicos, por el desamparo con que se enfrentaban a la cárcel, la tortura o la muerte, la verdad es que, porque la eficacia de la represión lo impedía o porque las reformas de la revolución en los campos de la educación, la medicina y el trabajo habían traído mejoras reales en la condición de vida de los más pobres y adormecían su deseo de libertad, el régimen castrista no ha tenido una oposición masiva en este medio siglo; sólo una merma discreta del apoyo casi generalizado con que contó al principio y que, con el empobrecimiento progresivo y la cerrazón política, se ha convertido en resignación y el sueño de la fuga a las costas de la Florida. No es de extrañar que, para quienes habían perdido las esperanzas, la apertura de relaciones diplomáticas y comerciales con Estados Unidos y la perspectiva de millones de turistas dispuestos a gastar sus dólares y de empresarios y comerciantes decididos a invertir y a crear empleos por toda la isla, haya sido exaltante, la ilusión de un nuevo despertar.

Me alegra el acuerdo entre Obama y Castro; me entristece si eso aleja la recuperación de la libertad

Raúl Castro, más pragmático que su hermano, parece haber comprendido que Cuba no puede seguir viviendo de las dádivas petroleras de Venezuela, muy amenazadas desde la caída brutal de los precios del oro negro y del desbarajuste en que se debate el Gobierno de Maduro. Y que la única posible supervivencia a largo plazo de su régimen es una cierta

REFLEXÕES XII

distensión y un acomodo con Estados Unidos. Esto está en marcha. El designio del Gobierno cubano es, sin duda —siguiendo el modelo chino o vietnamita—, abrir la economía, un sector de ella por lo menos, al mercado y a la empresa privada, de modo que se eleven los niveles de vida, se cree empleo, se desarrolle el turismo, al mismo tiempo que en el campo político se mantiene el monolitismo y la mano dura para quien aliente aspiraciones democráticas. ¿Puede funcionar? A corto plazo, sin ninguna duda, y siempre que el embargo se levante.

A mediano o largo plazo no es muy seguro. La apertura económica y los intercambios crecientes van a contaminar a la isla de una información y unos modelos culturales e institucionales de las sociedades abiertas que contrastan de manera espectacular con los que el comunismo impone en la isla, algo que, más pronto o más tarde, alentará la oposición interna. Y, a diferencia de China o Vietnam, que están muy lejos, Cuba está en el corazón del Occidente y rodeada por países que, unos más y otros menos, participan de la cultura de la libertad. Es inevitable que ella termine por infiltrarse sobre todo en las capas más ilustradas de la sociedad. ¿Estará Cuba en condiciones de resistir esta presión democrática y libertaria, como lo hacen China y Vietnam?

Mi esperanza es que no, que el castrismo haya perdido del todo la fuerza ideológica que tuvo en un principio y que en todos estos años se ha convertido en mera retórica, una propaganda en la que es improbable que crean incluso los dirigentes de la Revolución. La desaparición de los hermanos Castro y de los veteranos de la Revolución, que ahora ejercitan todavía el control del país, y la asunción de los puestos de

REFLEXÕES XII

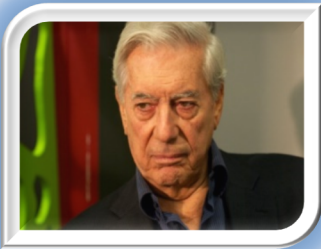
mando por las nuevas generaciones, menos ideológicas y más pragmáticas, podrían facilitar aquella transición pacífica que auguran quienes celebran con entusiasmo el fin del embargo.

¿Hay razones para compartir este entusiasmo? A largo plazo, tal vez. A corto, no. Porque en lo inmediato quien saca más provecho del nuevo estado de cosas es el Gobierno cubano: Estados Unidos reconoce que se equivocó intentando rendir a Cuba mediante una cuarentena económica (el bloqueo criminal) y ahora va a contribuir con sus turistas, sus dólares y sus empresas a levantar la economía de la isla, a reducir la pobreza, a crear empleo; en otras palabras, a apuntalar al régimen castrista. Si Obama visita Cuba será recibido con todos los honores, tanto por los opositores como por el Gobierno.

No es para alegrarse desde el punto de vista de la democracia y de la libertad. Pero la verdad es que ésta no era, no es, una opción realista en este preciso momento de la historia de Cuba. La elección era entre que Cuba continuara empobreciéndose y los cubanos siguieran sumergidos en el oscurantismo, el aislamiento informativo y la incertidumbre; o que, gracias a este acuerdo con Estados Unidos, y siempre que termine el embargo, su futuro inmediato se aligere, gocen de mejores oportunidades económicas, se les abran mayores vías de comunicación con el resto del mundo, y, —si se portan bien y no incurrn por ejemplo en las extravagancias de los estudiantes hongkoneses— puedan hasta gozar de una cierta apertura política. Aunque a regañadientes, yo también elegiría esta segunda opción.

REFLEXÕES XII

Época confusa la nuestra en la que ocurren ciertas cosas que nos hacen añorar aquellos tensos años de la guerra fría, donde al menos era muy claro elegir, pues se trataba de optar “entre la libertad y el miedo” (para citar el libro de Germán Arciniegas). Ahora la elección es mucho más arriesgada porque hay que elegir entre lo menos malo y lo menos bueno, cuyas fronteras no son nada claras sino escurridizas y volubles. Resumiendo: me alegro de que el acuerdo entre Obama y Raúl Castro pueda hacer más respirable y esperanzada la vida de los cubanos, pero me entristece pensar que ello podría alejar todavía un buen número de años más la recuperación de su libertad. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marqués de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 28 de dezembro de 2014.

Um longo jogo em Havana

The Economist

Entusiasmo por retomada de relações é compreensível, mas normalização não será rápida

O contraste foi marcante. Em 28 de fevereiro, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, anunciou a expulsão de facto de vários diplomatas americanos. Era uma jogada transparente de um líder extremamente impopular para fomentar um choque com os Estados Unidos e, com isso, justificar sua repressão à oposição e o possível cancelamento de uma eleição legislativa iminente que, sem isso, ele perderia.

Um dia antes, porém, diplomatas de Cuba, o aliado mais próximo da Venezuela, sentaram-se em Washington numa atmosfera que classificaram como "respeitosa" para uma segunda rodada de conversações com os americanos sobre a restauração de relações diplomáticas após um hiato de 54 anos.

Depois das conversações, Barack Obama, declarou sua esperança de que os EUA estabeleceriam as bases para a reabertura de sua embaixada em Havana antes da Cúpula das Americas, no Panamá, em abril, à qual tanto ele quanto o presidente cubano Raúl Castro comparecerão. Cuba confirmou que está preparada para reatar os laços diplomáticos tão logo o governo americano recomende a retirada da ilha da lista de Estados patrocinadores do terrorismo do Departamento de Estado. Isto provavelmente ocorrerá "muito em breve", segundo um funcionário do Departamento de Estado.

REFLEXÕES XII

Depois da histórica manobra de Obama, anunciada em 17 de dezembro, de começar a desmontar o embargo contra Cuba, empresas americanas estão fazendo fila para oferecer voos e *tours* na ilha. Há conversas febris sobre a importação de charutos e a exportação de aves e materiais de construção. Na semana passada, Obama disse que "já estamos vendo" mudanças em Cuba.

O entusiasmo é compreensível depois do congelamento de meio século entre os dois países, mas pode ser prematuro. Mesmo que as embaixadas sejam reabertas nas próximas cinco semanas - o que parece altamente improvável - isso não levará a uma rápida normalização das relações.

Menos ainda promoverá uma adoção imediata de capitalismo, democracia e do modo de vida americano pelo governo comunista de Raúl Castro. O líder cubano retratou a novidade diplomática, que se seguiu a 18 meses de conversações secretas, como uma vitória - uma justificativa para a resistência de Cuba aos esforços americanos para derrubar seu regime.

Raúl Castro disse numa cúpula latino-americana, em janeiro, que a plena normalização de relações com os EUA dependeria do levantamento formal do embargo, da compensação pelos custos impostos a Cuba e da restituição da base naval de Guantánamo. Os dois últimos itens são politicamente impossíveis, como ele certamente sabe.

Por que ele está sendo tão espinhoso? Desde que assumiu a presidência, em 2008, Raúl desmantelou discretamente muitas das políticas de seu irmão mais velho, Fidel. Hoje, um quinto da força de trabalho de Cuba trabalha num florescente

REFLEXÕES XII

setor privado formado por pequenas empresas, fazendas e cooperativas. Apesar de o regime comunista continuar sendo inflexivelmente imposto, os cubanos hoje desfrutam de mais liberdades no dia a dia.

Mas as mudanças enfrentam uma oposição obstinada de dentro do Partido Comunista e da burocracia estatal. Como disse um acadêmico cubano em Havana, o líder da oposição é Fidel. Raúl não pode ignorar as opiniões de seu irmão, apesar de Fidel estar idoso e fragilizado. E Fidel não é um adepto da reaproximação com os EUA. "O presidente de Cuba tomou medidas apropriadas de acordo com suas prerrogativas e poderes", Fidel escreveu secamente numa carta divulgada em 26 de janeiro. Mas "não confio na política dos Estados Unidos, nem troquei palavras com eles", completou.

Raúl negociou com Obama apesar disso. Uma razão é que suas reformas econômicas não podem dar certo sem laços mais estreitos com os EUA. Apesar das reformas empreendidas até agora, e apesar da ajuda venezuelana (cujo futuro depende da sobrevivência de Nicolás Maduro), a economia de baixos salários de Cuba cresceu uma média de apenas 1,9% por ano desde 2009. Após muito atraso, o governo pretende dar dois grandes passos nos próximos dois anos. Empresas estatais se tornarão autônomas, o que implica a liberdade não só para competir, mas também para fracassar, com a perda de empregos. Uma transformação mais espinhosa é unificar as duas moedas de Cuba - empresas estatais usam um "peso conversível" com paridade com o dólar enquanto os salários são pagos em pesos cubanos, que valem meros quatro centavos de dólar.

REFLEXÕES XII

Unificar a moeda sem provocar uma escalada da inflação requererá o respaldo de mais receitas em moedas estrangeiras. A melhor esperança delas vem do turismo e das remessas americanas - e dos empréstimos estrangeiros que o fim da hostilidade americana poderá trazer.

Raúl Castro insiste em que deixará o cargo em 2018. Ele claramente deseja legar uma Cuba viável a seu sucessor. Será uma Cuba em que os mercados jogarão um papel crescente. Para chegar lá, ele está palmilhando um caminho cheio de obstáculos entre o passado e o futuro. O progresso será hesitante. Mas diferentemente de Maduro, ele sabe que a Guerra Fria acabou e que seu país precisa evoluir. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rounded square background with a white border and a blue glow effect.

The
Economist

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 9 de março de 2015.

O apagão do planeta

Martin Rees

Indiferente aos 'céticos do clima', a Terra está cada vez mais quente e a previsão é de desastres devastadores até o fim do século, alerta astrônomo de Cambridge

Os desastres da gestão da água em São Paulo e dos apagões elétricos no País não são obra de São Pedro ou de Deus, esse brasileiro - como chegaram a atribuir certas autoridades. Mas foram ambos agravados por cenário maior, também de catástrofe anunciada, só que em escala global. Há anos o **Intergovernmental Panel on Climate Change** (IPCC), da ONU, alerta para o risco de mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global, pregando praticamente no deserto. Na semana passada, somando-se ao aumento perceptível de eventos atmosféricos extremos mundo afora, um relatório da Nasa, a agência espacial americana, confirmou: 2014 foi o ano mais quente desde que essa medição começou a ser feita, em 1880. E, embora os cientistas "céticos do clima" continuem sua cruzada para esfriar os ânimos do ambientalismo, essa é uma realidade cada vez mais difícil de negar.

"Se as emissões anuais de CO₂ continuarem a aumentar, podemos enfrentar uma mudança climática drástica, com cenários devastadores até o século XXII", crava um dos cientistas mais respeitados do mundo na área. Sir Martin John Rees, astrônomo e professor de cosmologia e astrofísica na Universidade de Cambridge, presidente da prestigiosa Royal Society entre 2005 e 2010, não é o que se pode chamar de "alarmista". E, no entanto, em um livro de 2003 - **Our Final**

Century (Hora Final - Alerta de um Cientista, Companhia das Letras) - já dizia, com polidez britânica, que a humanidade tem 50% de chance de sobreviver ao século XXI.

Na entrevista a seguir, o autor de **From Here to Infinity: A Vision for the Future of Science** - livro de 2012 em que investiga as conexões entre ciência, política e economia no século XXI - descreve o delicado estado de coisas neste nosso "mundo congestionado", sob ameaça não só do crescimento populacional e da incessante demanda por recursos naturais, mas também da incapacidade humana de pensar em longo prazo. Problemas que, alerta Martin Rees, não serão resolvidos com medidas paliativas ou pela mão invisível do mercado: "Exigem intervenção governamental e ação internacional".

- **Em *Our Final Century* (2003) o sr. afirmava que nossa civilização tinha 50% de chance de sobreviver até o fim do século XXI. Esse percentual continua o mesmo?**

Não mudei meu ponto de vista - e tenho ficado surpreso com a quantidade de pessoas que pensam que não sou suficientemente pessimista. Claro que é improvável que todos nós sejamos exterminados. Mas penso que vamos ter que ter muita sorte para evitar retrocessos devastadores. Em parte devido ao aumento do estresse nos ecossistemas devido ao crescimento populacional e a nossa crescente demanda por recursos. Mas, mais do que isso, porque nos apoderamos de uma nova tecnologia: entramos em uma nova era geológica, o "antropoceno", em que as ações humanas determinam o futuro do meio ambiente.

- **Em que medida isso é uma ameaça?**

REFLEXÕES XII

Até a segunda metade do século XX, a grande ameaça, ao menos para o Hemisfério Norte, era a guerra termonuclear, que por pouco não foi desencadeada durante a crise dos mísseis em Cuba, na década de 1960. Estivemos perto dela em outras ocasiões durante a Guerra Fria. Mas agora enfrentamos novas ameaças decorrentes do uso indevido das bio e cybertecnologias, em avanço espantoso. É com elas que me preocupo mais e por causa delas é que teremos uma jornada difícil neste século.

- **O ano passado foi o mais quente na Terra desde 1880, quando esse tipo de medição começou a ser feito, disse um relatório divulgado essa semana pela Nasa, a agência espacial americana, e o National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA). O que está acontecendo com o planeta?**

Já está claro que há uma tendência de aquecimento em longo prazo nos últimos 50 anos. Essa taxa não é estável nem uniforme na superfície da Terra. Mas é uma tendência que se sobrepõe a outros efeitos, como o El Niño, em que as alterações na circulação e no calor do oceano armazenam-se nele em vez de na atmosfera. Sabemos que a quantidade de CO₂ na atmosfera está aumentando e isso provoca aquecimento - e, conseqüentemente, mudanças em larga escala nos padrões climáticos em todo o mundo. O que ainda não está claro é quão grande é esse efeito. A duplicação do CO₂ na atmosfera causa um aquecimento de 1,2°C. Mas esse efeito pode ser ampliado devido às trocas de vapor d'água e nuvens - e não sabemos as conseqüências desses processos. Entretanto, parece claro que se as emissões anuais de CO₂ continuarem a aumentar poderemos enfrentar uma mudança

REFLEXÕES XII

climática drástica, com cenários devastadores até o século XXII.

- **Depois de fazer um diagnóstico catastrófico em 2007, quando estimou que 6 bilhões de pessoas morreriam até o final do século, o cientista britânico James Lovelock voltou atrás em 2012, dizendo que havia sido 'alarmista' em relação ao aquecimento global. Esse novo relatório da Nasa reforça as opiniões mais pessimistas?**

Não posso falar por James Lovelock - mas é fantástico vê-lo, aos 95 anos de idade, engajado nesses temas e ainda disposto a mudar de ideia. Recentemente, por exemplo, ele adotou uma postura favorável à energia nuclear. Entretanto, não serão dados relativos a um único ano que vão convencer as pessoas a mudar suas atitudes. Acho que vamos levar uns 20 anos ainda para começar a reduzir a atual taxa de aquecimento. Até lá, saberemos com mais precisão - talvez a partir de modelos produzidos por computação avançada - quanto a temperatura global tem efetivamente aumentado e quão fortemente o feedback de vapor d'água e nuvens de que falei amplifica os efeitos da acumulação de CO₂ no "efeito estufa".

- **Por que, apesar de todos os alertas feitos pelo IPCC da ONU, os líderes políticos ao redor do mundo parecem ainda pouco sensibilizados pela questão, caminhando lentamente na direção de formas alternativas de energia ou na redução dos atuais padrões de consumo?**

Embora devamos ter esperança de que a conferência de Paris em dezembro deste ano obtenha progressos efetivos, meu palpite pessimista é que os esforços políticos para

REFLEXÕES XII

descarbonizar a produção de energia no mundo não vão ganhar força. E a concentração de CO₂ na atmosfera vai subir a um ritmo acelerado nas próximas duas décadas. Até lá, ficará claro se o clima do mundo está entrando em um território perigoso. Pode então haver pânico e uma pressão para que sejam adotadas medidas de emergência. O que poderia tornar necessário um “plano B”: fatalismo quanto à continuidade da dependência mundial dos combustíveis fósseis, acompanhado de medidas que combatam seus efeitos com o uso da geoengenharia.

- **Que tipo de medidas poderiam reverter o aquecimento global?**

O efeito estufa poderia ser contra-atacado, por exemplo, com a colocação de aerossóis (partículas que absorvem e dispersam a luz solar) na atmosfera ou mesmo de grandes guarda-sóis no espaço. É aparentemente factível lançar material suficiente na estratosfera para mudar o clima do mundo - o assustador seria imaginar como isso seria feito, se com recursos de uma única nação ou talvez de uma megacorporação. Os problemas políticos em torno do uso desse tipo de geoengenharia podem ser esmagadores. Sem falar na possibilidade de ocorrerem efeitos colaterais. Além disso, o aquecimento poderia voltar caso essas medidas fossem, por alguma razão, descontinuadas e também se mostrassem ineficazes em relação a outras consequências do acúmulo de CO₂. Em especial, os efeitos deletérios que o gás causa na acidificação dos oceanos.

- **Ou seja, ainda que estejam surgindo tecnologias supostamente capazes de reverter o aquecimento global, a utilização delas teria resultados imprevisíveis?**

REFLEXÕES XII

A geoengenharia seria um pesadelo político absoluto. Nem todas as nações iriam querer ajustar o termostato da mesma maneira. Modelos climáticos superelaborados seriam necessários para calcular os impactos regionais de qualquer intervenção artificial. Imagine: seria uma festa para os advogados se um indivíduo ou uma nação pudessem ser responsabilizados por qualquer mau tempo. Acho que seria prudente estudar suficientemente as técnicas de geoengenharia para deixar claro que opções fazem sentido antes de adotar um otimismo injustificado em relação a elas. Não haverá “solução rápida e técnica” para consertar o clima.

- **Qual é a sua opinião sobre os chamados ‘céticos do clima’, cientistas que ainda negam o aquecimento global, com pesquisas às vezes financiadas por grupos econômicos que ganham com a exploração dos combustíveis fósseis?**

O debate sobre o clima tem sido marcado por muita disputa entre a ciência, a política e os interesses comerciais. Aqueles que rejeitam as projeções feitas pelo IPCC têm contribuído mais para jogar a ciência na lata do lixo do que em fazer um apelo “por uma ciência melhor”. E ainda que os resultados da ciência fossem claros e cristalinos, haveria uma margem gigantesca para debate sobre a melhor resposta política. Acho que as divergências em questão dizem respeito mais a desentendimentos éticos e econômicos do que científicos. Os que propõem medidas tímidas e convencionais, como por exemplo, (o cientista dinamarquês) Bjørn Lomborg (autor do bestseller **O Ambientalista Cético**, Campus, 2002), estão de fato desconsiderando o que pode acontecer para além de 2050. Há, de fato, pouco risco de uma catástrofe dentro desse horizonte temporal - e assim não é surpresa que se queira

REFLEXÕES XII

minimizar a prioridade do combate às alterações climáticas. Mas se você se preocupa com quem vai viver no século XXII e depois dele, então pode considerar que vale a pena fazer um investimento agora. Para proteger as gerações futuras contra o pior cenário e prevenir o desencadeamento de mudanças em longo prazo, como o derretimento do gelo da Groenlândia.

- **O Brasil, um dos tão aclamados Brics, vive um momento dramático, com o sistema elétrico saturado e possibilidade real de colapso total da água em São Paulo, a maior metrópole do País. Podemos assistir em breve a um cenário de colapsos econômicos e evacuação de cidades?**

Vivemos num mundo interconectado cada vez mais dependente de energia e tecnologias avançadas. Embora eu não esteja familiarizado o bastante para falar sobre São Paulo, as “megacidades” são especialmente vulneráveis. Em curto prazo, a prioridade absoluta é assegurar energia elétrica confiável para todos. Esse problema é muito maior em países como a Índia, onde milhões usam madeira ou estrume como combustível para cozinhar, sofrendo em consequência abalos na saúde. Em longo prazo, todas as nações deveriam adotar políticas de baixo carbono. Políticos não gostam de defender medidas que tragam mudanças de vida indesejadas - especialmente se os benefícios dessas medidas só venham a aparecer daqui a décadas. Mas há três medidas políticas realistas que deveriam ser impulsionadas. A primeira é os países promoverem ações que poupem dinheiro, mais eficiência energética, melhor isolamento dos prédios, etc. A segunda é concentrar esforços em reduzir poluentes, metano e carbono negro. São substâncias que não agravam tanto o aquecimento global, mas sua redução, diferentemente da de

REFLEXÕES XII

CO₂, traz mais benefícios locais. A terceira e mais importante é incrementar a pesquisa e desenvolvimento de todas as formas de energia limpa - incluindo, a meu ver, a energia nuclear. Por que a pesquisa energética não é feita numa escala comparável à pesquisa médica? Nesse campo, o Brasil, já um inovador em biocombustível e outros tipos de energia, poderia tornar-se um líder mundial.

- **Outro estudo divulgado há poucos dias pelo Goddard Space Flight Center, da Nasa, alerta para a perspectiva de a civilização industrial entrar em colapso nas próximas décadas por causa da exploração insustentável de recursos e da distribuição desigual de riqueza - uma abordagem que poderia estar em seu livro dez anos antes. É realista imaginar o mundo caminhando em outra direção?**

Robôs estão substituindo humanos na indústria manufatureira. Vão ocupar cada vez mais nossos empregos, não apenas no trabalho manual. Mas a grande pergunta é: o advento da robótica será como o ocorrido com outras novas tecnologias - a do carro, por exemplo -, que criavam tantos empregos quanto eliminavam? Ou desta vez será diferente? As atuais inovações podem gerar riquezas imensas, mas será preciso haver maciça redistribuição, via impostos, para garantir a cada um pelo menos um "salário de sobrevivência". Não existem impedimentos científicos para se chegar a um mundo sustentável e seguro em que todos tenham um estilo de vida melhor que o do Ocidente de hoje. Podemos ser "tecnologicamente otimistas", embora o equilíbrio tecnológico exija redirecionamento e se guie por valores que a ciência em si não pode prover. Mas a aridez da política e da sociologia - o

REFLEXÕES XII

abismo entre potencialidades e o que ocorre na realidade - indica pessimismo. Políticos pensam em eleitores e nas próximas eleições. Investidores esperam lucro em curto prazo. Fingimos ignorar o que ocorre neste exato momento em países longínquos. E minimizamos fortemente os problemas que deixaremos para as novas gerações. Sem uma perspectiva mais ampla, sem aceitar que estamos juntos neste mundo congestionado, governos não vão priorizar projetos políticos em longo prazo, mesmo que esse longo prazo seja apenas um instante na história do planeta. A "Nave Terra" está vagando pelo espaço. Seus passageiros estão ansiosos e divididos. O mecanismo de suporte de vida deles é vulnerável a rupturas e colapsos. Mesmo assim, há pouco planejamento, pouca observação do horizonte, pouca consciência dos riscos em longo termo. São problemas que não podem ser resolvidos pelo mercado: exigem intervenção governamental e ação internacional. ●



Martin Rees é astrofísico e professor de cosmologia da Universidade de Cambridge.

Complacência e calamidade

Lee Siegel



Inferno californiano. Estado enfrenta a sua pior seca em 500 anos

Do mesmo modo que facilitamos com o Ebola, continuamos a negligenciar o fantasma do aquecimento global

Este pode não ser o momento para pensarmos na questão do aquecimento global, mas na epidemia de Ebola que aflige três países da África Ocidental, vem se disseminando pela

Europa e EUA e expôs a grande vilã da história: a complacência. Foi a complacência que levou as autoridades americanas a não estabelecer diretrizes para os trabalhadores da saúde encarregados de casos de Ebola; foi a complacência que fez alguns desses trabalhadores levarem sua vida como se não tivessem nenhuma proximidade com o mais perigoso vírus do mundo. E foi por causa da complacência que - pelo menos neste país - o tema do aquecimento global foi retirado da agenda nacional.

São infindáveis os efeitos da complacência, como também não há fim para as crises globais. As secas continuam a atormentar o Brasil e o sul da Califórnia, mas o aquecimento global - e novamente nos EUA - deixou amplamente de ser um problema de natureza pública importante.

Esse é um fenômeno estranho porque, pela primeira vez, um órgão governamental declarou que o aquecimento global teve

REFLEXÕES XII

efeitos funestos imediatos sobre os atuais acontecimentos. Na semana passada o Pentágono divulgou relatório no qual responsabiliza a mudança climática, entre outras coisas, pelo surgimento de condições que contribuíram para o crescimento do EI, a nova ameaça terrorista do Oriente Médio. Com base no relatório, climas mais quentes provocaram a seca e escassez de água que levaram agricultores sírios a se transferirem para as cidades, dando origem à enorme população de jovens desesperados vulneráveis à sedução do extremismo político. As autoridades americanas esperam que a análise alarmante do Pentágono, quanto aos efeitos da mudança climática hoje, ajudem a convencer as nações mais poluidoras, onde o nível de carbono é extremo, a assinar um novo documento para reduzir suas emissões quando se reunirem no Peru, em dezembro, e depois em Paris, no ano que vem.

À parte a repentina e breve atenção despertada pelo relatório do Pentágono, o aquecimento global desapareceu quase inteiramente da agenda nacional nos EUA - ao contrário do Brasil, onde a atenção para o problema levou o país a se tornar o que mais se empenhou no mundo para combater a poluição pelo carbono. Uma mudança radical com relação há oito anos, quando o documentário de Al Gore **Uma Verdade Inconveniente** transformou a mudança climática num tema de séria preocupação nos EUA. Hoje, quando as eleições de meio de mandato para o Congresso se aproximam, nenhum candidato que conheço incluiu o problema do aquecimento climático em sua plataforma.

O problema é que você não vê o aquecimento global se produzindo. A evidência de que a atmosfera da Terra vem se

REFLEXÕES XII

aquecendo não pode ser captada por nenhum dos cinco sentidos. Para cada evento catastrófico que os cientistas atribuem ao aquecimento global - seca, furacões, etc., - contrapõe-se o argumento de que eventos naturais sempre ocorreram, muito antes de os cientistas conseguirem medir a que ponto a atmosfera da Terra está esquentando. As secas e as tempestades de areia que destruíram a agricultura americana ocorreram na década de 1930 e não nos últimos dez anos. E os próprios cientistas só conseguem prever os efeitos do aquecimento global - não podem afirmar com certeza que ocorrerão.

Lucrécio escreveu certa vez que para muitas pessoas a morte é um boato. O mesmo princípio se aplica ao aquecimento global. Você não admite que a Terra seja mortal da mesma maneira que sabe que você mesmo é. E, como os filósofos sempre recomendaram, mesmo que você esteja plenamente consciente de sua inevitável extinção, não consegue aceitar que a própria Terra um dia seguirá seu curso natural para um fim, do mesmo modo que todas as coisas vivas. *In saecula saeculorum*, diz a oração Glória ao Pai - um mundo sem fim. "Se o inverno chegou, a primavera não estará distante", escreveu Shelley, o mais pessimista dos poetas. Conceitos sobre a mortalidade deprimem. A noção de que o mundo está condenado deixa a existência sem sentido.

Assim, há esse aspecto metafísico do aquecimento global, um assunto concreto. Ele tem um pé nas políticas públicas e nos eventos atuais e outro na ideia de fim do mundo. As religiões e filosofias tornaram o mundo objeto de investigação e reflexão. Não importa quão profundamente abordem a transitoriedade e a mortalidade, assumem que a realidade - nosso mundo,

REFLEXÕES XII

nossa Terra, nossa atmosfera - aguentará. Pedir, mesmo às pessoas mais responsáveis, conscientemente consumidas por pensamentos mortais, para aceitarem a realidade da finitude da Terra - a Terra, a verdadeira estrutura que torna nossa transitoriedade suportável - parece ser pedir demais.

Naturalmente, quando os oceanos inundarem as cidades, quando as colheitas cessarem, quando as migrações em massa deslocarem as populações, quando irromperem as guerras por recursos em extinção e hordas desesperadas pegarem em armas - quando tudo isso acontecer, o aquecimento global terá uma urgência tão extraordinária quanto as decapitações televisadas. Ele nem mesmo será chamado de aquecimento global, termo que implica um processo que ainda não se concretizou. Terá outro nome e será como o Ebola, surgido há quase 40 anos no Congo, para o qual as empresas farmacêuticas não tinham nenhum incentivo financeiro para desenvolver uma vacina. O Ebola não nos mais lembra a África, mas o que pode estar à frente no caminho, ou na porta vizinha. Calamidade é a irmã mais jovem da complacência. ●



Lee Siegel, escritor e crítico cultural americano, é colaborador do **NYT**, **The New Yorker** e **The Nation**. Autor de **'Você Está Falando Sério?'** (Panda Books).

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 18 de outubro de 2014.

Nem Leste nem Oeste

Daniela Chiaretti



Alemães celebram o início da queda do Muro de Berlim na Potsdamer Platz em 12 de novembro de 1989: "Foi ótimo quando o muro caiu, mas o processo não foi fácil", diz Andrea, que nasceu do lado ocidental logo depois da divisão do país

Mona Brandt, de 24 anos, estuda comunicação na faculdade de cinema em Potsdam, a 30 minutos de trem de Berlim. Sua universidade se chama Konrad Wolf em homenagem a um famoso diretor da Alemanha Oriental que foi surpreendido na infância quando Hitler tomou o poder, em 1933, e o pai, um escritor judeu e comunista, decidiu exilar-se com toda a família em Moscou. Se a vida inspirou filmes a Konrad, a de seu irmão mais velho, Markus "Mischa" Wolf, parece ficção: ele foi chefe do serviço de inteligência internacional da Stasi, a polícia secreta da Alemanha Oriental. Mestre de espões que se infiltravam no Ocidente,

"Mischa" era o "homem sem rosto" até sua identidade ser revelada, em 1978, pelo serviço secreto sueco. Para Mona, que nasceu em Berlim em janeiro de 1990, a poucos metros dos escombros do muro derrubado dois meses antes, o cotidiano de uma nação partida em duas soa como um livro de John Le Carré.

A Alemanha de sua geração é o país que emergiu em 9 de novembro de 1989: uma potência econômica de mais de 80

REFLEXÕES XII

milhões de habitantes, Produto Interno Bruto (PIB) de € 2,8 trilhões, tetracampeã de futebol, vanguarda em energia renovável, que hoje debate como ocupar seu lugar na geopolítica mundial sem soltar os fantasmas do passado.

"Cresci em uma cidade completamente normal, todos vão para onde bem entendem. Parece absurdo que pouco tempo antes de eu nascer havia gente que não podia fazer isso. Para mim, essa realidade é tão distante como a Segunda Guerra. É história", conta Mona, que se lembra quando percebeu pela primeira vez uma das marcas no chão da cidade do Berliner Mauer, espécie de cicatriz no asfalto que indica por onde passava o Muro de Berlim 25 anos atrás. E do episódio na escola, da amiga que ficou triste ao ser chamada de "ossi", termo pejorativo para identificar quem veio do Leste. Mona não entendeu. "Perguntei o que significava aquilo, 'vir do Leste', e ela me explicou."

O mapa da Alemanha dividida entre República Democrática Alemã, a Oriental, e República Federal da Alemanha, a Ocidental, está gravado na memória da geração anterior, assim como as consequências da separação. Andrea Brandt, de 53 anos, diretora de uma agência de trabalho voluntário, escuta em silêncio o relato da filha Mona. Para ela, os 150 quilômetros de um muro que podia chegar a 3,5 metros de altura foram muito concretos. Andrea nasceu em Berlim Ocidental três meses depois da noite de 13 de agosto de 1961, quando barricadas e arame farpado dividiram subitamente a cidade em duas. "O muro é de agosto, eu nasci em novembro. Cresci com ele, mas sabia que era algo antinatural", conta. O regime da RDA procurava estancar a fuga de milhões com a

REFLEXÕES XII

barreira física e da noite para o dia quem morava "do lado de lá" ficou assim. Pelos 28 anos seguintes.

Existem diferenças econômicas não sanadas do tempo da separação. O Leste é desindustrializado ainda e tem maior taxa de desemprego

O muro encapsulou Berlim Ocidental e a transformou em um enclave capitalista dentro da RDA - uma espécie de ilha, cercada de muro por todos os lados. Ali viviam 2 milhões de pessoas que esbarravam continuamente em cartazes ameaçadores avisando que estavam saindo do setor americano da cidade, lembrança de que Berlim havia sido fatiada em quatro pelas potências aliadas, depois da Segunda Guerra. Havia também os bairros administrados pelo Reino Unido e pela França. A zona soviética foi a que ficou do lado de lá das paredes pichadas do muro e formou Berlim Oriental, capital da RDA. Ali moravam 1,2 milhão de pessoas. "Precisou de tempo para que as diferenças entre os alemães se atenuassem. A socialização era diferente, havíamos crescido em ambientes distintos. Os alemães do Leste eram mais desconfiados, vinham de um mundo onde havia a Stasi. Foi ótimo quando o muro caiu, mas o processo não foi fácil", relata Andrea.

O "processo" se iniciara muito antes. Em 1986, Mikhail Gorbachov dava impulso às políticas de recuperação econômica e transparência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS. A perestroika e a glasnost, logo se viu, foram as sementes dos movimentos de ruptura do Leste Europeu. A tensão alemã irrompeu em Leipzig, em 4 de setembro de 1989, quando um grupo de mil alemães orientais se reuniu em frente da Igreja de São Nicolau para protestar contra o governo duro de Erich Honecker. A partir daí, Leipzig

REFLEXÕES XII

abrigou manifestações contra o regime todas as segundas-feiras, sempre às 18 h.

Logo a Hungria anunciou a abertura de sua fronteira com a Áustria. Em Praga, mais de 4 mil alemães orientais buscaram refúgio na Embaixada da Alemanha Ocidental. Em 16 de outubro, mais de 120 mil pessoas tomaram as ruas de Leipzig. Em 4 de novembro, centenas de milhares se juntaram em Alexanderplatz, a mítica praça de Berlim Oriental, na maior manifestação da história da RDA. O mundo perplexo acompanhava aqueles movimentos. Ninguém imaginava o que aconteceria no começo da noite de 9 de novembro, uma quinta-feira.



No alto, trecho do muro na rua Bernauer, no norte de Berlim, com a pichação "O muro tem de cair", em março de 1973; ao lado, imagem do mesmo local em outubro deste ano

Não eram 19h e Günter Schabowski, membro da mais alta instância do partido do governo da RDA, concedia entrevista a jornalistas internacionais. A intenção era anunciar medidas mais liberais sobre a permissão de saída do país. Um jornalista perguntou quando entrariam em vigor. "Ah, imediatamente", respondeu o burocrata. A entrevista era transmitida pela TV. Os jornalistas mandaram flashes às redações dizendo que a RDA estava abrindo as fronteiras. Milhares de alemães correram aos postos de fronteira sob o olhar de guardas atônitos. Depois vieram com

REFLEXÕES XII

picaretas, escalaram o muro na Porta de Brandenburgo e o mundo não seria mais o mesmo depois daquelas marretadas.

Nem bem os pequenos carros quadrados, os Trabants, congestionaram Berlim Ocidental, o sociólogo americano Francis Fukuyama decretou "**O Fim da História**", livro de ciência política que virou best-seller, para horror das esquerdas. O embaixador Rubens Ricupero, que na ocasião servia na missão das Nações Unidas em Genebra, entende a queda do muro como um acontecimento de significação dupla. Fundamental para a história de Berlim e da Alemanha no pós-guerra, seus desdobramentos iriam muito além das fronteiras germânicas e do processo de reunificação. De maneira rápida e imprevisível, poria fim, em dois anos, aos 70 anos da revolução comunista.

Um de seus efeitos seria permitir a expansão europeia até o número atual de 28 países, engolfando o antigo mundo socialista e espalhando-se de Portugal, no Atlântico, até o mar Báltico, em uma ponta, e da Finlândia, no círculo boreal, à Grécia, na outra. "É um feito notável. Nem no Império Romano, nem na época de Carlos Magno, a Europa chegou perto disso. E isso só foi possível graças à queda do Muro de Berlim e à reunificação", diz Ricupero.

Aos seus olhos, o grande feito que dura e afeta a todos, inclusive o Brasil, foi que a queda do muro foi apenas o pré-anúncio do colapso do comunismo como forma de organização econômica, social e política da sociedade. "Com a derrocada do modelo socialista, a forma predominante no Ocidente, que era, politicamente, a democracia representativa, e do ponto de vista econômico e social, a economia de mercado, se tornou senhora absoluta do terreno. Não tem mais nenhum

REFLEXÕES XII

competidor e isso permanece até hoje, embora existam muitos tipos de democracias e de capitalismo."

Não há números definitivos sobre o custo financeiro da reunificação alemã, mas ninguém duvida que não foi nada barato. Um relatório do banco alemão KfW estima que € 1,6 trilhão foram destinados ao Aufbau Ost, a reconstrução do Leste. Tudo teve que ser recuperado e, em alguns casos, reconstruído. Estradas, redes de esgoto e de energia elétrica, metrô, telefonia, escolas, hospitais. A Alemanha Oriental investiu pouco nisso tudo, até por falta de recursos.

Juntar dois países que haviam seguido trajetórias tão diferentes em um só foi tarefa gigantesca e de enorme complexidade. Tudo tinha que ser repensado. O tratamento de água de uma Berlim usava cloro; da outra, não; e levou tempo para juntar tudo. Durante a Guerra Fria, somente companhias aéreas britânicas, americanas e francesas podiam voar para Berlim Ocidental, sobrevoando a antiga RDA. A Lufthansa não era autorizada. Quando o muro caiu, foi delicado convencer algumas empresas de que a situação tinha mudado e não podiam continuar com o monopólio do espaço aéreo.

Friedrich Däuble, cônsul-geral da Alemanha em São Paulo, entrou no serviço diplomático em 1984. "Os problemas da Alemanha dividida eram um tema central. Para nós, havia Moscou de um lado e Washington, do outro", conta. Os americanos eram aliados, com os russos havia dificuldades. O primeiro posto de Däuble no exterior foi na Venezuela. Estava em Caracas quando o muro caiu. "Sentíamos que algo podia acontecer." Gorbatchov mandava recados claros ao governo duro da RDA. Em um discurso famoso às vésperas da queda do muro, o líder russo disse que "aqueles que chegam muito

REFLEXÕES XII

atrasados são punidos pela vida". "Era óbvio que ele dizia a Honecker que a política conservadora da RDA não tinha futuro", diz.

A soma de investimentos colocados no Leste em 23 anos é superior ao que se investiu no lado ocidental em 43 anos

Honecker caiu, o muro caiu, e Däuble foi chamado de volta à Alemanha. A capital ainda era Bonn, mas havia muito a ser feito em Berlim. Desde questões bizarras, como quem iria se responsabilizar a partir dali por cuidar dos monumentos soviéticos, até temas delicados, como negociar a retirada das tropas soviéticas do território alemão.

A integração física, com os ciclópicos investimentos em obras de infraestrutura, parece, 25 anos depois, uma faceta bem-sucedida da Alemanha reunificada. Foram gastos bilhões de euros em trilhos, estradas, ruas, hidrovias - quase € 40 bilhões em projetos de transporte. Só nas famosas Autobahnen foram feitas obras em 13 mil quilômetros de rodovias, sendo quase 2,5 mil quilômetros de novas rotas. Construíram 230 mil quilômetros de ruas e 34 mil quilômetros de ferrovias.

A unificação significou uma enxurrada de investimentos no Leste alemão. Entre 1990 e 2013, foram investidos € 7,61 bilhões em casas, escolas, edifícios, monumentos e outras obras urbanas no lado oriental. O dinheiro vinha da chamada "taxa de solidariedade", cobrada de todos os alemães que pagam impostos sobre renda, podendo alcançar até 10% sobre o total de taxas recolhidas dos mais endinheirados. A solidariedade veio de um lado e a balança do aporte de recursos pesou para o outro. A soma de investimentos colocados no Leste em 23 anos é superior ao que se investiu

REFLEXÕES XII

no lado ocidental em 43 anos (€ 7,37 bilhões, entre 1971 e 2013). O Leste é apenas um terço do território da Alemanha.

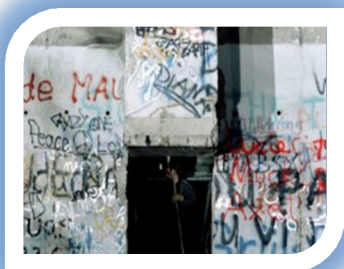
O esforço alemão em equiparar as metades teve por efeito colateral diminuir os investimentos nos Estados ocidentais. Sem recursos para manutenção, a irretocável infraestrutura alemã mostra sinais de desgaste. Imagens de rodovias esburacadas aparecem no noticiário e chocam os alemães, já escandalizados com os atrasos do novo aeroporto de Berlim, que nunca é inaugurado. O rico Estado da Baviera quer fechar a torneira e pede o fim dos repasses ao Leste. "Eu entendo o pessoal do Ocidente. Solidariedade não pode eternamente ser uma via de mão única e tem sido assim nos últimos anos", diz a alemã oriental Sabine Mehwald, responsável pelo serviço para cidadãos e visitantes do Ministério dos Transportes.

Nascida em um vilarejo na ex-Alemanha Oriental, Sabine lembra como se fosse ontem os últimos dias da vida no Leste. Ela cursou estudos românicos na Humboldt, a famosa universidade de Berlim Oriental, e fala português fluentemente. O mais velho de seus dois filhos tinha 11 anos em 1989, lembra-se da "vida no Leste" e até hoje é um leitor voraz. A filha é de 1987 - "conhece apenas o Oeste", lamenta a mãe. "O muro era um horror e não poder fazer o que se quer é horrível. Mas eu nunca quis viver na Alemanha Ocidental. Queria viajar, ir à África, conhecer o Brasil, escrever minha tese sobre Jorge Amado - acabei escrevendo sobre a revolução em Angola. Tive uma boa vida familiar, não sou vítima. Também na RDA podia se viver uma vida digna."

Há diferenças econômicas não sanadas do tempo da separação. O Leste ainda é desindustrializado. Depois da reunificação, o governo federal tentou estimular indústrias e

REFLEXÕES XII

empresas a se instalar nos antigos Estados do Leste, mas isso foi apenas parcialmente bem-sucedido e o Leste se ressentiu. A ex-Alemanha Ocidental ainda é a grande região industrial alemã. No emprego, as diferenças são fortes. Na Alemanha, a taxa de desemprego está em torno de 6,5%. Em Berlim, alcança 11% e em algumas regiões da antiga Alemanha Oriental é o dobro da média e bate em 14%, apesar de todos os programas de incentivos.



Guindaste remove parte da construção em dezembro de 1989: para Rubens Ricupero, a queda do muro foi apenas o pré-anúncio do colapso do comunismo como forma de organização econômica, social e política

Os alemães ocidentais puderam poupar, comprar casa, investir em ações, montar seu patrimônio familiar, garantir a aposentadoria e deixar herança aos filhos. Quem nasceu do lado do lá do muro não tem reservas. Os salários entre uns e outros estão próximos, mas ainda não foram equiparados nem no serviço público. Curiosamente, é o endereço da repartição pública que define o salário do funcionário. Dependendo de onde o servidor foi registrado, pode ganhar 10% a mais ou a menos que seus colegas.

Na política, no entanto, as diferenças parecem digeridas. O maior indicador disso são as origens das mais altas autoridades do país. A chanceler Angela Merkel, no poder há nove anos, criou-se em uma região ao norte de Berlim que, na época, pertencia à parte

REFLEXÕES XII

oriental. O presidente alemão Joachim Gauck nasceu em Rostok, na RDA, e teve papel importante nos protestos que levaram à queda do muro.

É nas relações internacionais que a Alemanha de hoje mais patina. Esse é um dos grandes debates domésticos. "Costumo dizer que a Alemanha é uma potência envergonhada", afirma um analista. Que é uma potência, ninguém discute. Com a unificação, havia menos recursos disponíveis para programas de desenvolvimento e assistência humanitária para países em desenvolvimento, mas voltou a ser um ator importante nesse *front*. O problema é como o país se coloca em sua política externa. A questão é delicada.

O passado militarista, que causou duas guerras mundiais e traumas não superados dentro e fora das fronteiras alemãs, faz que a abordagem de Angela Merkel seja especialmente cautelosa em qualquer conflito internacional. Mas a atuação internacional tímida destoa do papel de megapotência econômica. Em entrevista recente, o ministro das Relações Exteriores, Frank-Walter Steinmeier, reconheceu que a diplomacia alemã "está enfrentando demandas como nunca antes". O presidente Gauck, em janeiro, disse que o país tinha que sacudir a relutância do pós-guerra e assumir um papel global maior. Que papel o país ocupará na geopolítica contemporânea é debate alemão.

No primeiro semestre deste ano, a crise entre Rússia e Ucrânia estava diariamente no noticiário. É a primeira grande crise com Moscou depois da Guerra Fria. A ideia de aqueles tempos voltarem apavora os alemães. Naqueles dias, quem sempre esteve à frente dos soviéticos eram os EUA, mas nos acordos para controlar a crise da Ucrânia Berlim tem tido papel

REFLEXÕES XII

fundamental. A queda do avião da Malaysia Airlines, em março, foi um divisor de águas, imagina-se. Morreram muitos europeus, inclusive alemães. A Alemanha assumiu posição protagonista, avaliam analistas, e Washington teve papel mais periférico. "Depois da queda do avião, a pressão do presidente Barack Obama sobre Vladimir Putin foi forte e ajudou, mas foi a Alemanha quem tomou a linha de frente e conduziu as negociações com a Rússia", diz um observador.

"Há uma hesitação na população alemã de fazer que o país lidere em questões internacionais. A guerra é um trauma. Por outro lado, você não pode ser um ator econômico forte e não ter nenhum esforço político", opina Walter Kaufmann, chefe do departamento do Leste e Sudeste europeus da Fundação Heinrich Böll, ligada ao movimento verde alemão. "Putin está testando limites. Sabe que a União Europeia é um bloco cheio de contradições e está jogando. Por isso, é muito importante ter um ponto de vista claro do que fazer."

No *front* global, a Alemanha tem à frente o risco de estagnação econômica, o que é um problema para quem tem sua força econômica calcada na demanda externa. Além disso, tem que enfrentar problemas de magnitude planetária. "O regime capitalista, tal como existe hoje no Ocidente, provou ser incapaz de resolver os três maiores desafios que a humanidade enfrenta na atualidade", observa o embaixador Ricupero. "O aquecimento global, a tendência a uma crescente desigualdade dentro das sociedades capitalistas mais avançadas e o desemprego são três desafios que nenhum sistema capitalista, e a bem dizer, nenhum outro, conseguiu resolver."

Daquele inverno de Berlim, há 25 anos, quando Mona estava para nascer, Andrea Brandt se lembra das ruas lotadas de

REFLEXÕES XII

alemães curiosos e excitados com o futuro. "Lembro-me de sentar na cama e pensar que o meu bebê poderia viver em uma cidade inteira e não em duas partes", diz. Neste ano, em que três datas fortes marcam a história alemã - 100 anos do início da Primeira Guerra, 75 anos do começo da Segunda Guerra e um quarto de século da queda do Muro de Berlim -, os alemães dizem ter razões para celebrar apenas a terceira efeméride. Comemoram com delicadeza - uma instalação sobre onde ficava o muro, com oito mil balões brancos e 16 quilômetros de extensão, percorre o centro da cidade. ●



Daniela Chiaretti

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 7 de novembro 2014.

A conta do pacto

Jorge G. Castañeda



Mau momento. Para autor, Peña enfrenta sua pior sequência infortúnios de Nieto

Pela governabilidade, o presidente mexicano zerou os pecados do governo anterior, deixando sem investigar 70 mil assassinatos e comprando todo um conflito

O México não vive seu momento de maior violência nos últimos tempos, mas vive um dos acontecimentos que despertaram uma indignação e uma consciência insólitas dentro e fora do país. As dezenas de milhares de mortes e desaparecimentos do governo anterior de Felipe Calderón foram piores que os

números de agora: massacres como o de 72 hondurenhos em San Fernando, Tamaulipas, no norte do país, apequenam o horror dos 22 executados por soldados há três meses, a 100 km da Cidade do México. A cumplicidade das polícias municipais e estaduais com os marginais da cidade de Iguala, também perto da capital do país, não surpreende depois de casos anteriores como os de Ciudad Juárez, Torreón ou Tijuana. Mas nada provocou uma reação tão veemente e duradoura em todos os âmbitos da sociedade mexicana como as execuções de Tlatlaya e os desaparecidos de Ayotzinapa. Se somarmos a isso os novos episódios de cinco execuções extrajudiciais por militares em Luvianos e três jovens americanos assassinados em Matamoros, a curta distância da fronteira dos EUA, compreende-se por que não é exagero dizer

REFLEXÕES XII

que o governo de Enrique Peña Nieto (EPN) enfrenta sua pior sequência de infortúnios. Ele se encontra paralisado e sem saídas em curto prazo.

Para entender como perdeu o rumo um regime que parecia dominar a agenda política, conseguiu a aprovação legislativa - nem sempre concretizada ainda - de importantes reformas estruturais e havia se caracterizado por uma homogeneidade eficiente, é preciso voltar à eleição presidencial de 2012. EPN foi eleito com 38,21% dos votos, sem maioria em nenhuma das duas Câmaras, e com o governo do Distrito Federal, segundo cargo eleitoral do país, nas mãos da oposição. Não eram as condições que ele esperava, nem as necessárias para consumir um ambicioso programa de reformas. Daí a necessidade de negociar o chamado Pacto pelo México: graças a seus 95 pontos, "ele sacudiria o México" e "transformaria o país", que "cresceria 5%". O pacto tem sido uma iniciativa importante para o México, mas como toda ação política, tem um preço. A ideia de que avanços, mesmo parciais, carecem de custos pertence à imaginação de ignorantes e tolos.

Um dos custos escondidos no Pacto pelo México e das reformas aprovadas foi passar uma borracha nos seis anos anteriores. Sem o apoio dos senadores ligados ao presidente Felipe Calderón, EPN não teria aprovado a reforma energética, por exemplo. Portanto, os 70 mil mortos e 25 mil desaparecidos de Calderón não serão investigados nem seus responsáveis castigados. As vítimas não eram todas delinquentes: os narcotraficantes e os sicários²¹ não conseguiriam matar tantos narcotraficantes e outros sicários.

²¹ **Sicário**: assassino pago; malfeitor, facínora.

REFLEXÕES XII

O índice de letalidade é a diferença entre os mortos de um lado e de outro do enfrentamento. Quando todos os mortos pertencem ao bando dos “maus” e no bando dos “bons” não há mortos e só uns poucos feridos, alguma coisa está errada: trata-se de “execuções extrajudiciais”. As contas não fecham sem incluir essa figura na atribuição de responsabilidades. O governo de Peña Nieto decidiu não investigar os responsáveis pelas execuções; nem sequer se propôs a saber o número de desaparecidos, reduzindo o orçamento da unidade de investigação da procuradoria. Essa posição, além de moralmente questionável, tem consequências: Peña Nieto comprou um conflito que não era seu.

Há três meses, num pequeno município do sul do Estado do México, morreram 22 pessoas num enfrentamento a tiros com o Exército. Os 22 faziam parte de um grupo de supostos delinquentes; do lado militar eram apenas sete efetivos, um dos quais sofreu um ferimento na perna. Durante três meses, as autoridades civis e militares encobriram o massacre; por fim, o próprio governo federal reconheceu que a tropa era responsável e começou a julgar vários soldados. Mas a gente se pergunta: a impunidade de dezenas, se não centenas, de casos semelhantes durante o governo anterior não teria sido um incentivo para seguir por esse caminho? A execução de cinco civis em mãos de militares em fins de outubro, a poucos quilômetros de Tlatlaya, em condições análogas, não se deveria em parte ao mesmo exemplo de impunidade?

Uma explicação adicional foi o dilema da estratégia de segurança. Depois da hecatombe de Calderón, era indispensável mudar de registro e fazer como se o problema da violência se encontrasse em vias de solução com uma nova

REFLEXÕES XII

estratégia - a cooperação entre níveis de governo -, de uma mudança de discurso - da guerra à promoção da economia - e de instrumentos - mais inteligência e uma nova e infelizmente minúscula polícia militar. Além do equivalente político do princípio da incerteza de Heisenberg: se as pessoas acreditassem que a violência diminuía, na melhor hipótese ela efetivamente diminuiria.

Peña Nieto, assim como seus três antecessores, negou-se a optar entre duas vias incômodas e incompatíveis. Ou bem o México transforma por completo sua estrutura fiscal, de modo que os municípios e Estados, que hoje não arrecadam praticamente nada, obtenham recursos fiscais próprios para pagar polícias úteis à cidadania e não ao crime organizado; ou se abandona a tese absurda de um esquema policial federalista, copiado dos Estados Unidos, e o substitui por uma polícia nacional única, como no Chile, Brasil ou Canadá, entre outros. Seguir ambos os caminhos equivale a não seguir nenhum e, com isso, envolver o Exército. O que leva, direta ou indiretamente, aos resultados sangrentos conhecidos.

O assassinato de 6 pessoas e o desaparecimento de 43 alunos de uma escola normal do Estado de Guerrero há um mês constitui um divisor de águas na guerra mexicana contra o narcotráfico, quando o regime de Peña Nieto conclui seus primeiros dois anos. O governo federal não provocou nem permitiu a catástrofe, mas tampouco soube, ou se inteirou, do verdadeiro estado de coisas nessa entidade ou em outras. A guerra fracassou faz tempo; o esquema de governo do presidente não, mas poderá naufragar se ele não tomar precauções. Alguns fatores - a letargia da economia mexicana, cujo crescimento médio nesses dois anos dificilmente

REFLEXÕES XII

excederá 1,5%; a queda dos preços do petróleo, que financia um terço do orçamento; a debilidade do governo de Washington, sempre decisivo para muitos temas mexicanos - fogem do seu controle. Outros não, tanto no âmbito da segurança como no da educação, da política externa, de mudanças institucionais, de informar o país em que estado o recebeu e de ativação de uma sociedade civil, mais desperta, mas ainda passiva em comparação com outras. Dá a impressão de que com algumas mudanças cosméticas em certos casos, e de indiferença discreta em outros, Peña Nieto esperasse que a nova marcha da economia, desencadeada pelas reformas, por si só resolvesse tudo. Isso não aconteceu. Mais ainda, sente-se que Peña Nieto, um grande tático, cercado de bons operadores e técnicos, carece de visão estratégica - como se acomodam as peças do quebra-cabeça - e

de uma ideia mais sofisticada do país que havia e o que ele deseja entregar. Até agora, ele pôde prescindir da ideia e da estratégia. Parece que não pode mais. ●



Jorge G. Castañeda é cientista político. Foi chanceler do México entre 2000 e 2003. E é autor de **Utopia Desarmada**. Escreveu este artigo especialmente para o caderno Aliás do jornal O Estado de S. Paulo no dia 1 de novembro de 2014.

Necropolítica da droga

Diego Osorno



Protestos. Semanas após 43 estudantes desaparecerem em Iguala, professores acusam o governo local

Contaminação do poder pelos narcos no México é a face perversa da 'war on drugs', diz repórter

Aos 33 anos, Diego Enrique Osorno é um cabrón marcado para morrer. Repórter mexicano, autor de seis corajosos livros sobre a conjuntura político-social de seu país neste início de século, ele pôs no centro de sua mira jornalística o brutal universo do narcotráfico - que transportou o emergente México das páginas de economia para as policiais.

Não é tarefa fácil em um país considerado dos mais perigosos para o exercício da profissão, segundo a organização não governamental **Repórteres Sem Fronteiras** (RSF), com sede em Paris. Por causa de suas reportagens - em que o narcotráfico nas regiões fronteiriças mexicanas é descrito em detalhes, com suas conexões com os poderes locais, as questões migratórias e a política internacional de "guerra às drogas" - Osorno teve, em duas ocasiões, que refugiar-se no exterior e tem sido alertado pelas próprias autoridades que não se cansa de criticar para que ande escoltado, o que se recusa.

No dia 26 de setembro, o desaparecimento de 43 estudantes de Iguala, na região de Guerrero, a menos de 200 km da

REFLEXÕES XII

Cidade do México, pouco depois de terem sido abordados por policiais locais, deu contornos de tragédia internacional ao que era tratado como um problema interno de segurança pública. Indícios dão conta de que os jovens foram entregues ao cartel Guerreros Unidos para encobrir “excessos” da operação policial.

“O que aconteceu em Iguala não é um problema do narcotráfico. É um problema de decomposição política e social”, dispara o repórter na entrevista que você lê a seguir. Nela, Osorno mostra como esses grupos criminosos tornaram-se “organizações empresariais muito sofisticadas”, com estratégias de poder e de comunicação e com participação de quadros policiais e militares que as deveriam combater - de forma semelhante ao que ocorre, diz, com as milícias no Rio de Janeiro. Uma “estrutura necropolítica que cruza de forma transversal diferentes níveis de governo, desde o ponto mais alto da escala do poder até suas zonas mais baixas”.

Na quarta-feira, o novo prefeito de Iguala, Luis Mazón, renunciou ao cargo poucas horas depois de assumir. A situação é tão grave que ninguém se dispõe a enfrentá-la?

Essa crise lamentável evidenciou não somente a irresponsabilidade dos políticos locais como dos mais altos funcionários do governo federal. O desaparecimento dos estudantes ocorreu no dia 26 de setembro e logo nos primeiros dias o secretário de governo, equivalente a vice-presidente no México, declarou que o governo local deveria resolver a crise com os próprios meios - o que era evidentemente uma irresponsabilidade. Agora, as autoridades locais e federais se dizem preocupadas com a situação, mas isso só por causa da enorme pressão social que foi crescendo, em termos nacionais

REFLEXÕES XII

e internacionais, para que se encontrem com vida esses 43 jovens. O desaparecimento se transformou numa batata quente para o governo, que demonstra não saber o que fazer.

- **O que aconteceu com os 43 estudantes?**

Tenho a esperança de que estejam vivos, mas infelizmente o padrão do que tem ocorrido nesse tipo de caso no México não é nada alentador. Considero que não apenas devam ser procurados em covas clandestinas, mas também nos centros de detenção ilegal que desgraçadamente se tornaram usuais na região de Guerrero e em outras do país.

- **Há algumas semanas, outro caso chocou o mundo: o da médica e blogueira María del Rosario Fuentes Rubio, que foi assassinada e teve fotos de seu cadáver postadas na conta anônima que mantinha no twitter para denunciar o narcotráfico. No caso, surpreendeu que criminosos tenham feito uso de *hackers* para realizar seu intento. De que tipo de recursos esses grupos dispõem hoje no México?**

Trata-se de organizações empresariais muito sofisticadas. Quem imagina que os narcos mexicanos são quadrilhas sem importância ou meros camponeses armados engana-se redondamente. Na realidade, os narcos são empresários armados e associados com políticos para realizar seus negócios. E, como em qualquer empresa, esses grupos criminosos procuram organizar seu trabalho recrutando especialistas em cada área. No caso da comunicação eles se deram conta de que se trata de um aspecto fundamental de sua operação e, de uns cinco anos para cá, criaram células encarregadas desse trabalho.

- **No livro *A Guerra dos Zetas*, você destrincha as relações entre o narcotráfico e as questões políticas da região fronteiriça mexicana de Tijuana e Ciudad Juárez. De que maneira os dois fenômenos estão interligados?**

No noroeste mexicano, verdadeiras legiões de prefeitos e governadores envolveram-se com esses grupos para obter financiamento lícito e ilícito para suas campanhas eleitorais e outros fins. E, quando chegavam ao cargo, renunciavam à tarefa de governar suas cidades e se dedicavam a administrar a destruição delas. Nesse contexto político, não é de se admirar que os corpos policiais municipais tenham deixado de combater o crime e se convertido em uma força criminosa em si mesma. A alta demanda de cocaína do país vizinho, os Estados Unidos, enlouqueceu de ambição milhares de mexicanos de diversas esferas que, para aproveitar a demanda, associaram-se ao tráfico.

- **Seu livro anterior, *O Cartel de Sinaloa*, conta a gênese desses grupos criminosos e aponta para o uso político do narcotráfico em seu país. Como isso se deu?**

Em 2000, ano em que comecei a trabalhar como repórter, não houve o temido *bug* do milênio, mas surgiram Los Zetas. Do noroeste do México, ouvíamos relatos acerca deles sem que ninguém prestasse muita atenção. A derrota do PRI (Partido Revolucionário Institucional, que esteve por sete décadas no comando da política mexicana) e o início da suposta transição eram temas mais valorizados nas redações dos jornais. Como era de se esperar, a derrota eleitoral e a incontrolável ambição de poder de seus quadros desataram um verdadeiro cisma no

REFLEXÕES XII

interior do “Dinossauro”, como chamamos o PRI. Do que derivou a expulsão de vários priistas conhecidos, como a cacique sindical Elba Esther Gordillo. Em seguida, o país testemunhou um violento ataque político do governo Vicente Fox contra o chefe de governo do Distrito Federal, Andrés Manuel López Obrador.

Um clima de muita instabilidade política.

Assim chegamos nas ríspidas eleições presidenciais de 2006, ganhas por uma margem de apenas 0,56% em um país já cético em relação às urnas. De modo que o presidente Felipe Calderón chegou ao poder em meio a uma crise (o candidato perdedor nunca reconheceu a vitória nem se reuniu com ele) e decidiu usar a estratégia típica de governos débeis em outras partes do mundo: declarar uma guerra. Contra quem? Supostamente, o narcotráfico, embora de fato não tenha sido assim. Seguimos padecendo dessa desastrosa estratégia de confrontação. Os 43 estudantes são vítimas, como milhares de mexicanos, de um presidente civil que se vestiu de militar no dia 3 de janeiro de 2007 para invocar a ajuda do Exército apenas para legitimar seu nascente governo.

- **Em sua opinião, então, o enfrentamento do tema pelo governo Peña Nieto não tem sido o mais correto.**

O que aconteceu em Iguala não é um problema de narcotráfico. É um problema de decomposição política e social. Guerrero é um Estado onde o Exército mexicano estimulou diversos grupos armados a defender caciques políticos locais, em alguns casos usando o próprio tráfico de drogas para se financiar. Os estudantes não estão desaparecidos por causa do tráfico, mas por um assunto

REFLEXÕES XII

político. Esses jovens passaram anos sendo atacados e criticados pelo governo, cujo discurso contra eles gerou um ódio veiculado pelos meios de comunicação e agora se concretizou no assassinato de alguns e no desaparecimento de 43.

- **Como é a real situação de perigo a que estão submetidos os jornalistas hoje no México? Você chegou a temer pela vida?**

É uma situação muito difícil. Tive que sair do país em duas ocasiões por causa das ameaças que recebi e no momento estou sendo pressionado a solicitar uma escolta pessoal, em relação à qual ainda não me decidi. Nós, jornalistas mexicanos, tivemos que aprender a controlar o medo. Alguém ligeiramente paranoico não consegue ser repórter no México.

- **O filme *Tropa de Elite 2* mostra como grupos paramilitares estão substituindo os traficantes das favelas cariocas e atuando como máfias 'institucionalizadas'. Você vê semelhanças com a adesão de militares aos grupos narcos que ocorreu em seu país?**

Sem dúvida. O filósofo camaronês Achille Mbembe mostrou como, ao lado dos exércitos tradicionais, têm surgido máquinas de guerra. 'Máquinas de guerra formadas por homens armados que se dividem ou se somam entre eles, dependendo das circunstâncias ou das tarefas que tenham que realizar', ele escreveu. 'São organizações polimorfas e difusas, que se caracterizam pela capacidade de metamorfose. Sua relação com o espaço é móvel. Às vezes, desenvolvem vínculos complexos com as estruturas de Estado (desde autonomia até sua incorporação)'. Exemplos de máquinas de guerra

REFLEXÕES XII

mexicanas seriam o comboio armado que sequestrou o jornalista Raymundo Pérez Arellano em Reynosa ou a caravana que assaltou Ciudad Mier, em Tamaulipas, na manhã de 22 de fevereiro de 2010.

- **Quem está por trás das 'máquinas de guerra' mexicanas?**

O real motor por trás desses grupos é difícil de identificar, pois se encontra oculto em uma estrutura necropolítica que cruza de forma transversal diferentes níveis de governo, desde o ponto mais alto da escala do poder até suas zonas mais baixas. Essa estrutura é que produz as representações que espalham o terror em territórios imensos, como ocorre em Nuevo León, Tamaulipas e Coahuila, uma região do noroeste mexicano cuja extensão é superior à metade de toda a América Central.

- **Em um cenário tão desolador, quais deveriam ser os primeiros passos de uma política efetiva e responsável em relação às drogas?**

Falta que os responsáveis por tanta dor prestem conta de seus atos e das opções políticas que fizeram. É a luta que segue para os milhares de afetados por essa perversa política antidrogas criada nos EUA e alimentada no México pela demagogia e pelo dinheiro. Também é preciso encontrar os milhares de desaparecidos na voragem da guerra de Felipe Calderón e as vítimas do discurso triunfalista de Enrique Peña Nieto. A guerra contra as drogas é um fracasso há 30 anos e ainda assim continua a ser sustentada no terreno internacional. Por quê? Talvez porque exista quem esteja se beneficiando desse fracasso. ●

Diego Osorno Reportero y escritor mexicano (1980, Monterrey) que ha sido testigo de algunos de los principales conflictos del siglo XXI en México

REFLEXÕES XII

y otros países de América Latina. Es, según la Fundación Gabriel García Márquez, uno de los Nuevos Cronistas de Indias. Ha recibido reconocimientos como el Premio "A mano disarmata" de la Stampa Romana de Italia, el Premio Latinoamericano de Periodismo sobre Drogas, el Premio Internacional de Periodismo por los 35 años de la revista Proceso y el Premio Nacional de Periodismo de México 2013, el cual dedicó al Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN). Algunos de sus libros, como *El Cártel de Sinaloa* (2009), *La Guerra de los Zetas* (2012) y *Contra Estados Unidos* (2014) han sido incluidos en las listas anuales de lo mejor de la literatura no ficción del diario Reforma. También

ha realizado proyectos de cine como *El Alcalde*, galardonado internacionalmente, así como iniciativas de regeneración del tejido social a partir del periodismo narrativo, como ElBarrioAntiguo.com. Actualmente es profesor de la Universidad de Monterrey y forma parte de la Comisión de la Verdad de Oaxaca que investiga y ha consignado a funcionarios involucrados en ejecuciones extrajudiciales, actos de tortura y otras violaciones graves a los derechos humanos.

Artigo publicado no jornal **Valor Económico** no dia 1 de novembro 2014.



Visionário incansável

Roberto Mangabeira Unger



É um dia de fim de verão, de sol ameno e nuvens que deslizam em grandes altitudes quando abro o portão da casa de Roberto Mangabeira Unger em Cambridge, Massachusetts, e atravesso a aleia de seu jardim. Filósofo radical efetivado como professor titular de Harvard aos 29 anos, Unger, desde então,

consolidou fama como intelectual participante da vida pública que não foge de briga. Dois anos atrás, postou um vídeo muito assistido no YouTube, no qual censurava Barack Obama, um de seus ex-alunos, por prestar socorro financeiro a Wall Street. Obama, disse ele, não merecia um segundo mandato.

Para seus partidários da esquerda, Unger é um visionário incansável. Entre os demais líderes mundiais inspirados por sua fértil prática filosófica estão Ed Miliband, dirigente do Partido Trabalhista britânico, e Vicente Fox e Ricardo Lagos, ex-presidentes do México e do Chile, respectivamente. Suas ideias são diversificadas, mas equivalem, essencialmente, a um apaixonado apelo para que se pare de pensar em tudo em termos de economia e finanças, que ele qualifica de "ditadura da falta de alternativas". Em vez disso, insiste na necessidade de se voltar a focar no que realmente importa, o espírito humano. Seus críticos, nem todos de direita, zombam dele, tachando-o de ridículamente romântico.

REFLEXÕES XII

O que torna Unger especialmente interessante, no entanto, é o fato de ser também um político esporádico. Brasileiro nato, foi convidado em 2007 por Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Brasil, para ocupar o cargo de ministro de Assuntos Estratégicos - embora tivesse, pouco antes, criticado o governo como sendo "o mais corrupto da história do Brasil". Exerceu a função por dois anos.

Toco a campanha, tomado de preocupação. Unger tinha inicialmente resistido ao convite para um almoço, descrevendo-se, afavelmente, como "desajeitado e formal demais para uma atuação desse tipo". Mas concordara em me receber em casa, pois isso daria margem a uma conversa mais profunda - uma perspectiva impeditiva, já que Unger observou certa vez que nem sua "conversa é muito de conversa". Seus livros tampouco são fáceis. Ele fez seu nome com uma obra em três volumes, "**Política: Um Trabalho de Teoria Social Construtiva**" (1987). Entre seus livros mais recentes estão "**A Reinvenção do Livre-Comércio**" (2007, Editora da FGV) e "**The Left Alternative**" (Verso Books, 2009) [2ª edição de "**O Que a Esquerda Deve Propor**", Civilização Brasileira, 2008], dois libelos de sua longa guerra de guerrilha contra ideias aceitas (consagradas).

Para animar o clima, eu trouxe duas garrafas de vinho tinto. Estou ansioso por ouvir Unger sobre as acirradamente disputadas eleições presidenciais deste fim de semana, que contrapõem Marina Silva, uma antiga seringueira da Amazônia, a Dilma Rousseff, a sucessora escolhida por Lula, comumente encarada como uma decepção [a entrevista foi feita antes do dia 5]. Também estou curioso por verificar como foi o encontro de uma pessoa tão livresca com a prática da

REFLEXÕES XII

política; como ministro, Unger era conhecido por mergulhar no "**Paraíso Perdido**" de Milton entre reuniões.

Soam passos no interior da casa, de assoalho de tábuas, e a porta se abre. "Entre", convida Unger. Aos 67 anos, usa o cabelo grisalho cortado curto, seus olhos brilham por detrás de óculos sem aro. Veste calça preta e uma jaqueta leve cinza-claro, com a insígnia dourada da República Federativa do Brasil na lapela.

Ele segue à frente a partir da entrada, atulhada por lixeiras de reciclagem. Lá dentro há gravuras do Brasil colonial nas paredes e bem arrumadas pilhas de velhos suplementos literários do "**Times**" no corredor.

"Vamos começar pelo mais importante, vamos decantar o vinho", diz. Abrimos uma garrafa na cozinha, levamos pratos de sopa *vichyssoise* com acompanhamento de salada e queijo para uma sala de jantar, que dá vista para um jardim sombreado, e nos acomodamos em volta de uma mesa grande.

Apesar de suas restrições anteriores, Unger parece ansioso por começar. Então, pergunto, e o Brasil, agora? Unger põe-se a usar expressões buriladas em sua cátedra. Ao longo dos últimos dez anos, diz, o Brasil desfrutou de enormes avanços. A elevação dos salários, o crédito ao consumidor e as políticas sociais do Partido dos Trabalhadores de Lula e Dilma guindaram 30 milhões de pessoas à classe média - transformação extraordinária num país de 200 milhões de habitantes. O Brasil também teve "um avanço do imaginário", ao perder seu senso de inferioridade. "Ele [agora] se aceita", diz.

REFLEXÕES XII

O problema está na ponta da oferta. O surto de crescimento das commodities dos últimos dez anos, puxado pela China, criou uma ilusão de prosperidade que permitiu que o Brasil seguisse uma "estratégia de fuga", cujos limites agora se fazem sentir. A economia está em recessão e no ano passado o Brasil mergulhou em gigantescos protestos de rua.



"O país fervilha de potencial frustrado", diz ele. Os brasileiros, principalmente a nova classe média, "têm de ser entendidos como agentes econômicos e produtores, não apenas como beneficiários de programas sociais".

Críticas desse teor são pouco comuns se vindas de um pensador celebrado pela esquerda. Digo que é como se ele estivesse propondo o tipo de política de centro-direita que combate há tempos. Unger projeta o queixo e empurra a comida. "É aí que se deve romper com o discurso neoliberal", afirma. "Acho que isso exige uma inovação radical dos dispositivos institucionais da economia de mercado."

Esse é o Unger clássico: provocador, mas evasivo. Em seus livros, ele critica o neoliberalismo por ser "economia e ciência social americana de segunda mão". Mas também se mostra desesperançado com a esquerda tradicional, tanto as "calamitosas versões autoritárias quanto a bem-comportada social-democracia europeia". O que propõe em seu lugar?, pergunto. Unger responde com outra pergunta. "O que é ser progressista, hoje?"

REFLEXÕES XII

Respondendo a sua própria pergunta, ele continua: "Há os que se consideram radicais, acreditam em dogmas e modelos, e são fantasistas e revolucionários perigosos. E há a maioria, compreensivelmente desiludida com esse tipo de pensamento, que acha que só resta sair dessa de alguma maneira e conquistar avanços marginais em patrimônio e eficiência. Discordo totalmente dessa divisão porque sou um radical, embora não acredite em dogmas ou modelos".

A sopa é substanciosa, mas Unger mal tocou seu prato. Uma nuvem encobre o sol e a sala mergulha numa obscuridade de biblioteca, mas ele ainda está num módulo intelectual, imóvel e ereto na cadeira, eletrizado pela eloquência.

Ele cita a tecnologia como exemplo da necessidade de repensar o mundo. Durante a Revolução Industrial, diz, a nova tecnologia se disseminou rapidamente, até para a agricultura. Agora, diferentemente, "a vanguarda está isolada". Um número menor de pessoas trabalha nos segmentos mais bem remunerados e mais produtivos da economia, enquanto os demais enfrentam dificuldades para encontrar emprego equivalente em outras áreas. O resultado é a expansão da desigualdade social.

Isso o leva a Thomas Piketty, o célebre economista francês, autor de "**O Capital no Século 21**". Unger diz que o livro "põe o dedo na ferida da desigualdade - embora seu endosso se resuma a isso." "Sua deficiência é que ele não propõe nada sobre como mudar as instituições que geram essa desigualdade: simplesmente corrige o mercado por meio de uma redistribuição compensatória retroativa [ou seja, os impostos]". "Minha ideia é mudar o próprio mercado", diz.

REFLEXÕES XII

Isso é radical: mas o que deve mudar, e como? Unger toma um gole de vinho e solta uma enxurrada de ideias abstratas. Cita Hobbes, Marx e Mill. Cita as redes de pequenas empresas do norte da Itália e do sul da Alemanha como exemplos bem-sucedidos da "era industrial pós-fordista". Ressalta a importância da educação. Afirma a necessidade de experimentação constante e de uma "política de alta energia", orientada pelo uso de tecnologia para empurrar o emprego rumo à "fronteira da prática avançada", mas também "para além do automatismo entorpecente no estilo da fábrica de alfinetes de Adam Smith". Ele articula todos esses pensamentos com a força implacável de quem malha o ferro, e eu me encolho ligeiramente em minha cadeira.

A nuvem passa, a sala se ilumina. Unger relaxa o maxilar e assume uma atitude mais meditativa. "O essencial, o objetivo último da política e do pensamento, é uma vida maior para o indivíduo", conclui. "Uma vida maior - esse continua sendo o principal objetivo... aumentar nossos atributos divinos, ter mais vida." Sugiro que isso soa mais como um projeto religioso do que como um projeto político. Unger, que estudou em escolas jesuíticas, não discorda: "A voz profética, infelizmente, se calou ultimamente nos Estados Unidos".

A política e o intelecto sempre foram apreciados na família de Mangabeira Unger. Ele nasceu no Rio de Janeiro em 1947, mas foi criado em Nova York, onde sua mãe brasileira, uma poeta, lia para ele "**A República**" de Platão quando ele tinha apenas 8 anos. (Ele se lembra de que era a tradução de Benjamin Jowett, de 1894, publicada postumamente). Quando seu pai, um bem-sucedido advogado teuto-americano, morreu em consequência de um enfarte, em 1958, a família voltou ao

REFLEXÕES XII

Brasil. No país, Unger aprendeu português e desenvolveu sua segunda paixão, a política, que cultivou paralelamente à carreira acadêmica: estudos de pós-graduação em Harvard em 1969 e, finalmente, professor titular. Unger permaneceu "nesse jardim" desde então, com investidas esporádicas na política brasileira.

A inspiração de Unger foi seu avô materno, Octávio Mangabeira, professor de astronomia que lançou sua carreira política com um discurso sobre por que o cometa Halley não significaria o fim do mundo. Foi ministro das Relações Exteriores na década de 1920, até a ditadura de Getúlio Vargas empurrá-lo para o exílio.



A própria carreira política de Unger, embora movimentada, foi menos bem-sucedida, e em São Paulo ele é visto como um excêntrico brilhante que faz campanha num português carregado de sotaque. Em 1990, ele tentou um assento no Congresso; em 2000, disputou para prefeito de São Paulo; em 2006 chegou até a candidatar-se à Presidência. Todas as tentativas fracassaram.

Um micro-ondas soa na cozinha, e Unger volta com pratos de salmão grelhado e arroz com legumes fritos. Completo nossos copos. Por que ele se tornou ministro no governo Lula após criticá-lo tão violentamente, chegando até a defender o impeachment do presidente?

REFLEXÕES XII

Unger puxa o ar e diz que aceitou o convite ("um sinal da generosidade política de Lula") em parte para propor suas ideias.

"Uma das falhas dos filósofos é a convicção de que alguma outra pessoa fará isso por você." Mas, diz, a política também foi uma jornada de transformação pessoal em meio à "borbulhante anarquia e mistérios do Brasil".

Foi uma maneira de "arrancar à força minha armadura protetora e me abrir às setas do fracasso, da chacota, da derrota...e, assim, da transformação", diz. "Sem isso, você morre aos poucos - e eu acho que se deve morrer só uma vez."

Uma chave gira na porta da frente: é Tamara Lothian, sua mulher e mãe dos quatro filhos do casal. "Você está citando direito a autoria das minhas ideias?", brinca Tamara, que leciona direito na Universidade Columbia, antes de começar a subir a escada para a parte de cima da casa.

Pergunto a Unger se ele aprendeu algumas lições com a prática política. "Aprendi que não há limite", ele responde, imperturbável. "A política não é uma batalha medieval em que o arauto vem no fim e diz 'Você venceu, você perdeu'. Não. Você pode dizer 'não perdi', e continuar a batalha."

Apesar de sua atitude de pessoa imbuída de ideais elevados, a maior empreitada ministerial de Unger foi, surpreendentemente, bem concreta e realista. Preocupado com o desmatamento da Amazônia, ele descobriu que apenas 4% das terras particulares da floresta tinham escritura definitiva. "O resultado foi o caos: ninguém sabia quem era dono do quê, e a consequência foi que a pilhagem era mais atraente que a preservação ou a produção." Lula aprovou o

REFLEXÕES XII

plano de Unger de formar um registro formal de terras e coordenar um programa sustentável para a Amazônia. Mas, diz Unger, só funcionou até certo ponto. "Produzimos uma lei, mas a execução foi fraca", diz, suspirando.

Ele parece desanimado com a constatação. Diante disso, pergunto sobre seu recente trabalho em Rondônia, o Estado da Amazônia Legal, no noroeste do país, onde ele ajuda a projetar um novo programa escolar que abandone o plano de estudos brasileiro habitual, baseado no aprendizado por memorização. Seu rosto se ilumina. "É muito gratificante, porque é tangível. Mas eu sempre me pergunto se é uma grande coisa."

Unger volta à cozinha para pegar a sobremesa, e vem com duas tortinhas de abacaxi com pudim de ovos - deliciosas, embora isso não pareça contribuir para melhorar seu humor. "Não sei como recriar o universo da política, a discussão mundial que existia no século XIX", lamenta. "Você sabe?"

Sugiro irmos lá fora para curtir o dia. Unger parece relaxar sob as árvores. Comentamos sobre os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China), parte de sua pasta no governo Lula, e Unger balança as pernas nas laterais da cadeira. "Os russos eram os únicos dispostos a ousar", diz. "Os chineses e indianos eram tímidos." Ele se atribui o mérito de levar Pequim a internacionalizar o yuan como uma forma de acabar com a hegemonia do dólar, embora não seja grande fã dos chineses.

"Os discursos chineses são tão melosos; tivemos de escutar tantos... Pequim uma vez propôs uma conferência das ONGs dos Brics. A nossa, disseram, será o Partido Comunista

REFLEXÕES XII

chinês." Unger gargalha com uma alegria contagiante. "Tão absurdo!"

Embora Unger pareça não ter pressa, duas horas se passaram e meu anfitrião, incessantemente cortês, se oferece para me levar de carro até um ponto de táxi. No caminho, pergunto em quem ele votará nas eleições brasileiras. Unger qualifica a disputa como um enigma. Embora o governo de centro-esquerda de Dilma tenha perdido apoio, a oposição habitual, de centro-direita, encabeçada por Aécio Neves, não tinha conseguido, àquela altura, avançar muito. Em seu lugar, é Marina Silva, apoiada pelo Partido Socialista e descrita por Unger como "pessoa exemplar", que capitalizou a disposição popular de protesto - embora esse apoio seja, segundo ele, "imerecido", uma vez que muitas das propostas dela são "vazias de conteúdo institucional". Surpreendentemente, Dilma é sua escolha, apesar de suas duras críticas ao seu primeiro mandato. "Ela é uma boa pessoa, e favorável às minhas ideias. Acho que ela é a melhor para fazer a mudança programática de que o Brasil precisa. Essa, de toda maneira, é minha esperança, embora eu não tenha ilusões." ●



Roberto Mangabeira Unger é um filósofo e teórico social brasileiro. Por duas vezes foi ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil 2000 – 2014. Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 10 de outubro de 2014.

A República como déficit

Renato Janine Ribeiro



Lava Jato. Desta vez, a Justiça também mandou prender presidentes de empreiteiras

Falta-nos apreço pela 'coisa pública', pelo bem comum. Mas não é só o combate à corrupção que vai nos fortalecer. É a radicalização da democracia pelo processo de inclusão

Até o fim da ditadura militar, a história digamos oficial se esmerava numa autocongratulação do Brasil. A Independência e a Proclamação da República eram algumas das

datas marcantes. Tanto que, um dia em 1972, o ditador Médici convocou uma cadeia de televisão para uma declaração importante - e muitos esperaram, ansiosamente, que fosse uma anistia ou o fim de pelo menos parte das sanções odiosas que o governo impunha à sociedade. Não. A solenidade era para informar que Portugal aceitara dar ao Brasil o corpo de Dom Pedro I, até então sepultado no Porto.

Datas, solenidades, desfiles, são vazios se não tiverem um conteúdo forte a preenchê-los

Um pouco depois, quando fui bolsista na França, lembro-me de ter contado a um amigo estrangeiro como era a ditadura no Brasil. Ele, candidamente, me perguntou: "Mas seu País é uma república?". Eu me escandalizei, "claro que sim!", e só depois percebi que república não é só uma palavra, é um conjunto de

REFLEXÕES XII

significados. De fato, há vários anos que opero uma distinção entre democracia e república, que aqui resumo.

República é uma expressão romana (*res publica*, coisa pública) que designa a finalidade, o propósito de uma organização política. Seu cerne não é como o poder é atribuído no Estado, mas sim para o que ele - ele Estado, ele poder - existe. Já democracia é uma palavra grega que se traduz como “poder do povo” e se refere, sim, ao modo como o poder é atribuído. Só pode ser pelo voto de todos, o que implica que haja sempre uma maioria de pobres. Daí que toda democracia tenha um forte componente social. Não existe, ao contrário do que quis Hannah Arendt, política democrática sem o fator social. Toda democracia conhece a forte demanda dos pobres, da multidão, por uma distribuição melhor da riqueza. Por isso, democracia é mais radical, ou de esquerda, que república. Essa última pode até ser aristocrática. Na verdade, em linhas gerais, a república se aproxima do que chamamos Estado de Direito, enquanto a democracia exige hoje o Estado Democrático de Direito.

São dois conceitos diferentes, mas indispensáveis para o que chamo a boa política de nosso tempo. Ela exige a separação do público e do privado. Por isso, seu inimigo não é a monarquia (uma forma de atribuição do poder, apenas), mas a corrupção e seu sobrinho latino-americano, o patrimonialismo. O governante republicano deve ser austero, honesto, incorruptível. A república também exige a valorização da dimensão pública, e por isso mesmo não cabe numa privatização generalizada, thatcheriana, do âmbito político.

A democracia atual é fecunda. Ela se expande o tempo todo. Constantemente a ONU gera declarações de novos direitos.

REFLEXÕES XII

Aos direitos humanos habituais se somaram outros, específicos para um gênero (mulheres), faixas etárias (jovens e idosos), condições de vida (habitação, saúde) - e isso continua.

Em nosso tempo, pela primeira vez na História, a miséria se tornou algo a abolir, e a pobreza também, ainda que numa etapa posterior. Raros são os que defendem, de público, que existam pobres. Mesmo quem aceita a desigualdade social quer que a base da pirâmide tenha um nível de vida acima da pobreza.

Fiquemos na República, que ora se comemora. O regime introduzido em 1889 pode ser chamado de republicano? Representou ele um avanço sobre o Segundo Reinado? No Império, na verdade com Pedro II, tivemos um regime parlamentarista, com partidos nacionais e certa liberdade de imprensa. Já a Primeira República, entre 1891 e 1930, foi o reinado incontido das oligarquias estaduais. Provavelmente nunca tivemos regime mais podre no Brasil, tanto pela corrupção dos dinheiros públicos quanto, sobretudo, a corrupção dos costumes. Não havia limites aos desmandos dos oligarcas, federais, estaduais, locais. Talvez esse fato tenha desmoralizado por muito tempo a ideia de república em nosso País. Busca do bem público? Moralidade dos governantes? Um espaço comum acima dos partidos? Não.

Na comparação com o Segundo Reinado, a Primeira República parece até pior. E olhem que as eleições parlamentares do Império eram fraudadas. A monarquia conviveu com a escravatura e acabou junto com ela.

Então, quando começa o espírito republicano no Brasil? Terá sido com as conspirações da década de 1920, culminando na

REFLEXÕES XII

Revolução de 1930? Mas os “tenentes” da época, se defendiam a honestidade e, além disso, o voto secreto, eram autoritários. E o governo instituído em 1930 foi ditatorial.

Para resumir, temos pouca experiência histórica tanto de república (a busca do bem comum) quanto de democracia (o povo, os pobres, tomando a palavra). Nossa sociedade não tem tanto respeito pelo direito (o mundo da república) ou pelos direitos sociais (o mundo da democracia). Não é fortuito que, das três grandes profissões tradicionais - advocacia, medicina e engenharia - estejamos vivendo, nestes anos, uma grande decepção com as duas primeiras.

Um dia um juiz consegue condenar uma agente de trânsito porque ela lhe disse “o senhor não é Deus”, outro dia um médico, por sinal crítico acerbo do programa Mais Médicos, só assina o ponto na repartição e vai embora em seguida. A grande maioria dessas profissões é honesta, mas qual é a crítica exata a esses profissionais? Qual crítica está sempre presente na indignação com juízes e médicos? É que não visam à coisa pública. É que se apropriam do bem público para uso privado - a carteirada num caso, o dinheiro sem trabalho no outro.

Vamos aqui discutir o que nos falta de república, em seu sentido preciso, o de um Estado que tenha por fim a coisa pública, o bem comum. Seu maior inimigo é a corrupção, mas essa palavra perdeu alcance desde os romanos. Para eles, a corrupção era a dos costumes, em especial, a autocomplacência, a busca dos prazeres, a preferência dada a interesses ou desejos privados. Mulheres, seres dos sentimentos, não seriam capazes de autocontenção, portanto seus gostos - por exemplo, pelo luxo - eram incompatíveis com

REFLEXÕES XII

a austeridade republicana. Isso mudou. O que eles chamavam de corrupção dos costumes, coisa péssima, para nós é liberdade individual (próxima à “liberdade dos modernos”, de que fala Benjamin Constant), coisa ótima.

Descartar as mulheres virou preconceito ridículo. Uma peça publicitária, anos atrás, tratou disso com humor: víamos uma mulher enfrentando as dores do parto enquanto uma voz masculina dizia que elas são fracas, não suportam dor, outras bobagens.

A república deixou de ser viril. E com isso mudou a coisa pública: não é mais algo transcendente, uma pátria acima de seus componentes, à qual eles se sacrificam, mas o tesouro público, o dinheiro do Estado. Vemos hoje o Estado não como um valor, um ideal, mas só como a caixa do condomínio. Por isso fica difícil, desde meados do século XX, o ideal de morrer pela pátria. Praticamente não faz mais sentido, tanto que os exércitos dos países ricos, os que realmente entram em guerra, são compostos em boa parte de soldados pagos, mercenários.

Também por isso, para nós corrupção é só furto. O corrupto é um ladrão. Insisto há anos, com vários outros, que o furto do dinheiro público é mais do que o furto do dinheiro privado, porque mata gente por falta de hospitais, escolas e tudo o mais. Mas essa tese persuade poucos. Talvez por isso a corrupção acabe sendo impossível de extirpar. Existe aqui, mas também nos Estados Unidos, França, Reino Unido, as três pátrias da democracia moderna.

Mas pode ser que o conceito de coisa pública esteja se ampliando numa nova direção - que seria a república se democratizar. Estão se introduzindo na coisa pública, ao longo

REFLEXÕES XII

dos últimos séculos, valores como liberdade, igualdade, fraternidade. Muitos dos que estudaram a República Romana pensam que ela desabou porque não conseguiu resolver a questão social, isto é, a exclusão dos pobres. Quando os senadores assassinaram os irmãos Graco, defensores da reforma agrária, prepararam o caminho para décadas de guerra civil, finalmente levando ao advento do império populista, com Júlio César e Otávio Augusto. As repúblicas modernas passaram ou passam por esse desafio. Estados Unidos e França talvez tenham sofrido mais dores no processo de inclusão social dos deserdados do que no advento de uma república inicialmente patrícia. É a inclusão social que dá sustentabilidade à república. Sem isso, ela pertence só a uma pequena minoria. O Brasil passa hoje por essa crise. Há quem queira manter a república em mãos de poucos, e há os que a querem ampliar. Se a inclusão prosperar, teremos um país desenvolvido, sem miseráveis e mesmo pobres; se não, nada disso.

Há uma série de demandas inicialmente democráticas, como saúde, educação, transporte e segurança, mal atendidas pelo setor público. Quem tem dinheiro paga esses serviços no mercado privado. Quem não tem depende de um Estado que não os fornece em qualidade suficiente. A exigência de qualidade é popular. Nós da classe média e os mais ricos não precisamos do Estado para tanto, mesmo que reclamemos de pagar impostos e ter pouco em troca. Mas essa demanda do povo, dos pobres, do demos grego, se torna condição para a república não morrer. Deixa de ser uma exigência só democrática para se tornar necessidade republicana. É nesse sentido que a corrupção deixa de ser mero furto para se tornar assassinato, à medida que faltam escolas, hospitais, etc. A

REFLEXÕES XII

república falha em sua meta, a coisa pública, porque essa não é apenas o erário, é aquilo para que serve o erário.

A ampliação da coisa pública vem com um fato pouco notado. Até alguns anos atrás, a assistência aos mais pobres era caridade, palavra essa que perdeu valor, ficando associada a uma condescendência de cima para baixo, a algo não sustentável. Os programas de inclusão social iniciados com Itamar Franco, desenvolvidos por FHC e fortemente incrementados nas gestões petistas acabaram com a cesta básica, dada aos mais pobres como uma esmola, que servia aos caciques políticos, sendo substituídos por informação trabalhada em redes. O Bolsa Família é atribuído pelo cruzamento de várias informações, de modo a ser mais justo e, sobretudo, atender a todo o público visado.

Narro uma história. Na República Velha, Humberto de Campos, senador e escritor, impressiona-se com um leprosário no Maranhão e procura o presidente para pedir-lhe cem contos. Washington Luiz nega: “Nem cinco! Se der para um, todos os Estados hão de querer igual”. Pano rápido. Nas décadas seguintes os governos porão, sim, dinheiro em hospitais e todo o resto, mas muitas vezes a escolha é de sofia: financia-se um ou outro, até por pressões políticas, mas o cobertor não dá para todos. Ora, desde que temos um sistema fortemente informatizado, a meta passa a ser a de atender a todos. Por um lado, há uma focalização da ajuda nos mais necessitados, mas, por outro, nenhum desses deve ficar fora. Essa é a novidade. É o fator técnico que permite que atender a necessidades dos mais carentes, tema tipicamente democrático, se torne um tema republicano. Uma sociedade



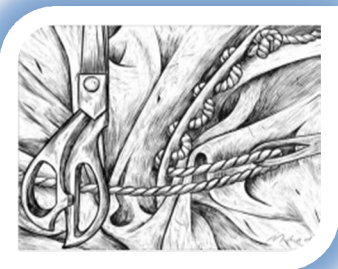
sem pobres se torna um novo e decisivo conteúdo da res publica.●

Renato Janine Ribeiro, professor titular de Ética e Filosofia Política da USP, é autor de **A Sociedade Contra o Social: o Alto Custo da Vida Pública no Brasil** (Companhia das Letras).

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 15 de novembro de 2014.

Coisas fiscais

Carlos Eduardo Soares Gonçalves



A política fiscal se apoderou do debate econômico no Brasil. E com razão. Ela é o calcanhar de Aquiles da macroeconomia: com uma política fiscal desregrada, tudo vai mal: crescimento, juro, inflação, contas externas. É o diabo.

A política fiscal já está na boca de todos, sussurrada em versos e trovas. Estava lá na discussão eleitoral também, mas sempre meio camuflada: a candidata oficial transformada em presidente não querendo reconhecer o tamanho da problemática, e o candidato opositor temeroso de cometer sincericídio eleitoral e falando em mexer no fator previdenciário para arrebanhar votos entre sindicalistas. Nada de real solucionática. Mas, nas campanhas, a irracionalidade impera, é o esperado. Prometem-se mais e mais gastos, mais e mais programas. E uma espécie de amnésia temporária se apodera dos candidatos e de suas equipes, do lado do cérebro que faz cálculos simples, do lobo onde estão alocadas as chatíssimas partidas dobradas da contabilidade que dizem que para gastar mais é preciso também (prepare-se): taxar mais. A esperança é que, iniciado o segundo mandato, a amnésia desapareça e a racionalidade - ainda que mínima - volte. Dilma reeleita disse, aliás, estar disposta a apertar cintos. Se vai mesmo fazer isso de modo consistente, só o tempo dirá, até porque ela apertou-o sim em

REFLEXÕES XII

2011, mas soltou-o irresponsavelmente depois. Bem, nesse ínterim, enquanto aguardamos Godot, vamos às teorias e aos fatos empíricos associados à coisa fiscal.

Estado mínimo e tolíces

Papo besta. Uma economia de mercado, para funcionar bem, precisa de um Estado bem organizado, forte, eficiente. Sem um Estado forte, paira grande incerteza sobre direitos de propriedade e o investimento vai-se embora; os mercados mingam. Além disso, as falhas de mercado devem ser remediadas via regulação. Imagine quão mais não poluiriam as fábricas na ausência de um Estado vigilante, por exemplo, ou os possíveis danos de uma total ausência de regulação no funcionamento dos mercados financeiros. Fora a coisa da desigualdade e da pobreza, claro, em que a intervenção do governo é absolutamente crucial. Então, economista liberal não pede Estado mínimo coisa alguma - isso é um espantinho inventado pela heterodoxia para fugir do debate sobre eficiência da gestão pública. Agora, o que é importante lembrar sempre é que, para termos mais programas custeados pelo governo, precisamos arrecadar mais impostos. A vida é dura.

Endividamento e superávit

Pois o governo baixou muito imposto recentemente, caros leitores, com várias desonerações. E isso nem sempre é bom. Como disse antes, se há muito gasto, é preciso arrecadar. Como sair baixando imposto assim, sem cortar gastos? Não dá. O resultado foi o esperado, a aritmética trivial se impôs inclemente: a dívida total entrou em trajetória ascendente.

Dívida, crescer às vezes e cair depois, faz parte do jogo (mais sobre isso a seguir), mas, no caso de um país que já estava com

REFLEXÕES XII

nível de endividamento acima do de seus pares emergentes, e que paga juros reais altos para cada real tomado de empréstimo, o sinal dado foi ruim.

Os mercados e as agências de risco olham com preocupação para economias não maduras que entram em trajetória de dívida crescente porque sabem onde essa história muitas vezes termina: tenebrosos calotes. E isso significa que o risco de crédito e, portanto, os juros dos empréstimos, vão subindo na medida em que a dívida vai se avolumando. Não preciso lembrá-los de que esse risco e juro mais altos freiam o crescimento da economia.

Portanto, precisamos urgentemente aumentar o superávit do governo, com uma mistura de contenção de gastos e alta de impostos. A vida é dura (já disse isso antes?)

Política fiscal anticíclica

Se você for um país disciplinado, a melhor coisa, a recomendação do livro-texto de economia é: gastar mais (ou baixar impostos) em tempos de vacas magras - aí a dívida sobe - e apertar cintos em tempos de vacas gordas, hora em que a dívida cai. Assim evitam-se tanto aquecimentos como esfriamentos desnecessários da economia. Dito de outro modo, a política fiscal funciona como contrapeso a desequilíbrios passageiros da economia. E agir assim tem a seguinte vantagem: quando a demanda por crédito da economia está em alta - momentos de aquecimento -, se o governo pratica uma política fiscal mais contracionista, ajuda a conter a alta da taxa de juro. Ou seja, nesses momentos, a poupança pública auxilia o financiamento do investimento privado, um dos motores do crescimento.

REFLEXÕES XII

Hoje em dia, governos de economias emergentes gastam muito quando a economia - e a arrecadação - está em alta (o contrário do que se deve fazer). Mas essa dinâmica de fazer farra em tempo de vacas gordas trava o investimento privado, pois, justamente quando precisaríamos de maior poupança doméstica para financiá-los, o governo reduz a poupança da economia via aumento de seus gastos.

Bem, em termos pragmáticos, no Brasil minha recomendação é: primeiro, reduzir essa dívida meio grandalhona que temos, para apenas depois praticarmos oficialmente a política anticíclica acima discutida (tomando o devido cuidado, no desenho da lei, para coibir os governos de ordenarem a vaca enquanto gorda).

De todo modo, é bom sabermos a melhor maneira de implantá-la. Então vai aqui a resposta: via aumento do investimento público em infraestrutura. Primeiro, porque ele ajuda a catalisar outros investimentos, a melhorar a produtividade. Segundo, porque ele, por definição, é de natureza temporária: acabado o investimento, os gastos voltam ao normal após a economia retornar às condições normais de temperatura e pressão. Já se a política anticíclica passa por aumentar salários de funcionários públicos, ou turbinar transferências para unidades subnacionais, problemas ocorrerão, pois vai ser bem difícil reverter esses aumentos de gastos mais adiante. Com imposto também é um pouco assim: o setor que se favorece do imposto menor hoje chia - e faz lobby pesado - quando você avisa que a fase anticíclica chegou ao fim.

A Europa não é aqui

REFLEXÕES XII

Recentemente, ouvi economistas governistas defendendo a prática fiscal recente afirmando que em todo o mundo políticas expansionistas estão sendo defendidas e praticadas. Pera lá! Não senhor. O curso ideal de ação depende do caso em questão. A Europa, por exemplo, está à beira de uma deflação: a inflação faz seis meses roda perto de 0,5% ao ano, o que sinaliza para um claro problema de escassez de demanda. Esse pode e deve ser combatido com maiores gastos público, mesmo - de preferência, em investimentos. Mas aqui é o Brasil, pessoal, lugar onde ela, a inflação, também anda na casa dos 0,5%, mas ao mês! Ao mês! Não tem como fazer analogia, meus caros, não temos escassez de demanda.

Na Europa, o Banco Central está com juro zero para combater uma inflação rastejante, quase negativa, o que significa que se o governo gastar mais isso não gera aquela pressão de taxa de juro que trava investimento privado. Já aqui o juro é bem grandinho e, portanto, se o governo gastar mais, o que vai acontecer é que as taxas de juro de mercado subirão e o investimento privado, consequentemente, se retrainá.

Não dá pra misturar alhos com bugalhos. Ajuste fiscal já! ●

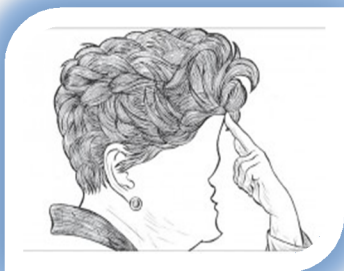
Carlos Eduardo Soares Gonçalves, professor titular de economia da FEA-USP e autor de "**Economia Sem Truques**" e "**Sob a Lupa do Economista**" (Campus).

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 21 de novembro de 2014.



Era uma vez o Brasil

Carlos Eduardo Soares Gonçalves



Era uma vez um país que finalmente dava continuidade a certo conjunto de políticas macroeconômicas de qualidade e ensaiava os primeiros passos numa agenda mais profunda de incremento da produtividade dos setores privado e público. Esse país, terra da deleitável jabuticaba, 20 anos atrás:

controlou a grande inflação com um sistema de taxas fixas de câmbio que tem lá seus problemas, mas é implacável caçador de inflações altas e resistentes; abriu-se para o comércio exterior numa velocidade estonteante (o que não é ideal, mas tenta fazer essas coisas aos poucos para ver se você consegue); privatizou suas ineficientes empresas públicas sugadoras de escassos recursos orçamentários. Começava a normalização do ambiente econômico.

Esse mesmo país, depois de uma crise internacional de amplas proporções nos fins dos anos 1990, que foi sofrida, mas forçou mudanças necessárias e para melhor, sofisticou ainda mais seu arcabouço econômico: passou a permitir a livre flutuação da moeda e adotou rigor nas contas públicas e na condução da política monetária, respectivamente, criando a Lei de Responsabilidade Fiscal e copiando o bem-sucedido sistema de metas de inflação, que já havia sido implantado algures. Esse país, enfim, depois dos solavancos da virada do século,

REFLEXÕES XII

parecia pronto para a segunda etapa da agenda do desenvolvimento sustentado - uma agenda de natureza mais microeconômica e institucional. Mesmo com alterações na política.

Mudou o comandante, saiu o sociólogo e entrou o companheiro, mas o companheiro sentado finalmente na cadeira mais alta, para surpresa de muitos e felicidade geral da nação, manteve o timão na direção correta. Um sabor de esquerda europeia no ar. Mas, passado o seu tempo, o companheiro tinha que dar a vaga para outra pessoa e aí, de repente, a criatura do próprio companheiro, democraticamente alçada ao posto de comandante-em-chefe, resolveu - como compreender isso? - jogar tudo por terra, dar fragorosos passos atrás, retroceder a décadas remotíssimas, nas quais o andar da carruagem se pautava pela lógica de uma desabrida marcha forçada - e fracassada. Nem o companheiro entendeu, creio eu, mas já era tarde. Era uma vez o Brasil.

Em 2009 houve uma imponente crise vinda lá de fora, dos países centrais, e houve, conseqüentemente, uma reação dos líderes nacionais, ávidos por acionar as alavancas à disposição, de modo a conter os efeitos nocivos da irresponsabilidade dos ricos estrangeiros. Era preciso transformar uma tsunami vinda do Norte em marolinha dos calmos mares do Sul. E reduzir juros, superávit primário e aumentar o crédito público, ali, naquele momento, deu certo, até porque o terreno estava mais bem preparado para isso, abundante em reservas internacionais, aplainado de dívidas grandes e de tenebrosa indexação. Foi um sucesso, efetivamente. Palmas!

REFLEXÕES XII

Mas, ó humanos incorrigíveis, o sucesso acendeu a fagulha da húbris²², e os deuses começaram a ficar insatisfeitos. Aconselhamentos foram ventilados por gente de bem: era preciso refrear aquele impulso tremendo nas políticas fiscal, monetária e parafiscal. Aquilo geraria inflação e má alocação de capital entre os setores da economia. Esses apelos ao razoável, porém, encontraram ouvidos moucos, de mercador, de mercadores de eleições mais precisamente.

Dionísio, em algum lugar aqui na Terra, mastigava jabuticabas e incitava a farra a continuar: o país empanturrava-se em gastos altos e juros baixos e crédito farto e subsidiado. A turma no poder queria - como é natural, reconheçamos sem hipocrisias - seguir no poder, e para isso era preciso meter o pé na tábua. Mas, claro, quem acelera demais uma hora tem que frear. Fosse só isso...

O problema é que a coisa não ficou só no expansionismo eleitoral. Fosse assim, a natural e típica reversão à sensatez no pós-pleito conteria os danos sobre a economia; a afobação em incentivar a demanda refluiria; as coisas voltariam gradativamente aos eixos. E no primeiro semestre de 2011 parecia efetivamente que essa era a rota. Mas não, tratava-se de ajuste passageiro e a contragosto, pois a nova líder, uma senhora de português faltoso, tinha efetivamente outra visão de mundo, uma visão "trópico-jabuticabal" sobre o funcionamento da economia, um conjunto de ideias compartilhadas por um número ínfimo de arautos num mundo de não sei quantos milhões de economistas. Então, desde o segundo semestre de 2011, o exotismo na política

²² **Húbris**: tudo que passa da medida; descomedimento.

REFLEXÕES XII

econômica floresceu com vigor inaudito, como se, a exemplo da jabuticaba, houvesse uma política econômica válida apenas para o "do Oiapoque ao Chuí" presente, ainda que tenha experimentado comprovado fracasso alhures e aqui mesmo em outros tempos.

Consistia nisso, tentando resumir: reduzir forçosamente a taxa de juros para ver no que daria, uma promessa de campanha (que esquecia, claro, da feliz existência de uma relação entre juros na canetada baixos e inflação elevada); aumentar gastos e cortar impostos, atitudes que, em conjunto, desafiam as leis mais elementares da aritmética fiscal (por favor, não tentem reproduzir esse tipo de experimento na sua casa, pode ser muito perigoso); intervir pesadamente na taxa de câmbio sem critério bem definido, sendo uma hora para incentivar a indústria nacional (que, curiosamente, não se sentiu nada incentivada, a julgar pelos dados), outra hora para controlar a inflação galopante; fechar a economia ao comércio internacional e solapar sua eficiência com medidas como a tal "necessidade de conteúdo nacional", que premia a incompetência e onera os competentes; erigir um faraônico sistema de subsídios para os mais ricos - sim, você leu corretamente, para os mais ricos - via crédito barateado para um grupo seletivo de empresários carinhosamente apelidados pelos críticos como amigos do rei (da rainha?). E così via...

Deu no quê essa tal de nova matriz?

Deu nisso: inflação superior a 6%, ou seja, bem acima da meta estipulada, que é 4,5% para os desavisados; déficits externos grandes, da ordem de há muito não vistos, de 4% do PIB; queda da produtividade e dos investimentos a taxas

REFLEXÕES XII

apavorantes; rebaixamento do crescimento potencial, de cerca de 3,5% para a casa dos magérrimos 1,5%.

Aí vocês podem dizer (e estão desculpados de antemão pela inocência): mas depois de tanta miséria de resultados, eles reconheceram, ainda que a voz baixinha, os erros crassos? Desculpe informar que não, que não reconheceram. E aguento firme, prezado leitor, tenha nervos de aço, pois aviso aos navegantes que há um risco de tudo isso se repetir, como naquele filme da marmota, por todos os dias dos próximos quatro anos.

7 a 1 diz alguma coisa pra você? A piada de mau gosto entre os economistas é que, na hipótese de continuidade desse conjunto de políticas econômicas é bom se acostumar com a ideia de inflação na casa dos 7% e crescimento na casa do 1%.

O governo, claro, e seus defensores, dizem que não é nada disso. Que a desaceleração tem que ver com uma economia mundial em dificuldades. Mas como pode ser essa a explicação se outras economias emergentes estão indo muito bem, obrigado? Ok, demos um injustificável benefício da dúvida, aceitemos que foi a desaceleração mundial que nos legou esse crescimento médio de menos de 2%. Sendo essa a história, porém, por que, enquanto a inflação lá fora está mais para perto de 2%, a nossa situa-se acima de 6%? Não estamos sofrendo de um mal de desaceleração generalizado? Ué, mas isso implica inflação perto de zero...contudo a nossa é de mais de 6%. Ué mesmo.

Não foi o cenário internacional, meus prezados, foram os erros na política econômica. Era uma vez um país cujo futuro, escorregadio, teimava em não chegar. Era uma vez o Brasil. ●

REFLEXÕES XII



Prof. Carlos Eduardo Soares Gonçalves

Carlos Eduardo Soares Gonçalves, professor titular de economia da FEA-USP e autor de "**Economia Sem Truques**" e "**Sob a Lupa do Economista**" (Campus).

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 10 de outubro de 2014.

Ajudar, ajuda?

Carlos Eduardo Soares Gonçalves



Segundo os dados compilados pelo economista William Easterly, o mundo dito desenvolvido já gastou, nas últimas cinco décadas, cerca de US\$ 2,5 trilhões em programas de ajuda a países pobres, principalmente na África. Com poucos e parcos resultados em termos de crescimento econômico.

Os países pobres da África subsaariana não se tornaram mais desenvolvidos por conta desse caminhão de recursos, e os países da Ásia que se desenvolveram mais rapidamente nas últimas três décadas não foram receptores de ajuda financeira por parte de organismos multilaterais. De fato, China e Índia cresceram muito desde os anos 1980, sacaram muitos milhões de pessoas da indigência, mas tudo com suas próprias pernas. Isso, para não falar dos Tigres Asiáticos, como a Coreia do Sul, que tinha renda por habitante parecida com a do Brasil, 25 anos atrás, e hoje é quase três vezes mais rica do que nós. Sem uma gotinha de ajuda.

Ainda assim, segue em boa parte do mundo desenvolvido a ideia de que ajuda financeira para os pobres é algo essencial na luta pelo desenvolvimento. Começamos então pela pergunta: no plano teórico, quando ajuda faz sentido? Depois,

REFLEXÕES XII

passamos para a segunda: no prático, o que a torna tão pouco eficiente para impulsionar o crescimento das economias subdesenvolvidas?

Deixem-me começar dizendo que ajuda a países/pessoas pobres pode ser algo altamente defensável ainda que não tenha os sonhados impactos positivos sobre o crescimento do PIB de um país nem sobre as perspectivas de desenvolvimento em longo prazo. Se você compra comida no supermercado todo mês e distribui em comunidades carentes, ainda que a situação econômica dessa comunidade siga exatamente a mesma, mês após mês e ano após ano, você melhorou o bem-estar econômico desse grupo: eles comem melhor com sua ajuda, ponto final. O PIB desse grupo não arrancou após sua decisão de doar parte da sua renda. E tudo bem. Por isso, é preciso tomar cuidado ao afirmar que ajuda não ajuda. Não ajuda em que dimensão?

Para impulsionar, despertar de profunda sonolência o crescimento sustentável, parece que os programas de ajuda internacional não funcionaram mesmo. Antes de discutirmos a coisa da eficácia, precisamos nos perguntar: qual a racionalidade econômica que justifica a existência desses programas?

Um país pobre é um país em que as pessoas vivem da mão para a boca, como diz o ditado, a pouca renda mal dando para suprir as necessidades básicas do dia a dia: alimentação, vestimenta, moradia e saúde. Como, nessa situação, reservar recursos para os tão necessários investimentos em máquinas, plantas, infraestrutura, tecnologias etc., se nem para o *básico* há o suficiente? E que tempo sobra para acumulação de capital humano, dado que muitas crianças e jovens pobres precisam

REFLEXÕES XII

trabalhar para fechar o orçamento familiar e, portanto, não têm como se dedicar aos estudos? (atividade que tem taxa de retorno baixa, por conta da qualidade lamentável das escolas nesses rincões).

Sem poder de consumir menos do que a renda (dado que essa é muito baixa) e investir a diferença, fica muito difícil crescer, pois não há sobras para custear os investimentos. Fica-se atado a um equilíbrio no qual toda a pouca renda é usada para consumo, e justamente isso - tudo para consumo e nada para investimentos - perpetua a pouca renda. A lógica, apelidada de "armadilha da pobreza", convenhamos, faz bastante sentido.

A teoria sugere que, quando se logra investir parte da renda em capital físico e humano, a coisa engata, pois o investimento gera mais crescimento e esse, acontecendo, financia não só o consumo, mas novos investimentos e assim por diante, num círculo virtuoso. Mas o ponto é: para engatar é necessária uma ajuda inicial, dinheiro de fonte externa que financie as primeiras etapas do processo de desenvolvimento, que capitaneie a arrancada do investimento em infraestrutura e capital. Note bem: num país muito pobre, diz a teoria, esse salto do investimento só é possível com ajuda financeira que permita que os investimentos aconteçam sem que o consumo doméstico precise cair abaixo do nível de subsistência.

E há também uma vertente epidemiológico-geográfica do mesmo argumento de armadilha da pobreza, de autoria do economista Jeffrey Sachs. Funciona assim: em partes importantes do continente africano, a incidência da malária é, por questões climáticas e, portanto, exógenas, mais expressiva do que em outras partes do mundo. A renda nesses rincões é muito baixa porque as condições de saúde são péssimas,

REFLEXÕES XII

detonando o capital humano das pessoas. E a armadilha se dá porque, com renda insuficiente, fica difícil combater a incidência mais sinistra da malária (ou outras doenças).

Muito bem. Mas se a tal armadilha torna o desenvolvimento impossível sem ajuda, como é que temos por aí diversos países desenvolvidos e tantos outros se desenvolvendo, dado que todos um dia foram muito pobres e quase nenhum dos ricos de hoje teve ajuda financeira externa no passado? E por que, mesmo após o despejo de tamanha quantidade de recursos na África, milhões de crianças ainda são vítimas de malária pela ausência de redes protetoras de camas e berços que custam menos de R\$ 10?

Instituições locais importam muito. Importam, eu diria, praticamente tudo. Na verdade, intuitivamente você já sabia disso. Diga-me: você doaria dinheiro para um bêbado na rua, ele alegando que a família passa fome e que está desempregado, e você parado ali no semáforo? Nesse caso, nem mesmo nosso intrínseco sentimento de culpa seria suficiente para convencer o consciente a doar dinheiro ao bêbado. Porque o dinheiro, que sai do nosso bolso, seria mal usado com certeza quase absoluta. Similarmente, despejar dinheiro num país dominado por ditadores e oligarquias que ligam apenas o mínimo para seu próprio povo é um grande desfavor que os países ricos podem fazer a seus contribuintes e à população do país em questão. Sim, pois esse dinheiro fortalece o ditador, possibilita-o aparelhar melhor suas milícias e exércitos, a comprar apoio via venda de favores a grupos de oligarcas, além de, obviamente, garantir uma gorda poupança na Suíça, caso venham a ser depostos.

REFLEXÕES XII

Então, é quase óbvio que canalizar recursos financeiros para países com péssima governança política não pode resultar em nada bom. E para países pobres com melhor governança? Disse melhor, e não boa, pois, fosse a governança de boa qualidade, os direitos políticos e de propriedade de ampla parte da população firmemente garantidos, dificilmente se trataria de um país necessitando ajuda externa para se desenvolver.

O ponto seguidamente enfatizado por Bill Easterly é que, mesmo nesses casos, a eficácia é baixa. Porque o estrangeiro desconhece as raízes dos problemas locais e, assim, despeja dinheiro de modo ineficaz. Soluções boas para problemas domésticos vêm predominantemente de dentro do país, do "*grassroots*", para usar esse belo termo da língua de Shakespeare. O observador externo muito dificilmente saberá o que funciona e o que não funciona, devido a idiosincrasias locais difíceis de serem bem entendidas por não locais. O dinheiro acaba indo para o uso errado, para as mãos erradas, para coisas não prioritárias, assim perdendo sua eficácia.

E, claro, "dinheiro gratuito" sempre pode afetar os incentivos dos governantes domésticos adversamente, mesmo quando não estamos falando de Mobutus e gente dessa laia. Para que fazer reformas difíceis na economia, mas que garantem o desenvolvimento em longo prazo, se você tem ajuda externa para apagar incêndios? O caso do perdão da dívida africana nos anos 1980 é um exemplo clássico: poucos anos depois, os países já estavam endividados até o pescoço de novo; e sem contrapartida em termos de bens públicos e infraestrutura propulsora do desenvolvimento. Pergunte-se: como eles teriam agido se o perdão não lhes tivesse sido concedido?

REFLEXÕES XII

Quem doa recursos, naturalmente, não é cobrado por ninguém quanto à eficácia dessa doação. Afinal de contas, já está doando. Não venham perturbar sua consciência, agora tranquila, com perguntas difíceis, oras! Essa coisa de doar e pronto obviamente leva à baixa eficácia. Mas a boa nova é que isso está mudando, para melhor. O Banco Mundial, por exemplo, está mais atento ao resultado de cada uma de suas ações, acompanhando o desempenho de cada um de seus programas e desenhando soluções em conjunto com expertos locais.



De todo modo, fica a lição depois de tantos anos de resultados decepcionantes: ajuda não faz milagre. ●

Carlos Eduardo Soares Gonçalves, professor titular de economia da FEA-USP e autor de "Economia Sem Truques" e "Sob a Lupa do Economista" (Campus).

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 26 de setembro de 2014.

Férias flexíveis para empregados são boas só na teoria

Lucy Kellaway



Imagine trabalhar para um empregador que trata você como um adulto e lhe permite tirar tantos dias de férias quantos você quiser. Não seria maravilhoso?

É justamente isso que Sir Richard Branson está fazendo com seus funcionários, e quase todos estão achando maravilhoso.

Recentemente, ele enalteceu em um blog sua decisão inteligente, e nos comentários que se seguiram ele foi apontado como a pessoa que estava ajudando a criar um futuro melhor. Sir Richard não é o primeiro a implantar essa política - há anos a Netflix não monitora o número de dias de folga de seus funcionários -, mas ele é o primeiro a perceber como essa política pode render boa publicidade.

"Fica a critério apenas do funcionário decidir se e quando ele, ou ela, vai tirar algumas horas, um dia, uma semana ou um mês de folga", explicou ele, com suas palavras acompanhadas de uma fotografia sua espreguiçando-se em uma rede, com um smartphone à mão, o mar do Caribe ao fundo e folhas de palmeiras quase tocando os cachos de seus cabelos.

REFLEXÕES XII

Mas há uma pegadinha por trás de todo esse sol e areia. Sir Richard explica que os funcionários somente tirarão folga quando "se sentirem 100% confortáveis de que eles e suas equipes estão seguindo os prazos em todos os projetos".

De repente, a ideia não parece tão maravilhosa assim para as pessoas que comandam o escritório do empresário. Em todas as décadas que já trabalhei, nunca houve um único momento em que estive 100% confortável de que estava com tudo sob controle. Não consigo imaginar que na **Virgin** seja diferente.

O problema com o trabalho moderno é que ele não tem fim. Você nunca termina, o que significa que é muito difícil julgar o momento de fazer uma pausa. As férias estabelecidas nos dizem que não há problema em fazer uma pausa - mesmo com o nosso trabalho longe de concluído. Quando o assunto é férias, somos levados para duas direções diferentes. Quanto mais indispostos estamos, mais queremos férias; quanto mais ambiciosos somos, menor a nossa vontade de tirar férias.

Em nenhum desses casos a escolha deveria recair totalmente sobre nós. Aqueles que gostariam de estar permanentemente em férias precisam ser chamados de volta ao trabalho; aqueles que nunca se permitem tirar uma folga precisam ser levados a fazer isso.

É possível que a política de férias não estabelecidas funcionasse se todos nós tivéssemos uma ideia clara do tamanho aceitável de uma folga. Mas não temos a menor ideia. Ela varia não só entre as pessoas como também entre os países. Na Europa gostamos muito das férias - especialmente na França, onde os trabalhadores tiram deliciosos 30 dias de folga -, enquanto que nos EUA ninguém acredita em férias. A

REFLEXÕES XII

quantidade normal é de 10 dias, mas somente as pessoas fracas tiram tudo isso de folga.

O que se acredita ser razoável também varia entre os setores - alguns professores veem qualquer coisa inferior a três meses como um ultraje - e até mesmo entre as empresas de um mesmo setor.

Diante de tudo isso, quando conseguimos um novo emprego precisamos saber qual será a taxa. Se os patrões não derem uma pista, teremos que descobrir por conta própria. A não existência de uma política não significa que ninguém está contando, mas que todos nós vamos começar a monitorar obsessivamente as férias uns dos outros para descobrir o quanto devemos nos permitir. Será preciso ser muito corajoso para marcar duas semanas de folga na praia quando seu chefe tira apenas um fim de semana prolongado.

Sir Richard acredita que o esquema será em breve copiado por todas as suas subsidiárias. Mas aqui eu detectei outra pegadinha. Será que ele vai realmente dizer às aeromoças da **Virgin**, que hoje não têm liberdade para escolher nem mesmo o tom do batom que usam, que elas poderão tirar folga a hora que quiserem? Ou ele quer dizer que o plano vai valer só para o nível administrativo - o que não soa tão maravilhoso assim?

Embora a ideia em si seja um fracasso, ela tem a lógica a seu lado. A Netflix observa que, como não esperamos mais que as pessoas trabalhem das 9h às 17h e confiamos que elas vão trabalhar de casa, é loucura se apegar à ideia das férias estabelecidas. Isso está certo. Mas ainda não representa uma boa ideia, pelo menos para os funcionários.

REFLEXÕES XII

O horário de trabalho flexível é a pior coisa já inventada para os profissionais e a melhor para seus empregadores. A produtividade dispara, mas não porque todos estão felizes em ganhar liberdade, e sim porque eles descobrem que nunca vão parar de trabalhar. A Netflix informa que sua política "defina suas próprias férias" aumentou ainda mais a produtividade. Posso muito bem acreditar nisso, mas não a aprovo nem um pouco.

Isso não significa que a maneira tradicional que a maioria dos patrões lida com as férias - mantendo um registro minucioso de todas as ausências - seja a correta. O monitoramento excessivo é quase sempre uma má ideia. E também não faz muito sentido a noção de que as férias anuais não são uma boa ideia, pois as pessoas acabam tirando férias em momentos que não são adequados para ninguém.

A resposta é simples. As empresas deveriam informar o tamanho das férias que as pessoas deveriam tirar e então deixar para elas gozarem mais ou menos esses dias, abrindo mão de um dia ou dois, ou tirando um dia ou dois a mais, conforme achem adequado. ●

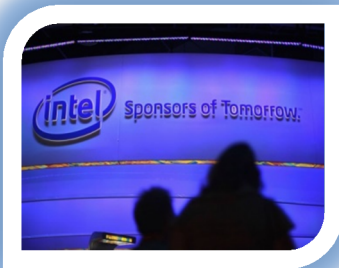


Lucy Kellaway é colunista do "Financial Times".

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 6 de outubro de 2014.

O trabalhador monitorado

The Economist



Funcionários da Intel fazem avaliação conjunta de desempenho

Americana **BetterWorks** propõe definição frequente de metas como solução para baixa produtividade de empresas

Imagine uma ferramenta equivalente à Nike FuelBand (a pulseira que controla os movimentos do usuário) para o local de trabalho: uma maneira de estabelecer objetivos, monitorar progresso e compartilhar a jornada com colegas, que dão sinais de aprovação ou de apoio em um momento de falha. Ou, para o empregado mais cético, pense nessa ferramenta como uma espécie de Big Brother.

"Trabalho quantificado" é a visão da **BetterWorks**, startup do Vale do Silício que visa a levar a "ciência do objetivo" aos escritórios do mundo todo. Seu software permite que grupos de funcionários colaborem e estabeleçam objetivos coletivos. E todos podem acompanhar o progresso num aplicativo para smartphone.

Esta avaliação conjunta do desempenho em tempo real já foi introduzida em algumas das principais empresas de tecnologia, como **Google**, **Twitter** e **Intel**. Até o momento, a **BetterWorks** está sendo utilizada por 50 empresas, desde a

REFLEXÕES XII

companhia de mídia **Vox** até a **Kruger**, uma cadeia de supermercados.

"A tradição de fixar objetivos e analisar o desempenho anualmente é totalmente ultrapassada", afirma Kris Duggan, um dos fundadores da **BetterWorks**. "Para melhorar concretamente o desempenho, os objetivos precisam ser fixados com maior frequência, ser mais transparentes para o restante da companhia e o seu progresso ser avaliado com mais frequência".

Decidir qual será a melhor maneira de estabelecer metas é há muito tempo a obsessão dos especialistas em gestão. Em 1954, Peter Drucker apresentou a teoria da "gestão por objetivos". Ele propunha que os diretores estabelecessem os objetivos gerais da companhia e, depois, em discussões com cada trabalhador, acordassem um subconjunto de metas que se alinhassem com a visão geral da economia. Drucker acreditava que estes objetivos deveriam ser "smart", no sentido de específicos, mensuráveis, viáveis, realistas e sensíveis ao tempo. Seu conceito virou moda no mundo corporativo. Entretanto, os resultados eram muitas vezes decepcionantes e o próprio Drucker foi perdendo parte do entusiasmo por ele. Um dos problemas é o fato de ser excessivamente burocrático. Outro problema, segundo os atuais pensadores da gestão, é que Drucker só se concentrava nos objetivos que dizem respeito a resultados (por exemplo, aumentar as vendas 20%), ainda que os resultados sejam incertos. Às vezes, é melhor estabelecer metas indiretas para os trabalhadores, como a coleta de dados, que indicarão qual deve ser o objetivo final.

Contudo, existem evidências de que estabelecer objetivos bem definidos melhora o desempenho dos funcionários. Foram

REFLEXÕES XII

feitas mais de mil experiências acadêmicas sobre o assunto, 90% das quais produziram resultados positivos, afirma Gary Latham da **Universidade de Toronto**. Portanto, este deve ser certamente um dos conceitos mais testados, e comprovados, da teoria da gestão. Os estudos mostram que o funcionário que tem um objetivo claro, simples e desafiador, mas realizável, apresentará um desempenho melhor do que outro cuja única instrução foi executar o seu trabalho da melhor maneira possível. Entre outras coisas, esse objetivo ajuda um indivíduo ou uma equipe a avaliar o desempenho, estimar se o curso deverá ser mantido ou modificado e experimentar uma sensação de realização ao atingir a meta.

Evidências recentes também respaldam o argumento de Duggan de que vale a pena fixar objetivos frequentemente, e não uma vez por ano. Estudo realizado em grandes companhias pela consultoria **Deloitte** constatou que empresas que estabelecem metas trimestrais têm quatro vezes mais chance de obter um melhor desempenho. (Também constatou que mais de 50% dos executivos sênior reveem suas metas ao longo do ano, mas apenas um terço dos gerentes dos escalões médios faz o mesmo.)

Além disso, há também amplas evidências das consequências negativas das metas mal formuladas. Por exemplo, um recente estudo de Latham, da **Universidade de Toronto**, mostrou que os gerentes que julgam ter estabelecido um objetivo inatingível provavelmente vão maltratar os subordinados. "Eles descontam suas frustrações chutando os cachorros", diz.

Talvez seja difícil julgar a linha divisória entre os objetivos reais e fora do alcance, admite Max Bazerman, da **Harvard School of Business**. Ele foi um dos autores de um estudo de

REFLEXÕES XII

2009 sobre o fracasso, **Metas Fora de Controle** (Goals Gone Wild), que constatou os efeitos colaterais desta prática. Entre eles está o fato de os funcionários negligenciarem questões importantes não especificadas em suas metas; a corrosão da cultura interna de trabalho; a desmotivação dos funcionários; e a tentação de recorrer a comportamentos antiéticos ou perigosos. Por exemplo, a decisão da **Sears** de pagar por hora seus mecânicos de automóveis, nos anos 1990, levou uma sistemática cobrança exagerada, muitas vezes por reparos desnecessários. A meta de lançar o modelo Ford Pinto até 1970 fez com que a empresa ignorasse verificações de segurança que poderiam revelar a tendência do automóvel de pegar fogo após acidentes.

Resposta. Duggan afirma que o sistema da **BetterWorks** permite que todos os funcionários vejam as metas dos colegas. E defende ainda que a definição de metas seja separada das análises de desempenho que definem o pagamento de bônus. Além disso, os funcionários devem ter a chance de fracassar. O **Google**, por exemplo, espera que os funcionários só cumpram entre 60% e 70% dos objetivos definidos.

Permitir que os funcionários estabeleçam e monitorem suas metas de maneira colaborativa, e permitir que eles fracassem ocasionalmente, talvez seja viável em empresas jovens e inovadoras, como o **Google**. É mais difícil em empresas em que os funcionários não se sentem tão envolvidos e os gerentes menos abertos à experimentação. E o próprio **Google** às vezes só alcança seus objetivos com muita pressão. Informações sobre a recente decisão de retirar o Google Glass do mercado sugerem que o computador vestível foi lançado cedo demais. Dizem que Sergey Brin, um dos fundadores da companhia,

teria insistido em seguir em frente, apesar de os engenheiros protestarem que não poderiam lançar um bom produto em

um prazo tão curto. Prova de que até os trabalhadores mais motivados podem não conseguir atingir objetivos quando o chefe exige o impossível. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 12 de março de 2015.

Excelência versus equidade

The Economist



Harvard, assim como Yale, Princetown, Caltech e outras, grupo de universidades de primeira linha emergiu nos EUA como motor da vida intelectual e científica mundial.

O modelo de ensino superior americano está se difundindo. Suas credenciais para produzir excelência são inegáveis, mas é preciso oferecer melhores condições de acesso a uma

educação de boa qualidade a custos razoáveis.

Descobrir que os principais atores de determinado mercado são os mesmos que o dominavam 100 anos antes costuma levar à conclusão de que o setor em questão deve ter passado por um século de estagnação. No caso do ensino superior, que desde o início do século XX é dominado pelas universidades americanas, trata-se de uma conclusão completamente equivocada.

Essas universidades foram crescendo aos poucos entre 1900 e 1925, começaram a ganhar mais impulso em meados do século e embalaram de vez em seu último quartel. Disso talvez se deduza que as principais universidades dos Estados Unidos são instituições verdadeiramente excepcionais, ou que esse mercado se comporta de modo bastante estranho. No caso do ensino superior, ambas as conclusões estão corretas.

REFLEXÕES XII

Os Estados Unidos deram ao mundo a moderna instituição universitária. No século XVII, sua elite importou o modelo desenvolvido nas faculdades de **Oxford** e **Cambridge** a fim de conferir algum requinte intelectual a seus filhos rústicos. Em 1876, os administradores da herança do banqueiro e magnata das ferrovias John Hopkins resolveram usar o que até então era o maior espólio da história para combinar a ideia da faculdade inglesa com a do instituto de pesquisas, instituição que os alemães haviam criado no início daquele século.

O modelo foi adotado por universidades públicas e privadas. Assim, em pouco tempo, **Harvard**, **Yale**, **Princeton**, **Caltech** (California Institute of Technology) e outras instituições que compõem o grupo de universidades de primeira linha nos Estados Unidos emergiram como os motores da vida intelectual e científica mundial.



Estudantes no pátio da Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut

Dessas instituições saiu um número impressionante de invenções que fizeram do mundo um lugar mais seguro, mais confortável e mais interessante. "Imaginem como seria viver sem vacina contra a pólio, sem marca-passos (...), ou sem sistemas municipais de tratamento de água. Ou satélites meteorológicos. Ou modernas terapias de combate ao câncer.

Ou aviões a jato", escreveu em 1995 um grupo de lideranças empresariais em

REFLEXÕES XII

documento enviado ao Congresso, solicitando que o governo não reduzisse o financiamento à pesquisa das universidades do país. De lá para cá, essas instituições também nos deram a revolução digital, que melhorou a vida das pessoas em todos os cantos do planeta.

Os Estados Unidos também foram pioneiros na massificação do ensino superior, uma transformação impulsionada, em parte, pela necessidade de qualificação da mão de obra do país e, em parte, pelo desejo que a sociedade americana tinha de oferecer uma oportunidade de aprimoramento pessoal aos homens que haviam lutado na Segunda Guerra Mundial. Assim, os Estados Unidos se tornaram o primeiro lugar do mundo em que os filhos da classe média chegaram à universidade e em que o diploma universitário se tornou um passaporte para a prosperidade.

Dado o sucesso desse modelo, não é de admirar que ele esteja se disseminando por todo o mundo. A massificação do ensino universitário vem acontecendo em toda parte. A universidade de estilo americano tornou-se o padrão a ser seguido, e entre os demais países é cada vez mais intensa a competição por criar instituições universitárias tão boas quanto as americanas.

Os gastos com ensino superior têm aumentado: na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), passaram de 1,3% para 1,6% do PIB em 2011. No mundo inteiro, mecanismos de financiamento e gestão inspirados no modelo europeu, onde tudo é feito pelo Estado, têm sido abandonados em favor do modelo americano, onde grande parcela do ensino universitário fica a cargo do setor privado e os estudantes pagam a maior parte de seus estudos.

REFLEXÕES XII

Mas, no mesmo momento em que o modelo americano é adotado mundo afora, dificuldades internas começam a aparecer. As melhores universidades dos Estados Unidos ainda conduzem mais pesquisas de ponta do que as de qualquer outro país; o problema é fazer com que os investimentos que elas recebem deem retorno também na sala de aula.

Avaliações indicam que atualmente há muitos alunos que não aprendem tanto quanto deviam e que eles se aplicam menos nos estudos do que costumavam se aplicar. Comparado com o de outros países, o desempenho médio dos recém-formados americanos é ruim e vem piorando. Em vez de aumentar a mobilidade social, o ensino superior tem reforçado barreiras existentes. Ao mesmo tempo, nos últimos 20 anos, os custos quase dobraram em termos reais. A taxa de matrículas vem caindo. Há tecnologias que prometem tornar a educação mais barata e mais eficaz, mas as universidades resistem em adotá-las.

Pode-se argumentar que os problemas decorrem, em parte, de tensões existentes no cerne do sistema universitário americano, onde a pesquisa se contrapõe ao ensino, e a excelência à equidade. E pode-se igualmente argumentar que, com recursos tecnológicos e informações mais precisas, é possível tornar mais eficiente o departamento de ensino desse negócio. Tendo exportado seu modelo para o restante do mundo, os americanos têm lições a aprender com outros países sobre como aprimorar o próprio sistema universitário.

A África Subsaariana é a única região onde ainda não há evidências de uma 'massificação'

REFLEXÕES XII

Quando é que o muito vira demais? "Tem tanta gente fazendo faculdade neste país que daqui a pouco não vai sobrar ninguém pra pegar o lixo. (...). Hoje em dia, você para pra cuspir na rua e corre o risco de acertar alguém de beca e capelo", diz Keller, personagem da peça *All My Sons*, de Henry Miller, escrita em 1946.

Nos Estados Unidos, os setores menos privilegiados da sociedade começaram a ter acesso ao ensino superior com a criação de universidades financiadas com a venda de terras públicas, mas a verdadeira massificação teve início com uma lei aprovada em 1944, garantindo bolsas de estudos integrais para todos os veteranos de guerra que desejassem fazer um curso universitário.

O fenômeno observado nos Estados Unidos se reproduziu na Europa e no Japão ao longo das décadas de 1960 e 1970, e na Coreia do Sul nos anos 1980. Agora está acontecendo em todo o mundo. O número de estudantes universitários vem crescendo em ritmo mais acelerado que o Produto Interno Bruto (PIB) global. A demanda por um diploma universitário é tamanha que as matrículas registram crescimento maior do que o da venda daquele que é o bem de consumo por excelência: o automóvel.

A taxa global de matrículas no ensino de 3.º grau - o porcentual da população mundial em idade escolar regularmente matriculado em alguma instituição universitária - passou de 14%, em 1992, para 32%, em 2012; e, nesse mesmo período, o número de países com taxas de matrícula superiores a 50%, aumentou de 5 para 54. A África Subsaariana é a única região onde ainda não há evidências de uma "massificação".

REFLEXÕES XII



Na China, entre 1998 e 2010, o número de estudantes universitários passou de 1 milhão para 7 milhões e vai avançar mais.

Em alguns países, como na Coreia do Sul, onde quase todas as pessoas fazem uma faculdade, provavelmente se chegou a um ponto de saturação. Em outros, a expansão do ensino superior ainda é fenomenal. Na China, entre 1998 e 2010, o número de estudantes universitários passou de 1 milhão para 7 milhões. De 2000 a 2009, as universidades chinesas contrataram quase 900 mil novos professores em regime de dedicação

integral. Atualmente, o país forma mais gente do que os Estados Unidos e a Índia juntos, e pretende ter 40% de seus jovens matriculados em algum curso superior até 2020.

Em todo o mundo, as transformações no mercado de trabalho, a urbanização e as tendências demográficas alimentaram essa expansão. A "economia do conhecimento" fez aumentar a demanda por trabalhadores com boa formação intelectual. Por outro lado, quando as pessoas se mudam do campo para a cidade, as universidades se tornam mais acessíveis. O aumento no número de jovens também impulsionou o crescimento das matrículas, e - sobretudo em países árabes - a política do petróleo fez aumentar a necessidade de oferecer oportunidades aos adolescentes.

Na maioria dos países, o número de pessoas na faixa de 18 a 24 anos deve diminuir ao longo dos próximos 50 anos, mas tudo indica que a demanda por ensino superior mais do que contrabalançará esse efeito demográfico. Simon Margison, do

REFLEXÕES XII

Instituto de Educação da University College London, diz que "parece não haver limites naturais à tendência de aumento na taxa de matrículas no ensino superior" a partir do momento em que o PIB per capita de um país passa dos US\$ 3 mil.

As leis da oferta e da procura sugerem que esse aumento fantástico no número de pessoas formadas tende a reduzir o retorno do investimento feito na obtenção de um diploma e, em certa medida, isso parece ter acontecido. De maneira geral, os retornos gerados por um diploma universitário são maiores em países pobres do que em países ricos, a não ser no Oriente Médio, onde a alta taxa de matrículas, combinada com o baixo crescimento econômico, gerou um desemprego elevado entre indivíduos com formação superior. Harry Patrinos, principal economista especializado em educação do Banco Mundial, observa que, nos países pobres, a globalização fez aumentar as chances de uma pessoa bem qualificada conseguir um bom emprego.

No mundo desenvolvido, ainda que metade dos jovens em idade adulta tenha cursado uma universidade - e embora esse número continue crescendo -, o prêmio pago pelo diploma (a diferença salarial entre indivíduos com e sem formação universitária) ainda é alto o bastante para fazer valer a pena passar alguns anos estudando numa universidade.

Parte da explicação para isso pode estar na valorização excessiva, que se observa em alguns países, das qualificações formais de um indivíduo. Quanto maior é o número de pessoas com formação universitária, maior a tendência das empresas em contratar pessoas com formação universitária. Em muitos países, profissões como as de professor e enfermeiro, que há 30 anos podiam ser exercidas sem um

REFLEXÕES XII

diploma universitário, hoje são reservadas a quem tenha passado por uma instituição de nível superior. Quando apenas uma pequena elite frequentava a universidade, havia uma quantidade razoável de bons empregos para aqueles que interrompiam os estudos depois de concluir o ensino médio. Isso não acontece mais.

Com os diplomas universitários se disseminando, cada vez mais pessoas fazem cursos de pós-graduação, buscando se sobressair no meio da multidão. Tanto nos EUA como no Reino Unido 14% da força de trabalho tem um título de pós-graduação; e, apesar desse aumento na oferta, o prêmio pago pela pós-graduação aumentou nos dois países, principalmente a partir do ano de 2000. Houve um tempo, observa Stephen Machin, professor de economia da **University College London**, em que os títulos de pós-graduação eram um fator de redução salarial; mas isso era quando a maioria das pessoas que se doutoravam em matemática permanecia na academia; agora elas se transferem para o setor financeiro.

Ainda que os indivíduos recebam bons retornos pelo investimento que fazem no ensino superior, não é tão claro que isso também se aplique à sociedade como um todo. A grande questão é saber se o prêmio pago pelo diploma é consequência de uma produtividade mais elevada ou do estabelecimento de uma diplomacracia.

Se as universidades contribuem para aumentar a produtividade das pessoas, então a sociedade faz bem em investir no sistema universitário, mas quando os diplomas passam a funcionar apenas como um mecanismo para indicar às empresas que pessoas formadas são mais inteligentes que as não formadas, então esse investimento perde a razão de ser.

REFLEXÕES XII

E, como até o momento são muito limitadas as tentativas de avaliar até que ponto as universidades realmente educam as pessoas, não se sabe se vale ou não a pena fazer todo esse investimento no ensino superior.

Mesmo que sejam reduzidos os retornos sociais do investimento em sistemas universitários, há um ótimo argumento de ordem política para que o Estado se preocupe em garantir o acesso a esse nível de ensino. Se as pessoas precisam de um diploma para prosperar economicamente, então é obrigação de qualquer governo democrático oferecer a todos os indivíduos com alguma inteligência a oportunidade de obter um título desses. As instituições financeiras do setor privado relutam em conceder empréstimos a taxas de juros razoáveis a estudantes que não têm como oferecer garantias, de modo que mesmo onde o financiamento privado tem papel preponderante, os governos tendem a abrir linhas de crédito aos estudantes.

Mas o acesso ao ensino superior não é uma questão binária. Alguns mecanismos de financiamento são bons, outros não. E os retornos oferecidos por um ensino ruim sempre serão baixos. Portanto, a ambição manifestada por autoridades governamentais de quase todo o mundo, de ampliar o acesso ao ensino superior de qualidade, entra em conflito com outra força global: a competição para criar as melhores universidades.

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 27 de março de 2015.

**The
Economist**

Todo mundo vai para a universidade

The Economist

É cada vez maior o volume de recursos investido no ensino superior. Se esse dinheiro está sendo bem gasto, é outra história.

O valor que os americanos dão ao ensino superior desde os primórdios da colonização fez com que os Estados Unidos criassem o melhor e mais afluente sistema universitário do mundo. Não é de surpreender, portanto, que outros países reproduzam seu modelo, possibilitando que um número cada vez maior de jovens chegue à faculdade. No entanto, à medida que o padrão americano se difunde, muitos indagam se realmente vale a pena investir tanto dinheiro assim nesse tipo de sistema universitário.

O jeito americano. A moderna instituição superior de pesquisa, resultado do casamento entre o modelo de ensino adotado em **Oxford** e **Cambridge** e o instituto de pesquisas alemão, foi inventada pelos americanos e se tornou um exemplo a ser seguido no mundo inteiro. A massificação do ensino superior teve início nos Estados Unidos, no século XIX, propagou-se pela Europa e pelo Leste Asiático no século XX e, exceção feita à África subsaariana, hoje ocorre em quase toda parte. A taxa global de matrículas no ensino de 3º grau — percentual da população em idade escolar regularmente matriculado em alguma instituição universitária — passou de 14%, em 1992, para 32%, em 2012; nesse mesmo período, o número de países com taxas de matrícula superiores a 50%, aumentou de cinco para 54. O ritmo de crescimento das matrículas universitárias é superior até mesmo à demanda por este que é bem de consumo por excelência: o automóvel. A

REFLEXÕES XII

fome por diplomas é compreensível: nos dias que correm, os canudos são pré-requisito para que a pessoa consiga um emprego razoável, e é a senha de acesso para a classe média.



Há, grosso modo, duas maneiras de atender essa demanda gigantesca. Uma delas é o modelo adotado pelos países da Europa continental, com financiamento público, em que a maioria das instituições tem recursos e status iguais. A outra é o modelo dos EUA, em que atuam alguns mecanismos de

mercado e o financiamento é misto — público e privado —, com instituições maravilhosas, nadando em dinheiro, no topo, e instituições mais pobres na base.

O mundo segue os passos dos americanos. Cada vez mais universidades em um número cada vez maior de países cobra mensalidades de seus alunos. E, à medida que os políticos se dão conta de que a “economia do conhecimento” depende de pesquisas de primeira linha, os recursos públicos começam a ser canalizados para um número reduzido de instituições privilegiadas, ao mesmo tempo em que se intensifica a corrida pela criação de universidades em condições de concorrer com as melhores instituições do mundo.

De certo modo, isso é excelente. As melhores universidades são responsáveis por muitas das descobertas que tornaram o mundo um lugar mais seguro, mais rico e mais interessante. Acontece que os custos vêm aumentando. O investimento em

REFLEXÕES XII

ensino superior dos países da OCDE atualmente é de 1,6% do PIB; em 2000, era de 1,3%. Se o modelo americano continuar a se difundir, esse percentual tende a aumentar. Os Estados Unidos consomem 2,7% de seu PIB com suas instituições universitárias.

Se a qualidade do sistema universitário dos EUA correspondesse ao volume de recursos que os americanos investem nele, não haveria problema. Na área de pesquisa, isso provavelmente acontece. São americanas 19 das 20 universidades do mundo que produziram os artigos científicos mais citados ao longo de 2014. Mas na área do ensino, as coisas não são tão claras. Os americanos recém-formados não vão bem nas avaliações internacionais de competências em matemática, leitura e escrita, e a posição do país nesse tipo de ranking vem piorando.

Em estudo recente sobre desempenho acadêmico, 45% dos universitários americanos não registravam aquisição significativa de conhecimentos em seus dois primeiros anos de faculdade. Por outro lado, nos últimos 20 anos, o valor das mensalidades escolares cobradas pelas universidades praticamente dobrou em termos reais. O estoque de crédito estudantil, hoje em quase US\$ 1,2 trilhão, já é superior às quantias que os americanos devem em seus cartões de crédito e financiamentos automotivos.

Isso não significa que fazer uma faculdade seja um mau negócio. Nos EUA, o diploma universitário ainda proporciona, em média, retornos de 15%. O que não está tão claro é se esse investimento crescente na educação de 3º grau faz sentido para a sociedade como um todo. Se os salários pagos às pessoas com ensino superior são mais altos porque seus anos

REFLEXÕES XII

a mais de estudo as tornam mais produtivas, então a sociedade faz bem em investir nas universidades. Mas não é bem isso que sugere o fraco desempenho acadêmico dos estudantes americanos. E a desconfiança é reforçada por relatos de empregadores. Estudo recente realizado em empresas que costumam contratar jovens formados por universidades prestigiosas mostra que o importante para elas não é o que esses jovens potencialmente aprenderam em seus cursos, mas o fato de terem se submetido aos exigentes processos seletivos dessas instituições. Ou seja, talvez os estudantes estejam pagando mensalidades escolares elevadas apenas para passar por mecanismos seletivos extremamente rigorosos.

Mas se as universidades americanas de fato não oferecem retornos que justifiquem os altos investimentos que recebem, qual seria a razão disso? Um dos principais motivos é que o mercado de ensino superior, como o de saúde, não funciona bem. Os recursos governamentais são alocados levando-se em conta o desempenho das instituições na área de pesquisa, e é nisso que seus corpos docentes se concentram. Por sua vez, os estudantes buscam um diploma que impressione na hora de fazer uma entrevista de emprego; e os empregadores estão mais interessados na seletividade da instituição pela qual o candidato se formou. Como o valor de um diploma emitido por uma universidade prestigiosa depende de sua escassez, não é do interesse da instituição ampliar o número de formados. Na ausência de critérios claros que permitam avaliar o desempenho acadêmico dos estudantes, o preço das mensalidades faz as vezes da qualidade do ensino. Cobrando mais caro, as boas universidades abocanham mais recursos e mais prestígio. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 26 de março de 2015.

Aprendizado da porta para dentro

The Economist



Em vez de custearem a formação de equipes em escolas de negócios, empresas apostam nas universidades corporativas

“Não pergunte ao barbeiro se você precisa cortar o cabelo - e não pergunte a um acadêmico se o que ele faz é relevante”, escreveu Nassim Nicholas Taleb em seu livro de 2007, **The Black Swan**. O problema dos acadêmicos, particularmente os

que ensinam administração de empresas, é que as companhias estão fazendo cada vez mais esta pergunta embaraçosa, e em seguida dão uma resposta ainda mais embaraçosa.

As empresas que procuram colocar os seus administradores em programas de desenvolvimento estão criando suas próprias empresas de consultoria e outras do gênero, em lugar de confiar nas escolas de administração.

General Eletric foi uma das primeiras empresas a criar uma universidade corporativa, em 1956

Deste modo, não só gastam grande parte do seu orçamento destinado ao treinamento *in-house*, interno, como começam a montar suas próprias “universidades corporativas”.

A ideia não é nova. Ao que parece, a **General Electric** inaugurou a primeira universidade corporativa em 1956. A

REFLEXÕES XII

mais famosa é talvez a Hamburger University, do **McDonald's**. Desde 1961, cerca de 275 mil pessoas passaram por um dos seus sete campi espalhados pelo mundo inteiro. Entretanto, estas academias *in-house* tornaram-se muito mais comuns nos últimos anos. Uma pesquisa do **Boston Consulting Group (BCG)** concluiu que, entre 1997 e 2007, o número de universidades corporativas formais nos Estados Unidos dobrou para cerca de 2 mil. Desde então, afirma, elas continuaram se espalhando, e agora são mais de 4 mil as companhias que mantêm sua própria escola em todo o mundo.

Os números são um tanto vagos, porque a definição do que seja uma universidade corporativa é algo evasivo. Ao contrário das universidades convencionais, ela focaliza mais a prática do que a teoria, e raramente fornece diplomas. Por outro lado, não se preocupa em colocar um título grandioso numa miscelânea de cursos de treinamento específico das companhias. As universidades corporativas têm duas características que as distinguem: a primeira é uma instalação destinada exclusivamente a esta finalidade, seja um edifício físico, seja on-line; a segunda é um currículo específico para a estratégia abrangente da companhia.

Esta última característica dá uma ideia mais clara da razão pela qual elas se tornaram populares. "O mundo está mudando a um ritmo muito rápido", afirma Rainer Strack da **BCG**. "Cada empresa tem problemas específicos, seja uma crise financeira, a ascensão da inteligência artificial ou digital, ou a expansão da globalização". Dispor de treinamento e desenvolvimento sob os auspícios de uma instituição central, interna, torna mais fácil focalizar suas necessidades distintas.

REFLEXÕES XII

As escolas de administração de empresas, ele acrescenta, podem ser padronizadas demais.

As universidades corporativas são particularmente úteis quando uma empresa tenta reformular sua cultura. A **Unilever**, fabricante de bens de consumo, inaugurou seu primeiro campus em Londres há mais de meio século. Em 2013, ela gastou 50 milhões (US\$ 65 milhões) na inauguração de outro em Cingapura. Quando quis mudar a filosofia da companhia para se concentrar mais numa operação “sustentável”, sua universidade teve um papel fundamental. Jonathan Donner, um executivo que a supervisiona, afirma que programas que apoiassem o estilo de administração que a empresa buscava - “líderes preocupados com resultados concretos capazes de lidar com um mundo volátil e ambíguo”, nada menos - não estavam disponíveis no mercado aberto. Portanto, ele escolheu um grupo de professores de escolas de administração, como **Cambridge** e **INSEAD**, para que elaborassem e ensinassem programas a serem dados no campus da **Unilever**. A **Apple** foi mais longe: roubou o reitor da escola de administração de **Yale**, Joel Podolny, para dirigir a universidade corporativa.

A universidade da **Unilever** focaliza fundamentalmente os seus principais ramos de administração. Outras companhias adotaram uma estratégia mais ampla. Uma delas é a siderúrgica **ArcelorMittal**, que tem seis campi de sua universidade corporativa, inclusive na Ucrânia e na África do Sul. Dentro em breve ela inaugurará mais três, duas delas no Casaquistão e no Brasil. Em 2012, mais de 27 mil funcionários passaram cerca de 200 mil horas em seus cursos. Esta dimensão geográfica é importante. Como somente cerca de

REFLEXÕES XII

15% dos funcionários da companhia têm o inglês como sua primeira língua, explica Christian Standaert, diretor da **Universidade ArcelorMittal**, a empresa precisa oferecer muito treinamento nas línguas locais. Isto a ajuda a aprimorar o desempenho dos administradores internamente, em vez de precisar trazer estrangeiros para dirigir suas operações.

Salão de conferências ou câmara de eco? Apesar de haver muitas boas razões para empresas investirem em universidades corporativas, elas têm suas limitações. Uma é o perigo de construir uma câmara de eco. Os administradores que frequentam uma escola de administração na universidade são expostos a ideias de pares de outras empresas, nota Sim Sitkin, da **Universidade Duke**. E os estudantes podem fazer com segurança perguntas bizarras sem o risco de isto afetar suas carreiras.

Mais preocupante é que, a despeito de todos os milhões gastos nelas, parece quase impossível medir o efeito de uma universidade corporativa nos resultados da empresa. Com muita frequência, as empresas fazem pouco mais que pedir aos que estão completando um curso para preencherem uma pesquisa sobre quão útil eles sentiram que foi seu curso. Algumas tentam monitorar a eficácia de empregados por dois anos talvez após a participação num programa. Em geral, as universidades corporativas ficam sob a tutela dos departamentos de recursos humanos das empresas, que geralmente não são voltados para fazer uma análise mais rigorosa do que eles alcançam.

Privadamente, algumas empresas acreditam em outro benefício com a mudança para o desenvolvimento da administração na própria empresa. É sabido que muitas

REFLEXÕES XII

companhias costumam oferecer formação numa escola de administração de prestígio, quer seja um diploma de “MBA Executivo” (EMBA) ou um curso de liderança mais curto, como uma maneira de manter felizes suas estrelas em ascensão. Mesmo que a necessidade da empresa nem sempre tenha ficado visível, sair de um EMBA de uma escola da Ivy League fazia esses administradores se sentirem valorizados, e, assim se esperava, leais. Infelizmente, a coisa em geral tinha o efeito contrário, fornecendo aos melhores e mais brilhantes da empresa uma qualificação altamente vendável que os tornava mais propensos a ser sondados por rivais. Os certificados de universidades corporativas, sendo mais focados nas necessidades da empresa patrocinadora, são menos atrativos para competidores.

Agora, muitas empresas deixaram totalmente de pagar para enviar gestores a escolas de administração externas. Depois da crise financeira, várias delas concluíram que estavam fazendo uma extravagância. Com a volta de tempos melhores, algumas voltaram a seus modos antigos. Uma extensa pesquisa com estudantes de EMBA por **The Economist** sugere que o número dos que tiveram suas anuidades pagas por seus empregadores caiu vertiginosamente. Em 2005, 69% dos estudantes foram patrocinados; este ano, eles foram 39%.

Mas a demanda geral por EMBA não parece ter caído, segundo Michael Desiderio do Executive MBA Council. Isso porque, apesar das anuidades exorbitantes, muitos administradores acreditam que vale a pena pagar por conta própria. Eles podem estar certos. Os alunos do programa de EMBA oferecido pela **IE** na Espanha, que ficou no topo de nosso ranking mais recente desses programas, entram no

REFLEXÕES XII

curso ganhando uma média em torno de US\$ 144 mil anuais. Um ano depois de se formarem, este valor subiu para US\$ 260 mil, mais do que cobrindo os US\$ 81 mil do custo do programa. 82% dizem que foram promovidos logo após a graduação. Evidentemente, eles podem ter sido destinados a funções mais altas independentemente de sua passagem pela academia, mas a maioria dos que responderam a nossa pesquisa acredita que seus EMBA's jogaram um papel no aumento dos seus ganhos. Para esses administradores dispostos a pagar, agora parece haver dois tipos de formação em administração: a que eles querem, e a que sua empresa quer lhes dar. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 16 de maio de 2015.

A propriedade intelectual é a chave do sucesso?

Jeffrey Tucker



Uma das maiores tragédias referentes às leis de propriedade intelectual é como elas geram confusão entre os empresários bem-sucedidos. Muitos têm a impressão, apesar disso estar longe da verdade, que eles devem sua fortuna ao direito autoral, à marca registrada e à patente e não necessariamente a sua avaliação de negócios.

Por esta razão, eles defendem a propriedade intelectual como se isso fosse a verdadeira força vital de seus negócios. Eles deixam de dar crédito ao principal motivo: a sua própria criatividade, a disposição de assumir riscos e a suas ações geralmente baseadas no mercado. Isto frequentemente é um julgamento empiricamente incorreto da parte deles, e isto gera a tragédia de dar ao estado o crédito por suas realizações que são, na verdade, devidas a suas próprias atividades empreendedoras.

De fato, o que não faltam são histórias prontas que conduzem a esta falsa impressão. Inúmeros relatos de negócios mencionam como os lucros surgem a partir das patentes e por meio delas assumem uma relação causal. Sob essa suposição, a história do espírito empreendedor deixa de ser uma história heroica de riscos e recompensas e se torna mais uma história

REFLEXÕES XII

de decisões de escriturários de patentes e de advogados de direitos autorais.

Como resultado, muitas pessoas acham que a razão de os EUA terem crescido tão rapidamente no século XIX foi a sua proteção de propriedade intelectual, e assumem que a proteção a ideias em nada difere da proteção à propriedade real (o que na verdade é completamente diferente).

Um indício da falácia do direito autoral deveria estar óbvio para qualquer um que adentrasse alguma grande livraria. Ele veria prateleiras de livros clássicos, com capas belas e caprichadas e numa grande variedade de tamanhos e formatos. Os textos contidos são de "domínio público", o que não é exatamente uma categoria legal: significa apenas a ausência de proteção de direito autoral.

Mas eles vendem. Eles vendem bem. E não, os autores não são erroneamente identificados nelas. As irmãs Bronte ainda são as autoras de **Jane Eyre**, e **O Morro do Ventos Uivantes**. Vitor Hugo ainda escreveu **Os Miseráveis**. Mark Twain escreveu **Tom Sawyer**. O desastre que muitos preveem que ocorreria em um mundo antipropriedade intelectual não está evidente em nenhum lugar: ainda existem lucro e ganhos no comércio e o crédito ainda é dado a quem é devido.

Por que isto? Muito simples, a livraria se preocupou em trazer o livro ao mercado. Pagou o editor do livro e tomou a decisão empreendedora de assumir o risco de as pessoas o comprarem. Claro, qualquer um poderia ter feito isso, mas o fato é que nem todo mundo o fez: a companhia fez uma boa avaliação de modo que coincidissem com o gosto dos consumidores. Em outras palavras, o sucesso é uma

REFLEXÕES XII

consequencia da iniciativa. Não é nem mais e nem menos simples do que isso. A propriedade intelectual não tem nada a ver com isso.

Então, assim seria em um mercado completamente livre, ou seja, um mundo sem propriedade intelectual. Mas às vezes os próprios empresários ficam confusos.

Consideremos o caso de um empreendedor do ramo de sorvete com uma hipotética marca chamada Geórgia Cream. A companhia desfruta de certo grau de sucesso e então decide registrar sua marca, significando que agora ela desfruta do monopólio do uso do nome Geórgia Cream. E digamos que a companhia crie um sabor chamado Peach Pizzazz, que é um grande sucesso, então ela patenteia a receita de modo que ninguém possa publicar a receita sem a permissão da companhia. Então ela se dá conta que a qualidade especial de seu sorvete depende de sua técnica de mistura, então ela requer e obtém uma patente para isso.

Deste modo a companhia possui agora três monopólios, todos conectados. Isso é o suficiente para garantir o sucesso? Claro que não. Ela precisa fazer bons negócios, ou seja, ela precisa economizar, inovar, distribuir e propagandear. A companhia faz todas essas coisas e assim segue colhendo um sucesso atrás do outro.

Se você sugerir para o fundador e CEO que deveríamos nos livrar das leis de propriedade intelectual, você traria à tona um sentimento de pânico. "Isto iria destruir completamente meu negócio!". "Como assim? Qualquer um poderia simplesmente chegar e alegar ser a Geórgia Cream, roubar nossa receita

REFLEXÕES XII

de Peach Pizzazz, reproduzir nossa técnica de mistura, e aí nós afundaríamos".

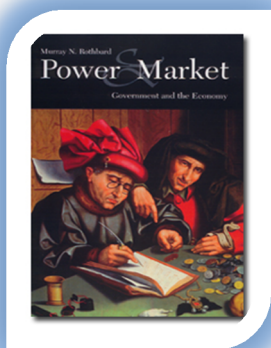
Você consegue perceber qual o problema aí? Uma pequena mudança que não ameaçaria a existência do negócio está sendo indiretamente considerada, por implicação, como sendo a própria força vital do negócio. Se isso fosse verdade, então não teria sido a destreza no negócio que construiu esta companhia, e sim o privilégio governamental, e isto definitivamente não é verdade neste caso. A revogação da legislação de propriedade intelectual não faria nada para retirar do negócio sua capacidade de criar, inovar, divulgar, negociar e distribuir.

A revogação da propriedade intelectual poderia criar um custo adicional para se fazer negócios, isto é, esforços para assegurar que os consumidores estejam informados sobre as diferenças entre o produto genuíno e suas reproduções. Este é um custo do negócio que todo empreendedor tem de arcar. Patentes e marcas registradas não têm feito nada para manter os imitadores de Gucci, Prada e Rolex fora do mercado. Mas também as reproduções não destruíram o negócio principal. Se fizeram alguma coisa, foi ter ajudado, já que a imitação é a melhor forma de elogio.

De qualquer maneira, o custo associado a estar atento aos imitadores existe, sendo a propriedade intelectual legalmente protegida ou não. Na realidade, alguns negócios devem a existência de seus lucros a patentes, que eles usam para derrotar seus competidores superiores. Mas há também custos envolvidos neste processo, como milhões em taxas legais.

REFLEXÕES XII

Grandes empresas gastam milhões desenvolvendo "warchests"²³ de patentes que elas usam para repelir ou se prevenir de processos de outras companhias, então concordam em desistir e compartilhar licenças uma com a outra após gastarem milhões em advogados. Mas logicamente, assim como o salário mínimo ou as legislações sindicais, as leis de propriedade intelectual não afetam realmente as grandes companhias, mas sim os pequenos negócios, que não podem arcar com processos de defesa de patentes de milhões de dólares.



A era da internet tem nos ensinado que é totalmente impossível impor propriedade intelectual. Isto é semelhante à tentativa de se banir o álcool e o tabaco. Isto não funciona. Tudo que isto consegue é criar criminalidade onde na verdade não deveria haver nenhuma. Ao garantir direitos exclusivos para a primeira firma que "cruza a linha de chegada", acaba-se prejudicando a competição em vez de aumentá-la.

Mas alguns podem argumentar que proteger a propriedade intelectual não é diferente que proteger propriedades materiais comuns. Isto não procede. Propriedade real é escassa. Os objetos da propriedade intelectual não são

²³ **Warchest:** é uma gíria usada no mundo dos negócios para uma reserva de dinheiro que as corporações separam especificamente para tentar uma aquisição ou para se defender de uma aquisição hostil.

REFLEXÕES XII

escassos, como Stephan Kinsella demonstrou. Imagens, ideias, sons, combinações de letras em uma página: estas coisas podem ser reproduzidas indefinidamente. Por esta razão elas não podem ser consideradas posses.

Comerciantes são livres para tentar criar escassez artificial, e é isto que ocorre quando companhias mantêm seus códigos privados, ou fotógrafos colocam marcas em suas imagens na internet. Produtos patenteados e de domínio público podem conviver e prosperar lado a lado, como podemos ver em qualquer drogaria que oferece ambos os medicamentos, de marca e os genéricos, separados por centímetros nas prateleiras.

Mas o que ninguém tem permissão para fazer em um mercado livre é usar violência na tentativa de criar escassez artificial, que é tudo o que a legislação de propriedade intelectual realmente faz. Benjamin Tucker disse no século XIX que se você quer sua invenção para si mesmo, o único jeito é mantê-la fora do mercado. Isto continua verdade hoje.

Então considere um mundo sem marca registrada, direito autoral ou patentes. Este ainda seria um mundo com inovação - talvez com muito mais. E sim, ainda teríamos lucros para aqueles que fossem empreendedores. Talvez tivesse um pouco menos lucro para os litigantes e advogados de propriedade intelectual - mas isto seria ruim? ● **Jeffrey Tucker** é o CEO do **Liberty.Me**.



Pequenas e invencíveis

Monica Gugliano



Colônias de "Staphylococcus" e "Streptococcus" numa placa de Petri: elas vivem, respectivamente, na pele e nas vias respiratórias, mas se entram na corrente sanguínea podem causar sérias infecções

Há poucos meses, o Instituto de Infectologia do Hospital Emílio Ribas, de São Paulo, publicou uma cartilha com oito recomendações sobre um tema aparentemente simples: o uso de antibióticos. Mas, em tempos de tanta complexidade na medicina e na ciência, ser simples não tem nada a ver com ser inofensivo. O consumo indiscriminado desses

medicamentos é apontado como uma das mais importantes causas da propagação das chamadas "superbactérias".

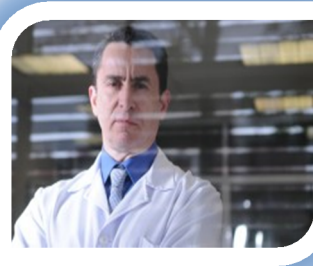
A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica as infecções provocadas por esses micro-organismos como um grave problema de saúde pública e diz que a humanidade vive a "era pós-antibiótico". No mês passado terminou o prazo para a consulta que a OMS fez aos 114 países que participaram do estudo "Antimicrobial resistance: global report on surveillance". Com base nessas informações, no próximo ano será lançado o Plano Mundial Contra a Resistência aos Antimicrobianos, um esforço global entre cientistas e governos para combater a ameaça. "É uma luta de vida contra

REFLEXÕES XII

vida", diz a infectologista Rosana Richtmann, do Emílio Ribas, uma das maiores especialistas do país no assunto.

Seres humanos e bactérias dependem uns dos outros para viver. Existem milhares de tipos desses organismos. A maior parte é inócua e ajuda a vida dos humanos, das plantas e dos animais. Aquelas que vivem nos intestinos, por exemplo, são fundamentais para a digestão dos alimentos e a produção de vitaminas. Outras são responsáveis pelos nutrientes de vegetais. E foram elas que, de certa forma, deram vida ao planeta, há bilhões de anos, permitindo que o oxigênio fosse mantido na atmosfera terrestre. Mas a versão turbinada desses organismos unicelulares costuma ser fatal. Infecções que em poucos dias poderiam ser tratadas e curadas se tornam

indomáveis e causam a morte dos pacientes. Entre elas, diarreias, pneumonias, infecções urinárias e a gonorreia.



Dr. Pereira, diretor do Emílio Ribas: "O vírus da aids é a grande pandemia e o responsável pelo reaparecimento de doenças que considerávamos controladas"

O problema, que a OMS define como uma ameaça real no século XXI e não mais uma "fantasia apocalíptica" para o futuro, resulta da impossibilidade de combater esses micro-organismos. As bactérias sofrem mudanças, passam a identificar os inimigos e criam escudos que as protegem deles. As vulneráveis desaparecem. As resistentes se multiplicam e transmitem à nova

REFLEXÕES XII

geração essa imunidade. Quando foram identificados os primeiros casos, na década de 1990, os cientistas atribuíam essa resistência à seleção genética. Atualmente se sabe que partículas de DNA (ácido desoxirribonucleico) transmitem as informações genéticas entre esses micro-organismos e, em casos específicos, produzem enzimas especiais que as protegem dos antibióticos.

É difícil calcular as perdas humanas e os custos materiais das doenças cuja origem é atribuída às superbactérias. O estudo da OMS estima que o sistema de saúde americano gaste entre US\$ 21 bilhões e US\$ 34 bilhões por ano com doenças resistentes aos antibióticos. O mesmo documento diz que essas doenças podem custar entre 0,4 e 1,6% do PIB de um país. As somas fabulosas, entretanto, não ajudam a sanar o problema. Também nos Estados Unidos, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês de Center for Diseases Control and Prevention), já foram identificados 17 tipos de superbactérias para as quais não há antibióticos. No Brasil, a situação é igualmente grave. "Já existem em São Paulo bactérias completamente intratáveis. Nos casos em que elas chegam ao sistema nervoso central não há o que fazer", afirma o vice-diretor médico do HCor, o infectologista Pedro Mathiasi Neto.

No Brasil, a assessoria de comunicação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) forneceu dados de 2012, ano em que foi registrado um total de 11.731 notificações de IH (infecção hospitalar) provenientes das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de 1.128 hospitais brasileiros localizados em 25 unidades da Federação. O Sudeste concentra 59% das notificações e 54% dos hospitais que realizaram notificação,

REFLEXÕES XII

enquanto o Norte possui 6% das notificações e 6% dos estabelecimentos. Quanto ao consumo de antibióticos, embora desde 2011 a venda seja controlada por meio de receitas médicas, ainda não há dados. "A escrituração dos dados das receitas aviadas nas farmácias e drogarias no SNGPC [Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados] passou a vigorar em 16 de abril de 2013. Assim, não existem ainda séries históricas suficientes para a avaliação mais robusta sobre o perfil de prescrição e de uso dos antimicrobianos", informa a assessoria.

Os seres vivos abrigam milhares de bactérias, que os ajudam a viver. Mas a versão turbinada desses organismos costuma ser fatal

No entanto, números divulgados por consultorias como a IMS Health apontam que os antibióticos são o quinto tipo de remédio mais vendido no mundo. Em 2013, o consumo bateu na cifra de US\$ 40 bilhões, dos quais mais de US\$ 1 bilhão só no Brasil. Segundo a infectologista do Emílio Ribas, a maioria das prescrições é equivocada, portanto inútil. "Acontece que o próprio paciente, quando chega ao consultório com uma inflamação na garganta, espera sair de lá com uma receita de antibiótico. Ele não tem uma infecção, tem um vírus e não precisa do antibiótico. Se ele tomar esse medicamento, vai matar as bactérias que naquele momento o ajudam a melhorar sua imunidade. E, pior, estimulará as mutações que se tornarão mais e mais resistentes", afirma Rosana Richtmann.

Em julho de 2009, o advogado Cesar Monteiro foi ao dentista para uma limpeza nos dentes. Na raspagem houve um pequeno sangramento. Dois dias depois da consulta, ele começou a se sentir mal, perdeu o apetite, passou a ter febre

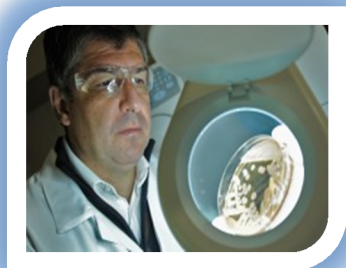
REFLEXÕES XII

diariamente. Procurou o médico da empresa onde trabalha e o diagnóstico foi gastrite. Como a febre não cedia, passou a tomar, por conta própria, um analgésico e antitérmico. Mas só piorava e resolveu procurar outro médico. Saiu da consulta com uma requisição para fazer um exame de sangue naquela mesma hora. Do laboratório foi, sem escalas, para a UTI de um hospital em Brasília, onde mora. "Naquela hora, eu até não me sentia tão mal. Só que dali em diante só piorei", conta.

Durante uma semana, os médicos tentaram descobrir qual era a bactéria que se espalhava pelo corpo do advogado de 62 anos, provocando septicemia. "Na noite do dia 17 de julho, eu estava praticamente morto. Meus órgãos começaram a falir. O rim não funcionava. Fui entubado. Até hoje não sei como não morri", recorda-se. O advogado não morreu porque os médicos conseguiram achar um antibiótico que liquidasse o estreptococo (uma espécie de bactéria que pode causar sérias infecções, mas na maior parte dos casos é inofensiva). "A mortalidade dos pacientes com septicemia é de 50% dos casos", informa Mathiasi Neto.

O advogado não chega a ter o perfil exato do paciente de risco. Mas é um bom exemplo sobre como acontecem esses casos. Qualquer pequena falha no sistema imunológico e qualquer pequena ferida aberta são as portas para que as superbactérias entrem em circulação. No caso dele, os insignificantes arranhões na boca, provocados pela raspagem, permitiram a contaminação com o estreptococo. A bactéria é comum na boca e nas vias respiratórias.

REFLEXÕES XII



Mathiasi Neto, infectologista do HCor: "O lançamento de novas drogas está sempre muito atrás dos micro-organismos que precisamos combater"

"De fato, somos mais bactérias do que células", diz a infectologista Rosana. Elas têm uma estrutura extremamente simples, só podem ser vistas no microscópio (o tamanho oscila de 0,2 a 6,0 micrômetros - a milésima parte do milímetro). Calcula-se que só no intestino de um ser humano vivam mais bactérias do que todas as células existentes no corpo. A capacidade de reprodução, por divisão binária, é assustadora. Considerando um período

de 11 horas, a cada 20 minutos uma bactéria pode gerar outros cinco milhões. "Achávamos que éramos mais espertos que os micro-organismos. Perdemos", constata o infectologista David Uip, secretário da Saúde de São Paulo.

Admitir a perda nesse confronto significa para a ciência um retrocesso de quase meio século. Foi em 1928 que o médico e bacteriologista escocês Alexander Fleming fez uma descoberta que transformaria a medicina. No laboratório do Hospital Saint Mary, em Londres, ele encontrou um fungo do gênero "Penicillium" que conseguia impedir a produção das moléculas que formavam uma membrana em torno do estafilococo. Fleming buscava algum agente capaz de deter a disseminação dessa bactéria, causadora de septicemia e responsável pela morte de milhares de homens na Primeira Guerra.

REFLEXÕES XII

Na época, o achado não despertou muita atenção. A Segunda Guerra, porém, mostrou a importância de transformar aquele agente em um medicamento que combatesse as infecções. E a partir de 1940 a penicilina começou a ser produzida em escala industrial. Grandes investimentos em pesquisas no setor farmacêutico levaram à descoberta de novas substâncias. Surgiu a estreptomicina, usada contra a tuberculose. O bioquímico Selman Waksman, que a encontrou, não apenas conquistou o Prêmio Nobel de Medicina, em 1952, como também batizou o medicamento: antibiótico é a junção do latim "contrário" e do grego "vida". São os remédios à base de substâncias vivas capazes de exterminar outras.

Em 2012, porém, dados da Organização Mundial da Saúde mostraram que 500 mil casos de tuberculose foram causados por bactérias resistentes. Até 2015, as projeções são alarmantes e dois milhões de pessoas podem contrair a doença sem que seja possível curá-las e essas pessoas podem morrer do mesmo modo que acontecia nos séculos XIX e XX. A incidência da tuberculose, depois de um longo período em que foi considerada controlada, recrudescer no rastro do HIV. O vírus da aids, ao destruir as células do sistema imunológico, abriu espaço e deu fôlego ao bacilo de Koch, que, segundo estudos científicos, pode estar presente em até 20% da população mundial sem ser notado. "O vírus da aids é a grande pandemia e o responsável pelo reaparecimento de doenças que considerávamos controladas", afirma o infectologista Luiz Carlos Pereira, diretor do Hospital Emílio Ribas, um centro de referência na América Latina no tratamento das doenças infectocontagiosas.

REFLEXÕES XII

Antibióticos são o quinto tipo de remédio mais vendido. Em 2013, o consumo mundial bateu em US\$ 40 bilhões, mais de US\$ 1 bilhão no Brasil

A Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) coordenou os estudos de resistência antimicrobiana na América que estão no documento da OMS. O resultado mostrou que a "Enterichia coli" (uma bactéria comum no intestino) não é controlada nem mesmo pela terceira geração de antibióticos específicos desenvolvidos para tentar exterminá-la. Cerca de 90% das infecções provocadas pelo "Staphylococcus aureus" tampouco dão sinais de fraqueza quando tratadas com os medicamentos disponíveis. "O lançamento de novas drogas está sempre muito atrás dos micro-organismos que precisamos combater", diz Mathiasi Neto. No século XX, dez classes de antibióticos foram desenvolvidas. Nestes primeiros 14 anos do século XXI, apenas duas.

O "Staphylococcus" é uma bactéria que vive na pele sem causar problemas. Mas em contato com áreas internas pode levar à bacteriemia e osteomielite, entre outras graves infecções. Há maior dificuldade em destruí-la, depois que se instala na corrente sanguínea, porque é uma das mais resistentes a todo tipo de antimicrobianos. Já na década de 1940, ao lado do surgimento dos primeiros remédios, apareceram grupos indiferentes aos medicamentos. "Ela é uma das mais importantes causas de infecções de pele. Mas os casos graves, em quase sua totalidade, são vistos nos hospitais", diz a dermatologista Thais Guerreiro.

REFLEXÕES XII



A dra. Rosana, especialista em infectologia: um paciente com dor de garganta tem vírus e se toma antibiótico mata as bactérias que o ajudam a melhorar a imunidade

Desde 1999, nos Estados Unidos, a proporção de "Staphylococcus aureus" resistentes à meticilina (MRSA, do inglês Methicillin-resistant Staphylococcus aureus) ultrapassa 50% entre os pacientes em UTI. No Brasil, os índices de cepas MRSA são também bastante elevados (40% a 80%), principalmente em UTIs.

À medida que os antibióticos vão se tornando impotentes, novas mutações de bactérias desafiam a ciência.

Em 2007, um morador da Suécia viajou à Índia, o país onde nascera. Tinha 59 anos, era diabético e de saúde frágil. Ao chegar a Ludhiana, sua cidade natal, reparou que sua pele estava marcada por úlceras profundas. Foi mandado para a capital, Nova Délhi, onde seu tratamento incluiu doses maciças de antibióticos. Resistiu meses até que, já de volta para a Suécia, médicos descobriram uma bactéria que os antibióticos conhecidos não conseguiam destruir. Cientistas da Grã-Bretanha, que colaboraram com os suecos, encontraram a enzima responsável pela força do micro-organismo. Eles a batizaram de New Delhi metallo-beta lactamase 1 ou NDM-1. No ano passado, ela surgiu em dois pacientes de um hospital em Londrina (PR).

Os hospitais estão no topo da cadeia de contaminação por superbactérias. Não quer dizer que esse ambiente concentre

REFLEXÕES XII

toda a responsabilidade por isso. Mas eles reúnem as condições propícias para que elas se propaguem. Primeiro porque estimativas apontam que os hospitais respondem, no Brasil, pelo consumo de 54% dos antibióticos. E segundo porque o paciente no hospital, é óbvio, não está em boas condições de saúde. Quanto mais delicado for o quadro e mais tempo o doente permanecer internado, maiores serão as chances de contrair uma infecção por superbactéria.

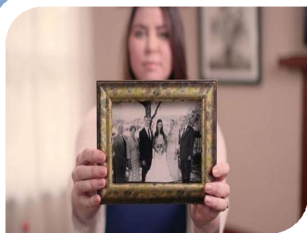
Ao entrar num hospital, o risco de cada pessoa contrair uma infecção é diferente e há uma escala para medi-lo. O paciente é diabético? Tabagista? Tem doenças crônicas? Quanto tempo deverá permanecer? Se ele ficar menos de três horas, suas chances são menores que 1. A partir desse tempo, elas vão crescendo, até chegar a 10. "Se o paciente estiver na UTI, por exemplo, os instrumentos usados - sondas, cateteres, etc. - podem ser uma fonte de contaminação. Eles abrem um espaço de entrada no organismo. Seria injusto, porém, dizer que as superbactérias são exclusivas do ambiente hospitalar", afirma o infectologista Mathiasi Neto, do HCor.

Embora combater as superbactérias seja uma tarefa quase impossível, para evitar a propagação desses seres, antes que se tornem invencíveis, são necessárias medidas bem possíveis. Nos hospitais, investimentos no treinamento, educação e controle dos profissionais são fundamentais. Para as pessoas, uma lição materna ajuda muito: lavar muito bem, e sempre, as mãos. ●

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 7 de outubro de 2014.

Hora da partida

Arthur Caplan



Último passo. Jovem com tumor incurável morreu pelas próprias mãos, com parentes e amigos

A capa da **People**, a mais popular revista de celebridades americana, costuma ser reservada a fotos retocadas de Jennifer Lawrence ou a astros populares cuja morte traumatiza o país, como foi o caso recente do suicídio de Robin Williams. Além de uma longa história de dependência de drogas e depressão, Williams começara a ter sintomas da

doença de Parkinson.

Mas nada ampliou tanto o impacto do contraste entre vida e morte quanto o belo rosto de Brittany Maynard estampado na capa da revista, na última semana de outubro, ao lado da manchete: “Minha Decisão de Morrer”. Maynard, de 29 anos, diagnosticada com um agressivo tumor no cérebro no começo do ano, morreu pelas próprias mãos, na companhia de família e amigos no último fim de semana, ao ingerir uma dose de barbitúricos sob prescrição médica. Ela se mudou para o Oregon por ser um dos cinco Estados americanos que legalizaram o suicídio assistido para pacientes terminais.

Mais que a escolha de morrer com dignidade, a decisão de compartilhar com o mundo os detalhes da opção e seus motivos torna Maynard um marco na história da morte

REFLEXÕES XII

voluntária. O debate começou nos anos 1980, quando Derek Humphry fundou na garagem de sua casa em Santa Mônica, Califórnia, o primeiro de uma rede de grupos do movimento Direito à Morte, hoje reunido sob a fundação Compaixão e Escolhas. Em 1975, Humphry tinha assistido ao suicídio da mulher, em estágio avançado de câncer de mama, e publicou um best-seller, **Final Exit** (saída final).

Nos anos 1990, o controvertido médico Jack Kevorkian ajudou Janet Adkins a se suicidar com uma dose de barbitúricos. A figura sinistra de Kevorkian, morto em 2011 e vivido num filme por Al Pacino, provocou um retrocesso legal, na opinião do respeitado bioeticista americano Arthur Caplan. Ele depôs contra o homem apelidado de Doutor Morte no primeiro dos quatro processos que Kevorkian enfrentou, em 1994. Caplan dirige a divisão de Ética Médica do Langone Medical Center da **Universidade de Nova York** e recebeu o **Aliás** em casa para falar da semana que mudou o debate do suicídio assistido.

- **Por que o sr. apoia a decisão de Brittany?**

Acredito que foi uma decisão ética porque ela sabia o que queria, era adulta, capaz e preferiu não se submeter ao tratamento paliativo do estágio avançado da doença. Não queria perder o controle sobre seu corpo e mente. Acredito que não tenha sofrido pressão, fazendo uma escolha sobre a qual refletiu.

- **O sr. cita Oregon como exemplo de bom senso na legislação sobre suicídio assistido.**

Oregon tem a lei do suicídio assistido há 17 anos e por isso já temos estatísticas. Menos de 1 em 500 pessoas com doenças terminais solicita as pílulas e entre as que pedem um terço

REFLEXÕES XII

decide não tomar os barbitúricos. Isso me leva a crer que não haja pressão em grande escala sobre pacientes, nenhum tipo de conspiração. As pessoas estão fazendo a escolha raramente, o que me faz acreditar em algo mais: tornar o método disponível vem evitando que mais pessoas se suicidem, como acontece em Estados e países onde o procedimento é ilegal. As pessoas se suicidam com armas de fogo, se jogam na frente de trens. A opção legal do suicídio assistido acalma o paciente, que sempre pode voltar atrás.

- **Quais os passos necessários para recorrer ao suicídio assistido no Oregon?**

Muita gente teme que, se médicos vão prestar assistência ao suicídio, corremos o risco de ver o procedimento aplicado a doentes mentais e até a pessoas temporariamente deprimidas. Não aconteceu nada disso no Oregon. Mas pode acontecer em outros países, como Bélgica, Holanda e, em menor grau, Suíça.

No Oregon há supervisão e controles estritos. A pessoa tem que ter uma doença terminal certificada por dois médicos e competência mental certificada por psicólogo ou psiquiatra. É preciso solicitar as pílulas três vezes, a intervalos de um mês. Em seguida, o paciente tem que decidir ingerir as pílulas por conta própria; se outra pessoa ajudar, é homicídio. O paciente tem que informar a polícia e o departamento de saúde pública local. Assim, há relatórios dos médicos envolvidos. Processo muito diferente de quando o dr. Jack Kevorkian ajudava as pessoas a se suicidarem no compartimento traseiro de sua caminhonete, sem nenhuma supervisão. Creio que alguns de seus pacientes não tivessem competência mental para decidir, ou tivessem impedimentos físicos, sem serem doentes terminais.

- **O suicídio assistido ocorre com frequência onde é ilegal? A Justiça ignora essa prática?**

A prática de apressar a morte de doentes terminais vem de muito tempo. Há 25 anos fizemos uma pesquisa anônima entre enfermeiros num certo complexo hospitalar e 15% responderam que sim, tinham atendido a pedidos de pacientes que queriam morrer mais rápido. Não há dúvida de que acontece, sou testemunha. O paciente está desesperado de dor e o médico aumenta a dose do tratamento paliativo sabendo que há o risco de morte. Com exceção de um caso na Califórnia, há mais de 20 anos, não acredito que nenhum médico ou enfermeiro tenha sido processado por dar esse tipo de assistência. À exceção de Kevorkian, que fez questão de se filmar e mostrar na TV. Acredito que promotores desviem sua atenção porque dificilmente vão obter condenação. Juízes e jurados teriam simpatia pelo réu.

- **E a questão da disparidade econômica no acesso ao suicídio assistido?**

Os ricos, é claro, têm mais acesso à medicina que os pobres. Têm relacionamentos longos com médicos particulares. Os pobres são atendidos por pessoas diferentes em centros de saúde ou emergências. Uma conversa típica que conheço é: 'Sra. Smith, não deve tomar mais que 20 destas pílulas, 20, compreendeu?'. E a sra. Smith vai obtendo mais receitas e guardando as pílulas. É uma espécie de conluio, mas não vejo acontecer entre os pobres ou entre quem não tenha um vínculo forte com seu médico. É preciso o médico confiar no paciente, saber que ele vai fazer a escolha no momento certo, esteja mentalmente são e não vá passar as drogas para uma

terceira pessoa. Então, sim, quando o suicídio assistido é ilegal, se torna um privilégio para os afluentes.

- **Por que decidiu ser testemunha no primeiro dos quatro julgamentos de Kevorkian, em 1994, em que ele acabou absolvido?**

Fui testemunha do promotor no julgamento pela morte de Janet Adkins, ironicamente, uma mulher do Oregon. Ela tinha sido diagnosticada com o mal de Alzheimer, foi para Michigan e disse a Kevorkian que não queria enfrentar a doença. Não estava num estágio terminal. De fato, sofria apenas de alguma perda de memória. Ele conversou apenas três dias com ela. Em seguida, ajudou-a a morrer com o mecanismo que ele tinha inventado, em que o paciente puxa a alavanca. Batizou o mecanismo de Thanatron, máquina da morte, numa referência ao deus grego da morte, Tântatos.

Kevorkian contratou um advogado extravagante e disse que era seu dever ajudar a paciente. Não foi condenado porque não havia então lei sobre suicídio assistido em Michigan, e o Estado tratou logo de passar uma lei. Não me oponho ao envolvimento médico no suicídio assistido, mas acho que Kevorkian ultrapassou o limite ético. Ele não conhecia bem os pacientes. A necropsia de Janet Adkins revelou que ela não tinha o mal de Alzheimer. Kevorkian demonstrava entusiasmo impróprio com o dilema do suicídio assistido, e não pedia avaliação psiquiátrica ou neurológica. Minha impressão é que ele ficou fora de controle, não que estivesse errado sobre o debate. Como resultado, o movimento pela morte digna sofreu um retrocesso porque ele assustou o público.

- **Qual a importância de Derek Humphry, autor do best-seller *Final Exit* e fundador do grupo Compaixão e Escolhas?**

Nos anos 1980, Humphry defendeu uma posição impopular porque acreditava no suicídio assistido sem médico. Ele dava instruções sobre como colocar um saco plástico na cabeça ou tomar uma dose específica de certas pílulas. Era uma espécie de movimento de autoajuda que tem uma variação na Suíça com o Grupo da Dignidade. Lá, eles se encontram, providenciam receitas para drogas, mas médicos não estão presentes, não há relatório e acontece com permissão do governo. Isso me deixa um pouco nervoso porque a falta de supervisão pode levar a abusos contra pacientes.

- **O que pensa da lei sobre eutanásia de crianças aprovada na Bélgica no início do ano?**

A posição americana é respeitar a escolha, permitir ao paciente decidir terminar sua vida. A posição belga é, se a dor e o sofrimento se tornam insuportáveis, as pílulas devem ser administradas. Então, ela se aplica a doentes mentais ou crianças. Isso para mim é eutanásia, não suicídio assistido. Na Bélgica, o médico pode avaliar inclusive a dor emocional do paciente e isso me incomoda profundamente. Vejo como um caminho para extermínio em que outro decide que sua vida não vale a pena ser vivida. A diferença para mim é grande.

- **O Vaticano condenou o suicídio de Brittany Maynard. Como o sr. lida com a religiosidade de pacientes e suas famílias?**

Quando converso com pacientes em dilema religioso, meu papel não é tratar de sua fé e sim esclarecer as opções. O judaísmo e o cristianismo têm, por exemplo, mártires, de

REFLEXÕES XII

modo que a tradição do suicídio racional não lhes é estranha. Se o paciente conversar com seu conselheiro religioso e decidir que é inaceitável, destaco a importância de providenciar assistência médica paliativa. A consciência do paciente conta e, vamos ser justos, acredito que o catolicismo respeite a consciência individual. O desafio, na minha posição, é saber que, se o paciente espera tempo demais, pode perder a capacidade mental para decidir.

- **A questão varia de cultura para cultura?**

Sim, a cultura americana é dedicada à autonomia individual, a meu ver, ao ponto de exagero, como, por exemplo, no debate sobre porte de armas. Países como Brasil, Portugal e Espanha não têm o mesmo horror em delegar decisões a terceiros ou especialistas. Não ficaria surpreso se o Brasil não aprovar uma lei de suicídio assistido, não por causa da Igreja, mas porque não tem o mesmo impulso individualista.

- **Vivemos mais e, portanto, passamos mais anos com pouca qualidade de vida. O sr. vê um futuro em que idosos, mesmo sem doenças terminais, escolherão a hora de morrer?**

O que vejo é, em caso de certas doenças, o idoso pedir para interromper um tratamento. Mas sabe o que percebo quando converso com idosos frágeis? Sofrem menos por, digamos, perder a mobilidade do que por perder os amigos. Não se sentem mais inseridos na cultura, detestam a música, o que passa na TV. Então, acho que isolamento e desconexão, tanto quanto decrepitude física, tornam os mais idosos infelizes.

Conheço muitos que reclamam o tempo todo, mas nunca decidem dar cabo da própria vida, inclusive agnósticos que não sabem o que os espera. O impulso de viver é muito forte. ●

REFLEXÕES XII



Arthur Caplan é médico bioeticista e diretor de Ética Médica do Langona Medical Center, da Universidade de NY.
Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 8 de novembro de 2014.

Conectividade, a próxima revolução industrial

Tiernan Ray

O futuro pertence às máquinas. Mais de um bilhão de smartphones serão vendidos neste ano e vários milhões de smartwatches e monitores de saúde de diversos tipos serão usados. Mas se as previsões sobre a chamada "Internet das Coisas" estiverem certas, num futuro não muito distante, o número de dispositivos de computação espalhados pelo mundo que operam sozinhos, conectados por cabos ou redes sem fio, vai ultrapassar o número de aparelhos que as pessoas carregam com elas.

A firma de pesquisa de mercado Gartner prevê que o total dos dispositivos conectados a redes, a maioria deles não operados por uma pessoa, vai saltar de 3 bilhões para 25 bilhões em apenas sete anos.

Entre esses dispositivos estão automóveis com conexão à internet, produtos em lojas que podem ter transmissores sem fio em seus rótulos, e frotas de caminhões nas estradas conectadas com redes que monitoram seu itinerário.

Além disso, sistemas de aquecimento, ventilação e ar condicionado terão mais capacidade para controlar a umidade e temperatura, as companhias aéreas farão melhor uso de combustível e os hospitais coordenarão melhor o agendamento de cirurgias com a disponibilidade de equipamento para as salas de operação.

Duas tendências clássicas da tecnologia estão em operação.

REFLEXÕES XII

Primeiro, a tecnologia, como frequentemente faz, está democratizando o processo de conexão das coisas. Potências da indústria como a General Electric vêm automatizando os sistemas de controles industriais em plataformas de petróleo há décadas. E os tipos de infraestrutura em rede mencionados aqui podem ser construídos totalmente pela divisão Smarter Planet, da IBM, que gera US\$ 5,5 bilhões por ano em faturamento para a gigante tecnológica, estimam analistas.

Normalmente, porém, "esses tipos de abordagem só podiam ser financiados pelas maiores empresas do mundo", diz Ed Maguire, analista de software da firma de pesquisa CLSA Americas, que já fez vários relatórios este ano sobre a Internet das Coisas. "Não era algo acessível a empresas médias."

Agora, a queda no custo de sensores, a proliferação de sistemas de conectividade a cabo e sem fio para computadores e a chegada de centros de dados mais baratos da **Amazon.com** e outros provedores, que podem reunir e analisar informações de máquinas ao redor do mundo, estão permitindo cada vez mais que empresas grandes e pequenas se conectem de uma forma antes só imaginada pelas gigantes.

Segundo, as capacidades estão aumentando. Agora, por exemplo, um simples sensor de movimento, luz ou temperatura pode ser preso a um dispositivo e usado para controlá-lo. Em breve, o software por trás de uma rede de sensores irá monitorar as lâmpadas das ruas de uma cidade inteira, tornando-as mais eficientes e economizando o dinheiro dos contribuintes. Ou companhias aéreas poderão usar um serviço que sabe quando partes do motor do avião estão prestes a falhar e pode pedir uma troca para minimizar o tempo parado da aeronave.

REFLEXÕES XII

A explosão de coisas conectadas oferece oportunidades para empresas que operam em todos os setores da tecnologia, incluindo fabricantes de chips como **Qualcomm** e **Thin Film Electronics**, empresas tradicionais de equipamentos de redes como a **Cisco Systems**, fornecedores de software como **PTC** e **Splunk**, e provedores de serviços de computação em nuvem como **Amazon.com** e **Salesforce.com**.

Empresas da velha economia, como a **Monsanto** e a **GE**, também podem se beneficiar dando vida nova aos objetos mais simples, como equipamentos industriais e sementes.

Existem três estágios para a Internet das Coisas. Primeiro, muitos objetos tornam-se conectados, incluindo carros, casas, trens de carga, equipamentos médicos e produtos de consumo. Depois, mais e mais informação analisável é extraída desses dispositivos conectados. E, no estágio final, os fabricantes irão operar suas empresas com base nesses dados.

O primeiro estágio está muito relacionado com sensores e chips baratos. Há muitos exemplos de ponta, como a fabricante de carros elétricos **Tesla**. Recentemente, ela anunciou uma nova versão de seu Modelo S com sensores que, com o tempo, levarão ao desenvolvimento de um piloto automático para rodovias.

Mas há exemplos menos sofisticados se espalhando discretamente. A novata californiana **Gimbal** nasceu de uma cisão da **Qualcomm** em maio. Ela produz o chamado iBeacon, nome patenteado pela **Apple**, que desenvolveu o padrão. Os iBeacons da **Gimbal** são pedaços de plástico que custam de US\$ 5 a US\$ 20, podem ter apenas alguns centímetros quadrados de tamanho e contêm sensores,

REFLEXÕES XII

transmissores sem fio e um pouco de memória. Eles podem ser presos a vários lugares e transmitir informações a dispositivos que passam por perto, até 50 metros de distância.

A **Apple** usa os dispositivos **Gimbal** em suas lojas de varejo: Quando um cliente entra na loja, seu iPhone se conecta automaticamente a iBeacons escondidos sob as mesas de exposição. O iBeacon envia alertas para a tela do aparelho, como lembretes sobre a hora marcada com técnicos do **Genius Bar**.

O próximo estágio é a coleta de dados por todos os dispositivos conectados no campo

A **PTC**, que por muitos anos vendeu software de design de produtos, comprou uma nova empresa chamada **ThingWorx**. Ela permite que as clientes unifiquem os dados recolhidos pelos sensores no campo e os combine com recursos de rede de vários tipos. Uma empresa pode usar os dados de um sensor de uma máquina e combiná-los com os nomes dos clientes de um banco de dados operado pela **Salesforce**, empresa que oferece software de administração de relações com o cliente, assim como um serviço de computação em nuvem.

No terceiro estágio da Internet das Coisas, as empresas mudarão a forma como ganham dinheiro e aprendem a cortar custos. Talvez esta seja a parte mais difícil de quantificar porque envolve trazer à tona todas as ineficiências dos modelos de negócio existentes.

A **Cisco**, que realinhou seu negócio para vender pacotes de interruptores, software e serviços para a Internet das Coisas, ressalta o exemplo de Barcelona, Espanha, que está usando

REFLEXÕES XII

sensores e redes para entender melhor os padrões de tráfego e reduzir congestionamentos. "Não há setor da economia onde não existam bilhões de dólares presos em ineficiências", diz Glen Allmendinger, analista da **Harbor Research**. "Veja como os PCs, nos anos 90, aumentaram a produtividade dos escritórios. O impacto da Internet das Coisas será muitas vezes maior."

Um bom exemplo é a **Monsanto**, que investiu US\$ 930 milhões para comprar a **Climate Corp.**, uma novata de previsão de tempo. Usando sensores terrestres que medem os níveis de pH e a composição do solo, a gigante das sementes e insumos agrícolas espera oferecer um serviço que diga aos produtores quais culturas terão maior produtividade em suas terras, sob determinadas condições climáticas.

A principal ameaça da Internet das Coisas é a segurança. Obviamente, coisas muito ruins podem acontecer se um *hacker* invade redes conectadas, como a rede de energia ou ferroviária do país.

"Muita gente vem inserindo coisas na rede sem se dar o tempo necessário para torná-las seguras. Esse é, categoricamente, o maior risco", diz Allmendinger. ●

Tiernan Ray é colunista do semanário **Barron's**.

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 20 de outubro de 2014.



O alvorecer da inteligência artificial

The Economist

Desafio atual é garantir que a tecnologia traga mais vantagens do que perigos à humanidade

"O desenvolvimento de uma inteligência artificial completa pode significar o fim da raça humana", adverte Stephen Hawking. Elon Musk receia que o desenvolvimento da inteligência artificial, ou IA, venha a ser a maior ameaça que a humanidade enfrentará. Bill Gates diz que as pessoas precisam tomar cuidado.

O temor de que as abominações criadas pelos homens se tornem seus senhores não é novo. Mas, na boca de um cosmólogo renomado, de um executivo do Vale do Silício e do fundador da Microsoft - gente que está longe de ser inimiga da tecnologia -, e tendo em vista o investimento enorme em IA que empresas do porte do **Google** e da **Microsoft** vêm fazendo, esse medo adquiriu uma dimensão nova. Com

supercomputadores nos bolsos de todas as pessoas e robôs dando rasantes sobre campos de batalha, desdenhá-lo como mera ficção científica parece autoengano. A questão é como se preocupar de maneira sensata.

Você me ensinou a falar. O primeiro passo é entender o que os computadores são capazes de fazer hoje e o que



Facebook criou algoritmo capaz de identificar rostos

REFLEXÕES XII

provavelmente serão capazes de fazer no futuro. Graças ao aumento na capacidade de processamento e à abundância de dados digitalmente disponíveis, assiste-se a uma forte expansão das possibilidades da IA. Atualmente, os sistemas de "aprendizagem profunda", que simulam as camadas de neurônios do cérebro humano e processam quantidades gigantescas de dados, aprendem por conta própria a executar algumas tarefas - do reconhecimento de padrões à tradução de textos - quase tão bem quanto uma pessoa. Em razão disso, coisas que antes requeriam a presença de uma mente ativa - desde interpretar figuras a jogar o videogame Frogger - agora estão ao alcance de programas de computador. O algoritmo DeepFace, apresentado pelo Facebook em 2014, reconhece o rosto das pessoas em 97% das vezes.

O fundamental é que se trata de uma habilidade limitada e específica. O que garante a aparência de inteligência da IA hoje é a força bruta do processamento de dados, não havendo, por ora, possibilidade de que imitem o modo de como a mente dota os seres humanos de autonomia, interesses e desejos. Os computadores ainda não dispõem de nada que se aproxime da capacidade mais abrangente e fluida que permite fazer inferências, proferir julgamentos e tomar decisões.

No entanto, a AI já é suficientemente poderosa para fazer uma diferença drástica na vida dos homens. Ela já pode ampliar o alcance das iniciativas humanas complementando o que as pessoas são capazes de fazer. Basta pensar no xadrez - hoje, os computadores são melhores do que qualquer ser humano. Acontece que os melhores enxadristas do mundo não são máquinas, mas aquilo que o grande mestre Garry Kasparov

REFLEXÕES XII

chama de "centauros": amálgamas de seres humanos e algoritmos.

Essas combinações serão a regra em todo tipo de atividade: apoiados por recursos de IA, os médicos ampliarão muito sua capacidade de identificar tumores cancerígenos em exames de imagem; algoritmos de reconhecimento de voz instalados em smartphones tornarão a internet acessível a analfabetos em países em desenvolvimento; assistentes digitais proporão hipóteses para pesquisas acadêmicas; algoritmos de classificação de imagens permitirão que computadores usados no corpo acrescentem informações úteis ao que as pessoas veem no mundo real.

Mesmo em curto prazo, porém, nem todas as consequências serão positivas. Considere-se, por exemplo, o poder que a IA oferece aos órgãos estatais de segurança, tanto em regimes autocráticos quanto em democracias. A capacidade de monitorar bilhões de conversas e identificar, pela voz ou pelo rosto, uma pessoa no meio de uma multidão representa uma grave ameaça à liberdade.

E mesmo onde os ganhos para a sociedade são grandes, muitos indivíduos serão prejudicados pela IA. Os primeiros "computadores" eram verdadeiros carregadores de piano, encarregados de executar um sem fim de cálculos para seus superiores. Os transistores tomaram seus lugares. Do mesmo modo, a IA provavelmente colocará no olho da rua enormes contingentes de funcionários que hoje executam atividades administrativas. A solução será recorrer a mais educação e capacitação. Além disso, a riqueza produzida com a ajuda da IA será gasta em novas iniciativas que gerarão novos

REFLEXÕES XII

empregos. Mas os trabalhadores têm de se preparar para um período de incertezas.

Acontece que não é com vigilância e desestruturação que Hawking, Musk e Gates estão preocupados. Também não é o que inspira uma série de filmes futurísticos sobre IA. A preocupação diz respeito a algo muito mais distante e apocalíptico: a ameaça representada por máquinas autônomas, dotadas de capacidade cognitiva sobre-humana e interesses que conflitam com os do Homo sapiens.

Essas criaturas dotadas de inteligência artificial ainda estão a anos-luz de virar realidade. A bem da verdade, talvez nunca venham a existir. Depois de um século vasculhando e revirando o cérebro, ainda falta muito para que psicólogos, neurologistas, sociólogos e filósofos entendam como se cria uma mente.

E as razões comerciais que justificariam a criação de uma inteligência limitada - o tipo que tem interesses e autonomia - não estão claras. Um carro que pilota a si próprio e o faz melhor que seu dono parece uma boa coisa; um carro que tem ideias próprias sobre aonde ir, já não parece ser tão interessante.

...**E eu sei xingar.** Mas mesmo que aquilo que Hawking chama de uma IA "completa" ainda esteja distante, é prudente que as sociedades planejem como lidar com essa realidade. Isso é mais fácil do que parece. Afinal, faz um bom tempo que os homens criam entidades autônomas dotadas de habilidades sobre-humanas e interesses diferenciados. Burocracias governamentais, mercados, exércitos: todas essas instituições são capazes de fazer coisas que estão fora do alcance para

REFLEXÕES XII

homens desassistidos e desorganizados. Todas precisam de autonomia para funcionar, podem adquirir vida própria e causar danos enormes se não estiverem organizadas de forma justa e não forem submetidas a leis e regulamentos.

Tais paralelos devem reconfortar quem esteja assustado; também sugerem maneiras concretas para que as sociedades desenvolvam a IA. Assim como as forças armadas precisam ter um tipo de controle civil, os mercados devem seguir regras estabelecidas e as burocracias serem transparentes, também os sistemas de IA devem estar abertos a algum tipo de escrutínio. Como os programadores não têm como prever toda e qualquer circunstância, também é preciso haver uma maneira de desligar as máquinas. São restrições que podem ser adotadas sem comprometer o avanço tecnológico. Das bombas nucleares às regras de trânsito, a humanidade vem recorrendo a engenhosidades técnicas para manter outras inovações poderosas sob controle.

O medo de que os homens venham a criar uma inteligência não humana autônoma é tão grande que corre o risco de obscurecer o debate. Sim, há perigos. Mas eles não devem ser mais fortes do que os enormes benefícios trazidos pelo alvorecer da inteligência artificial. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 8 de maio de 2015.

A nova era das armas nucleares

The Economist



Míssil é lançado de submarino: relatório americano acusou China de roubar segredos nucleares

Embora o arsenal atômico global seja atualmente muito menor do que era no ápice da Guerra Fria, a possibilidade de ele ser usado está aumentando

Em janeiro de 2007, Henry Kissinger, George Schultz, William Perry e Sam Nunn - dois secretários de Estado republicanos, um secretário de Defesa democrata e um chefe democrata da Comissão de

Serviços Armados do Senado - propuseram um esforço global para reduzir a dependência de armas nucleares.

O objetivo final, eles escreveram no **Wall Street Journal**, deveria ser remover por completo a ameaça que essas armas representam.

O artigo provocou uma reação impressionante. Visto por muito tempo como incomodamente utópica, a ideia de se eliminar armas nucleares foi subitamente assumida por pensadores estratégicos, acadêmicos e todo tipo de gente séria em matéria de política nuclear. No próximo ano, um grupo de pressão, o Global Zero, pretende fazer uma campanha para o total desarmamento nuclear. Seus objetivos foram endossados por muitos líderes de governo, atuais e antigos, e centenas de milhares de cidadãos.

REFLEXÕES XII

Em abril de 2009, Barack Obama, falando em Praga, prometeu recolocar na mesa a redução das armas e, ao lidar pacificamente, mas com firmeza, com as ambições nucleares do Irã, dar novo alento ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

Segundo ele, poderiam ser colocados em ação processos que levariam à renúncia mundial às armas nucleares no espaço de uma geração. Esse discurso, juntamente com sua habilidade de não ser George W. Bush, foi um fator-chave para Obama receber o Prêmio Nobel da Paz, meses depois.

No ano seguinte, Obama retornou a Praga para assinar um acordo sobre armas com a Rússia, o Novo Start, que reduziu o número de ogivas estratégicas posicionadas, permitindo 1.550 para cada lado. Seu cossignatário, o então presidente da Rússia, Dmitri Medvedev, havia endossado os objetivos do Global Zero. Um mês antes da revisão quinquenal do TNP, ele concordou com um plano de 64 pontos para reforçar a sustentação do tratado: a promessa de que todos os países podem compartilhar dos benefícios não militares da tecnologia nuclear; o acordo por Estados não possuidores de armas de não se tornarem Estados com armas; e o compromisso dos Estados com armas de buscar o desarmamento nuclear. Há esperanças de que, quando as partes do TNP se reunirem novamente, em maio de 2015, haja um progresso substancial a reportar.

Causa. O acordo de Obama com o Irã continua possível, provável até, mas ele dificilmente fortalecerá a causa de um mundo sem armas nucleares. O Irã continuará perto do limiar nuclear, conservando a capacidade de enriquecer urânio que - se pudesse se retirar do acordo - lhe permitiria criar material

REFLEXÕES XII

enriquecido o suficiente para produzir uma bomba dentro de um ano.

Isso é mais do que o período de três meses estimado atualmente e longo o bastante, aparentemente, para os Estados Unidos e seus aliados prepararem uma resposta, se chegarmos a esse ponto. No entanto, não se trata de um passo enorme de recuo ou de avanço para a paz.

E o acordo do Irã é o único item da lista de altas esperanças de 2010 que não foi a parte alguma. A cooperação sobre o Novo Start foi suspensa com a agressão da Rússia à Ucrânia; medidas prometidas de continuação foram abandonadas. Vladimir Putin, o antecessor e sucessor de Medvedev, aproveita cada oportunidade para louvar a proeminência nuclear de seu país e está comprometendo um terço do crescente orçamento militar da Rússia para reforçá-la.

A Rússia não é a única potência que está investindo em armas nucleares. Os EUA estão embarcando num programa de modernização de US\$ 348 bilhões em uma década. A Grã-Bretanha está prestes a se comprometer com a modernização de suas forças, enquanto a França está a meio caminho do processo.

A China está investindo pesadamente numa capacidade de contra-ataque nuclear. Em suma, não houve nenhuma tentativa de reduzir o papel das armas nucleares nas doutrinas militares e de segurança dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, apesar de seus compromissos com o TNP.

Uma iniciativa voltada para tornar as armas nucleares ilegais pela lei humanitária internacional, apoiada por mais de 150

REFLEXÕES XII

países signatários do TNP, atraiu pouco ou nenhum apoio dos Estados com armas, e somente falsas promessas de países satisfeitos com a proteção nuclear americana.

A verdade é que o entusiasmo pela eliminação das armas nunca foi tão global como parecia. A superioridade dos EUA em armas convencionais, embora não seja facilmente convertida numa vitória duradoura em guerras reais, foi suficientemente marcante para tornar o desarmamento nuclear gradual atrativo para alguns profissionais de segurança e acadêmicos americanos.

Alguns deles, ex-guerreiros da Guerra Fria, compartilhavam uma consciência culpada de quão perto o planeta chegou da destruição em razão de acidentes e erros de cálculo. Num mundo de bancos falindo e jihadistas bem-sucedidos, as armas nucleares pareceram, para muitos, anacronismos caros e perigosos.

Poder convencional. Em outros lugares, as coisas pareciam muito diferentes. As armas nucleares são uma maneira eficaz de compensar uma falta de poder militar convencional - como os EUA prontamente verificaram quando, nos anos 1950, costumavam ameaçar com o uso de suas armas nucleares comparativamente sofisticadas para conter as amplas divisões de tanques soviéticos na Europa.

O efeito nivelador é mais óbvio para os peixes pequenos. Algumas armas permitem que a Coreia do Norte intimide e subverta seu vizinho do sul bem mais poderoso (mas sem armas nucleares) e afronte os Estados Unidos. Uma das razões para a China continuar a prover ajuda energética e alimentar o país eremita é o medo do que o regime de Kim Jong-un

REFLEXÕES XII

poderia fazer com suas armas nucleares se entrasse em colapso.

O Irã queria uma opção nuclear, em parte, em razão do contraste dos dois outros países que figuraram com ele no chamado “eixo do mal”, criado em 2002 pelo presidente George W. Bush: a Coreia do Norte e o Iraque. Alguns políticos ucranianos reclamam do fato de que, em 1994, o país entregou as armas nucleares que havia herdado da União Soviética. As garantias de segurança que recebeu em troca de Grã-Bretanha, França, EUA e Rússia hoje soam mais do que vazias.

Mas os grandes países também podem avaliar o peso que os suplementos nucleares acrescentaram ao seu poderio convencional. Thérèse Delpech, famosa estrategista nuclear francesa, afirmou pouco antes de morrer, em 2012, que os adversários do Ocidente já preparavam uma variedade de táticas assimétricas para compensar sua desvantagem militar convencional; seria um equívoco supor que as armas nucleares não tenham um lugar neste arsenal.

Táticas assimétricas. A Rússia é um deles. Em 1999, Putin ficou impressionado com a eficiência das armas de precisão do Ocidente em Kosovo. Quando Putin se tornou presidente, um ano mais tarde, introduziu a doutrina militar da “desescalada”, na qual a ameaça de um ataque nuclear limitado, provavelmente, mas não necessariamente contra um alvo militar, poderia ser usada para forçar um adversário a retornar à situação anterior. Foi usada para dissuadir os EUA e seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) de se envolverem em conflitos em que a Rússia julgava ter interesses vitais.

REFLEXÕES XII

O segredo da credibilidade da doutrina é o fato de o Ocidente supor que a Rússia poderia querer assumir o risco de usar armas nucleares, pois está muito mais preocupado com os resultados em relação a seus “vizinhos próximos” do que qualquer outro. Desde o ano 2000, em praticamente todos os exercícios militares de grande envergadura realizados pela Rússia foram feitas simulações de ataques nucleares limitados, até mesmo sobre a Polônia em 2009. Depois de um intenso programa de modernização, a Rússia agora confia muito mais em suas forças convencionais. Isso poderá explicar o motivo pelo qual um grande exercício realizado em 2013 não teve nenhuma simulação de ataque nuclear.

Mas o conflito na Ucrânia se assemelha de maneira desconcertante ao que as forças russas costumam travar e planejar em seus jogos de guerra. A vontade da Rússia de apelar para a provocação com armas nucleares pode ser constatada em suas ameaças de lançamento de ataques preventivos contra os sistemas de defesa antimísseis americanos na Romênia, este ano, e na Polônia em 2018. No final de 2013, a Rússia estacionou mísseis com capacidade nuclear em Kaliningrado, o enclave entre a Polônia e a Lituânia.

A ideia de um “combate nuclear - pau a pau com os Russkies”, como o major Kong disse no filme **Dr. Strangelove**, ou **Como aprendi a parar de me preocupar e a amar a bomba**, de Stanley Kubrick, parece uma volta à Guerra Fria. Mas na Guerra Fria os dois lados estavam profundamente empenhados na estabilidade internacional, e as armas nucleares eram consideradas uma maneira de preservar, e não desafiar, o status quo.

REFLEXÕES XII

Isso não significava que não houvesse riscos - as coisas poderiam facilmente dar errado por acidente ou por algum desígnio, e o interesse mútuo na estabilidade poderia desaparecer. Mas tanto as lideranças americanas quanto as soviéticas mostraram-se absolutamente dispostas a evitar os riscos das armas nucleares.

Protocolos como o uso da “linha direta” para desarmar e administrar as crises evoluíram, e foi tomado todo o cuidado para prevenir a possibilidade de um lançamento acidental ou não autorizado. A criação de forças nucleares de “retaliação”, o que poderia garantir uma resposta depois do ataque mais elusivo, reforçou a estabilidade.

A nova era nuclear é construída sobre alicerces mais precários. Embora exista um número muito menor de armas nucleares do que no ápice da Guerra Fria, a possibilidade de algumas delas serem usadas é maior e está aumentando. Esta crescente possibilidade alimenta a probabilidade de que outros países optem pelo uso de armas nucleares o que aumenta, por sua vez, a sensação de instabilidade.

Muitos fatores que permitiram que a dissuasão funcionasse na Guerra Fria agora estão enfraquecidos ou ausentes. Um deles é a aceitação geral da estabilidade estratégica. Algumas das potências nucleares dos nossos dias querem desafiar a ordem existente, regional ou global.

Tanto a China quanto a Rússia estão insatisfeitas com o que consideram uma ordem internacional com base em normas criadas para o Ocidente e por este dominada. Há fronteiras em disputa com bombas nucleares de ambos os lados entre a Índia e a China e o Paquistão.

REFLEXÕES XII

O tipo de protocolos que os EUA e a União Soviética da era da Guerra Fria criaram para se garantir reciprocamente está muito menos em evidência hoje. A China está particularmente cautelosa com o tamanho, o status e as capacidades de suas forças nucleares, e nada transparente a respeito da abordagem da doutrina que poderia determinar seu uso.

Índia e Paquistão têm uma linha direta e costumam se informar reciprocamente a respeito de testes, mas não discutem quaisquer outras medidas para melhorar a segurança nuclear, por exemplo, transferindo as armas nucleares para mais longe de suas fronteiras. Israel nem sequer admite que seu arsenal nuclear existe. Os protocolos que norteavam as relações nucleares entre EUA e Rússia também estão visivelmente desaparecendo; a cooperação na área da segurança dos materiais nucleares terminou em dezembro de 2014.

Necessidade. A capacidade das armas de retaliação - que, segundo os teóricos, em algumas circunstâncias, fortalecem a dissuasão - está se espalhando, o que poderá representar algum conforto. Uma capacidade garantida de retaliação reduz consideravelmente o dilema desestabilizador “use-as ou percas” que um país com uma força nuclear limitada ou vulnerável enfrenta numa crise.

Rússia, EUA, França e Grã-Bretanha há muito desfrutam desta garantia graças a mísseis submarinos praticamente invulneráveis, quando no mar. Agora a China dispõe de mísseis móveis que poderiam sobreviver a um primeiro ataque, e está montando sua própria frota de submarinos dotados de mísseis balísticos. A Índia inicia os testes de seu primeiro submarino equipado com mísseis balísticos. Israel

REFLEXÕES XII

tem submarinos que podem lançar mísseis de cruzeiro com a possibilidade de transportar ogivas nucleares.

Mas vale lembrar que a perspectiva de uma das duas partes num conflito desenvolver tal capacidade é, por si só, desestabilizador. Há também a preocupação de que líderes de algumas potências nucleares possam ser menos avessos a riscos do que seus análogos da Guerra Fria. Uma posição de cautela por parte de líderes que acham que seus regimes estão sob ameaça interna ou externa ou cuja religião ou ideologia privilegia o confronto apocalíptico, agora vem se juntar ao temor das armas nucleares na Coreia do Norte e possivelmente no Irã.

Instituições frágeis também aumentam o perigo de um uso não autorizado de armas, ou de algumas acabarem em mãos de grupos não estatais. Este perigo é especialmente agudo no Paquistão, onde a responsabilidade pelas armas de curto alcance é delegada a comandantes de campo durante uma crise e a grande parte do Exército está radicalizada e onde as redes jihadistas se multiplicaram.

Juntando o risco de que a persuasão nuclear possa ser usada para impor mudanças em vez da estabilidade, o número crescente de atores e uma possibilidade cada vez maior de uma confusão quanto ao que realmente está ocorrendo, Thérèse Delpech escreveu em 2012 que o mundo entrava numa nova "era de pirataria estratégica". Esta nova pirataria se caracterizava pela anarquia e o engano e, na sua opinião, isso incluiria ataques-surpresa ou ameaças flagrantes.

A China constituía uma preocupação em particular diante da sua recusa em participar de discussões sérias sobre que tipo de

REFLEXÕES XII

estabilidade estratégica seria conveniente. O Ocidente, alertou Delpech, estava mal preparado.

Para alguns estrategistas, diante da ameaça existencial representada pelas armas nucleares, novas formas de dissuasão serão encontradas. Foi o que ocorreu na Guerra Fria e *mutatis mutandis* pode funcionar hoje.

Mas como observou o estrategista britânico Lawrence Freedman, “a dissuasão funciona; até o ponto em que não funcionará”.

Num futuro mais complicado e caótico, este “não funcionará” fica mais provável, especialmente se não refletirmos sobre o problema. Os EUA pretendem fazer enormes gastos num novo *kit* nuclear, mas há poucas evidências de algum esforço intelectual necessário para desenvolver novas teorias de dissuasão.

Uma maneira de reforçar a estabilidade seria por meio de uma doutrina mais declarada de dissuasão por parte dos EUA. Na Ásia e no Oriente Médio, as garantias de segurança oferecidas pelos EUA a seus aliados são mais ambíguas do que na Europa, onde o compromisso da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) é claro.

A crescente capacidade militar da China e da Coreia do Norte ameaçam o Japão, e menos a Coreia do Sul, aliados americanos que se abstiveram de armas nucleares. Ambos poderiam se dotar delas rapidamente se assim quisessem. Caso o Irã se retire do TNP e prossiga na construção de uma bomba, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e talvez o Egito se verão pressionados a fazer o mesmo.

REFLEXÕES XII

Os EUA podem ajudar pratica e doutrinariamente. O país tem um número crescente de mísseis antibalísticos eficazes que poderia partilhar com os aliados; tais mísseis poderão ser às vezes desestabilizadores, mas talvez não como a proliferação das armas. Os EUA também estão desenvolvendo os chamados "ataques globais rápidos" - a capacidade de realizar ataques de precisão usando armas convencionais em qualquer parte do mundo dentro de uma hora - o que permitiria neutralizar rapidamente pequenas forças nucleares hostis sem recorrer a armas nucleares.

Tolerância. Nada disso será de grande ajuda contra as maiores e as menores ameaças. Hoje uma potência nuclear emergente como a China poderá ser muito mais tolerante a risco em alguns tipos de crises regionais (digamos no caso de Taiwan) do que no passado. Na outra extremidade do espectro, em se tratando de grupos não estatais sem ativos que seriam colocados em risco, a dissuasão simplesmente não será de muita ajuda.

As recentes esperanças de um Global Zero parecem hoje desesperadamente prematuras. Enquanto as relações entre as grandes potências continuarem instáveis, as rivalidades regionais persistirem sem solução e os chamados Estados renegados continuarem a pensar nas armas nucleares como uma maneira de intimidar adversários pretensamente poderosos, o incentivo para manter armas nucleares pesará mais do que outras considerações. O que é ainda mais verdadeiro diante do fato de que até hoje ninguém demonstrou, de modo convincente, que a renúncia às armas nucleares tornará realmente o mundo mais seguro.

REFLEXÕES XII

O economista e estrategista Thomas Schelling argumenta que o mundo da renúncia às armas não tem uma boa resposta para o problema da retomada - ou seja, a capacidade de uma potência nuclear de restaurar seus recursos nucleares muito rapidamente. Nenhum governo pode se permitir perder uma guerra que venceria se retomasse as armas nucleares.

Portanto, há fortes incentivos para enganar, por exemplo, ocultando as armas para uma eventualidade. Thomas Schelling conclui que um mundo como este teria uma dezena de países com "planos de mobilização para produzir armas nucleares e mobilizar ou comandar sistemas de lançamentos dessas armas". "Toda crise será uma crise nuclear", alerta o economista. "Toda guerra pode se tornar uma guerra nuclear."

Obama estava certo há seis anos quando advertiu o mundo contra a complacência para com as armas nucleares. O conhecimento que até certo ponto, seja por casualidade ou de propósito, provavelmente será usado não é razão para não nos empenharmos em adiar esse dia infernal. Seu uso certamente não será nunca considerado moeda de troca nas relações internacionais. Mas, no momento, o máximo que podemos conseguir é buscar maneiras para restaurar um método de

dissuasão eficaz, fazer pressão contra a proliferação e voltar às perseverantes e monótonas negociações sobre controle de armas entre as principais potências nucleares. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rectangular background with rounded corners and a white border.

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 2 de março de 2015.

Meninos são superados por meninas na escola, aponta OCDE

The Economist

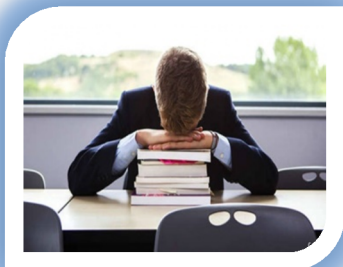
Na universidade e no mercado de trabalho a distância só aumenta, concluem estudos estratégicos de centro de pesquisa

"É tudo uma questão que envolve os cérebros deles, seus corpos e algumas substâncias químicas", diz Sir Anthony Seldon, diretor do **Wellington College**, um internato britânico de elite. "Existe uma mentalidade entre eles segundo a qual ser inteligente e ter bom desempenho não são considerados bacana", indica Ivan Yip, diretor da Bronx Leadership Academy, de Nova York. Uma delas cobra 25 mil libras (US\$ 38 mil) por ano e tem um clube de mergulho; a outra serve refeições subsidiadas à maioria dos alunos, entre os quais um quarto tem necessidades especiais. Mas, em ambas as instituições, o problema enfrentado é o mesmo: entre os adolescentes, as meninas estão deixando os meninos para trás.

Trata-se de algo que seria inimaginável dez anos atrás. Até os anos 1960, os rapazes passavam mais tempo e iam mais longe na escola do que as garotas, e tinham maior probabilidade de se formarem na universidade. Agora, tanto nos países desenvolvidos quanto em um número cada vez maior de países emergentes, o equilíbrio foi deslocado.

Governantes que antes se preocupavam com a falta de confiança apresentada pelas meninas nas disciplinas científicas agora passam seu tempo acenando com exemplares de Harry Potter diante de garotos desanimados.

REFLEXÕES XII



Diferença entre meninos e meninas na escola é cada vez maior

Questão de gênero. A inversão é apresentada num relatório publicado no dia 5 de março pela OCDE, um centro de estudos estratégicos voltado para os países ricos, com sede em Paris. O predomínio masculino se mantém, por pouco, nas disciplinas matemáticas: aos 15 anos, eles estão em média três meses letivos à frente das meninas. Nas disciplinas científicas, o resultado aponta um empate. Mas, na leitura, onde as meninas já estavam à frente há algum tempo, uma lacuna se abriu. Em todos os 64 países e economias envolvidas no estudo, o desempenho das meninas foi superior ao dos meninos. A distância média é de um ano letivo a mais.

A OCDE considera a alfabetização a habilidade mais importante entre as avaliadas, já que dela depende a continuidade do aprendizado. Como seria de se esperar, os meninos apresentam probabilidade 50% maior de fracassar nos testes de proficiência básica nas áreas da matemática, leitura e ciência. Sem nada que lhes estimule ou possibilite avançar nos estudos, os jovens desse grupo tendem a abandonar completamente o ensino.

REFLEXÕES XII

Para ver por que meninos e meninas têm desempenho tão diferente na sala de aula, primeiro devemos observar o que fazem fora dela. Em média, as meninas de 15 anos dedicam cinco horas e meia por semana à lição de casa, uma hora a mais do que os meninos da mesma idade, que passam mais tempo jogando videogames e navegando na internet.

Três quartos das meninas leem por prazer, enquanto pouco mais da metade dos meninos o faz. A proporção de leitura está caindo por toda parte conforme as telas atraem os olhos e os afastam das páginas, mas os meninos estão desistindo mais rapidamente. A OCDE descobriu que, entre os meninos que fazem tanta lição de casa quando a média das meninas, a lacuna entre os gêneros no quesito leitura caiu quase 25%.

Uma vez na sala de aula, os meninos anseiam pela hora de ir embora. Entre eles, descrever a escola como "perda de tempo" é duas vezes mais provável, e seus atrasos são mais frequentes. Assim como as professoras tinham dificuldade em convencer as meninas que a ciência não era apenas para homens, a OCDE agora insiste para que os pais e os governantes afastem os meninos de uma versão da masculinidade que ignora os feitos acadêmicos. "Para os meninos, as pressões são diferentes", diz Yip. "Infelizmente, existe entre eles a tendência de atender a certas expectativas de (mau) comportamento."

O desdém dos meninos em relação à escola poderia ser menos irracional se houvesse bastante emprego para homens de baixa escolaridade. Mas essa época já passou. Talvez um pouco de ousadia ajude na matemática, onde a confiança desempenha um papel importante na liderança dos meninos (embora às vezes se converta em delírio: 12% dos meninos

REFLEXÕES XII

disseram à OCDE que conheciam o conceito matemático de "escalonamento subjuntivo", pergunta capciosa que tapeou apenas 7% das meninas). Mas sua falta de autodisciplina leva os professores à loucura.

Talvez por serem às vezes tão insuportáveis, os meninos acabam sendo desvalorizados com frequência. A OCDE descobriu que desempenho dos meninos é bem melhor nos testes anônimos em relação à avaliação dos professores. A diferença em relação às meninas na leitura é 33% menor, e a lacuna na matemática - com os meninos já na frente - aumentou ainda mais. Em outra descoberta que indica certa parcialidade por parte dos professores, a probabilidade de repetir o ano é maior entre os meninos, mesmo quando sua habilidade é igual à das meninas.

O que está por trás dessa discriminação? Uma possibilidade é o fato de os professores valorizarem os alunos que demonstram boas maneiras e interesse em aprender, e mantêm-se longe das brigas - características mais comuns entre as meninas. Em alguns países, a pontuação acadêmica pode ser rebaixada em decorrência do mau comportamento. Outra possibilidade é a de as mulheres, que compõem 80% do total de professores primários e quase 70% dos professores do ensino fundamental I, favorecem as alunas do mesmo sexo, assim como já observamos homens em cargos de chefia beneficiando outros homens sob seu comando. Em alguns lugares, o sexismo é consagrado na lei: em Cingapura, os meninos ainda são castigados com vergalhos, enquanto as meninas são poupadas.

Alguns países apresentam um ambiente no qual os meninos podem ter desempenho melhor. Na América Latina, a lacuna

REFLEXÕES XII

entre os gêneros é em geral menor, com os meninos de Chile, Colômbia, México e Peru menos atrás das meninas do que em outros países. Mas, por estranho que possa parecer, isso sempre é acompanhado de uma lacuna maior nas disciplinas matemáticas, em favor dos meninos. O contrário também é verdadeiro: Islândia, Noruega e Suécia, que conseguiram colocar as meninas em pé de igualdade com os meninos na matemática, enfrentam lacunas preocupantemente grandes quando o assunto é leitura. Desde 2003, quando a OCDE realizou seu estudo anterior, os meninos de poucos países melhoraram na leitura, e as meninas de vários países reduziram a lacuna na matemática. Nenhum país conseguiu ambas as coisas.

Para o alto e avante. O domínio educacional das meninas persiste após a escola. Até há poucas décadas, os homens eram claramente a maioria entre os universitários de praticamente todos os países (ver gráfico 2), em particular nos cursos avançados, na ciência e na engenharia. Mas, com a expansão do ensino superior em todo o mundo, as matrículas de mulheres aumentaram a um ritmo duas vezes superior do que as dos homens. Na OCDE, as mulheres representam agora 56% dos estudantes matriculados, ante 46% em 1985. Já em 2025 essa proporção pode aumentar para 58%.

Até nos poucos países da OCDE em que as mulheres são minoria no campus, seus números estão aumentando. Enquanto isso, muitos outros, incluindo Estados Unidos, Grã-Bretanha e partes da Escandinávia, têm 50% mais mulheres do que homens nos campi. Em muitas universidades americanas de elite, o número é mais equilibrado. Acredita-se

REFLEXÕES XII

que seus obscuros critérios de admissão são relaxados para os homens.

A feminização do ensino superior foi tão gradual que, por muito tempo, o fenômeno passou despercebido. De acordo com Stephan Vincent-Lancrin, da OCDE, que participou da publicação de um estudo de 2008 apontando o quanto o processo tinha se aprofundado, as pessoas "não conseguiam acreditar".

As mulheres que frequentam a universidade têm maior probabilidade de se formar do que seus pares masculinos, e costumam obter notas melhores. Mas homens e mulheres tendem a estudar assuntos diferentes, com muitas mulheres optando por cursos nas áreas do ensino, saúde, artes e humanidades, enquanto os homens procuram computação, engenharia e ciências exatas. Na matemática as mulheres estão se tornando quase tão numerosas quanto os homens; nas ciências biológicas, ciências sociais, administração e direito, elas já estão à frente.

As mudanças sociais fizeram mais para incentivar as mulheres a entrarem para o ensino superior do que qualquer política deliberada. A pílula anticoncepcional e o declínio no número médio de filhos, somados ao casamento mais tardio e subsequentes gestações, facilitaram a entrada das mulheres casadas na força de trabalho. Conforme mais mulheres foram trabalhar, a discriminação se tornou menos aguda. As meninas perceberam o propósito de estudar uma vez que esperam delas que tenham carreiras. O aumento no número de divórcios sublinhou a importância de poder se sustentar. Atualmente, as meninas de quase todos os lugares parecem ser mais ambiciosas do que os meninos, tanto

REFLEXÕES XII

academicamente quanto em suas carreiras. É difícil acreditar que, nos EUA da primeira metade do século XX, cerca de metade das ocupações era vetada às mulheres casadas.

Assim, será que as mulheres estão agora se encaminhando para se tornarem o sexo dominante? O livro de Hanna Rosin, **The End of Men and the Rise of Women**, publicado em 2012, defende que, ao menos nos EUA, as mulheres estão na frente não apenas no ensino, mas também na profissão e na sociedade. Os governantes de muitos países se preocupam com a possibilidade de uma crescente subclasse de homens de baixa escolaridade. Isso deveria preocupar também as mulheres: no passado, elas em geral se casaram com homens de seu grupo social ou de grupos mais acima. Se esses se tornarem raridade, muitas mulheres terão de se casar com membros de grupos mais abaixo, ou desistir do casamento.

De acordo com a OCDE, o retorno sobre o investimento num diploma é maior para as mulheres do que para os homens em muitos países, mas não em todos. Na América **PayScale**, empresa que analisa dados de renda, foi descoberto que o retorno sobre o investimento num diploma universitário é mais baixo para as mulheres do que para os homens, ou, na melhor das hipóteses, igual ao deles. Embora como grupo as mulheres estejam mais bem qualificadas, elas ganham cerca de três quartos do salário pago a um homem. Um dos motivos é a escolha da área de estudos: o ensino, as ciências humanas e o serviço social pagam menos do que a engenharia ou a ciência da computação. Mas pesquisas acadêmicas mostram que as mulheres se preocupam menos do que os homens com o salário após a graduação, indicando que um retorno financeiro

REFLEXÕES XII

mais alto não seria a principal motivação para buscarem se aprofundar no ensino.

Nos níveis mais elevados das profissões e empreendimentos, as mulheres continuam sendo uma raridade. Numa inversão do padrão observado na escola, os ensaios e exames anônimos realizados nas universidades, que não identificam o gênero do aluno, protegem as mulheres da avaliação enviesada. Mas, no ambiente de trabalho, "os padrões tradicionais se impõem de maneiras milagrosas", disse Elisabeth Kelan, da **Faculdade de Administração Cranfield**, na Grã-Bretanha. Homens e mulheres entram para as áreas da saúde e do direito em números aproximadamente iguais, mas, passados 10-15 anos, muitas mulheres escolhem carreiras menos ambiciosas ou abandonam o trabalho para passar tempo com os filhos.

Último bastião. Durante muito tempo foi dito que, como historicamente as mulheres estariam subrepresentadas no ambiente profissional e acadêmico, demoraria até que elas preenchessem o conjunto de talentos à espera de um cargo expressivo. Mas, depois de 40 anos compondo a maioria dos formandos de alguns países, esse raciocínio está perdendo força. De acordo com Claudia Goldin, professora de economia de **Harvard**, o "último capítulo" da história da ascensão feminina - salários iguais e acesso aos melhores empregos - só virá com grandes mudanças estruturais.

Num recente estudo publicado na **American Economic Review**, descobriu-se que a diferença entre os ganhos horários de homens altamente qualificados e suas equivalentes femininas aumenta muito nos primeiros 10-15 anos da vida profissional, principalmente por causa da alta remuneração de alguns empregos muito bem pagos, que

REFLEXÕES XII

exigem longas jornadas de trabalho e disponibilidade constante. No geral, é mais fácil para os homens trabalhar assim. Nas indústrias em que empregos desse tipo são comuns, como administração e direito, a diferença salarial entre os gêneros continua grande, e mesmo breves períodos fora da força de trabalho resultam num considerável impacto negativo, o que significa que a maternidade pode ter um preço alto. Quando a remuneração é proporcional às horas trabalhadas, a diferença entre os gêneros é pequena, como na indústria farmacêutica.

Sempre haverá empregos nos quais a flexibilidade não é uma opção, diz Claudia: diretores executivos, advogados processuais, cirurgiões, alguns banqueiros e políticos do alto escalão do governo vêm à mente. Em muitos outros casos, a remuneração não precisa depender da disponibilidade ininterrupta - e homens de alta escolaridade que desejem ter uma vida fora do trabalho também seriam beneficiados pela

mudança. Mas a nova lacuna entre os gêneros está no outro extremo do espectro salarial. E não são as mulheres que estão sofrendo, e sim os homens de baixa qualificação. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in a white serif font on a red rectangular background with rounded corners and a white border.

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 6 de março de 2015.

Os hispânicos dos Estados Unidos

The Economist



Imigrantes ilegais são presos ao cruzar a fronteira do México com os Estados Unidos, no Arizona

Até meados deste século, haverá mais de um desses imigrantes para cada quatro americanos. David Rennie explica o que isso significa para a América

Em três mandatos como representante do Colorado no Congresso, John Salazar se acostumou a ser chamado de mexicano e não de americano por eleitores irados. Durante os embates a respeito da legislação sobre saúde, o Obamacare, um eleitor lhe disse: “Volte para o lugar de onde você veio”. Os ataques foram

totalmente inapropriados.

Salazar se orgulha de sua origem hispânica, mas ele vem de um lugar com raízes americanas mais profundas que as dos Estados Unidos. Um de seus ancestrais, Juan de Oñate y Salazar, foi um dos fundadores da cidade de Santa Fé, no Novo México. Isso ocorreu em 1598, cerca de 250 anos antes que esse se tornasse território americano – e quase uma década antes que mercadores aventureiros ingleses aportassem em Jamestown, na Virginia.

Homem lacônico, de jeans e chapéu de vaqueiro, Salazar é um rancheiro do Colorado de quinta geração e cultiva o mesmo pedaço do vale de San Luis que seu bisavô colonizou há 150

REFLEXÕES XII

anos, exatamente quando o México cedeu o território aos EUA. Como afirmam famílias como as de Salazar, elas jamais atravessaram a fronteira, a fronteira é que as atravessou.

Seu vale nas montanhas desertas, no entanto, também é o lar de muitos recém-chegados de língua espanhola. A razão é a atual revolução demográfica. Em 1953, quando Salazar nasceu, a população hispânica dos Estados Unidos era de aproximadamente 3 milhões. Ela começou a crescer significativamente depois das mudanças introduzidas na lei da imigração durante o mandato do presidente Lyndon Johnson, e chegou perto dos 9 milhões em 1970.

Hoje, ela é de 57 milhões, de um total de cerca de 321 milhões de americanos. E deverá dobrar até meados deste século, quando estão sendo projetados nada menos que 106 milhões de imigrantes de um total de 398 milhões de americanos. Nos últimos 20 anos, os migrantes hispânicos que moravam em alguns Estados e cidades espalharam-se até por lugares que não registravam grandes fluxos de estrangeiros desde os dias dos trens a vapor e do telégrafo. O maior grupo, com 34 milhões, é de americanos de origem mexicana. Desde 2005, essa realidade levou o México a abrir cinco novos consulados, de Little Rock, no Arkansas, a Anchorage, no Alasca – inúmeros mexicanos trabalham nas perigosas empresas de pesca de caranguejo no mar gelado.

Os hispânicos estão mudando a definição do americano tradicional. Durante quase 200 anos, desde a presidência de George Washington até a de Ronald Reagan, os brancos de origem europeia constituíram de 80 a 90% da população dos EUA.

REFLEXÕES XII

Na época da realização do censo de 2010, a proporção de brancos não hispânicos (que chamaremos de brancos daqui em diante para simplificar) baixara para 64%. Por volta de 2044, segundo projeções, ela cairá para menos da metade.

Alguns conservadores observariam que a maioria dos hispânicos era de cidadãos brancos. Segundo eles, burocratas federais criaram, nos anos 1970, uma nova categoria que transformou migrantes acostumados ao trabalho duro numa nova raça artificial, encerrando-os num gueto de reivindicatórias e de benefícios concedidos pelo governo.

Mas isso é simplificar demais a questão: durante muitas gerações, americanos hispânicos só foram tratados como brancos no papel, sem acesso a todo tipo de coisas: de escolas a restaurantes ou cemitérios no interior do país.

Em termos mais amplos, é o declínio dos brancos que torna tão espetacular a revolução demográfica dos nossos dias. Os EUA viram duas outras ondas migratórias provenientes da Europa, até mesmo proporcionalmente maiores em relação à população daquela época: no século XIX, e no início do século XX. Com o tempo, estes novos americanos passaram a ser considerados respeitáveis, quando se assimilaram à cultura da maioria, cujas raízes se encontravam em ideais explicitamente definidos como anglo protestantes: confiança em si, forte individualismo, parcimônia e trabalho duro. Mas, agora, aquela maioria branca está a caminho de se tornar minoria.

Estudo indica que, em 2050, os trabalhadores hispânicos superarão os brancos na proporção de três para um

Este fenômeno afetará todos os aspectos da vida pública, da política à cultura popular. Anualmente, cerca de 900 mil

REFLEXÕES XII

hispânicos nascidos nos EUA atingem a idade de votar. Nenhum partido deveria acreditar que terá seus votos eternamente, mas o trabalho mais duro é o dos republicanos.

Nas eleições presidenciais de 2012, o candidato republicano Mitt Romney obteve nove em cada dez dos seus votos dos brancos, enquanto Obama recebeu oito em cada dez votos das minorias. Se os republicanos pretenderem alcançá-los, a linha dura do partido terá de abandonar suas posições radicais sobre a imigração. Os hispânicos provavelmente não ouvem as mensagens a respeito de empregos ou de programas de saúde de candidatos que também propõem deportar suas mães.

As empresas estão começando a prestar atenção na ascensão dos hispânicos. Joe Uva, presidente da área de empresas hispânicas e conteúdo da **NBC Universal**, uma grande companhia de mídia, gosta de lembrar aos colegas executivos que, com um poder aquisitivo que totaliza cerca de US\$ 1,1 trilhão, se os americanos hispânicos fossem um país, seriam o 16.º do mundo.

Uma razão enorme para vermos com otimismo a ascensão dos hispânicos é o fato de eles estarem tornando os EUA um país muito mais jovem. A idade média dos brancos é de 42 anos; a dos negros é 32; e dos hispânicos 28. Entre os hispânicos nascidos nos EUA, a média de idade é de espantosos 18 anos.

Enquanto outras partes do mundo enfrentam o futuro com populações idosas que estão encolhendo, os hispânicos enchem os pátios das escolas americanas de crianças, e abastecem o futuro exército de mão de obra. Desde aproximadamente 2011, nasceu um número mais ou menos equilibrado de crianças brancas e não brancas. As mulheres

REFLEXÕES XII

brancas já têm menos filhos do que o necessário para substituir seus pais. A taxa de fertilidade das mulheres hispânicas caiu muito, mas a média de 2,4 filhos ainda está acima do limite de substituição populacional.

Num livro publicado recentemente, **Diversity Explosion** (Explosão da Diversidade, em tradução livre), William Frey da Brookings Institution, faz um fervoroso apelo para se comemorar a nova demografia dos EUA. Daqui a poucos anos, mostram seus números, haverá tantos brancos acima dos 65 anos quanto crianças brancas. Entre as não brancas, as crianças superam em número os idosos numa relação de quatro para um. Se excluirmos os hispânicos e outras minorias que crescem muito rapidamente, os números dos EUA se assemelharão aos da Itália, um país cheio de aposentados com uma força de trabalho cada vez menor. Mas, na situação atual, a população em idade de trabalhar nos EUA deverá crescer consideravelmente.

Dificuldades. É importante não ser illogicamente otimista a respeito das dificuldades que estão pela frente. Se a população hispânica nos EUA dos anos 2050 tivesse de se parecer com a de hoje, apenas dobrando em tamanho, uma grande aventura demográfica poderia acabar mal. Por enquanto, os jovens hispânicos têm mais probabilidade de completar o segundo grau do que os brancos, mas têm menor probabilidade de completar os estudos. Os hispânicos adultos têm 50% menos probabilidades de trabalhar como gerentes ou profissionais.

Poucos têm casa própria, e muitos foram profundamente atingidos pela crise financeira de 2008. Multidões de migrantes rumam para o norte para fugir dos cartéis da droga e da violência, mas a proximidade dos EUA com países pobres,

REFLEXÕES XII

com governos de capacidade desigual, ao sul, são por outro lado uma oportunidade de negócios para criminosos. Em 2013, o National Gang Intelligence Centre, um organismo do governo, calculou que as organizações criminosas mexicanas multinacionais se associaram a membros das gangues de rua somente em Chicago.

Os céticos com relação à questão da imigração em geral apontam para outra questão que parece pairar sobre os hispânicos. Grupos de imigrantes anteriores viram o progresso a cada geração que passava, mas os membros hispânicos têm o hábito de estagnar ou mesmo de retroceder. Os filhos de imigrantes hispânicos nascidos nos EUA tendem a ser menos saudáveis do que seus pais, têm taxas de divórcio mais elevadas e acabam na prisão muito frequentemente. Saltando dos filhos dos migrantes para seus netos, estudos mostram resultados acadêmicos que declinam na terceira geração.

Os conservadores preocupam-se com a “assimilação para baixo”. Textos acadêmicos questionaram se tornar-se americano implica um risco em termos de desenvolvimento? Alguns consideram esses indicadores a prova de que estrangeiros de uma cultura alienígena criaram uma nova subclasse que precisa ser repelida.

Tais temores são exagerados: muitas tendências estão caminhando na direção certa, embora lentamente. Este estudo visitará escolas que estão trabalhando com métodos inovadores para melhorar os índices de graduação na escola secundária hispânica e reduzir a gravidez entre as adolescentes. Um número muito maior de hispânicos está se matriculando na faculdade – e outros mais estariam tentando

REFLEXÕES XII

estudar se políticos conservadores apostassem no longo prazo, mudando leis estaduais que exigem que filhos de migrantes ilegais paguem muito mais do que seus colegas americanos para cursar a universidade pública. Diante do fato de que uma a cada quatro crianças nas escolas públicas é hispânica, só o interesse econômico pessoal deveria encorajar os Estados a trabalharem para torná-las preparadas para o século XXI.

Este estudo mostrará como alguns republicanos no Tennessee, Estado conservador, vêm debatendo mudanças pragmáticas. Infelizmente em outros Estados os fanáticos do Tea Party estão na linha de frente da direção contrária. O Texas figurava entre os Estados conservadores que favoreciam um enfoque mais comercial da imigração. Mas em 2014 um número desalentador de republicanos do Texas disputou a eleição prometendo rejeitar uma lei visionária de 2001 que garantia a subvenção das taxas de matrícula da faculdade para estudantes residentes no Estado, independente da sua situação legal.

Steve Murdock, da **Rice University**, ex-diretor do departamento de censo dos EUA, publicou recentemente um documento alertando aos texanos que os hispânicos não vêm obtendo notas e qualificações melhores para substituir os brancos com formação superior que estão se aposentando no Estado. Em 2050, prevê o documento, os trabalhadores hispânicos deverão superar em número os brancos na proporção de três para um, mas se não houver mudanças na política educacional o Estado será mais pobre e menos competitivo.

A ideia de uma subclasse hispânica permanente precisa ser tratada com cautela. Num estudo realizado em 2011, Brian

REFLEXÕES XII

Duncan da Universidade do Colorado, em Denver, e Stephen Trejo, da Universidade do Texas, em Austin, afirmam que a teoria da assimilação para baixo da terceira geração pode ser uma anomalia estatística. As pessoas que se qualificam americano-mexicanas com frequência são menos educadas e menos fluentes em inglês do que seus primos mais bem integrados, especialmente filhos de casamentos mistos que podem não mais se identificar como mexicanos. O que faz que os dados sobre os hispânicos pareçam piores do que são.

A disseminação do pânico de uma invasão hispânica contribuiu para distorcer as percepções da sociedade. Muitos americanos subestimam enormemente a incidência da imigração ilegal. Uma pesquisa feita em 2012 pela Latino Decisions, pediu a não hispânicos que imaginassem qual seria a porcentagem de imigrantes ilegais de língua espanhola. Em média as pessoas indagadas disseram ser de um em três. O dado real é um em seis. E a nova onda de imigração como causa do crescimento da população hispânica foi superada em 2000 pelo nascimento de crianças hispânicas nos EUA. Dos 17 milhões de crianças hispânicas, 93% são cidadãs nascidas no país. Mesmo se uma redoma de vidro fosse colocada sobre os EUA, acabando com toda imigração, e todos os hispânicos sem documentos fossem reunidos e deportados, dezenas de milhões permaneceriam.

Os riscos de os imigrantes sem documentos serem enviados de volta para seu país diminuíram recentemente. Em junho de 2010 Barack Obama anunciou que o governo federal não mais deportaria determinados migrantes ilegais que chegaram aos EUA quando criança, medida que pode abranger até um milhão de jovens. Em novembro, Obama estendeu o programa

REFLEXÕES XII

para incluir cerca de 4 milhões de pais de cidadãos e residentes permanentes, embora a medida esteja agora sendo debatida nos tribunais.

Os riscos de os ilegais serem enviados de volta para seu país diminuíram em 2010 graças a Barack Obama

A juventude da população hispânica deveria ser comemorada, mas ela apresenta um risco político grave: um choque com os brancos mais velhos. A geração dos anos 1950, hoje começando a se aposentar, é um grupo predominantemente branco. O alarme foi soado num ensaio de 2010 escrito por Ronald Brownstein, *The Gray and the Brown* (O grisalho e o moreno) prevendo um confronto de gerações entre o grupo daqueles que estão já com os cabelos grisalhos, propenso a preservar os benefícios que os favorecem, e os jovens multiétnicos de pele morena, que querem que sejam feitos mais gastos em creches, escolas e faculdades.

Frey concorda. É revelador, afirma ele, que os Estados com as leis anti-imigração mais severas com frequência possuem uma população predominantemente branca e idosa vivendo ao lado de crianças de origens diversas (no Arizona, por exemplo, 83% das pessoas com mais de 65 anos são brancas, ao passo que 58% das crianças são não brancas).

Uma lógica mais tranquila deveria estimular os americanos mais idosos a acolher os contribuintes jovens bem educados de qualquer cor. Mas em política a cultura é tão importante quanto a lógica. Mesmo diferentes gerações de hispânicos podem se chocar, como John Salazar presenciou no Colorado. Durante uma tentativa para aprovar uma ampla reforma da imigração no Congresso, ele foi censurado por eleitores

REFLEXÕES XII

americano-mexicanos cujas famílias estavam no seu vale “para sempre”. E eles perguntaram a Salazar porque ele estava tentando ajudar os “mojados” – um termo pejorativo para se referir aos mexicanos que supostamente entraram nos EUA nadando através do Rio Grande.

O Vale de San Luis, local calmo, muito arraigado, é um bom lugar para descobrir como os hispânicos mudarão os EUA de infinitas maneiras – e como o país os mudarão -, lembrando que os hispânicos são os mais antigos e os mais novos moradores dos EUA. Os ancestrais de Salazar não se beneficiaram muito do fato de serem os primeiros colonos não indígenas no vale outrora branco. Os mórmons começaram a chegar nos anos 1870. Os americanos mexicanos eram considerados apreciadores de bebida alcoólica, indiferentes à educação e indignos de assumir funções locais.

“Quando eu era criança, os ‘anglos’ detinham todas as posições. De vez em quando temos um juiz espanhol”, explicou Salazar, sem ressentimento. Um tio-avô serviu no Legislativo do Colorado, mas foi arruinado pela Depressão dos anos 1930. Segundo a família, os bancos executaram hipotecas de fazendeiros mexicanos aparentemente não confiáveis e ao mesmo tempo pouparam os vizinhos “anglos”. Décadas mais tarde, quando o futuro congressista ainda era garoto, foi espancado por falar espanhol no pátio da escola.

Os EUA oferecem muito mais oportunidades agora. John Salazar cresceu em uma família de oito filhos numa fazenda de 21 hectares sem eletricidade e recentemente aposentou-se como comissário agrícola. Hoje, ele supervisiona as terras da família que totalizam 1.618 hectares. Seu irmão mais novo, Ken Salazar, foi o primeiro senador hispânico pelo Colorado

REFLEXÕES XII

antes de se tornar o primeiro secretário do Interior de Barack Obama.

Salazar tem um senso profundo da história. Orgulhosamente, ele mostra parte da terra à margem do rio, prateada pelo gelo e protegida pelos chorões e álamos. Os diretores de bancos tiraram essas terras do seu tio-avô há quase um século, mas ele recentemente comprou-as de volta. "O lugar mais belo do mundo", diz ele.

Salazar está mais interessado no futuro, explicando os planos para o rancho e refletindo sobre o que os imigrantes farão se forem tirados das sombras. São novas ideias "que tornam nosso país forte", diz ele. Uma observação muito americana. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 12 de março de 2015.

O resgate pela democracia

The Economist

Apesar da epidemia de escândalos que eclodem na América Latina, a região começa a fazer progresso para combater a corrupção

Quando a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, fez um pronunciamento pela televisão para marcar o Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, foi quase impossível ouvi-la em alguns bairros. Milhares de brasileiros de classe média abafaram sua voz batendo em panelas e frigideiras, uma maneira tradicional de manifestar discordância em países vizinhos. O panelaço é uma novidade no Brasil.

Os brasileiros têm muito do que reclamar, desde uma economia estagnada à austeridade fiscal, mas a principal queixa dos batedores de panela é o escândalo na **Petrobrás**, a gigante estatal de petróleo. Em 6 de março, um juiz do Supremo Tribunal Federal determinou a abertura de investigações de 34 parlamentares, incluindo os presidentes das duas casas do Congresso, de quem um procurador suspeita de participação num escândalo multibilionário de pagamento de propinas. Todos, menos dois, são aliados da coalizão governante de Dilma. Ela não estava na lista, mas foi presidente do Conselho de Administração da **Petrobrás** em meados dos anos 2000, quando boa parte da alegada corrupção ocorreu. Em 15 de março, brasileiros planejam fazer manifestações por todo o País para pedir seu impeachment.



Reação: Assassinatos de Guerrero desencadearam o ódio contra o presidente do México e a elite política

A inquietação no Brasil não é única na América Latina.

No México, o desaparecimento de 43 estudantes no Estado meridional de Guerrero, e seu aparente assassinato por traficantes de drogas em conluio com a polícia, provoca protestos desde setembro.

Revelações de um acerto imobiliário entre a mulher do presidente, Enrique Peña Nieto, e uma empresa ligada a um empresário que ganhou contratos do governo engrossaram a fúria contra a corrupção; o ministro de Finanças também ficou chamuscado.

Alegações de que a presidente da Argentina, Cristina Kirchner, e seu falecido marido, Néstor Kirchner, que a precedeu na presidência, enriqueceram durante uma dezena de anos no poder também instigaram panelaços. Ela nega qualquer malfeitoria. O filho da presidente do Chile, Michelle Bachelet, deixou recentemente a chefia de uma organização beneficente estatal em razão de acusações de tráfico de influência. A popularidade da presidente caiu para seu nível mais baixo desde que ela voltou ao poder um ano atrás.

A resistência à corrupção na América Latina tem uma história longa e, em grande parte, inútil. Antonio de Ulloa, um capitão naval, tentou e não conseguiu erradicar a fraude numa mina de mercúrio nos anos 1750 na cidade andina de Huancavelica. Líderes corruptos foram depostos na era democrática sem muito efeito sobre a própria corrupção. As fulminações de

REFLEXÕES XII

Hugo Chávez contra ela na Venezuela ajudaram sua ascensão ao poder; no seu regime "bolivariano", ela piorou. A prisão de Alberto Fujimori, em cujo governo o Estado peruano se tornou uma empresa criminosa, não purificou o país. Seu esquema foi desmantelado, mas "modelos em escala" dele persistem em nível regional, segundo José Ugaz, um advogado peruano que preside a Transparência Internacional, uma organização não governamental baseada em Berlim.

Nos escândalos atuais, porém, e na indignação que eles têm despertado, há sinais promissores. A perseguição incansável a executivos e políticos responsáveis pelo escândalo da **Petrobrás** (o "petrolão") mostra que as instituições judiciárias do Brasil estão funcionando como deveriam. No México, o Congresso está aprovando reformas anticorrupção.

Há experimentos promissores na América Central. As jovens democracias da América Latina podem estar começando a enfrentar um de seus piores e mais persistentes problemas.

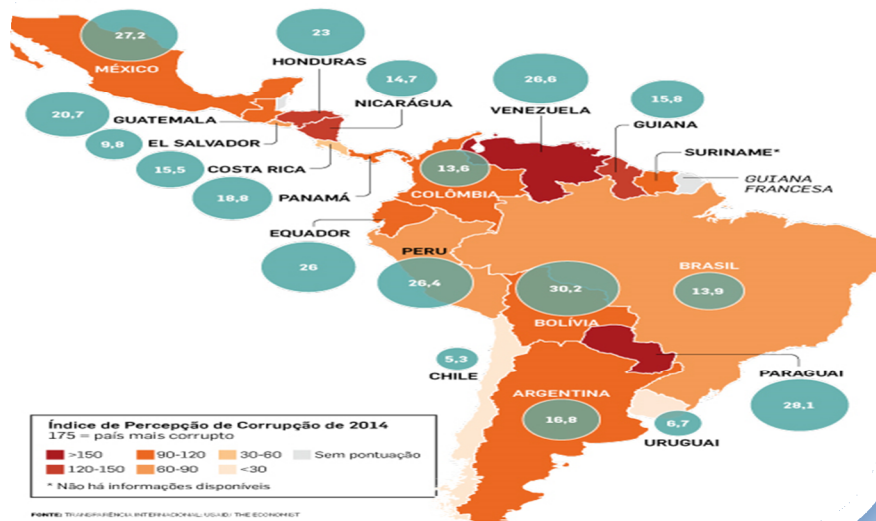
Os vice-reis da era colonial estabeleceram o padrão. Eles centralizavam o poder e compravam a lealdade de grupos de interesses locais. "No Peru, o abuso começa com os que deveriam corrigi-lo", escreveu Ulloa e um colaborador em 1749. Caudilhos, ditadores e presidentes eleitos continuaram a tradição de personalizar o poder. O chavismo da Venezuela e o kircherismo de Cristina Kirchner estão entre as manifestações atuais.

REFLEXÕES XII

QUANTA CORRUPÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Porcentagem da população que foi vítima de corrupção

4 FORCER/ST/08/001



Esse é um pedigree danoso. Embora a América Latina seja uma região de renda média, dois terços de seus países ficam na metade inferior do "índice de percepções de corrupção" da Transparência Internacional. Na América do Sul, só Chile e Uruguai estão fora da lamentável norma regional, talvez em parte porque nos tempos coloniais eles eram fins de mundo; a Costa Rica é a exceção centro-americana. Mesmo países mais corruptos têm ilhas de integridade: Ugaz aponta para o banco central e o serviço de arrecadação tributária do Peru.

Anatomia do vício. A corrupção tem muitas cabeças e múltiplas causas. Os presidentes que pilham dão as maiores manchetes. Mas a má conduta presidencial pode tomar as

REFLEXÕES XII

formas mais suaves de conflito de interesses (como é, aparentemente o caso daquelas casas mexicanas) ou nepotismo. Essas tentações se estendem a qualquer pessoa com autoridade, especialmente se, como é com frequência o caso, ela é despreparada e mal paga. Um quinto dos latino-americanos relata ter pago suborno no curso de um ano, a maior parte para policiais. O czar anticorrupção da Colômbia, Camilo Enciso, diz que nenhum setor do país é intocado pela corrupção.

O custo é difícil de quantificar, mas com certeza imenso. Em 2010, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) estimou que a corrupção custa de 1,4% a 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) todo ano. No Peru, o dinheiro público roubado alcança 2% do PIB, segundo a primeira-ministra Ana Jara. Quase um quinto dos empresários pensa que a corrupção é o principal obstáculo para fazer negócios no México, segundo o Fórum Econômico Mundial. Pagar propinas por serviços básicos, como abastecimento de água, deixa os pobres ainda mais pobres. No México, isso consome até um quarto de suas rendas, segundo uma estimativa. Os mais ricos pagam intermediários, como os despachantes no Brasil e os gestores da Argentina, para as coisas serem feitas. A ira popular com a burocracia corrupta pode se tornar uma hostilidade contra a própria democracia.

Muitos observadores da América Latina supunham que a democratização e as reformas de mercado que iniciaram nos anos 1980 reduziram a corrupção. Na verdade, elas lhe proporcionaram novas oportunidades. A democracia originou partidos famintos por doações e políticos ávidos para colher as recompensas do cargo eletivo. No México, ela trouxe uma

REFLEXÕES XII

"bebedeira (corrupção) fora de controle", escreveu Luis Carlos Ugalde, um consultor, na revista **Nexos**. No Brasil, onde Estados inteiros contam com eleitorados únicos, as campanhas são ruinosamente caras. Candidatos gastaram R\$ 4,1 bilhões nas últimas eleições nacionais e estaduais, sem contar a corrida pela Presidência. As leis de financiamento eleitoral estão cheias de brechas. No Chile, os doadores devem doar dinheiro via uma agência que oculta suas identidades do candidato. Mas, dentro da pequena elite do país, esses segredos vazam. Pesquisas revelam que os partidos políticos são as instituições menos confiáveis da América Latina.

A reforma econômica também instigou subornos. Os proventos da privatização de companhias estatais enriqueceram cliques governantes na Argentina e pagaram gastos sociais com apoiadores de partidos governantes no Peru e no México. O boom das commodities do início dos anos 2000 trouxe mais dinheiro e mais maneiras de surrupia-lo. O "petrolão" não teria sido tão imenso sem a alta dos preços do petróleo dos últimos 15 anos. Ainda mais destrutivo foi o forte crescimento do narcotráfico a partir dos anos 1980, que implantou a ideia de que todos, de policiais e juizes a ministros e presidentes "têm um preço", diz Enciso. Torrentes de dinheiro novo de fontes tanto legítimas como ilegítimas aumentaram muito o que Ugaz chama de "grande corrupção".

Muitos latino-americanos se conformaram com a situação, o que tornou a corrupção mais difícil de eliminar. "Rouba, mas faz", dizem brasileiros indulgentemente de políticos que fermentam sua ganância com eficiência. Fazendo campanha para a prefeitura de San Blas, uma cidade na costa do Pacífico do México, Hilario Ramírez Villanueva admitiu durante um

REFLEXÕES XII

comício, no ano passado, que num mandato anterior roubou, "mas só um pouco". Ademais, ele acrescentou: "Eu devolvi com a outra mão para o pobre". Ele foi eleito e comemorou atirando cédulas de dinheiro a seus apoiadores.

É desanimador. Mas há sinais de que as garras da corrupção, por mais tenazes que sejam, podem estar enfraquecendo. Os esforços atuais anticorrupção, em alguns países pelo menos, não são apenas uma reação aos escândalos do momento; são o trabalho de instituições que estão começando a amadurecer, em alguns casos por causa de uma pressão popular.

Isso é verdade nas duas maiores economias da região, Brasil e México, mas não só nelas.

A Constituição brasileira, sancionada em 1988, conferiu independência à Procuradoria-Geral da União e ao Judiciário. Mas eles só a exerceram na última década, aproximadamente. Geraldo Brindeiro, o procurador-geral durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso de 1995 a 2003 era caçado como o "engavetador-geral da República" por sua aparente relutância em perseguir autoridades corruptas.

A mídia aguerrida do Brasil reduziu a tolerância à corrupção de pessoas comuns e das autoridades responsáveis por extirpá-la. O tempo trouxe uma mudança de gerações. O sucessor de Brindeiro foi escolhido pela primeira vez pelos próprios promotores. O seguinte partiu para a denúncia do Partido dos Trabalhadores, o partido de Dilma, no épico escândalo anterior conhecido como "mensalão", que revelou pagamentos a congressistas em troca de votos favoráveis ao governo. Rodrigo Janot, o procurador atuante no "petrolão", e

REFLEXÕES XII

Sérgio Moro, o juiz que preside o caso na Justiça Federal de Curitiba, pertencem a um grupo que vê a corrupção não apenas como uma falha moral, mas como uma causa de risco tangível, diz Luiz Felipe d'Ávila do Centro de Liderança Pública, uma instituição de educação e pesquisa. "A corrupção mata", diz Janot.

Despertar os guardiões. A melhoria de juízes e procuradores brasileiros é parte de um avanço institucional - melhorias desconectadas trazidas por legislação e novas tecnologias. Ela ainda é, na melhor hipótese, parcial, mas deve fazer a diferença. A Lei da Empresa Limpa, que entrou em vigor em janeiro de 2014, estabelece sanções a corrompidos e a corruptores. Advogados dizem que ela levou empresas a levar a sério seu cumprimento. Os pagamentos em dinheiro a pobres via programa Bolsa Família - que são feitos eletronicamente - não podem ser facilmente roubados ou desviados para apoiadores de poderes locais. A Secretaria dos Transportes do Estado de São Paulo possibilitou a renovação on-line das cartas de motorista, eliminando com isso a intermediação de burocratas corruptos. Ela pretende instalar câmeras nos carros de examinadores para a concessão da carta.

O monopólio do poder retido pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) do México, o partido de Peña, só foi quebrado em 2000. A imprensa mexicana, com algumas exceções, é menos ruidosa que a brasileira, em parte porque boa parte dela depende de publicidade do governo. Mas a pressão por reformas aumentou. Os assassinatos de Guerrero e revelações sobre as compras de casas desencadearam um extravasamento de ódio contra o presidente e a elite política.

REFLEXÕES XII

O ambicioso programa de reformas de Peña no setor de energia e outros fracassará se a sua integridade não for protegida

A elite começou a reagir. No fim de fevereiro, a Câmara Baixa mexicana aprovou uma mudança constitucional para criar um "sistema nacional anticorrupção". Em vez de atribuir responsabilidade a uma única comissão, como fizeram alguns países latino-americanos, o México pretende dividi-la por diferentes órgãos do governo além do Judiciário.

"Nós privilegiamos pesos e contrapesos, instituições e não heróis", diz Mauricio Merino, coordenador-chefe da Rede por La Rendición de Cuentas (RRC, rede pela prestação de contas), um agrupamento de ONGs que impulsionou a legislação.

Até a aprovação de legislação complementar para regular conflitos de interesses e especificar os poderes dos novos organismos, é impossível dizer se o sistema funcionará bem, diz Merino. Já se formou uma oposição a ele de governadores estaduais, especialmente os do PRI. As reformas poderão ser tão importantes como as que desembocaram na democracia, mas "será preciso pelo menos uma geração para mudar hábitos", diz ele.

Outros países estão dando passos animadores. O presidente de Honduras, Juan Orlando Hernández, assinou um acordo com ONGs para estas agirem como "auditores paralelos" em educação, saúde e outros serviços governamentais. Elas o persuadiram a nomear um ministro da Educação que cortou o pagamento de salários a "professores fantasmas". O Chile em breve fechará brechas em sua legislação de financiamento de campanhas.

REFLEXÕES XII

No Peru, Ugaz vê esperança no ativismo de estudantes, que protestaram com sucesso contra a nomeação de candidatos não qualificados para o tribunal constitucional e o cargo de *ombudsman*. Foi uma "reação da juventude contra uma classe corrupta", diz ele.

Tais avanços são frágeis e, em alguns países, inexistem. A eleição presidencial de outubro na Argentina provavelmente não trará nenhuma melhora. Em lugares onde o governo tolhe a liberdade de imprensa, por exemplo no Equador e na Venezuela, a corrupção tende a prosperar. O Brasil precisa de uma reforma eleitoral para melhorar a qualidade de seus políticos. Mesmo o progresso no Judiciário não é garantido. A ação judicial no "petrolão" impressiona, diz Moro, o juiz, "mas a reação institucional precisa ser a regra. E ainda não é". Entretanto, à medida que a América Latina se torna mais rica, mais educada e mais igualitária, os cidadãos pressionarão com maior firmeza por autoridades e políticos honestos.

Finalmente, a democracia está funcionando para eles. É "graças à pluralidade política que, a despeito de tudo, estamos dando passos na direção certa", diz Merino. Esse é um bom augúrio para o México e seus vizinhos. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rounded square background with a white border.

The
Economist

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 15 de março de 2015.

Tecnologia vestível: como e por que usar

The Economist



Apple Watch é o 'mais avançado relógio criado até hoje', afirmou Tim Cook, presidente da Apple.

*"No início era a Apple. Tudo era feito por ela; e sem ela nada do que se fez teria sido feito". Se os aficionados por tecnologia tivessem de escrever seu próprio testamento, esta poderia ser a frase inicial. A capacidade da **Apple** para redefinir o encanto de categorias inteiras da área da computação despertou uma fé infalível de milhões de seguidores.*

A **Apple** popularizou tecnologias existentes quatro vezes: o Macintosh em 1984, o iPod em 2001, o iPhone em 2007 e o iPad em 2010. Recentemente os fiéis vêm orando para

a **Apple** ter novamente sucesso com seu smartwatch, relógio inteligente. Muitas empresas já fabricam aparelhos para o pulso que medem a qualidade do sono e exercícios, mas até agora esse é um setor de nicho para nerds e atletas.

Em 9 de março, a **Apple** reuniu seus fiéis para dar detalhes sobre o Apple Watch, que estará à venda no próximo mês. Tim Cook, presidente da Apple, qualificou-o como "o mais avançado relógio criado até hoje".

Além de informar a hora, ele responde a comandos de voz, mede o ritmo cardíaco, atua como um cartão de crédito e faz

REFLEXÕES XII

alertas para chamadas de e-mails. Tem muitos dos aplicativos populares nos smartphones, como as redes sociais, sem as dificuldades de ter de usar um telefone.

Com preços na faixa de US\$ 350 até US\$ 17 mil, o Apple Watch deve render à companhia bilhões em receita, apesar de os analistas terem expectativas variadas quanto ao porte dos ganhos. No futuro próximo o sucesso do relógio não vai se equiparar ao de outras criações da Apple, que estão entre os produtos de tecnologias mais vendidos na história.

Sua bateria dura 18 horas antes de precisar ser carregada por um carregador magnético. O Apple Watch também precisa de um iPhone ao lado para funcionar, o que deprecia sua utilidade.

O lançamento do Apple Watch aponta para uma história mais ampla: a grande expectativa de que a tecnologia vestível decole em breve.

Aparelhos móveis vestíveis, contendo um sistema de circuitos para coletar e exibir informações, abrangem um guarda-roupa diverso de produtos, como roupas que medem o esforço físico, e óculos por meio dos quais a informação é lida e as imagens aumentadas em tamanho real.

Cerca de 21 milhões de aparelhos vestíveis foram vendidos no ano passado, de acordo com a empresa de pesquisa IDC; aparelhos vestíveis de pulso, incluindo os relógios, foram a maioria.

Os consumidores estão dispostos a gastar somas razoáveis por esse tipo de tecnologia. Mas mesmo assim seu interesse na compra ainda não se equipara ao entusiasmo mostrado por

REFLEXÕES XII

muitas companhias de hardware que estão investindo pesado na sua arquitetura. Gigantes como **Samsung**, **Motorola**, **Microsoft** e **Huawei** vêm desenvolvendo os telefones inteligentes, como também companhias de menor porte, como a **Pebble**.

O **Google**, que tentou criar o Google Glass com sucesso limitado, agora está concentrado em produzir um sistema operacional especial para os relógios inteligentes. No caso dos aparelhos vestíveis é mais provável que as empresas lucrarão muito mais com o sistema operacional do que com a venda de hardware.

As empresas de roupas esportivas estão competindo para fabricar camisetas, sapatos e tops com sensores e um sistema de circuitos sem fio.

Várias empresas oferecem pequenos dispositivos que utilizam a tecnologia GPS para acompanhar as crianças que estão perdidas, por exemplo. **CuteCircuit**, uma startup britânica, projetou uma camiseta inteligente que reproduz a sensação de estar sendo abraçado quando alguém envia uma mensagem de texto para o aparelho vestível.

Saúde é uma área que promete muito. Relógios e outros aparelhos vestíveis podem ajudar as pessoas a monitorar sua atividade e encorajá-las a se exercitarem. Os relógios da **Apple** oferecem o "feedback por tato": eles vibram para dar alertas, como por exemplo lembrar a pessoa para se levantar se estiver sentada por muito tempo. O relógio também oferece novas capacidades de coleta de dados para estudos no campo da saúde.

REFLEXÕES XII

Este é o início do movimento "self quantificado" em que as pessoas monitoram uma grande quantidade de dados a seu próprio respeito para uso pessoal e também para partilhar com companhias.

Graças ao boom dos smartphones, chips e sensores ficaram mais baratos e menores. O que ajudou os aparelhos vestíveis a saírem do sonho tipo "Star Trek" para a realidade, diz Stacey Burr da **Adidas**. Mas talvez leve cinco anos ou mais antes até o seu pleno potencial ser realizado.

"Estamos nos dias do Palm Pilot no caso da tecnologia vestível", diz ela, referindo-se ao ancestral extinto do smartphone.

Várias coisas dificultaram os relógios inteligentes e outros aparelhos vestíveis. Muitos têm uma bateria cuja vida é curta e isso limita sua atração. No caso do Moto 360, relógio inteligente da Motorola, uma exceção, muitos conseguem telefonar ou desempenhar outras funções se tiverem perto um telefone. Muitos consumidores têm pouco interesse em outro aparelho que não sirva como substituto para os que já carregam para todo lado.

Colocando a roupa no vestível. Os aparelhos vestíveis até agora não têm o *design* elegante nem a facilidade de uso que contribuíram para o sucesso dos smartphones.

Mesmo os modelos contratados para exibir e fazer propaganda do Google Glass tiveram dificuldade para fazer com que ele parecesse algo em moda. Muitas companhias hoje estão concentradas nos desafios de engenharia que surgem diante delas e prestando pouca atenção à "engenharia cultural", que necessita ocorrer para que os vestíveis sejam aceitos, diz J.P.

REFLEXÕES XII

Gownder, da empresa de pesquisa **Forrester**. A **Apple** contratou executivos do setor de moda, de marcas de luxo como **Burberry** e **Yves Saint Laurent**, para tornar seu relógio atrativo, mas ainda não está muito claro se ela descobriu o segredo.

Mas o maior desafio é a ausência, até agora, de um "aplicativo matador". Os relógios não oferecem ainda algo mais do que os smartphones oferecem atualmente e alguns modelos muito menos.

Mas ir além das capacidades dos telefones levará tempo, diz Tim Bjarin da **Creative Strategies**, empresa de consultoria. Dependerá também de conseguir desenvolvedores para criar aplicativos que tirarão o máximo proveito das possibilidades dos "vestíveis".

Atualmente muitos desenvolvedores estão ocupados com os smartphones, que têm centenas de milhões de usuários frente a alguns milhões no caso dos smartwatches, diz Chris Dixon, da **Andreessen Horowitz**, empresa de capital de risco.

Muitos desenvolvedores também esperam para ver que sistema operacional será dominante antes de investirem tempo, trabalho e dinheiro nos aparelhos de tecnologia vestível. **Apple** e **Google** estão emparelhadas na corrida para desenvolver o sistema que unirá diferentes áreas das vidas das pessoas, dos relógios e telefones aos seus carros e eletrodomésticos.

Para alguns analistas, o aplicativo matador dos aparelhos vestíveis oferecerá a seus usuários uma identidade digital "persistente", fundindo as funções de carteira de motorista, cartão de crédito, chave da casa, chave do carro e computador

REFLEXÕES XII

num único aparelho pequeno usado no pulso ou pescoço. Para ver como seria esse futuro, basta viajar para o parque temático Disney World, em Orlando.

A **Disney** investiu US\$ 1 bilhão na criação de um sistema em que as pessoas usam uma pulseira (chamada Magicband) para os passeios, para pagar pelas refeições e para entrar em seus quartos de hotel. Uma tecnologia conveniente para os turistas, que precisam carregar consigo menos cartões, mas provavelmente pagarão mais no final, porque é muito fácil comprar alguma coisa sem pensar na conta. As pulseiras permitem à **Disney** coletar dados em tempo real sobre o movimento nos passeios e nos restaurantes, para saber como distribuir seu pessoal nos lugares certos. Outras empresas estão fazendo experiências na mesma direção. Montadoras como a **Hyundai** criaram aplicativos para permitir que o motorista destrave e dê partida no seu carro remotamente com seu relógio ou telefone. Aplicativos como estes não são o único caminho para o sucesso dos aparelhos vestíveis. É verdade que na década passada os consumidores impulsionaram muitas tendências na área tecnológica, desde o streaming de música e filmes até empresas de "economia de compartilhamento" como **Airbnb** e **Lyft**. Mas a próxima etapa no desenvolvimento será liderada pelos usuários das empresas. Ainda é o início. "Tudo o que estou vendo são experimentos", diz Arnie Lund, engenheiro na **General Electric**. Mas os aparelhos vestíveis serão úteis no local de trabalho sob todos os aspectos.

Nas fábricas e depósitos, os óculos inteligentes poderão tornar mais eficiente a localização e controle dos estoques, além de monitorar a produtividade dos empregados. As empresas de

REFLEXÕES XII

mineração e petróleo poderão usar aparelhos vestíveis para monitorar a segurança dos empregados em situações de risco.

First Vision, uma startup espanhola, está trabalhando numa camiseta esportiva com uma câmera embutida para dar aos fãs uma visão da ação de um jogador. **Virgin Atlantic**, **Japan Airlines** e outras empresas aéreas tentaram usar os óculos e relógios inteligentes para melhorar seu serviço de check-in. Os consumidores poderão se beneficiar no final, mas os compradores dos aparelhos vestíveis serão as empresas.

No caso das companhias o custo de equipar seus funcionários com aparelhos inteligentes é um problema menor do que estabelecer os sistemas de computadores necessários para dar suporte a tais aparelhos e processar seus dados. Isso pode custar US\$ 500 mil ou mais para cada aplicativo, afirma Dave Miller, da **Covisint**, empresa de tecnologia.

Os aparelhos vestíveis têm potencial para transformar alguns setores

Testes clínicos poderão se tornar mais baratos e mais acurados se as empresas farmacêuticas fornecerem monitores vestíveis para os pacientes que participarem. Hospitais e médicos podem usar monitores para reduzir a necessidade de visitas domésticas. As seguradoras poderão entrar numa nova era em que reduzirão os custos. Uma seguradora de saúde americana já está usando pulseiras para monitoramento da saúde para os clientes, prometendo mensalidades menores para aqueles que se exercitarem mais. Os bancos podem premiar seus clientes que usam acessórios de identificação de identidade para reduzir o risco de fraude de cartões.

REFLEXÕES XII

Riscos. As oportunidades são ilimitadas, mas também os dilemas. Os aparelhos vestíveis são muito pessoais e isto expõe as pessoas a riscos reais. À medida que os consumidores quantificam mais as suas vidas e armazenam mais dados médicos e sobre sua saúde eletronicamente, aumentam as chances de ele se comprometer. Atualmente não existe uma maneira direta de anular informações pessoais caso um aparelho seja perdido ou roubado. Mark O' Neill, da **Axway**, empresa de segurança de software, diz que os aparelhos vestíveis oferecem uma "nova possibilidade de ataque" para os criminosos virtuais.

Tais temores terão de ser aplacados para os consumidores se entusiasmarem com as tecnologias vestíveis agora que muitas empresas estão trabalhando neste campo. Mas o explosivo sucesso do smartphone demonstra que milagres podem acontecer quando desenvolvedores de software colocam suas mentes para explorar o pleno potencial de uns aparelhos carregados de sensores e com poder de computação. Não está claro ainda qual será o aplicativo matador dos aparelhos vestíveis.

Mas os fiéis da **Apple** continuarão orando para que um dia ele seja revelado. ●

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 16 de março de 2015.



Poderoso dólar

The Economist

Mercados emergentes excessivamente endividados correm o risco de trombar de frente com um dólar fortalecido

No mundo da economia, há uma autoridade acima de todas as outras. A presidente do banco central dos Estados Unidos, Janet Yellen, controla uma economia de US\$ 17 trilhões. O império de seu concorrente mais próximo, Mario Draghi, do Banco Central Europeu, chega a comparativamente mirrados US\$ 10 trilhões. Além do mais, o papel desempenhado pelo dólar na economia mundial significa que as ações de Yellen têm um impacto que vai muito além das fronteiras americanas, influenciando mais de US\$ 9 trilhões em empréstimos denominados em dólares, contratados por empresas não financeiras de outros países - uma quantia que seria mais que suficiente para comprar todas as ações das empresas listadas nas bolsas de valores de Xangai e Tóquio. Com o fortalecimento do dólar, motivado tanto pelo crescimento mais robusto da economia americana, quanto pela expectativa de que o Federal Reserve (o BC dos EUA) esteja se preparando para aumentar a taxa de juros, começa a ficar difícil carregar o fardo desse endividamento.

Contrair dívidas em dólar é uma prática generalizada - o mundo inteiro faz -, mas é nos mercados emergentes que mais cresceu esse tipo de endividamento. Entre 2009 e 2014, as dívidas denominadas em dólar dos países em desenvolvimento, tanto sob a forma de empréstimos bancários, como de títulos emitidos, mais que dobrou, passando de aproximadamente US\$ 2 trilhões para cerca de

REFLEXÕES XII

US\$ 4,5 trilhões, segundo o BIS (Banco de Compensações Internacionais). Países como Brasil, África do Sul e Turquia, cujo volume de exportações é muito menor que o de importações, financiam seus déficits em conta corrente contraindo empréstimos no exterior.



Com o fortalecimento do dólar, começa a ficar difícil carregar o fardo do endividamento para emergentes

Mas até países com a balança comercial equilibrada vêm se endividando pesadamente. Com a taxa de juros que incide sobre os ativos americanos em nível tão baixo - um título do Tesouro dos EUA com cinco anos de vencimento paga só 1,5% - quem tinha dólares para investir vinha procurando

negócios mais atraentes. As empresas dos mercados emergentes pareciam candidatas perfeitas. Algumas são figurinhas carimbadas: gigantes estatais do setor de energia, como a russa Gazprom e a brasileira Petrobrás emitem títulos em dólares por meio de subsidiárias com sede em Luxemburgo ou nas Ilhas Cayman. Outras são de menor porte. Nos últimos meses, a incorporadora indiana Lodha, a geradora de energia sul-africana Eskom e a turca Yasar, que atua no ramo de refeições congeladas, também realizaram emissões em dólar. Ao tomar empréstimos em moeda americana, pagando juros vários pontos percentuais abaixo da taxa incidente sobre suas moedas locais, os CEOs dessas empresas impulsionaram seus lucros no curto prazo.

REFLEXÕES XII

O problema é que o mercado financeiro raramente oferece almoço grátis. A queda acentuada nos preços do setor energético fez que empresas como **Gazprom** e **Petrobrás** passassem a operar com receitas em dólares muito inferiores às projetadas quando da contratação dos empréstimos. No caso de outras empresas, como **Lodha**, **Eskom** e **Yasar**, reduziram-se os lucros em dólar. Contrair dívidas pouco antes de uma mudança nas taxas de câmbio pode ser ruinoso. Em 2010, uma empresa turca que tomasse um empréstimo de US\$ 10 milhões por meio de um título com prazo de dez anos e juros nominais de 5% esperava pagar 22,5 milhões de liras (US\$ 15 milhões) até a data de vencimento do papel. Mas como a lira sofreu uma desvalorização de 43% em relação ao dólar, os desembolsos agora somariam mais de 39 milhões de liras.

Nos países onde a balança de pagamentos está equilibrada não há motivo para inquietação. As dívidas em moeda estrangeira das companhias asiáticas triplicaram entre 2008 e 2014, passando de US\$ 700 bilhões para US\$ 2,1 trilhões, um avanço, em termos do PIB regional, de 7,9% para 12,3%, segundo economistas do banco americano **Morgan Stanley**. Com o intuito de verificar se a região tem condições de enfrentar alta do dólar, esses economistas examinaram a contabilidade de 762 empresas asiáticas. O resultado do estudo é tranquilizador: em média, 22% das dívidas dessas empresas são denominadas em dólar, mas isso também acontece com 21% de seus lucros. Ainda que as empresas asiáticas tenham tido participação significativa na febre de endividamento que tomou conta dos mercados emergentes, no geral elas parecem bem posicionadas para aguentar o tranco da valorização do dólar.

REFLEXÕES XII

Apesar disso, há dois elementos que inspiram cautela. Em primeiro lugar, a situação na China é um enigma. O país detém US\$ 1,2 trilhão em títulos do Tesouro americano, muitos dos quais nas mãos do fundo soberano do país. Quando o dólar se fortalece, esse fundo se valoriza. Mas mesmo num país rico em dólares, pode haver nichos problemáticos. As companhias chinesas acumulam um desequilíbrio cambial preocupante. Quase 25% do endividamento do setor privado do país é denominado em dólar, mas isso só se aplica a 8,5% de seus lucros. E o pior, segundo o **Morgan Stanley**, é que 50% desse endividamento estão concentrados em 5% das empresas.

O ponto de maior vulnerabilidade na economia chinesa são as incorporadoras. Empresas como **Evergrande**, **China Vanke** e **Wanda** constroem e vendem salas comerciais e residências, de modo que auferem em yuans a maioria de seus lucros. Proibidas de contrair empréstimos nas instituições financeiras, essas empresas têm realizado inúmeras emissões de títulos em dólar. De acordo a agência de classificação de risco **Fitch**, elas também levantaram recursos com companhias fiduciárias, que se encontram, elas próprias, bastante alavancadas, tendo contraído empréstimos em dólar por meio de subsidiárias em Hong Kong. As consequências disso para a economia chinesa como um todo podem ser ainda mais graves se os preços do mercado imobiliário continuarem a cair, como têm feito nos últimos meses.

O segundo problema é que em certos países é a economia como um todo, e não apenas o setor privado, que parece exposta à alta da moeda americana. No Brasil e na Rússia, por exemplo, operações de resgate de empresas excessivamente

REFLEXÕES XII

endividadas em dólar confundem os limites que separam Estado, bancos e grandes corporações. O apetite generalizado por dólares contribuiu para a queda do real e do rublo. Outros países se arriscam a trilhar o mesmo caminho. Na Turquia, o endividamento em dólar tem crescido muito desde 2009: além dos empréstimos contraídos pelo setor privado, a dívida externa turca chegou a quase 50% do PIB, bem acima da média (23%) registrada pelos chamados MICs (sigla em inglês para "países de renda média", um agrupamento que, segundo os critérios do **Banco Mundial**, reúne nações em que o PIB per capita esteja entre US\$ 1 mil e US\$ 12,5 mil). Na África do Sul, a situação também parece preocupante: o país tem o maior déficit em conta corrente de todos os mercados emergentes, e a dívida externa pública é de 40% do PIB.

Uma onda de inadimplência dificilmente causaria problemas em tão larga escala como a crise do subprime de 2008. A maioria dos títulos emitidos por empresas dos mercados emergentes está em mãos de investidores institucionais, como fundos de pensão e seguradoras, que têm à disposição um farto volume de recursos para amortecer o impacto. Os bancos que concederam empréstimos agora têm de se submeter a normas muito mais severas do que há oito anos e, de modo geral, estão muito mais bem capitalizados. Uma *debacle* generalizada nos mercados emergentes não deve ter os efeitos catastróficos da crise que se iniciou com a quebra do **Lehman Brothers**. Mas levaria as empresas mais atingidas a realizar demissões em massa. E, com a reprecificação do risco a que os investidores devem proceder, provavelmente haverá também um brusco enxugamento do crédito. Países como África do Sul e Turquia, onde a economia desacelera a olhos vistos, não estão livres de sofrer uma colisão frontal com o dólar. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in a white serif font on a red rectangular background with rounded corners. The logo is set within a white rounded square frame that has a soft blue glow effect.

**The
Economist**

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 19 de março de 2015.

O papel limitado da tecnologia contra o Ebola

The Economist

O equipamento de ponta desenvolvido para ajudar na proteção de agentes de saúde pode não ser útil em países pobres

Em meio aos delírios e convulsões que o acometem, um paciente de Ebola com sintomas agudos é capaz de eliminar, por dia, dez litros de sangue e outros fluidos corporais, fezes e tecidos em decomposição, todos altamente contagiosos. Isso torna difícil e perigosa a tarefa de cuidar de pessoas infectadas com essa doença terrível - a ponto de haver médicos e enfermeiros que prefiram largar o emprego a ter de enfrentar mais um dia de trabalho estressante. Como em todos os episódios de Ebola, a prevenção a novas infecções durante o surto em curso na África Ocidental - o pior da história - implica direcionar grande dose de energia aos cuidados com os responsáveis pelo tratamento das vítimas do vírus. Ainda que equipamentos de alta tecnologia tenham sido desenvolvidos para proteger esses profissionais da saúde, há países em que a utilização de tais equipamentos talvez não seja muito recomendada.

O vírus do Ebola se dissemina por contato direto, que pode se dar por meio do mais insignificante fragmento de pele rachada ou de membranas mucosas presentes, por exemplo, nos olhos, nariz ou boca. A fonte de contaminação pode ser o sangue ou outros materiais corporais e objetos como agulhas e seringas. Equipamentos de proteção são necessários. Mas, ao sair à procura desse tipo de artefato especializado, Nichodemus Gebe, chefe de engenharia biomédica do Ministério da Saúde

REFLEXÕES XII

de Gana, não encontrou nenhuma unidade de tratamento que fosse facilmente transportável e capaz de conter o vírus. Em julho do ano passado, Gebe resolveu pedir ajuda à Odulair, uma empresa americana de Cheyenne, no Wyoming, especializada na produção de clínicas móveis.

Dois meses depois, a Odulair lançou uma unidade de



Agentes de saúde entram em zona de alto risco

isolamento modular para o tratamento de pacientes com Ebola. A fabricante garante que entre produção, entrega via aérea e instalação do produto não passa mais de um mês. A unidade mantém pressões atmosféricas variáveis entre os quartos a fim de impedir a propagação do vírus; embora não seja transmissível pelo ar, o Ebola é capaz de aderir a partículas que nele flutuam.

Por isso, uma pressão mais elevada é mantida nas áreas reservadas para a equipe médica e para os pacientes que aguardam diagnóstico. Nos quartos, o ar é purificado até 36 vezes por hora com filtros que recolhem quase todas as partículas cujo tamanho exceda um terço de micrômetro ou três milionésimos de metros, medidas inferiores às de um vírus de Ebola. O ar também é bombardeado com luz ultravioleta para matar os germes.

Vídeo-médico. As portas da unidade se abrem automaticamente, o que viabiliza a ronda de um robô de “telepresença”. Esse robô exibe imagens ao vivo de um médico

REFLEXÕES XII

ou enfermeira, possibilitando que eles conversem com os pacientes. O RP-VITA, como é chamado o robô, reduz significativamente o número de vezes que os profissionais envolvidos no atendimento às vítimas de Ebola precisam vestir roupas de proteção e entrar nos quartos, diz Anita Chambers, diretora da Odulair.

Todo lixo fluido e sólido, incluindo itens como agulhas e colchões, é direcionado para uma câmara cilíndrica, abrigada num contêiner. Aí, o lixo é esmagado por um triturador e então cozido em vapor escaldante, sob alta pressão, até restar no interior da câmara apenas um pó acinzentado e estéril. A unidade de isolamento da Odulair também incorpora um sistema nebulizador que esteriliza os quartos desocupados com vapor de peróxido de hidrogênio. Alguns hospitais desinfetam seus quartos com máquinas operadas por controle remoto, como a Q-10, fabricada pela britânica Bioquell, ou com um robô produzido pela texana Xenex Disinfection Services, que é capaz de esterilizar um quarto em dez minutos.

No início do segundo semestre de 2014, o Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projetos (UNOPS) em Abidjã, capital da Costa do Marfim, recomendou que alguns países africanos investissem nesses kits.

Mas, de lá para cá, a Odulair vendeu apenas duas de suas unidades de isolamento, e o destino delas não foi nem a África nem qualquer outro país onde existam pacientes de Ebola. A primeira unidade foi adquirida por uma empresa que presta serviços para o Departamento de Segurança Nacional dos EUA, e a segunda, por Trinidad e Tobago. Para países pobres, equipamentos desse tipo são caros demais, diz o ganhês Gebe. Uma unidade Odulair que comporte dez casos confirmados de

REFLEXÕES XII

Ebola e oito com suspeita de contaminação custa cerca de US\$ 900 mil - e no preço não está incluso o robô. Um Q-10 sai por aproximadamente US\$ 53 mil, e um Xenex, por cerca de US\$ 100 mil.

Não é apenas o custo que impede a utilização de soluções *high-tech* em focos de infestação de Ebola. A realização de atividades de reparo e manutenção é problemática. Peças e ferramentas pontiagudas podem perfurar as roupas de proteção e causar ferimentos, aumentando os riscos de infecção. Pouco familiarizados com esse tipo de tecnologia, os técnicos locais às vezes não se dispõem a realizar consertos, diz Agnès Lamaure, uma especialista em logística da Médicos Sem Fronteiras (MSF), a ONG francesa que protagonizou grande parte do esforço internacional de combate ao Ebola.

Outra dificuldade é que, na maior parte das vezes, as clínicas de campanha de Ebola precisam gerar sua própria eletricidade. Portanto, no cálculo do valor de um sistema ou dispositivo como esse entra não apenas o custo financeiro, mas também a preciosa quantidade de energia que ele deve consumir, acrescenta Lamaure. Na África, os *sprays* operados com bombas manuais, geralmente empregados para aplicar pesticidas em jardins, são a maneira mais prática de pulverizar com desinfetantes um centro de Ebola. E, em vez de importar máquinas para destruir materiais infectados, que podem custar até US\$ 300 mil, esses centros queimam o lixo por eles produzido em poços que depois são lacrados e cobertos com concreto.

Apesar disso, algumas inovações tecnológicas têm se mostrado úteis na África Ocidental, onde, apesar da queda no número de casos de Ebola, a doença permanece ativa. Por muitos anos,

REFLEXÕES XII

a bíblia sobre o combate a surtos epidêmicos em países pobres foi um relatório elaborado pela Organização Mundial da Saúde e pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês) dos EUA, intitulado "Controle de Infecções para Febres Virais Hemorrágicas nas Condições dos Sistemas de Saúde na África". O documento priorizava uma espécie de "realismo do mínimo denominador comum", baseado nos recursos que se encontravam amplamente disponíveis, e não nos mais adequados, diz o epidemiologista da MSF Armand Sprecher. Isso contribuiu para fazer do vestuário cirúrgico a roupa padrão dos profissionais envolvidos no atendimento a pacientes de Ebola.

No entanto, roupas confeccionadas para serem usadas em centros cirúrgicos não são as mais apropriadas para, por exemplo, recolher cadáveres que jazem em meio a fluidos corporais infecciosos. Aventais e roupões cirúrgicos deixam a maior parte das costas do profissional desprotegidas. Assim, quando ele se agacha para levantar um corpo, o material acumulado em suas botas tende a umedecer o tecido de algodão de suas vestes cirúrgicas na região das nádegas e das coxas. "É uma sensação desagradável", diz o dr. Sprecher, que começou a colaborar com a MSF no combate a surtos de Ebola em 2000, alguns anos antes de macacões confeccionados com Tyvek, uma fibra sintética da **DuPont**, tornarem-se amplamente disponíveis.

O Tyvek é produzido com fibras de polietileno de alta densidade. Essas fibras não são obtidas por fiadura, como a maior parte dos tecidos, e sim por um processo chamado "*flashspun*", que envolve a evaporação de um solvente. Embora impermeável e resistente a rasgos e rupturas, o Tyvek

REFLEXÕES XII

não impede a passagem de moléculas de ar sob alta pressão. Isso tem levado à adoção em larga escala de um tecido laminado ainda mais impermeável chamado Tychem, também fabricado pela **Dupont**.

No entanto, os macacões feitos com Tychem têm uma grande desvantagem.

Esse material restringe a tal ponto as trocas gasosas que o resfriamento evaporativo é suprimido, de modo que, sob calor excessivo, o profissional pode sofrer um rápido superaquecimento corporal, ficando vulnerável a episódios de confusão mental ou mesmo insolação. A transpiração e o cansaço se acumulam em ritmo tão acelerado que na África Ocidental as atividades com esse tipo de macacão são limitadas a duas ou, às vezes, três sessões diárias de 45 minutos, informa Hélène Esnault, uma enfermeira da MSF que atualmente trabalha na República Democrática do Congo. O dr. Sprecher tem esperança de que pesquisas conduzidas pelos CDC levem à elaboração de um tecido tão resistente ao Ebola como o Tychem, porém mais respirável.

Na última década, as luvas de látex foram largamente substituídas por luvas feitas com nitrila, uma borracha sintética que resiste melhor à ação corrosiva dos desinfetantes a base de cloro. Um número cada vez maior de óculos protetores é fabricado sem aberturas de ventilação na borda superior, a fim de impedir que os olhos do profissional sejam expostos a agentes de contaminação misturados ao suor ou à chuva. E agora, nos países africanos mais pobres, é muito mais generalizado o uso de máscaras cirúrgicas, cujo preço caiu cerca de 75% nos últimos 15 anos, diz Juan Martínez

REFLEXÕES XII

Hernández, um epidemiologista e especialista em Ebola de Madrid.

No entanto, as máscaras cirúrgicas deixam de ser eficazes quando encharcadas de suor. Máscaras de tipo “bico de pato”, que não se colam ao rosto, funcionam melhor, mas são mais caras. A MSF vem testando uma série de máscaras respiratórias, impulsionadas por uma bateria presa ao cinto. O ar filtrado é levado por uma mangueira de borracha até um capuz dotado de um visor de plástico. Sua liberação ocorre em volume maior do que aquele que a pessoa é capaz de inalar, o que mantém sob o capuz uma pressão ligeiramente mais elevada do que a ambiente, ajudando, assim, a impedir o contato com partículas flutuantes.

A um custo unitário de cerca de US\$ 1,6 mil, há poucas “máscaras respiratórias de pressão positiva” em utilização na África Ocidental. E usá-las pode ter consequências negativas, diz o dr. Hernández, um dos signatários de uma carta publicada no periódico de medicina **The Lancet**, desencorajando o uso dessas máscaras. Médicos e enfermeiros que veem colegas usando uma máscara assim, sentem-se menos inclinados a trabalhar com máscaras passivas, muito embora, usadas com cautela, estas últimas ofereçam proteção suficiente, garante ele. Ministérios da saúde de vários países africanos querem impedir que o padrão de proteção seja elevado a níveis financeiramente impraticáveis, acrescenta o dr. Sprecher, da MSF.

Uma maneira prática de prevenir infecções e diminuir o risco para os profissionais da saúde é educar a população sobre a doença, diz Khadija Sesay, diretora da Open Government Initiative em Serra Leoa. Com a ajuda da **IBM**, a entidade usa

REFLEXÕES XII

softwares para analisar mensagens de texto e ligações telefônicas para números de emergência do governo. Com base nisso é possível mapear a prevalência de pessoas cujos comportamentos podem espalhar a infecção. Comer carne de animais selvagens, por exemplo, pode transmitir o vírus de Ebola. É improvável, portanto, que as tecnologias mais sofisticadas venham a ter um papel muito significativo no combate ao Ebola na África, principalmente se o número de infectados continuar alto. O Ebola já atacou e foi debelado antes, mas ainda que arrefeça, um dia estará de volta. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 23 de março de 2015.

A leveza do ser

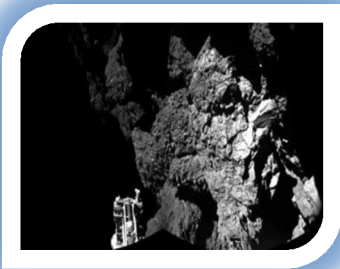
The Economist

Para se locomoverem em asteroides e cometas, veículos espaciais têm de empregar sistemas pouco convencionais

Depois de viajar mais de 6 bilhões de quilômetros pelo espaço por mais de uma década, a sonda Rosetta, da Agência Espacial Europeia (ESA, na sigla em inglês) começou a orbitar o cometa 67P/Churyumov-Gerasimenko no ano passado. Em novembro, a nave-mãe lançou o Philae, seu módulo de aterrissagem, que pareceu pousar com sucesso na superfície do corpo celeste. Mas o entusiasmo que tomou conta dos centros de controle europeus logo deu lugar à preocupação.

O Philae tornou a levantar voo por causa de uma falha nos arpões impulsioneados a explosivos que deveriam tê-lo ancorado no corpo celeste. Os arpões eram necessários porque um astro de dimensões reduzidas, como um cometa, gera

pouca gravidade. Tão pouca que, se tivesse se descolado do solo a mais do que 44 centímetros por segundo, o módulo teria corrido o risco de ultrapassar a velocidade de escape do cometa, isto é, a velocidade que um objeto precisa alcançar para se soltar da gravidade de um corpo celeste.



Pouso do Philae no cometa 67P

O acaso fez que o Philae descesse de novo sobre a superfície do

REFLEXÕES XII

cometa, desta vez num ponto onde a luz do sol é insuficiente para alimentar seus painéis de energia. O módulo ainda conseguiu transmitir alguns dados para os centros de controle, até que, 64 horas depois, suas baterias se descarregaram. Se um dia o 67P se deslocar até um lugar onde receba mais luz do sol, o Philae talvez possa ser ressuscitado. Apesar disso, as dificuldades enfrentadas por essa missão ajudam a esclarecer por que as agências espaciais têm investido tanto no desenvolvimento de máquinas capazes não apenas de pousar em corpos celestes onde a atração gravitacional é mínima, mas também se locomover em sua superfície sem ficar esvoaçando para todo lado.

Veículos como os rovers circulam sem problemas pela Lua e por Marte, mas a gravidade desses dois astros é apenas reduzida - um sexto e um terço, respectivamente, da existente na Terra, cuja velocidade de escape é de 11 quilômetros por segundo. Rovers que se movem sobre rodas ou sobre lagartas provavelmente seriam capazes de operar com até um centésimo da gravidade terrestre, diz Issa Nesnas, diretor do Robotic Mobility Group, divisão do Jet Propulsion Laboratory que a Nasa tem em Pasadena, na Califórnia. Mas sob a microgravidade de corpos pequenos, como asteroides e cometas, esses veículos não têm como se firmar em seu solo. Para veículos sobre rodas o problema é ainda maior: ao se descolar do chão, elas podem girar em falso, desperdiçando energia. Conclusão: na microgravidade, os rovers precisam de um sistema de locomoção totalmente diferente.

Por estranho que pareça, um meio de transporte de grande potencial na microgravidade é o “pula-pula espacial”, uma máquina que não tem nada a ver com as bolas pula-pulas que

REFLEXÕES XII

fizeram sucesso entre as crianças nos anos 1970 e 1980, mas que se baseia no mesmo princípio.

O primeiro pulo. Ainda não se sabe se um “pula-pula espacial” funcionaria no espaço. Mas a ideia poderá ser testada dentro de alguns anos. Uma nave transportando quatro robôs pula-pulas foi lançada do centro espacial japonês Tanegashima em 3 de dezembro último. A missão, que leva o nome de Hayabusa 2, está sob a responsabilidade da Agência Japonesa de Exploração Aeroespacial. O objetivo é coletar amostras num asteroide chamado 1999 JU3 e trazê-las para a Terra. A nave deve alcançar o asteroide no segundo semestre de 2018 e passará cerca de um ano realizando estudos sobre ele. Então chegará bem perto para disparar projéteis contra a superfície do astro. Isso fará com que vários materiais sejam lançados para o alto, e a nave os capturará com um bico sugador.

Com um diâmetro de aproximadamente um quilômetro apenas, o 1999 JU3 tem uma velocidade de escape de 32 centímetros por segundo. Para percorrer sua superfície, os rovers usarão uma massa interna móvel. O maior rover a bordo do Hayabusa 2 é uma máquina cuboide de 10 quilos, chamada Mascot (sigla de Mobile Asteroid Surface Scout). O Mascot utiliza um braço rotativo interno, com contrapeso, que lembra um pêndulo. Um motor elétrico faz o braço girar e então, de repente, interrompe o movimento. Esse sacolejo transfere inércia para o corpo do rover, pressionando-o contra a superfície e fazendo a máquina saltar. Para garantir que ela volte a estabelecer contato com a superfície e não fique à deriva no espaço, a velocidade do pulo tem de ser limitada a cerca de dois terços da velocidade de escape do asteroide.

REFLEXÕES XII

O Mascot foi fabricado pelo centro aeroespacial alemão DLR. Além de pular, ele pode usar seu braço rotativo para dar cambalhotas, caso pare do lado errado ao aterrissar. O objetivo é garantir que seus instrumentos - uma câmera, um magnetômetro (para medir campos magnéticos), um radiômetro (para medir temperatura e radiação) e um microscópio infravermelho (para estudar minerais) - estejam todos voltados para a direção correta.

Mecanismos como o Mascot são mais leves e menos complicados do que sistemas que operam sobre rodas ou lagartas. Além disso, por se movimentarem aos pulos, não precisam de informações detalhadas sobre o terreno, a partir das quais possam traçar rotas mais seguras. Mesmo que um pula-pula espacial pouse sobre uma rocha angulosa, é pouco provável que sofra danos, pois na microgravidade, os objetos têm uma fração de seu peso na Terra. Pular também despende menos energia do que pôr as rodas de um veículo em movimento. Com uma quantidade de energia equivalente à necessária para manter um iPad em funcionamento por não muito mais que 30 segundos um Mascot percorre cerca de 70 metros, diz Tra-Mi Ho, que chefia o projeto.

A fim de que esse rover de US\$ 32 milhões fosse leve e pequeno o bastante para ser transportado pela nave-mãe, seus projetistas o deixaram sem painéis de energia solar. Ou seja, ele não tem como recarregar suas baterias, que duram perto de 16 horas, ou o equivalente a dois dias e duas noites no asteroide. Assim, entre um pulo e outro, o Mascot tem de dar conta de muito trabalho.

A agência espacial francesa CNES está analisando os dados das aterrissagens desgovernadas do Philae para calibrar

REFLEXÕES XII

melhor os pulos que o Mascot dará. Informações coletadas pelo Hayabusa 2 sobre a gravidade e a composição da superfície do 1999 JU3 serão usadas para calcular as velocidades do braço rotativo que proporcionarão ao rover pulos mais eficientes, diz Pierre Bousquet, diretor de projetos de microgravidade.

Em queda livre. O maior desafio será pôr os quatro rovers no asteroide, diz Ho, da DLR. Eles terão de ser ejetados da nave-mãe a velocidades e posições precisas, para seguir em queda livre por cerca de 100 metros, até alcançar a superfície do corpo celeste, acrescenta ela. Esse tipo de operação é complicado, como demonstrou a primeira missão Hayabusa, realizada em 2005. Posicionada 200 metros acima de um asteroide de nome Itokawa, a nave-mãe lançou o pula-pula espacial Minerva. Foi um erro. Logo se descobriu que o lançamento deveria ter sido feito a 70 metros de distância apenas. O Minerva não foi capturado pela gravidade do corpo celeste e saiu vagando pelo espaço. Os três Minervas-II, de fabricação japonesa, transportados pelo Hayabusa 2, são variações melhoradas desse rover original que se perdeu.

Se os pula-pulas espaciais do Hayabusa 2 funcionarem bem, esses rovers ajudarão a ampliar as atividades de exploração extraterrestre, particularmente em asteroides e cometas. O interesse dos cientistas por esses astros se deve ao fato de que eles são o resquício em estado mais puro dos primórdios do sistema solar, não tendo sido adulterados por muitas das transformações químicas e geológicas que tiveram lugar nos planetas. Alguns deles talvez contenham substâncias que antecedem a formação de estrelas. Muitos parecem ricos em

REFLEXÕES XII

moléculas orgânicas complexas contendo carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio.

Alcançar os asteroides que orbitam a Terra pode ser mais fácil e barato do que chegar a planetas e luas. E, como a velocidade de escape dos pequenos corpos celestes é muito baixa, o combustível a ser transportada para permitir a decolagem de um veículo estacionado em sua superfície também tende a ser reduzido. Assim, os asteroides poderiam servir como escalas intermediárias em viagens tripuladas com destino a pontos mais distantes no espaço, diz Marco Pavone, um especialista em robótica da Universidade de Stanford que está projetando um pula-pula espacial para a Nasa. Talvez seja possível também extrair desses astros rochosos elementos como oxigênio e hidrogênio, a fim de reabastecer suprimentos de água, ar respirável e combustível.

O pula-pula espacial em que Pavone e seus colegas estão trabalhando é dotado de três volantes internos, um para cada eixo. Esses volantes são impulsionados por motores elétricos independentes, o que lhes permite operar com velocidades diferentes. Para pular, a energia inercial de cada volante precisa ser transferida para a estrutura do robô de forma simultânea.

Alguns pula-pulas espaciais que usam sistemas semelhantes são conhecidos como “porcos-espinhos”, por causa de suas hastes protetoras. Um desses protótipos, montado no Jet Propulsion Laboratory, usava freios para breicar os volantes. A equipe de Stanford está experimentando outro método, com impulsão mais brusca e menor perda de energia sob a forma de calor na frenagem. O sistema usa uma peça metálica para travar cada um dos volantes. Com vários volantes, os pulos são

REFLEXÕES XII

mais controláveis e precisos. Benjamin Hockman, um engenheiro mecânico que participa do projeto, diz que os porcos-espinhos também poderiam ser empregados na exploração de satélites naturais como Fobos, uma lua marciana com reduzida atração microgravitacional.

Uma equipe da Universidade de Tóquio adotou abordagem diversa. Construíram um pula-pula esférico, impulsionado por eletromagnetos. Funciona assim: quatro eletromagnetos são fixados na parede interna da esfera, em cujo centro permanece suspensa uma pequena bola de ferro. Com uma bateria elétrica, ativa-se um ou mais eletromagnetos, fazendo com que a bola de ferro seja atraída para determinado ponto na extremidade da esfera. Isso transmite energia cinética para a estrutura do robô, e assim tem início o pulo. O mecanismo também deve permitir ao rover rolar por uma superfície, diz seu projetista Yoshihiko Nakamura.

Rolar é outra opção para os rovers que precisam operar sob baixa gravidade. “Estruturalmente maleável” é o nome de um robô projetado para se locomover dessa maneira. Sua estrutura é uma espécie de treliça, feita com hastes rígidas, interligadas por cabos elásticos. Agentes mecânicos são empregados para encurtar e encompridar os cabos, de modo que o rover muda de forma conforme vai tombando na direção pretendida. Embora desengonçado, esse robô precisa de pouca tração para executar seu “movimento de rolagem pontuada”, diz Alice Agogino, pesquisadora da Universidade da Califórnia, em Berkeley, cujo projeto é financiado pela Nasa. A ideia é que os instrumentos do rover e sua unidade de energia permaneçam suspensos no centro da estrutura.

REFLEXÕES XII

No Ames Research Centre, da própria Nasa, uma equipe associada à de Agogino desenvolve rovers estruturalmente maleáveis, batizados de Super Ball Bots. Os pesquisadores trabalham com a perspectiva de que seus robôs sejam usados em Fobos ou em Titã, uma das luas de Saturno. Com um sétimo da gravidade terrestre, Titã poderia ser percorrido com um rover tradicional, que se movesse sobre rodas. Mas um Super Ball Bot num lugar assim tem a vantagem de fazer as vezes tanto de sistema de locomoção, como de mecanismo de pouso, diz Vytas SunSpiral, especialista em robótica envolvido no projeto. Por não empregarem juntas rígidas, essas estruturas absorvem grandes impactos sem sofrer danos. Os rovers tradicionais enviados para Marte são acolchoados com sistemas de airbags - caros, complexos e pesados. Um Super Ball Bot poderia cair de órbita ou despencar de um penhasco e tornar-se seu próprio airbag, diz SunSpiral.

Mas a mobilidade em condições de atração microgravitacional não é tudo. Às vezes os rovers precisam parar e colher amostras. Os projéteis que o Hayabusa 2 vai disparar contra a superfície do 1999 JU3, a fim de lançar amostras para o alto, têm uma explicação simples: é impossível fazer perfurações no asteroide. Nenhum sistema robótico de ancoragem em condições de microgravidade foi usado com sucesso até hoje, e, sem tal sistema, seria a nave espacial, ou o rover, e não a broca da perfuratriz, que giraria. Aaron Parness, que trabalha na unidade de robótica aplicada a “condições ambientais extremas” do Jet Propulsion Laboratory bolou uma máquina que usa centenas de pequenas garras para se firmar na superfície irregular frequentemente encontrada em corpos celestes como os asteroides. A máquina ainda está em

REFLEXÕES XII

desenvolvimento, mas pode subir pela face vertical de uma rocha e até andar de ponta-cabeça.

Até serem testadas em microgravidade real, não há como ter certeza de que esses rovers funcionarão. É impraticável reproduzir perfeitamente uma missão sob condições simuladas de microgravidade na Terra. Alguns componentes do sistema Mascot foram testados numa torre de queda livre de 146 metros, em Bremen, na Alemanha, que usa uma catapulta para produzir 9,3 segundos de quase ausência de gravidade. O Draper Laboratory, um centro independente com sede em Cambridge, no estado americano de Massachusetts, testou os sistemas de orientação e controle de um protótipo de pula-pula espacial durante um voo de gravidade reduzida. Mas a primeira oportunidade de completar uma missão desse tipo caberá a um dos quatro pula-pulas espaciais transportados pelo Hayabusa 2. Falta decidir qual deles.

Salvando o planeta. O sucesso na utilização dessas máquinas é mais importante do que as pessoas tendem a imaginar. Embora desenvolvidos para a realização de atividades exploratórias, os rovers que operam sob microgravidade um dia ainda podem salvar a Terra de uma colisão catastrófica com um asteroide. Como muitos asteroides são formados por rochas fracamente aglutinadas, não seria fácil empurrá-los ou atraí-los para uma órbita segura. Mas uma gambiarra talvez dê conta do recado, conjectura Bousquet, da CNES. Assim como os pula-pulas espaciais funcionam com base no princípio de que toda ação gera uma reação oposta e equivalente, a luz e o calor que se refletem na superfície de um asteroide exercem uma pequena pressão. De modo que, aumentar a refletividade das rochas

alteraria esse discreto ricochete, modificando, com o passar do tempo, a própria trajetória do asteroide. Seja como for que venham a se locomover, o fato é que os rovers capazes de operar sob condições de gravidade extremamente baixa um dia ainda podem ter um trabalho importantíssimo a fazer. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red background with rounded corners.

The
Economist

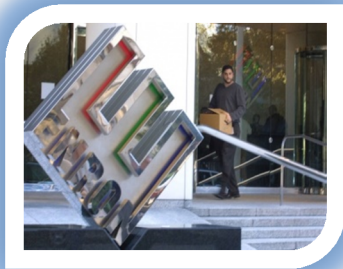
The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 23 de março de 2015.

A finalidade de uma empresa

The Economist

Um velho debate está sendo retomado: a empresa pode visar apenas ao lucro ou precisa ter consciência social?



Busca de lucro a qualquer custo levou a falências célebres, como a da Enron, em 2000

No ano 2000, dois professores norte-americanos de Direito - Henry Hansmann, da **Universidade de Yale**, e Reiner Kraakman, de **Harvard** - declararam que o debate mais acirrado em torno da lei que rege as empresas havia sido resolvido. Por décadas, conservadores e progressistas vinham discutindo se o objetivo de uma

companhia é maximizar o valor da empresa em favor dos acionistas ou perseguir um objetivo social mais abrangente. Agora, os conservadores venceram. O capitalismo anglo-saxônico varreu tudo à sua volta. E os sistemas legais do mundo convergiam para o modelo que privilegia a valorização da companhia em benefício do acionista.

A dupla dificilmente poderia ser mais infeliz em termos de *timing*. Não muito tempo depois da publicação do artigo, diversas empresas que orgulhosamente adotavam práticas visando à maximização do valor somente para beneficiar seus acionistas, acabaram em cinzas: **Enron**, **Arthur Andersen** e **WorldCom**, entre outras. Seis anos depois, o colapso do

REFLEXÕES XII

banco **Lehman Brothers** desencadeou uma crise global. Jack Welch, ex-presidente da **GE** e a imagem da escola conservadora de negócios, disse que privilegiar a maximização do valor de uma empresa para beneficiar seus acionistas "era a ideia mais estúpida já vista".

Os defensores do modelo podem retrucar que algumas maçãs podres não irão estragar todas que estão na cesta. Esses casos já foram resolvidos e as leis de vigilância corporativa, fortalecidas. Mas o modelo que privilegia o máximo de valor em prol do acionista tem problemas conceituais e também práticos. Seus proponentes afirmam que as empresas são propriedade dos acionistas, quando na verdade são "pessoas jurídicas" que detêm a sua propriedade. Os acionistas são apenas proprietários de ações - ou seja, pacotes de direitos como o de receber dividendos e votar em determinados assuntos. A pessoa jurídica dá aos acionistas o benefício da responsabilidade limitada: os credores só podem exigir ressarcimento via Justiça embargando os ativos da empresa, e não os do acionista. E também oferece às companhias o benefício do bloqueio do capital, para que elas possam prosseguir com seus projetos de longo prazo. Se os acionistas quiserem seu dinheiro de volta, terão de vender suas ações.

Curto prazo. Os argumentos em favor da maximização do valor para o acionista com frequência são utilizados para pressionar uma companhia a operar de modo a gerar ganhos em curto prazo para os acionistas - como, por exemplo, aceitar uma proposta de aquisição. Entretanto, nos Estados Unidos, a maioria das jurisdições legais tem uma versão da "regra de julgamento dos negócios", que dá aos diretores plena liberdade para agir de acordo com os interesses em longo

REFLEXÕES XII

prazo da companhia, mesmo que isso signifique sacrificar ganhos em curto prazo. Na prática, naturalmente, os acionistas não formam um bloco homogêneo com um interesse coletivo em comum; os operadores que compram tão logo sentem o cheiro de uma oferta podem ter uma perspectiva diferente dos investidores que mantêm suas ações durante décadas.

As fundações que administram empresas geralmente são criadas para reduzir a carga fiscal

Com os conservadores na defensiva, os progressistas agora vêm pressionando com o objetivo de assumir uma posição de vantagem. Num novo livro, **How Good We Can Be** (O Quão Bom Podemos Ser, em tradução aproximada), Will Hutton, colunista de um jornal britânico, faz um apelo para as empresas "agirem pensando de acordo com século XXI": é preciso exigir que as empresas declarem sua intenção de "oferecer bens e serviços particulares que atendam a uma necessidade econômica ou social". Numa recente palestra na Academia Britânica, Colin Mayer, professor de administração em **Oxford**, sugeriu que as empresas sejam obrigadas a "expressar seus objetivos". Os diretores devem responder pela realização das metas declaradas.

O controle da propriedade deve ficar em mãos de pessoas que podem assegurar que os diretores cumpram com suas responsabilidades. Mayer disse que um número surpreendente de empresas que ele considera entre as melhores do mundo, como **Bosch**, **Carlsberg**, **Bertelsmann** e **Tata**, são de propriedade de fundações comprometidas em buscar o bem comum. Darrell West, do **Instituto Brookings**, em Washington, observa o declínio da

REFLEXÕES XII

ideia segundo a qual as companhias são criação do Estado e apenas recebem o privilégio de empreender em troca da realização de um objetivo público.

Como fazer. Tudo isto soa muito civilizado. Mas quem decidirá se as novas empresas buscarão o bem comum? Será um comitê dos grandes e bons que irá interrogar os jovens *designers* de aplicativos quanto aos benefícios sociais das suas invenções? Os concorrentes estrangeiros que não têm obrigação de passar no teste do interesse público serão barrados do mercado? Ou os empreendedores domésticos que decidirão abrir suas empresas no exterior?

Tampouco as fundações são os modelos de virtude que Sir Colin imagina; com frequência elas são criadas com o objetivo de reduzir a carga fiscal da companhia e invariavelmente o poder é transferido para um grupo seletivo de privilegiados. A **Carlsberg** vem passando por dificuldades depois de sua entrada no mercado russo e recentemente substituiu seu CEO. A **Bertelsmann** depende enormemente dos seus canais de TV na Alemanha, não obstante as tentativas repetidas de aderir à revolução digital. A **Tata** tem inúmeras empresas com baixo rendimento, assim como também algumas com resultados excelentes. Quanto a **Mr. West** e as supostas virtudes de empresas criadas pelo Estado, a resposta numa palavra a ele é: **Petrobrás**.

O segredo do sucesso da empresa moderna é precisamente o fato de ela ser uma organização sem limites específicos. Até o século XIX, as companhias tinham de ter uma finalidade pública (dominação imperialista, normalmente) em troca da responsabilidade limitada. Mas vários governos, a começar pelos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, aboliram estas

REFLEXÕES XII

restrições e permitiram que as empresas se formassem apenas para realizar negócios. Este simples ato de liberalização deu origem à economia moderna. Essa ausência de limites permitiu que as empresas evoluíssem: as *startups* têm objetivos muito distintos para desenvolver seus negócios.

Essa ausência de limites reflete as realidades da vida corporativa: longe de serem escravos do preço das ações, como imaginam os progressistas, muitas companhias estão envolvidas num processo constante de negociação entre administradores e investidores sobre sua estratégia e horizontes de tempo. Empresas maduras como **Shell**, **Intel** e **Nestlé** em geral investem em longo prazo, sem nenhuma interferência de gestores de fundos. Empresas da nova economia, como **Google**, **Facebook** e particularmente a **Amazon** não tiveram dificuldade para convencer seus investidores a sacrificar seus retornos de curto prazo (e mesmo qualquer outro tipo de controle sobre os ganhos) em troca de ganhos de longo prazo.

O fato de que as empresas não necessitam declarar um objetivo nobre para desfrutar do privilégio de empreender não é um problema, mas sim sua própria essência. É essa característica que define a empresa moderna. Caso isso mude, toda a máquina poderá deixar de funcionar. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 25 de março de 2015.

Crianças em penitenciárias para gente grande

The Economist

Não faz sentido tratar jovens infratores como adultos

Em maio de 2014, duas meninas de 12 anos atraíram sua colega Payton Leutner até um bosque em Waukesha, no Estado americano do Wisconsin, esfaquearam-na 12 vezes e a largaram no meio do mato, acreditando que ela morreria. As garotas dizem que estavam tentando agradar o Slender Man, um personagem fictício que surgiu como um Meme na internet e é descrito como um ser sobrenatural que persegue crianças. Leutner já voltou a frequentar a escola, mas as duas meninas, acusadas de tentativa de homicídio, estão em prisão preventiva. No Wisconsin, todos os assassinos que tenham mais de 10 anos são postos imediatamente sob a alçada da Justiça Criminal; e em 13 de março último, o juiz encarregado do caso decidiu que as duas serão julgadas como adultas. Se forem condenadas, podem passar até 65 anos na cadeia.

Nos Estados Unidos, a tendência a submeter os adolescentes às mesmas leis que se aplicam aos adultos ganhou força nos anos 1990, quando a criminalidade juvenil cresceu muito. Entre 1990 e 2010, o número de jovens infratores que cumprem pena em penitenciárias aumentou quase 230%. Atualmente, cerca de 10% dos jovens confinados encontram-se em cadeias ou penitenciárias destinadas a criminosos adultos. Isso é ruim por dois motivos. Custa caro: por ano, são necessários mais de US\$ 31 mil, em média, para manter um adulto preso. E tende a transformar jovens de comportamento problemático em verdadeiros criminosos. Segundo o Centres

REFLEXÕES XII

for Diseases Control, um órgão do Departamento de Saúde do governo americano, adolescentes que são julgados como adultos têm quase 35% mais chances de voltarem a ser presos do que aqueles cujas penas são decididas com base na legislação específica para jovens infratores.



As meninas Anissa Weier e Morgan Geyser estão em prisão preventiva por terem esfaqueado a colega Payton Leutner em um bosque em maio do ano passado

O risco que uma criança corre de ser julgada como uma pessoa adulta depende mais do Estado do que do crime cometido. Na Pensilvânia, qualquer criança acusada de homicídio fica desde o início do processo nas mãos da Justiça Criminal. No Mississippi, a partir dos 13 anos, garotos e garotas acusados de crimes considerados graves são mandados para as varas criminais, mas no Alabama os jovens infratores continuam submetidos a uma legislação específica até os 16 anos (ainda que, a partir dos 14, possam ser julgados criminalmente, se assim decidir o juiz encarregado de seu caso).

Na Carolina do Norte e em Nova York, os jovens de 16 anos são julgados como se fossem adultos, qualquer que seja a circunstância. Quando têm autoridade para decidir se mandam ou não um jovem para a Justiça Criminal, juízes e promotores não costumam agir com imparcialidade. Em 2012, a possibilidade de que um jovem infrator fosse submetido à Justiça Criminal era 40% maior entre adolescentes negros do

REFLEXÕES XII

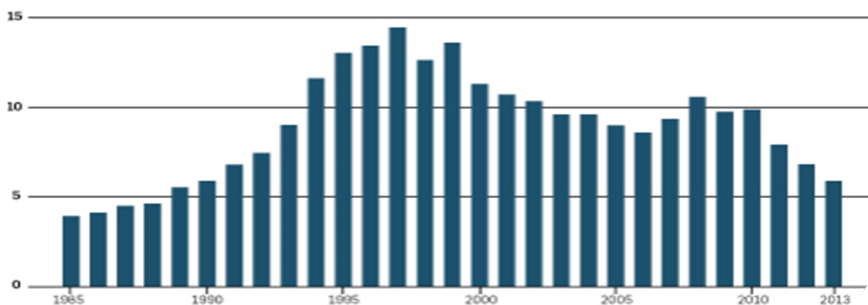
que entre adolescentes brancos, informa o Departamento de Justiça americano.

Acontece que é mais fácil reabilitar um garoto do que um homem feito. Em razão disso, programas que mantêm os jovens longe das penitenciárias tendem a gerar economia de recursos e redução nos índices de criminalidade. O Estado de Connecticut, por exemplo, chegou a liderar as estatísticas nacionais no confinamento de jovens com adultos. O número de menores de idade encarcerados em penitenciárias era 20% maior do que em qualquer outro Estado americano. Mas entre 1997 e 2001 o quadro foi revertido. Elevando a idade até a qual um jovem infrator pode ser submetido à legislação específica para menores e limitando as prisões de jovens por delitos menos graves, Connecticut conseguiu reduzir em mais

JAROTOS E GAROTAS ATRÁS DAS GRADES

● Jovens presos como adultos

EM MILHARES



FONTE: THE SENTENCING PROJECT; THE ECONOMIST

REFLEXÕES XII

de 75% o número de jovens em seu sistema penitenciário. Em vez de recorrer às expulsões ou à própria polícia para lidar com os alunos mais problemáticos, diversos distritos escolares agora oferecem acompanhamento psicológico. O governo estadual economizou milhões de dólares e a criminalidade juvenil continua a cair.

Desde 2005, segundo o grupo ativista Campaign for Youth Justice, 29 Estados, além da cidade de Washington, aprovaram leis para dificultar o julgamento e a condenação de jovens infratores pela Justiça Criminal - e vários outros Estados pensam em adotar medidas semelhantes.

A Suprema Corte contribuiu para essa mudança. Em 2005, argumentando que os jovens têm um “senso de responsabilidade ainda não plenamente desenvolvido”, o tribunal proibiu que eles fossem condenados à morte. Em 2010, a corte vetou as condenações à prisão perpétua sem direito a liberdade condicional para menores julgados por crimes que não envolvessem homicídios, e em 2012 essa decisão foi estendida a todos os crimes cometidos por jovens infratores. Os juízes das varas criminais ainda podem trancar um adolescente numa cela e jogar a chave fora, mas antes precisam levar em conta a “imaturidade (e a) impetuosidade” dos jovens.

Alguns Estados entenderam que a decisão da Suprema Corte tinha caráter retroativo. Outros não. Em todo o sistema prisional americano, segundo o grupo ativista Juvenile Law Centre, ainda há aproximadamente 2,5 mil indivíduos cumprindo sentenças de prisão perpétua por crimes que cometeram quando eram crianças. Em 19 de março, a Flórida tornou-se o décimo Estado a determinar que a sentença desses

detentos seja refeita. Isso pode beneficiar aproximadamente 200 pessoas. Na Louisiana, no Michigan, no Minnesota e na Pensilvânia, criminosos que começaram a cumprir a prisão perpétua quando ainda eram jovens continuam a apodrecer na

cadeia, sem possibilidade de comutação da pena, mas em 23 de março a Suprema Corte anunciou que em breve tomará uma decisão também sobre esses casos. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rounded square background with a white border and a blue glow effect.

The
Economist

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 1 de abril de 2015.

Paradoxo do solo

The Economist



A terra, cerne da economia pré-industrial, reaparece hoje como entrave ao crescimento econômico

A história da ciência econômica tem sido, entre outras coisas, a história de como seus praticantes aprenderam a dar cada vez menos importância à terra. Os fisiocratas franceses do século XVIII viam nela a fonte por excelência da riqueza de uma nação. Adam Smith a

incluía, ao lado de trabalho e capital, entre os três fatores produtivos que, combinados, geravam riqueza. Algum tempo depois, Thomas Malthus viu em sua escassez intrínseca o estopim da catástrofe que adviria do crescimento exponencial da população humana.

Em vez de sucumbir à catástrofe, os países ocidentais encontraram maneiras de driblar os limites impostos por seus quinhões de terras disponíveis – algumas delas, engenhosas, como arranha-céus, fertilizantes artificiais, ferrovias, subúrbios; outras, perversas, como a espoliação de populações oprimidas e colonizadas. A melhoria nos meios de transporte possibilitou que terras distantes fizessem o que áreas próximas jamais haviam feito antes, fosse cultivando produtos agrícolas do outro lado do mundo, fosse acomodando trabalhadores em moradias nos subúrbios. Índices elevados de

REFLEXÕES XII

produtividade possibilitaram que uma quantidade maior de alimentos fosse produzida em extensões menores de áreas cultiváveis.

O valor da terra como proporção do PIB caiu sem parar. Na segunda metade do século XX, nos países desenvolvidos, a questão da terra se tornou um problema marginal, a ponto de raramente figurar nos manuais de economia. Nos anos 1970, alguns visionários, observando essa desvalorização e as potencialidades cada vez maiores da tecnologia da informação, convenceram-se de que os manuais antecipavam uma tendência: quinhões de terra e localização em breve deixariam de ter importância também na vida real.

Contrariando essa expectativa, porém, a preocupação com a disponibilidade de terras voltou a ser premente. O problema não é a escassez global do ativo, mas sua falta em lugares específicos: as cidades responsáveis por um montante desproporcional do PIB mundial. O preço elevado da terra nessas áreas urbanas é, em parte, consequência de seu sucesso. Mas é também produto de distorções que custam caro. Um estudo indica que, de 1960 até hoje, essas distorções reduziram o PIB dos Estados Unidos em mais de 13%.

Da Old Kent Road a Mayfair. A nova relevância assumida pelas terras dos grandes centros urbanos decorre de dois desdobramentos principais. O primeiro, por irônico que pareça, está associado à revolução da informática e das telecomunicações que na década de 1970 começava a ganhar evidência. Em certo sentido, essa revolução causou o “fim das distâncias” profetizado pela economista e antiga colaboradora da **The Economist** Frances Cairncross. As cadeias de suprimento atravessaram fronteiras e oceanos; ligações para

REFLEXÕES XII

serviços de atendimento ao consumidor passaram a ser atendidas a continentes de distância. Mas se as distâncias acabaram, o mesmo não se pode dizer da localização.

Em meados do século XX, muitas cidades grandes que até então eram centros urbanos vibrantes, começaram a encolher. Nos anos 1980, em algumas delas, esse processo sofreu uma reversão. Edward Glaeser, da **Universidade de Harvard**, e Giacomo Ponzetto, do centro de pesquisas **CREI**, de Barcelona, pensam que isso se deveu ao fato de que, em alguns setores que fazem uso intensivo do conhecimento, a tecnologia da informação tornou o trabalho muito mais lucrativo. Operadores financeiros conseguem hoje administrar os recursos de um número maior de investidores; companhias de software podem vender seus produtos a preços baixos e com facilidade num mercado global. E a explosão das atividades que fazem uso intensivo de conhecimento vem acompanhada de um crescimento igualmente explosivo de lugares especializados na geração de ideias inovadoras.

A tese é corroborada por pesquisas conduzidas por Thor Berger, da **Lunds Universitet**, e Carl Benedikt Frey, da **Universidade de Oxford**. Antes dos anos 1980, não há relação estatística entre a qualificação da força de trabalho de uma cidade e a tendência desta a criar novos tipos de emprego. A partir dessa década, porém, novas categorias profissionais começam a aparecer com regularidade muito maior em lugares onde há trabalhadores altamente qualificados do que em lugares em que qualificação da mão de obra é baixa. Não bastasse isso, Glaeser e seu colega em Harvard Matthew Resseger encontram forte associação entre o tamanho da população de determinada área metropolitana e

REFLEXÕES XII

a produtividade de seus trabalhadores. Parece que os trabalhadores acumulam conhecimentos mais rapidamente nas cidades pródigas em atividades em que as ideias e a inovação é um elemento central.

As principais metrópoles tornaram-se celeiro de atividades inovadoras, frente às quais as outras localidades não tinham como concorrer. Reunidos num mesmo lugar, os indivíduos passaram a ampliar as oportunidades profissionais e o potencial econômico uns dos outros. Em virtude disso, de Bangalore a Austin, de Milão a Paris, o solo urbano tornou-se um recurso escasso e precioso; o potencial econômico de um hectare rural no Estado do Kentucky é infinitamente menor que o de um hectare no Vale de Santa Clara, também conhecido como Vale do Silício. E não há como ampliar a área desse vale.

No entanto, o espaço em si poderia ser melhor aproveitado, não fosse o segundo e mais importuno fator por trás do reaparecimento da questão da terra: os entraves crescentes impostos pelas leis de uso e ocupação do solo. Exemplo: a cidade de Mountain View, situada no Vale do Silício, é sede de algumas das principais companhias de tecnologia do mundo, mas quase metade de seus imóveis residenciais é constituída por moradias unifamiliares. A densidade populacional é pouco superior a 2,3 mil habitantes por quilômetro quadrado, três vezes abaixo do índice de San Francisco, cidade que está longe de ser densamente povoada.

Não é difícil compreender o que levou à ampla adoção de leis regulamentando o uso do solo urbano. Os agrupamentos populacionais que são em grande parte responsáveis pelo dinamismo local também implicam custos, como a expansão

REFLEXÕES XII

desgovernada dos centros urbanos no século XIX já havia evidenciado. Nos bairros miseráveis, que abrigavam enormes contingentes populacionais, alastravam-se as epidemias e a criminalidade; o ar poluído e a água contaminada atingiam tanto os ricos, como os pobres. As autoridades passaram a estabelecer regras para as edificações construídas no perímetro urbano e, posteriormente, também para aquelas que ampliavam esse perímetro, restringindo alturas e especificando padrões construtivos, impondo limites máximos para a densidade de ocupação e dimensões mínimas para o espaço que deve ser reservado ao estacionamento de veículos; criando “cinturões verdes”, onde são proibidos os empreendimentos imobiliários. Esse tipo de regulamentação foi se ampliando em escopo e acabou se disseminando por cidades do mundo inteiro.

Quando as cidades se recuperaram de sua estagnação, ocorrida em meados do século, a concentração populacional tornou a aumentar. Nunca houve tantas pessoas morando nas áreas centrais de Londres e Nova York como agora. E à medida que crescia a demanda por moradia de qualidade, tornaram-se visíveis as consequências não intencionais do manancial de normas que regulam o uso do solo urbano.

David Ricardo, um eminente economista do início do século XIX que, entre outras coisas, era amigo de Malthus, teria reconhecido o problema. Na época em que a terra ocupava lugar central na ciência econômica, suas observações o levaram a conceber a noção de aluguel: um ganho que não resultava do trabalho, remunerando o proprietário de um recurso escasso.

REFLEXÕES XII

A oferta reduzida de alimentos provocava um aumento em seus preços, racionava ele, o que estimulava os proprietários de terras a aumentar suas áreas de cultivo. Mas os preços mais altos dos alimentos beneficiavam todos os proprietários de terras. Um aristocrata que tivesse a sorte de possuir uma gleba de terras altamente produtiva, de repente via seus lucros explodir; não por conta de alguma inovação que ele houvesse adotado, mas simplesmente porque a humanidade precisava de algo que por acaso ele tinha. É o que está acontecendo hoje nas cidades.

De acordo com dados coletados por Robert Shiller, da **Universidade de Yale**, o custo ajustado à inflação da construção de novas unidades residenciais nos Estados Unidos não mudou muito de 1980 para cá. Já o custo ajustado da aquisição de um imóvel novo subiu 30% no mesmo período (durante a bolha imobiliária da primeira década deste século, os preços dos imóveis subiram ainda mais, para então sofrer uma redução). Em algumas cidades, o aumento foi maior. De 1993 a 2013, o preço dos imóveis em Boston e San Francisco sofreu uma elevação de 60% em termos reais.

As cidades americanas não são um caso isolado. As transformações econômicas levaram ao rejuvenescimento de cidades em todo o mundo, pressionando estoques de imóveis residenciais estagnados e elevando astronomicamente os custos de habitação. Em muitos países desenvolvidos, os imóveis passaram a ser um bem patrimonial ainda mais precioso.

De Belleville à Rue de la Paix. Os economistas que estudam essa questão em geral concordam que o aumento nos custos de habitação é consequência da elevação do custo dos

REFLEXÕES XII

terrenos urbanos. David Albouy, da **Universidade de Illinois**, e Gabriel Ehrlich, do Departamento de Orçamento do Congresso americano, calculam que nos Estados Unidos o valor dos terrenos é responsável por um terço do custo de habitação total; e em algumas regiões metropolitanas, equivale a quase metade desse custo. A participação elevada dos terrenos urbanos na composição dos custos de habitação resulta na geração de aluguéis polpudos para seus proprietários.

Se as limitações legais impostas à altura e densidade dos edifícios fossem relaxadas, um número menor de terrenos bastaria para atender a determinado nível de demanda. Isso faria com que o valor dos aluguéis caísse, já que qualquer aumento na demanda seria rapidamente contrabalançado pelo lançamento de novos empreendimentos imobiliários. Assim como a expansão acelerada da produtividade agrícola levou a um declínio do poder econômico relativo dos proprietários rurais nos séculos XIX e XX, um afrouxamento nas imposições rígidas das leis de uso e ocupação do solo urbano levaria a uma queda no valor dos bens imobiliários urbanos em relação à economia como um todo.

Atualmente, essas leis contribuem para manter baixa a produtividade do solo urbano, e os custos são impressionantes. Estudo realizado em 2005 pelo professor Graeser, de **Harvard**, por Raven Saks, do Federal Reserve, e por Joseph Gyourko, da **Universidade da Pensilvânia**, tenta calcular que porcentual dos custos de habitação poderia ser atribuído à regulamentação imposta à oferta de imóveis. Em 1998, essa "tributação oculta", como os autores a denominam, era de cerca de 20% nas cidades de Washington e

REFLEXÕES XII

Boston, e de aproximadamente 50% em San Francisco e Manhattan. De lá para cá, é quase certo que a situação só fez piorar.

Análise similar elaborada por Paul Cheshire e Christian Hilber, da **London School of Economics**, estima que no início dos anos 2000, essa tributação oculta imposta pelas leis de uso do solo chegava a aproximadamente 300% em Milão e Paris, 450% no centro de Londres e 800% no West End da capital britânica.

É provável que quase ninguém se condoa dos fundos de hedge que pagam aluguéis altíssimos para se manter instalados nas ruas chiques do bairro londrino de Mayfair. Mas são os pobres, e não os ricos, que mais sentem os efeitos líquidos desses custos. Veja-se o caso dos proprietários de imóveis nos Estados Unidos. O fato de que 60% das famílias americanas tenham um imóvel próprio pode fazer pensar que o aumento no preço dos imóveis e a valorização do solo urbano beneficiam grande parte da classe média. No entanto, Edward Wolff, da **Universidade de Nova York**, observa que o patrimônio da classe média cresceu muito menos do que seria de esperar, pois veio acompanhado de uma elevação no valor de suas hipotecas. Por sua vez, os americanos das camadas mais baixas, que precisam pagar aluguel, sofreram aumento equivalente em seus custos de habitação.

O patrimônio imobiliário tem desempenhado papel central no aumento da desigualdade – fenômeno a que Thomas Piketty, um professor da **Ecole d’Economie de Paris**, chama atenção em seu best-seller **O capital no século 21**. Em artigo recente, o aluno do curso de doutorado do MIT Matthew Rognlie observa que o aumento da participação dos

REFLEXÕES XII

detentores de capital no PIB americano é em grande medida atribuível à elevação da renda auferida com aluguéis residenciais. Os rendimentos de capital referentes a aluguéis representavam apenas 3% do total em 1950, mas são responsáveis por 10% atualmente.

Em diversos países emergentes, os proprietários de imóveis também abocanham renda com a receita gerada por aluguéis. Segundo a imobiliária **CBRE**, os mercados de salas comerciais em Pequim e Nova Délhi estão entre os dez mais valorizados do mundo, ao passo que Kuala Lumpur e Jacarta estão entre as cidades em que os preços desse tipo de imóvel sobem em ritmo mais acelerado. Áreas de crescimento intenso são com frequência cruciais para os países em desenvolvimento, o que significa que mercados imobiliários mal regulamentados podem causar muitos prejuízos. Na Índia, a emissão onerosa de alvarás de construção, os controles rígidos a que os aluguéis são submetidos e a imposição de limites estritos ao uso do solo distorcem sobremaneira os padrões de crescimento e a alocação de seus benefícios.

A elevação da renda de aluguéis absorvida pelos proprietários de imóveis gera corrupção e desperdício de recursos. Esses indivíduos pressionam pelo enrijecimento da legislação, enquanto os políticos se aproveitam para faturar com sua capacidade de beneficiar seletivamente este ou aquele empreendimento imobiliário. Em lugares onde a corrupção já é um problema, o ressurgimento da questão da terra pode ser especialmente corrosivo. Em outubro de 2014, o jornal **Times of India** noticiou que os subornos exigidos nos vários estágios por que passa a aprovação de uma obra no centro de

REFLEXÕES XII

Mumbai chegavam a representar 50% dos custos básicos de construção.

No entanto, o efeito mais prejudicial da escassez do solo urbano talvez seja o freio que ela aplica à economia como um todo. Um dos mecanismos a que uma sociedade pode recorrer para aumentar a produtividade do trabalho – e assim tornar-se mais próspera – é a realocação de pessoas e recursos, transferindo-os de segmentos em que a produtividade é mais baixa para aqueles onde a eficiência é maior. No mundo dos negócios, isso significa que as empresas ruins quebram e as boas se expandem. Algo similar deve ocorrer com as cidades. Onde os trabalhadores são empregados com altos níveis de produtividade, a escassez de mão de obra gera melhorias salariais crescentes. Por sua vez, o aumento nos salários atrai trabalhadores de outras cidades. Quando esses indivíduos migram, encontram novos empregos e têm sua remuneração elevada, o conjunto da economia se beneficia.

Da Mediterranean Avenue à Boardwalk. Acontece que esse processo vem sofrendo com gargalos em vários países. Para que um trabalhador possa melhorar de vida com os altos salários em vigor em San Francisco, ele antes precisa ter acesso ao mercado local de trabalho e, para isso, tem de arcar com os aluguéis cada vez mais elevados que são consequência da oferta limitada de imóveis residenciais. A alta dos aluguéis empurra para cima os custos de habitação, até que o número de trabalhadores interessados em se mudar para a cidade seja equivalente ao de imóveis residenciais vagos. Os salários que deveriam atrair mais trabalhadores acabam indo parar no bolso de rentistas, e a injustiça da situação pode gerar protestos, como já aconteceu em San Francisco. Muitos

REFLEXÕES XII

trabalhadores optam por aceitar salários mais baixos em outros lugares, pois se sentem mais atraídos pela renda que sobra depois de eles arcarem com custos mais baixos de habitação. O trabalho acaba se alocando em mercados onde a produtividade é mais baixa, e o conjunto da economia sofre com é prejudicado.

Chang-Tai Hsieh, da **Booth School of Business**, da Universidad de Chicago, e Enrico Moretti, da Universidad da Califórnia, em Berkeley, fizeram uma tentativa inicial de calcular a amplitude desses efeitos. Se não fosse a rígida lei de uso e ocupação do solo em vigor na Bay Area californiana, estimam eles, o emprego estaria em patamar aproximadamente cinco vezes mais elevado do que está hoje. Em estudo ainda inédito, os dois pesquisadores somam distorções semelhantes, presentes no conjunto da economia americana desde 1964, e concluem que em 2009, o PIB dos Estados Unidos estava 13,5% abaixo do que poderia estar. Considerando os atuais níveis de produção, isso representa um custo de mais de US\$ 2 trilhões anuais, ou de quase US\$ 10 mil por pessoa.

A boa notícia é que a escassez de terras urbanas é em grande medida um problema artificial. A má notícia é que isso não o torna um problema solucionável. A reformulação de rígidas leis de uso e ocupação do solo é, em termos políticos, uma questão das mais espinhosas. Assemelha-se, em muitos aspectos, a outros assuntos controversos, como a liberação do comércio ou a imigração. A sociedade que recebe novas levas de importações ou de imigrantes se beneficia como um todo, mas aqueles que têm seus negócios prejudicados pela concorrência externa, ou que se afligem com as

REFLEXÕES XII

transformações culturais, experimentam um nível desproporcional de prejuízo, e se organizam em oposição. No caso do valor dos terrenos urbanos, a oposição será das mais endinheiradas.

Há maneiras de lidar com isso. É possível oferecer auxílio específico aos que são financeiramente prejudicados pelos projetos de adensamento urbano, assim como é feito com os setores afetados pela liberação do comércio. Direcionar parte das receitas tributárias resultante de novos projetos imobiliários para os proprietários de imóveis situados no entorno desses empreendimentos, como forma de compensação pelos prejuízos que esses indivíduos terão no curto prazo pode reduzir sua oposição à construção de novos edifícios.

Ou pode-se seguir o conselho de Henry George, um admirador americano de Ricardo que na década de 1880 propôs a criação de um imposto sobre o valor da terra nua. É um tributo que tem, em tese, muitas virtudes. A maioria dos impostos enfraquece, distorce ou desloca a atividade econômica ao modificar os incentivos sobre as margens. Mas um imposto sobre o solo urbano não tem como reduzir a oferta de terrenos, e estimularia a atividade econômica ao punir os proprietários de áreas improdutivas. E é uma base tributária pouco suscetível a tramoias – não dá para mandar um terreno para Luxemburgo.

O prefeito de Nova York, Bill de Blasio, espera combater a falta crônica de imóveis no Bronx e em outras regiões da cidade adotando um imposto sobre terrenos baldios. Mas esse tipo de tributo apresenta problemas práticos. E o maior deles talvez seja o fato de que, por sua natureza, um tributo que

REFLEXÕES XII

incida sobre a terra urbana nua afeta principalmente os indivíduos de nível socioeconômico mais alto. Mesmo um país fiscalmente purista como a Estônia, que adotou um imposto sobre terrenos urbanos em 1993, acabou por complicá-lo adotando diversas alíquotas, incluindo a isenção para os indivíduos que só possuem o imóvel em que moram.

Aqueles que já têm a sorte de possuir um patrimônio imobiliário talvez se oponham também a outra abordagem óbvia para enfrentar o problema: meios de transporte mais rápidos e de maior capacidade que possibilitem que os benefícios se espalhem por áreas mais extensas. Algumas das medidas que podem ser adotadas para melhorar o transporte – como a cobrança de pedágio em áreas de trânsito congestionado – até são baratas; mas, em cidades grandes, as obras de infraestrutura são lentas e dispendiosas. A Crossrail, uma nova linha do metrô londrino, atualmente é o mais caro projeto de infraestrutura em andamento na Europa.

Na ausência de propulsores a jato individuais ao alcance de todos, que mais a tecnologia tem para oferecer? Com o tempo, talvez, ela possa fazer com a localização o que fez com a distância bruta: abolir o problema. A realidade virtual e as redes sociais podem se combinar para oferecer os benefícios do adensamento populacional sem proximidade física. É improvável, sem dúvida. Mas não mais improvável, talvez, do que um arranha-céu, ou uma linha de metrô, parecia a alguém como David Ricardo. •

The Economist

Artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo no dia 3 de abril de 2015.

The Economist

O crepúsculo dos gurus

The Economist

O que explica letargia de uma área que procura eliminar a letargia?

Hoje tornou-se um hábito os gurus da administração pregarem que a competição está mais acirrada do que nunca. Rita McGrath, da **Columbia Business School**, referiu-se ao que chamou de O fim da vantagem competitiva. Richard D'Aveni, da **Tuck School of Business**, abordou a hipercompetição em seu livro. Ram Charan, consultor e especialista em administração, elogia **The Attacker's Advantage** (A vantagem de quem ataca).

Mas a indústria dos gurus da administração em si parece extraordinariamente estável. A vantagem competitiva mantém-se surpreendentemente resistente, a competição está longe do "frenesi" e o defensor está no controle da situação. Os dois últimos rankings do "Thinkers50" listando os mais importantes gurus da administração do mundo, publicados em 2011 e 2013, não sofreram nenhuma alteração dos nomes no topo, com Clay Christensen, da **Harvard Business School**, e a dupla Chan Kin e Renée Mauborgne, do **INSEAD**, em primeiro e segundo lugar, respectivamente.

Dois dos mais renomados livros dos últimos meses vêm sendo repisados: a edição de décimo aniversário de **A estratégia do Oceano Azul**, de Chan Kin e Renée Mauborgne, e a edição de 20º aniversário de **Economia digital**, de Don Tapscott. Distantes estão os anos gloriosos das décadas de 80 e 90, quando **Em busca da Excelência**, de Tom Peters e Robert Waterman, teve três milhões de exemplares vendidos nos

REFLEXÕES XII

primeiros quatro anos e **Reengenharia - Revolucionando a Empresa**, de James Champy e Michael Hammer, desencadeou um frenesi de reengenharia global.

O que explica esta letargia de um setor que supostamente procura arrasar a letargia? O principal problema é que o trabalho do guru chega ao fim de um longo ciclo de criatividade. Nas duas últimas décadas ele foi impelido por duas mudanças sísmicas no âmbito da economia - o crescimento do mundo emergente e a revolução digital. A primeira mudança provocou a ascensão de um grupo notável de teóricos da administração indianos, especialmente C.K. Prahalad (que morreu em 2010). Esses teóricos se concentraram em temas como o poder de compra dos consumidores em países em desenvolvimento, as virtudes dos produtos frugais e as dificuldades para realizar negócios em locais com péssima infraestrutura e instituições frágeis. Muitas faculdades de administração têm chefes de departamento de origem indiana, como **Harvard** e as universidades **Cornell** e de **Chicago**. A revolução digital deu nascimento a uma nova classe de gurus digitais, como Tapscott. E novo conceito de Clay Christensen da inovação disruptiva (que sustenta que os inovadores mais bem sucedidos criam novos mercados e tornam muitas empresas estabelecidas irrelevantes) transformou-o no mais influente guru da administração do mundo.

Mas o ciclo se exauriu. Prahalad publicou seu artigo seminal sobre **A riqueza na base da pirâmide** em 2002 e o livro com o mesmo título em 2004. Christensen publicou seu primeiro artigo sobre tecnologia disruptiva em 1995 e seu livro

REFLEXÕES XII

sobre o "**The Innovator's Dilemma**" (O dilema do inovador) em 1997.

A nova edição do livro de Tapscott nos lembra de que as pessoas também estão lutando com a revolução digital desde os anos 1990.

Ironicamente, a revolução digital tem tornado mais difícil o surgimento de novos gurus. Muitas das maiores mudanças empresariais nos dias atuais são impulsionadas pelos "*quants*" (especialistas em análise quantitativa) que são brilhantes em encontrar significado nos "*big data*" (grandes volumes de dados e informações) ou em produzir algoritmos que podem automatizar grandes volumes de trabalho, mas não são tão bons em transformar números em palavras ou ideias sobre o que os "*big data*" e a automação representam para setores além dos seus próprios. A área da teoria da administração tem produzido muitos "mini-gurus" especializados em setores ou técnicas especializadas, como Philip Evans no caso dos "*big data*" ou Jim Whitehurst no campo da administração colaborativa (open-source). Mas poucos destes novos gurus exploram tantos setores como Tom Peters, sem falar em séculos e múltiplas disciplinas intelectuais como o falecido Peter Drucker.

Talvez o maior inimigo da renovação de gurus seja o desenvolvimento de um setor de liderança de pensamento. O que vem sendo vendido para as empresas é a noção de que se ela se dedicar a pensar e conceber conceitos inovadores em algum assunto que afete o seu setor isso dará a elas uma vantagem competitiva. Empresas industriais e de tecnologia, como **Siemens** e **IBM**, vêm batalhando com os propagadores mais reconhecidos das teorias do pensamento administrativo

REFLEXÕES XII

como McKinsey e Bain. Como explicou a **Whitespace Consultants**, empresa de menor porte, a liderança do pensamento vai torná-lo "parte da conversa logo no início do processo de decisão de compra". Numa recente ação por discriminação sexual impetrada, sem sucesso, por Ellen Pao contra a empresa de capital de risco **Kleiner Perkins**, ficou visível que uma das razões pelas quais ela não foi promovida foi o fato de não se enquadrar na liderança do pensamento.

Mas a busca da liderança do pensamento também vai encorajar os imitadores. À medida que as empresas lutam para se tornar líderes do pensamento, provavelmente acabarão reformulando ideias existentes em vez de partir em busca de novas. Quando as companhias tratam o pensamento como "conteúdo" e mobilizam suas equipes de relações públicas e marketing para produzi-lo, o que teremos como resultado provavelmente será o lugar-comum ou uma linguagem incompreensível.



Teoria. Estudo de Prahalad sobre base da pirâmide marcou uma era ampliando as ideias em Mountain View e Massachusetts

Há sinais de uma nova safra de gurus que vai investir nessas tendências e reviver seu setor estagnado? Há alguns indicativos que podem nos dar esperança no Vale do Silício e no **MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts**. Alguns dos mais bem-sucedidos empreendedores do Vale, como Reid Hoffman (**LinkedIn**) e Peter Thiel (**Pay Pal**), vêm ampliando suas ideias

REFLEXÕES XII

para confrontar todos os tipos de desafios, desde o envelhecimento até a gestão de talentos. **The Second Machine Age** (A segunda era das máquinas), de Andrew McAfee e Erik Brynjolfsson, da **Sloan School do MIT**, é uma admirável tentativa de confrontar as grandes mudanças no campo da administração provocadas pelas máquinas autônomas.

Mas, considerando os recursos consagrados às novas ideias de administração, é notável o quanto de território virgem ainda existe.

Não temos ainda gurus da administração chineses para desafiar a liderança do *establishment* indiano que vem envelhecendo. Não existem ainda livros sérios sobre o que a economia da internet representa para as fronteiras de uma empresa ou os mercados de talentos. A indústria de gurus parece madura para uma inovação disruptiva. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red square background with rounded corners and a white border.

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 25 de abril de 2015.

O continente pioneiro

The Economist

Circunstâncias econômicas e políticas fazem da África o lugar ideal para empresas testarem novas tecnologias



Smartphones podem custar até US\$ 25 no continente

Será que os pequenos drones de carga são a resposta para alguns dos problemas mais prementes da África? Um grupo de engenheiros europeus, financiado pela IBM, acha que sim. Batizados com o apelido de "mulas voadoras", e atualmente em desenvolvimento, cada um desses drones será capaz de

transportar 10 kg de carga e percorrer distâncias de até 120 km para levar

medicamentos a comunidades isoladas ou alimentos a refugiados. Eles foram projetados para que tenham baixo custo e sejam robustos o bastante para ser usados em diversas áreas do continente africano.

Além disso, talvez sirvam como modelo experimental para varejistas como a **Amazon**, que, por conta de normas rígidas, não têm como testar com tanta liberdade esse tipo de aeronave em países ricos. Planeja-se a realização de voos experimentais na África ainda este ano. Como seu espaço aéreo não é congestionado, o continente é considerado uma arena ideal de testes. E suas estradas precárias significam que

REFLEXÕES XII

a demanda por um sistema de transporte aéreo de cargas de baixo custo é imensa.

Experiências como essa apontam para uma notável mudança em curso na África. Um continente que por muito tempo aceitou do Ocidente soluções tecnológicas de segunda mão, cada vez mais cria suas próprias inovações. É claro que boa parte disso é viabilizado por avanços tecnológicos realizados em outros lugares. Atualmente, até nos vilarejos africanos mais isolados são comuns os telefones celulares. A Ericsson calcula que até 2019 o número de linhas móveis chegará a 930 milhões, quase uma para cada africano. A disseminação dos smartphones, alguns dos quais chegam a custar não mais que US\$ 25, deve expandir o acesso à internet para 50% da população do continente num período de dez anos.

Isso permite que hoje os africanos possam ir além de simplesmente copiar tecnologias usadas em outros lugares e adaptá-las às suas circunstâncias. Em alguns casos, criam-se inovações que também podem ser usadas em países ricos. O dinheiro móvel é o melhor exemplo. Uma tecnologia que há muito tempo tenta se consolidar no Ocidente (embora os pagamentos on-line agora pareçam estar ganhando mais solidez, depois do surgimento do Apple Pay) transformou a realidade econômica em lugares como o Quênia, onde milhões de pessoas sem acesso a instituições bancárias foram incorporadas ao sistema financeiro. Isso, por sua vez, estimulou mais uma onda de inovação.

As empresas estão usando o dinheiro móvel para vender seguros de vida - alguns deles para pessoas portadoras de infecções como a Aids. Os celulares não só reduzirão os custos com o recolhimento de prêmios de pequeno valor, como

REFLEXÕES XII

também permitirão que as seguradoras lembrem os clientes de tomar seus remédios.

Outra companhia inovadora é a Olam, do setor de agronegócio e com ações listadas na bolsa de Cingapura. A empresa firmou contratos com 30 mil fazendeiros da Tanzânia para o fornecimento de café, algodão e cacau por meio de um sistema de telefonia móvel, impulsionando a lucratividade de todos.

Novas tecnologias também podem fazer uma grande diferença na educação. Embora em todo o mundo existam empresas desenvolvendo apps para smartphones e iPad que ensinem as crianças a ler, escrever e fazer contas, essas inovações prometem ter um impacto muito maior na África, onde os sistemas educacionais são fracos e as crianças com frequência têm de percorrer longas distâncias a pé ou pagar valores proibitivos para frequentar a escola.

Os aplicativos e as escolas de ensino à distância não têm como oferecer um ensino tão bom quanto o das melhores instituições educacionais públicas ou privadas, mas só uma elite muito pequena tem acesso a elas. Comparados com as escolas em que a grande maioria dos africanos estudam, esses novos recursos parecem impressionantes. A principal vantagem do uso da tecnologia no ensino é a redução do impacto de dois defeitos presentes em muitas escolas que atendem o grosso da população na África: absenteísmo docente e aderência mínima aos conteúdos curriculares.

Entre as empresas que fazem uso intensivo dessas inovações está a **Bridge International Academies**, que é parcialmente financiada pela **Pearson**, coproprietária da revista **The Economist**. A instituição conta com mais de 100

REFLEXÕES XII

mil alunos de educação infantil e ensino fundamental no Quênia, pagando cerca de US\$ 5 por mês para frequentar escolas de baixo custo que recorrem à tecnologia para seguir currículos padronizados.

O impacto das empresas de tecnologia na sociedade africana também advém de mudanças nos meios de comunicação. A cidade queniana de Nakuru nunca teve um jornal próprio. Seus 300 mil habitantes sempre tiveram de recorrer ao boca a boca para se informar sobre acontecimentos locais. Isso mudou no ano passado, quando o site de notícias HiviSasa (algo como "Agora Mesmo"), começou a publicar trinta reportagens diárias sobre incêndios, homicídios, formaturas escolares, melhorias hospitalares e diversas outras coisas que pouco interesse têm para quem não é de Nakuru. Em 13 de março, a manchete do site era: "Professora é resgatada depois de cair em vaso sanitário com 15 metros de profundidade".

A inovação na África é auxiliada por uma singular confluência de circunstâncias econômicas e políticas. A débil presença estatal implica, de modo geral, baixos níveis de regulamentação, permitindo que os engenheiros testem coisas que em outros lugares são proibidas ou que teriam de passar por processos de aprovação altamente burocráticos. Além disso, a precariedade da infraestrutura tradicional, seja sob a forma de rodovias ou de cabos de telecomunicação, significa que as novas tecnologias e os novos modelos de negócio enfrentam poucos concorrentes já estabelecidos.

Esse ambiente de negócios atrai um número crescente de companhias ocidentais. A **Microsoft** financia uma pequena empresa que vem desenvolvendo sistemas de Wi-Fi para áreas extensas, capazes de cobrir regiões inteiras a menos de um

REFLEXÕES XII

centésimo do custo da telefonia móvel existente. Esses sistemas usam frequências não alocadas, incluindo algumas anteriormente reservadas para as redes de televisão, já que as emissoras vêm adotando cada vez mais as transmissões digitais, que precisam de menos largura de banda. A intenção é levar o mesmo modelo para comunidades rurais no Ocidente.

A tecnologia vem abrindo mercados africanos que havia muito permaneciam fechados ou que simplesmente não existiam, diz Jim Forster, um dos primeiros engenheiros da **Cisco**, que atualmente atua na área de capital de risco. O **Facebook** se associou a operadoras de telefonia para oferecer conexão de internet de graça por meio de uma iniciativa conhecida como internet.org. A expectativa da empresa é conquistar os africanos antes que eles se tornem usuários de mídias sociais locais. Lançado na África no ano passado, o programa já se expandiu para países pobres de outros continentes. De todas as empresas de tecnologia ocidentais, a **IBM** talvez seja a mais entusiasmada com a África. Sua presidente, Virginia Rometty, faz visitas regulares ao continente e fala de "inovações fantásticas" que estão sendo criadas pelos africanos.

A revolução das inovações ainda está em sua infância na África. Mas é provável que ganhe ritmo, sobretudo porque novos modelos e formas de oferecer financiamento a *startups* também estão sendo desenvolvidos. Um exemplo é a empresa de crowdfunding **EmergingCrowd**, que começou a operar em Londres na semana passada. Seu objetivo é ligar investidores e empresas em mercados emergentes, em especial na África. Um dos primeiros a levantar recursos com seu auxílio foi o Bozza, um mercado para produtores africanos de

REFLEXÕES XII

música e cinema que têm dificuldade para comercializar suas obras. "Os problemas que a África enfrenta não são necessariamente problemas americanos ou europeus", diz a fundadora da **EmergingCrowd** Emma Kaye. "E o mais provável é que as soluções venham da própria África." •

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rounded square background with a white border and a blue glow effect.

The
Economist

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 28 de abril de 2015.

O processo de invenção, ontem e hoje

The Economist

Registros de patentes revelam que a maneira como os produtos são criados mudou no decorrer dos anos

No século XIX, os inventores eram heróis. Stephenson, Morse e Goodyear, entre outros, formaram a tropa de choque da Revolução Industrial. Suas ideias contribuíram para arrastar a humanidade da pobreza agrária para a riqueza manufaturada. Hoje, contudo, superestrelas da invenção, mesmo não estando ausentes, são raras.

Isso porque, em parte, o processo de invenção mudou desde o século XIX. Não observamos uma desaceleração no crescimento do número de patentes expedidas anualmente, mas a introdução de classes de tecnologia fundamentalmente novas é mais rara do que no passado.



Escritório de Marcas e Patentes dos EUA tem registros que remontam o ano de 1790

A tecnologia da informação com certeza transformou o momento presente. Mas as ferrovias, o telégrafo elétrico, a fotografia, a telefonia fixa, o automóvel e os setores químicos e de siderurgia, cada um separadamente, produziram transformações tão importantes como as provocadas pela tecnologia da informação. Talvez o processo de invenção tenha sido realmente mais heroico na era vitoriana.

REFLEXÕES XII

Ter a impressão de que alguma coisa mudou não prova que a mudança realmente ocorreu. Para isto você necessita de dados. E, num documento publicado no **Journal of the Royal Society Interface**, Youn Hyejin, da Universidade Oxford, e seus colegas, forneceram algumas.

A invenção tem origem de duas maneiras. A lâmpada de Thomas Edison, por exemplo, não foi tanto produto de um momento de descoberta, do "estalo", representado pela metáfora da lâmpada, mas da junção de componentes preexistentes - eletricidade, um filamento aquecido, um vácuo e um invólucro de vidro. Nada disto era novidade nos anos 1870, mas nas mãos de Edison a combinação transformou-se numa invenção patenteável. Contrariamente, o transistor de William Shockley, inventado 70 anos mais tarde, envolveu muitos elementos da nova física na qual Shockley e seus colegas tiveram de se aprofundar por si próprios. Entretanto, ambos os dispositivos mudaram o mundo (o de Shockley tornou-se o elemento com base no qual a Tecnologia da Informação foi criada). Juntos eles exemplificam os dois aspectos que existem, em diferentes proporções, em qualquer invenção de sucesso: descoberta e recombinação.

Inventividade. A Dra. Youn averiguou o equilíbrio existente entre essas coisas e como isto mudou. Ela extraiu seus dados do USPTO - United States Patent and Trademarks Office (Escritório de Marcas e Patentes dos Estados Unidos) -, que não é um perfeito indicador da inventividade, mas provavelmente um bom substituto. Ali os responsáveis separam os documentos das patentes em dois grupos com base no assunto comum. Para isso, classificam as várias

REFLEXÕES XII

tecnologias responsáveis pela novidade do invento usando uma combinação meticulosa de códigos.

Cada grupo de assuntos no programa do USPTO inclui um componente maior chamado classe e um menor chamado subclasse. Uma classe diferencia uma tecnologia de outra. As subclasses delineiam processos, características estruturais e funcionais da tecnologia naquela classe particular. Um par classe/subclasse, digamos 135/206, para a classe 136 (baterias, termoelétrica e fotoelétricas) e a subclasse 206 (tipo energia solar) - é um código único e cada patente é identificada por pelo menos um desses códigos. O departamento tem registros de tais códigos que remontam a 1790.

No geral, esses registros cobrem 474 classes e mais de 160 mil códigos.

Somente quando chega uma proposta de patente que não pode ser inserida na classificação existente é que uma nova é criada.

Quando a Dra. Youn e seus colegas examinaram os arquivos de patentes do escritório americano descobriram que quase metade das patentes expedidas pelos Estados Unidos durante o século XIX foram para invenções de um único código. Hoje, ao contrário, nove décimos são para invenções que combinam pelo menos dois códigos. O número de códigos e o número de patentes cresceram exponencialmente, na mesma proporção, até os anos 1870 (mais ou menos à época da lâmpada de Edison). Depois disso, o número de códigos novos criados diminuiu fortemente e o de novas patentes ligeiramente. Mas a introdução de novas combinações de códigos continuou a expandir em sintonia com o número de patentes outorgadas.

REFLEXÕES XII

O que sugere que hoje a invenção avança principalmente por meio da recombinação de tecnologias, o que é coerente com a noção de que as invenções foram, num certo sentido, mais fundamentais no passado do que hoje.

Biotecnologia. Esta explosão combinatória sem dúvida reflete em parte o fato de que o número de possíveis combinações cresce mais rápido do que o número de códigos nos quais elas se baseiam. Mas que isto tenha realmente ocorrido não havia sido demonstrado antes.

O que ainda precisa ser averiguado é se a biotecnologia mudará as coisas. Até agora muitas invenções foram baseadas na física ou na química. Hoje o entendimento que temos da biologia é mais ou menos similar à compreensão das ciências físicas no século XIX.

A biologia, assim, está totalmente pronta para produzir um novo grupo de classes de patentes - possivelmente para coisas (computadores neurológicos?) tão inimagináveis para as pessoas nos dias atuais quanto foi o telefone para o soldado na batalha de Waterloo. Então, talvez surja uma nova geração de inventores heroicos. ●



The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 29 de abril de 2015.

Fazendo pouco das normas

The Economist

Um número impressionante de empresas inovadoras adota modelos de negócios que burlam as leis

Empreendedores pioneiros com frequência têm um relacionamento difícil com as leis. Nos Estados Unidos, os capitães da indústria do século XIX achavam que não valia a pena perder tempo solicitando autorizações burocráticas antes de abrir um negócio. Preferiam ir logo tocando a coisa em frente, e depois, se fosse o caso, batalhar por uma remissão. (Uma precaução importante nesses casos é comprar os políticos que anistiam as transgressões.) Os primeiros fabricantes de automóveis tiveram de lutar contra normas de trânsito concebidas para cavalos e carroças. Na Grã-Bretanha, as rádios piratas dos anos 1960 precisavam se instalar em navios e navegar até águas internacionais para transmitir música *pop* para as massas.

A tensão entre inovadores e autoridades reguladoras tem sido particularmente acentuada nos últimos tempos. Acusa-se o Uber e o Lyft de desrespeitarem uma série de normas que regulamentam as atividades dos taxistas, e das pessoas que alugam cômodos pelo Airbnb diz-se que operam hotéis sem licença. A montadora de veículos elétricos Tesla sofreu derrotas judiciais em suas tentativas de vender automóveis diretamente aos consumidores, em vez de recorrer à intermediação de concessionárias. E, ao iniciar suas atividades, a plataforma de concessão de empréstimos peer-to-peer Prosper Marketplace foi ameaçada de fechamento pela Securities and Exchange Commission (SEC, a CVM dos

REFLEXÕES XII

Estados Unidos). Às vezes, tem-se a impressão de que para saber quais são as novas empresas de futuro mais promissor, basta dar uma olhada nos problemas legais em que elas estão envolvidas.

Há duas grandes razões para esse atrito crescente. A primeira é que muitas companhias inovadoras usam tecnologia digital para atacar áreas da economia de serviços que são altamente regulamentadas e quase clamam por reestruturação. A estratégia adotada, em geral, é recorrer a sites na internet e aplicativos para smartphone a fim de criar mercado para excedentes de mão de obra ou de recursos. Com o Uber e o Lyft, as pessoas podem transformar seus carros em táxis; com o Airbnb, podem alugar cômodos que não estão usando; com o Prosper, podem emprestar recursos financeiros de que não necessitam. Os táxis, hotéis e bancos convencionais alegam, não sem alguma razão, que se eles têm de obedecer a um sem-fim de regulamentações, o mesmo deveria acontecer com seus novos e insubordinados concorrentes.

A segunda razão é o impacto dos chamados "efeitos rede" (fenômeno que ocorre quando o valor de um bem ou serviço aumenta de maneira proporcional à quantidade de pessoas que o utilizam): são enormes os incentivos para que as empresas entrem o quanto antes no mercado e cresçam o mais depressa possível, mesmo que isso implique riscos jurídicos.

Benjamin Edelman, da Harvard Business School, diz que o YouTube deve parte de seu sucesso a uma estratégia desse tipo. Quando foi lançado, em 2005, o YouTube era apenas um entre dezenas de sites de vídeo que competiam tanto por conteúdo, como por usuários. Alguns deles, como o Google Vídeo, preocupavam-se em verificar cada vídeo postado, a fim

REFLEXÕES XII

de evitar eventuais violações de direitos autorais. O YouTube assumia mais riscos, aguardando até que os proprietários desses direitos reclamassem, para então tirar os vídeos do ar. A estratégia deu certo: em 2006, o Google comprou o site por US\$ 1,65 bilhão em ações; e o YouTube, que acaba de celebrar seu décimo aniversário, agora é gigantesco, ao passo que muitos de seus antigos concorrentes desapareceram.

Mobilização. Os que propugnam esse modelo de negócios calculam que, ao oferecer serviços melhores do que os prestados por agentes tradicionais do mercado, e ao apresentar seus críticos como defensores de interesses corporativistas, essas empresas conseguem mobilizar a opinião pública e promover mudanças nas leis - ou na interpretação delas. Elas também podem contar com o desejo que os políticos têm de parecer "*prafrentex*".

No ano passado, em resposta à ascensão do Airbnb e de serviços similares, o ministro britânico, Eric Pickles, anunciou a eliminação das restrições às locações de imóveis por curto período de tempo. "A internet está mudando a maneira como trabalhamos e vivemos, e as leis precisam acompanhar isso", disse ele. Empresas inovadoras que põem a expansão à frente de questiúnculas jurídicas têm dinheiro de sobra para promover sua imagem e fazer lobby com os legisladores. O Airbnb patrocinou a maratona de Nova York; o Uber contratou David Plouffe, que foi um dos principais assessores de Barack Obama, para chefiar seu departamento de planejamento e estratégia.

Mas isso não quer dizer que não existam riscos. O site de compartilhamento de músicas Napster foi massacrado por ações judiciais, muito embora seus esforços tenham

REFLEXÕES XII

pavimentado o caminho para o serviço legalizado de downloads da Apple, o iTunes.

Fazer pouco caso das regras é particularmente perigoso na área financeira, onde, à menor suspeita de irregularidades, as autoridades entram em ação. O Prosper chegou a ser o maior site de empréstimos peer-to-peer dos EUA. O Lending Club ocupava a segunda posição, a léguas de distância. O Prosper apostou todas as fichas no crescimento, ignorando, num primeiro momento, as advertências da SEC. Já o Lending Club preferiu suspender as atividades por vários meses, enquanto seu fundador buscava uma maneira de se adequar às regulamentações do setor. Isso ajudou o Lending Club - que agora é uma empresa com ações listadas em bolsa - a ultrapassar o Prosper, cuja sorte só melhorou quando seu fundador foi obrigado a deixar o comando da companhia.

Há também o risco de que aqueles que fazem negócios com as empresas que atuam à margem da lei de repente cheguem à conclusão de que, para eles, no fundo é melhor estar dentro da lei. Na Califórnia, alguns motoristas entraram na Justiça contra o Uber e o Lyft, argumentando que não deviam ser tratados como meros prestadores de serviços, mas sim como empregados - com direito, portanto, a serem reembolsados por gastos com combustível e manutenção -, pois eram obrigados a seguir uma série de pequenas normas, como se fossem, de fato, funcionários: as empresas determinam as condições de limpeza em que eles devem manter os veículos, o que devem dizer aos passageiros e assim por diante.

Readaptação. Estreita é a porta, e apertado o caminho. Esses perigos jurídicos significam que as empresas precisam ser capazes de se readaptar rapidamente, adotando novas

REFLEXÕES XII

estratégias quando não conseguem que a legislação seja modificada a seu favor. Foi o que fez o YouTube: ainda que a expansão inicial tenha sido impulsionada por postagens de vídeos que infringiam direitos autorais, hoje o site vive do compartilhamento de receitas publicitárias com pessoas que postam vídeos próprios. É possível que testemunhemos muitas readaptações desse tipo, à medida que essas empresas transgressoras tiverem de se explicar na Justiça. O juiz responsável pelo caso do Lyft observa que, ao ser indagado se os motoristas são empregados ou prestadores de serviço, "o júri terá nas mãos uma figura quadrada para encaixar em um de dois orifícios redondos".

O Uber e o Lyft provavelmente já estão suficientemente estabelecidos para concorrer com base em critérios de conveniência e qualidade, mesmo que sejam obrigados a tratar seus motoristas como empregados. A empresa responsável pelo aplicativo MyClean, que fornece serviços de faxina por assinatura em Nova York, resolveu substituir seus funcionários terceirizados por empregados registrados, pois concluiu que seria capaz de atender melhor à sua clientela se contasse com uma força de trabalho mais estável e bem treinada. No entanto, para companhias mais frágeis, seria ainda melhor se legisladores e agências reguladoras passassem a operar em ritmo mais compatível com a velocidade da internet e adaptassem seus calhamaços de leis e instruções à era digital. Assim, estariam mais preparados para lidar com tantos negócios em que a inovação é muitas vezes sinônimo de transgressão.

The Economist

Artigo publicado no jornal O Estado de S.Paulo no dia 3 de maio de 2015.

Não adianta partir para a guerra

The Economist

Para combater o tráfico de drogas e tratar dependentes químicos é preciso mais do que ações punitivas e penalidades

Em 1971, Richard Nixon declarou que as drogas eram o "inimigo público número um", dando o primeiro tiro daquela que ficou conhecida como a "guerra às drogas". Nos EUA e em outros países ricos que combateram ao lado dos americanos, a campanha levou à adoção de leis rígidas e condenações severas para pequenos traficantes e dependentes. Nos países pobres e tumultuados, de onde vinham a cocaína e a heroína, a ordem foi erradicar as plantações de coca, de papoula e treinar e armar as forças de segurança.

Bilhões de dólares desperdiçados e inúmeras vidas destruídas depois, as drogas ilegais continuam disponíveis e os combatentes antidrogas começam a ficar cansados. Nos EUA e na Europa Ocidental, a dependência é vista cada vez mais como uma doença. A maconha foi legalizada em alguns lugares. Em vários países, cogita-se seguir o exemplo de Portugal, onde o uso de drogas não é mais considerado crime.

Mas, justo agora, quando essa guerra às drogas começa a arrefecer, uma outra ganha força na Ásia, na Rússia e no Oriente Médio. Ecoando as palavras de Nixon, o presidente da China defendeu a implantação de "ações vigorosas para acabar com as drogas". Seu colega indonésio declarou que elas são uma "emergência nacional". Em janeiro, ele submeteu seis traficantes a um pelotão de fuzilamento - ato que se repetiu na semana passada, quando a Indonésia executou outros oito traficantes, ignorando pedidos internacionais de clemência.

REFLEXÕES XII

Atualmente, o Irã executa um número de traficantes cinco vezes maior do que há alguns anos. A Rússia defende a pulverização com veneno das plantações de papoula do Afeganistão e tenta fazer com que seus vizinhos a acompanhem na proibição à metadona, opiáceo usado no tratamento de dependentes de heroína. No início do ano, a China pressionou a Agência das Nações Unidas para o Combate às Drogas e ao Crime Organizado (UNODC) a adotar restrições mais rígidas ao anestésico quetamina, mas ainda não obteve sucesso.

As proibições são sempre bem recebidas pelas organizações criminosas, que exercem controle exclusivo sobre um mercado global de aproximadamente US\$ 300 bilhões anuais. Também convêm a autoridades e políticos corruptos, que podem embolsar um bom dinheiro fazendo vistas grossas ao tráfico. Várias das pessoas executadas na Indonésia na semana passada disseram que os juízes responsáveis por seus casos prometiam livrá-las da condenação em troca de somas vultosas. De maneira geral, entretanto, o que move os novos inimigos das drogas é a mesma convicção que animava os antigos: a crença sincera, embora equivocada, de que a repressão aos traficantes e aos usuários acabará com a dependência. A lição a ser aprendida com a primeira guerra é que isso não vai acontecer.

Quando o Peru expulsou as pessoas que cultivavam coca, elas se mudaram para a Colômbia. Quando a Colômbia as pôs para fora, elas voltaram para o Peru. Depois que a rota caribenha do tráfico de cocaína foi fechada, abriram-se novas rotas, ainda mais violentas, no México e, em seguida, na América Central. A escassez de uma droga, causada por uma grande

REFLEXÕES XII

apreensão, raramente se prolonga por muito tempo e, enquanto o mercado não é reabastecido, os usuários recorrem a drogas alternativas, às vezes mais perigosas.

Quando é difícil encontrar agulhas limpas, os dependentes usam agulhas sujas. A guerra às drogas transformou os "cartéis" latino-americanos em bandos de assassinos sádicos e endinheirados, capazes de se infiltrar em órgãos governamentais, forças de segurança, sistemas judiciários e prisões. Se os que se preparam para empreender a próxima guerra às drogas quiserem ver o que o futuro lhes reserva, basta olhar para o Ocidente: mais violência e corrupção, mais aids, prisões mais abarrotadas - e, apesar de tudo isso, a mesma quantidade inesgotável de drogas chegando às mãos dos que desejam utilizá-las.

Enquanto isso, medidas adotadas para impedir que os opiáceos sejam desviados para o mercado negro fazem com que pessoas inocentes morram sofrendo dores perfeitamente evitáveis. Nega-se a vítimas de esclerose múltipla e a pacientes de câncer em tratamento quimioterápico o alívio que a maconha pode proporcionar. Alguns pesquisadores acham que o LSD (ácido), o MDMA (ecstasy) ou a psilocibina (ingrediente ativo dos cogumelos alucinógenos) podem ajudar no tratamento da depressão, mas ninguém sabe, pois a legislação antidrogas tornou quase impossível a condução de experimentos.

Como se vê, a questão em torno da quetamina tem precedentes lamentáveis. Trata-se de um anestésico seguro, administrado por via oral, que pode ser usado fora de hospitais e para realizar cesáreas e amputações. Se a China conseguir tornar mais rígidas as restrições a essa droga,

REFLEXÕES XII

pessoas pobres em países com sistemas de saúde precários vão sofrer e até morrer desnecessariamente.

No Ocidente, poucos políticos se dispõem a reconhecer o fracasso da guerra às drogas - ainda que, discretamente, venham adotando políticas mais moderadas. Deveriam ser honestos com seus eleitores e falar a eles de toda a desgraça que essa guerra causou. Só então estarão em condições de convencer o resto do mundo de que os dependentes de drogas precisam de tratamento, não de cadeia, e a oferta dessas substâncias pode ser administrada, mas não suprimida.

Há uma reunião da ONU marcada para o ano que vem, com o objetivo de revisar convenções internacionais que moldam as legislações nacionais a respeito das drogas. É um excelente ponto de partida. A primeira guerra às drogas já causou devastação suficiente. Se a história se repetir, será uma tragédia. ●

The logo for The Economist, featuring the words "The Economist" in white serif font on a red rounded square background with a white border and a blue glow effect.

The
Economist

The Economist

Artigo publicado no jornal **O Estado de S.Paulo** no dia 4 de maio de 2015.

O "negro gato" do Estácio

Luiz Melodia



"No meu tempo, jornalista não bebia Coca Zero. E ainda querem que eu não seja saudosista." Era Luiz Melodia, chegando, indignado, para este **"À Mesa com o Valor"**, marcado no Yumê, restaurante japonês localizado no coração do Jardim Botânico, zona sul do Rio. Antes que a revolta de

Melodia aumente, depois de a fotógrafa pedir um suco de lichia com adoçante, o repórter lembra que num passado não tão distante quase não existiam jornalistas abstêmios, mas em compensação não havia quem não o rotulasse, sóbrio ou não, de "artista maldito", estereótipo que parece ter ficado definitivamente para trás. Melodia lotou recentemente, em plena terça-feira, o Theatro Net, em São Paulo, na estreia da turnê do novo disco, "Zerima", o primeiro de canções inéditas em 13 anos.

"Zerima" vem logo depois do encerramento, ainda neste ano, da temporada de shows que ele fez para divulgar o CD anterior, "Estação Melodia". "Você acha que artista maldito faz turnê pela Europa?", brinca Jane Reis, mulher e empresária do cantor, acompanhada de Hiran, advogado e filho do primeiro casamento de Melodia. O autor de "Estácio, Holly Estácio" também teve um filho com Jane - o músico Mahal.

REFLEXÕES XII

Jane e Hiran ocupam a mesa ao lado. Sentado entre o repórter e a fotógrafa, Melodia pede uma Sapporo, cerveja de origem japonesa. "Hoje eu posso, né Jane?", brinca o músico. Muito antes de Paula Lavigne e Flora Gil, as respectivas mulheres de Caetano Veloso e Gilberto Gil (Paula não é mais casada com Caetano, mas continua sendo sua empresária) passassem a gerir a carreira dos maridos, Jane já fazia o mesmo - e com o mesmo grau de exigência - no começo dos anos 1980 (os dois trabalham juntos há 32 anos). Além de escolher o figurino do artista e até palpar no repertório, ela o "proíbe" de beber durante os shows. Nem uma cervejinha, à maneira Zeca Pagodinho, é permitida. "O palco tem que ser limpo, sem copo. E você precisa cuidar dessa voz maravilhosa, né, amor?", pergunta Jane, arrancando um sorriso do marido. "É, ela tenta controlar tudo, mas tem muita coisa que eu faço escondido."



Melodia no Yumê: "Quando gravei 'Pérola Negra', o pessoal do morro, que esperava um disco que remetesse às minhas origens, chiou"

Os dois começaram a namorar num verão na Bahia, em meados dos anos 1970, durante uma festa na casa dela, no bairro da Boca do Rio, em Salvador. Melodia chegou com um monte de amigos, a turma de "desbunde", que incluía o dançarino e coreógrafo Lennie Dale e outros bailarinos do Dzi Croquettes, além do jornalista e humorista José Simão. "O Simão ficou olhando para mim, dizendo que eu era a cara da Elvira Pagã [1920-2003, atriz e vedete brasileira]", lembra

REFLEXÕES XII

Jane. Quem não tirou o olho dela durante toda a festa foi mesmo Melodia. Tempos depois, os dois já estavam casados.

Os pais de Jane foram contra. "Sua mãe era meio racista", diz Melodia. Jane concorda com a cabeça, argumentando que nenhuma mãe, há 40 anos, de uma família de classe média branca, via com bons olhos sua filha se casar com um negro e músico. Ainda mais em plena ditadura militar. "Sim, havia muito preconceito na época, mas a gente vivia uma fase barrapitada, acho que no fundo a minha mãe queria me preservar", diz Jane. "Mas ela sempre foi conservadora, tanto que não me deixou estudar música. Imagine casar com um músico."

Nem mesmo Oswaldo Melodia, pai de Luiz, funcionário público e compositor bissexto²⁴ (dois de seus poucos sambas, "Não Me Quebro à Toa" e "Linda Tereza", foram gravados pelo filho recentemente no "Estação Melodia"), que já morreu, gostava da ideia de ver Melodia abdicando de uma carreira "séria" para viver de música. No começo, o filho estava até inclinado a cursar zootecnia, pela sua paixão por animais. Mas, antes que prestasse vestibular, foi "cooptado" por um baiano de origem árabe que subiu o morro de São Carlos, favela localizada no bairro do Estácio, na zona norte do Rio, para saber quem era Luiz Melodia. Poeta, compositor, produtor, agitador cultural (ninguém fez mais jus ao termo do que ele), autor de "Vapor Barato" (com Jards Macalé) e do aclamado livro de poemas "Me Segura Que Eu Vou Dar um Troço", Waly Salomão convenceu Melodia a descer para o asfalto e se juntar à turma, liderada por ele e Torquato Neto, a

²⁴ **Bissexto**: que ou aquele que escreve ou publica seus escritos literários apenas escassa e ocasionalmente.

REFLEXÕES XII

mesma dos também tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Quem quase teve um troço foi Oswaldo, ex-estivador do Porto do Rio, que havia conseguido dar estabilidade econômica à família ao passar num concurso público. "Meu pai adorava música, principalmente samba e bolero, mas não gostava nem que eu tocasse no violão dele. Tinha pavor da ideia de o filho virar músico", relata. "Não o condeno por isso. Ele achava que eu morreria de fome."

Os executivos das gravadoras adoravam rotular os artistas e na cabeça deles o meu trabalho nunca teve apelo popular

Mais uma Sapporo é pedida. O compositor conta que herdou do pai o timbre de voz, de tons mais graves, que viraria uma de suas marcas, e o nome artístico "Melodia", que o velho Oswaldo renegava e nunca quis explicar sua origem - provavelmente saído das rodas de samba do Morro de São Carlos. "Quando eu perguntava de onde havia saído o 'Melodia' ele mudava de assunto, desconversava", diz o músico, cujo nome de batismo é Luiz Carlos dos Santos.

Quando entrou para o Exército, no fim da década de 1960, em plena ditadura militar, o pai achou que o filho finalmente tomaria jeito. Não suspeitava que ele ligasse quase semanalmente para Gal Costa, já interessada em gravar suas composições. "Eu ligava toda hora para a casa lá de Gal. Falava com a mãe dela. Qual era o mesmo o nome dela, Jane?", pergunta Melodia, virando-se na cadeira. "Dona Mariá", responde Jane. "É, ela gostava de mim. Quando era o meu dia de folga no Exército, me convidava para almoçar."

REFLEXÕES XII

Quis o destino que ele servisse na sede do I Exército, no bairro de Madureira, e não na sede da Vila Militar, em Marechal Deodoro, também no subúrbio do Rio, onde na mesma época ficaram presos os amigos Caetano e Gil. "Se eu tivesse que escoltá-los, em algum momento, mesmo assim não os reconheceria. Só escoltava gente de capuz na cabeça", diz.

Foi almoçando na casa de dona Mariá que nasceu "Pérola Negra", até hoje uma das mais bonitas e pedidas canções do repertório de Gal e que dá nome ao disco de estreia de Melodia, gravado em 1973, primeiro com o nome de "My Black Meu Negro". Era um dos trechos da letra, escrita em homenagem a Adilson, o "Pérola Negra", um travesti do Morro de São Carlos, amigo de Melodia, assassinado em circunstâncias jamais esclarecidas. "Para mim já era difícil ser negro e músico. Imagine para um negro e travesti? Não tenho dúvida de que ele foi morto por causa da sua orientação sexual." Gal mostrou a canção a Waly, que achou melhor rebatizá-la de "Pérola Negra", gravada com imenso sucesso pela cantora baiana no disco "Fa-Tal - Gal a Todo Vapor", de 1971.

O disco de Gal, assim como o de estreia de Melodia, era fortemente influenciado pela música americana, o que, para uma tropicalista como a cantora, não chegava a ser surpreendente, mas para Luiz Melodia, o garoto do Morro de São Carlos, que crescera ouvindo sambistas como Ismael Silva, Alcebíades Barcelos, Armando Marçal e Newton Bastos, expoentes da "turma do Estácio", era mais que uma provocação. Transformar, por exemplo, a canção "Pérola Negra" num blues era um acinte.

REFLEXÕES XII

Da sua mesa Jane pergunta se Melodia não quer provar o "tori no harumaki", espécie de rolinho primavera, com recheio de carne e legumes. Melodia faz um sinal de "depois", girando o dedo indicador. "Quando gravei 'Pérola Negra', o pessoal do morro, que esperava um disco que remetesse às minhas origens, chiou, reclamou uma barbaridade. Quando lancei, recentemente, o 'Estação Melodia', só com sambas: de Cartola, Geraldo Pereira, Ismael Silva e do pai. Nequinho veio dizer que eu precisava ser mais *pop*", observa. "Tudo isso é um saco. Passei a vida sendo patrulhado."

Por muitos anos, ele teve também que lidar com a fama de "maldito", que garante jamais ter alimentado. Nunca gravou música experimental - suas canções não são herméticas. Sua prosa é simples e as harmonias remetem sempre a gêneros populares, como o blues, o samba e o rock. Por que, então, era considerado "difícil"? Chegou até a ser chamado de "músico marginal". "Não sei dizer, não sei mesmo, mas estou vivendo da minha música, o que para mim já é maravilhoso."

Abraçado pelos tropicalistas na década de 1970, Melodia encarou anos de ostracismo nas décadas seguintes. Mesmo quando Caetano gravou, com sua participação, "Vamo Comer", o maior sucesso do disco homônimo, lançado em 1987, ele não conseguiu tirar proveito da popularidade da canção. Na época, Caetano foi convidado pela produção de um programa de TV para gravar um clipe de "Vamo Comer". Luiz Melodia não foi chamado para cantar a parte que cabia a ele, um trecho relativamente grande da música (era quase um dueto). "No meu lugar, colocaram um ator, pintado de preto, para dublar minha voz", relembra Melodia. "Fiquei furioso, injuriado, mas não falei nada, nem para o Caetano, que duvido

REFLEXÕES XII

que tenha tido qualquer influência nessa decisão. Ele sempre me tratou com muito carinho."

O cantor afirma que não foi vítima de racismo e, sim, da visão "torta", preconceituosa, do mercado fonográfico - com influência, segundo ele, nas decisões dos departamentos musicais das emissoras. "Os executivos das gravadoras adoravam rotular os artistas, e na cabeça deles o meu trabalho nunca teve apelo popular, mesmo que não tivessem nenhuma pista ou evidência para sustentar essa tese."

Meu pai adorava música, principalmente samba e bolero, mas (...) tinha pavor da ideia de o filho virar músico

Melodia pede outra cerveja japonesa e aceita, enfim, provar um pouco do "tori no harumaki". Ele concorda que ainda existe muito preconceito no País, "mais velado do que nunca", mas diz se incomodar, sobretudo, com a crescente onda do politicamente correto, que é, segundo ele, um prato cheio para o surgimento de novas patrulhas. O músico cita o recente posicionamento de Pelé sobre o caso de racismo contra Aranha, goleiro do Santos, xingado de "macaco" por torcedores do Grêmio, durante um jogo entre os dois times, em Porto Alegre. Aranha ameaçou deixar o campo (o protesto do goleiro terminou com uma punição ao Grêmio, que ficou de fora do torneio que disputava). Sobre a polêmica o ex-camisa 10 do Santos afirmou que o campo de futebol não era o melhor lugar para protestar contra o racismo, e na sua época de jogador preferia ignorar os xingamentos racistas vindos da arquibancada.

"O Pelé disse isso e foi massacrado nas redes sociais, com ataques de todos os tipos, numa reação desproporcional

REFLEXÕES XII

contra uma pessoa que só emitiu uma opinião", diz. "Chegaram a botar fogo na casa de umas das torcedoras que xingaram o Aranha de macaco. Eu tenho mais medo desses patrulheiros do que dos racistas."

Depois que desceu o Morro de São Carlos, apadrinhado por Waly Salomão e Torquato Neto, Melodia foi se distanciando aos poucos da comunidade do Estácio, mesmo com os pais morando até o fim da vida lá. No fim dos anos 1990, o músico voltou ao morro da zona norte do Rio, dessa vez para gravar cenas do documentário "Luiz Melodia, o Negro Gato", dirigido por Karla Sabah. Para filmar na favela, teve que pedir, pessoalmente, autorização para o chefe do tráfico. "Foi uma situação bizarra, eu, cria do morro, que passei minha infância e juventude inteira por lá, brincando de papagaio e bola de gude, pedindo permissão para um menino que tinha idade para ser meu filho", diz Melodia. "Não que na minha época não existisse violência, mas jamais imaginaria que pudesse chegar a esse extremo." Depois que uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) foi instalada no Morro de São Carlos, em maio de 2011, Melodia nunca mais precisou pedir autorização para gravar ou cantar por lá. "Já fiz vários shows no morro depois disso."



Músico teve de pedir ao chefe do tráfico para filmar no morro onde cresceu: 'Foi uma situação bizarra'

REFLEXÕES XII

Como quase todo garoto de sua geração criado no morro, Melodia sonhou em ser jogador de futebol. Alguns amigos, mais talentosos do que ele, chegaram a treinar no São Cristóvão, clube profissional (o primeiro da carreira de Ronaldo Fenômeno), vizinho ao Morro de São Carlos. Pontadireita sem o mínimo cacoete para o drible, o filho de Oswaldo nunca conseguiu sair do amadorismo, o que não o impediu de jogar contra o time de várzea mais charmoso do Rio, o Politheama, fundado e capitaneado por Chico Buarque. "O Chico não joga nada, nunca jogou, mas tem essa fama de habilidoso só porque é o dono do time", brinca.

Melodia chegou a fundar também seu time, o Estácio Holly Futebol Clube, formado por garotos vindos do Estácio e por dois veteranos que jogavam na "banheira" (o nome dado aos atacantes que não saem da área adversária): ele próprio e Jards Macalé. "O Macalé, que adora uma polêmica, só queria jogar para dar porrada no Chico", afirma Melodia. Mas o que deixava nervoso o dono do Politheama, lembra o músico, era perder. "E o Politheama sempre perdia para a gente e quase sempre de goleada. O Chico queria morrer."

Jane pede um combinado de atum com salmão. "Luiz, você não está com fome?", pergunta. "Você não comeu nada até agora." O repórter pede que ela e Hiran se juntem à mesa. O assunto continua sendo futebol. Torcedor fanático do Vasco, Melodia diz que nos anos 1990 serviu de anfitrião para Dener, um dos grandes talentos do futebol brasileiro, contratado pelo time carioca no início de 1994 e morto meses depois, aos 23 anos, num acidente de carro na Lagoa Rodrigo de Freitas. "Ficamos muito amigos, ele tinha um talento incrível,

REFLEXÕES XII

"Vamo" comer temaki

Yumê, Rio

Tori no harumaki	2	68,00
Batayaki	1	31,00
Combinado de atum e salmão	1	168,00
Dupla de polvo	1	15,00
Temaki sake	1	40,00
Banana caramelada	1	23,00

certamente seria um dos grandes da história do futebol brasileiro", afirma o músico.

Melodia também fez amizade com outros jogadores, não tão conhecidos, que chegaram a visitá-lo no apart-hotel onde ele e Jane moravam na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio,

curiosos para conhecer o "síndico" do prédio, um homem livre de convenções que jamais poderia ser encarregado da administração do condomínio, mas era chamado assim, certamente pela presença de palco, pelo amigo Jorge Ben Jor (que mais tarde o homenagearia na canção "W/Brasil"): Tim Maia.

Melodia vai de mais uma cerveja e uma "dupla de polvo". Ele ri sozinho ao se lembrar do seu vizinho mais excêntrico. "É, o Tim Maia era um sujeito maravilhoso, mas perto dele éramos todos absolutamente normais", comenta. "Você não tem a mínima ideia do que era morar no mesmo prédio de um cara como ele. Tudo podia acontecer."

Jane concorda com o marido e pede que ele mostre uma "falha" na raiz do cabelo, que nunca mais foi corrigida, depois que Melodia aceitou que o "síndico" do apart-hotel cortasse seu cabelo. Melodia vira-se na cadeira, fica de frente para o repórter, enquanto vai separando as tranças. Enfim é possível visualizar o tamanho do estrago, uma enorme falha, uma espécie de buraco no couro cabeludo, na lateral da cabeça. "Está vendo? Aqui não cresce cabelo de jeito nenhum, já tentei de tudo, mas não cresce", revela Melodia. "Nesse dia, lá no

REFLEXÕES XII

apartamento do Tim, todo mundo bebeu muito, ficou muito louco. Quando ele veio com a história de que iria cortar meu cabelo com 'a tesourinha de ouro da dona Odete', que eu jamais soube quem era; eu deixei e deu no que deu", afirma Melodia. Jane irrita-se até hoje com a história. "Como você deixou ele fazer isso, meu bem?" "Ah, Jane, eu nem me lembro."

Jane e Hiran pedem uma banana flambada de sobremesa. Melodia ainda come, sem muito apetite, a dupla de polvo - vai dispensar a sobremesa. Mais uma cerveja Sapporo, não. O músico pede um brinde. É para o pai, Oswaldo Melodia, que morreu antes de o filho gravar as suas composições. Além dos dois sambas interpretados em "Estação Melodia", o cantor já havia gravado "Maura", também composta por Oswaldo, no disco "Pintando o Sete", de 1991.

Com o tempo, diz Melodia, o pai passou de crítico da sua carreira para fã número um. "Ele vivia com uma pastinha debaixo do braço, com todos os recortes de jornais com notícias sobre os meus discos", diz. "Queria acompanhar as gravações no estúdio, queria dar palpite, teve uma hora que ficou até meio chato", brinca. Mas nada deixou o pai mais orgulhoso do que ouvir Ângela Maria e Nelson Gonçalves interpretarem, respectivamente, "Pérola Negra" e "Estácio, Holly Estácio". "O velho achou maravilhoso, não conseguia disfarçar o orgulho e a felicidade", diz o músico, que nem nessas dias convenceu o pai a revelar o mistério da origem do "Melodia" em seu nome. "Ele morreu sem me contar." ●

Publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 17 de outubro de 2014



Minha política é a música

Hermeto Pascoal



As notas musicais vão brotando da cabeça. Hermeto Pascoal escreve música no guardanapo, em sacolas de supermercado, na parede, no rolo de papel higiênico. Aos 78 anos, o entusiasmo do músico impressiona e contagia. "Minha música é a minha droga", diz ele, enquanto conta histórias.

Começa do começo: o dia em que decidiu, aos 14 anos, fugir de Lagoa da Canoa (Alagoas) para tentar a vida de músico no Recife, o aprendizado que teve com os sons dos bichos, o encontro com Sivuca e Miles Davis e como era visto no meio musical. "Diziam que eu era doido." A prosa não para. "Minha doideira é a minha música", repete.

Ainda criança, começou a tocar uma pequena sanfona oito baixos e causava estranheza nos bailes da cidade. "Os caras chegavam pro meu pai e diziam: esse galego pequeno aí tá tocando muito esquisito, ninguém consegue dançar com ele!"

Antes de se apresentar no Teatro da Caixa, em Brasília, para três shows, Hermeto conversou com o **Valor**. Marcou um lanche de fim de tarde no restaurante **Outback**, em um shopping onde passeava com Aline Moreno, sua mulher, cantora e parceira. Pediu uma salada e meia garrafa de vinho Miolo Reserva.

REFLEXÕES XII

Sua história começa em uma tarde de 1950, quando ele, com 14 anos, e o irmão mais velho, José Neto, com 15, partiram para o Recife sem avisar os pais. Ambos menores de idade inventaram uma história dramática e muito choro para convencer o motorista do ônibus a levá-los. "Se eu dissesse pra eles [os pais] que iria sair de casa, eles não iriam deixar. Eu sabia que o futuro iria ser legal, eu sabia que eles iriam ter uma surpresa boa. Minha cabeça era assim."



Hermeto no Outback: o músico que mistura sons e ritmos dos mais diversos não se inibe em fazer o mesmo com sabores díspares

Desembarcaram na rodoviária e ali mesmo saíram a perguntar o endereço da **Rádio Jornal do Commercio**, onde Sivuca tinha um programa chamado "**A Felicidade Bate à Sua Porta**", e da **Rádio Tamandaré**. Com a cara e a coragem, bateram na JC. "O dono da estação, dr. Pessoa de Queiroz, achou bonito nós três branquinhos assim, eu, meu irmão e o Sivuca, que já era um sanfoneiro famoso e apenas seis

anos mais velho que eu." Os dois meninos ganharam cada um uma sanfona, que não faziam a mais pálida ideia de como tocar. Hermeto só conhecia e manuseava "aquela sanfoninha primitiva, oito baixos, que no Nordeste a gente chamava de pé de bode e, no Sul, o pessoal chama de gaita ponto".

Estava criado o trio O Mundo Pegando Fogo - os três branquinhos, albinos, que tocaram juntos pela primeira vez no programa de Sivuca ao vivo, na rua, em cima de um caminhão.

REFLEXÕES XII

Aliás, Sivuca tocava. Os dois faziam mímica. "Eu não tocava nada nem meu irmão. O Sivuca disse: 'Oh, quando eu me balançar vocês se balançam também". Ele foi muito solidário, né"? Esse início de carreira foi curto. Durou só aquele dia, porque o diretor da rádio dispensou Hermeto e o irmão. "Ele disse que nós não dávamos pra música."

Foi cada um para um lado. A família ficou sabendo por carta onde estavam as duas criaturas. "Eu fui pra Caruaru, meu irmão foi pra Garanhuns." Depois de quatro meses Sivuca foi tocar na rádio de Caruaru, onde Hermeto se apresentava. "Ele chegou à gerência e perguntou: 'Escuta, quem é esse sanfoneiro? Tá bonito, esse cara tá tocando bem!' O gerente explicou que eram 'dois galegos, o que estava ali e o irmão que tinha ido para a outra cidade'. E completou: 'Eles não vão durar muito tempo nesse emprego porque não são do ramo'."

- Quanto é que ele ganha aqui por mês?, perguntou Sivuca.
- Ele ganha uns Cr\$ 500,00, respondeu o gerente.
- Pois eu tenho Cr\$ 2 mil para ele se vocês não o quiserem.
- Você está brincando! Não... Então vou pagar Cr\$ 2 mil para ele!

Hermeto e José, que trabalhava na rádio do mesmo grupo em Guaranhuns, foram promovidos. Um tempo depois, Sivuca foi para o Rio, acompanhar Carmélia Alves, a rainha do baião. A amizade dos dois, porém, durou para sempre.

Sivuca costumava dizer que Hermeto é o "Beethoven do século XX"

Miles Davis, que gravou duas músicas suas - "Igrejinha" e "Nem Um Talvez" -, o chamava de "albino louco". Eles se conheceram nos anos 1970, em Nova York, por intermédio do

REFLEXÕES XII

músico catarinense Airto Moreira, que já era parte da banda do trompetista americano. "Eu fui pra casa dele tocar. Toquei umas 12 músicas no violão. Quando eu terminei ele disse: 'Ah, meu Deus, se eu pudesse gravar todas!'" Hermeto escolheu as duas citadas acima e foi convidado a tocar com Miles Davis. "Eu não quis porque estava formando meu trabalho no Brasil." Na edição do disco de Davis, não foi dado o crédito ao músico brasileiro, falha corrigida posteriormente e repetida depois da morte do músico americano.

A genialidade do arranjador e multi-instrumentista alagoano - toca piano, flauta, acordeão, escaleta, saxofone, trompete, violão, chaleira com água, sem água e todo e qualquer objeto que lhe apareça pela frente - não transformou seus hábitos simples nem o enriqueceu. "Como diz minha mãe, fiquei rico de pena e bico, quer dizer, de experiência, que é o mais importante", diz e ri.

"Aprendi deduzindo." Quando criança tocava para os bichos que encontrava no mato. Com um talo de mamona, fez o primeiro instrumento e o testou junto a seu público especial: os animais. "Eu sei tocar pra passarinho, pra boi, pra vaca, pra porco, pra sapo, pra todos os bichos do mato, do rio, porque eu me criei assim. Inclusive eu aproveitava e estudava no mato. Sou autodidata até hoje."

Tentou estudar teoria musical, mas não foi adiante. O professor o dispensou porque havia pouco a lhe ensinar. "A teoria é lógica. Você olha em um livro e vê assim: a mínima vale dois tempos. A semínima vale um tempo. Quando olhei a colcheia, eu disse ah, então é meio. É tudo matemático. A teoria é pra ser usada. Não é para você depender dela para tocar."

REFLEXÕES XII

Uma coisa é aprender teoria e tocar partitura. Outra é ser uma pessoa musical. Hermeto ensina: "A teoria é o saber e a música é o sentir".

A partir da sua experiência - que primeiro começou a criar, no meio do mato, com os sons dos bichos, para depois saber teoria -, ele não recomenda pôr os filhos ainda pequenos na escola de música. "Se você tem um filho musical, vai notar logo. Aos 8 anos ele já vai querer ficar tocando uma coisa aqui, batendo noutra ali, numa coisinha e tal. Já se nota isso, certo? Só que você não deve ter pressa. Se quiser arrumar um professor, tudo bem. Tem que ser um professor que ensine a tocar de ouvido. A criança começa a tocar e vai tendo aquele gosto maravilhoso. Quando ela tiver os seus 12 anos e for aprender teoria, já vai com a cabecinha feita."

- O que você acha da música eletrônica?

- Nada. Não acho nada.

Pensa um pouco e prossegue: "Aquilo é a verdadeira droga da alma!"

- Eu gosto de arrancar som de onde deve ter e de onde aparentemente não tem. Pegar um instrumento, sair tocando e criando as coisas, sabe?

Dizem que o "bruxo dos sons", como é chamado, quando toca, acalma os animais. Ele assegura que sim, mas há alguns segredos. O primeiro é não repetir para os animais os sons que fazem, pois não gostam de ser imitados. O segundo é não ter pressa. Hermeto conta que quando morava em São Paulo recebeu um pessoal da Alemanha para gravar essa experiência. "Era para eu tocar no zoológico." Aceitou o

REFLEXÕES XII

desafio. "Eu cheguei à entrada do zoológico e tinha uma girafa, assim, deitada." Aline, de 34 anos, sentada ao seu lado, corrige: "Não era girafa, era uma avestruz".

Quando eu estou tocando uma chaleira, eu curto tanto quanto o piano. Gosto de todos. Mas o piano é o dono da música, é o carro-chefe

O animal estava muito doente e o veterinário que cuidava dele se aproximou, desconfiado. "Ele me viu cabeludo e já pensou que era um daqueles caras hippies." Com a flauta, Hermeto foi se aproximando e tocando. "Conversei mentalmente com ela, que não podia se levantar." O médico falou que o bichinho estava desenganado. Ele começou a tocar e, meia hora depois, ela criou ânimo, se levantou e foi com o bico em direção à sua cabeça. "Ela me disse: pode ficar aí que eu não vou fazer nada com você." O veterinário, preocupado, não estava gostando nada daquela experiência. "Dei uma cotovelada no médico e continuei tocando. Ela veio com aquele bicão, aquele pescoço, fez assim em mim oh!", mostra, tocando na sua cabeça com as mãos. Os alemães filmaram tudo. "A Globo também pegou carona e deve mostrar isso quando eu morrer."

Influência musical ele teve poucas: Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. "O que me influenciou mais foi a vida. Música pra mim é a vida." Com Jackson, tocou na Orquestra Jazz Paraguary, da Rádio Jornal do Commercio. "O Jackson era meu irmão. Um dia ele me disse: 'Seu Hermeto, eu vou dizer isso pra você, mas não fala pra ninguém, senão vou perder meu emprego. Se você continuar tocando pandeiro, você não vai tocar mais sanfona aqui!'" Hermeto resistiu a continuar no pandeiro e foi mandado embora da orquestra.

REFLEXÕES XII

Não foram apenas os moradores de Lagoa da Canoa que reclamaram da música "esquisita" de Hermeto Pascoal. Os músicos brasileiros também o chamavam de "doido" e isso o chateava muito. "Fiz um disco, 'Por Diferentes Caminhos', e com ele eu ganhei todos os prêmios, até da capa. Tudo. E eles diziam: 'Tu pega uma chaleira suja pra tocar!' Eu dizia: 'Cara, você está muito no andar físico. Fica no andar espiritual que você vai ver o que eu estou fazendo na chaleira, eu estou tocando bonito. Entendeu?'"

Seu estilo é universal. Tem frevo, maracatu, samba, forró, jazz. Só com a voz, de roncões a assovios, gravou "Hermeto Pascoal de Corpo e Alma para as Criancinhas Velhas e Novas".



"Eu gosto de arrancar som de onde deve ter e de onde aparentemente não tem", afirma

A criatividade, o talento e a sensibilidade musical de Hermeto o levaram aos mais cobiçados palcos do mundo. A partir de 1976, com o lançamento do clássico "Slaves Mass", seu nome passou a ser reconhecido por grandes músicos internacionais. No I Festival Internacional de Jazz, em 1978, em São Paulo, seu grupo mereceu uma "canja" de Chick Corea, John McLaughlin e Stan Getz. Em 1979, participou do Festival de Montreux, na Suíça, onde foi ovacionado. O noticiário da época relata que ele salvou a apresentação de Elis Regina, que subiu ao palco do festival e, com Hermeto ao piano, cantou "Rebento" e "Águas

REFLEXÕES XII

de Março", em um momento único da música nacional que teria sido melhor que o próprio show da cantora. O evento resultou no álbum duplo "Hermeto Pascoal Montreux ao Vivo" e ficou registrado para a eternidade no disco "Elis Regina - Montreux Jazz Festival".

No Japão tocou com Sadao Watanabe. Com Dizzy Gillespie, fez shows na Argentina e uma turnê pelo sul do Brasil. E assim foram todos esses anos e mais de três dezenas de discos. Viu peças de sua autoria serem regidas por maestros como Julio Medaglia e Isaac Karabtchevsky. "Eu, um autodidata, vindo lá de Lagoa da Canoa, estava ali como dono da orquestra sinfônica", diz e se emociona.

"Eu tenho certeza absoluta de que se eu fosse tocar para uma plateia que me vaiasse eu encarava a plateia e morria feliz, mais do que se eu ficasse calado e quieto." Isso, porém, nunca aconteceu.

Dos seis filhos que teve do primeiro casamento, Fábio é o que trilha a carreira de músico como percussionista no grupo do pai. Mas Hermeto não o considera herdeiro da sua música. "Existe a semelhança, a influência indireta. Mas não admito ninguém me imitar nem quero ensinar o que sei para ninguém, porque, quando eu ensino, o que ensinei não faço mais. Já faço outra coisa. Olha que legal!" Como percussionista, diz que o filho é nota 10.

Músicos bons continuam a existir no país. Ele cita Itiberê Zwarg, André Marques, Vinícius Dorinho, Fábio e Aline Moreno, sua companheira desde o início dos anos 2000, gaúcha de Erechim, com quem vive em Curitiba. "Ela está

REFLEXÕES XII

fazendo o trabalho dela, tem o próprio grupo e tudo. Nada de imitar." Quando conheceu Aline, estava viúvo havia dois anos.

Como compositor, "o Guinga é dos melhores que nós temos", afirma. Hermeto tem grande admiração pelo carioca Carlos Althier de Sousa Lemos Escobar, o Guinga, compositor e violonista brasileiro. Parceiro de Paulo César Pinheiro e Aldir Blanc, entre outros, teve suas músicas gravadas por Elis Regina, Michel Legrand, Sérgio Mendes, Chico Buarque, Ivan Lins, Leila Pinheiro.

Os sucessos que invadem a mídia hoje, a exemplo do sertanejo universitário, são "geração de fortuna instantânea". Para ele, porém, "o fato de a gente respirar droga musical não é culpa do músico, eu acho que é culpa do conjunto da obra. Você liga o rádio, tem aquela porcaria tocando. E eles [os músicos] acham que fazendo isso estão saindo do quadrado para o moderno".

Para ele, compor é como comer, tomar banho. Um ato diário. "Eu tenho vontade. Todo dia, todo dia. E hoje eu componho mais do que quando era mais novo. Componho mais e mais rápido."

E começa a descrever suas últimas empreitadas. "Agora estou fazendo um trabalho com tudo o que você possa imaginar de objetos, guardanapo, sacola de supermercado, de loja de departamentos, pratos. Aliás, já tem guardanapo demais. Eu sempre olho nos restaurantes e boto os guardanapos no bolso antes, pra ninguém notar. Agora estou nas bandejas também, tem umas bandejinhas maravilhosas."

Nesses objetos ele escreve a melodia e as cifras. Aline o interrompe: "Até em papel higiênico! É. E eu fiquei brava com

REFLEXÕES XII

ele quando ele escreveu em papel higiênico, porque como é que se vai guardar?"

- Eu vou comprar os mais baratos que são mais resistentes, rebate o músico.

Ele pretende fazer o "Show das Sacolas" ou o "Espetáculo dos Guardanapos". Cada dez sacolas equivaleria a um ingresso, por exemplo.

Você tem alguma crença?

- Sim, na música.



Salada em dois acordes
Outback Steakhouse, Brasília

Salada da casa	2	41,50
Caesar Salad	1	20,75
Garrafa de vinho Miolo	1/2	32,00
Água	2	10,00
Limonada	2	19,50
Café	4	19,00
Subtotal		142,75

Além da música você é religioso, acredita em alguma coisa? Na reencarnação, por exemplo?

- Eu acredito, mas não confirmo. A coisa mais forte neste mundo é o ponto de interrogação que há para todos. Ninguém conhece Deus. A gente só ouve falar. Então, a gente tem que ter esperanças de que exista uma força maior que

tudo, porque dentro de tanta coisa que eu sei fazer na vida, tantas coisas boas que me acontecem, tem que existir algo que organize isso, que dê sentido.

Quando não está envolvido com a música, o que gosta de fazer?

REFLEXÕES XII

- Ele gosta de assistir a jogo de futebol, responde Aline. No Rio ele é Fluminense, em São Paulo é Palmeiras, no Rio Grande do Sul é Colorado [Internacional].

Hermeto é um torcedor peculiar. "É. Eu gosto de futebol, mas, se eu estiver torcendo pelo meu time e ele estiver jogando mal, viro a casaca. Fico com raiva e torço pra ele perder." Se ganhar, melhor ainda. "Mas eu fico com raiva quando vejo o jogador não lutar. Agora, se o meu time perder correndo e mordendo a bola, aí perder é uma consequência. Entregar o jogo, não."

Então você detestou o desempenho do Brasil na Copa, os 7 a 1 da Alemanha.

- Fiquei uma fera! Agora, uma coisa eu tenho que dizer: eu nunca vi uma situação em que todos os jogadores tinham a mesma reação em campo, ao mesmo tempo. Parecia que os 11 caras tinham nascido na mesma casa, padeciam da mesma doença e tomavam o mesmo remédio.

Nas suas relações, tem um jeito generoso de ver o outro. Quem conta é Aline: "O Hermeto é tão louco por música que parece que, se a gente matar alguém, mas for uma pessoa que toca bem, ele perdoa!"

Ele explica: "A música é, para mim, uma coisa tão vibrante que uma pessoa má não vai tocar bem. Se ela toca bem, não é de todo má. Fica pelo menos em um meio-termo".

No auge da bossa nova, ele morava em São Paulo e não era lá muito aceito pelo movimento. "Chamavam-me de Baiano. Meu apelido era Hermeto Baiano, Dois Acordes". Nesse tempo ele tocava especialmente forró e baião, e o forró - explica - tem

REFLEXÕES XII

praticamente dois acordes. Costumava dizer, na época, que o forró era a música do futuro, que não era uma música piegas.

- É. E ainda digo.

Então o futuro já chegou?

"Mas não estou falando dessas coisas aí. Tem que ser bem tocado, entendeu? Mas forró pra mim é um termo. Não significa dizer que você tem que tocar um só estilo. Tem coisas misturadas, entendeu? Mas tudo bonito, moderno. É como uma roupa que a gente usa."

Você se interessa, acompanha a política? A pergunta não o empolga.

- Mesmo que não queira, você é obrigado, né? Mas me interessar, não. Quando me perguntam sobre política, eu já digo logo: "A minha política é a música".

Mas dá uma opinião: "Eu gostaria que no Brasil fosse como é nos Estados Unidos. O voto tinha que ser liberado pra quem quiser. Precisava acabar com esse negócio obrigatório. Vote se quiser e em quem quiser e, se não quiser votar, não vota". ●



Hermeto Pascoal é um compositor, arranjador e multi-instrumentista brasileiro (toca acordeão, flauta, piano, saxofone, trompete, bombardino, escaleta, violão e diversos outros instrumentos musicais).

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 18 de setembro de 2014.

O garimpeiro das quadras

José Roberto Guimarães



Todo dia, ele fazia tudo sempre igual. E no mesmo lugar: a quadra. E com a mesma companhia: a namorada. O cotidiano seguia seu curso em mais uma tarde de disciplinados mil toques contra a parede. Até que, algumas centenas de bolas depois, o garoto tímido e introspectivo lançou outra na direção da moça. Não, nada de bola. Zé Roberto sacou foi

mesmo um pedido de casamento. Assim, direto e reto, sem enfeites e babados, voz ecoando no vazio recortado por uma rede. E, para seu profundo alívio, não levou uma cortada. A proposta foi aceita - na hora.

Muito provavelmente hoje, 33 anos depois, conhecedor que virou da fisiologia e das incongruências do sexo oposto, José Roberto Guimarães, técnico da seleção feminina de vôlei, faria outra abordagem. Ou não. Alcione, a mulher e mãe de suas duas filhas, é braço direito na vida e nas quadras.

Os muitos livros e as incansáveis conversas com psicólogos e ginecologistas elucidaram as dúvidas sobre o cérebro e o corpo femininos, mas quem emprestou a sensibilidade para lidar tanto e tão de perto com mulheres foi ela. Aos 60 anos, ele está há 11 treinando a seleção feminina.

REFLEXÕES XII

Os melhores toques, ele garante, não vieram dos manuais. "Sou um pouco fechado, não sou de falar muito e sempre fiquei muito preocupado com a performance e os treinamentos. Minha mulher me fez ver que com um time feminino não podia ser dessa maneira, que precisava ouvir mais, conversar mais, porque mulher gosta de falar e ser ouvida. Eu mudei", revela. "Muito", diz, sublinhando a palavra. "A gente foi amadurecendo ao longo dos anos, se entendendo e dialogando mais. Hoje minha convivência com as meninas é muito mais pacífica."

Alcione está na Itália, acompanhando Zé Roberto no Mundial de Vôlei Feminino, que está sendo disputado desde o dia 23. Apesar da discricção, está sempre ao lado do marido nos dois eventos mais importantes, a Olimpíada e o Mundial. A expectativa para o torneio atual é grande. É que o vôlei feminino do Brasil - além de ter ficado em primeiro lugar no Grand Prix, em agosto - ainda não trouxe ouro do Mundial. Foram três medalhas de prata, duas delas sob o comando de Zé Roberto e uma com Bernardinho. "No Brasil, a prata não tem valor. Mas pra gente tem, a gente sabe o sacrifício que foi para chegarmos lá." O desempenho até aqui é excelente. As brasileiras garantiram vaga para a segunda fase antes dos dois últimos jogos.

O Brasil venceu os cinco jogos da primeira fase e até o fechamento desta edição continuava invicto na segunda, após vitória sobre o Cazaquistão, na quarta-feira. "Acho que as coisas estão escritas, mas tem que trabalhar para que elas aconteçam."

Nas Olimpíadas, a trajetória é outra. Nas duas últimas, em Pequim e Londres, as meninas do vôlei ficaram em primeiro

REFLEXÕES XII

lugar. As duas medalhas de ouro no feminino e a conquistada em Barcelona, em 1992, pelo vôlei masculino fizeram de Zé Roberto duas vezes único: é o único técnico no mundo campeão olímpico com seleções de ambos os sexos e único técnico tricampeão olímpico do esporte brasileiro.

"Técnico não ganha medalha, mas é o que menos importa. Eu sempre me enrolo numa bandeira brasileira e quando vejo o pessoal lá em cima do pódio penso comigo: José, bom trabalho, missão cumprida." Devoto de São José, algo que revelaria quase no fim da entrevista, ele confessa: "Quando eu rezo, peço para São José. Ele tem me ajudado muito. Eu sobrecarrego meus santos", diz, abrindo um rabisco de sorriso.

Estamos em Saquarema, na região dos lagos no Rio, onde as ondas agitadas são convite para os surfistas. O sol brilha insistente, mas areia e mar estão vazios. É quarta-feira. Entre casas de veraneio fechadas, surge, imponente, o Centro de Desenvolvimento do Voleibol (CDV), onde todas as equipes da modalidade são treinadas. Silenciosos, os cinco ginásios, piscina e alojamento parecem descansar depois de uma

manhã de treinos intensos. Esperamos Zé Roberto no refeitório, quase vazio. Dois passarinhos brincam à vontade entre as mesas e beliscam os farelos.

Uma hora e meia depois do horário combinado, Zé Roberto chega, calmamente, enxugando o suor do rosto. O tempo ali



REFLEXÕES XII

parece ser contado em sets. Como a vida dos atletas, que é contada em ciclos - de quatro em quatro anos, entre uma Olimpíada e outra. O jeito cordial e tranquilo, derramado na voz, confirma a fama de boa gente e sossega, ainda que por pouco tempo, a fome da repórter e do fotógrafo Léo Pinheiro. Vamos direto ao bufê. O treinador faz um prato com arroz integral, feijão, um pouco de salada e frango com ervilhas. "Isto aqui pra mim é o suficiente, você nunca vai me ver repetindo o prato." Disciplina atlética.

Dá a primeira de poucas garfadas, enquanto continua a conversa iniciada enquanto nos servíamos. Felipe, o neto de 4 anos - o "foco principal" dos seus fins de semana -, é apaixonado por futebol, embora goste de todo o tipo de esporte e treine algumas manchetes com o avô, que em uma de suas viagens trouxe uma bola de vôlei infantil para o menino. Mas ídolo mesmo é o Neymar. Há pouco tempo, o garoto teve pneumonia e precisou ser levado de ambulância para o hospital. Relutou em entrar no carro cheio de parafernália médica, até que ele próprio lembrou. "Mamãe, quando o Neymar quebrou as costas, ele foi de ambulância?", reproduz o avô. Mal esperou a resposta positiva e já estava na maca gelada. "A identificação é impressionante", observa.

O avô acha ruim? Nem um pouco. Também fora apaixonado pelo jogo de bola com os pés. "Entre 6 e 12 anos, o que eu queria era futebol, como todo garoto dessa idade." Nascido em Quintana, cidade pequena no interior de São Paulo, nessa época já morava em São Paulo. "Meu pai jogava futebol, meu irmão mais velho chegou a jogar profissionalmente no Corinthians, então minha ligação com o esporte sempre foi grande."

REFLEXÕES XII

Pois as peladas o ajudaram a driblar o coração pesado e a dor amassada no pequeno bolso do calção desajeitado. Zé tinha 7 anos quando perdeu um irmão, aos 14, eletrocutado quando empinava pipa. A casa sempre aberta para festas se apagou, calada como o inconformismo da mãe. Além da dor da perda do irmão, sofreu muito com o padecimento e o luto materno - que durou três anos, até o nascimento de outro irmão. "Não uso preto até hoje, de jeito nenhum, até para colocar um sapato preto tenho a maior dificuldade", revela, dentro do uniforme azul-marinho da seleção e tênis brancos nos pés.

Viria a conhecer o jogo da bola com as mãos em Santo André, aos 13 anos, num colégio de periferia. Começou a treinar quase obsessivamente e se casou. Primeiro com o vôlei, depois com Alcione - um ano e meio depois do pedido na quadra. "Eu não saía da quadra, não tive uma vida normal, de sair, eu só queria jogar, não bebia e não fumava", recorda-se. "Talvez eu tenha sido um dos atletas que mais treinaram na vida."

Zé Roberto chegou a disputar a Olimpíada de 1976, em Montreal, como levantador, ao lado de Bebeto e William - a seleção naquele ano ficou em sétimo lugar. Na equipe estavam Bernard, Negrelli, Moreno e Fernandão. "Consegui realizar meu sonho de estar na seleção, mas com muito sacrifício, eu nunca fui talentoso", afirma, atacado de modéstia.

O que mais conta: talento ou suor? "Acho que o suor. Se aliar os dois, muito melhor. Mas eu conheço muita gente que conseguiu vencer pela dedicação, pelo sacrifício, que, na verdade, não é um sacrifício porque a pessoa gosta muito daquilo."

REFLEXÕES XII



Na seleção que sucedeu o grupo de Zé Roberto estavam Renan, Montanaro e Amauri. Foi quando o vôlei começou a se popularizar no Brasil, erguido pelos resultados - fruto da dedicação exclusiva aos treinamentos. Foi só a partir dos anos 1980 que os jogadores passaram a ganhar remuneração para ser profissionais do vôlei.

"A minha geração e a anterior tiveram que batalhar muito, a gente precisava treinar e trabalhar", conta. Formado em educação física - e não medicina ou engenharia como queriam os pais -, Zé Roberto começou dando aulas de vôlei em um colégio de freiras e depois foi professor na Prefeitura de Santo André.



REFLEXÕES XII

Conseguiu uma medalha de campeão sul-americano como jogador, mas orgulho mesmo a mãe só teve quando ele foi para o banco, quando se tornou assistente-técnico do Bebeto de Freitas, na seleção masculina de voleibol, aos 34 anos.

Bebeto, que nunca tinha convocado Zé Roberto como jogador, chamou o incansável homem dos treinos para assessorá-lo. Trabalharam juntos por dois anos, até 1990. Zé Roberto ainda treinou as seleções femininas de base - infanto, juvenil, sub 17 e sub 19 - até que, em 1992, foi chamado para treinar a seleção masculina de vôlei. No mesmo ano, os meninos levaram o ouro na Olimpíada de Barcelona, e sob seu comando, até 1996, ainda conquistaram uma Liga Mundial, um sul-americano e uma Copa do Mundo de Vôlei. Entrou para treinar a seleção feminina em 2003, na qual continua até hoje.

O menino que levou o primeiro pontapé da vida aos 7 anos também enfrentou uma jornada difícil nas quadras, até chegar aos títulos. A conversa vai do triunfo ao fracasso, sem escalas.

Antes que venha a pergunta, Zé Roberto começa a falar do seu pior momento como técnico - os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004: "Foi a pior derrota que eu sofri como treinador, mas também o maior marco na minha vida," diz, enquanto dá uma garfada pouco entusiasmada. Diante da Rússia, o Brasil venceu o quarto set por 24 a 19 e teve cinco "*match points*" a seu favor. De virada, as russas levaram o ouro e as brasileiras ainda foram tachadas de "amarelonas".

O técnico revive o jogo - esse e vários outros - como se estivesse em quadra, detalhando ponto a ponto. Ainda conta o episódio com uma ponta de ressentimento na voz. A comida, provavelmente fria, repousa no prato. "Quando eu voltei, tinha

REFLEXÕES XII

vergonha dos meus amigos, vergonha da minha família, vergonha de sair de casa." Foi como o 7 a 1 do Brasil na Copa do Mundo? "Não faz essa comparação que depois o Felipão fica bravo comigo."

Zé Roberto não perdeu o cargo, porque havia acertado o compromisso de ficar independentemente do que acontecesse. Começou, então, a questionar o que havia sido feito de errado. O jeito disciplinado e metódico entrou em ação. A comissão técnica começou a refazer todo o planejamento da seleção e montou-se uma estratégia de guerra. "O primeiro passo foi sair do Brasil e treinar jogadoras inimigas", relata. Zé Roberto foi para a Itália e os outros dois integrantes da comissão técnica foram para a Espanha e a Turquia. Também decidiram fortalecer o físico das jogadoras, a ponto de colocá-las na sala de musculação depois de jogos importantes. "Nosso parâmetro virou o time feminino de Cuba."

- Foi a partir da derrota que você aprendeu a construir um time campeão?

- Sim. Não foi só a parte física, técnica e tática; nós construímos cabeças vencedoras. Elas passaram por períodos difíceis, psicologicamente, de perder jogos, de não cair a última bola, de ser tachadas de amarelonas e depois se construiu um processo de evolução e de vitórias. Elas aprenderam a ganhar. Um dia se perde, outro se ganha. A vida te mostra isso e te dá novas chances. Nós soubemos aproveitá-las.

Já passou da hora de trocar os pratos na mesa do bufê. Verduras, saladas, arroz e feijão são substituídos por iogurtes, geleias, frios e bolos. O cheiro de pão quente escorrega por

REFLEXÕES XII

entre as mesas. Um grupo de meninos da seleção infanto-juvenil, altíssimos e famintos, chega e quebra a mansidão do refeitório. O prato de Zé Roberto também é recolhido, quase intacto. Ao que tudo indica, o convívio com as mulheres mudou mesmo o jeito fechado do técnico. A fome de falar pareceu maior do que a de comer. E o prato era mais do que o suficiente.

A gente foi amadurecendo (...), se entendendo e dialogando mais; hoje minha convivência com as meninas é muito mais pacífica

A conversa continua e chega à diferença entre treinar homens e mulheres. Sem contar a parte tática - as mulheres precisam de mais volume de jogo -, ele ressalta a questão física. E, sem nenhum constrangimento, como numa conversa íntima de colegas no banheiro, fala sobre a menstruação das jogadoras. Até pouco tempo, havia uma tabela para controlar o calendário e o fluxo menstrual. "A gente sabia o dia em que elas iam menstruar e como estava essa menstruação, porque fluxo em demasia faz perder potássio e cálcio e pode levar a contusão e quem não menstrua pode estar treinando muito." Hoje, a maioria opta por não menstruar, mas o tipo de anticoncepcional que cada uma toma continua sendo acompanhado de perto. E pelos "meninos". Pílulas que inibem a agressividade, por exemplo, estão vetadas. A assessoria é dada por um ginecologista, que acompanha a seleção. "Hoje a gente consegue programar melhor uma competição, demos um passo enorme", diz, aliviado.

E a parte psicológica? "Com homem é tudo mais rápido, claro e simples. Mulher é mais difícil, elas levam problema para casa. Depois de todos esses anos, eu cheguei à conclusão de que é muito mais fácil você colocá-las como responsáveis pelas

REFLEXÕES XII

situações, inseridas no contexto, do que simplesmente tomando decisão apenas como comissão técnica." A vaidade é outra peculiaridade. Na era do HD, ninguém mais entra na quadra sem maquiagem. O cabelo precisa estar impecável. "E as unhas? Elas dão um jeito de arrumar manicure e pedicure em qualquer lugar do mundo." E o que o técnico acha disso tudo? "Eu estimo tudo o que melhore a autoestima delas."

Começamos a falar de Olimpíada, mas Zé Roberto é chamado para resolver um assunto urgente. Volta cerca de 15 minutos depois - uma das jogadoras tinha tido um problema particular e estava aos prantos. "Minha vida é assim", conta, tranquilamente.

Voltamos para o Rio-2016. O técnico compara o evento à Copa. "Eu estava superpreocupado com a Copa, organização.

Fui a dois jogos, peguei metrô e fiquei muito orgulhoso do que eu vi. Acho que as arenas vão ficar bonitas e bem sinalizadas, a Olimpíada do Rio vai ser uma das mais bonitas da era moderna", afirma, com entusiasmo. Mas e a questão do estouro do orçamento, a parte política do evento? "Você falou uma palavra a que tenho ojeriza, tenho ojeriza à política. Eu não acompanho as obras, o orçamento em detalhes, mas no Brasil isso sempre acontece. Fica até o último momento e precisa de um aporte financeiro. Isso é histórico no nosso País e lamentável."

- O que você espera do time para 2016? Nada menos que o ouro?

- Não. Eu não penso assim, nunca, nunca. Em qualquer competição, eu nunca penso assim. Acho que tudo pode acontecer, as pedras vão estar no nosso caminho, a gente vai

REFLEXÕES XII

ter que ultrapassar. Uma derrota no momento inesperado, o time pode cair psicologicamente. A linha entre sucesso e fracasso é muito tênue. A gente trabalha para, mas tudo pode acontecer. Eu rezo muito para que as coisas caminhem da melhor maneira possível, para que ninguém se machuque, a gente não tenha problemas pessoais. Porque você só ganha uma Olimpíada ou grande título quando tudo flui muito bem, quando os deuses do universo conspiram a seu favor.

Uma senhora no fundo do refeitório aponta uma máquina fotográfica na nossa direção. Com vergonha, se aproxima e Zé Roberto a chama para tirar uma foto. "Gente, eu nem acredito que estou aqui, acordo de madrugada para ver vocês. Torço por vocês, boa sorte", diz, visivelmente emocionada. "Tá vendo? Acorda de madrugada, sofre junto. Eu é que agradeço", devolve o técnico.

Depois do Mundial, quando as jogadoras voltam para os seus clubes, Zé Roberto - que agora está dedicado exclusivamente à seleção, após ter comandado o time turco Fenerbahçe (conquistou o Champions League pela primeira vez na história do clube) e o masculino de Campinas, Vôlei Amil - pretende rodar pelo mundo. "Em vez de treinar times, vou acompanhar campeonatos pelo mundo, o russo, o turco, o japonês, o italiano, vou assistir a treinamentos de outros técnicos, tenho que me inteirar do que está acontecendo no voleibol no mundo." E depois da Olimpíada? "Não sei o que vai acontecer. Depende de tanta coisa... Hoje me sinto bem em todos os aspectos."

Acostumado ao assédio da imprensa pré-Mundial - ele tinha dado uma coletiva e uma entrevista para TV naquele mesmo dia -, Zé Roberto mantém o jeito manso de falar e não muda

REFLEXÕES XII

de expressão quando o assunto fica mais delicado. Sempre tido como um treinador calmo e controlado, ele se envolveu em algumas polêmicas recentemente. Chamou uma jogadora de burra e fez um comentário sobre a russa Ekaterina Gamova, dizendo que ela devia ter ganhado um caminhão de dinheiro para voltar à seleção russa. "Eu saio de mim, mas volto logo", diz, para depois responder sobre cada um dos episódios.

"Com a Gamova, eu perdi uma grande oportunidade de ficar calado. Comentei na zona mista com um jornalista amigo meu, escutaram e publicaram. Ela foi supereducada e disse que não era da minha conta, como de fato não é", reconhece.

Sobre ter chamado a jogadora Claudinha de burra, também não se esquivava. "Eu treinei muito aquela jogadora e já a tinha alertado durante o jogo. Quando ela repetiu o erro, eu perdi a cabeça", conta. "Acabei exagerando", admite. E aproveita a deixa para reclamar do ponto de áudio, uma regra da Federação Internacional combinada com a imprensa. "Eu não gosto, não dá pra falar um palavrão e tudo o que você fala fica público. Fora que tem gente que passa o que você diz para o outro time."

O café e o pedaço de bolo, esses sim, são engolidos com vontade pelo técnico. O assunto volta para o futebol. É que, em 1997, Zé Roberto recebeu uma proposta para trabalhar como dirigente da Hicks Muse, empresa que tinha parceria

Fora da quadra

CDV, Saquarema

Bufê	4	-
Refrigerante	2	-
Água	3	-
Café	3	-
Fatias de bolo	1	-
Doce	1	-

A refeição foi custada

REFLEXÕES XII

com o Corinthians. A ideia era que participasse do futebol profissional e ajudasse a organizar o futebol amador. Assim que entrou, Alberto Dualib, então presidente do Corinthians, lhe perguntou: "Garoto, você tem o couro grosso? É que aqui você vai tomar muita paulada." E no primeiro dia, o "couro" começou a engrossar, conta e bate forte nas costas.

O técnico conta que sua entrada não foi simples, porque os diretores do clube tinham muita força e o contrato dizia que a empresa pagava a conta, mas a última palavra era do Corinthians. Acabou saindo depois de dois anos (o contrato era de cinco) porque teria de vender alguns jogadores da parceria antes do prazo acordado. "Mas foi uma experiência muito boa." Serviu para o vôlei? "Serviu para a vida."

O futebol continua na vida do técnico de vôlei. Gosta de jogar uma pelada com os amigos. "Futebol eu brinco, rio de mim mesmo." Vôlei, para valer, nunca mais. Só se precisar entrar em quadra se não tiver jogadora no treino. "Uma coisa em que você foi profissional um dia, sempre vai levar a sério." Para se exercitar, adora jogar tênis e tem paixão por cavalos. Começou com adestramento clássico e está aprendendo a saltar. Quando está no rancho da família ("não é um haras", gosta de frisar) aos sábados e domingos de manhã, dedica-se aos cavalos.

O fotógrafo pede que Zé Roberto faça algumas fotos na área externa e nas quadras. Antes, ele retira xícaras e pratos da mesa e segue para o ginásio. Foto vai, bola vem e, depois de uma sessão de cliques, ele nos acompanha até o carro. O estrondo insistente do mar de Saquarema invade o centro de treinamento. O vento sussurra quente. Despedida feita, a repórter deseja boa sorte à equipe no Mundial. Zé Roberto une

REFLEXÕES XII



as mãos, faz reverência com a cabeça e olha para cima. Até aqui, os deuses do universo conspiram a nosso favor. ●

José Roberto Guimarães

Artigo publicado no jornal **Valor Econômico** no dia 3 de outubro de 2014.

Nostalgia de París

Mario Vargas Llosa



A finales de los años cincuenta vivían todavía Sartre, Mauriac, Camus, Breton... Mi más vivo recuerdo son los discursos de André Malraux, grandísimo escritor y un orador fuera de serie

Cada vez que vengo a París siento una curiosa sensación, hecha de reminiscencias y nostalgia. Los recuerdos, que fluyen como una torrentera, van sustituyendo continuamente la ciudad real y actual por la que fue y solo existe ya en mi memoria, como mi juventud. He vivido en muchos lugares y con ningún otro me ocurre nada parecido. Tal vez porque con ninguna ciudad soñé tanto de niño, atizado por las lecturas de Julio Verne, de Alejandro Dumas y de Victor Hugo, y a ninguna otra quise tanto llegar y echar allí raíces, convencido como estaba, de adolescente, que solo viviendo en París llegaría a ser algún día un escritor.

Era una gran ingenuidad, por supuesto, y sin embargo, de algún modo, resultó cierto. En una buhardilla del Wetter Hotel, en el Barrio Latino, terminé mi primera novela y en los casi siete años que viví en París publiqué mis primeros tres libros y empecé a sentirme y funcionar en la vida ni más ni menos que como un escritor. En el París de fines de los cincuenta y comienzos de los sesenta vivían todavía Sartre, Mauriac, Malraux, Camus, y un día descubrí a André Breton,

REFLEXÕES XII

de saco y corbata, comprando pescado en el mercadito de la rue de Buci. Una tarde, en la Biblioteca Nacional de entonces, junto a la Bolsa, tuve de vecina a una Simone de Beauvoir que no apartaba un instante la vista de la montaña de libros en la que estaba medio enterrada. Eran los años del teatro del absurdo, de Beckett, Ionesco y Adamov, y a éste y sus ojos enloquecidos se lo veía todas las tardes escribiendo furiosamente en la terraza del Mabillon.

La ducha en el hotel costaba 100 francos de entonces —uno de ahora—, exactamente lo mismo que un almuerzo en el restaurante universitario y que una entrada a la Comédie-Française en las matinés de los jueves, dedicadas a los escolares. Los debates y mesas redondas de la Mutualité eran gratis y yo no me perdía ninguno. Allí vi una noche la más inteligente, elegante y hechicera confrontación política que he presenciado en mi vida, entre el primer ministro de De Gaulle, Michel Debré, y el líder de la oposición, Pierre Mendès-France. Me parecía imposible que quienes se movían con esa desenvoltura en el mundo de las ideas y de la cultura fueran solo políticos. Ahora las películas de la Nouvelle Vague no parecen tan importantes, pero en esos años teníamos la idea de que François Truffaut, Jean-Luc Godard, Alain Resnais y Louis Malle y su órgano teórico, Cahiers du Cinéma, estaban revolucionando el séptimo arte.

Los debates y mesas redondas de la Mutualité eran gratis y no me perdía ninguno

Pero, tal vez, si tengo que elegir el más vivo y fulgurante de mis recuerdos de esos años, sería el de los discursos de André Malraux. Siempre he creído que fue un grandísimo escritor y que **La condición humana** es una de las obras maestras del

REFLEXÕES XII

siglo veinte (el menosprecio literario de que ha sido víctima se debe exclusivamente a los prejuicios de una izquierda sectaria que nunca le perdonó su gaullismo). Era también un orador fuera de serie, capaz de inventar un país fabuloso en pocas frases, como lo vi hacer respondiendo, en una ceremonia callejera, al Presidente Prado, del Perú, en visita oficial a Francia: habló de un “país donde las princesas incas morían en las nieves de los Andes con sus papagayos bajo el brazo”.

Nunca olvidaré la noche en que, en un Barrio Latino a oscuras, iluminado solo por las antorchas de los sobrevivientes de los campos nazis de exterminio, evocó al mítico Jean Moulin, cuyas cenizas se depositaban en el Panthéon. Entre los propios periodistas que me rodeaban había algunos que no podían contener las lágrimas. O su homenaje a Le Corbusier, con motivo de su fallecimiento, en el patio del Louvre, enumerando sus obras principales, de la India a Brasil, como si fueran un poema. Y el discurso con el que abrió la campaña electoral, luego de la renuncia de De Gaulle a la presidencia, con esa frase profética: “Qué extraña época, dirán de la nuestra, los historiadores del futuro, en que la derecha no era la derecha, la izquierda no era la izquierda, y el centro no estaba en el medio”.

En aquel París, un joven letraherido insolvente podía vivir con muy poco dinero, y disfrutar de una solidaridad amistosa y hospitalaria de la gente nativa, algo inconcebible en la Europa crispada, desconfiada y xenófoba de nuestros días. Había una picaresca de la supervivencia que, con la ayuda de la Unión Nacional de Estudiantes de Francia, permitía a millares de jóvenes extranjeros comer por lo menos una vez al día y dormir bajo techo, recogiendo periódicos, descargando

REFLEXÕES XII

costales de verduras en Les Halles, cuidando inválidos, lavando y leyendo a ciegos o —los trabajitos mejor pagados— haciendo de extra en las películas que se rodaban en los estudios de Gennevilliers. En uno de los momentos más difíciles de mi primera época en París yo tuve la suerte de que el locutor que narraba en español Les Actualités Françaises perdiera la voz y me tocara reemplazarlo.

Contemplar Notre Dame me disipa malos humores y me devuelve el amor a las gentes y a los libros

París fue siempre una ciudad de librerías y, aunque las estadísticas digan lo contrario y aseguren que se cierran a la misma velocidad que se cierran los viejos bistrots, la verdad es que sigue siéndolo, por lo menos por los alrededores de la Place Saint Sulpice y el Luxemburgo, el barrio donde vivo y donde ayer, en un paseo de menos de una hora, conté, entre nuevas y viejas, más de una veintena. Claro que ninguna de ellas tiene, para mí, el atractivo sentimental de La Joie de Lire, de François Maspero, de la rue Saint Severin, donde, el mismo día que llegué a París, en el verano del año 58, compré el ejemplar de Madame Bovary que cambiaría mi vida. Esa librería, situada en el corazón del Barrio Latino, era la mejor provista de novedades culturales y políticas, la más actual y también la más militante en cuestiones revolucionarias y tercermundistas, razón por la cual los fascistas de la OAS le pusieron una bomba. Todavía recuerdo aquella vez, años más tarde de los que estoy evocando, en que llegué a París, corrí a la La Joie de Lire y descubrí que la había reemplazado una agencia de viajes. Probablemente fue allí cuando sentí por primera vez que el esplendoroso tiempo de mi juventud había comenzado a desaparecer. La muerte de esta maravillosa

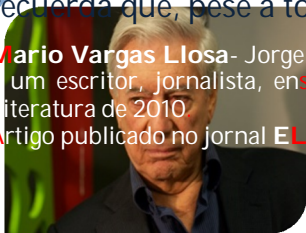
REFLEXÕES XII

librería fue, me dicen, obra de los robos. Maspero había hecho saber que no denunciaría a los ladrones a la policía, a ver si con este argumento moral aquellos disminuían. Parece que más bien se multiplicaron, hasta quebrarla. Indicio claro de que París empezaba a modernizarse.

Algo no ha cambiado, sin embargo; sigue allí, intacta, idéntica a mis recuerdos de hace cincuenta y tantos años: Notre Dame. Yo vivía en París cuando, luego de tempestuosas discusiones, la idea de Malraux, ministro de Cultura, de “limpiar” los viejos monumentos prevaleció. Liberada de la mugre con que los siglos la habían ido recubriendo, apareció entonces, radiante, perfecta, milagrosa, eterna y nuevecita, con sus mil y una maravillas, refulgiendo en el sol, misteriosa entre la niebla, profunda en las noches, fresca y como recién bañada en las aguas del Sena en los amaneceres. Desde que era joven me hacía bien ir a dar un paseo alrededor de Notre Dame cuando tenía un amago de desmoralización, una parálisis en el trabajo, necesidad de una inyección de entusiasmo. Nunca me falló y la receta me sigue funcionando todavía. Contemplar Notre Dame, por dentro y por afuera, por delante, por detrás o por los costados, sigue siendo una experiencia exaltante, que me disipa los malos humores y me devuelve el amor a las gentes y a los libros, las ganas de ponerme a trabajar, y me recuerda que, pese a todo, París es todavía París. ●

Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marqués de Vargas Llosa, un escritor, periodista, ensayista e político peruano, laureado con o Nobel de literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **EL País** no dia 19 de outubro de 2014.



Ucrania: la pasión europea

Mario Vargas Llosa



La agresión de Putin es sólo el primer paso en su desafío al sistema democrático occidental; pero los ucranios son ahora libres y a Rusia le costará muchísimo arrebatarnos esa libertad

Quienes se sienten desmoralizados con la construcción de la Unión Europea deberían ir a Ucrania; verían cómo este proyecto concita una enorme ilusión en muchos millones de ucranios que ven en la Europa unida la única garantía de supervivencia de la soberanía y la libertad que conquistaron con la gesta del Maidán contra el Gobierno corrupto de Yanukóvich y que hoy amenaza la Rusia de Putin, empeñado en la reconstitución del imperio soviético (aunque no se llame así). Verían también la serenidad estoica que muestra una sociedad invadida por una potencia extranjera, que se ha apoderado ya de la quinta parte de su territorio, y cuyas fronteras orientales, donde mueren a diario más voluntarios de los que indican las estadísticas oficiales, siguen transgrediendo centenares de blindados y millares de soldados rusos.

“Doscientos tanques sólo en los últimos dos días y, con ellos, unos 2.000 militares, sin sus uniformes”, me precisa el presidente Petro Poroshenko, en el gigantesco y pesado edificio que ocupa, y que fue construido para el Comité

REFLEXÕES XII

Central del Partido Comunista de Ucrania. “Rusia no respetó ni un solo día el acuerdo de paz que firmamos en Minsk. Pero la invasión rusa ha servido para unirnos. Ahora, el 80% del país rechaza la intervención y está dispuesta a pelear”. Habla con mucha calma, en un inglés cuidado —es un industrial próspero, rollizo y amable y todo el mundo conoce sus fábricas de chocolates— y está convencido de que Europa y Estados Unidos no permitirían la ocupación colonial de su país.

Se dice que entre el presidente Poroshenko y su primer ministro, Arseni Yatseniuk, hay diferencias, pues este último sería más radical que aquél. Conversando con ambos, por separado, apenas las noté. Ambos creen que la agresión rusa continuará y que Ucrania, para Putin, es sólo un primer paso en su desafío al sistema democrático occidental, al que percibe como un adversario esencial de Rusia y del orden autoritario e imperial que preside; y que, en las actuales circunstancias, el jerarca ruso se siente envalentonado por la impunidad con que ha actuado creando los enclaves prorrusos de Georgia — Abjasia y Osetia del Sur—, apoderándose de Crimea e infligiendo una humillación al presidente Obama en Siria, saltándose alegremente, sin el menor perjuicio, las “líneas rojas” que éste estableció.

El jerarca ruso está ahora envalentonado por la impunidad con que ha actuado

En lo que Poroshenko y Yatseniuk se diferencian es en que el primer ministro, raro hombre público, no trata de ser simpático a su interlocutor y habla con una franqueza cruda que cualquier político consideraría suicida. “Nadie va a ir a la guerra por Ucrania, lo sabemos de sobra. Ojalá que, por lo menos, nos den armas para defendernos”. Es delgado, calvo,

REFLEXÕES XII

con unas gruesas gafas de miope y, se diría, un asceta. Economista destacado, dirigió el Banco Central, ha sido ministro de Economía y rara vez sonrío. “No soy pesimista sino realista”, asegura. “Los zares, Lenin, Stalin, trataron de desaparecernos. Ahora todos ellos están muertos y Ucrania sigue viva. ¿Qué debemos hacer, pese a la desigualdad de fuerzas con Rusia? Luchar, no hay alternativa”. Piensa que si Ucrania cae, las próximas víctimas serán los países bálticos, Polonia, las otras “exdemocracias populares”. “Putin no puede dar marcha atrás, en Rusia lo matarían. Ha hecho tragar a su pueblo que todo esto es una conjura de la CIA y los Estados Unidos. Y, por ahora, los rusos le creen y están dispuestos a sufrir todas las sanciones económicas que les inflija el mundo democrático”. Estas sanciones están afectando seriamente a la economía rusa, pero Yatseniuk no cree que ello mermará la vocación imperialista de Putin. “Su principal objetivo no es económico sino político e ideológico”.

A la ciudad de Dnipropetrovsk, extendida a ambas orillas del majestuoso río Dniéper, han llegado en las últimas semanas más de 40.000 refugiados de las provincias orientales donde se combate. El alcalde me dice que esperan otros 40.000 en las próximas semanas. Aunque las migraciones forzadas por causa de la guerra son difíciles de cuantificar, la cifra de ucranios que han abandonado las ciudades y pueblos de la frontera debe haber ya excedido el millón. Para albergar este gigantesco éxodo hay una movilización ciudadana que apoya y a veces suplente al Estado precario, que se va reconstituyendo a saltos luego del cataclismo que significó el desplome de la dictadura de Yanukóvich gracias al levantamiento del Maidán.

REFLEXÕES XII

En la enorme plaza de este nombre hay fotos de todos los muertos durante las acciones. Hablo con varios líderes de la revuelta y el que me impresiona más es Dimitri Bulatov. Organizó las caravanas de automóviles que iban a hacer manifestaciones de repudio pacíficas ante las casas de los jefes del régimen y aseguró las comunicaciones rebeldes.

Nada más comenzar las protestas fue secuestrado, en plena calle, por individuos que —supone— pertenecían a las “fuerzas especiales” del Gobierno. Durante ocho días fue torturado: le acuchillaron la cara, le cortaron media oreja y, finalmente, lo crucificaron. Sus verdugos querían que confesara que el Maidán era financiado por la CIA. “Les confesé todos los disparates que querían pero, aun así, estaba seguro de que me matarían”. Sin embargo, al octavo día, misteriosamente, sus captores desaparecieron. Ahora es ministro de Juventud y Deportes. Joven y jovial, luce sin la menor incomodidad su oreja cortada, su gran cicatriz en la cara y sus manos trituradas. Me informa con lujo de detalles sobre los esfuerzos que hacen él y sus colegas en el Gobierno para acabar con la corrupción, grande todavía en la burocracia oficial. Le pregunto si es verdad que, apenas liberado del secuestro, fue a pelear como voluntario a la frontera. “Sí, y mi mujer me dijo que si volvía vivo ella me mataría. Pero no lo hizo”. Su mujer, que está a su lado, joven, bonita y risueña, asiente: “Da, da”.

Millones de ucranios ven en la Unión Europea la única garantía para su supervivencia

El Ejército ucranio que se enfrenta a los rusos ha renacido prácticamente de la nada; está conformado en parte por voluntarios y, dada la precariedad de los fondos de que dispone el Gobierno, existe en buena medida gracias al apoyo

REFLEXÕES XII

de la población civil. Julia, mi traductora, me cuenta que ella y sus hijos están encargados de las colectas en su calle para ayudar a los soldados y que, cada semana, van ellos mismos en vehículos alquilados a la frontera llevando las provisiones, mantas, colchones y dinero que permiten a los combatientes subsistir.

El único escritor ucranio que he leído, Mijaíl Bulgákov, se sentiría orgulloso en estos días de la resistencia y el heroísmo tranquilo de sus compatriotas. Él fue una víctima de Stalin y del régimen comunista que censuró casi todos sus libros; su obra maestra, **El maestro y Margarita**, sólo apareció en los años setenta, muchos años después de su muerte. En lugar de mandarlo al Gulag, Stalin tuvo el refinamiento de darle un trabajito miserable en el mismo teatro donde se habían estrenado sus obras más exitosas, como para que se muriera a pocos de nostalgia y frustración.

Voy a visitar su casa-museo en la bonita cuesta de San Andrés, donde hay una bella iglesia ortodoxa, pintores callejeros y quioscos llenos de camisetas con insultos contra Putin y rollos de papel higiénico impresos con su cara. La casa del escritor es pulcra, blanca, llena de íconos —sus seis hermanas y sus padres eran muy religiosos— y ahí están sus cuadernos de estudiante de Medicina, su título, sus libros póstumamente publicados que él nunca vio. Visitar esta casa, este país, aunque sea sólo por cinco días, me entristece, me alegra, me subleva. Una visita tan corta le llena a uno la cabeza de imágenes confusas y sentimientos exaltados. Pero de una cosa estoy seguro: los ucranios son ahora libres y a Vladímir Putin le costará muchísimo arrebatárles esa libertad. ●

REFLEXÕES XII



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **EL País** no dia 30 novembro de 2014.

La era de los impostores

Mario Vargas Llosa



La ficción ha sustituido a la realidad en el mundo que vivimos y los mediocres personajes del mundo real no nos interesan. Los fabuladores, sí, como 'el pequeño' o Enric Marco

En estos días, el personaje más mediático en España es el "pequeño Nicolás", un joven veinteañero que, desde que era un adolescente, se las arregló, embaucando a medio mundo, para hacerse pasar por amigo de la realeza, de grandes empresarios, autoridades y políticos de alto vuelo y del servicio de inteligencia, todos quienes le habrían encargado delicadas e importantes misiones. Lo extraordinario del caso es que buen número de estos personajes se tragaran sus patrañas, lo recibieran, lo escucharan y (al parecer) hasta lo gratificaran por sus servicios. En la era del espectáculo en que vivimos, el histrión es el rey de la fiesta.

Javier Cercas acaba de publicar un libro, **El impostor**, consagrado a Enric Marco, el más notable embaucador de nuestro tiempo y, acaso, de todos los tiempos. Su historia dio la vuelta al mundo hace nueve años cuando un pertinaz historiador, Benito Bermejo, reveló que Marco, presidente de la asociación que agrupaba a los sobrevivientes españoles de los campos de exterminio nazis, que había

REFLEXÕES XII

publicado libros, artículos, ofrecido cientos de conferencias en colegios, universidades y había hecho llorar a los congresistas refiriendo en el Parlamento español los horrores indecibles que padecieron él y sus compañeros en aquellos mataderos humanos, era un fabulador de polendas que nunca estuvo en alguno de esos campos nazis y se había inventado de pies a cabeza esa heroica biografía de resistente republicano, exiliado y prisionero de la peste parda hitleriana. Enric Marco, ya muy conocido por sus campañas a favor de mantener viva la memoria histórica del Holocausto, se hizo todavía mucho más famoso, dentro y fuera de España, como autor de la más formidable patraña del siglo.

El libro de Cercas es varios libros a la vez, pero, ante todo, una pesquisa rigurosa y maniática para desentrañar lo que es verdad y lo que es mentira en la vida pública y privada de Enric Marco. Descubre muchas cosas: que las imposturas de Marco arrancan en su misma juventud, atribuyéndose un pasado de luchador republicano y de resistente anarquista en los primeros años de la dictadura franquista, y que ellas jalonan toda su existencia. Pero, también, que estas mentiras en cadena están casi siempre enhebradas con verdades, experiencias vividas a las que él coloreó, exageró, matizó y disminuyó para hacer más persuasivas las ficciones con que fue adobando constantemente su escurridiza biografía. No descubre todo porque la manera como ficción y realidad se confunden en la vida de Enric Marco es inextricable.

Lo extraordinario es que buen número de personajes se tragaran las patrañas del adolescente

¿Por qué dedicar tantos esfuerzos a esta tarea? ¿Sólo por la fascinación que provoca en él la audacia embustera del

REFLEXÕES XII

personaje, esa novela viviente que es Enric Marco? Sin duda, pero, también, porque probablemente nunca nadie antes de él ha encarnado las relaciones entre ficción y realidad de una manera tan absoluta y excelsa. Todos los seres humanos soñamos con ser otros, con escapar a las estrechas fronteras dentro de las que discurre nuestra vida; por eso y para eso existen las ficciones —las novelas, las películas, los dramas, las óperas, las series televisivas, etcétera—, para satisfacer vicariamente el hambre de irrealidad que nos habita y nos hace soñar con vidas mejores o peores que la que estamos obligados a vivir. Enric Marco consiguió, gracias a su audacia, su talento transformista y su falta de escrúpulos, ser, como en el poema de Rimbaud, uno mismo y otro (“Je est un autre”). Además de una incisiva investigación periodística, el libro de Cercas es un sutil ensayo sobre la naturaleza de la ficción y el modo como puede infiltrarse en la vida y trastornarla.

Y es, asimismo, un buceo personal y dramático sobre las responsabilidades morales de un escritor que, como él, intenta, a través de lo que escribe, entender las razones profundas del personaje cuya historia reconstruye. ¿Comprender a Enric Marco no es en cierto modo justificarlo, rehabilitarlo, dar verosimilitud y consistencia a las razones que él esgrime con tanto empeño contra quienes lo condenan, diciendo que sí, cometió un gran delito, pero lo hizo por una razón valedera y superior, para dar más fuerza y publicidad a las atrocidades del Holocausto, para despertar en las nuevas generaciones un sentimiento de espanto contra los crímenes del nazismo, reivindicar y desagraviar a sus víctimas, esos millones de seres humanos sacrificados en los campos de exterminio, 9.000 de los cuales fueron españoles?

REFLEXÕES XII

Cercas no quiere que este impostor desmesurado le resulte simpático y, para que nadie se equivoque al respecto, lo abruma de epítetos condenatorios a cada paso. También se los lanza a la cara al propio Marco, quien, aunque usted no lo crea, se prestó a concederle muchas horas de entrevista para facilitarle su trabajo inquisitorial, y, a cada momento, le recuerda que no escribirá este libro para defenderlo ni atenuar su culpa, sino para desentrañar la pura y terrible verdad, es decir, para hundirlo del todo en la ignominia moral. Lo más notable es que quien gana la partida que se disputa en este libro incandescente no es el rectilíneo Cercas sino el delictuoso Marco.

La culpa no es de los novelistas, ellos cuentan las historias que a sus lectores les gustaría vivir

El excelente novelista que es Javier Cercas olvidó, fascinado como estaba con el tema y materia de su libro, que las buenas novelas convierten a los malos siempre en buenos, porque aquellos terminan siempre por despertar en el lector (y, aunque no lo quiera, en el propio narrador) un atractivo irresistible que vence y destruye sus reservas o principios éticos o políticos y los transforma en empatía. El libro que él ha escrito es, aunque él no quisiera que lo sea, una (magnífica) novela sobre un personaje fuera de lo común, un ser ontológicamente novelesco que tiñe la vida de ficción, un fantaseador taumatúrgico que irrealiza la realidad con su audacia ilimitada. El héroe del libro no es quien lo relata sino el genial embaucador, el espantoso e inverosímil Enric Marco.

Él, sólo él. Comparado con la peripecia prodigiosa que le permitió dejar de ser la minucia humana que era y convertirse en un gigante, qué pequeñito y olvidable parece el aguafiestas

REFLEXÕES XII

de su historia, el decente y honesto historiador Benito Bermejo que, sin siquiera beneficiarse con ello y hasta recibiendo por su altruista tarea buen número de ataques, lo desenmascaró, guiado sólo por su amor a la verdad y su repugnancia por las mentiras históricas.

Vivimos una época en que los embaucadores nos rodean por todas partes y la inmensa mayoría de ellos —banqueros, autoridades, dirigentes políticos y sindicales, jueces, académicos— miente y delinque para enriquecerse, sórdido designio vital, sin que sus historias trasciendan las previsibles trapacerías del ratero vulgar. Por lo menos, Enric Marco lo hacía con horizontes más amplios y, sí, por qué no, menos egoístas. La verdad es que nunca se lucró con sus mentiras y las sostuvo y defendió con una energía admirable, trabajando como un verdadero galeote y, es cierto, haciendo tomar conciencia a muchos jóvenes, y a buen número de hombres y mujeres maduros, de lo que significaron los campos de la muerte del nazismo y de la obligación cívica de reivindicar a sus víctimas. ¿Que Marco era, que es, un narciso codicioso de publicidad, un ávido mediópata, obsesionado por salir siempre en la foto? Sin la menor duda. Pero su enfermedad es una enfermedad de nuestro tiempo, la de una cultura en la que la verdad es menos importante que la apariencia, en la que representar es la mejor (acaso la única) manera de ser y de vivir. La ficción ha pasado a sustituir a la realidad en el mundo que vivimos y, por eso, los mediocres personajes del mundo real no nos interesan ni entretienen. Los fabuladores, sí. No es de extrañar que en una época así, el “pequeño Nicolás” y el gigantesco Enric Marco hayan sido capaces de perpetrar sus fechorías, perdón, quiero decir sus proezas. La culpa no es de



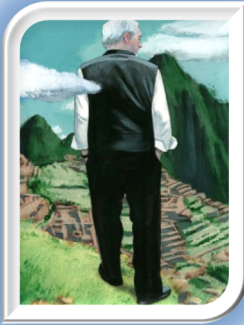
los novelistas, ellos sólo cuentan las historias que les gustaría vivir a sus lectores. ●

Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 11 de dezembro de 2014.

Cusco en el tiempo

Mario Vargas Llosa



En la región que se jacta de hablar el quechua más clásico y puro del Perú se escucha también un español cuidadosamente pronunciado, dechado de elegancia, desenvoltura y discreción

Como Jerusalén, Roma, El Cairo o México, en el Cusco el pasado forma parte esencial del presente y a menudo lo reemplaza con la irresistible presencia de la historia. No hay espectáculo más impresionante que ver amanecer desde la plaza de Armas de la antigua ciudad, cuando despuntan

en la imprecisa luminosidad del alba los macizos templos color ocre oscuro y los balcones coloniales, los techos de tejas, la erupción de campanarios y torres y, en todo el rededor, el horizonte quebrado de los Andes que circunda como una muralla medieval al que fue el orgulloso “ombbligo del mundo” en tiempo de los incas.

Hay algo religioso y sagrado en el ambiente y uno entiende, según cuentan los primeros cronistas que visitaron la ciudad imperial y dejaron testimonio escrito de su deslumbramiento, que, en el pasado, quienes se acercaban al Cusco debían saludar con reverencia a quienes partían de allí, como si el haber estado en la capital del Incario les hubiera conferido prestigio, dignidad, una cierta nobleza. Ya en tiempos prehispánicos era una ciudad cosmopolita donde, además del quechua —el runa simi o lengua general— se hablaban todas

REFLEXÕES XII

las lenguas y dialectos del imperio. Hoy ocurre lo mismo, con la diferencia de que las lenguas que escucho a mi alrededor, en estas primeras horas mágicas del día, provienen del mundo entero, porque el turismo que invade Cusco a lo largo del año procede de los cuatro puntos cardinales.

He estado cerca de siete u ocho veces en el Cusco y ahora vuelvo luego de cinco años. Como siempre, los dos primeros días, los 3.400 metros de altura los siento en la presión de las sienes y en el ritmo acelerado del corazón, pero la emoción es la misma, un sentimiento agrisado de asombro ante la belleza del paisaje urbano y geográfico y de agobio ante el presentimiento de la infinita violencia que está detrás de esos templos, palacios, conventos, donde, como en pocos lugares del planeta, se mezclan y funden dos culturas, dos historias, costumbres, lenguas y tradiciones diferentes.

Los arqueólogos han descubierto que, en las entrañas cusqueñas, hay sustratos preincaicos importantes, que se remontan a la antiquísima época de la desintegración del Tiahuanaco y que en la raíz de muchas construcciones incas está presente el legado de los wari. Pero a simple vista lo que se manifiesta por doquier, en las ciudades, las aldeas y el campo cusqueños, es la fusión de lo incaico y lo español.

Templos, iglesias, palacios, están levantados con las piedras monumentales, rectilíneas y simétricas de las grandes construcciones incas y muchas de sus callecitas estrechas son las mismas que conducían a los grandes adoratorios del Sol y de la Luna, a las residencias imperiales o a los santuarios de las vestales consagradas al culto solar. El resultado de este mestizaje, presente por todas partes, ha dado lugar a unas formas estéticas en las que es ya difícil, si no imposible,

REFLEXÕES XII

discriminar cuál es precisamente el aporte de cada civilización.

El mestizaje es tal que resulta difícil discriminar el aporte de cada civilización

Un buen ejemplo de ello, y, también, del progreso que ha experimentado el Cusco en este último lustro, es la ruta del barroco andino. Recorrer antaño los templos coloniales de la provincia de Quispicanchi era arduo y frustrante, por los malos caminos y el estado de deterioro en que aquellos se encontraban. Hoy hay una moderna carretera y la restauración de las iglesias de Canincunca, Huaro y Andahuaylillas está terminada y es soberbia. Las tres iglesias son una verdadera maravilla y es difícil decir cuál es más bella.

Muros, tejados, retablos, campanarios, lienzo, tallas, frescos, incluso el veterano órgano de Andahuaylillas, lucen impecables. Pero, acaso lo más importante es que están lejos de ser museos, es decir, de haberse quedado congelados en el tiempo. Por el contrario, y, en gran parte gracias al empeño de los jesuitas que están a cargo de ellos y de los voluntarios que los ayudan, se hallan vivos y operantes, con escuelas, talleres, bibliotecas, centros de formación agrícola y artesanal, unidades sanitarias, oficinas de promoción de la mujer, consultorios jurídicos y de derechos humanos y hasta un taller de luthería (en Huaro) donde los jóvenes aprenden a fabricar arpas, guitarras y violines. Las comunidades que rodean a estas parroquias denotan un dinamismo pujante que parece irradiar desde aquellos templos.

Pasé largo rato contemplando las pinturas, tallas, frescos y esculturas de las iglesias de Quispicanchi. Lo indio está tan

REFLEXÕES XII

presente que a veces supera a lo español. Es evidente que aquello ocurrió naturalmente, sin premeditación alguna por parte de los pintores y artesanos indígenas que los elaboraron, volcando de manera espontánea en lo que hacían su sensibilidad, sus tradiciones, su cultura. Las pieles de los santos y los cristos se fueron oscureciendo; los rostros, el cabello, bruñendo; los ojos y hasta las posturas y ademanes sutilmente indianizando; y, el paisaje también, poblándose de llamas, vicuñas, vizcachas, y de molles, saucos y maizales.

Entre las salinas de Maras y los andenes circulares de Moray, en el valle del Urubamba, asisto a una pequeña procesión en la que los cargadores del anda de la Virgen del Carmen —una indiecita recubierta de alhajas— van disfrazados de incas y, luego, se celebra una fiesta en la que grupos de estudiantes de la Universidad de San Antonio Abad bailan huaynos y pasillos.

Un antropólogo, del mismo centro académico, me explica que tanto la música como los polícromos calzones y polleras de los danzarines son, todos, de origen colonial. El mestizaje reina por doquier en esta tierra, incluso en ese animado folclore que los guías turísticos se empeñan en hacer retroceder hasta los tiempos de Pachacútec.

El Inca Garcilaso fue el primero en reivindicar sus ancestros indios e hispanos

Pero muchas cosas han cambiado también en el Cusco en estos últimos cinco años. Uno de los mejores escritores cusqueños, José Uriel García, publicó en los años veinte del siglo pasado un precioso ensayo en el que llamaba a la chichería “la caverna de la nacionalidad”. En esa rústica y miserable taberna, de fogón y de paredes tiznadas, donde se

REFLEXÕES XII

comían los guisos populares más picantes y se emborrachaban los parroquianos con la brava chicha de maíz fermentado, se estaba forjando, según él, “el nuevo indio”, crisol de la peruanidad. Pues bien, en el Cusco de nuestros días, si las chicherías no han desaparecido del todo, quedan ya muy pocas y hay que ir a buscarlas —con lupa— en los más alejados arrabales. Ya sólo sobreviven en las aldeas y pueblos más remotos. En la ciudad las han reemplazado las pollerías, los chifas, las pizzerías, los McDonalds, los restaurantes vegetarianos y de comida fusión. Todavía proliferan por doquier los modestos albergues para mochileros y hippies que vienen al Cusco a darse un baño de espiritualidad bebiendo mates de coca (o masticándola) y transubstanciándose con los apus andinos; pero, además, tanto en la ciudad, como a orillas del Urubamba y al pie de Machu Picchu, han surgido hoteles de cinco estrellas, modernísimos. Algunos de ellos, como El Monasterio y Las Nazarenas, han restaurado con esmero y buen gusto antiguos edificios coloniales.

En esta ciudad, en gran parte bilingüe, los cusqueños quechua hablantes suelen jactarse de hablar el quechua más clásico y puro del Perú, lo que, como es natural, despierta envidia y rencor, además de acusaciones de jactancia, en las demás regiones andinas donde la lengua de los incas está viva y coleando. Como no hablo quechua no puedo pronunciarlo al respecto. Pero sí puedo decir que el español que se habla en el Cusco es un dechado de elegancia, desenvoltura y discreción, sobre todo cuando lo hablan las personas cultas. Mechado de lindos arcaísmos, suena con una música alegre que parece salida de los manantiales saltarines que bajan de los cerros, o, si se endurece en las discusiones y arrebatos, resuena grave, solemne y antiguo, con un deje de autoridad. Está

REFLEXÕES XII

cuidadosamente pronunciado, con unas erres y jotas vibrantes, y es siempre elocuente, discreto, amable y educado.

No es raro, por eso, que aquí naciera uno de los grandes prosistas del Renacimiento español: el Inca Garcilaso de la Vega. La probable casa en la que nació ha sido rehabilitada con tanto exceso que es ya irreconocible. Pero, aun así, aquí pasó su infancia y adolescencia, y vio con sus propios ojos y guardó para siempre en su memoria esa época tumultuosa y terrible de la conquista y el desgarramiento cultural y humano que generó. Aquí escuchó a los sobrevivientes de la nobleza incaica, a la que pertenecía su madre, llorar ese glorioso pasado imperial “que se tornaría vasallaje” y que evocaría luego, en Andalucía, en las hermosas páginas de Los comentarios reales. Siempre que he venido al Cusco he peregrinado hasta la casa del Inca Garcilaso, el primero en reivindicar sus ancestros indios y españoles y en llamarse a sí mismo “un peruano”. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 9 de janeiro de 2015.

El regreso de las ideas

Mario Vargas Llosa



Hace mucho que no se veía en Francia a tantos escritores, profesores, investigadores y eruditos volcarse de manera tan intensa en la vida pública debatiendo sobre los ataques yihadistas a París

Los asesinatos cometidos por los yihadistas en Francia en el semanario satírico Charlie Hebdo y en un supermercado kosher han tenido sorprendentes consecuencias políticas. Han reactivado las raíces democráticas de la sociedad francesa y movilizado a

inmensos sectores a manifestar su protesta por aquella barbarie y su defensa de la tolerancia, la libertad, la igualdad, el derecho de crítica y la legalidad, valores que se han visto amenazados con aquellos crímenes.

De otra parte, han devuelto la confianza de la opinión pública en el Gobierno (que parecía desfalleciente) del presidente, François Hollande, y de su primer ministro, Manuel Valls, por su enérgico manejo de la crisis provocada por el desafío terrorista, y renovado los consensos de la clase política francesa a favor de los “principios republicanos”, es decir, la coexistencia en la diversidad de creencias, costumbres y culturas diferentes. En vez de dejarse intimidar por el chantaje sangriento de los extremistas islámicos, Francia, que los ha combatido ya en el África y lo sigue haciendo en Oriente Próximo, reafirma su decisión de seguir enfrentándolos. En

REFLEXÕES XII

prueba de ello, ha despachado a esa región a su principal porta-aviones, el Charles de Gaulle, a fin de apoyar los bombardeos aliados contra el califato islámico instaurado en territorios de Siria e Irak. Vale la pena recordar que Francia propuso una intervención militar en Siria a favor de los rebeldes laicos y demócratas que se alzaron contra la dictadura de Bachar el Asad y que su propuesta se frustró por culpa de Estados Unidos y otros aliados, intimidados por Vladímir Putin, proveedor de armas al Gobierno sirio. Ahora que aquellas fuerzas rebeldes han sido barridas por los fanáticos islamistas que quieren derrocar al régimen de El Asad para instalar una dictadura todavía más despótica (en el califato islámico, además de las decapitaciones, los latigazos y la esclavización de la mujer, acaba de estrenarse la política de lanzar al vacío a los homosexuales), muchos Gobiernos occidentales lamentarán no haber adoptado la firmeza de Francia en defensa de la civilización, que es, a todas luces, lo que el extremismo islamista se propone exterminar.

Pero, acaso la más importante deriva de los asesinatos cometidos por los yihadistas en París sea el regreso de las ideas a la política francesa. Ellas fueron las grandes protagonistas de su vida pública a lo largo de buena parte de su historia, pero, en los últimos tiempos, en parte por el desinterés —para no decir el desprecio— que a suintelligentsia inspiraba la política, y, en parte, por el sesgo puramente pragmático, de mera gestión de lo existente, sin vuelo, ni horizonte, ni ideales, que había adquirido aquella, el debate de ideas, en la que Francia siempre descolló, parecía haberse extinguido en la tierra de Voltaire, Diderot, Sartre, Malraux, Camus. En estas últimas semanas ha vuelto, de manera plural y torrentosa.

REFLEXÕES XII

El fanatismo irracional y asesino no es monopolio del islam; florece también en otras religiones

Hace mucho que no se veía a tantos escritores, profesores, eruditos, investigadores, volcarse de manera tan intensa en la vida pública, opinando a través de artículos, manifiestos, entrevistas en la radio, la televisión y los periódicos, sobre el crecimiento del antisemitismo, la islamofobia, los guetos de inmigrantes desprovistos de educación, de trabajo y de oportunidades que se multiplican en las ciudades europeas y sirven de caldo de cultivo del extremismo antioccidental, de donde están partiendo millares de jóvenes a integrar los batallones fanáticos de Al Qaeda, el califato islámico y otras sectas terroristas.

La polémica es tan intensa que me ha hecho recordar los años sesenta, cuando temas como la guerra de Argelia, las denuncias sobre el Gulag, la fascinación que ejercían entre muchos jóvenes la revolución cubana y el maoísmo, el compromiso y la militancia de los intelectuales, animaban un debate efervescente que enriquecía la política y la cultura francesas. Entre las ideas sobre las que la disparidad de opiniones es mayor figura la inmigración: ¿constituye ella un peligro potencial, como cree Marine Le Pen y a la que parecería suscribir el revoltoso Michel Houellebecq con su última novela, Sumisión, y por tanto ser restringida y vigilada con rigor?

Otros intelectuales, como André Glucksmann, recuerdan que el mayor número de víctimas del terrorismo islámico son los propios musulmanes, que han muerto ya y siguen muriendo por decenas de millares, víctimas de unos fanáticos para los cuales todo quien descrea de su verdad única merece ser

REFLEXÕES XII

exterminado. El fanatismo irracional y asesino no es monopolio del islam; florece también en otras religiones, de la que no estuvo excluida la cristiana, aunque, quién podría negarlo, aquel es mucho más resistente a la modernización de lo que ésta lo fue, pues no ha experimentado aún ese largo proceso de laicización que permitió a la Iglesia católica adaptarse a la democracia, es decir, dejar de identificarse con el Estado. Todo esto parece indicar que pasará todavía mucho tiempo antes de que los países árabes —un ejemplo promisor, por desgracia hasta ahora único, es el de Túnez— adopten la cultura de la libertad.

Me gustaría comentar las opiniones sobre este tema de dos intelectuales que aprecio mucho: J. M. Le Clézio y Guy Sorman. Ambos coinciden en señalar que los asesinos de los periodistas de Charlie Hebdo, así como el de los cuatro judíos del supermercado kosher, son meros delincuentes comunes, pobres diablos nacidos o criados en los guetos franceses, en condiciones execrables, y educados en el crimen en los reformatorios y cárceles. Esta sería su verdadera condición, a la que el fundamentalismo islámico sirve apenas de superficial disfraz. El entorno social en que nacieron y crecieron sería el mayor responsable del furor nihilista que los volvió depredadores humanos antes que una convicción religiosa.

Para algunos, el entorno social de los terroristas sería el responsable de su furor nihilista

Yo creo que este análisis no valora lo suficiente a quienes canalizan, arman y aprovechan para sus propios fines a esos “lobos solitarios” productos de la discriminación, la incultura y el ergástulo. ¿Acaso todas las ideologías y religiones no se han servido siempre de delincuentes comunes y sujetos

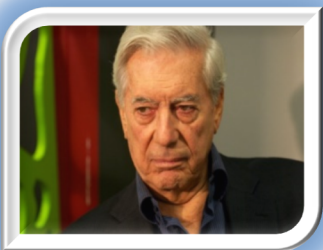
REFLEXÕES XII

descerebrados y perversos para cometer sus fechorías? Los asesinos de Charlie Hebdo y del supermercado salían de aquellos guetos, pero fueron entrenados en Oriente Próximo o en África, y formaron parte de organizaciones que, gracias a Estados petroleros y jeques multimillonarios que las financian, están equipadas con armas modernísimas y tienen redes de información y enlaces por todo el mundo, a la vez que imanes y teólogos los proveían de las elementales verdades para justificar sus crímenes, sentirse héroes y mártires merecedores de gloria y placeres sin cuento en el más allá.

Desde luego que las condiciones de abandono y marginación de los guetos europeos contribuyen a crear potencialmente al asesino fanático. Pero quien pone la bomba o el Kaláshnikov en sus manos, lo incita y le señala el blanco a liquidar, tiene tanta responsabilidad como él en la sangre derramada.

Que la lucha contra el terrorismo exija a veces ciertos recortes de la libertad es, por desgracia, inevitable, a condición de que estas limitaciones no transgredan ciertos límites más allá de los cuales la propia libertad sucumbe y un país libre deja de serlo y llega a confundirse con los Estados totalitarios y oscurantistas que alimentan el terrorismo. Esto parece haberlo entendido muy bien el pueblo francés, que, en la encuesta sobre intenciones de voto que se publica el mismo día que escribo este artículo, señala un aumento en la popularidad de todos los partidos democráticos —de derecha y de izquierda— en tanto que el Front National no parece haber ganado un solo voto con su demagogia de pedir el restablecimiento de la pena capital, la salida de Europa y una agresiva política antiinmigratoria. ●

REFLEXÕES XII



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 25 de janeiro de 2015.

El haraquiri

Mario Vargas Llosa



Los caballeros japoneses ya no se suicidan, pero el ritual de la inmolación se mantiene intacto y ahora es colectivo. Lo han practicado países como Argentina y Venezuela, y ahora le toca a Grecia

El harakiri es una noble tradición japonesa en la que militares, políticos, empresarios y a veces escritores (como Yukio Mishima), avergonzados por fracasos o acciones que, creían, los deshonoraban, se despanzurraban en una ceremonia sangrienta. En estos tiempos, en que

la idea del honor se ha devaluado a mínimos, los caballeros nipones ya no se suicidan. Pero el ritual de la inmolación se mantiene en el mundo y es ahora colectivo: lo practican los países que, presa de un desvarío pasajero o prolongado, deciden empobrecerse, barbarizarse, corromperse, o todas esas cosas a la vez.

América Latina abunda en semejantes ejemplos trágicos. El más notable es el de Argentina, que hace tres cuartos de siglo era un país del primer mundo, próspero, culto, abierto, con un sistema educativo modélico y que, de pronto, presa de la fiebre peronista, decidió retroceder y arruinarse, una larga agonía que, apoyada por sucesivos golpes militares y una heroica perseverancia en el error de sus electores, continúa todavía.

REFLEXÕES XII

Esperemos que algún día los dioses o el azar devuelvan la sensatez y la lucidez a la tierra de Sarmiento y de Borges.

Otro caso emblemático del harakiri político es el de Venezuela. Tenía una democracia imperfecta, cierto, pero real, con prensa libre, elecciones genuinas, partidos políticos diversos, y, mal que mal, el país progresaba. Abundaban la corrupción y el despilfarro, por desgracia, y esto llevó a una mayoría de venezolanos a descreer de la democracia y confiar su suerte a un caudillo mesiánico: el comandante Hugo Chávez. Hasta en ocho oportunidades tuvieron la posibilidad de enmendar su error y no lo hicieron, votando una y otra vez por un régimen que los llevaba al precipicio. Hoy pagan cara su ceguera. La dictadura es una realidad asfixiante, ha clausurado estaciones de televisión, radios y periódicos, llenado las cárceles de disidentes, multiplicado la corrupción a extremos vertiginosos —uno de los principales dirigentes militares del régimen dirige el narcotráfico, la única industria que florece en un país donde la economía se ha desfondado y la pobreza triplicado— y donde las instituciones, desde los jueces hasta el Consejo Nacional Electoral, son sirvientes del poder. Aunque hay una significativa mayoría de venezolanos que quiere volver a la libertad, no será fácil: el Gobierno de Maduro ha demostrado que, aunque inepto para todo lo demás, a la hora de fraguar elecciones y de encarcelar, torturar y asesinar opositores no le tiembla la mano.

Syriza propone el milagro de curar a un enfermo terminal haciéndole correr maratones

El harakiri no es una especialidad tercermundista, también la civilizada Europa lo practica, de tanto en tanto. Hitler y Mussolini llegaron al poder por vías legales y buen número de

REFLEXÕES XII

países centroeuropeos se echaron en brazos de Stalin sin mayores remilgos. El caso más reciente parece ser el de Grecia, que, en elecciones libres, acaba de llevar al poder —con el 36% de los votos— a Syriza, un partido demagógico y populista de extrema izquierda que se ha aliado para gobernar con una pequeña organización de derecha ultranacionalista y antieuropea. Syriza prometió a los griegos una revolución y el paraíso. En el catastrófico estado en el que se encuentra el país que fue cuna de la democracia y de la cultura occidental tal vez sea comprensible esta catarsis sombría del electorado griego. Pero, en vez de superar las plagas que los asolan, estas podrían recrudecer ahora si el nuevo Gobierno se empeña en poner en práctica lo que ofreció a sus electores.

Aquellas plagas son una deuda pública vertiginosa de 317.000 millones de euros con la Unión Europea y el sistema financiero internacional que rescataron a Grecia de la quiebra y que equivale al 175% del producto interior bruto. Desde el inicio de la crisis el PIB de Grecia ha caído un 25% y la tasa de desempleo ha llegado casi al 26%. Esto significa el colapso de los servicios públicos, una caída atroz de los niveles de vida y un crecimiento canceroso de la pobreza. Si uno escucha a los dirigentes de Syriza y a su inspirado líder —el nuevo primer ministro Alexis Tsipras— esta situación no se debe a la ineptitud y a la corrupción desenfrenada de los Gobiernos griegos a lo largo de varias décadas, que, con irresponsabilidad delirante, llegaron a presentar balances e informes económicos fraguados a la Unión Europea para disimular sus entuertos, sino a las medidas de austeridad impuestas por los organismos internacionales y Europa a Grecia para rescatarla de la indefensión a que las malas políticas la habían conducido.

REFLEXÕES XII

Syriza proponía acabar con la austeridad y con las privatizaciones, renegociar el pago de la deuda a condición de que hubiera una “quita” (o condonación) importante de ella, y reactivar la economía, el empleo y los servicios con inversiones públicas sostenidas. Un milagro equivalente al de curar a un enfermo terminal haciéndole correr maratones. De este modo, el pueblo griego recuperaría una “soberanía” que, al parecer, Europa en general, la troika y el Gobierno de la señora Merkel en particular, le habrían arrebatado.

Alemania debió resucitar a un cadáver —la Alemania comunista— a costa de grandes esfuerzos

Lo mejor que podría pasar es que estas bravatas de la campaña electoral fueran archivadas ahora que Syriza ya tiene responsabilidades de gobierno y, como hizo François Hollande en Francia, reconozca que prometió cosas mentirosas e imposibles y rectifique su programa con espíritu pragmático, lo cual, sin duda, provocará una decepción terrible entre sus ingenuos electores. Si no lo hace, Grecia se enfrenta a la bancarrota, a salir del Euro y de la Unión Europea y a hundirse en el subdesarrollo. Hay síntomas contradictorios y no está claro aún si el nuevo Gobierno griego dará marcha atrás. Acaba de proponer, en vez de la condonación, una fórmula picaresca y tramposa, consistente en convertir su deuda en dos clases de bonos, unos reales, que se irían pagando a medida que creciera su economía, y otros fantasmas, que se irían renovando a lo largo de la eternidad.

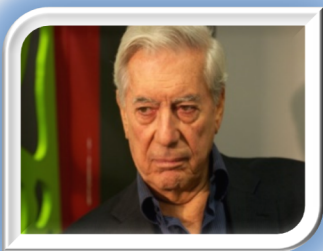
Francia e Italia, víctimas también de graves problemas económicos, han manifestado no ver con malos ojos semejante propuesta. Ella no prosperará, sin duda, porque no todos los países europeos han perdido todavía el sentido de la realidad.

REFLEXÕES XII

En primer lugar, y con mucha razón, varios miembros de la Unión Europea, además de Alemania, han recordado a Grecia que no aceptan “quitas”, ni explícitas ni disimuladas, y que los países deben cumplir sus compromisos. Quienes han sido más severos al respecto han sido Portugal, España e Irlanda, que, después de grandes sacrificios, están saliendo de la crisis luego de cumplir escrupulosamente con sus obligaciones. Grecia debe a España 26.000 millones de euros. La recuperación española ha costado sangre, sudor y lágrimas. ¿Por qué tendrían los españoles que pagar de sus bolsillos las malas políticas de los Gobiernos griegos, además de estar pagando ya por las de los suyos?

Alemania no es la culpable de que buen número de países de la Europa comunitaria tengan su economía hecha una ruina. Alemania ha tenido Gobiernos prudentes y competentes, austeros y honrados y, por eso, mientras otros países se desbarataban, ella crecía y se fortalecía. Y no hay que olvidar que Alemania debió absorber y resucitar a un cadáver —la Alemania comunista— a costa, también, de formidables esfuerzos, sin quejarse, ni pedir ayuda a nadie, sólo mediante el empeño y estoicismo de sus ciudadanos. Por otra parte, el Gobierno alemán de la señora Merkel es un europeísta decidido y la mejor prueba de ello es la manera generosa y constante en que apoya, con sus recursos y sus iniciativas, la construcción europea. Sólo la proliferación de los estereotipos y mitos ideológicos explica ese fenómeno de transferencia freudiana que lleva a Grecia (no es el único) a culpar al más eficiente país de la Unión Europea de los desastres que provocaron los políticos a los que durante tantos años el pueblo griego envió al Gobierno con sus votos y que lo han dejado en la pavorosa condición en que se encuentra. ●

REFLEXÕES XII



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 8 de fevereiro de 2015.

La felicidad, ja, ja

Mario Vargas Llosa



En Dinamarca, uno de los países más civilizados del mundo, la seguridad es ahora precaria y nadie allí está libre de ser asesinado por la ola de fanatismo que se extiende por el mundo

Leí en alguna parte que una encuesta hecha en el mundo entero había determinado que Dinamarca era el país más feliz de la Tierra y me disponía a escribir esta columna, prestándome el título de un libro de cuentos de mi amigo Alfredo Bryce que venía como anillo al dedo a lo que quería —burlarme de aquella encuesta—, cuando ocurrió en Copenhague el doble atentado yihadista que ha costado la vida a dos daneses —un cineasta y el guardián judío de una sinagoga— y malherido a tres agentes.

¿Qué mejor demostración de que no hay, ni ha habido, ni habrá nunca “países felices”? La felicidad no es colectiva sino individual y privada —lo que hace feliz a una persona puede hacer infelices a muchas otras y viceversa— y la historia reciente está plagada de ejemplos que demuestran que todos los intentos de crear sociedades felices —trayendo el paraíso a la Tierra— han creado verdaderos infiernos. Los Gobiernos deben fijarse como objetivo garantizar la libertad y la justicia, la educación y la salud, crear igualdad de oportunidades, movilidad social, reducir al mínimo la corrupción, pero no

REFLEXÕES XII

inmiscuirse en temas como la felicidad, la vocación, el amor, la salvación o las creencias, que pertenecen al dominio de lo privado y en los que se manifiesta la dichosa diversidad humana. Esta debe ser respetada, pues todo intento de regimentarla ha sido siempre fuente de infortunio y frustración.

Dinamarca es uno de los países más civilizados del mundo por el funcionamiento ejemplar de su democracia —basta ver la magnífica serie televisiva Borgen para comprobarlo—, por su prosperidad, por su cultura, porque las distancias que separan a los que tienen mucho de los que tienen poco no son tan vertiginosas como, digamos, en España o el Perú, y porque, hasta ahora al menos, su política hacia los inmigrantes, esforzándose por integrarlos y al mismo tiempo respetar sus costumbres y creencias, ha sido una de las más avanzadas, aunque, por desgracia, tan poco exitosa como las de los otros países europeos.

Pero la felicidad o infelicidad de los daneses está fuera del alcance de las mediciones superficiales y genéricas de las estadísticas; habría que escarbar en cada uno de los hogares de ese bello país y, probablemente, lo que resultaría de esa exploración impertinente de la intimidad danesa es que las dosis de dicha, satisfacción, frustración o desesperación en esa sociedad son tan varias, y de matices tan diversos, que toda generalización al respecto resulta arbitraria y falaz. Por otra parte, basta con pasar revista a las manifestaciones de dolor, perplejidad, angustia y confusión en que ha sumido al pueblo danés el último atentado terrorista para advertir cómo, al igual que todos los otros países de la Tierra, de los más ricos a los más pobres, de los más libres a los más tiranizados,

REFLEXÕES XII

también en Dinamarca la seguridad es ahora precaria y nadie allá está libre de ser asesinado —o decapitado— por la ola de fanatismo que se sigue extendiendo por el mundo igual que esas pestes que en la Edad Media parecían caer sobre los hombres como castigos divinos.

El dibujante Lars Vilks no pretendía ofender las creencias de nadie sino ejercitar una libertad

El terrorista Omar Abdel Hamid El Hussein, un joven de 22 años, de origen palestino pero nacido y educado en Dinamarca, no era, según el testimonio de profesores y compañeros, un marginado semianalfabeto lleno de rencor hacia la sociedad de la que se sentía excluido, sino —algo que no es infrecuente entre los últimos yihadistas europeos— inteligente, estudioso, amable y “con voluntad de servir a los demás”, según precisa uno de sus conocidos. Sin embargo, formó parte de pandillas y estuvo en prisión por atracos y violencias diversas. En algún momento esta “buena persona” se volvió un delincuente y un fanático. Antes de cometer sus crímenes colgó vídeos de propaganda del Estado Islámico —probablemente en los mismos días en que este Estado decapitaba en Libia a 21 cristianos coptos sólo por el crimen de no ser musulmanes y filmaba semejante hazaña con lujo perverso de detalles— y lanzaba feroces arengas antisemitas.

Todo indica que sin el valeroso Dan Uzan, que le impidió la entrada ofrendando de este modo su vida, el terrorista hubiera perpetrado en la sinagoga, donde se celebraba un bar mitzvah, una matanza descomunal.

Su objetivo primero, cuando atacó el centro cultural donde lo atajaron los tres guardias que resultaron malheridos, era Lars

REFLEXÕES XII

Vilks, el dibujante y caricaturista sueco —Suecia es, como Dinamarca, otro de los países más civilizados, democráticos y prósperos del mundo—, a quien los fanáticos islamistas persiguen con saña desde que, en el año 2007, realizó una exposición de sus trabajos en los que Mahoma aparecía con el cuerpo de un perro. Hombre tranquilo, nada provocador, Lars Vilks ha explicado que no hizo aquello con el ánimo de ofender las creencias religiosas de nadie, sino para ejercitar una libertad que considera la irreverencia y el humor cáustico derechos irrenunciables. Lo ha pagado caro; ya ha sido víctima de dos atentados, le han quemado su casa, debe andar protegido por una escolta del Gobierno sueco las 24 horas del día y Al Qaeda ofrece un premio de 100.000 dólares a quien lo mate (y 50.000 a quien “degüelle” a Ulf Johansson, el editor que publicó sus caricaturas).

El caso de Lars Vilks es interesante porque muestra las ambiciones ecuménicas del fanatismo islamista: no persigue sólo restaurar el fundamentalismo primitivo de su religión entre los creyentes sino intervenir en los espacios donde el islam no existe o es minoritario a fin de someterlo a las mismas prohibiciones y tabúes oscurantistas. El Occidente democrático y liberal, que ha dejado de considerar a la mujer un ser inferior y un objeto en manos del varón, que ha separado la religión del Estado, que respeta la crítica y la disidencia y practica la tolerancia y coexistencia en la diversidad, es su enemigo y un objetivo cada vez más frecuente de sus operaciones sanguinarias.

Los europeos se enfrentan al desafío del terror y luchan para salvar de la barbarie a la humanidad

REFLEXÕES XII

Es obvio que esta amenaza no va a tener éxito ni destruir a Occidente. El peligro es que, por prudencia o, incluso, por convicción, algunos Gobiernos occidentales comiencen a hacer concesiones, autoimponiéndose limitaciones en el campo de la libertad de expresión y de crítica, con el argumento multiculturalista de que las costumbres y las creencias del otro deben ser respetadas (¿aún a costa de tener que renunciar a las propias?). Si este criterio llegara a prevalecer, los fanáticos islamistas habrían ganado la partida y la cultura de la libertad entrado en un proceso que podría culminar en su desaparición.

Por este camino todas las grandes conquistas de la democracia, desde el pluralismo político, la igualdad entre hombres y mujeres, hasta el derecho de crítica que incluye el de la irreverencia por supuesto, habrían sellado su sentencia de muerte. Ya en algunos lugares en Europa se ha admitido el uso del velo islámico, símbolo flagrante de la humillación y discriminación de que es víctima la mujer en algunos países musulmanes, y la existencia de piscinas públicas separadas por sexos, con argumentos que podrían llegar a la demencia de tolerar los matrimonios pactados por los padres y hasta la castración ritual de las adolescentes para garantizar su virtud. Cualquier concesión en este campo no sirve para apagar la sed de los fanáticos; por el contrario, los envalentona y convence de que el enemigo está retrocediendo, que tiene miedo y se sabe ya derrotado.

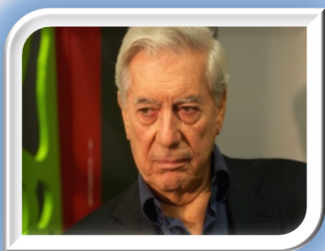
La primera ministra danesa, Helle Thorning-Schmidt, en el homenaje que rindió a sus compatriotas asesinados por el yihadista danés, recordó que las mayores víctimas del fanatismo islamista son los propios musulmanes, a los que los

REFLEXÕES XII

fanáticos asesinan y torturan por millares en el Oriente Medio y en África. Hay que tenerlo presente y saber, por eso, que los europeos que como el dibujante Lars Vilks se enfrentan con coraje al desafío del terror, luchan para salvar de la barbarie no sólo a Europa y Occidente, sino a la humanidad entera. ●

Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 22 de fevereiro de 2015.



Al borde del abismo

Mario Vargas Llosa



¿Cuántos muertos más harán falta para que la OEA y los Gobiernos democráticos de América Latina faciliten una transición pacífica de Venezuela a un régimen de legalidad democrática?

Cuando el Gobierno venezolano de Nicolás Maduro autorizó a su guardia pretoriana a usar armas de fuego contra las manifestaciones callejeras de los estudiantes sabía muy bien lo que hacía: seis jóvenes han sido asesinados ya en las últimas semanas por la policía tratando de acallar las protestas de una sociedad cada vez más enfurecida contra los atropellos desenfrenados de la dictadura chavista, la corrupción generalizada del régimen, el desabastecimiento, el colapso de la legalidad y la situación creciente de caos que se va extendiendo por todo el país.

Este contexto explica la escalada represora del régimen en los últimos días: el encarcelamiento del alcalde de Caracas, Antonio Ledezma, uno de los más destacados líderes de la oposición, al cumplirse un año del arresto de Leopoldo López, otro de los grandes resistentes, y meses después de haber privado abusivamente de su condición de parlamentaria y tenerla sometida a un acoso judicial sistemático a María Corina Machado, figura relevante entre los adversarios del chavismo. El régimen se siente acorralado por la crítica

REFLEXÕES XII

situación económica a la que su demagogia e ineptitud han llevado al país, sabe que su impopularidad crece como la espuma y que, a menos que diezme e intimide a la oposición, su derrota en las próximas elecciones será cataclísmica (las encuestas cifran su popularidad en apenas un 20%).

Por eso ha desatado el terror de manera desembozada y cínica, alegando la excusa consabida: una conspiración internacional dirigida por Estados Unidos de la que los opositores democráticos al chavismo serían cómplices. ¿Conseguirá acallar las protestas mediante los crímenes, torturas y redadas masivas? Hace un año lo consiguió, cuando, encabezados por los estudiantes universitarios, millares de venezolanos se lanzaron a las calles en toda Venezuela pidiendo libertad (yo estuve allí y vi con mis propios ojos la formidable movilización libertaria de los jóvenes de toda condición social contra el régimen dictatorial). Para ello fue necesario el asesinato de 43 manifestantes, muchos centenares de heridos y de torturados en las cárceles políticas y millares de detenidos. Pero en el año transcurrido la oposición al régimen se ha multiplicado y la situación de libertinaje, desabastecimiento, oprobio y violencia sólo ha servido para encolerizar cada vez más a las masas venezolanas. Para atajar y rendir a este pueblo desesperado y heroico hará falta una represión infinitamente más sanguinaria que la del año pasado.

El sistema se siente acorralado por la crítica situación económica a la que ha llevado al país

Maduro, el pobre hombre que ha sucedido a Chávez a la cabeza del régimen, ha demostrado que no le tiembla la mano a la hora de hacer correr la sangre de sus compatriotas que luchan por que vuelva la democracia a Venezuela. ¿Cuántos

REFLEXÕES XII

mueritos más y cuántas cárceles repletas de presos políticos harán falta para que la OEA y los Gobiernos democráticos de América Latina abandonen su silencio y actúen, exigiendo que el Gobierno chavista renuncie a su política represora contra la libertad de expresión y a sus crímenes políticos y faciliten una transición pacífica de Venezuela a un régimen de legalidad democrática?

En un excelente artículo, como suelen ser los suyos, “Un estentóreo silencio”, Julio María Sanguinetti (EL PAÍS, 25 de febrero de 2015), censuraba severamente a esos Gobiernos latinoamericanos que, con la tibia excepción de Colombia — cuyo presidente se ha ofrecido a mediar entre el Gobierno de Maduro y la oposición—, observan impasibles los horrores que padece el pueblo venezolano por un Gobierno que ha perdido todo sentido de los límites y actúa como las peores dictaduras que ha padecido el continente de las oportunidades perdidas. Podemos estar seguros de que la emotiva llamada del expresidente uruguayo a la decencia a los mandatarios latinoamericanos no será escuchada. ¿Qué otra cosa se podría esperar de esa lastimosa colección entre los que abundan los demagogos, los corruptos, los ignorantes, los politicastos de tres por medio? Para no hablar de la Organización de Estados Americanos, la institución más inservible que ha producido América Latina en toda su historia; al extremo de que, se diría, cada vez que un político latinoamericano es elegido su secretario general parece reblandecerse y sucumbir a una suerte de catatonía cívica y moral.

Sanguinetti contrasta, con mucha razón, la actitud de esos Gobiernos “democráticos” que miran al otro lado cuando en Venezuela se violan los derechos humanos, se cierran canales,

REFLEXÕES XII

radioemisoras y periódicos, con la celeridad con que esos mismos Gobiernos “suspendieron” de la OEA a Paraguay cuando este país, siguiendo los más estrictos procedimientos constitucionales y legales, destituyó al presidente Fernando Lugo, una medida que la inmensa mayoría de los paraguayos aceptó como democrática y legítima. ¿A qué se debe ese doble rasero? A que el señor Maduro, que ha asistido a la transmisión de mando presidencial en Uruguay y ha sido recibido con honores por sus colegas latinoamericanos, es de “izquierda” y quienes destituyeron a Lugo eran supuestamente de “derecha”.

A Nicolás Maduro no le tiembla la mano a la hora de hacer correr la sangre de sus compatriotas

Aunque muchas cosas han cambiado para mejor en América Latina en las últimas décadas —hay menos dictaduras que en el pasado, una política económica más libre y moderna, una reducción importante de la extrema pobreza y un crecimiento notable de las clases medias—, su subdesarrollo cultural y cívico es todavía muy profundo y esto se hace patente en el caso de Venezuela: antes de ser acusados de reaccionarios y “fascistas” los gobernantes latinoamericanos que han llegado al poder gracias a la democracia están dispuestos a cruzarse de brazos y mirar a otro lado mientras una pandilla de demagogos asesorados por Cuba en el arte de la represión van empujando a Venezuela hacia el totalitarismo. No se dan cuenta que su traición a los ideales democráticos abre las puertas a que el día de mañana sus países sean también víctimas de ese proceso de destrucción de las instituciones y las leyes que está llevando a Venezuela al borde del abismo, es decir, a convertirse en una segunda Cuba y a padecer, como la

REFLEXÕES XII

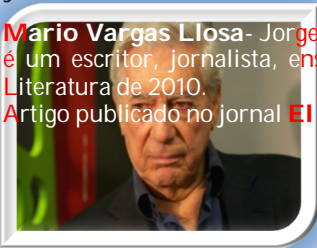
isla del Caribe, una larga noche de más de medio siglo de ignominia.

El presidente Rómulo Betancourt, de Venezuela, que era de otro calibre de los actuales, pretendió, en los años sesenta, convencer a los Gobiernos democráticos de la América Latina de entonces (eran pocos), de acordar una política común contra los Gobiernos que —como el de Nicolás Maduro— violentaran la legalidad y se convirtieran en dictaduras: romper relaciones diplomáticas y comerciales con ellos y denunciarlos en el plano internacional, a fin de que la comunidad democrática ayudara de este modo a quienes, en el propio país, defendían la libertad. No hace falta decir que Betancourt no obtuvo el apoyo ni siquiera de un solo país latinoamericano.

La lucha contra el subdesarrollo siempre estará amenazada de fracaso y retroceso mientras las dirigencias políticas de América Latina no superen ese estúpido complejo de inferioridad que alientan contra una izquierda a la que, pese a las catastróficas credenciales que puede lucir en temas económicos, políticos y de derechos humanos (¿no bastan los ejemplos de los Castro, Maduro, Morales, los Kirchner, Dilma Rousseff, el comandante Ortega y compañía?) conceden todavía una especie de superioridad moral en temas de justicia y solidaridad social. ●

Mario Vargas Llosa - Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marqués de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 5 de março de 2015.



La piedad de los murciélagos

Mario Vargas Llosa



Tom Stoppard nos enfrenta en su última obra a la disyuntiva de decidir si los valores resultan de una operación química neurológica del cerebro, o si detrás de todo hay un actuar deliberado

¿Sabía usted que los murciélagos que salen a cazar en la noche regresan a la gruta con la boca llena de un sangriento alimento para dar de comer a sus congéneres incapaces de valerse por sí mismos? Ahora bien, pregúntese usted, después de enterarse de este hecho objetivo, si semejante conducta de esos roedores

volantes, silentes y ciegos podría llamarse “conciencia” o “piedad” y ser, por tanto, algo equivalente a lo que hace, en **Las uvas de la ira**, de John Steinbeck, ese personaje apodado Rose of Sharon que amamanta con la leche de su hijo (que nació muerto) a un anciano agonizante. Ese es el dilema que se plantea y nos plantea a los espectadores —The Hard Problem— la simpática e inteligente Hilary, el personaje principal de la última pieza de Tom Stoppard que acaba de presentarse en el National Theatre, de Londres.

Tal vez Stoppard, probablemente el más original y arriesgado de los dramaturgos modernos, sea el único autor contemporáneo capaz de llevar a un escenario una historia centrada en una temática que combina la neurobiología, la química, la psicología y la teología y mantener a los

REFLEXÕES XII

espectadores una hora y tres cuartos inmóviles en sus butacas, estupefactos y hechizados, mientras, sin comprender nunca cabalmente del todo lo que ocurre, siguen las peripecias intelectuales y morales que vive la indócil Hilary, a la vez que prepara su tesis doctoral en el Instituto Krohl. Está rodeada de científicos descreídos que, como su tutor Spike, se burlan de su fe y sus oraciones de antes de acostarse, y creen, grosso modo, que la llamada conciencia humana no constituye una dimensión espiritual independiente del cuerpo, sino que es nada más —y nada menos— un producto resultante de los cruces, descruces, conformaciones y hasta confusiones de los miles de millones de neuronas que contiene el cerebro humano.

La obra no pretende educarnos al respecto, proponiendo una solución materialista o idealista a la indagación que desvela las noches de Hilary, sino, simplemente, luego de presentarnos las razones y pruebas que esgrimen los partidarios de ambas tesis, nos deja en la encrucijada de decidir por nuestra cuenta si optamos, como Hilary, por creer que lo humano no se agota en lo físico sino que consta también de una dimensión que no lo es —alma, espíritu, conciencia o como quiera llamársele— o, más bien, por alguna de las sutiles y enrevesadas fórmulas de los sabios o sofistas que sostienen lo opuesto, es decir, que sólo somos lo que tenemos en el cuerpo. El gran mérito de la obra de Stoppard es mostrarnos que no hay una respuesta racional y objetiva para *The Hard Problem*: que, cualquiera que sea la solución por la que optemos, ella será siempre, no una fórmula lógica irrefutable, sino un acto de fe. Como si Dios existe o no existe, si hay otra vida además de ésta, y si prevalece una religión verdadera entre las que existen o todas son falsas.

REFLEXÕES XII

Nada de eso se podrá probar nunca científicamente, como creen los arrogantes investigadores microbiológicos del Instituto Krohl, y, por tanto, el debate no terminará nunca y seguirá desasosegando a la especie humana por siempre jamás.

Siempre he admirado su desprecio por las modas, y la insolencia con que ha escrito sus historias

Algunas de las críticas que ha merecido *The Hard Problem* se preguntan si no resulta temerario llevar a escena una problemática tan abstracta y alejada de los conflictos cotidianos que suelen divertir, intrigar o conmover a los espectadores. Desde luego que tienen razón. La obra no es nada fácil, exige un gran esfuerzo de concentración para no extraviarse entre los razonamientos, referencias científicas o delirantes sofismas que, ataviados con una pretenciosa retórica académica, llueven sobre la valerosa Hilary. ¿Pero no ha sido siempre igual de escurridizo y exigente el teatro de Stoppard? Desde que yo vi, en los años sesenta londinenses, su maravillosa *Rosencrantz and Guildenstern Are Dead*, hasta la última, *Rock'n'Roll*, siempre he admirado en él su desprecio por la facilidad y por las modas, y la insolencia con que ha escrito siempre las historias que a él le importaban, algunas tan delirantes como las de los filósofos acróbatas de *Jumpers* o el anciano arterioesclerótico de *Travesties* que, entre las legañas de su memoria, trata de recordar si en aquella Zúrich donde fue empleado del consulado británico llegó alguna vez a codearse con los tres ilustres exiliados que coincidieron con él en aquella ciudad: Joyce, Lenin y Tristan Tzara.

Su gran mérito es haber conseguido que ese teatro de asuntos complejos y difíciles que ha sido siempre el suyo —¡un teatro

REFLEXÕES XII

de ideas en estos tiempos de frenética frivolidad!— Llegara siempre a conquistar un vasto público, sobornándolo gracias a ese humor suyo, centroeuropeo a la vez que británico (una herencia de sus ascendientes checos), en el que hay ironía, sarcasmo, grandilocuencia, delirio y, siempre, una ternura compasiva para todas las extravagancias y excesos de los bípedos humanos. En *The Hard Problem* el humor está mucho menos presente que en otras piezas suyas y tal vez por eso la obra vence menos fácilmente las resistencias de un público acostumbrado a ir al teatro sólo a pasar un rato de esparcimiento y diversión, no a embrollarse el cerebro preguntándose si esto que vive aquí es la única vida, y él y los suyos son un mero producto de las casualidades astrales o los hijos de un diseño trascendente, del capricho o la sabiduría ininteligible de una divinidad arbitraria, lo que indicaría que hay otra vida, más elusiva y permanente, y mucho más difícil de imaginar que esta que se le va escapando cada día de las manos.

Su gran mérito es haber conseguido que ese teatro de asuntos complejos llegue a un vasto público

¿Por qué uno sale de esta última obra de Stoppard incómodo y hasta angustiado? Los actores son magníficos, la puesta en escena impecable y lo que ocurre en el escenario inquietante. Tal vez por esto último. No estamos acostumbrados a que las obras de teatro —o las novelas— nos inflijan la responsabilidad de tener la última palabra, de decidir cuál es la conclusión de aquello que acabamos de leer o de ver representado, y, sobre todo, en el caso de *The Hard Problem*, enfrentarnos a la tremenda disyuntiva de decidir si los valores, la generosidad, la bondad, el amor, la amistad que hay en

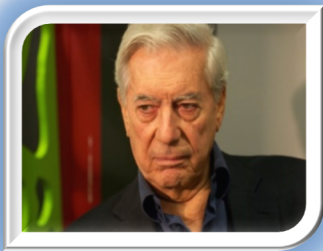
REFLEXÕES XII

nosotros, o la maldad, el egoísmo, la mezquindad, lo rencoroso y perverso que también nos habita, resultan de una fatídica operación químico neurológica de nuestro cerebro, o si detrás de todo ello hay lo que los existencialistas llamaban una elección, un actuar deliberado, decidido por una conciencia no condicionada biológicamente, que es libre y, por lo mismo, nos hace responsables de aquello que hacemos o dejamos de hacer.

La noche está fría en Londres después del teatro, pero no llueve, y es agradable caminar a orillas del Támesis, viendo las luces y la gente animada de las terrazas, y la multitud de jóvenes que salen de la cinemateca de un festival de películas escandinavas. ¿Somos, cuando actuamos de una manera noble y desinteresada, idénticos a los repelentes murciélagos a quienes el instinto de supervivencia de la especie incita a llevar sangre en la boca a sus congéneres inválidos? ¿O hay, en la *Rose of Sharon*, inventada por John Steinbeck, que da de mamar de sus pechos al anciano hambriento, algo más que un proceso químico biológico que haría de ella una autómatas, un robot que mima la caridad? Es algo que no se puede averiguar, es algo que tenemos que decidirlo y actuar en consecuencia. Porque lo que está en juego, en el fondo de aquel duro problema, no es si Dios existe o no existe, sino si somos libres o no. Si los miles de millones de neuronas que por lo visto vibran en nuestro cerebro deciden nuestros afectos y defectos, nuestras virtudes y vicios, no lo somos; aparentamos una libertad que no tenemos, pues nuestra conducta está dirigida fatídicamente por aquellos microscópicos organismos que pululan por nuestro cuerpo. No nos conviene que así sea, aunque lo fuera. La libertad, aunque parezca que la mimamos, termina por emanciparse a sí misma de toda forma de

REFLEXÕES XII

conductismo, y, aunque dicho así resulte una cacofonía, practicándola nos hace libres. ¿La larga historia de la humanidad no es, acaso, una testaruda lucha por escapar a esos condicionamientos físicos, naturales, en que han quedado atrapados los animales y de los que los seres humanos hemos ido liberándonos luego de innumerables aventuras, caídas y levantadas? Como todas las buenas obras de teatro, *The Hard Problem*, de Tom Stoppard, empieza de verdad sólo después de que termina el espectáculo. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 22 de março de 2015.

El hombre-florero

Mario Vargas Llosa



En un banco del templo de Debod, decorado con hojas y ramas, vivía un vagabundo culto, insolvente y feliz; nunca se preocupó por la amenaza de una enfermedad o por una vejez sin recursos

Cuando estoy en Madrid camino todos los días, temprano en las mañanas, por un circuito que, arrancando de la plaza de las Descalzas, me lleva a cruzar la plaza de Isabel II, el Palacio de Oriente, pasar ante los Jardines de Sabatini, bordear el parque de Debod, bajar por el paseo del Pintor Rosales hasta la transversal que se hunde en el parque del Oeste, dar allí media vuelta y desandar todo lo andado por un desvío que me permite recorrer, esta vez desde el interior, todo el parque de Debod y divisar a veces la solitaria ardillita que vive allí, saltando entre sus árboles. Es un itinerario tranquilo y agradable, que toma una hora justa, en la que suelo cruzarme y descruzarme con las mismas personas: el cojito del gran danés, el japonés marcial y su paso de ganso, las alegres comadres del Debod y su solitario gonfalonero, y Ángela Molina despidiendo a su hijita menor en la puerta del autobús de su colegio.

Pero hace algunos años advertí una novedad en mi recorrido: una de las bancas del paseo que discurre al pie de la suave colina donde está el templo egipcio había sido decorada con

REFLEXÕES XII

las hojas y ramitas que el viento arranca y había en este arreglo una gracia y un buen gusto que llamaban la atención. No muchos días después conocí al decorador. Nunca supe su nombre y me acostumbré a llamarlo siempre el hombre-florero. Porque él se decoraba también a sí mismo, con la elegancia y picardía con que adornaba la banca en la que — supongo— vivía y dormía. A diferencia de la mayoría de personas que pasan la noche en las bancas y jardines del lugar, y que suelen ser moldavos, rumanos y búlgaros, el hombre-florero era español y, por su acento, inequívocamente castellano. Al pasar yo frente a su banca, ya estaba lavado, peinado y decorado, con flores, hojas y ramitas que animaban su sombrerito y sus orejas, su camisa y hasta sus pantalones. Había mucha gracia en la manera como se engalanaba y, más tarde, cuando nos hicimos amigos, me aseguró enfáticamente que toda esa vegetación con la que él coloreaba su banca, su cuerpo y su atuendo no había sido jamás arrebatada por él a las plantas, las flores o los árboles, sino por otros o por el viento: él se limitaba a recogerla del suelo y a darle una segunda vida, ya no natural sino estética.

Nuestra amistad nació de un episodio circunstancial. Una de esas mañanas, al pasar frente a su banca, vi al hombre-florero discutiendo con dos policías que querían sacarlo de allí, alegando que esa banca que él había convertido en su vivienda y en una especie de monumento a la ecología y al arte bruto era un bien público. Me apenó mucho que fueran a echarlo de allí y me atreví a interceder por él. Por fortuna, los dos policías me reconocieron y se dejaron convencer por mis razones, que eran éstas: el hombre-florero no hacía daño a nadie ni a nada, más bien colaboraba con los recogedores de la basura y había convertido aquella banca del parque de Debod en una obra de

REFLEXÕES XII

arte que podía seguir siendo usada y a la vez admirada por los transeúntes.

El mismo personaje risueño cambió después su entusiasmo cultural por el interés religioso

Desde entonces y mientras vivió en el parque de Debod, el hombre-florero, apenas me veía venir, se ponía de pie, me acompañaba un buen trecho y conversábamos. Aunque, en realidad, hablaba sobre todo él y yo lo escuchaba, fascinado por sus conocimientos. Me ofrecía siempre, como una guía viviente, todos los espectáculos artísticos de que uno podía disfrutar gratis en Madrid en esa jornada o en las venideras: ensayos de orquestas o cantantes, películas u obras de teatro que se daban en las embajadas, centros culturales extranjeros, iglesias, cofradías, oenegés, conferencias, mesas redondas, recitales, exposiciones y, un día, hasta una función gratuita que daba un circo ¡para enfermos, discapacitados e invidentes!

Él asistía a todo eso y por ello tenía sus días muy ocupados, pues se desplazaba por Madrid naturalmente siempre a pie. Su amor por todas las manifestaciones de la cultura era tan genuino como el que profesaba a la naturaleza y sus opiniones sobre películas, dramas, pinturas, música e ideas (a condición de que no fueran políticas, contra las que parecía vacunado) siempre me parecieron respetables.

Era un hombre relativamente joven —entre 40 y 50, calculo— y nunca parecía haber llevado otra vida que ésta, es decir, la de un hombre-florero de la calle, contento y entusiasta con lo que hacía y, sobre todo, con lo que no hacía. Muchas veces tuve la tentación de entrevistarle, para saber cómo y por qué había llegado a ser eso que era —un vagabundo culto, insolvente y

REFLEXÕES XII

feliz—y preguntarle si a veces no lo sobresaltaba el temor de una enfermedad, de una vejez sin recursos, si en esa soledad irreductible en la que parecía confinado no echaba a veces de menos la idea de una pareja, de una familia, pero nunca me atreví. Tenía la impresión de que someterlo a ese género de interrogatorio podía ofenderlo.

Un día descubrí que otro de sus quehaceres era echar una mano a los drogadictos que, como él, habían hecho de la calle su hogar. Había sobre todo un muchacho de origen mexicano, que caía por las noches en el parque de Dehod y que, psíquicamente maltratado por la heroína, padecía de ataques autodestructivos y hablaba de suicidarse. Seguí a través de lo que me contaba sus desesperados esfuerzos para convencerlo de que, pese a todo, la vida valía la pena de ser vivida, porque había en ella muchas cosas hermosas, incluso para quienes carecían de recursos. Un día me aseguró, resplandeciente de felicidad: “Creo que lo he convencido”. Era un optimista visceral y siempre estaba risueño. Un día me atreví a preguntarle si una persona sin dinero, en Madrid, no estaba irremediabilmente condenada a perecer de inanición. “En absoluto”, me explicó. Y de inmediato me enumeró por lo menos una docena de refectorios y comederos regentados por órdenes religiosas —católicas, evangélicas— o sociedades laicas que ofrecían bocadillos o la tradicional “sopa de pobres” a los menesterosos de la ciudad.

Nadie tiene derecho de aburrirse en la vida, porque ella es lo mejor que nos ha pasado

Como paso intervalos de largos meses fuera de Madrid, al retorno de uno de ellos me llevé la desagradable sorpresa, en mi caminata tempranera, de que la banca del hombre-florero

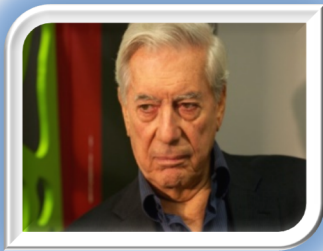
REFLEXÕES XII

ya no existía. ¿La había abandonado él mismo, empujado por su espíritu nómada, o la habían destruido unos policías menos tolerantes que aquellos gracias a los cuales nació nuestra amistad? Me entristeció mucho la desaparición de ese amigo momentáneo que daba siempre una nota emotiva y cálida a los paseos con que comienzo el día. Pregunté a las alegres comadres del parque de Debod y ninguna de ellas se acordaba siquiera de él. Pero el cojito del perro gran danés me dijo que, aunque él mismo no lo había visto con sus ojos, pensaba que se había mudado a la plaza de Oriente porque había divisado allí una banquita con los adornos vegetales con que arropaba su banca de estos lares.

No encontré la tal banca pero sí lo encontré a él, muchos meses después de aquello que cuento, al pie de la bella estatua ecuestre de la plaza de Oriente. Nos dimos un abrazo. Era el mismo personaje risueño, entusiasta y reconciliado con la vida de antaño, pero era también otro. Ya no había rastro de vegetación en su ropa ni en su cuerpo y, en su boca, no era la cultura la que llevaba la voz cantante sino la religión. Me habló, de entrada y sin parar, como si retomáramos una conversación de la víspera, y con la misma fogosidad de antaño, del Santo Padre Pío de Pietrelcina, un monje capuchino italiano que, al parecer, hizo milagros y exhibía en sus manos los estigmas de la pasión de Cristo, sobre el que tenía una información apabullante. Conocía su vida, sus enfermedades, sus virtudes, sus hazañas sobrenaturales, y, como en el pasado me recomendaba espectáculos, charlas, recitales o exposiciones, ahora me ilustró sobre las misas donde se escuchaban los sermones más inspirados y donde se oían a los mejores coros de la ciudad y las tertulias sagradas que valía la pena no perderse.

REFLEXÕES XII

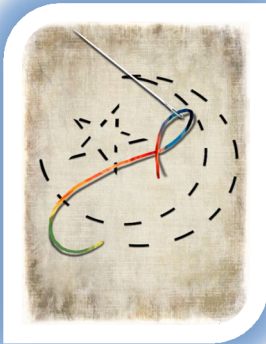
Al despedirnos, me dejó en las manos un prospecto de las actividades de la semana en el vecino monasterio de la Encarnación. Fue la última vez que lo vi, hace de esto dos o tres años. ¿Por qué escribo sobre él? Porque esta mañana, mientras hacía mi caminata matutina en el malecón de Barranco, dentro de una neblina que anuncia ya el próximo invierno de Lima, de repente creí verlo, al borde de los acantilados, pobre y libérrimo, exaltado y feliz, más que nunca convencido de que en esta vida nadie tiene derecho de aburrirse ni de deprimirse, porque, pese a todo, ella es lo mejor que nos ha pasado. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010. Artigo publicado no jornal **El País** no dia 5 de abril de 2015.

El poder de la blasfemia

Mario Vargas Llosa



Ayaan Hirsi Ali prosigue su campaña contra el fanatismo y la estupidez que envilecen nuestro tiempo y lo llenan de cadáveres, convencida de que la sensatez y la razón terminarán por imponerse

Es poco menos que un milagro que Ayaan Hirsi Ali, una de las heroínas de nuestro tiempo, esté todavía viva. Los fanáticos islamistas han querido acabar con ella y no lo han conseguido, y no es imposible que lo sigan intentando, pues se trata de uno de los más articulados, influyentes y valerosos adversarios que tienen en el mundo. Acaso tanto como sus ideas y su coraje, sea su ejemplo lo que atiza el odio contra ella de los militantes de Al Qaeda, el Estado Islámico y demás sectas fundamentalistas del Próximo Oriente y del África. Porque Ayaan Hirsi Ali es una demostración viviente de que, no importa cuán estrictos sean el adoctrinamiento y la opresión que se ejerza sobre un ser humano, el espíritu rebelde y libertario siempre es capaz de romper las barreras que se empeñan en sojuzgarlo.

Hirsi Ali nació en Somalia, en una familia conservadora, padeció la mutilación genital en la pubertad, y fue educada en Arabia Saudí y en Kenia dentro de la más severa observancia musulmana: llevó elhiyab, celebró la fatua que condenaba a muerte a Salman Rushdie, pero, cuando sus padres quisieron

REFLEXÕES XII

casarla con un lejano pariente en contra de su voluntad, se atrevió a huir y pidió asilo en Holanda. Allí aprendió el holandés, llegó a ser diputada por el partido liberal, y desde entonces comenzó una campaña, en la que no ha cesado hasta ahora, contra todo lo que hay de violento, intolerante y discriminatorio hacia la mujer en el islam. En sus tres primeros libros se servía mucho de su propia autobiografía para mostrar los extremos de crueldad y ceguera a que podía conducir el fanatismo musulmán y a explicar las razones de su apostasía y ruptura con la religión de su familia.

En el que acaba de publicar en Estados Unidos, **Heretic. Why Islam Needs a Reformation Now** (que será editado en España por Galaxia Gutenberg con el título de **Reformemos el islam**), critica, con su franqueza habitual, a los Gobiernos occidentales que, para no apartarse de la corrección política, se empeñan en afirmar que el terrorismo de organizaciones como Al Qaeda y el Estado Islámico es ajeno a la religión musulmana, una deformación aberrante de sus enseñanzas y principios, algo que, afirma ella, es rigurosamente falso. Su libro sostiene, por el contrario, que el origen de la violencia que aquellas organizaciones practican tiene su raíz en la propia religión y que, por ello, la única manera eficaz de combatirla es mediante una reforma radical de todos aquellos aspectos de la fe musulmana incompatibles con la modernidad, la democracia y los derechos humanos.

Esta transformación, que Hirsi Ali compara con lo que significaron para el cristianismo las críticas de Voltaire y la reforma de Lutero, consistiría en modificar cinco conceptos que, a su juicio, mantienen al islam detenido en el siglo séptimo: 1) la creencia de que el Corán expresa la inmutable

REFLEXÕES XII

palabra de Dios y la infalibilidad de Mahoma, su vocero; 2) la prelación que concede el islam a la otra vida sobre la de aquí y ahora; 3) la convicción de que la sharía constituye un sistema legal que debe gobernar la vida espiritual y material de la sociedad; 4) la obligación del musulmán común y corriente de exigir lo justo y prohibir lo que considera errado, y 5) la idea de la yihad o guerra santa. A quienes se preguntan qué quedaría del islam si éste renunciara a esos cinco pilares de su fe, Hirsi Ali responde que el cristianismo, antes de la reforma protestante, no era menos sectario, intolerante y brutal, y que sólo a partir de esta escisión la religión cristiana inició el proceso que la llevaría a separarse del Estado y a la coexistencia pacífica con otras creencias, gracias a lo cual prosperaron las libertades y los derechos civiles en el mundo occidental.

El origen de la violencia que practican los yihadistas tiene su raíz en la propia religión, el islam

Más todavía, en los últimos capítulos de su libro, Hirsi Ali ofrece un detallado registro de reformadores —clérigos, profesores, intelectuales, políticos, periodistas— que, tanto dentro como fuera de los países musulmanes, según ella, han puesto ya en marcha esa reforma. Ella contaría con la callada solidaridad de gran número de creyentes —entre ellos, muchísimas mujeres— conscientes de que sólo gracias a esa puesta al día de su religión, podrían sus países abrazar la modernidad y salir del atraso medieval que significa, en pleno siglo XXI, seguir lapidando a las adúlteras, cortando las manos a los ladrones, decapitando a los impíos y apóstatas y considerando que, ante la ley, el testimonio de una mujer vale sólo la mitad que el de un hombre. Con mucha razón, Hirsi Ali

REFLEXÕES XII

exhorta a los Gobiernos y a las dirigencias políticas de los países democráticos a dar su apoyo a quienes, arriesgando sus vidas, libran esa difícil batalla religiosa y cultural, en vez de, por razones de Estado, amparar a regímenes despóticos como el de Arabia Saudí donde perviven aquellos horrores, y otros no menos atroces, como los llamados crímenes de honor: el padre o los hermanos que asesinan a la mujer violada pues esta violación “deshonró” a la familia de la víctima.

Nada me gustaría más que creer, como dice Hirsi Ali, que esta reforma ya ha comenzado y que, en todos los países musulmanes, esa espesa tiniebla religiosa que envuelve en ellos la vida ha empezado a disiparse. Lo que me hace dudar son los ejemplos contrarios —la agravación del fanatismo y el atractivo irresistible que para tantos adolescentes y hasta niños ejercen las organizaciones terroristas— de los que da cuenta su libro. Son tan numerosos y están descritos con tanta precisión que la impresión que uno saca de esas páginas es más bien la opuesta. Es decir, que en vez de un proceso de liberación muchos de esos países, como demuestra el fracaso de la llamada primavera árabe, en vez de acercarse a la modernidad sacudiéndose de anacrónicas y sangrientas creencias, son éstas más bien las que parecen renacer, robustecerse e infectar a buena parte de la sociedad. Ella misma cuenta cómo, con la excepción de Túnez —donde el proceso de laicización parece haber prendido de veras—, en ciudades como Bagdad, donde hace 20 y 30 años retrocedía el velo y muchas mujeres mostraban los cabellos y se vestían a la manera occidental, ahora es muy raro ver a alguna que no lleve el hiyab.

REFLEXÕES XII

El cristianismo, antes de la reforma protestante, también era sectario, intolerante y brutal

El caso de la propia Hirsi Ali es también muy elocuente. Cuando en Ámsterdam el cineasta Theo van Gogh fue asesinado en 2004, el asesino, Mohammed Bouyeri, clavó en el pecho de su víctima una carta a Hirsi Ali advirtiéndole que ella sería la próxima asesinada por traicionar al islam. En vez de solidaridad, ella se vio amenazada por la ministra de Inmigración de Holanda, una señora de mandíbula cuadrada llamada Rita Verdonk, de perder la nacionalidad holandesa y sus vecinos le pidieron que abandonara el piso donde vivía, pues los ponía en peligro de padecer un atentado. Ahora mismo, en Estados Unidos, donde vive, es objeto de críticas muy duras de supuestos "liberales" que la acusan de "islamófoba" y, en el seminario que dicta en la Universidad de Harvard, no es raro que se inscriban alumnos y alumnas que lo hacen sólo para poder insultarla. Debe, por eso, vivir permanentemente protegida.

Lo extraordinario es que nada de eso parece hacerle mella. Ayaan Hirsi Ali, a juzgar por este cuarto libro, prosigue, vacunada contra el desaliento, ejerciendo lo que llama "el poder de la blasfemia", su campaña contra el fanatismo y la estupidez que envilecen nuestro tiempo y lo llenan de cadáveres, convencida de que la sensatez y la razón terminarán por imponerse a la irracionalidad y el espíritu de la tribu. Dos veces en mi vida he tenido ocasión de oírla hablar. La primera en Holanda y, la segunda, varios años después, en Washington. En ambos casos la oí exponer sus tesis con una solvencia intelectual de gran empaque y, a la vez, con una suavidad y una elegancia que daban todavía más

REFLEXÕES XII

fuerza persuasiva a aquello que decía. Y, en ambos, pensé lo mismo: qué extraordinario que sea una somalí, educada en Arabia Saudí y en Kenia, capaz de romper con el oscurantismo y la barbarie que quisieron imponerle, quien defienda con tanta convicción y tanto fuego la cultura de la libertad, la mejor contribución de Occidente al mundo, ante unos auditorios de occidentales apáticos y escépticos, que ignoran lo privilegiados que son y el tesoro que poseen, y que tenga que ser Ayaan Hirsi Ali, después de pasar por el infierno, quien venga a recordárselo. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marqués de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 19 de abril de 2015.

País imprevisible

Mario Vargas Llosa



Nunca la imagen de Perú ha sido tan positiva en el resto del mundo. Su estabilidad institucional y su apertura económica lo han hecho especialmente atractivo para la inversión extranjera

Hace algunas semanas estuve en Estados Unidos en una conferencia económica que organizó el Citibank dedicada a América Latina. Había unos trescientos empresarios, banqueros y analistas que pasaron revista a lo largo de un par de días al estado de la región. No creo exagerar si digo que la impresión general de los asistentes sobre la situación del Perú no podía ser más positiva. Sin excepciones, reconocían que, desde la caída de la dictadura de Fujimori, el año 2000, la democracia había funcionado y que, durante los Gobiernos de Valentín Paniagua, Alan García, Alejandro Toledo y el actual de Ollanta Humala, las instituciones operaban sin mayores trabas, la economía había crecido por encima del promedio latinoamericano, la reducción de la extrema pobreza era notable, así como el crecimiento de las clases medias. Y que, dada su estabilidad institucional y su apertura económica, el Perú era uno de los países más atractivos para la inversión extranjera. No es ésta la única ocasión en que oigo cosas parecidas. La verdad es que nunca, desde que tengo memoria,

REFLEXÕES XII

la imagen de mi país ha sido tan positiva en el resto del mundo.

Y, sin embargo, quien vive en el Perú, donde acabo de pasar una temporada, puede tener una impresión muy diferente: la de un país exasperado, al borde de la catástrofe por la ferocidad fratricida de las luchas políticas, y al que las huelgas antimineras, en Cajamarca y Arequipa sobre todo, la corrupción que se encarniza en las regiones por culpa de las mafias locales y el narcotráfico y la agitación social están haciendo retroceder y acercarse de nuevo al abismo, es decir, a la barbarie del subdesarrollo e, incluso, del quiebre constitucional.

¿Cómo explicar semejante incongruencia entre la imagen externa y la interna del país? Por la falta de perspectiva, la concentración fanática en la rama nubla la visión del bosque. Es, probablemente, el defecto mayor de la prensa en el Perú —escrita, radial y televisiva—, controlada en un 80% por un solo grupo económico, que, como está en su inmensa mayoría en la oposición al Gobierno, propaga una visión apocalíptica de una problemática social y política que, hechas las sumas y las restas, es bastante menos grave que la de la mayoría de los países del resto del continente. Y, por otra parte, olvida y trata incluso de quebrantar la más alta conquista que ha alcanzado el Perú actual en toda su historia: un amplio consenso nacional a favor de la democracia política y la economía de mercado. Sin este acuerdo nacional, del que, con la excepción de grupúsculos insignificantes, participan tanto la derecha como la izquierda, jamás hubiera progresado el Perú tanto como lo ha hecho en los últimos 15 años.

REFLEXÕES XII

A fines del mes de marzo la situación se agravó de tal manera que cualquier catástrofe hubiera podido ocurrir. El Parlamento censuró a la primera ministra, Ana Jara, en una sesión que seguí en parte en la televisión, abrumado por los niveles de ignorancia y demagogia a que podían llegar algunos de nuestros legisladores. El presidente Humala nombró el 2 de abril un nuevo gabinete presidido por Pedro Cateriano, que había sido, por dos años y ocho meses, su antiguo ministro de Defensa. Casi todo el mundo vio en este nombramiento una provocación del mandatario, a fin de producir una nueva censura, lo que le permitiría constitucionalmente cerrar el Congreso y convocar nuevas elecciones parlamentarias. Cateriano ha sido, a lo largo de toda su gestión ministerial, un crítico implacable del fujimorismo y del aprismo, las dos fuerzas más hostiles al Gobierno y cuyos dirigentes —Keiko Fujimori y Alan García— son seguros candidatos presidenciales en las elecciones del próximo año.

Una insólita paz parece haberse instalado en un país que parecía al borde de un golpe de Estado

Pero nada ocurrió como estaba previsto. En vez de ser el pugnaz provocador que se esperaba, Pedro Cateriano mostró desde el primer momento una sorprendente voluntad de coexistencia y de diálogo. Y explicó: "Voy a tener que cambiar. Como presidente del Consejo de Ministros, mis opiniones políticas personales tendrán que ser, en muchos casos, reemplazadas por el criterio del Gobierno". Visitó a todos los líderes políticos, sobre todo a los de la oposición, les explicó sus planes, escuchó sus críticas y hasta se fotografió dando la mano a sus archirrivals Keiko Fujimori y Alan García. El resultado es que, después de casi 10 horas de debate, el nuevo

REFLEXÕES XII

gabinete presidido por Cateriano fue aprobado por 73 congresistas, con la abstención de 39 y el rechazo de 10. Y, lo más notable, una insólita paz y clima de convivencia parece haberse instalado de pronto en un país que hace muy poco parecía al borde de un golpe de Estado o una guerra civil.

En buena hora, desde luego, y ojalá que esta civilizada tregua dure, pueda el Gobierno gobernar en paz en su último año y haya una campaña electoral y unas elecciones libres y genuinas que no destruyan sino consoliden este proceso que desde hace 15 años ha traído un progreso sin precedentes en nuestra historia.

Hay que felicitar al presidente Humala por su audaz apuesta de haber elegido a Pedro Cateriano como su nuevo primer ministro, pese a su fama de peleón y arrebatado. Supo ver en él, por debajo de las apariencias pendencieras, a un político fuera de serie en la escena peruana. Yo lo conozco bien, desde hace muchos años. Pero es completamente falso, como se ha dicho, que yo hubiera intervenido para nada en sus nombramientos. Jamás le he pedido —ni le pediré— favor alguno al presidente Humala, a quien, pese al apoyo que le he brindado, también he criticado cuando lo he creído justo. (Por ejemplo, por no haber recibido ni apoyado públicamente a la oposición democrática venezolana que resiste heroicamente los zarpazos dictatoriales del inefable y despreciable Maduro). Y tampoco se los pediré, claro a está, al nuevo primer ministro, precisamente porque es un viejo amigo.

Hay que felicitar a Humala por elegir a Pedro Cateriano como su nuevo primer ministro

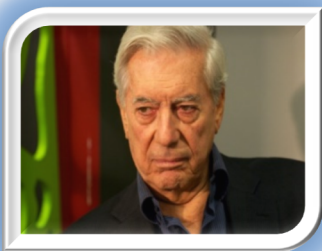
La primera vez que lo vi, durante la campaña electoral en la que fui candidato, Cateriano arengaba al vacío en la Plaza de

REFLEXÕES XII

Tacna, donde habíamos convocado un mitin al que asistieron apenas cuatro gatos. Lo hacía con una convicción insólita y sin importarle para nada el ridículo. Expresaba ideas en vez de lugares comunes o improperios y era un hombre culto y decente, y honrado hasta el tuétano de sus huesos. No sólo incapaz de perpetrar uno de esos tráficos o acomodados de sinvergüenzas que son tan frecuentes entre las gentes de poder, sino, también, de tolerarlos a su alrededor. No tengo la más mínima duda de que, con él al frente del Consejo de Ministros, la lucha contra la corrupción —una de las plagas que asola toda Latinoamérica— tomará nuevos bríos.

A lo largo de casi toda mi vida he sido bastante pesimista sobre el futuro del Perú. Quizás contribuyó a ello el haber pasado mi niñez y mi juventud en un país envilecido por una dictadura militar, la de Odría, que prostituyó todas las instituciones —entre ellas la universidad donde estudié— y, luego, haber visto cómo se frustraban entre nosotros todos los intentos democráticos, destruidos por unos partidos políticos ineptos que preferían destrozarse entre sí a hacer funcionar la democracia, aunque ello acarrearra una y otra vez el siniestro retorno de la dictadura. Desde el año 2000, con la caída de Fujimori y Montesinos —ladronzuelos y asesinos que batieron todos los récords de criminalidad establecidos por los dictadores peruanos—, de pronto, empezaron a pasar cosas en mi país que me inyectaron la esperanza. Desde hace tres lustros, con algunos tropezones e interrupciones, ella se ha mantenido. En estos días, aletea de nuevo, viva todavía, pero como un candil en el viento, y siempre con el sobresalto de que surja un golpe de viento que la apague. ●

REFLEXÕES XII



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marquês de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 3 de maio de 2015.

El Living Theatre, el arte de la osadía

Mario Vargas Llosa



El pequeño grupo de actores desembarcó en São Paulo en 1970 para salvar al pueblo de la opresión. En aquella dictadura tercermundista abrieron un espacio de libertad sexual, social y artística

Por una sola vez asistí a una función del Living Theatre, en los años sesenta, cuando la compañía formada por Julian Beck y Judith Malina era una de las célebres instituciones de la llamada contracultura, en Nueva York. Como ellos rechazaban Broadway, al que satanizaban por su espíritu de lucro, tuve que tomar un metro interminable, salir de Manhattan y luego caminar por barrios desconocidos hasta dar con el auditorio gigantesco donde tenía lugar el espectáculo. Atestaban el recinto algunos hippiespero, sobre todo, neoyorquinos exquisitos, bohemios, frívolos y de muy altos ingresos.

En el escenario había entre veinte o treinta bultos que eran seres humanos en posición fetal. Veinte o treinta minutos después de comenzado el espectáculo no se habían movido todavía aunque, de tanto en tanto, emitían unos murmullos y parecían estremecerse. Resistí cerca de tres cuartos de hora esta ceremonia prenatal y escapé, encolerizado y aburrido. Pero confieso que, pese a todo, me hubiera quedado hasta el final si hubiera leído entonces el libro de Carlos Granés, **La**

REFLEXÕES XII

invención del paraíso. El Living Theatre y el arte de la osadía (Taurus), que acaba de aparecer, en el que reconstruye con rigor y cariño las aventuras y desventuras de aquella compañía a la que, me temo, ya pocos recuerden.

Julian y Judith eran inocentes, arriesgados, ingenuos, frívolos, generosos, dotados de una pizca de locura y creían que el teatro podía ser el instrumento revolucionario adecuado para liberar a la humanidad de sus taras e injusticias. Habían leído a Artaud, Kropotkin y Sacher-Masoch, y de ese revoltijo intelectual habían concluido que la primera batalla por ganar era la liberación sexual, practicando la promiscuidad y el “desarreglo de todos los sentidos”, para pasar luego a las grandes reformas sociales, aunque nunca tuvieron claro en qué debían consistir estas reformas, salvo en que el capitalismo era la madre de todos los vicios. Eran pacifistas y anarquistas y por ello tuvieron distanciamientos y querellas con ciertos grupos y movimientos de acción directa como los Panteras Negras y los estudiantes que, en los años sesenta, pusieron a Berkeley y a otras universidades de California de pies a cabeza.

Había en ellos algo insolente, juvenil (pese a haber dejado atrás la juventud hacía tiempo), revoltoso y simpático, pero, como artistas, su talento era, para decirlo con amabilidad, mucho menos original y creativo que sus disfuerzos personales. Carlos Granés describe con detalle y mucho afecto los espectáculos que montaron, alegorías y rituales de inextricable simbolismo, en los que lo único que quedaba claro para el espectador común y corriente era que los actores, además de ponerse en pelotas con frecuencia e insultarlo a ratos y a ratos acariñararlo, lo exhortaban a vivir, a

REFLEXÕES XII

soñar y a cambiar esta vida por otra, tan evanescente y huidiza como un espejismo en el desierto.

Montaron espectáculos que eran alegorías y rituales de inextricable simbolismo

Tuvieron algunos éxitos, más en Europa que en Estados Unidos, pero la gran gira que emprendieron por todo el Oeste norteamericano fue un puro desastre; pasaron hambre, se quedaron sin dinero para seguir viajando y, en San Francisco, escenario en esos días de la revolución estudiantil, representaron sus obras ante auditorios malos y escépticos.

Su gran aventura —y desventura— fue el viaje a Brasil, en 1970. El país padecía, desde 1964, una dictadura militar que duraría veintiún años y que, muy dentro de las costumbres autoritarias latinoamericanas, sería represiva, censora, corrupta, torturadora y criminal. Nadie me lo va a creer, pero —les ruego que lean el libro de Carlos Granés y verán que es cierto— Julian Beck, Judith Malina y su pequeño grupo, que no hablaban portugués y probablemente no sabían del gigante brasileño otra cosa que allí había una satrapía y se bailaba la samba, desembarcaron en São Paulo en julio del año 1970 decididos a salvar al pueblo brasileño de la opresión montando espectáculos teatrales inspirados en las teorías del teatro de la crueldad de Antonin Artaud y las muy mediocres novelitas del escritor austríaco cuyo apellido sirvió para llamar masoquismo a quien goza sexualmente padeciendo la sumisión y recibiendo castigo.

No consiguieron su objetivo, desde luego, y más bien se libraron de milagro de que los gorilas brasileños los sometieran a su tortura favorita, el pau de arara —palo de

REFLEXÕES XII

loro—, de la que sí fueron víctimas otros actores seguidores de sus teorías que no tenían un pasaporte norteamericano ni un cónsul que se interesara por su suerte. Pero sí fueron a la cárcel, acusados de pervertidos y drogadictos y es probable que se hubieran pasado unos años allí a no ser por la formidable campaña de escritores, políticos y personalidades eminentes del mundo entero que bombardeó a la dictadura brasileña pidiendo su liberación. Asustados con esta movilización, los generales —que no podían entender por qué se interesaba medio mundo en defender a unos locos degenerados que habían convertido su casita en Ouro Preto en un partouze frenético e ininterrumpido— optaron por expulsarlos de Brasil y devolverlos a Estados Unidos mediante un decreto que los llama subversivos y narcómanos y que es un monumento a la confusión y la estupidez que no tiene desperdicio.

Fueron expulsados de Brasil mediante un decreto que los llama subversivos y narcómanos

Las páginas que describen las aventuras y desventuras del Living Theatre en Brasil en el libro de Carlos Granés parecen una de esas novelas de lo que se llamó “el realismo mágico”. Tenían el proyecto de montar una obra inspirada en Sacher-Masoch, El Legado de Caín, que se vio obstaculizado por múltiples infortunios, y terminaron visitando las favelas, donde apenas dieron un puñadito de espectáculos, pero se fascinaron con los terreiros donde se oficiaban rituales mágicos de origen africano y Judith Malina se convirtió en una practicante tenaz del rito umbanda, que la hacía volar en viajes psicodélicos más divertidos que los neoyorquinos. Ella parece haber sido la más arriesgada de toda la troupe, porque,

REFLEXÕES XII

al mismo tiempo que aquel retorno a lo primitivo, se lió con un argentino, Osvaldo de la Vega, fiel discípulo del autor de *La Venus de las pieles*, que la flagelaba, le perforó los pezones con ganchos, llegó a clavarle la punta de un cuchillo en el hombro y acaso la hubiera matado si ella no reacciona y renuncia a tiempo a esos experimentos peligrosos.

¿Qué queda de todo aquello? Carlos Granés dice que, en tanto que en Estados Unidos, una sociedad abierta, lo que hacía el Living Theatre podía parecer un juego sin mayor trascendencia para burgueses refinados, en una dictadura tercermundista abría un espacio de libertad sexual, social y artística, que, por pequeño que fuera, por lo menos irritaba al poder y daba a algunos sectores, sobre todo de jóvenes, la esperanza de un cambio radical a aquello que padecían. Aunque soy algo escéptico al respecto, me gustaría que esta tesis fuera cierta. ●



Mario Vargas Llosa- Jorge Mario Pedro Vargas Llosa, marqués de Vargas Llosa, é um escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Artigo publicado no jornal **El País** no dia 17 de maio de 2015.

Índice sequencial

- Introdução- 1
- Índice alfabético- 2
- Da incoerência de nossas ações- 6
- Sobre a brevidade da vida- 15
- Fé na verdade- 47
- Um filósodo do presente- 73
- As cruzes do gabarito- 79
- Genealogia do fanatismo- 83
- O dinheiro pode comprar a felicidade? Só até certo ponto- 88
- Liberalismo e democracia: as bases filosóficas da democracia- 94
- O ódio nosso de cada dia- 101
- Mão de Deus- 108
- Filósofo do amor- 112
- A sociedade está caminhando para o individualismo, e isso pode ser bom- 118
- O jardim de lá- 126
- Califado on-line- 133
- A fraqueza do Estado Islâmico- 141
- A era da frustração- 154
- Holocausto esquecido pela história- 162
- Um lugar no céu- 169

REFLEXÕES XII

- **Cuba y los espejismos de la libertad- 177**
- **Um longo jogo em Havana- 183**
- **O apagão do planeta- 187**
- **Complacência e calamidade- 196**
- **Nem Leste nem Oeste- 200**
- **A conta do pacto- 212**
- **Necropolítica da droga- 217**
- **Visionário incansável- 225**
- **A república como déficit- 235**
- **Coisas fiscais- 243**
- **Era uma vez o Brasil- 248**
- **Ajudar, ajuda?- 254**
- **Férias flexíveis para empregados são boas só na teoria- 260**
- **O trabalhador monitorado- 264**
- **Excelência versus equidade- 269**
- **Todo mundo vai para a universidade- 278**
- **Aprendizado da porta para dentro- 283**
- **A propriedade intelectual é a chave do sucesso- 289**
- **Pequenas e invencíveis- 295**
- **Hora da partida- 305**
- **Conectividade, a próxima revolução industrial- 313**
- **O alvorecer da inteligência artificial- 318**
- **A nova era das armas nucleares- 323**
- **Meninos são superados por meninas na escola, aponta OCDE- 335**

REFLEXÕES XII

- Os hispânicos dos Estados Unidos- 344
- O resgate pela democracia- 355
- Tecnologia vestível: como e por que usar- 365
- Poderoso dólar- 373
- O papel limitado da tecnologia contra o Ebola- 379
- A leveza do ser- 387
- A finalidade de uma empresa- 397
- Crianças em penitenciárias para gente grande- 402
- Paradoxo do solo- 407
- O crepúsculo dos gurus- 420
- O continente pioneiro- 425
- O processo de invenção, ontem e hoje- 431
- Fazendo pouco das normas- 435
- Não adianta partir para a guerra- 440
- O negro gato do Estácio- 444
- Minha política é a música- 455
- O garimpeiro das quadras- 467
- Nostalgia de Paris- 481
- Ucrania: la pasión europea- 486
- La era de los impostores- 492
- Cusco en el tiempo- 498
- El regreso de las ideas- 504
- El haraquiri- 510
- La felicidad, ja, ja- 516
- Al borde del abismo- 522

REFLEXÕES XII

- La piedad de los murciélagos- 527
- El hombre- florero- 533
- El poder de la blasfemia- 539
- País imprevisible- 545
- El Living Theatre, el art de la osadía- 551
- Índice sequencial- 556
- Índice autores- 560

Índice autores

Anthony DePalma-

- Um lugar no céu- 169

Antônio Carlos Olivieri-

- Liberalismo e democracia: as bases filosóficas da democracia- 94

Arthur Caplan-

- Hora da partida- 305

Carlos Eduardo S. Gonçalves

- Coisas fiscais- 243
- Era uma vez o Brasil- 248
- Ajudar, ajuda?- 254

Daniela Chiaretti-

- Nem Leste nem Oeste- 200

Daniel Dennett-

- Fé na verdade- 47

Diego Osorno-

- Necropolítica da droga- 217

Emil M. Cioran-

- Genealogia do fanatismo- 83

Flávio Gikovate

- A sociedade está caminhando para o individualismo, e isso pode ser bom- 118

Hermeto Pascoal-

- Minha política é a música- 455

Jacques Rancière-

- Um filósofo do presente- 73

James Fergusson-

- O jardim de lá- 126

REFLEXÕES XII

Jeffrey Tucker

- A propriedade intelectual é a chave do sucesso- 289

Jorge G. Castañeda-

- A conta do pacto- 212

José de Souza Martins-

- As cruzes do gabarito- 79

José Roberto Guimarães-

- O garimpeiro das quadras- 467

Leandro Karnal-

- O ódio nosso de cada dia- 101

Lee Siegel-

- Complacência e calamidade- 196

Loretta Napoleoni

- Califado on-line- 133

Lucy Kellaway-

- Férias flexíveis para empregados são boas só na teoria- 260

Luiz Melodia-

- O negro gato do Estácio- 444

Mario Vargas Llosa-

- Cuba y los espejismos de la libertad- 177
- Nostalgia de París- 481
- Ucrania: la pasión europea-486
- La era de los impostores- 492
- Cusco en el tiempo- 498
- El regreso de las ideas- 504
- El haraquiri- 510
- La felicidad, ja, ja- 516
- Al borde del abismo- 522
- La piedad de los murciélagos- 527
- El hombre-florero- 533
- El poder de la basfemia- 539

REFLEXÕES XII

- País imprevisível- 545
- El Living Theatre, el art de la osadía- 551

Martin Rees-

- O apagão do planeta- 187

Michel de Montaigne-

- Da incoerência de nossas ações- 6

Monica Gugliano-

- Pequenas e invencíveis- 295

Nelson Garrone-

- Holocausto esquecido pela história- 162

Paolo Flores D'Arcais-

- Mão de Deus- 108

Pascal Bruckner-

- Filósofo do amor- 112

Renato Janine Ribeiro

- A república como déficit- 235

Roberto Mangabeira Unger-

- Visionário incansável- 225

Sêneca-

- Sobre a brevidade da vida- 15

The Economist

- A fraqueza do Estado Islâmico- 141
- Um longo jogo em Havana- 183
- O trabalhador monitorado- 264
- Excelência versus equidade- 269
- Todo mundo vai para a universidade- 278
- Aprendizado da porta para dentro- 283
- O alvorecer da inteligência artificial- 318
- A nova era das armas nucleares- 323
- Meninos são superados por meninas na escola, aponta OCDE- 335

REFLEXÕES XII

- Os hispânicos dos Estados Unidos- 344
- O resgate pela democracia- 355
- Tecnologia vestível como e por que usar- 365
- Poderoso dólar- 373
- O papel limitado da tecnologia contra o Ebola- 379
- A leveza do ser- 387
- A finalidade de uma empresa- 397
- Crianças em penitenciárias para gente grande- 402
- Paradoxo do solo- 407
- O crepúsculo dos gurus- 420
- O continente pioneiro- 425
- O processo de invenção, ontem e hoje- 431
- Fazendo pouco das normas- 435
- Não adianta partir para a guerra- 440

The Wall Street Journal-

- O dinheiro pode comprar a felicidade? Só até certo ponto- 88

Tiernan Ray-

- Conectividade, a próxima revolução industrial- 313

Ward Wilson-

- A era da frustração- 154